

HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTAURADO,
OFFERECIDA
AO ILLUST.mo E EXCELLENT.mo SENHOR
D. JOSEPH MASCARENHAS,

DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE, SEU MORDOMO MO'R, Presidente do Desembargo do Paço, IV. Marquez de Gouvea, VIII. Conde de Santa Cruz, XI. Senhor das Villas de Lavre, Estepa, Santa Cruz, e Lagens, Senhor das Ilhas de Santo Antaõ, Flores, e Corvo com todas as suas jurisdicçoens, Alcaide mòr dos Castellos, e Villas de Mertola, Monte mór o novo, Grandola, e Alcarcere do Sal, Commendador nas Ordens de Christo, e Santiago, &c.

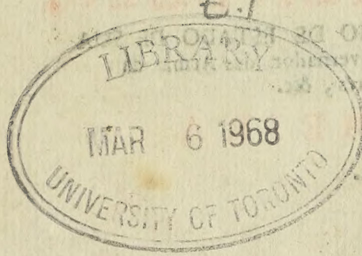
ESCRITA POR
D. LUIZ DE MENEZES,
CONDE DA ERICEIRA, DO CONSELHO DE ESTADO DE SUA Magestade, seu Vedor da Fazenda, e Governador das Armas da Provincia de Traz os Montes, &c.

PARTE PRIMEIRA.
TOMO I.



LISBOA,
Na Officina de DOMINGOS RODRIGUES, aos Anjos.

MDCCLI.
Com todas as licenças necessarias.
A'custa de Luiz de Moraes, Mercador de Livros, morador á Praça da Palha.


LIBRARY
MAR 6 1968
UNIVERSITY OF TORONTO





ILL.^mo E EXC.^mo SENHOR.



SPIRA a conse-guir a alta, e poderosa protec-çaõ de V. Excellencia a reim-

pressaõ

pressaõ do Portugal restaurado: Livro, em que o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes escreveo, com a mayor elegancia da lingua Portugueza, a parte mais gloriosa da historia deste Reyno; e parece que leva abonada a sua esperança na reflexaõ, que faz, de que a Familia dos Mascarenhas tem feito nelle, desde o seu principio, as mais illustres representações: e naõ só nelle, mas na Asia, na Africa, e na America occuparaõ os lugares principaes, ou os mais conspicuos. Que Familia logrou neste Reyno tantos titulos co-

mo a de Maſcarenhas, de que V. Excellencia he o Chefe? Pois naõ fallando na de Gouvea, e Santa Cruz, os Marquezes de Montalvaõ, e os de Fronteira, os Condes de Obidos, os de Palma, os do Sabugal, os de Azinhoſo, os de Coculim, os de Caſtello-novo, os de Serem, e os de Penedono, todos foraõ condecoraçoens dos ramos da Varonia deſta Preclariſſima Caſa.

Deſde tempos antiquiſſimos tem os noſſos Reys entregue aos Maſcarenhas o cuidado da guarda das ſuas Reaes Peſſoas, e do governo do ſeu palacio: hon-

rando-os com os empregos de Capitães dos Ginetes, e de Mordomos móres. O Senhor D. Vasco Mascarenhas, III. Senhor de Lavre, foy Estribeiro mór do Senhor Rey D. João o III.; o I. Conde de Santa Cruz foy hum dos cinco Governadores deste Reyno, na falta dos nossos Reys; o II. foy Presidente do Desembargo do Paço; o III. Mordomo mór da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ; o V. Mordomo mór do Senhor Rey D. Pedro II.; o VI. [ja promovido ao Titulo de Marquez de Gouvea] Mordomo mór

do

do Senhor Rey D. Joaõ o V.; o VII. [e III. Marquez] logrou a meſma dignidade, e V. Excellencia actualmente a exercita com a de Preſidente do Paço.

Mas como naõ fiariaõ os noſſos Monarchas os lugares mais principaes da ſua Corte aos Senhores mais principaes do ſeu Reyno, taõ eſplendorizados com o ſangue Real de tantos Monarchas, como os preclaros Avos de V. Excellencia, que por Lancaſtros deſcendem do Senhor Rey D. Joaõ o II., e do Rey Eduardo III. de Inglaterra; por Noronhas, do Senhor Rey

D. Fernando de Portugal, e de D. Henrique II. de Castella; por Sousas, do Senhor Rey D. Affonso o III. de Portugal, e de Witiza Rey dos Godos; por Vilhenas, de ElRey D. Fernando, o Santo, de Castella, do Emperador Filippe de Alemanha, e do Emperador de Constantinopla Isac Angelo; por Silvas, e por Telles, de D. Fruela II. Rey de Leaõ, e de D. Sancho Garcez Rey de Navarra; por Castros, de ElRey D. Garcia de Galliza, e Portugal; pela Casa de Penella, do Senhor Rey D. Pedro I. deste Reyno, e pela de Tavora, de El-

Rey

Rey D. Ramiro II. de Leaõ. Mas ſe toda eſta torrente de ſangue Regio ſe unio por caſamentos com o de Maſcarenhas, ja o Senhor D. Eſtevaõ Rodrigues, o primeiro que uſou do Appellido de Maſcarenhas, por ſer Senhor da Villa deſte nome, [naõ por merce do Senhor Rey D. Sancho, como eſcreveo hum Author moderno, mal informado, mas por herança de ſeu Pay D. Ruy Mendes, irmaõ de D. Fernando Mendes, Senhor de Bragança, chamado o Bravo, caſado com filha do Senhor Rey D. Affonſo Henriques] lograva a

eximia

eximia qualidade do ſangue Real, por ſeu Bizavo D. Mendo Alam, que procedia dos Reys Alanos, e de ſua mulher, que era filha de hum Rey de Armenia: todos Senhores de Bragança, e de toda a ſua Comarca, que logravaõ como Principes, herdadas de ſeus avos, que tinhaõ conquiſtado eſtas terras aos Mouros, antes de haver Reys em Portugal.

A conſideraçaõ de que tantos alentos Regios ſaõ os que influem a magnanimidade, que todos em V. Excellencia admiraõ, produz a eſperança de que

ha

ha de honrar com o ſeu patrocinio huma hiſtoria, em que a gloria de Portugal ſe intereſſa tanto, e que ha de perdoar a confiança de a por aos ſeus pés com o reſpeito mais profundo

Seu indigno criado

Luiz de Moraes.

PROLO-



PROLOGO.

ESTA ceremonia, Leytor, de eſcrever Prologo, mais por eſcuſar a cenſura de que falto á ley de dar principio com elle a huma hiſtoria taõ grave, que por me parecer a ley preciſa, me reſolvo a obſervála: porque diſcurſado o fim com que ſe eſtabeleceo, avalio por inutil eſte trabalho, entendendo que na eſcolha da hiſtoria, e no acerto de eſcrevella conſiſte toda a fortuna dos Authores. Porque nem a amizade dos Leytores póde encobrir os defeitos do Eſcritor, nem eſcurecerlhe os acertos o odio; e entre eſtes dous extremos (ordinariamente vicioſos) ſe levanta o Tribunal da juſtiça dos deſintereſſados, por independentes, ou por naõ conhecidos, que coſtumaõ dar o louvor por premio aos benemeritos, e a cenſura por caſtigo aos culpados.

Huma das mayores emprezas do Mundo he a reſoluçaõ de eſcrever huma hiſtoria: porque além de innumeravel multidaõ de inconvenientes, que he neceſſario que ſe vençaõ, e de hum trabalho exceſſivo, que he preciſo, que ſe ſuppere: no meſmo tempo em que ſe pretende lograr o fructo de tantas diligencias, tendo-ſe vencido formar o intento, vencer

a li-

a liçaõ; aſſentar o eſtylo, colher as noticias, lançar os borradores, tiralos em limpo, conferilos, e apuralos, quando quem eſcreve ſe anima na empreſa do livro que eſcreveo ao pompoſo titulo de Author, entaõ começa a ſer réo, e réo julgado com taõ exceſſiva tyrannia, que tendo lingua para fallar de tantas peſſoas, como ſaõ as que comprehende qualquer volume, a naõ pode ter para deixar de ſer condemnado ſem ſer ouvido. Julgo por muito errada a opiniaõ commũa, que aſſenta, que a hiſtoria he paralelo da pintura: porque he tanto mais privilegiado o pintor que o Eſcritor, que teve lugar Apelles, pondo em publico huma figura que havia pintado, de lhe emendar a roupa, que hum artifice dellas lhe condemnou por imperfeita, e de caſtigar a ouzadia de outro, que naõ ſendo pintor ſe attreveo a arguirlhe o perfil da figura. Naõ he concedida aos Eſcritores tanta liberdade: porque no meſmo ponto que os ſinetes do prelo acabaraõ de ſellar a hiſtoria que eſcreveraõ, logo perderaõ toda a acçaõ de emendála, e na difficuldade de ſatisfazer a hum mundo de juizos diverſos, fica provado o deſengano, de que naõ pode haver hiſtoria bem avaliada de todos. O Sol porque coſtuma taõ repetidamente offerecerſe do berço do Oriente ao tumulo do Occaſo aos olhos do Univerſo, ſe expoem á cenſura dos que ſem penetrar a mageſtade do ſeu reſplandor, e a utilidade dos ſeus rayos, ſujeitando a razaõ ao appetite, huns o condemnaõ de claro quando a calma os aperta, outros de eſcuro quando o frio os afflige, ſem reparar que os latidos do caõ Celeſte, que amedrentaõ na Canicula os Vapores, de que as nuvens no Inverno ſe formaõ, ſaõ, e naõ o Sol, culpados no rigor da calma, como as nuvens na aſpareza do frio.

Que importa, que a verdade da hiſtoria, e pu-

pureza do eſtylo a formem como o Sol perfeita, ſe os Leytores pretendem avaliala como querem, e naõ como merece.

A eſtas, e outras muitas difficuldades ſe ſujeita quem ſe reſolve a eſcrever huma hiſtoria que pela opiniaõ commũa dos hiſtoriadores coſtuma ſer de ſeculos paſſados, em que mais deſaffogados os animos entraõ a deſcubrir a verdade dos ſucceſſos. Porêm quaes ſeraõ os inconvenientes, quaes os perigos quaſi invenciveis, a que ſe arroja quem tomou a temeraria reſoluçaõ de imprimir em ſua vida a hiſtoria do ſeu tempo. Em verdade que até imaginado faz horror eſte intento: porque oppoſtas, e incompativeis as obrigaçoens forçoſas aos riſcos manifeſtos, naõ parece poſſivel, apurados, deſtilarem hum compoſto perfeito; pois faltar á verdade, fica ſendo infamia do Author, deſcobrilla nas acçoens deſacertadas, cahe em deſcredito dos comprehendidos. Encarecer os benemeritos, ſerá inveja dos indignos: louvar os vicioſos, opprobrio dos benemeritos: contar todos os ſucceſſos, he empenho invencivel: callar alguns, póde ſer queixa dos intereſſados. Nos caſos grandes, e ainda nos inferiores ajuſtaremſe todos em que ſaõ verdadeiramente contados, difficultoſamente ſe poderá conſeguir: porque eu experimentey, achando-me em quatro batalhas, e em outros encontros, com muitos mil homens, naõ ſe deſcobrirem dous que concordaſſem no meſmo facto; e tenho alcançado que a razaõ deſta variedade vem a ſer, que como hum ſó homem naõ he poſſivel aſſiſtir a todos os ſucceſſos de hum conflicto, entendendo erradamente que cahe no deſcredito de naõ ter parte em tantas acçoens diverſas, todas as que naõ póde alcançar com a viſta deſacredita por fabuloſas. Se pois me naõ foy poſſivel contar ſem contradiçaõ em varias

con-

converſaçoens hum ſó ſucceſſo na preſença dos que ſe acharaõ nelle; como poderey conſeguir facilmente eſcrevendo tantas batalhas, ſitios, intreprezas, e encontros ſuccedidos á valeroſa Naçaõ Portugueza por eſpaço de vinte e oito annos nas quatro partes do Mundo, julgarem todos á narraçaõ das victorias por verdadeiras, e por certos os motivos das emprezas militares, e politicas, ſeguindoſe ordinariamente deſte erro de diſcurſos, e falta de noticias huma queixa perpetua contra quem eſcreve, e em alguns hum odio eterno, que muitas vezes ſe deſaffoga pelos caminhos do delirio.

A eſte, pois, labiryntho de eſtradas confuſas, a eſte encanto de fantaſmas disformes me perſuadio a arrojarme o entranhavel amor da minha Patria, de que ſe compoz com o ſangue a natureza, fundado no juſto temor de que naõ occultaſſem mortaes, as urnas do eſquecimento, as acçoens glorioſas de tantos heroes excellentes: accreſcentandoſe a eſtas razoens outro mayor eſtymulo, que foy avaliar como obrigaçaõ preciſa deſcobrir os motivos do principio, e remate deſta hiſtoria de Portugal reſtaurado, que me animey a eſcrever, pois como Alpha, e Omega, divino ſymbolo dos Gregos, foraõ verdadeiramente os dous pólos (ſe unidos pela natureza, pelos accidentes diverſos) que me perſuadiraõ a abraçar eſte grande empenho, pretendendo moſtrar claramente ao mundo, aſſim a juſtiça com que o Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. de immortal memoria ſe reſtituio á Coroa de Portugal, como a juſta razaõ com que o excellente Principe D. Pedro, ſegundo Tito, delicia dos homens, ſem mais cauſa, que a defenſa, conſervaçaõ, e ſegurança deſte Reyno, tomou ſobre ſeus generoſos hombros o governo delle; julgando-o por menos pezado que a Coroa, que com tanta admi-

admiraçaő dos meſtres da politica, deſpreza. Naő me obrigando ſó o zelo da honra da Patria a deſcobrir os fundamentos de taő grandes ſucceſſos, ſenaő tambem a ſegurança da minha opiniaő, que amey ſempre mais que a propria vida: porque como logrey a fortuna de ter na guerra parte nas mayores victorias, que ſe conſeguiraő neſte Reyno, era neceſſario moſtrar q̃ a guerra foy juſta, para que as acçoens ſe julgaſſem por virtuoſas. E como da meſma ſorte me ſuccedeo ſer hum dos que aſſiſtiraő ás heroicas reſoluções do Principe D. Pedro, era preciſo manifeſtar, que foraő juſtificadas, para me livrar da calumnia dos que ſem noticias verdadeiras diſcurſaſſem a fatalidade delRey D. Affonſo VI. Sem entenderem que foy depoſto pelos Tres Eſtados do Reyno por incapaz do Governo delle, e por inutil para a ſucceſſaő da Coroa.

Além deſtas taő urgentes cauſas, naő foraő menos poderoſas para me levar a eſte intento, aſſim a magoa (como ja referi) de ver que inſenſivelmente hia o tempo conſumindo a noticia de tantas acçoens heroicas, por faltar quem ſe reſolveſſe a eſcrevellas: porque ſó até o anno de 1644 que eſcreveo com erradas noticias Joaő Bautiſta Viraugua Veneziano os ſucceſſos deſte Reyno, e o Conde Mayolino nas ſuas guerras civis, ſe acha memoria delles. Como a pena da pouca verdade com que todos os Authores Caſtelhanos, que ſe animaraő a fallar na guerra ſuccedida entre as duas Coroas a referiraő: porque naő ſó trataraő de encobrir com ficçoens a grandeza das noſſas victorias, ſenaő que cahiraő na ignorancia de errar os tempos das Campanhas, preferindo as ſucceſſivas ás antecedentes, os nomes aos ſitios das Provincias onde aconteceraő, e aos Cabos, e Officiaes que ſe acharaő nellas, ſeguindo o meſmo delicto que con-

§§ denaraő

denaraõ a hum Author Francez, que imprimindo hum livro, em que affirmava, que Francisco I. Rey de França naõ fora prezo na batalha de Pavia. E perguntandolhe a razaõ, porqne calumniava a sua verdade, lançando ao mundo aquella mentira, respondeo, que nos seculos futuros quem lesse a sua historia, e a dos Castelhanos, daria credito á opiniaõ a que se affeiçoasse. Estes foraõ os motivos que me persuadiraõ a taõ difficultoso empenho, animandome juntamente a tomallo por minha conta as muitas circunstancias, que me habilitaraõ: porque além de herdar de antigos, e valerosos Avôs ser a verdade alma da vida, como he da historia, tive a fortuna de me criar no Paço com o soberano, e esclarecido Principe D. Theodosio, assistindolhe continuamente de idade de sete até quinze annos, e igualmente aprendendo com elle a primeira gramatica, e a liçaõ das historias. Neste tempo fiz memoria das primeiras politicas com que ElRey D. Joaõ deo principio ao governo deste Reyno.

De quinze annos comecey a servir na guerra, em que passey por todos os Postos taõ vagarosamente como qualquer soldado da fortuna, e cheguey ao mayor emprego de Governador das Armas. Acheime em todas as occasioens grandes da Provincia de Alentejo do anno de 1650. até a batalha de Montes Claros, e fuy voto em todos os negocios de mayor consideraçaõ. A guerra das Provincias aonde naõ assisti, e a das Conquistas conferi com os Cabos, e Officiaes que se acharaõ em todas as emprezas, depois de examinar os papeis mais intimos em que a curiosidade de varias pessoas se havia exercitado.

As negoceaçoens fóra do Reyno, que tocaraõ a differentes sujeitos, escrevo por informaçaõ de cada hum delles, e pelos livros em que os Embayxadores

dores lançaraõ as Embaixadas. Os mais negocios pelos documentos das Secretarias de Eſtado, e Guerra, buſcando em todos, além deſtas noticias, a ſegurança de teſtimunhas deſintereſſadas, que tiveraõ ſem dependencia parte em todos os ſucceſſos politicos, e militares.

Dez annos de trabalho me levou eſte primeiro volume: no diſcurſo deſte tempo naõ houve peſſoa douta ou intelligente que ſe animaſſe a examinallo, a quem o naõ entregaſſe, ſujeitando-me a qualquer cenſura que ſe me apontava, e emendando o que ſe me advertia, ainda que foſſe contra o proprio entendimento, entendendo, que como eſta Hiſtoria naõ ha de ſer ſó ſatisfaçaõ do meu juizo, ſe naõ dos alheyos, fico melhor livrado em ter por defenſores os que a emendarem. He documento, que felicemente devo ao ſobre todos prudentiſſimo diſcurſo do Principe noſſo ſenhor. Antes que começaſſe a eſcrevella paſſey por eſpaço de dous annos as hiſtorias mais ſeletas antigas, e modernas, conhecendo, que era neceſſario aſſentar o eſtylo: porque naõ tendo ſeguido mais eſcolas, que as militares, que naõ coſtumaõ deixar á liçaõ dos livros muitas horas de exercicio, haviaõ levado a inclinaçaõ a equivocos, e termos poeticos, fraſe de que os primeiros annos mais continuamente ſe alimentaraõ, e de que me fez apartar o mais que me foy poſſivel a doutrina dos meſtres da hiſtoria, e a dos preceitos hiſtoricos de Maſcarde Italiano, e do Padre Mene Francez, que neſta idade com grande elegancia ſe empregaraõ neſte aſſumpto. Nos ultimos dous annos padeci mayor trabalho: porque tocandome nelles a occupaçaõ de Védor da Fazenda da Repartiçaõ da India, que coſtuma deixar poucas horas livres, as que me ficavaõ de deſcanço, empregava neſte exercicio, conhecendo, que paſſar

dia sem lançar linha, he perder do tempo a melhor joya, qué atégora naõ tem havido milagre que fosse poderoso para restauralla.

Huma das mayores satisfaçoens que tenho alcançado neste meu emprego, he imprimirse quasi jũtamente com este livro os que com tanto louvor proprio, e com tanta honra da Naçaõ Portugueza escreveo o moderno Livio Manoel de Faria, e Sousa; e como em todos chegaõ os successos, que refere nas quatro partes do mundo, da fundaçaõ de Portugal até o anno de 1640 fica com a minha historia enfiada a de Portugal até a paz celebrada entre esta Coroa, e a de Castella, que he o assumpto que comprehendem estes dous volumes.

Agora, leytor, ou pio, ou malevolo, ou desinteressado, he necessario affiar o discurso, e eu seguro que muito menos ha de custar aos leitores arguir, do que a mim me tem custado o escrever. E se alguma satisfaçaõ se entender que mereço pelo meu trabalho, naõ quero mayor recompensa que o conhecimento, de que atégora naõ sahio ao mundo historia mais verdadeira: pois sem affeiçaõ, odio, esperança, ou temor, naõ perdoey a requisito algum necessario para a historia, que me ficasse por escrever, parecendome só escuzado relatar defeitos particulares, tendo por opiniaõ, que os que se arrojaraõ a descobrillos merecem mais o titulo de satyricos que de historiadores, exceptuando aquelles que referiraõ vicios de que depende a narraçaõ da sua historia, como he necessario que me aconteça, quando chegar a referir os successos da vida delRey D. Affonso VI.

Naõ podia Tito Livio eximirse de contar os excessos de Tarquino, originando-se da sua lacivia a mudança de Reys á Republica no Imperio Romano: mas pudéra Quinto Curcio encobrir os vicios de Alexandre

xandre Magno; que naõ lhe embaraçaraõ as victorias da Asia. Preciso foy a Joaõ de Mariana relatar a cegueira de Henrique VIII. de Inglaterra na indigna affeiçaõ de Anna Bolena, sendo este desatino a primeira causa de passar de defensor da Igreja Catholica á cabeça da perfidia heretica: mas pudera Henrique Caterino de Avila dissimular os divertimentos de Henrique III. de França, que naõ pertenceraõ ao governo da sua Monarquia, Faminiano Estrada os desconcertos de Chapim Vitello, e o Cardeal Bentivoglio nas suas memorias historicas os vicios de alguns Cardeaes do Sacro Collegio, e outros muitos que usaraõ desta indigna liberdade. Descobriremse os defeitos que naõ prejudicaraõ a interesses publicos, muitas vezes servem aos Leitores mais de estimulo, que de emenda, usando dos exemplares para desculpa dos vicios que pretendem seguir, e he Deos verdadeira testimunha de que o meu principal intento, he atalhar todos os que podem offender a sua divina Magestade, e ser prejudiciaes á gloria desta Monarquia.

LICEN-



LICENÇAS,

DO SANTO OFFICIO.

PO'de reimprimirse a Obra de que se trata, e depois voltará conferida para se dar licença, que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa 6. de Fevereiro de 1750.

Fr. R. de Alencastre. Abreu. Amaral. Almeida.

Trigoso.

DO ORDINARIO

PO'demse reimprimir os Livros de que trata a Petiçaõ, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 6. de Fevereiro de 1750.

Dom Joseph Arcebispo de Laced.

DO

DO PAÇO

QUe se possaõ reimprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impressos tornará á Mesa para se conferir, taxar, e dar licença, para que corra, e sem isso naõ correrá. Lisboa 7. de Fevereiro de 1750.

Marquez P. Attaide. Castro. Almeida.

HISTO-



HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO
LIVRO I.

SUMMARIO



NTRODUCC,AM da historia, e fundamentos para se escrever. Noticia das antiguidades do Reyno. Elegio dos Reys e Varoens insignes de Portugal. Motivos da sua infelicidade. Pretendentes da Coroa, e fundamentos da justiça com que esperavaõ alcançala. Diligencias de Filippe II. para a conseguir. Irresoluçoens delRey o Cardeal D. Henrique, e receyo das Armas de Castella, causa total de acabar a vida sem nomear Successor ao Reyno. Deyxa eleytos cinco Governadores, tres delles daõ sentença por ElRey D. Filippe. Para confirmala entra poderoso em Portugal. Coroa-se o Prior do Crato em Santarem, de-

 termino

termina defender Lisboa, fica vencido e o Reyno entregue. Passa ElRey de Badajoz a Thomar, aonde se celebràraõ Cortes e foy jurado. Acabadas as Cortes entra em Lisboa. Intenta o casamento da Duqueza D. Catherina, que naõ consegue. Volta a Madrid, deyxando o Cardeal Alberto governando o Reyno. Começaõ a quebrar-se os Capitulos jurados em Thomar. Morte de Filippe II. Successaõ de Filippe III. Jornada que faz a Portugal com pouca utilidade, volta a Madrid aonde morre.

Introducçaõ à historia.

A PROVIDENCIA divina que distribue toda a humana grandeza, e costuma igualar a pena á culpa, e o premio ao merecimento, havendo permittido que os animos valerosos dos Varoens Portuguezes padecessem sessenta annos o infellice dominio de Castella, ou por castigo da vaidade, de haverem superado com acçoens singulares as Naçoens mais remotas, ou por desconto da gloria que na liberdade lhes destinava, suspendendo os polpes da espada da Justiça, e mostrando os frutos do ramo da Misericordia, lhes influio alentado espirito, para que sacudindo taõ pezado jugo, libertassem a esclarecida Patria, melhor fabrica da Natureza, da injusta jubjeçaõ que padecia. O maravilhoso effeito, que produzio esta resoluçaõ, determino escrever; senaõ com a eloquencia e erudiçaõ, que pede assumpto taõ levantado (que nenhum dos Historiadores antigos logrou melhor emprego) com taõ solida e independente verdade, q naõ achem os especulativos que contradizer: porque encontrar em qualquer parte esta alma da historia, he tirar o credito a tudo o que nella se refere; e como a verdade he diamante de tanto fundo, e de valor taõ intrinseco, que em nenhum tempo achou mayor preço, que o de seus mesmos quilates, queyxem-se embóra os que dependerem da falsidade do Escritor, para que a posteridade naõ abomine os seus erros. A abelha e aspid nascem no mesmo campo: aquella transforma as flores em mel, este em

peço-

peçonha. Espero que no campo desta historia sejaõ os Leytores abelhas, para naõ haver flor nociva. Ver-se-ha no discurso della, contender com dilatada Monarquia, pequeno Dominio, e vinte e oyto annos huma só Naçaõ, parto de taõ pouca terra, pelejar, ajudada de poucos soccorros, contra todas as de Europa, vencendo quasi sempre, soldado a soldado, partida a partida, tropa a tropa, troço a troço, exercito a exercito, sendo, em qualquer das contendas mayores, o numero dos Castelhanos superior ao dos Portuguezes. Ver-se-haõ mortes, incendios, destruiçoens e calamidades; e os Portuguezes, novos Antèos, tirarem todos os annos mayores forças da propria terra. Ver-se-haõ sitios, interprezas, traças, e disposiçoens admiraveis, contendas politicas intrinsecas e externas, que quando ameaçavaõ a ruina, celebravaõ os Portuguezes o triunfo, e quando os successos eraõ mais embaraçados, e os empenhos mais vigorosos na Europa, sustentar-se a guerra em Africa continuar-se na Asia, superar-se na America; naõ havendo Mar que naõ partissem as nossas quilhas, Terra que naõ pizassem as nossas plantas, Elemento com que naõ contendessem os nossos braços, Naçaõ que naõ confessasse as nossas Victorias.

Compendio do que se escreve.

Os cabedaes com que me achey para tanto emprego, me animáraõ a tomar por minha conta esta obra, quando naõ sayba levantar-lhe mais que as columnas, naõ faltará outro Arquitecto, que com estes materiaes aperfeyçoe este edificio, remunerando-se-me o trabalho a que me exponho, na confissaõ do zelo com que resgatey da prizaõ do esquecimento tantas acçoens heroycas, podendo herdar da natureza, deyxalas sepultadas: porque os Antigos e valerosos Portuguezes souberaõ melhor esgrimir a espada, que aparar a penna; pois de todas as virtudes puderaõ ser o melhor exemplar com mayores ventagens das que logràõ senaõ deyxáraõ esquecer muitas das grandes maravilhas, que fizeraõ. Porém para formar perfeitamente o corpo desta obra, he necessario fazello luminoso, mostrando os principios da Monarquia Portugueza, assim para ficarem mais claros os suc-

Fundamentos para se escrever a historia.

cessos modernos, que dependem de noticias antiguas; como para que se conheçaõ os muitos espiritos bellicosos, que em todos os seculos brotou taõ pequeno destrito: que naõ parecerà improprio, tomar tanto principio em historia, que naõ he géral do Reyno; porque esta pequena luz naõ poderá offender ao Leytor por breve, como por achar muitos Autores que seguíraõ esta ordem em historias semelhantes.

Noticia do Reyno de Portugal, e suas antiguidades.

O Reyno de Portugal teve principio com o nome de Lusitania, como assentaõ as mais certas opinioens, no anno 1800. da Creaçaõ do Mundo, 150. depois que Deos (castigados os insultos dos homens) suspendeo a innundaçaõ das aguas, 2170. antes que Christo, para Redençaõ Universal, se revestisse da natureza humana. Foy Tubal neto de Noé segundo Adaõ do Mundo, primeiro Pay dos Portuguezes: porque pertencendo a Japheth, de que foy quinto filho, a propagaçaõ de Europa, e sahindo Tubal de Italia, navegou o Mar Mediterraneo, tocou o Estreito de Gibaltar e o Promontorio Sacro, e surgío na parte mais occidental de Europa, onde desembarcou, affeyçoado de hum sitio sobre o Mar Oceano, que banhavaõ as aguas do Rio Salio por hum lado, ficando por outro pouco distantes as do Tejo. Neste lugar fundou Tubal o primeiro de Hespanha, que com a duraçaõ do nome de Setuval (que quer dizer Ajuntamento de Tubal) conserva o agradecimento do beneficio; e com esta Coroa deo principio ao Imperio de Hespanha. Os annos dilatáraõ as Povoaçoens, e dividíraõ os Reynos. A fortuna, hora nesta, hora naquella idade, entregou a varias Naçoens o dominio do Mundo: porêm, por particular providencia, esteve em todos os Seculos sempre o Reyno de Portugal, ou separado de alheyo Dominio, ou pelejando pela liberdade; porque fora sem razaõ que vivesse subjeito, quem nasceo dominando. De idade em idade, e de contenda em contenda tiveraõ os Portuguezes Reys, formáraõ Republica, e elegéraõ Capitaens, vencendo varias Naçoens, até que os vicios de alguns Reys Godos entregáraõ toda Hespanha ao infelice dominio dos Mouros. Subjeita sem remedio lastimosamente a

esta

esta desgraça a Naçaõ Portugueza, brevemente se animou a arrojar dos hombros taõ custoso pezo, tomando (Feniz de todas as idades) das cinzas a que estava reduzida, materia o ardor com que conseguio a sua liberdade.

O Infante D. Pelayo foy o primeiro restaurador de Hespanha, e ElRey D. Affonso o Catholico o primeiro que emprendeo a conquista de Portugal. Entrou por Galiza na Provincia de Entre Douro e Minho, ganhou aos Mouros as Cidades de Braga e Porto: na Beyra a de Viseu: em Traz os Montes a Villa de Chaves, e outros Lugares nas tres Provincias. Recuperáraõ esta perda outravez os Mouros: restaurou-a ElRey D. Fernando o Magno, e dilatou com algumas victorias por esta parte mais aconquista. Os Portuguezes poucos, e sem Capitaõ, padeciaõ varias fortunas, e superáraõ com muito trabalho grandes difficuldades, até que Deos lhes dispensou para remedio, o q̃ permittio a outras Naçoens para castigo. Deo-lhes Reys, e taõ ornados de virtudes, que souberaõ grangear, naõ só de presente, mas de futuro, a segurança de sua misericordia. Conquistavaõ os Reys de Leaõ os Lugares de Portugal, e encorporavaõ-nos á sua Coroa, como premio de seu trabalho. Toleravaõ os Portuguezes esta oppressaõ pela inferioridade do poder, e porque prudentemente sacrificavaõ a grandeza dos animos aos revézes da fortuna, acommodando-se á subjeyçaõ dos Leonezes, por cobrarem forças, para se livrarem do Cativeyro dos Mouros. Durou esta desgraça, até que reynando em Leaõ D. Affonso VI. passou de França a servir na guerra, que fazia aos Mouros, o Conde D. Henrique, filho legitimo de Henrique (neto de Roberto, primeiro Duque de Borgonha) e de Cibila, tambem da Casa de Borgonha: por seu Pay, bisneto de Roberto o Devoto, Rey de França: por sua Mãy, quasi com o mesmo lustre na ascendencia: e por si, esclarecido tronco dos Reys de Portugal, taõ prudentes e valerosos Principes, que tendo a espada por Cetro, e a Ley Evangelica por Coroa, ao mesmo passo que venciaõ o Mundo, grangeavaõ a gloria, e as mesmas acçoens que os fizeraõ celebres, os habilitáraõ para ser santos. Tratavaõ aos virtuosos como

pays, e aos Vaſſalos como filhos, e com huma e outra aſſiſtencia ſempre vencéraõ, nunca com treiçaõ, ſempre triunfáraõ, nunca com vangloria: porque era a Fé o objecto das conquiſtas, e a miſericordia o triunfo que tiravaõ dos conquiſtados. O Conde D. Henrique, depois de conſeguir glorioſas emprezas contra os Mouros em ſerviço delRey D. Affonſo VI. mereceo pela ſua grande qualidade e valor caſar com ſua filha D. Tereza, dar-lhe em dote a Cidade do Porto, e conceder-lhe tudo o que conquiſtaſſe, com que vinha ſó a intereſſar hum cuidado certo, e huma eſperança em duvida. Logo que foy Senhor do Porto, ganhou Coimbra e Viſeu, e todas as mais povoaçoens de que entaõ ſe compunhaõ as tres Provincias de Entre Douro e Minho, Traz os Montes, e Beyra. Desbaratou os Mouros em dezaſete batalhas, intreprendeo Lisboa, e ganhou-a, (ainda que os Barbaros a recuperáraõ) e unindo ás virtudes as victorias, paſſou a Jeruſalem, nomeado pelo Pontifice Urbano II. por hum dos doze Capitaens, que foraõ com Gofredo áquella conquiſta. Ganhada a Santa Cidade, voltou a Portugal, trazendo precioſas reliquias, que ficáraõ por teſtemunho da gloria que adquirio neſta jornada, e da ſua Fé. Depois de chegar, levantou muitos templos, e naõ houve acçaõ heroyca que naõ exercitaſſe, nem demonſtraçaõ de Chriſtandade que naõ fizeſſe. Dom Affonſo Henriquez, filho do Conde D. Henrique e primeiro Rey de Portugal, foy naſcido, felice objecto de milagres, criando-ſe, raro exemplo de virtudes, vivendo, prodigioſo triunfador de inimigos. Enxugou as lagrymas de ſeu Pay morto com o ſangue de D. Affonſo VII. Rey de Caſtella e de Leaõ, que desbaratou, deyxando-o ferido em huma batalha, ganhada nos Campos de Valdevez. Foy depois D. Affonſo Henriquez ſitiado dos Mouros na Cidade de Coimbra, para onde logo paſſou. O aperto foy grande: porém de ſorte aconſtancia, que livrou a Cidade. Eſcalou Leyria, Praça fortiſſima naquelle tempo: juntou treze mil homens paſſou a Alemteio, Provincia ſubjeita a Iſmar, Rey poderoſo a que obediciaõ cinco Reys, e eſtes quinze Regulos: unio-ſe o poder de todos, e formáraõ hum exer-

Elogio do Conde D. Henrique.

Elogio delRey D. Affonſo Heñriquez.

exercito; em que se contavaõ mais de duzentos mil homens, destros e bem armados. Avistaraõ-se desigualmente hum e outro campo em o de Ourique, e reconhecendo D. Affonso que os Portuguezes receavaõ a multidaõ dos Mouros, recorreo a Deos afflicto, confiado, e achou taõ propricia aquella infinita misericordia, que se abrio o Ceo, e lhe appareceo Christo pregado na Cruz: prometteo-lhe a victoria, deo-lhe as Chagas por Armas, e segurou-lhe na descendencia o Reyno, ainda que com suspensaõ, sem limite. Amanheceo, e aclamaraõ-no os soldados por seu Rey, coroando-o as esperanças de vencer, como a outros a fortuna de conquistar. Pelejou, e satisfez-lhe Deos a promessa, vencendo a mayor batalha, de que em Hespanha havia triunfado a Ley Evangelica. Interprendeo Santarem: e fazendo voto de levantar hum templo em Alcobaça da Ordem de Cister, ganhada a Praça, satisfez magnifico a promessa. Atacou valerosamente a opulenta Cidade de Lisboa, e conseguio a empreza com acçoens heroycas, ajudado de huma Armada de Inglaterra. Destruio facilmente ao Miramolím Rey de Marrocos, que sitiava Santarem com hum grande exercito, deffendendo esta Villa o Infante D. Sancho, de cujo galhardo braço recebeo ElRey de Marrocos muitas feridas. Foraõ tantas as virtudes delRey D. Affonso, que he este o resumo dellas, deixando de escrever muitas, de que se puderaõ compôr grandes Herôes. As horas em que este excellente Principe deixava de pelejar, e de acodir ás obrigaçoens de Rey, gastava orando: foy muito favorecido de S. Bernardo, que floreceo em seu tempo: instituio as Ordens Militares de Aviz e a da Aza, que durou pouco: levantou e enriqueceo muitos Conventos, fez notaveis fabricas, viveo fellice, morreo Catholico, he contado por Santo. Naõ deslustraraõ as acçoens de taõ heroyco Progenitor seu Filho e Neto D. Sancho I. e D. Affonso II. aquelle rompendo ElRey de Sevilha nos Campos de Xarafe, desbaratando hum exercito de Mouros, que sitiava Beja, e tomando no Reyno do Algarve a Cidade de Silves, azilo de Piratas Mauritanos: este ganhando a Villa de Alcacere, e degollando a ElRey de Badajoz

D. Sancho I. e D. Affonso II.

D. Sancho II. trinta mil homens. De D. Sancho II. de quem se descuidou a natureza para o governo, se naõ apartou a virtude; se viveo molestado dos homens, morreo favorecido do Ceo. *D. Affonso III.* Seu Irmaõ D. Affonso III. Conde de Bolonha, que succedeo no Reyno, acabou de ganhar o do Algarve, e encorporou-o à Coroa de Portugal, lançando os Mouros de todos os Lugares de hum e outro Reyno. ElRey *D. Dioniz.* D. Dioniz filho de D. Affonso III. foy o exemplar da Justiça, e a admiraçaõ do valor, da prudencia, e da liberalidade; ja domando a braveza de D. Sancho de Castella, jà destruindo a politica de seu filho D. Fernando; aqui fazendo hum feroz Urso em pedaços; acolà compondo as differenças entre os Reys de Aragaõ e Castella, dispendendo magnanimo thesouros na jornada; no socego da paz, fortificando todas as Praças do Reyno, ennobrecendo-o com a Ordem Militar de JESU Christo, que instituio, e com a Universidade de Coimbra, e ornando a lingua Portugueza com a suavidade do Metro, de que carecia, sendo o primeiro que nella compoz versos. ElRey *D. Affonso IV.* D. Affonso IV. seu filho e da Rainha Santa Isabel, que virtude deyxou de exercitar? ElRey D. Affonso de Castella seu genro, que padeceo da sua vingança o castigo, alcançou felice na sua generosidade o soccorro, causa total da insigne Victoria, ganhada nos campos do Sallado a quatrocentos mil Mouros, sendo a sua instancia incentivo da batalha, e o seu braço motivo do vencimento. El- *D. Pedro.* Rey D. Pedro seu filho, mais severo que cruel, dandolhe este titulo os que appeteciaõ os vicios que elle abominava, vendo defunta aquella maravilha de Dona Inez de Castro, que adorara viva, vingou nos complices a sua morte, fazendo-os victima do Simulacro que trasladou por entre tochas acezas, de Coimbra a Alcobaça; querendo; que encontrando sempre com chammas, pizasse coraçoens despedaçados; e coroando-a antes de sepultada, satisfez, da sórte que lhe foy possivel, com a grandeza do lugar, o aggravo do homicido; considerando aquella innocencia morta, sem mais causa, que a de nascer fermosa; sem mais culpa, que a de ser amada: e como naõ podia haver excesso em dor taõ justa, era

impos-

impossivel ter defeito Principe taõ fino. ElRey D. Fernando foy amante e liberal, partes que, assentando sobre huma gentil disposiçaõ, puderaõ sobornar a fortuna, que determinou levallo com o desvanecimento ao precipicio; porém que maquina se sustentou nestes pólos que perigasse? D. Joaõ o Primeiro, antes Mestre de Aviz e Defensor do Reyno, depois Rey e Tronco de todos os de Europa, foy no resplandecente das acçoens e invencivel do animo, crystal e aço, formado pela natureza unido espelho em que pudessem verse os melhores Principes e Capitaens, que dezejassem a mayor composiçaõ de virtudes. Naõ se contaõ de Cesar mais Victorias, nem se refere de Cataõ mais prudencia. Satisfez cõ a morte do Conde Joaõ Fernandes Andeyro os aggravos do Paço. Pelejou, venceo, e triunfou delRey de Castella D. Joaõ o Primeiro em Algibarrota, e muitas vezes dos seus exercitos, assistido do valor invencivel do Conde D. Nuno Alvares Pereira, segundo Atlante de Portugal, e primeiro Progenitor da Serenissima Casa de Bargança; ajudando ElRey a superar, assim aos Castelhanos, como aos máos Portuguezes. Soccegada a guerra, opulento o Reyno, crescida a descendencia Real passou ElRey poderosissimo a Africa, chegou à Cidade de Ceuta, saltou em terra, attacou a Praça, entrou-a, rendeo-a, e entregou a defensa della a Dom Pedro de Menezes, hum dos valerosos e esclarecidos Antecessores desta Falimia. Foy ElRey D. Joaõ devotissimo, melhor lustre das acçoens, e mayor segurança das Victorias. Deyxou por Successor da Coroa seu filho terceiro D. Duarte, que alegrou com menos felicidade da que merecia: foy muito sciente e muito valeroso, entrou em Ceuta dos primeiros que a occupáraõ, padeceo, vivendo, a pena de ver no Reyno infelicidades a que resistio com grande constancia: foy destrissimo domador dos mais ferozes cavallos, e nos exercicios da cavallaria excedeo a todos os do seu tempo: ajustou as Leys do Reyno, e fez guardar as mais justas a seus Vassalos. D. Affonso quinto, o que chamáraõ Africano, que Sol o vio sem esgrimir a espada, e que meya Lua que naõ eclipsassem os seus estandartes? Arzila, Al-

D. Fernando. *D. Joaõ o I.* *D. Duarte.* *D. Affonso V.*

cacer,

cacer, e Tangere foraõ emprego do ſeu poder, e deſpojo do ſeu valor. Tiveraõ-no os Caſtelhanos por ſeu Rey, e os Portuguezes por ſeu Capitaõ: nunca a felicidade o fez ſoberbo, nem a deſgraça póde diminuir-lhe a gloria.

D. Joaõ o II. D. Joaõ o II. que ſendo Principe ſe enſayou na empreza de Arzila, na Victoria de Touro, chegando a ſer Rey, mereceo o titulo de Principe Perfeito: tantas foraõ as virtudes de que ſe compunha! Nunca aliviou em outros hombros o peſo do Governo: porque como naõ receava algum perigo, e qualquer cuidado o deſvelava, vinha a ſer ſó director da ſua reputaçaõ, com que ſegurava os ſeus acertos. Caſtigou os Vaſſalos indomitos, e nunca aguardou que lhe pediſſem premio os benemeritos. Aos Caſtelhanos trazia taõ oprimidos, que ſe encontravaõ os ſeus diſignios, lhes dava a eſcolher a paz ou a guerra; e elles caſtigados com as ſuas Victorias, ſe rendiaõ ſempre ao ſeu preceito, por conſeguir a ſua amizade. Deixou no Cabo de Boa-eſperança deſcuberto, deſembaraçada a eſtrada real da India, e no Reyno de Congo conquiſtado, ſeguro fundamento da Fé, que depois ſe eſtabeleceo nas

D. Manoel. mais remotas partes do Mundo. ElRey D. Manoel felice ſem competencia, ſendo contado por filho unico da ventura, por deſcobrir e conquiſtar tantos Imperios, que todo o Univerſo celebrou o ſeu valor, e admirou a ſua prudencia: que Provincia deixou de o conhecer, e que Naçaõ de o reſpeitar? Tres partes contava do Mundo Europa, antes que elle reynaſſe, quarta lhe deſcobrio o ſeu deſvelo, ſubjeitando a America ao ſeu dominío: onde deixou aos Caſtelhanos o que deſprezou por mais facil, querendo ſó triunfar na Aſia do menos util e mais cuſtoſo, para ſe coroar na gloria pelas innumeraveis mãos dos eſpiritos, a que franqueou as portas do Ceo. Seu filho D.

D. Joaõ III. Joaõ o III. foy o centro de toda a piedade, teve generoſo ſentimento de q̃ ſeu Pay lhe naõ deyxaſſe campo para dilatar as conquiſtas: governou-ſe pela Religiaõ com que eſtabeleceo a juſtiça, ſempre inclinado á miſericordia: ſuſtentou a India com repetidos ſoccorros, e foy venturoſo inſtrumento de paſſar a ella o prodigioſo e admiravel S. Franciſco Xavier, gloria de Navarra, e eſplendor

da

da India. ElRey D. Sebastiaõ filho do Principe D. Joaõ, e neto delRey D. Joaõ o III. infelicemente succedeo no Reyno; porém se lhe faltou a fortuna, sobrou-lhe o valor, e o naõ conseguir o que intentava, naõ lhe pode roubar a gloria de emprender dilatar a Fé, e estender o Imperio. Dezejava mais, que a grandeza herdada, a opiniaõ adquirida: e tudo conseguíra, se lhe naõ attalhára os passos a inveja da fortuna; porêm o mar de lagrymas que custou aos Portuguezes a sua desgraça, naõ afogou as esperanças da sua restituiçaõ, taõ arreygadas em muitos coraçoens, que passáraõ da subjeiçaõ de Portugal a Castella a sua liberdade, com que parece que dezejalo, era mais affecto que desaffogo, demonstraçoens que só se concedem ao mayor merecimento. Faltando ElRey D. Sebastiaõ succedeo no Reyno seu Tio o Cardeal D. Henrique. As virtudes de Prelado o fizeraõ grande na estimaçaõ do Mundo, a sua perplexidade, que choráraõ os Portuguezes, celebráraõ os Castelhanos: foy o seu mayor cuidado dilatar a Fé, e desterrar os vicios, virtudes, que assim como a Coroa, lhe prepararáraõ a Tiara. *O Cardeal D. Henrique.*

Estes foraõ os Principes Portuguezes que coroáraõ a Monarquia Lusitana, e estes os exemplares que imitáraõ Varoens insignes do seu tempo em Portugal, procedidos de outros, que em todos os seculos ennobrecéraõ o Mundo. Sirvaõ de abono as acçoens de Viriato, as de Sertorio, contado como Portuguez, o valor de Ballare, de Baucio Capeto, Rechila, ElRey Uvamba, D. Payo Correya, que fez parar o Sol, D. Nuno Alvares Pereira, que fez tremer a terra, D. Pedro de Menezes, D. Duarte de Menezes, D. Vasco da Gama, D. Francisco de Almeyda, Affonso de Albuquerque, D. Henrique de Menezes, e Nuno da Cunha, que merecéraõ o Titulo de Grandes, Duarte Pacheco, D. Luiz de Ataide Conde de Attouguia, D. Joaõ de Castro e outros muitos, que he impossivel contalos, cujas acçoens nunca poderáõ ser encarecidas. Vencéraõ huns e outros, em varios tempos, muitas vezes aos Carthaginezes, aos Romanos, aos Godos, aos Mouros e aos Castelhanos, e dos Gentios e Turcos infinitas naçoens, contendendo e pelejando, quasi sem- *Varoens insignes Portuguezes.*

ſempre, com numero inferior ao dos inimigos. Cortáraõ naõ conhecidos Mares, ganháraõ muitos Reynos, e fizeraõ conhecer a Ley Evangelica na Africa, na Aſia, e na America a Naçoens innumeraveis, prégando-a Varoens ſantiſſimos, muitos delles Martyres glorioſos; florecendo em Portugal, em todos os ſeculos, homens inſignes em todas as faculdades. Porém como a fortuna naõ conſente a grandeza dos Imperios, toda eſta gloria alcançada em Portugal, todas eſtas Victorias conſeguidas, todos eſtes Reynos conquiſtados desbaratou a omiſſaõ de hum Principe Portuguez, e a negoceaçaõ de hum Rey Caſtelhano, ajudado dos animos ambicioſos de huns homens ingratos ao ſangue, de que ſe alimentavaõ, e inimigos da illuſtre Patria; em que naſceraõ, que produzio eſte aborto por permiſſaõ divina: porque tendo a gloria de Portugal chegado ao mayor auge, era neceſſario, que ſe abateſſe, para tornar a ſubir. E como eſtes foraõ os fundamentos infelices dos glorioſos ſucceſſos deſta hiſtoria, dar-lhe-he-mos principio, particulazando-os com as diſtinçoens e brevidade que for poſſivel.

Motivos da perda de Portugal. Choravaõ afflictos os Portuguezes a laſtimoſa deſgraça delRey D. Sebaſtiaõ, e com profundo ſentimente ſe queixavaõ da perplexidade delRey o Cardeal D. Henrique: o qual tendo a irreſoluçaõ por natureza, e o receyo por effeito do Habito e dos annos, dilatava a Portugal a nomeaçaõ de Succeſſor, em conhecido prejuizo da ſua tranquilidade; porque deſvanecidas as ideas de cazarſe, intento que teve no principio do ſeu Governo, ſem reparar na Dignidade Sacerdotal que profeſſava, e em ſeſſenta e ſete annos que havia feito, debilitados com muitas e continuas infirmidades, parecendo por huma e outra razaõ, que ſeria conhecidamente infructuoſo o matrimonio, ainda que foſſe diſpenſado: porque para ſer a ſucceſſaõ natural, difficultavaõ-na os annos e os achaques, e para ſer milagroſa, naõ parecia meritorio o ſacrificio da mudança da vida. Reconheceraõ os Pretendentes da Coroa de Portugal eſtes effeitos dos annos em ElRey, e tomáraõ confiança para declarar em ſua vida a ſua pretençaõ. Eraõ elles (começamos pela parte mais poderoſa, a

que

que assistio a fortuna) D. Felippe II. Rey de Castella, por ser filho da Emperatriz D. Izabel, filha mais velha delRey D. Manoel de Boa Memoria. A Duqueza de Barganç a D. Catherina, casada com o Duque D. Joaõ, filha do Infante D. Duarte irmaõ da Emperatriz. O Duque de Saboya Emmanuel Pheliberto, filho da Infanta D. Beatriz filha segunda delRey D. Manoel. Raynuncia filho primogenito da Princeza de Parma D. Maria, Irmãa mais velha da Duqueza D. Catherina. O Prior do Crato D. Antonio, filho, que pretendia ser legitimo, Infante D. Luiz filho terceiro delRey D. Manoel. A ultima Pretensora, com mais remota e de menos provada justiça, era Catherina de Medices Rainha de França, dizendo, que descendia delRey D. Affonso III. Conde de Bolonha e da Condeça Matilde sua primeira mulher; porém averiguando-se que naõ teve filhos deste primeiro matrimonio, foy excluida da pertençaõ; e seguio quasi os mesmos passos a dos Duques de Saboya e Parma, porque como eraõ pouco poderosos, e naõ uniraõ ás instancias dos Embaixadores que mandáraõ, sobornos e ameaços, artigos naquelles tempos sem contradiçaõ, ficou todo o vigor da Contenda entre ElRey D. Filippe, a Duqueza de Bargança D. Catherina, e o Prior do Crato D. Antonio. A Duqueza era todo o emprego da affeyçaõ delRey D. Henrique: D. Antonio só nos primeiros annos alcançou o seu favor. Havia ficado captivo na batalha de Africa, e com industria alcançado liberdade: tanto que chegou a Lisboa, tratou de manifestar a sua justiça: porém procedeo nas diligencias com tanta demazia, que offendendo-se ElRey, naõ só lhe encontrou a negoceaçaõ de legitimar se (que com mayor calor applicava) mas obrigou-o a sahir-se da Corte e procedeo com severidade contra seus procuradores: mas D. Antonio, que se constituia vivo retrato delRey D. Joaõ o I. assim no modo de nascer, como nas esperanças de reynar, naõ afroxou com o desterro as negoceaçoens, procurando por todos os caminhos ganhar os animos da Nobreza e Povo. A Duqueza de Bargança, e o Duque D. Joaõ seu marido esperavaõ, que a sua justiça e o favor delRey seu Tio, conhecidamente inclinado a Coicalos,

Pretendentes da Coroa, e fundamentos da sua justiça.

Diligencias de D. Antonio.

ven-

vencessem todas as contradiçoens, e superassem as forças de todos os emulos. Estas rasoens taõ forçosas persuadiaõ o animo delRey, deixando-se juntamente vencer dos muitos Successores, que com a Casa de Bargança dava á Coroa de Portugal, considerando no Duque de Barcellos D. Theodosio, Primogenito della, taõ galhardo espirito, que de onze annos se havia achado na batalha cõ ElRey D. Sebastiaõ, e perdida ella ficára prisioneyro, levando-o os Mouros para Marrocos com huma gloriosa ferida na cabeça, naõ podendo a guerra criar com melhor leyte taõ poucos e generosos annos. Todas estas circunstancias arrezoadas, e forçosas affeiçoavaõ os Portuguezes desinteressados á justiça da Casa de Bargança: porém naõ puderaõ prevalecer os clamores dos independentes contra os ambiciosos, que atropeláraõ as Leys da razaõ armados do interesse; naõ tendo força aquelles golpes para romper a dureza destes peitos, que em tudo degeneráraõ da antiga constancia, e fidelidade Portugueza, deixando-se persuadir do poder delRey de Castella, e das diligencias de D. Christovaõ de Moura.

Inclinase ElRey à Casa de Bragança.

Na grande fabrica do Escurial achou a nova da perda delRey D. Sebastiaõ a ElRey D. Filippe: e como naquelle tempo era avaliado pelo melhor mestre da politica, por naõ perder o credito, naõ interpoz dilaçaõ, grande inimiga dos negocios de tantas consequencias. Despachou logo a Portugal D. Christovaõ de Moura, que avaliou pelo subjeito mais capaz para lograr o seu intento, por ser D. Christovaõ Portuguez, e aparentado com muitas familias deste Reyno. Havia passado a Castella por minino da Princeza D. Joanna, q̃ deixou Portugal por morte do Principe D. Joaõ seu marido. Em quanto a Princeza foy viva lograva D. Christovaõ grandes favores seus; quando morreo, o deixou muito encommendado a seu Irmaõ ElRey D. Filippe: o qual, reconhecendo a sua capacidade, o occupou em os mayores Lugares. Chegou D. Christovaõ a Lisboa, e como era composto de bom natural; ajudado das liçoens de taõ excellente Mestre, propoz a ElRey com dissimulaçaõ o negocio apparente, a que disse fora mandado, que era dar-lhe o pezame da morte del-

Manda ElRey D. Filippe a D. Christovaõ de Moura por Embayxador.

Rey

Rey D. Sebaſtiaõ. E logo com grande deſtreza começou a affeiçoar os animos de todos os Portuguezes á pretençaõ delRey D. Filippe, governando-ſe pela inclinaçaõ, que reconhecia em cada huma das peſſoas com que tratava. ElRey D. Henrique obrigado dos clamores de todo o Reyno, e da affeiçaõ que ſempre teve a ſua Sobrinha a Duqueza de Bargança, da juſtiça com que havia preferir aos mais Pretendentes, e do temor que lhe cauſáraõ as diligencias de D. Chriſtovaõ, que lhe naõ foraõ encubertas, determinou nomear a Duqueza Succeſſora do Reyno: e foy eſte impulſo com tanta reſoluçaõ, que communicou a D. Joaõ Maſcarenhas, de quem muito ſe fiava, que o dia ſeguinte declarava a Duqueza de Bargança por Succeſſora do Reyno. O que ſe dilatou em fiar a D. Joaõ eſte ſegredo de tanta importancia, tardou elle em deſcobrillo a D. Chriſtovaõ de Moura, mancha que indignamente cahio em animo taõ nobre e valeroſo, que havia ſuſtentado o ſegundo, e memoravel ſitio da Praça de Dío. D. Chriſtovaõ, tanto que teve eſta noticia, conſiderando baldada a diligencia, a que viera, e deſtruidos os fundamentos de toda a ſua fortuna, acodio logo a attalhar a reſoluçaõ delRey. Chegou tarde ao Convento de Xabregas, onde ElRey eſtava, e naõ podendo conſeguir audiencia, paſſou a noite nos Olivaes vizinhos, naõ querendo, qne pela manhãa ſe anticipaſſe a reſoluçaõ delRey á ſua diligencia. Aſſim o conſeguio, e fallou-lhe ao amanhecer, enlaçou no diſcurſo tantos ameaços, e uſou de tanta aſpereza, reconhecendo a debilidade do ſeu eſpirito, que parecia, que entre ElRey e D. Chriſtovaõ ſe havia trocado o excercicio, e a grandeza. Foy eſta efficacia taõ poderoſa, que baſtou para dar a Coroa do Portugal a ElRey D. Filippe, e para a tirar da cabeça á Duqueza de Bargança: porque ElRey D. Henrique remiſſo, e temeroſo ſuſpendeo a deliberaçaõ de declarar a Duqueza Succeſſora do Reyno, de que reſoltou ſuccederem tantos embaraços, que veyo a cahir Portugal na infelice ſubjeiçaõ de Caſtella. D. Chriſtovaõ aviſou promptamente a ElRey do muito que a ſua induſtria havia conſeguido: porque naõ ſó ficava divertida a deliberaçaõ delRey nomear

Fala D. Chriſtovaõ a ElRey, ſuſpende a reſoluçaõ.

mear a Duqueza de Bargança Succeſſora do Reyno (havendo elle trazido ordem para lhe dar o parabem, quando aſſim ſuccedeſſe) mas que ſe achava com tantas, e taõ importantes peſſoas á ſua devoçaõ, que por inſtantes lhe creciaõ as eſperanças de grangear para ElRey D. Filippe o Reyno, que ambicioſamente ſolicitava, fiado mais, que no ſeu poder, na debilidade das forças de Portugal, e mais nos ſeus exercitos, que na ſua juſtiça.

ElRey D. Felippe recebeo com grande contentamento as noticias de D. Chriſtovaõ; e logo para dar mayor calor ás diligencias, e aos ſobornos, elegeo para Embayxador de Portugal a D. Pedro Giron, Duque de Oſſuna, tomando por pretexto mandar a ElRey D. Henrique com mais formalidade aſſim o pezame da morte delRey D. Sebaſtiaõ, como o parabem de haver tomado poſſe da Coroa. Era D. Pedro deſtro ſoccegado, e prudente, diſpoſiçoens que frizavaõ com o genio de D. Chriſtovaõ de Moura, de quem era grande amigo. Chegou D. Pedro a Lisboa, e feita a funçaõ publica, applicou todas as negoceaçoens occultas: compraraõ-ſe huns, intimidáraõ-ſe outros, e todos ſe confundíraõ, para ſe perderem todos.

Manda ElRey a Portugal o Duque de Oſſuna.

ElRey chamou a Cortes para moſtrar o extremo da irreſoluçaõ; porque quando todos aguardavaõ, que nomeaſſe Succeſſor, decidio judicialmente a contenda, declarando-ſe Juiz della; como era de direito. Ordenou para eſte intento, que foſſem citados os Pretendentes, paraque requereſſem ſua juſtiça por ſi, ou por ſeus procuradores: e querendo para o caſo em que faltaſſe, durando o litigio, nomear Juizes que o decidiſſem, e Governadores que executaſſem a ſentença, e adminiſtraſſem entretanto o Reyno, lhe conſultáraõ os Tres Eſtados delle quinze fidalgos, e vinte e duas peſſoas de letras. Deſtes elegeo onze para Juizes da cauſa, e dos quinze cinco para Governadores do Reyno, depois de ſua morte. Eſtes foraõ D. Jorge de Almeida Arcebiſpo de Lisboa, D. Joaõ Tello de Menezes, Diogo Lopes de Souſa, Dom Joaõ Maſcarenhas, Franciſco de Sá: porém ficou eſta nomeaçaõ em ſegredo até a morte delRey, e veyo a ſer a ſepultura do Reyno. Diſpoz ElRey mais, que todos os Eſtados

Chama ElRey a Cortes.

Nomea ElRey Governadores e Juizes.

dos juraſſem de naõ obedecer a Pretendente algum, ſenaõ ao que, pela ſentença que ſobre a cauſa ſe proferiſſe, foſſe declarado Succeſſor do Reyno. O Duque de Bargança foy o primeiro que obedeceo a eſte preceito, fazendo virtude da impoſſibilidade. D. Antonio tomou o juramento conſtrangido. ElRey D. Filipe proteſtou que naõ vinha no contrato, dizendo: que a ſua juſtiça era taõ clara que naõ queria pola em Juizo, manifeſta deſtreza para a ameaçar com o poder, e bem lograda; porque ElRey D. Henrique, vendo eſta reſoluçaõ, acabou de ſe entregar de todo ao receyo, e depondo todas as Leys que o obrigavaõ á juſtiça da Caſa de Bargança: determinou anteporlhe ElRey D. Filippe, prevalecendo o defeito contra o affecto.

Effeito das Cortes.

Muda o Cardeal de opiniaõ, quer eleger D. Filippe.

Tomada eſta reſoluçaõ, intentou perſuadir a Duqueza D. Catherina, a quem antes determinava Coroar, a que ſe ſatisfizeſſe ſó com as offertas que ElRey de Caſtella lhe fazia, e que deſiſtiſſe da pretençaõ. Eraõ ellas: largarlhe o Braſil, de que poderia o Duque de Bargança tomar o Titulo de Rey: que em Portugal lhe concedia perpetuo o Meſtrado de Chriſto, e todas as izençoens, e privilegios que pudeſſem engrandecer a ſua caſa: que lhe dava licença para poder todos os annos mandar huma Náo á India por ſua conta, e que ajuſtaria o caſamento de ſeu filho o Principe D. Diogo com huma de ſuas filhas, por ſerem duas, qual elle eſcolheſſe. ElRey D. Henrique para facilitar as difficuldades, que ſuppunha achar neſta propoſta, mandou a Villa-Viçoſa o Padre Jorge Serraõ da Companhia de JESUS, e logo em ſeu ſeguimento ao Doutor Paulo Affonſo, de que fazia grande eſtimaçaõ, e hum dos primeiros Deputados d Meſa da Conſciencia. Chegáraõ os dous a Villa-Viçoſa, e juntos falláraõ á Duqueza. Foy a ſuſtancia da propoſta, dizeremlhe da parte delRey: que ſua Alteza, mais, como pay, que como parente, lhe aconſelhava, naõ quizeſſe deixar o certo pelo arriſcado: que elle naõ podia negar que ſempre tivera por ſem duvida a juſtiça da Caſa de Bargança, e que o ſeu intento fora preferila a todos os Pretendentes da Coroa: porém que vendo as tropas del-

Propoſta à Duqueza, e condiçoens para deſiſtir.

Manda a Villa-Viçoſa o Padre Jorge Serraõ, e ao Doutor Paulo Affonſo.

Rey D. Filippe muito vizinhas, e o pouco poder com q̃ a Caza de Bargança se achava para lhe resistir, julgava que nomealla, era o mesmo que destruilla, que assim pedia a Sua Alteza com toda a affeiçaõ, e encarecimento, que deposta outra qualquer imaginaçaõ, aceitasse os partidos que lhe offerecia ElRey de Castella, para que elle sem escrupulo pudesse nomeallo por Successor da Coroa de Portugal, e que Sua Alteza se servisse de responder sem a menor dilaçaõ. A Duqueza ficou justamente admirada desta proposta, á qual respondeo em hũa discreta carta, de que se conserva o original. Continhaõ as rasoens della: que o alivio que lhe ficava, era considerar aquella proposta como nascida delRey D. Filippe, e naõ de sua Alteza: que na brevidade com que ordenava lhe respondesse, naõ podia obedecer-lhe, como dezejava, por escrito, por ser a materia de tanta consideraçaõ, e pezo, que naõ era possivel tratalla, senaõ de rosto a rosto; e assim lhe pedia licença para lhe ir beyjar a maõ, e junta mẽte representar-lhe a notoriedade da sua justiça, na qual conformavaõ quasi todos os mayores letrados do Reyno: mas que sobre tudo só com sua Alteza queria aconselharse, e com os interesses publicos de seus naturaes; porque a ninguem mais que a elles convinha, que houvesse hum Rey Portuguez, e que neste sentido, quando importasse que a sua casa cedesse do seu direito, por seguir este fim, deixaria a pretençaõ do Reyno, pondo-se aos pés de sua Alteza, para que determinasse o que mais conviesse a conservaçaõ da Coroa: que toda a sua ancia, todo o seu dezejo e cuidado se resumia em buscar meyos, para que se conservasse a memoria dos gloriosos Principes seus Progenitores; a qual, havendo mais de quatro centos annos que durava neste Imperio, naõ podia haver razaõ para o aggregar a huma Monarquia, onde com o nome perdesse a fama singular de suas acçoens? Que se o poder de Castella era grande, e as suas Armas horriveis, que o poder de Deos era mayor, e as victorias, e bons successos da guerra só da sua maõ se distribuiaõ: que naõ presumia de hum Principe taõ Catholico, como D. Filippe, que tomasse as armas para occupar o que lhe naõ perten-

Reposta da Duqueza.

cia

dia : que se sua Alteza a nomeasse por Successora do Reyno, faria o que era obrigado em consciencia, e de justiça; e que sendo a causa taõ justa, o Ceo a tomaria por sua conta, huma vez declarada, e a defenderia contra todos seus inimigos: que se desta resoluçaõ resultassem guerras, e damnos, nunca sua Alteza podia encorrer em culpa alguma, nem ter o menor escrupulo, pois cumpria inteiramente com sua obrigaçaõ, dando a cada hum o que lhe tocava, como Rey Christaõ, e Juiz recto, que só sua Alteza o era nesta causa, por mais que Castella o negasse; e que isto supposto, o declarar a sentença em favor da justiça, mais era evitar guerras que causálas: que a parte inobediente á razaõ, e ao direito; quando encontrasse por força o que estivesse julgado que naõ era seu, sempre correria por sua conta o damno que se originasse desta discordia: e que se para o soccego publico fosse necessario, que ella naõ fallasse palavra nos seus interesses, o faria logo, com tanto que sua Alteza declarasse em Cortes geraes de todo o Reyno a resoluçaõ, que tomava de nomear a ElRey Catholico Successor da Coroa; pois era justo que houvisse a todos em hum negocio, que a todos tocava: que se arrojava a pedir a sua Alteza, que senaõ entregasse a temer ameaços delRey de Castella; porque fiava muito da sua christandade: q̃ quanto aos partidos que elle lhe offerecia, lhe naõ convinha aceitallos; e que so querendo elle ajustar-se em huma de duas conveniencias, se poderiaõ os negocios compôr com menos embaraços: as quaes eraõ, ou casar o Duque de Barcellos com huma Infanta de Castella, ou dar-lhe ElRey Catholico a D. Filippe seu filho segundo para que casasse com huma de suas duas filhas, que desta sórte renunciaria todo seu direito em hum dos dous, para que em qualquer successo ficasse este Reyno sempre com Princepe proprio, e de nenhuma sórte se unisse á Coroa de Castella: que nesta conformidade podia ella da sua parte (ainda que ficasse a sua casa defraudada de taõ generosa herança) ceder da sua pretençaõ, seguindo a regra, de que péza mais o bem commum que o particular; e que naõ punha duvida que os Portuguezes applaudiriaõ semelhante resolu-

çaõ, pois conseguiaõ o que dezejavaõ: e que de outra sórte naõ entendia dos que eraõ fieis, e constantes, e que dezejavaõ parecer-se com os antigos zelosos da conservaçaõ da Patria, que viriaõ em outro partido, ainda que alguns o intentassem. Concluia finalmente: que quando sua Alteza lhe naõ concedesse licença para ir em pessoa communicar-lhe este negocio, era elle de tanta importancia, que naõ podia resolver-se com apressa que o Doutor Paulo Affonso lhe havia representado da sua parte, pois era só, e menos assistida de Conselheiros, que ElRey Catholico: que se servisse de dilatar a este respeito a sua resoluçaõ ultima; e quando quizesse tomala, fosse em Cortes, aonde ella avisaria a sua determinaçaõ; rematando, que nunca havia de exceder o gosto de sua Alteza, a quem rogava, pela boa memoria dos Principes seus Avós, quizesse attender, e considerar todas estas razoens, e outras muitas que de palavra dissera a Paulo Affonso, com quem conferia differentes difficuldades, e duvidas, que podiaõ succeder nesta causa, sendo mais delRey, e do Reyno, que sua: pedindo a Deus alumiasse nella a sua Alteza, e o guardasse infinitos annos. Era a data em Villa-Viçosa em 20. de Outubro do anno de 1579.

Altera-se o povo com a noticia de se querer eleger ElRey de Castella.

Esta carta achou-a ElRey D. Henrique caminhando para a morte a toda apressa, mas o dezejo que tinha de parecer Pay da Patria; lhe deo alento para se passar a Almeirim a dar principio ás Cortes, que havia convocado para aquelle lugar. Porém chegando á noticia do povo, que elle intentava nomear por Successor do Reyno a ElRey D. Filippe, clamáraõ todos furiosos contra esta resoluçaõ, a quizeraõ abrogar a si o direito de eleger Principe: proposiçaõ que de antes tinhaõ feito, e que se lhe naõ havia admittido. ElRey nesta ultima afflicçaõ concedeo ao povo que propuzesse as razoens por onde lhe tocava este privilegio: mas naõ chegou a examinalas, aguardando por horas as ultimas de sua vida. Esta noticia chegou a Villa-Viçosa, e obrigou a Duqueza de Bargança a se pôr a caminho sem esperar licença. Chegou a Almeyrim a tempo que ElRey estava espirando:

Chega a Duqueza a Almerym.

porém achando-o ainda com inteiro juizo, e voz desembaraçada, teve lugar para conferir com elle largo espaço, e sahio da conferencia taõ alegre que todos os que a viraõ, entendéraõ que vencéraõ a pretençaõ; de que alguns indignamente ficáraõ pouco satisfeitos, ou por terem entregue o coraçaõ a Castella, ou por naõ serem affeiçoados á Soberania da Duqueza de Bargança, que pudera suavizar a pessoa do Duque D. Joaõ, se fora mais activo. Espirou ElRey, e ficáraõ desvanecidas todas estas presunçoens, porque aberto o testamento, se achou nelle, que o Reyno se entregasse a quem tivesse mais justiça. Tanto pode o temor, que viveo no coraçaõ delRey depois de morto, e o obrigou a que tomasse esta desacertada, infelice, e escrupulosa resoluçaõ, de que logo experimentou o castigo a sua memoria: porque os mais de seus vassallos estimáraõ a sua morte, e naõ houve algum a que custasse pezar a sua falta. Morreo o ultimo de Janeyro, dia em que havia nacido aos setenta, e outo annos da sua idade: foy de estatura pequena, branco, e louro, olhos azuis, parecido a ElRey D. Manoel mais no corpo que no animo; esteve depositado em Almeyrim, está sepultado em Bellem.

Morte do Cardeal, e clausulas do seu testamento.

Tanto que ElRey D. Henrique morreo, ficaraõ os cinco Governadores exercitando o seu poder, e começáraõ a maquinar a Portugal a sua ruina. Foy a primeira acçaõ que fizeraõ, despedirem as Cortes: logo despacháraõ Embayxadores a ElRey Catholico, pedindo-lhe quizesse depôr as Armas, e esperar a sentença, insinuando-lhe, que se hiría a seu favor. O que entaõ pareceo destreza, se contou depois da sentença dada, por promessa, com pouco credito dos Governadores, ficando fóra desta calumnia D. Joaõ Tello de Menezes: porque naõ só, senaõ achou em Aya-monte, quando se declarou a sentença, mas conservou em todo o tempo o animo taõ inteyro, que na força das negoceaçoens escrevia o Duque de Ossuna a ElRey D. Filippe, que a D. Joaõ Tello, ou se lhe havia de cortar a cabeça, ou trazello sobre a cabeça: e da mesma sorte o Arcebispo de Lisboa. ElRey Catholico, tanto que lhe chegou a nova da morte delRey D.

Despedem os Governadores as Cortes, e fazem aviso a ElRey de Castella.

Apartase dos mais D. Joaõ Tello, e fica mais acreditado.

Junta ElRey D. Filippe exercito.

Henrique, juntou logo o exercito, que muitos dias antes havia prevenido, chamando a este fim de Flandes os Mestres de Campo, e Capitaens de mayor reputaçaõ, obrigando-os a que trouxessem comsigo os soldados mais veteranos. Compunha se o exercito de dezoyto mil Infantes, e mil, e quinhentos cavallos: a boa calidade da gente fazia dissimular o pouco numero delle, e as mais prevençoens correspondiaõ á importancia da empreza. Elegeo ElRey por General desta gente a D. Fernando Alvares de Toledo Duque de Alva, excellente Capitaõ daquelle tempo, soltando-o do Castello de Uzeda, onde o tinha preso, para fiar do seu valor esta conquista. Seguio ElRey com toda a Casa Real ao exercito, com determinaçaõ de juntar o trato brando ao rigoroso: considerando, que seria mais facil render aos Portuguezes com a suavidade, que com o poder; porém a debilidade das forças de Portugal fazia escusar todas estas politicas. Em quanto ElRey D. Filippe prevenia o exercito, acodio o Prior do Crato a representar aos Governadores a sua justiça, e achando nelles menos attençaõ da que pretendia, seguio outro caminho mais precipitado, por lhe faltarem meyos para lugrar o seu intento. Dispoz em Santarem os animos dos poucos q̃ o acompanhavaõ, os quaes obrigados da fidelidade, e do impulso, sem attençaõ ao perigo, o acclamáraõ Rey com poucas ceremonias, e menos prudencia. Com este Titulo passou D. Antonio a Lisboa, onde sem contradiçaõ foy obedecido: logo se preparou para defender a Cidade com mayor confiança que forças; porque consumidos em Africa os soldados, e os thesouros, e divertidas as alianças pelas negoceaçoens delRey Catholico, as Provincias do Reyno divididas em opinioens, por mayores que foraõ as diligencias do Prior do Crato, naõ pode juntar mais que quatro mil homens, huns lavradores, outros escravos, e todos taõ mal armados, e com taõ pouca disciplina, que naõ entendiaõ a mais facil operaçaõ militar, e o Prior do Crato a que naõ faltavaõ virtudes, carecia totalmente de experiencia.

Nomea o Duque De Alva por General.

Acclamase Rey o Prior do Crato em Santarem

Entra em Lisboa, preparase para a defensa.

Entre a ambiçaõ delRey Catholico, e as temeridades do Prior do Crato fluctuava o Duque de Bargança,

Diligencias do Duque.

E

e fiado só na sua justiça, a representava com repetidas instancias aos Governadores: seguio-os a Santarem para onde se mudáraõ; passou com elles a Setuval, que buscáraõ por refugio da peste em que ardia o Reyno, e desenganado finalmente de que eraõ infructuosas todas as suas diligencias, e que os animos de quasi toda a nobreza estavaõ corrompidos, o Povo sem forças nem constancia, os Amigos largando a sua justiça por attender á propria cõmodidade; nao querendo, nem unir-se a D. Antonio (como elle pretendeo) nem aceitar os partidos que ElRey D. Filippe lhe mandou offerecer por D. Christovaõ de Moura, se retirou a Portel, Lugar seu na Provincia de Alemtejo deixando aos Governadores sustanciada em hum papel a sua justiça taõ clara, que a naõ se interporem a ambiçaõ, e o medo, pouca duvida houvera em se proferir a sentença a seu favor. Foraõ as suas rasoens expostas neste sentido. Mostrava: que Deos instituira o Reyno de Portugal, elegendo no Campo de Ourique a ElRey D. Affonso Henriquez com Imperio independente, e soberano, e q fora estabelecido nelle, e seus Successores, para levarẽ, como succedeo, o seu Santo nome, e Ley Evangelica ás Nações mais barbaras, e Regioẽs mais remotas: q esta eleyçaõ fora confirmada com hũa das mais insignes victorias, q alcançáraõ dos Infieis as Armas Catholicas: q fora ElRey antes della acclamado pelo exercito, e depois eleyto, e jurado pelos Tres Estados do Reyno nas Cortes, que se juntáraõ na Cidade de Lamego, celebradas no anno de 1145. nas quaes se decretáraõ, e estabellecéraõ as Leys fundamẽtaes, e fórma q se devia ter na successaõ deste Reyno; porque o intento dos Portuguezes fora naquella primeira creaçaõ delle, eleger Reys que os governassem em paz e justiça, conservassem a sua liberdade, e defendessem de seus inimigos: declarando, por anteverem com prudencia os casos futuros, que quando faltasse a algum dos Reys filho Varaõ, pudesse erdar o Reyno a filha mais velha, se estivesse em Portugal, e casasse com Portuguez, excluindo com ley, e clausula expressa qualquer Infanta que casasse fóra do Reyno com Principe estrangeyro; porque como instituiraõ Reys para sua conservaçaõ, e quizeraõ

Retira-se a Portel.

Razoens do Duque.

que fosse Imperio hereditario nos Principes naturaes; negáraõ juntamente aquelle privilegio aos estrangeiros, e ás Princezas que com elles casassem, para que naõ fossem instrumento da sua ruina: que admittiraõ as filhas em quanto naturaes, e as excluiraõ em quanto estrangeiras: querendo mostrar que instituiaõ Principes para a Republica, e naõ Republica para os Principes; porque a successaõ dos Reys só devia attender á sua conservaçaõ, e liberdade, devendo este governa-se pelas suas proprias leys, seguindo inviolavelmente na successaõ as que decretáraõ em seus principios, e sendo esta taõ importante, que lhe segurava, e livrava entrar como herança em poder de seus inimigos, naõ permittindo que qualquer estrangeiro, ou natural que naõ vivesse no Reyno, e tivesse nelle seu domicilio (como depois declararaõ as leys, que lhe deraõ os seus Principes) gozasse alguns bens da Coroa, posto que lhe pertencessem por direito hereditorio: e que neste sentido naõ podiaõ permittir que lograsse toda esta Coroa, quem naõ fosse natural deste Reyno: que esta mesma ley se observára, e tivera seu justo vigor, quando por morte delRey D. Fernando, que acabou sem mais filhos que a Infanta D. Beatriz, casando com ElRey D. Joaõ o I. de Castella, fora excluida da successaõ por este fundamento nas Cortes celebradas na Cidade de Coimbra no Mez de Abril do anno de 1382. nas quaes declaráraõ os Tres Estados do Reyno de consentimento cõmum, e sem controversia alguma, que a Infanta D. Beatriz por ser casada cõ ElRey de Castella, era incapaz de succeder no Reyno; e os Tres Estados juntos em Cortes, a quem só tocava decidir estas materias, houvéraõ por vago, e elegéraõ ElRey D. Joaõ o I. que o havia governado, e deffendido dos Castelhanos com taõ insignes victorias, como a fama celebrava; e que naõ só excluiraõ estes verdadeiros Portuguezes a Rainha D. Beatriz, mas tambem aos Infantes D. Joaõ, e D. Dioniz, filhos delRey D. Pedro, e de D. Inez de Castro coroada depois de morta, por se haverem passado a Castella, e estarem impedidos, e prezos por aquelle Rey. Mostrando que o zelo da honra, o amor da Patria, e a conservaçaõ da liberdade

berdade em Rey natural, e desempedido, era a ley mais justa, e o affecto mais poderoso, e mais conforme ao intento, que tiveraõ os Portuguezes na eleiçaõ dos seus Principes: e que; ainda que aquelles fundamentos naõ foraõ taõ claros e notorios, este exemplo só bastava para excluir totalmente a pretençaõ delRey D. Filippe, e dos mais Principes estrangeiros, e justificar por melhor, e mais solida a causa de D. Catherina sua mulher; porque nella concorriaõ as mesmas prerogativas que os Doutores apontavaõ, conforme as disposiçoens, e regras mais infalliveis de direito, como os mayores Jurisconsultos haviaõ mostrado. Porque extincta em ElRey D. Sebastiaõ a primeira linha delRey D. Manoel, de quem eraõ Descendentes todos os da controversia, e morto sem filhos legitimos o Infante D. Luiz, e ultimamente ElRey D. Henrique sem successaõ, ficava entrando a linha do Infante D. Duarte filho delRey D. Manoel, que devia sem duvida ser preferido pela prerogativa de masculina á feminina da Emperatriz D. Isabel sua Irmãa, Mãy delRey D. Filippe: que se fundava esta opiniaõ naõ só no dereito commum, em que a linha dos Varoens precéde á das femeas (como dispoem ainda os particulares na successaõ dos Morgados,) mas que era conforme á disposiçaõ delRey D. Joaõ o I. no seu testamento, approvado, e admittido como Ley justa, no qual chama á successaõ do Reyno ao Infante D. Duarte seu primogenito, e a seus legitimos descendentes, e faltando elles aos mais Infantes seus filhos, precedendo sempre os mayores, e as suas descendencias ás dos menores: com o que se mostrava sem duvida, que extinctas as linhas dos outros filhos delRey D. Manoel, ficava preferindo, e entrando na successaõ da Coroa a linha do Infante D. Duarte, que por ser de Varaõ lograva a mais calificada prerogativa; para ser preferida, e anteposta a todas as outras, em que naõ concorria esta razaõ, por descenderem de femeas: juntando-se a estas razoens o beneficio da representaçaõ de Justiniano, admittida, e praticada neste Reyno, em virtude da qual representando a Duqueza ao Infante D. Duarte seu Pay, e ElRey D. Filippe a Emperatriz sua

Mãy; assim como o Infante por Varaõ havia de preferir á propria Emperatriz, que ElRey só representava; assim a Duqueza que representava seu Pay, lhe ficava preferindo, conforme a dereito, e decisoens de Jurisconsultus em casos semelhantes; e que da mesma sorte naõ podia o Prior do Crato D. Antonio ter alguma acçaõ á Coroa; porque ainda que era filho do Infante D. Luiz, naõ era legitimo, nem o Summo Pontifice o quizera legitimar, por ser contra direito, e em prejuizo dos que tinhaõ esta prerogativa, sem a qual ainda os particulares naõ eraõ admittidos á successaõ de Morgados, e bens da Coroa, quanto mais a ella propria, estando vivos, e existindo os Netos e legitimos Descendentes delRey D. Manoel, aos quaes pertencia o Reyno, conforme ás Leys divinas, e humanas, e á disposiçaõ delRey D. Joaõ o I. no seu testamento: nem se podia valer do exemplo da successaõ deste Principe, sendo tambem illegitimo, por naõ haver naquelle tempo Successor legitimo no Reyno, que se lhe antepuzesse; e das historias constava, que o Infante D. Joaõ, por quem ElRey D. Joaõ tomou posse no principio do seu Governo, vendo-se preso em Castella, e com risco manifesto da vida, lhe transferira o direito que tinha ao Reyno, e lhe pedira que se Coroasse, mandando a seus parciaes que lhe assistissem, querendo com animo real, e zelo Portuguez, que a Coroa de seus Avós se conservasse antes independente, e separada na cabeça de seu Irmaõ, que subjeita, e entregue nas mãos de seus inimigos: e que por este respeito esperava que o Prior do Crato, sendo imitador desta acçaõ gloriosa, assistisse com a mayor efficacia á causa mais justa, e á conservaçaõ do Reyno mais certa: que lhe naõ devia obstar o direito da Duqueza de Parma D. Maria, Irmãa mais velha da Duqueza sua mulher, por ser ja defunta, e ficarem seus filhos em gráo mais remoto, e naõ se extender o beneficio da representaçaõ mais que a sua Mãy, álem de serem estrangeiros, fundamento que só bastava para se excluir. Mostrava mais, que sendo taõ evidentes as razoens, e fundamentos do direito da Duqueza D. Catherina sua mulher, naõ tinhaõ menor força as convenien-

cias

cias politicas, e intereſſes publicos, que ſe deviaõ conſiderar em negocio taõ importante: porque ſe entraſſe no Reyno, como era juſto, a Duqueza ſua mulher e elle, naõ ſó procurariaõ conſervar todas as ſuas leys, e privilegios antigos, mas lhe concederiam de novo todos aquelles a que deſſe lugar a juſtiça: que haviaõ de favorecer a Nobreza, aliviar o povo, reſpeitar os Eccleſiaſticos, e procurar moſtrarſe em tudo, mais que Senhores, verdadeiros Pays de ſeus vaſſallos: e que juntamente ficaria ſegura a ſucceſſaõ do Reyno, achandoſe a ſua Caſa com filhos Varoens, que ja haviaõ derramado o ſangue pelo ſerviço da Coroa: que procurariam conſervar, e dilatar as Conquiſtas com augmento da gloria, que os Portuguezes tinhaõ adquirido em todo o Mundo: e que ultimamente ſó na ſua Caſa ſe podiaõ contar todas as circunſtancias de que neceſſitava o grande aperto, em que ſe via eſte Reyno. Porém ſe (o que Deos naõ permittiſſe) vieſſe o Reyno a cahir nas maõs delRey de Caſtella, tudo o referido experimentariaõ ao contrario; e perdendo a gloria, a honra, e a liberdade, viriaõ a ſer contados como eſcravos, e vil deſpojo de ſeus mayores inimigos: que tiveſſem por certo que todas as promeſſas dos Caſtelhanos eraõ falſas, e todas as ſuas eſperanças fingidas, cobrindo-as com huma induſtria diſſimulada, para ſe vingárem das injurias antigas, querendo vencer com a deſtreza aquelles de quem ſempre foraõ vencidos com as armas: que naõ degeneraſſem do ſeu antigo valor, temendo as prevençoens de Caſtella; porque ſe eſtiveſſem todos unidos, e conſtantes, naõ deviaõ temer o meſmo que em mais apertados termos naõ temêraõ ſeus antepaſſados: que tiveſſem por infallivel, que ElRey D. Filippe como prudente, ſe naõ havia de empenhar em huma guerra taõ injuſta, e difficil dentro de Heſpanha, com riſco manifeſto dos Eſtados que fóra della dominava, conhecendo que todos os Principes de Europa eraõ emulos da ſua grandeza, e a mayor parte dos ſubditos deſejava ſacudir o jugo que os opprimia: e por eſte reſpeito, as ſuas preparaçoens ſe deviaõ ſuppor apparentes, ſó para attemoriſar aos covardes, e ignorantes; e que reconhe-

cendo a falta do seu direito, naõ queria subjeitar-se ás admoestaçoens do Summo Pontifice, que o obrigávaõ a desistir das armas; nem admittia o Nuncio Apostolico, por entender que trazia esta commissaõ; naõ ignorando que ainda em caso que tivesse ao Reyno algum direito, o destroia querendo ser Arbitro, e Juiz da propria causa, e com desprezo das Leys Santas, e justas introduzir-se na posse com a violencia das armas, para mostrar que só a ellas devia a Coroa, e tratar depois aos Portuguezes como vencidos, e conquistados: que tivessem tambem por sem duvida, que lhes haviaõ de assistir, sendo necessario, todos os Principes de Europa com soccorros, e diversoens, assim pelo parentesco, e amizade que conserváraõ sempre com Portugal, como pela razaõ de estado, e conveniencia propria, receando justamente, que se ElRey D. Filippe juntásse este Reyno, suas conquista, e riquezas aos q̃ dominava, creceria tanto o seu poder e grandeza, que nenhum delles ficava seguro da sua ambiçaõ, que meditava o Imperio supremo de toda Europa: que entendéssem, que materia taõ grave e, taõ importante a todos, naõ podiaõ nem deviaõ decidila os Juizes particulares que ElRey D. Henrique nomeára, e só pertencia aos Tres Estados unidos em Cortes, aconselhados assim dos Juizes, como das mais pessoas de letras que houvesse no Reyno para que juntos deliberassem o que tocava a todos: e que assim deviaõ juntar-se, e tomar em congresso universal com maduro conselho a deliberaçaõ mais justa, e util ao bem publico, resoluçaõ que elle só dezejava: protestando, que para este fim assistiria ás Cortes com todas suas forças, e authoridade, e da mesma sórte que, qualquer outro acordo que se tomásse, ou assento que se fizesse, dava por invalido, e de nenhum vigor, e que assim lhe naõ podia prejudicar a elle, nem á justiça da Duqueza sua mulher: o que a todos fazia manifesto, porque depois naõ recorressem á ignorancia: e que esperava em Deos, que pondo de parte paixoens, e interessem particulares, tratassem só do bem publico, e resolvessem com ponderaçaõ, e acordo o que julgassem mais conveniente, e acertado. Estas razoens do Duque corro-

corroborou depois a noticia mais clara das leys de Lamego, que a politica de Castella pretendeo tirar da publicidade dos livros impressos, porque nellas se achaõ razões muito mais claras, e mais forçozas, das que elle offereceo aos Juizes, e Governadores. E feita esta diligencia passou com a sua Casa a Portel, levando comsigo seu filho o Duque D. Theodosio, que alcançou liberdade á instancia delRey D. Filippe. Os Governadores, vendo-se apertados das instancias de D. Antonio, e medrosos dos ameaços que lhe fazia, e vendo tardar a Armada de Castella que ElRey Catholico lhe promettera, se resolvéraõ a passar de Setuval a Aya-monte, lugar de Andaluzia; ou por temerem, que as pedras de Setuval, por haverem sido as primeiras, que se levantáraõ com o Dominio de Hespanha, se dezunissem dos edificios para castigar a sem razaõ, com que deliberavaõ subieitallas; ou por querer Deos, que dessem sentença por ElRey D. Filippe na sua jurisdiçaõ, para que do seu mesmo soborno sahisse cegamente mais este artigo á justiça da Casa de Bargança.

Chegados a Aya-monte D. Joaõ Mascarenhas, Diogo Lopes de Sousa, e Francisco de Sá, ficando em Lisboa o Arcebispo D. Jorge de Almeida, e D. Joaõ Tello de Menezes, declaráraõ a ElRey D. Filippe por Successor da Coroa de Portugal, dizendo, que lhe tocava por ser Varaõ de boa linha, e de mayor idade, e publicáraõ a sentença em Crasto Marim ultimo lugar do Reyno do Algarve fronteiro a Aya-monte, de que o divide o Guadiana. E com tanto desacordo se governáraõ os Governadores, que até o tempo que elegéraõ para pronunciar esta sentença, a fez desestimada do mesmo Principe, por quem a deraõ: porque havendo nesta occasiaõ entrado ElRey D. Filippe com o exercito em Portugal, e vendo que só lhe custava a conquista deste Reyno os passos que dava nelle, pizando sem contradicçaõ a terra, que injustamente adquiria, fez pouco caso de sair a sentença a seu favor, que poucos dias antes com tanta vehemencia solicitava: porque para conseguir a conquista de Portugal, achava que os seus exercitos eraõ os melhores Juizes, e para dissimular com pretextos apparentes a

Sentença dos Governadores a favor delRey D. Filippe.

sua

ſua pretençaõ, julgava Aya-monte por lugar muito ſuſpeitoſo, para juſtificar a ſua cauſa. Que aſſim coſtuma Deos caſtigar os animos ambicioſos, eſcuzando-ſe do agradecimento os meſmos que recebem injuſtos beneficios.

Juntaſe em Badajoz o exercito, entra em Portugal ſem reſiſtencia.

Em quanto ſuccediaõ em Portugal as deſgraças humas a outras, e ſe ateáva cada vez mais apeſte, foy chegando o exercito de Caſtella a Badajoz, e nelle a ultima ruina do Reyno, que mayor gloria havia adquirido naquelle ſeculo. Uniraõ-ſe em Badajoz todas as tropas, e composto o excercito, marchou a Elvas ſem oppoſiçaõ o Duque de Alva. Abriraõ-lhe neſta Cidade as portas, naõ havendo quem defendeſſe a entrada dellas. ElRey D. Filippe ficou com toda a Corte em Badajoz; porque nas mayores opperaçoens ſempre ſe inclinava o ſeu genio a obrar ſó com o entendimento. Havia paſſado ordens a todas as fronteiras de Portugal, que o meſmo tempo, que eſte exercito, entraſſem varios troços pelos lugares com que confinavaõ. Foy diverſaõ util para atemorizar os povos, e ſuſpender os animos de alguns, que intentavaõ juntar-ſe em Lisboa com o Prior do Crato. O Duque de Alva paſſou com o exercito de Elvas a Eſtremoz, e deſte lugar a Setuval, fazendo marchar os ſoldados ſem offender a diſciplina; porque a ſua ſeveridade era mais propria para os exercicios militares, que util para os politicos, como publicáraõ os grilhoens, que elle dizia trouxéra arraſtando para eſta conquiſta, lançados como ſe entendeo, pelos infelices ſucceſſos do governo politico de Flandes, ainda que ſe tomaſſe outro pretexto. Rendeo-ſe Setuval fazendo pouca reſiſtencia. e o Duque deixando conquiſtada toda a Provincia de Alemtejo, e guarnecidos alguns lugares della, embarcou o exercito na Armada, que eſtava prevenida na barra de Setuval: chegou nella a Caſcáes, lugar contado de alguns pelo ultimo do Mundo, deſembarcou ſem reſiſtencia todo o exercito, e com verdadeira fórma militar marchou na volta de Lisboa, diſtante de Caſcáes cinco legoas. Caminhavaõ os ſoldados alegres, levando por objecto o deſpojo deſta Cidade. Grande era a ſatisfaçaõ, que pretendiaõ de taõ facil e breve jornada, porém tinha eſta confiança a diſculpa de

Fica ElRey em Badajoz eſperando o ſucceſſo.

Chega o exercito a Setuval governado pelo Duque de Alva.

Embarcaſe na Armada, chega a Caſcáes, e marcha a Lisboa.

ſer

ſerem os meſmos a que ſe deo o ſaco da Cidade de Anvers por caſtigo de ſe amotinarem em Flandes; deſconcerto que veyo a ſer hum dos motivos mais principaes da contumacia, e victorias dos Olandezes. O Prior do Crato cõ o Cetro ſem ſegurança, e com a Coroa ſem firmeza, deſvanecido, e mal aconſelhado aguardava em Lisboa o ataque de hum exercito de vinte mil ſoldados velhos, governado pelo Duque de Alva hum dos mayor Capitaens daquelle tempo, naõ ſe achando para a oppoſiçaõ mais, que com quatro mil ſoldados, que naõ mereciaõ eſte nome, ſendo da qualidade que fica referido, e ſem outra noticia da arte militar, mais que aquella que lhe enſinava D. Antonio, que a naõ ſabia. Sahio elle a Bellem, lugar pouco diſtante de Lisboa, tanto que recebeo aviſo que os Caſtelhanos chegavaõ. As primeiras tropas inimigas intimidáraõ de ſórte a gente que levava comſigo, que deſemparando-o, ſe retiráraõ á Cidade: ſeguio-os por força D. Antonio; e o Duque de Alva, ſem outra contradicçaõ alojou o exercito com a frente na Ponte de Alcantara, occupando deſtramente todos os poſtos mais convenientes. O dia ſeguinte ſahio D. Antonio a buſcar na deſeſperaçaõ o ultimo remedio, que encontrou facilmente, naõ ſendo para os deſgraçados a fortuna nunca avara deſtes alivios: animou á empreza os que ſem diſpoſiçaõ nem fórma levava ao precipicio, atacáraõ todos furioſamente aos Caſtelhanos, e todos foraõ ligeiramente rotos, naõ ficando a D. Antonio outra jactancia, mais que a que lhe concedeo o Duque de Alva, chamando a eſte ſucceſſo victoria. Se o fabuloſo utilizára, deſtreza foy fazer corpo onde naõ houve materia, que faltou, e faltará aos Caſtelhanos em todos os ſeculos, para celebrárem eſte titulo contra Portugal. E neſte conhecimento naõ quiz a prudencia do Duque de Alva mal-lograr eſta pequena occaſiaõ, entrando em Lisboa com triunfo ſem lograr a victoria. Foy recebido nella com lagrymas univerſaes, chorando huns os que levou a morte, outros o que roubavaõ os ſoldados, todos a liberdade que perderaõ. Salvou-ſe D. Antonio, naõ podendo prevalecer ás diligencias dos Caſtelhanos que o buſcavaõ, contra a fidelidade

Marcha D. Antonio a Bellem, retira-ſe a Alcantara.

He desbaratado na Ponte.

Entra o Duque em Lisboa.

Salva-ſe D. Antonio Rendem-ſe os mais lugares do Reyno.

delidade dos Portuguezes, que o encobriraõ. A desgraça de Lisboa seguiraõ os mais lugares do Reyno, competindo na brevidade de entregar-se ao Duque de Alva: porque só quando os Portuguezes concorreraõ todos a render-se, conseguíraõ os Castelhanos subieitallos. Chegou a ElRey D. Filippe a nova de tanta felicidade a tempo, que hum perigoso catarro lhe havia posto a vida em duvida (taõ pequenos accidentes arruinaõ no Mundo as mayores fabricas): porém o alvoroço parece que foy remedio, porque convalesceo brevemente. Mas a Justiça divina, que lhe permittio a saude, naõ quiz dilatar-lhe o castigo. Tal era a qualidade da culpa de usurpar injustamente o Reyno á Duqueza de Bargança. Adoeceo a Rainha D. Anna de Austria sua quarta mulher, e em breves dias acabou em Badajoz a vida, com géral sentimento de seus vassallos, por ser ornada de muitas virtudes. ElRey, receando a corrupçaõ daquelles ares, mandou seus filhos para Madrid; e sem embargo da pena e dos lutos, recebeo em publico o Cardeal Riario, que veyo da parte do Summo Pontifice a notificallo, que naõ entrasse em Portugal com armas, e desse consentimento a que elle fosse Arbitro das contendas. Havia o Cardeal chegado á Corte muitos dias antes, que o exercito sahisse de Badajoz, porém ElRey, tendo noticia da instrucçaõ da embaixada, lhe negou audiencia, esperando que o Duque de Alva entrasse em Lisboa. Conseguido o intento, houvio a proposta, monstrou-se muito obediente á Igreja, despedio o Cardeal, e partio para Elvas.

Chega a ElRey a nova deste successo.

Morre a Rainha de Castella D. Anna.

Dà audiencia ao Cardeal Legado.

A cinco de Dezembro do anno de 1581. entrou ElRey em Elvas, dia em que naõ só passáraõ os infelices Portuguezes de filhos a vassallos, mas de vassallos a escravos, perdendo a liberdade, e a pureza dos costumes, em que permanecéraõ tantos seculos: porque entrou a ambiçaõ com as cadéas, e com os ferretes a lizonja, e de sorte se revestíraõ de hum, e outro traje, que em poucos dias naõ pareciaõ forçados, cegamente persuadidos da destreza dos Castelhanos, que para os enganar mais facilmente cobriaõ com demonstraçoens de amizade animos de inimigos. ElRey fazia particular estudo de naõ mos-

Entra em Elvas

mostrar à estes novos vassallos differença alguma no trato daquelle que haviaõ tido dos antigos Reys de Portugal, porque suspiravaõ. Neste sentido recebia muito brandamente a todos os que vinhaõ beijarlhe a maõ. Foy hum dos primeiros o Duque de Bargança, que de portel passou com sua casa a Villa-Boim, lugar seu, huma legoa de Elvas: entrou nesta Cidade com seu filho o Duque D. Theodosio, mostrando ao Mundo o pouco que importaõ as leys, quando nos litigios os Juizes se deixaõ sobornar, e a parte he hum Principe poderoso. ElRey os tratou com todas as demonstraçoens de affabilidade, e cortezia. No dia seguinte ao que chegáraõ a Elvas, passou ElRey a Villa-Boim, a visitar a Duqueza D. Catherina, que beijando-lhe a maõ, experimentou desvanecidas as justas esperanças que teve de reynar. Voltou ElRey no mesmo dia a Elvas, e brevemente partio a Thomar, para onde havia chamado Cortes. Por todos os lugares porque passava foy muito festejado, dourando os Portuguezes cegamente a pirola que tomavaõ, e de que brevemente experimentáraõ o amargoso interior. Celebrám-se as Cortes em Thomar, e juráraõ a ElRey os Tres estados do Reyno Foy o primeiro o Duque de Barcellos, o ultimo o Duque de Bargança seu Pay, o qual assistio com o Estoque, como Condestable, ao acto das Cortes. Lançoulhe ElRey em hum destes dias o Tuzaõ de ouro, parece que só a fim de o prender com mais huma cadea. Foraõ muitas as ceremonias deste acto, e grandes as demonstraçoens com que ElRey tratou ao Duque, e a seu filho. Sentiraõ muitos os Grandes de Castella esta preferencia: porém o animo delRey, entranhado nas sutilezas da politica naõ se deixou vencer das queixas dos grandes a que trazia taõ opprimidos, que eraõ os primeiros que sentíaõ a uniaõ de Portugal, por ser sagrado, de que se valiaõ nos successos de mayor aperto. Concluiraõ-se as Cortes jurando primeiro os Tres Estados ao Principe D. Diogo, primogenito delRey Catholico, e jurando ElRey de guardar os foros do Reyno divididos em vinte, e cinco Capitulos, que eraõ os mesmos que ElRey D. Manoel havia promettido aos Portuguezes, quando passou a ser jurado por Principe

O Duque de Bargança dà obediencia a ElRey de Castella.

Visita ElRey à Duqueza.

Parte a Thomar aonde chamou as Cortes.

He jurado nas Cortes.

Lança o Tuzaõ ao Duque.

de Castella, e Aragaõ, por succeder nestas Coroas sua mulher a Rainha D. Isabel filha primeira dos Reys Catholicos.

Capitulos que ElRey jurou ao Reyno.

Era a sustancia do que continhaõ os Capitulos: conservar a Coroa de Portugal nas leys, estyllos, liberdades, izençoens, moeda, Casa real, e officios della, de que usavaõ os Principes naturaes do Reyno: e que os officiaes serveriaõ aos Reys estando em Portugal. Excluiaõ aos estrangeiros das dignidades Ecclesiasticas, governos Civís, praças, habitos, comendas militares, jurisdiçóes, rendas, Titulos, lugares, senhorios, duaçoens, privilegios, prezidios, comercio, e trato das conquistas; e finalmente de tudo o que tocáva á Coroa de Portugal na paz, e na guerra, em que só entrariaõ privativamente os Portuguezes, admittindo aos estrangeiros, que tivessem servido esta Coroa em tempo dos seus Reys antigos. Que o Viso-Rey deste Reyno naõ seria senaõ Pessoa Real, que fosse filho, Irmaõ, ou Tio delRey. Que em qualquer parte que ElRey estivesse, assistiría com elle certo numero de pessoas com titulo de Conselho de Portugal, e só por suas mãos correriaõ todos os despachos, e que estes se escreveríaõ em lingua Portugueza: e que os Portuguezes seríaõ admittidos, como os Castelhanos, aos Officios da Casa real. Que as Cortes senaõ juntariaõ fóra do Reyno, e que só nelle se poderia tratar materia que lhe tocasse. Que do Summo Pontifice senaõ impetrariaõ Bullas para levar terças, nem subsidios das Igrejas. Que vagando bens da Coroa, senaõ poderiaõ applicar a ella, e só repartir-se pelos parentes da pessoa, por quem vagassem, ou por outras benemeritas. Que se acodiria ás conquistas de Portugal com as Armas de toda a Monarquia, sendo necessarias. Que se abririaõ os portos secos, comerciando os mercadores sem pagar direitos. Que ElRey faria, quanto lhe fosse possivel, por assistir o mais do tempo em Portugal, e que o Principe se criaria neste Reyno, para que cobrasse amor aos Portuguezes, e os estimasse conforme elles mereciaõ. E rematavaõ os Capitulos, dando a bençaõ a seus descendentes, que religiosamente tratassem de observallos, e amaldiçoando os que os alterassem. E que sendo caso que elle, ou seus Succes-
sores

ſores naõ guardaſſem tudo o promettido e jurado, que os Tres Eſtados do Reyno naõ ſeriaõ obrigados a eſtar pela concordia, e poderiaõ livremente negar-lhes ſubjeiçaõ, vaſſalagem, e obediencia, ſem por eſte reſpeito encorrerem em crime de leſa Mageſtade, nem outro nẽo caſo. Porèm eſta clauſula, ſe a naõ imprimiraõ os Caſtelhanos, achaſe na ley Regia de Portugal, impreſſa em Madrid por Joaõ Salgado de Araujo Abbade de Pera; e juſtificaſſe por todos os manuſcriptos daquelle tempo; ſendo a deſtreza de recatala a primeira demonſtraçaõ do animo, com que foraõ jurados todos os capitulos, que tocavaõ em conveniencias de Portugal: e aſſim nenhum houve dos que Filippe II. firmou neſte ſentido, que elle (em parte), ſeu filho, e neto totalmente naõ rompeſſem, com que foraõ os meſmos Principes os que juſtificáraõ mais, que todas as leys, a reſoluçaõ que os Portuguezes tomáraõ de ſe livrar de ſeu dominio.

Deſpedidas as Cortes, paſſou ElRey de Thomar a Almada, Villa que o Tejo, aonde he mais eſtreito, divide de Lisboa: em Almada aguardou ElRey alguns dias as prevençoens da entrada que havia de fazer em Lisboa. Entendeo-ſe que ſe detivera, eſperando reduzir o Prior do Crato D. Antonio por meyo do Duque de Medina Sidonia, com quem profeſſára ſempre eſtreita amizade: mas deſvaneceo-ſe eſta negoceaçaõ, e D. Antonio conſeguio ſalvar-ſe, paſſando em hum navio do Porto a França. ElRey entrou em Lisboa com apparato magnifico: porém moſtrou a Cidade mais o ſeu poder que o ſeu affecto; porque ſe obſervou, que naõ houve voz alguma, que o acclamaſſe. Acabadas as feſtas, entraraõ as pretençoens, a que ElRey deferio taõ eſtreitamente, que nenhum dos mais ſolicitos em lhe entregar o Reyno ſe achava, que naõ eſtiveſſe arrependido: porque como a ambiçaõ havia ſido directora das acçoens deſtes animos, tanto que ſenaõ viraõ ſatisfeitos, logo deixaraõ de ſer cegos. Pudera ſer contado como effeito toda prudencia delRey D. Filippe, naõ premiar eſtes Vaſſallos, para dar exemplo aos muitos que dominava; moſtrando que os Reys naõ devem pagar acçoens indignas, por naõ chegar

Paſſa ElRey a Almada.

Paſſa D. Antonio a França.

Entra ElRey em Lisboa.

a padecer o mesmo damno que fabricáraõ. Porém perturbou fazer-se este discurso a seu favor, a resposta que deo ao memorial offerecido pela Duqueza de Bargança: porque pedindo ella satisfaçaõ das promessas feitas pelo Duque de Ossuna a ElRey D. Henrique, assim de casar o Principe D. Diogo com huma de suas filhas, como das outras merces para a sua Casa acima referidas, remetteo ElRey o memorial ao Conselho de Estado, fiando-se na disposiçaõ dos Conselheiros, que tambem seriaõ ajudados das suas inspiraçoens. Votáraõ elles: que se pagasse com algum dinheiro o perjuizo, que padecera a Casa de Bargança no saco, que os Castelhanos deraõ ao Castello de Villa-Viçosa, em que perdeo hum grande tesouro; que prometteſſe dotes ás filhas da Duqueza, e beneficios Ecclesiasticos a seus filhos segundos. Conformou-se ElRey facilmente com o Conselho de Estado, e occultou o Duque o despacho, por naõ mostrar ao Mundo mais esta offensa, quando só o sofrimento podia achar por desafogo. Mas como materias taõ grandes naõ podem estar occultas, passando por tantas mãos, publicou-se esta, e castigou a censura do Mundo assim o desacerto delRey, como a lisonja dos Conselheiros de Estado; dando este remate à justa pretençaõ da Casa de Bargança, tendo só poder para lhe tirar as esperanças da Coroa a iniquidade dos animos, que vendéraõ a ElRey de Castella a sua justiça, e o ambicioso animo com que ElRey, sem ter alguma, se fez senhor do Reyno que lhe naõ pertencia: se bem ao passo das suas sem razoens experimentava ElRey os castigos do Ceo, porque quando tomou Lisboa vio morrer a Rainha sua mulher, e quando respondeo indignamente ao memorial da Duqueza de Bargança, lhe chegou aviso de Madrid da morte do Principe D. Diogo seu filho primogenito. Chamando Cortes a Lisboa buscou o alivio de taõ grande sentimento, fazendo jurar nellas por Successor de Portugal seu filho D. Filippe. Se Deos naõ fora mais poderoso, e taõ incomprehensivelmente justo, grande prudencia era buscar o remedio na causa do damno: porém hum Rey Catholico parece que estava obrigado, vendo-se soccorrido com estes auxilios, a depôr a contuma-

Naõ admitte o Duque os despachos delRey.

Morre o Principe D. Diogo, e jura e em Cortes D. Filippe.

cia desistindo da empresa, e naõ occasionar os estragos e mortes, que depois succedéraõ.

Achou-se nas Cortes o Duque de Bargança exercitando o Officio de Condestable: acabadas ellas, se voltou para Villa-Viçosa, onde morreo dentro de poucos dias, naõ podendo o animo com o pezo de tantos infortunios. Foy o seu genio religioso, e a sua inclinaçaõ espiritual, desposiçaõ que o levou a attender menos, do que era necessario, á diligencia da sua pretençaõ, e aspirando religiosamente a mayor Coroa, costumava dizer que por naõ cahir em huma culpa venial, deixaria perder o Imperio de todo o Mundo: virtude que inclue de sorte em si todas as outras, que basta para fazer immortal a sua memoria. ElRey Catholico, tanto que teve noticia da morte do Duque de Bargança, julgou que se lhe abríra o caminho de segurar a consciencia gravada com o pezo da justiça da Duqueza D. Catherina. Resolveu-se a tomalla por mulher, suppondo que ella naõ havia de pôr em duvida largar o direito da Coroa de Portugal pelo Dominio da Monarquia de Hespanha; e que elle em se livrar de escrupulo de tantas consequencias, naõ conseguia pequeno dote; buscando todos os caminhos para ficar cõ o Reyno sem escrupulo: porém nunca o escrupulo o fez largar o Reyno. Tomada esta resoluçaõ mandou por varias pessoas tentar o animo da Duqueza: acharaõ na todas mais alheya desta pratica, do que imagináraõ. Applicou ElRey o ultimo esforço, e entregou a disposiçaõ do combate a D. Inez de Noronha mulher de Vasco da Silveira, avó materna dos Condes de Unhaõ. Era dotada de muitas virtudes, que lhe grangeáraõ grande respeito, e authoridade na Corte: deo-lhe ElRey poder para usar de todos os caminhos suaves, e quando naõ bastassem, procurasse reduzir a Duqueza com ameaços. Passou D. Inez a Villa-Viçosa, fallou á Duqueza, e dispoz com todo o artificio o seu intento Entendeo logo a Duqueza o fim a que caminhavaõ os seus discursos, e dezejou atalhallos, passando varias vezes a outras materias: porém vendo que D. Inez se deliberára a lhe propôr as conveniencias, que lhe resultavaõ desta, como ella chamava, grande fortuna,

Morte do Duque D. Joaõ.

Determina ElRey casar com a Duqueza.

Elege D. Inez de Noronha para esta diligencia.

insinuando-lhe juntamente os dãnos, q̃ lhe poderiaõ resultar de resoluçaõ contraria; respondeo com espirito Real, generosidade de Matrona Portugueza; *que ella naõ havia de trocar as memorias do Duque D. Joaõ pela vaidade da Coroa de Hespanha, nem offender o direito de seu filho o Duque D. Theodosio por nenhum respeito humano, e que se este era o fim com que ElRey D. Filippe caminhava àquella pretençaõ, que errava a seu parecer o intento.porque seu filho naõ perdia o direito, que tinha á Coroa de Portugal ainda que ella o renunciasse, nem ElRey se livrava de escrupulo, comprando o que lhe naõ podia vender: e que quando estas razoens naõ bastassem para o dissuadir, que recolhendo-se em hum Convento atalharia a sua determinaçaõ.* Naõ cabe em algum peito humano mayor valor, nem mayor constancia! Voltou-se a Lisboa D. Inez com a resposta, que admirou toda a prudencia delRey D. Filippe: o qual vendo desvanecida esta idea, e conhecidas todas as disposiçoens, que bastavaõ para lhe assegurar a Coroa, depois de dous annos de assistencia em Portugal, determinou passar a Madrid, para dar calor a outros negocios da Monarquia, que pediaõ tratar-se de mais perto.

Generosa reposta da Duqueza.

Volta ElRey a Madrid.

Sahio de Lisboa, e passou á Villa-Viçosa a visitar a Duqueza de Bargança: neste lugar se deteve tres dias, e em todos elles teve muitas horas de conferencia com a Duqueza, tentando todos os caminhos de alcançar della o direito, que tinha á Coroa, offereceo-lhe grandes, e varios partidos; e a Duqueza naõ cedendo do valor referido, respondeo a ElRey, *que se ella tinha justiça, que naõ podia desherdar seu filho de taõ generosa pretençaõ, e que se naõ tinha, que sua Magestade acharia nelle muito bom soldado.* ElRey, dissuadido desta idea, passou a Villa-Boim, e seguio felicemente a jornada chegando a Madrid, onde foy recebido com géral contentamento de seus vassallos. Deixou por Governador de Portugal ao Cardeal Alberto Archiduque de Austria seu sobrinho, seu cunhado, e depois seu genro. Antes de tomar esta resoluçaõ teve intento, conforme se entendeo, de que ficasse governando este Reyno a Emperatriz Maria, sua Irmãa

Visita a Duqueza, que mostra a mesma constancia.

Deixa o Cardeal Alberto cõ o governo de Portugal.

viu-

viuva do Emperador Maximiliano, e Māy do Cardeal Alberto. Estando em Thomar lhe escreveo, pedindo-lhe que passasse a Hespanha. Naõ dilatou ella fazer a jornada, chegou a Barcelona, e logo passou a Portugal, aonde seu Irmaõ estava, e com elle voltou para Castella, mostrando o effeito que mudára de opiniaõ. O Cardeal tanto que começou a exercitar o dominio, mostrou logo o que os Portuguezes antes receavaõ, que ás Cortes de Thomar foraõ só formalidade occasionada do receyo. Começáraõ a quebrar-se as promessas, que ElRey com tantas ratificaçoens jurou em Thomar, e confirmou em Lisboa, guarnecendo-se as fortalezas com infantaria Castelhana, freyo que declarava a deliberaçaõ do jugo: Os negocios naõ se expediaõ como se havia promettido, esperando-se de Madrid a resoluçaõ das consultas de importancia, entendendo-se, que todas se haviaõ determinar em Lisboa: Os tributos dos portos secos naõ se levantáraõ: as forças maritimas se começáraõ adivertir para a jornada de Inglaterra, tirando-se do Reyno gente, artilharia, muniçoens, e dinheiro em grande quantidade: Os officios de justiça naõ se davaõ em Lisboa, proviaõ-se em Madrid á custa dos cabedaés dos pretendentes: Os castigos dos que fallavaõ qualquer palavra contra o governo, e dos que naõ haviaõ servido ElRey na conquista do Reyno, eraõ tantos, ainda que occultos, que senaõ perdoava, nem aos Religiosos; porque aquelles a que a tyrania suppunha delinquentes, eraõ arrebatados de improviso, e levados á Torre de Sangiaõ, donde os lançávaõ ao mar, que naõ querendo occultar tanto delicto, trazia os corpos ás redes dos pescadores, e retiravaõ-se dellas os peyxes offendidos do insulto, recusando ser mantimento de homens, que mudando as disposiçoens de Deos, lhes queriaõ dar homens por alimento; e foy necessario, que á instancia dos pescadores o Arcebispo de Lisboa fosse em procissaõ benzer o mar, profanado com tantos sacrilegios, para que elle (como succedeo) tornasse a pagar o tributo do peyxe, que dantes costumava. Arzilla, gloriosa conquista delRey D. Affonso V. se entregou a ElRey de Marrocos, naõ bastando aos moradores prometterem defender-se dos

Guarnecem-se as fortalezas com presidio castelhano, e quebrantam-se os mais capitulos que se juràraõ nas Cortes.

Tyranias dos Castelhanos.

Entrega-se Arzilla a ElRey de Marrocos.

Mouros, sem outro soccorro mais que o de seus braços; dando ElRey D. Filippe esta praça, e nella muitos lugares consagrados, só por divertir o emprestimo, que ElRey de Marrocos queria fazer ao Prior do Crato de duzentos mil cruzados. Estas e outras demonstraçoens accrescentáraõ de sórte a afflicaõ nos animos de todos os Portuguezes, que muitos se sahiraõ do Reyno, vendo que nelle naõ tinhaõ livres mais, que os olhos para ver o que padeciaõ, e chorar o que perderaõ: porém naõ faltavaõ outros a que naõ confundia o temor, e achando-se sem mais soccorro que o da esperança, recorriaõ ás profecias, e espalhavaõ-nas pelo povo, para que estivesse sempre vivo o dezejo da liberdade, até que o tempo offerecesse occasiaõ de procuralla. Caminhavaõ ao mesmo fim muitos Prégadores nos pulpitos, donde fallavaõ livremente, que confessava ElRey Catholico dar-lhe cuidado a guerra que lhe faziaõ; e ao passo deste receyo os mandáva castigar. Era hum dos mais resolutos o P. Luiz Alvares da Companhia de JESU, Religiaõ em que esteve sempre viva a fé Portugueza. Prégando este Religioso na Capella a ElRey, estando ainda em Portugal, dia de S. Filippe Apostolo, tirou do mesmo Evangelho o Thema, e com grande vigor voltou para ElRey, e lho referio dizendo: *Philippe, qui videt me, videt & Patrem*. E ajustou ao Thema hum discurso eloquentissimo, mostrando que a representaçaõ era o direito, que preferia a todo o outro, e que aquelle que o offendia, tyranizava a justiça. Bem conheceo ElRey, que fallava a favor da Casa de Bargança, mas valeo-se da sua prudencia para o dissimular, e admirou ao auditorio tanta ouzadia, atribuindo-a ás grandes letras, e virtude do Prégador. Este mesmo virtuoso Varaõ prégando ao Cardeal Alberto o Evangelho do paralytico, tomou por Thema, *Surge, tolle grabatum tuum & ambula*. E voltando-se para o Cardeal, lhe disse: Sereníssimo Principe, querem dizer estas palavras, levantay-vos depressa, tomay o vosso fato, e ide para vossa casa. Alentavaõ se com este pequeno desafogo os Portuguezes opprimidos com tanta multidaõ de pezares. O Cardeal naõ teve no seu governo mais cuidado, q̃

Liberdade generosa do P. Luiz Alvares.

o in-

o inntempestivo assalto que o Prior do Crato D. Antonio deo a Lisboa com huma Armada de Inglaterra, que a Rainha Isabel lhe permittio persuadida da politica de meter a guerra em casa a ElRey Catholico, como elle havia feito pouco tempo antes. D. Antonio saltou em terra em Peniche, nobre Villa dos Condes de Atouguia, que dista doze legoas de Lisboa, caminhou a esta Cidade sem opposiçaõ, entrou o arrabalde della, e foy rebatido das antiguas muralhas: naõ achando no Reyno os parciaes que suppunha, se tornou a embarcar sem outro effeito. Passou-se segunda vez a França, e morreo em Paríz cançado de procurar favores alheyos, verdugo que acaba muito depressa a vida: Está sepultado na Igreja da Ave Maria, conservando na humildade da sepultura o titulo de Rey, que até as cinzas cobrem os homens com desvanecimento.

Entra D. Antonio em Portugal com huma Armada Ingleza.

Morre em Pariz.

ElRey D. Filippe em quanto viveo depois de usurpar Portugal, que foraõ dezoyto annos, sempre passou em continuo cuidado da pouca segurança com que dominava animos forçados e bellicosos, e conforme o receyo foraõ as cautellas, e as prevenções, até que os achaques, unindo-se aos annos, lhe vencéraõ o espirito, e com setenta, e hum de idade acabou a vida no Escurial a 17. de Setembro do anno de 1598. Foraõ tantas as penas com que morreo e taõ continuas, que parece aguardava o Tribunal divino que elle restituisse Portugal á Duqueza de Bargança: porém acabou sem esta satisfaçaõ, fiado, como se entende, na misericordia de Deos, que muitas vezes querendo governala a fraqueza das nossas idéas, e usar della como nos convem, e naõ como somos obrigados, vimos a condenarnos pelos mesmos fundamentos, que nos facilitaõ a sentença. Foy ElRey D. Filippe, á custa da liberdade Portugueza, o primeyro Rey a que obedeceo toda a Monarquia de Hespanha, depois de sua destruiçaõ infelice. Logrou o titulo de Prudente, porque nos Principes assim como ás virtudes, tambem aos vicios se chamma politica: mas a politica naõ merece sempre o nome de prudencia, porque nem sempre alcança fundamentos virtuosos, e naõ póde haver verdadeira pru-

Morte del Rey D. Filippe II. e seu elogio.

prudencia ſem eſte alicerſe. Cuidava muito do governo, conhecia os vaſſallos, premiava os merecimentos, ouvia a todos, e a todos reſpondia, naõ com generalidade, ſenaõ com reſoluçaõ ás pretençóes de que moſtrava ter inteira noticia; porem ſe acaſo ſuſpeitava que para a conſervaçaõ do Imperio era neceſſario cortar por muitas vidas, a nenhuma perdoava, ainda que as culpas naõ foſſem muito manifeſtas, e os dilinquentes foſſem os mais chegados em ſangue. Pretendeo dominar toda Europa, mais com as negoceaçóes que com as armas; e aquellas a que deu exercicio, foraõ entregues a varios Capitaens, naõ ſeguindo o exemplo do Emperador ſeu Pay, mais amante das victorias, que dos Reynos, por ſerem ganhadas pelo ſeu braço. Com o pretexto da Religiaõ introduzio em França a guerra civil, e com induſtrias, promeſſas, ameaços, e exercitos ſe fez ſenhor do Reyno de Portugal, que lhe naõ tocava. Teve eſtatura pequena, preſença veneravel, olhos grandes e azuis, nariz bem proporcionado, beiços groſſos, o debaixo cahido como da Caſa de Auſtria, e todo junto era de aſpecto verdadeiramente real. Careceo do ſentido do olfato, e coſtumava a dizer que o naõ offendia, porque deſeſtimava as delicias. Aborreceo tanto deixar-ſe governar de ſeus validos, que antes de eſpirar, dizendo-lhe D. Chriſtovaõ de Moura, que uſaſſe do alivio de que deixava hum filho muito capaz do Imperio, lhe reſpondeo: *Ay D. Chriſtovaõ que temo que o haõ de governar.* Caſou quatro vezes: a primeira com D. Maria filha delRey D. Joaõ o III. de Portugal: a ſegunda com Maria Rainha de Inglaterra filha de Henrique VIII. de que naõ teve ſucceſſaõ: a terceira com Iſabel filha de Henrique II. Rey de França: a quarta com Anna filha do Emperador Maximiliano. Teve por filhos da primeira o Principe D. Carlos, que morreo prezo em hum quarto de Palacio: da terceira D. Iſabel Condeça de Flandes, mulher do Archiduque Alberto, e D. Catherina, mulher de Carlos Manoel Duque de Saboya: da quarta D. Fernando, e D. Carlos Lourenço, q̃ morréraõ mininos, D. Diogo, que morreo jurado Principe de Portugal, D. Maria que morreo minina, e D. Filippe

pe que ſuccedeo na Coroa de Portugal.

Morto ElRey D. Filippe, creſcéraõ as deſgraças de Portugal na ſegunda ſubjeiçaõ de ſeu filho Filippe III. de Caſtella, e contado por ſegundo de Portugal; porque naõ herdando de ſeu Pay a prudencia, como os Reynos, governado pela ambiçaõ, e deſconcerto de ſeus validos, entrou, declarando com varias demonſtraçoens o intento de abater as forças deſte Reyno por todos os caminhos, que miniſtravaõ os accidentes, e que arguiáõ os mal intencionados. Mandou levantar gente em Portugal para Flandes, acreſcentando aos ſoldados as pagas, para que o intereſſe dellas os obrigaſſe a deſpovoar o Reyno, que determinava fazer Provincia: e paſſou tanto adiante o odio que teve á Naõ Portugueza, e o dezejo de abatela, que ajuſtando no anno de 1609. a indecoroſa tregoa com os Olandezes, que o Mundo ſoube, e todas as Naçoens murmuráraõ, capitulou, que ſe entendia cõ todos os Reynos, e Senhorios da Coroa de Caſtella deſta parte da Linha, ficando com a guerra aberta da Linha para alèm, que ſaõ todas as conquiſtas do Reyno de Portugal: com que veyo a entregar nas mãos dos Hereges a mayor parte das conquiſtas glorioſamente compradas cõ o ſangue dos Portuguezes. A Mina, e Guinè experimentáraõ primeiro eſta deſconcertada politica, deixando os Caſtelhanos perder eſtas conquiſtas, parece que taõ claramente por ſua vontade, que a guerra de Guinè durou tres annos ſem conſeguir o mais leve ſoccorro. Padeceo a India igual deſgraça, e naõ ſentio o Braſil menor damno. Os apreſtos das náos da India eraõ taõ dilatados, que ſe perdiaõ hora as monçoens, hora os navios; e as frotas do Braſil taõ pequenas, e mal aparelhadas, que ſó naõ animavaõ o noſſo poder, ſenaõ que cahindo nas mãos dos inimigos lhes acreſcentavaõ as forças. Eſtes deſconcertos prejudicáraõ igualmente a todos os Eſtados do Reyno, e diminuíraõ de ſórte os cabedaes dos particulares, que ſendo a Praça de Lisboa huma das mais ricas do Mundo, vieraõ a extinguir-ſe quaſi todas as correſpondencias dos homens de negocio. E finalmente procurava ElRey D. Filippe obſervar com Portugal o dictame de ſeu Pay,

Succede D. Filippe III.

Manda fazer levas para Flandes.

Excluem-ſe da tregoa de Olanda as conquiſtas de Portugal.

que

que costumava dizer, era melhor a hum Principe ser Senhor de hum Reyno arruinado e seguro, que florente e poderoso com o perigo de inquietar-se

Entra ElRey em Lisboa.

Passou ElRey a Portugal no principio do anno de 1619. Foi recebido em Lisboa com festas taõ magnificas, que confessou que só aquelle dia entendéra que era Rey. Este encarecimento levantou tantos ciumes nos coraçoens de seus validos, senhores absolutos do seu alvedrio, que desluzíraõ com elle de sórte as acçoens dos Portuguezes, q̃ dando mais credito aos ouvidos que aos olhos, trocou em odio de toda a Naçaõ as primeiras apparencias de agrado. A penas houve Portuguez de que se deixasse tratar (desprezo que a Naçaõ Portugueza, criada nos braços dos antigos Reys que teve, sentio como o mayor aggravo.) Deixe-se ver, e communicar o Principe que for Senhor de Portugal, se, como as vidas, quizer dominar os alvedrios de seus vassallos. Faltou ElRey aos Portuguezes naõ só com o favor, mas com a justiça: porque negou quasi todas as mérces que lhe pedíraõ, aos que as pretenderaõ em satisfaçaõ de grandes serviços, e da mesma sórte os lugares, occupando nelles vassallos de Reyno differentes, E como todo o intento delRey era abater agrandeza de Portugal, os mayores golpes se encaminháraõ ao melhor Alvo: mas dos tiros, e dos laços se soube desviar a prudencia do Duque de Bargança D. Theodosio, contra quẽ se armáraõ. Eraõ grandes, e differentes os motivos de inveja e de ciume, que dava a ElRey, e seus Ministros a sua grandeza. Consideravaõ, a justiça com que aspirava á Coroa, o amor com que os Portuguezes lha offerecéraõ, se acháraõ meyos proporsionados para entregar-lha, e a differença que fazia a todos os Grandes na magnificencia com que se tratava. O Duque de Uzeda, primeiro Ministro delRey, fazia em Madrid ostentaçaõ da sua amizade: porém chegando a Elvas, e negando-lhe a Excellencia, que todos lhe tributavaõ, troucou em odio os primeiros affectos, e fez toda a diligencia por empenhar o Duque de Bargança em lance taõ difficil, que o obrigasse, ou a cahir em hum grande dezar, sofrendo-o, ou a padecer hum grande castigo, resistindo. Porém o Duque sem-

Ciumes dos Castelhanos da Casa de Bargança.

ſempre advertido, e ſempre generoſo, nunca encontrou accidente, em que por nenhuma das partes perigaſſe, ſabendo ſahir-ſe com mayor credito de todos os embaraços que lhe diſpuzeraõ. Teve ordem hum ſoldado da guarda para impedir-lhe a entrada de huma porta do Paço, no dia que ſe celebrava o Acto das Cortes, moſtrando que o deſconhecia: diſſe-lhe o Duque com muitas moderaçaõ: *Leixay-me entrar que ſe naõ póde fazer ſem mim eſta feſta.* Montando a cavallo, e ſeu filho o Duque de Barcellos D. Joaõ (que de poucos annos veyo a aprender a Lisboa as ceremonias com que ſe coroavaõ os Reys de Portugal,) quando ſahiaõ do Paço ſe travou huma pendencia entre os ſeus criados, que eraõ muitos, e os ſoldados infantes de huma companhia que eſtava de guarda, e lhe haviaõ tomado as armas: atreveo-ſe hum delles ſoldados a meter o moſquete á cara contra o Duque; vio elle a reſoluçaõ, e foy andando ſem fazer caſo della: prenderaõ o ſoldado, quizeraõ, ou moſtráraõ, que queriaõ enforcallo, perdo-ou-lhe ElRey por interceſſaõ do Duque. Quando ſe partio para Villa-Viçoſa, acabadas as Cortes, lhe diſſe ElRey que pediſſe mercês: reſpondeo-lhe generoſamente: *Seus Avôs de voſſa Mageſtade, e os meus deraõ tanto a minha caſa que a deſobrigaraõ de ter que pedir.* Partio-ſe, e deixou aos Caſtelhanos confuſos e admirados. Todas as Cortes a que aſſiſtio, reclamou occultamente; como conſta de dous proteſtos, que ſe acháraõ depois da ſua morte: porque em quanto viveo os naõ fiou nem de ſeus filhos. (Aſſim o ouvi muitas vezes referir a ElRey D. Joaõ.) Continhaõ elles eſtas palavras. *Proteſto por diante de Deos como verdadeiro Juiz, e Senhor de todas as couſas; e tomo por Juiz deſte meu caſo, e por minha Advogada a glorioſa Virgem Maria, e por teſtemunhas todos os Santos de que tudo o que mandey fazer fiz, e dey conſentimento ſobre a coroaçaõ de Sua Mageſtade neſte Reyno de Portugal, digo que naõ hey por valioſo por ſer contra minha vontade, e medo cadente in conſtantem virum, & reclamo omni meliori modo, que em direito houver lugar, e aſſim o revogo, e hey por revogado tudo o que em meu prejuizo ſe fizer, e de meus herdeiros daquẽ*

Perigo do Duque D. Theodoſio.

Piedade com o ſoldado que mais o offendeo.

Volta a Villa Viçoſa.

Proteſto do Duque.

per

por diante, e declaro que os juramentos naõ foraõ valiosos, por naõ ter vontade nem tençaõ, e ser menor de idade de catorze annos; e por firmeza disto fiz este por mim, e o assiney, e selley com o sinete de meu escritorio, a 15. de Outubro do anno 1592. e assinava-se. Dizia o segundo protesto. *Torno a reclamar, e haver por nullo o que se fez nestas Cortes com meu consentimento, por ser levado de medo cadente in constatem virum, e revogo o que está feito até aqui em meu prejuizo, na melhor fòrma, que em direito houver, e invoco em meu favor a Santissima Virgem Maria a S. Bernardo, e ao Santo Condestable, e tomo por minhas testemunhas a todos os Santos, e assim o protesto diante do verdadeiro Juiz, e declaro que tudo isto he sobre o direito que tenho á Coroa de Portugal.* Assinava-se; e era justificado este protesto por Manoel de Oliveira Notario Apostolico. Destas diligencias, ainda que o Duque D. Theodosio naõ logrou em sua vida o fructo conseguiu-o seu filho o Duque D. Joaõ, a quem consta disse no acto das Cortes, que naõ fizesse tençaõ de jurar. Pouco tempo antes que o Duque viesse ás Cortes fallecéraõ sua Māy a Duqueza D. Catherina, Matrona de taõ excellentes virtudes como temos referido, e sua mulher a Duqueza D. Anna de Velasco filha do Condestable de Castella. Viveo elle até o anno de 1630. em que acabou com oppiniaõ de singular virtude, primeiro fundamento da grandeza, e gloria estabelecida em seu heroico Filho, e Descendentes.

Volta ElRey a Madrid, aonde morre. Seu elogio.

ElRey D. Filippe, depois de assistir sette mezes violentado em *Lisboa*, se voltou para Madrid, naõ deixando em Portugal mais que aggravos a huma Naçaõ, a que nunca domou o mào trato. Pouco tempo depois de chegar a Madrid acabou a vida, naõ lhe durando mais que até o ultimo de Março do anno de 1621. Era de 43. annos, e havia reynado vinte e dous e meyo: está enterrado com seus Pays no Mosteyro Real de Saõ Lourenço do Escorial. Foy de estatura com mais proporçaõ que grandeza, branco e louro, olhos azuis, beiços grossos, e aspecto magestuoso. Venerava muito a Igreja, e era inclinado á misericordia: porêm fez certo o vaticinio de seu

ſeu Pay, entregando-ſe de ſorte á vontade de ſeus validos, que elles foraõ os que reynáraõ abſolutamente, taõ attentos aos intereſſes proprios, que occaſionáraõ males grandiſſimos â Monarquia de Heſpanha, os quaes poucas vezes chegavaõ á noticia delRey. Tal era a deſatençaõ com que ſe deixava governar. Caſou com D. Margarida de Auſtria, filha dos Archiduques Carlos e Maria: morrendo ella, ſe entendeo que vivera em perpetua continencia. Foraõ ſeus filhos, D. Filippe que ſuccedeo no Sceptro, D. Anna Maria mulher delRey de França Luiz XIII. D. Maria, que caſou com ElRey de Ungria; D. Carlos, D. Fernando, D. Margarida, D. Affonſo, que morreraõ ſem ſucceſſaõ.





HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO

LIVRO II.

SUMMARIO



UCCEDE na Coroa de Portugal Filippe IV. Tumulto do Povo pela opressaõ dos tributos. Perde-se a Bahia. Armada que se junta para a restaurar. Une-se em Cabo-Verde com a de Castella. Chegaõ as Armadas â Bahia, sitiaõ a Cidade que se entregua. Declara ElRey por valido ao Conde Duque. Elege Diogo Soares, e Miguel de Vasconcellos Secretarios de Estado, aquelle em Madrid, este em Lisboa. Propoem-se â Nobreza novo tributo de quinhentos mil cruzados, naõ se aceita. Depoem se os Governadores por este respeito. Succede-lhe D. Diogo de Castro. Elege ElRey para gover-

governar o Reyno a Duqueza de Mantua. Instiui-se em Madrid a junta do desempenho. Mandaõ-se executar os tributos. Altera-se o Povo de Evora, e soccega-se com o castigo de alguns delinquentes. Chamaõ-se a Madrid varias pessoas principaes. Buscaõ-se pretextos para tirar do Reyno o Duque de Bargança, e a mais Nobreza. Elegem o Duque Capitaõ General do Reyno: passa a Almada: visita a Duqueza de Mantua, e volta para Villa Viçosa. Altera-se Cathalunha. Chama ElRey o Duque, e a Nobreza a Madrid com o fim de fazer Portugal Provincia. Resolve-se a Nobreza a entregar a Coroa ao Duque de Bargança. Aceita a offerta que lhe fizeraõ. Acclama-se ElRey fellicemente em Lisboa, e em todo o Reyno. Morre Miguel de Vasconcellos. Prendem a Duqueza. Entra ElRey em Lisboa.

Governo de Filippe IV.

SUccedeo na Monarquia de Hespanha Filippe IV. para Portugal Terceiro. Entrou no governo desembainhando sem dissimulaçaõ a espada contra este Reyno, que experimentou na infelicidade daquelle seculo, na mudança das Coroas, multiplicada a tyrania. Sem chamar Cortes acrescentou os tributos em Portugal com tal excesso, que vieraõ a ser intoleraveis. Mandou lançar o real de agua em todo o Reyno, dobrou as cizas, no sal se puzeraõ novas contribuiçoens, acrescentáraõ se os direitos nas caixas de açucar, mandou-se pagar meya nata de todos os Officios de fazenda, e justiça, de que se origináraõ roubos sem conto, e extorçoens sem medida. Passávaõ se as Ordens em Castelhano, e a Bulla da Cruzada se alcançou perpetua, applicando-a a usos illicitos, quando o Summo Pontifice havia concedido o dinheiro, que resultava della, para conservaçaõ das Praças de Africa. Naõ eraõ os Ecclesiasticos menos gravados que os seculares, pagávaõ subsidios e mezadas, e os Breves que se alcançavaõ para estas contribuiçoens, narravaõ contra a verdade o consentimento géral do Reyno;

no; porque os povos ſempre reclamáraõ, e ſó obrigados da violencia obedeciaõ. Fez-ſe eſtante das mercadorias, e com titulo hora de empreſtimo ſem reſtituiçaõ, hora de eſmola ſem merecimento, ſe levava o dinheiro para Caſtella. Recolhiaõ-ſe da meſma ſórte as rendas applicadas para reſgate de Cativos, expondo-os a perderem huns a Fé na deteſperaçaõ da liberdade, outros a eſperança de conſeguilla. A terça parte dos bens dos Conſelhos, que os povos conſignáraõ para reparo das fortificaçoens, levavaõ os Cathelhanos; em que naõ ſó conſeguiaõ mais eſte cabedal, mas juntamente a ruina das muralhas, que para abater de todo a confiança, e reſoluçaõ dos Portuguezes, dezejavaõ ver aſſoladas. Os Miniſtros Caſtelhános, que aſſiſtiaõ em Lisboa, tambem lançavaõ tributos: foy hum delles mandarem que os barcos naõ ſahiſſem a peſcar ſem contribuir, tirando com mais certas redes, que as dos peſcadores, o primeiro lanço, livres do perigo das tempeſtades. Exaſperou eſte deſconcerto deſórte os animos dos populares, que gritando liberdade, profanáraõ com pedradas as janelas do Paço; porém faltando-lhe a alma da Nobreza de que ſó ſe animaõ, ſoccegárao o impulſo; porque entregues naquelle tempo os de mayor qualidade huns ás eſperanças do governo de Caſtella, outros á deſconfiança de abatelo, tratavaõ de ſervir ſem contradiçaõ, e de obedecer ſem controverſia. Eſta diſpoſiçaõ daquelles animos ſe juſtificou na competencia, com q̃ todos ſe embarcáraõ para o Braſil a reſtaurar a Bahia de todos os Santos, ampliſſima enſeada, e porto da Cidade de S. Salvador, que os Olandezes ſem reſiſtencia haviaõ ganhado. Conſtou-lhes o pouco que os Caſtelhanos animavaõ eſta conquiſta, e o muito deſcuido com q̃ os Portuguezes a guarneciaõ, tendo ſó por objecto os intereſſes do commercio. Aparelháraõ nos portos de Olanda huma Armada de trinta e cinco navios que levava 3000. homens entregaraõ-na a Joaõ Vandoort; a quem deraõ por Almeirante Jacob Vilhebens. Publicáraõ que a jornada era âs Indias Occidentaes. Sahio a Armada em Dezembro, e paſſada a Linha a ſeis gráos do Sul, abertas as inſtrucçoens, acháraõ que os mandavaõ ir ſobre a

Tumulto do Povo pela opreſſaõ dos tributos.

Bahia e interprender a Cidade de S. Salvador, Metropoli de todo o Estado do Brasil, Provincia que fica naquella vastissima parte do Mundo Novo, que se chamma America, ao Oriente della, e a respeito de nós outros ao Occidente, muito mayor que toda Europa, e com 1200. legoas de costa de mar, agradavel, e fertilissima. O sitio da Cidade he hum pouco elevado, e apovoaçaõ corre de Norte a Sul, em fórma prolongada. Entrou a Armada na Bahia, e bateo da marinha o Arrabalde. Era governador daquelle Estado Diogo de Mendonça que estava na Cidade, e seu filho Antonio de Mendonça defendia hum forte ainda imperfeito, que se havia levantado dentro da agoa defronte do Arrabalde. A poucos golpes da artilharia o desemparou, deixando livre aos Olandezes poderem lançar gente em terra, como logo executáraõ, desembarcando 1000. mosqueteiros, que sem resistencia se introduzíraõ no Arrabalde chamado de S. Bento. Cerrou-se a noite, e desemparáraõ os moradores a Cidade, de que os Olandezes ao romper da Alva se fizeraõ senhores. Acháraõ o Governador em sua casa, della o leváraõ prezo para a Capitania arrependido, como se deve entender, de naõ haver prevenido as disposiçoens necessarias para a defensa da Cidade, que puderaõ segurar-lhe a mayor gloria.

Perde-se a Bahia.

Os moradores da Cidade sem mais attençaõ que a salvar as vidas, se occultáraõ nos bosque vizinhos a ella, deixando os Templos expostos ás sacrilegas maõs dos Hereges, e as casas entregues á ambiçaõ dos inimigos. Só no Bispo D. Marcos Teixeira se achou valerosa resoluçaõ: offereceo-se com os seus Clerigos em habito militar ao Governador para a defensa da Cidade, naõ lhe admittio a proposta, e retirou-se a huma Aldea do Certaõ. Mathias de Albuquerque, de que se puderaõ esperar differentes effeitos, estava governando Pernambuco, donde avisou a ElRey a perda da Bahia. Tanto que o aviso chegou a Madrid, escreveo ElRey da sua maõ aos Governadores de Portugal, que eraõ naquelle tempo D. Diogo de Castro Conde de Basto, e D. Diogo da Silva Conde de Portalegre: encarecia-lhes o muito que estimava-

va o valor, e fidelidade Portugueza, e as finezas que em correfpondencia de feu amor efperava, que obráffem em occafiaõ taõ grande como a perda da Bahia. Era a caufa deftas demonftraçoens o perigo que corriaõ os intereffes das Indias Occidentaes, que fe o damno fora fó da Coroa de Portugal, póde fer que facilmente o diffimuláraõ os Caftelhanos. Vendo-fe os Portuguezes menos defprezados delRey, moftráraõ o muito que fabem obrar favorecidos. Juntou-fe á nobreza de Lisboa quafi toda a que eftava dividida pelo Reyno, e a pouco cufto da fazenda real fe apparelharaõ em tres mezes 26. navios, que fahiraõ com as aguas do Tejo a bufcar as do Oceano. Era General da Armada D. Manoel de Menezes valerofo e pratico naquella profiffaõ, Almeirante D. Francifco da Almeida, e juntamente Meftre de Campo de hum de dous terços em que fe dividia a guarneçaõ dos navios, do outro terço era Meftre de Campo Antonio Monis Barreto, e cada hum dos dous fe compunha de 1900. infantes. Tinha ordem de Madrid D. Manoel para aguardar a Armada de Caftella em Cabo-Verde, que executou com grande prejuizo pela corrupçaõ daquelles ares. Em Fevereiro do anno de 1625. chegou a Armada de Caftella a Cabo-Verde com 40. navios. Trazia por General D. Fadrique de Toledo, Marquez de Vualdoeza, hum dos Capitaens de mayor eftimaçaõ daquelle tempo, por Almirante D Joaõ Faxardo de Guevara. Conftava a guarniçaõ de 8000. homens entre foldados e marinheiros: os foldados divididos em tres troços, dous de Hefpanhoes e hum de Italianos, de que eraõ Meftres de Campo D. Pedro Oforio, D. Joaõ de Orelhana e o Marquez de Torrecuffa. De Cabo-Verde fahiraõ as Armadas na volta da Bahia, onde entráraõ Sefta feira da Somana Santa. O tempo que fe dilatou efte foccorro havia feito guerra aos Olandezes o Bifpo D. Marcos Teyxeira com a gente que pode juntar: morreo quando dava mayor calor ás emprefas, Succedeo-lhe Francifco Nunes Marinho, até que chegou do Reyno D. Francifco de Moura nomeado por ElRey Governador daquelle Eftado, que com alguma gente que trouxe comfigo, e que achou junta ganhou aos Olandezes os Arrabaldes do

Armada para a reftauraçaõ da Bahia.

Juntafe em Cabo Verde a Armada de Caftella.

Entraõ na Bahia.

Carmo e S. Bento: mas com pouco damno da Cidade, porque estava bem fortificada, e no porto ancoravaõ 26. navios: a guarniçaõ constava de 3000. homens de varias naçoens, e a Cidade estava prevenida com todos os mantimentos e muniçoens necessarias para largo sitio. Tanto que as Armadas chegáraõ ao porto, saltaraõ em terra 4000. homens á ordem do Marquez de Corpani Pedro Ruiz de S. Estevaõ: deo-lhe calor D. Fadrique de Toledo com o resto da infantaria, e huns e outros desembarcaraõ sem opposiçaõ. Na Armada ficou D. Manoel de Menezes, que a dispoz em huma meya lua por evitar a fugida aos navios de Olanda. D. Fadrique tomou posto, aquartelou-se, levantou trincheiras, e começou logo a dispôr as baterias. Fizeraõ os inimigos huma sahida com 300. homens, que custou as vidas a 50. das tres naçoens: Porém plantada a artilharia, e encaminhadas as balas ás defensas de mayor importancia, foy taõ consideravel a ruina, que tomou posse o temor do coraçaõ dos defensores, fomentando-o o damno que D. Manoel de Menezes fazia assim nos navios que estavaõ ancorados, como na gente que andava na marinha. Sustentavaõ-se os sitiados nas esperanças de hum soccorro que aguardavaõ de Olanda: porém naõ chegando senaõ depois de rendida a Cidade, para ter mais testemunhas a desgraça que padeçéraõ, tratáraõ os defensores de entregála; e porque o Governador contradizia aquella deliberaçaõ, se amotináraõ, e entendendo os soldados que por naõ fugirem queria o Governador mandar-lhes, queimar a Armada, antes que elle tomasse esta generosa resoluçaõ, entregáraõ a Cidade á mérce dos vencedores, depois de trinta dias de sitio. Entráraõ nella os Castelhanos, Portuguezes, e Italianos, e usáraõ da victoria ainda com mais ambiçaõ que os Olandezes, saqueando, e destruindo os edificios da Cidade com tanto excesso, que naõ contou por menores inimigos os que a renderaõ, que os que a restauráraõ. As Armadas com os prisioneiros, e com o despojo se partiraõ da Bahia, e castigando Deos com varias tormentas a impiedade usada na Cidade, chegáraõ com consideravel perda de navios, e gente a ancorar nos seus portos. ElRey D. Filip-

pe

pe em ſatisfaçaõ deſta jornada fez mérce a todos os fidalgos Portuguezes, que foraõ nella, de huma vida mais nos bens da Coroa, Ordens que logravaõ, e parece que antevendo havia de ter effeito eſta mérce debaixo de outro dominio, quiz á cuſta alheya pagar tantas finezas: porem naõ ſe póde negar que foy eſta mérce muito conſideravel, comprehendendo a quaſi todas as peſſoas principaes, que fóraõ á jornada da Bahia, e reſultando della a muitas grandiſſima utilidade.

Naõ durou muito eſta fortuna da reſtauraçaõ da Bahia, ſem que Portugal padeceſſe igual deſgraça na perda de Pernambuco: porque os Olandezes que ou na guerra, ou na paz de Caſtella tiveraõ ſempre por objecto dos ſeus intereſſes as Conquiſtas de Portugal, tratadas como fazenda alheia todo o tempo que durou o dominio daquella Monarquia, havendo reſtaurado no anno de 1628. a Companhia Occidental a deſpeza da guerra antecedente com a preſa que fez Pedro Moyno Cabo de huma eſquadra da meſma companhia na frota da nova Eſpanha, que ſe eſtimou em Olanda em nove milhoens, determináraõ empregar eſte cabedal em mayores intereſſes. Depois de varios diſcurſos concordáraõ que a mais util empreſa era tornar ao intento da conquiſta do Braſil, Imperio quaſi igual a toda Europa. Que a guerra devia começar em Pernambuco, para a empreſa a mais facil, e para a Companhia a mais util. A mais facil pela debilidade das fortificações do Arricife e Villa de Olinda (lugares ſituados na diſtancia de huma legoa) e pelo deſcuido dos Portuguezes, a quem o paroxiſmo da larga ſervidaõ havia ſuffocado o alento, e entorpecido os braços. A mais util por comprehender Pernambuco ſó pela Coſta 60. leguas de Longitud, começando em ſette gráos, e dous terços Auſtraes na Ria de Santa Cruz, que faz a Ilha de Itamaracá, e acabando no Rio de S. Franciſco, que eſtá em dez gráos e meyo; comprehendendo eſte diſtricto mais de cem Engenhos que fabricaõ o aſſucar, que tiraõ de muitos canaveáes, quantidade de páo que chamam Braſil, genero de grande importancia, muito tabaco, algodaõ, gingibre, e outras drogas. Que na felicidade de con-

ſeguir eſta empreſa conſiſtia a facilidade de paſſar á da Bahia, e que na conquiſta deſtas duas Praças ſe cifrava a de todo o Imperio do Braſil, o qual ganhado era a eſtrada, que facilitava o dominio das Indias Occidentaes, de que poderiaõ aos Eſtados de Olanda reſultar as conſequencias, que com pouco trabalho do diſcurſo ſe faziaõ patentes na qualidade da empreſa. Abraçáraõ os Eſtados da Companhia Occidental eſtas razoens, e brevemente paſſando-ſe do Conſelho á execuçaõ, deo á vela huma Armada de 70. navios, em que hiaõ embarcados treze mil homens, outo mil de guerra, os mais applicados á navegaçaõ. Era ſeu General Henrique Lonc, Almeirante Rodrigo Simon, e General da Infantaria para ſaltar em terra Theodoro Vanduar Demburg. Chegou eſte aviſo a Madrid, e achando-ſe naquella Corte Mathias de Albuquerque, que havia pouco tempo antes governado o Braſil, pareceo aos Miniſtros delRey de Caſtella o ſubjeito mais capaz de ſe lhe fiar eſta empreſa: porque alem do ſeu valor e largas experiencias, era Pernambuco de ſeu Irmaõ mais velho Duarte de Albuquerque Coelho. Propoz-ſe-lhe a commiſſaõ, aceitou-a, e partio da Corte com largas ordens para que ſe lhe deſſe toda a infantaria, e prevençaõ neceſſaria: porém chegando a Lisboa, naõ lhe valendo varias diligencias, nem requerer como proprio o negocio publico, veyo ſó a conſeguir tres caravelas com pouca gente e algumas munições, Embarcou-ſe para Pernambuco, proteſtando aos Miniſtros a perda e damno que ſuccedeſſe, diligencia inutil na felicidadẽ, e na deſgraça dos que tomaõ por ſua conta grandes empreſas: porque ſe ſe logiaõ, naõ ſerve, e ſe ſenaõ conſeguem, naõ val. Sahio Mathias de Albuquerque de Lisboa a 12. de Agoſto do anno de 1629. e chegou ao porto do Arrecife a 18. de Outubro, governando neſte tempo o Braſil Diogo Luiz de Oliveira, dominio de que hia izento Mathias de Albuquerque em tudo o que tocava ao manejo das armas de Pernambuco. Logo que chegou ao Arrecife ſaltou em terra, e ſem perder tempo viſitou os preſidios, reconheceo as fortalezas, e tudo achou taõ diminuido e deſmantelado, que ſe arrependéra do Poſto que aceitára,

senaõ fora mayor o seu animo que todas as difficuldades. Dispoz tudo o que julgou util para a defensa: porém como havia de animar 60. leguas de Costa, em que se contavaõ 26. portos capazes de desembarcarem nelles os Olandezes, e a gente era pouca e mal disciplinada, naõ foy possivel que o effeito correspondesse á diligencia. A 14. de Fevereiro do anno de 1630. apparecéraõ 67. vellas da Armada inimiga. O dia seguinte fazendo ponta a differentes partes nas quatro leguas que há de distancia entre a barra do Arrecife e o porto do Páo Amarelo, veyo a desembarcar neste sitio Theodoro Vanduar Demburg com quatro mil homens. Naõ podendo Mathias de Albuquerque que impedir aos Olandezes tomar terra, se lhe oppoz na passagem do Rio Doce, e defendendo-a com grande valor largo espaço, como era taõ superior o poder dos Olandezes, facilitáraõ toda a difficuldade. E havendo neste tempo os outros navios lançado a gente em terra, que estava senhora da Villa de Olinda, acudio Mathias de Albuquerque a defender o Arrecife: porém naõ tolerando o medo dos moradores alguma obediencia, foraõ desemparando os postos, e tratando de salvar nos matos o mais precioso das fazendas. E como nas suas pessoas consistia a mayor força da Praça, vendo Mathias de Albuquerque impossivel a defensa della, mandou atear o fogo em tantas partes, que brevemente lhe serviraõ de alimento mais de quatro milhoens, e em pouco espaço fez a mayor guerra que era possivel aos ambiciosos mercadores que o mandavaõ conquistar.

Passou Mathias de Albuquerque o Rio Bebirive, e alojouse com alguma gente em huma casa, chamada da Asseca, tiro de mosquete do forte de S. Jorge, que ainda se conservava, e juntamente o de S. Francisco. Estava este levantado sobre o mar no ultimo extremo da corda do Arrecife, que rematando neste ponto, dá lugar a que a barra faça o porto tratavel, muito acommodado para surgirem nelle navios pequenos. O forte de S. Jorge era de fabrica antigua mais capaz de resistir ás frechas dos Indios, que ás balas dos Olandezes: levantava-se entre o Mar e o Rio Bebirive, e por huma lingua de area

de

de 200. passos se communicava com a Villa de Olinda. Ganhárão os Olandezes estes dous fortes, e a Povoação do Arrecife, e Mathias de Albuquerque com animo intrepido levantou hum forte em huma eminencia, huma legoa distante das fortificaçoens do inimigo. Chamou-lhe Bom JESUS, aquartelou-se junto a elle, e defendeo-se neste sitio largo tempo com grandes incommodidades, e insigne constancia. Os Olandezes tambem tratárão logo de fortificar o Arrecife, e Ilha de Santo Antonio, que ficava hum tiro de arcabuz da Barreta dos Affogados. O Rio deste nome, e o Capivaribe corrião pelos dous lados. Forão muitos os successos que acontecérão seis annos que se pleyteárão os postos de Pernambuco, e grande o valor dos que rompendo por muitas difficuldades resistirão o grande poder dos Olandezes. Mandou ElRey de Castella soccorrer por D. Antonio de Oquendo a Mathias de Albuquerque com 700. homens, algumas muniçoens e artilharia. Dom Antonio depois de pelejar com Adrião Patre General dos Olandezes, e lhe meter apique a Capitania, não sem grande estrago dos seus navios, lançou a infantaria em terra, governada pelo Conde de Bañolo Italiano. Acompanhava-o Duarte de Albuquerque Coelho Senhor de Pernambuco. Os Olandezes intentárão ganhar a Paraîba, Cidade de quinhentos vizinhos, que toma o nome do Rio que a rega, e fica em 6. gráos e dous terços da Equinocial para o Sul. Não o conseguírão, e retirárão-se com grande perda. Forão ganhado pouco, e pouco a mais, e ultimamente tudo ajudados dos Indios que com arte contrastárão. Durou o Governo de Mathias de Albuquerque até o mez de Julho do anno de 1635. tempo, em que (depois de perdida a Paraîba, Porto Calvo, Rio Grande, e quasi tudo o mais que tinhamos em Pernambuco) ganhárão os Olandezes o forte de Nazareth e cabo de S. Agostinho. Retirou-se Mathias de Albuquerque com pouca gente e muita gloria, rompendo na marcha duas vezes aos inimigos. Foy encorporar-se com o Conde de Bañolo, que depois de perdido o Porto Calvo se havia retirado a hum posto chamado das Alagoas 19. leguas do Porto Calvo, intentando fortificar-se em dous

sitios,

sitios que segurassem tres portos, que havia entre elles, em que pudessem desembarcar os soccorros que se esperavaõ de Portugal e Castella.

Neste tempo tinha sahido de Lisboa huma Armada composta de duas esquadras de 30. navios, governadas, a de Portugal por D. Rodrigo Lobo, a de Castella por D. Lopo de Hoces, e Cordova. Hia embarcado na Capitania de Portugal Pedro da Sylva, para succeder no Governo do Brasil a Diogo Luiz de Oliveira, e na de Castella D. Luiz de Roxas e Borja, para render em Pernambuco a Mathias de Albuquerque. Levava Titulo de Mestre de Campo General do Marquez de Velada, que estava nomeado por Capitaõ General daquella guerra. As Armadas avistáraõ o Arrecife, e achároõ os Olandezes taõ desapercebidos, que se o General de Castella se resolvera, como D. Rodrigo Lobo, os mais lhe aconselháraõ, facilmente pudera, ganhando o Arrecife, desvanecer todo o dispendio, trabalho que os Olandezes haviaõ feito nesta guerra. Corrêraõ as Armadas com os Nordestes, e deraõ fundo no porto defronte das Alagoas: deitáraõ o soccorro em terra contra o parecer de todos os que estavaõ aquartelados nellas, por servir no estado em que se achavaõ, e na grande falta de mantimentos que padeciaõ, mais de embaraço que de remedio. Passáraõ as Armadas á Bahia, e a mesma jornada fez por terra Mathias de Albuquerque. Ficou seu irmaõ Duarte de Albuquerque com Titulo de Governador de Pernambuco, que estava perdido, e o Conde de Bañolo com patente de General da Cavallaria, sem haver tropa alguma que governasse. D. Luiz de Roxas, com mais valor que experiencia daquella guerra, determinou buscar os Olandezes da guarniçaõ do Porto Calvo. Eraõ seis centos, tiveraõ aviso anticipado, retiraraõ-se sem receber damno, e deixáraõ desembaraçado aquelle posto. Marchavaõ a soccorrelos mil e quinhentos, que assistiaõ na guarniçaõ de Peripoeira, encontraraõ-se com D. Luiz, derrotaraõ-no pelejando valerosamente, e acabou a vida na contenda. Succedeo-lhe o Conde de Bañolo, aberta huma Ordem del-Rey que D. Luiz de Roxas havia trazido cerrada. Do sitio

tio das Alagoas em que aſſiſtia o Conde paſſou a Porto Calvo, augmentou as fortificaçoens naquelle poſto, e com varias entradas pelo Sertaõ fez grande damno aos Olandezes. Recuperou a perda Joaõ Mauricio Conde de Nazâo, filho terceiro de Joaõ Conde de Nazâo e Diremburg, e de ſua ſegunda mulher Margarida Princeza de Alcacia. Chegou ao Arricife com 2700. infantes, e patente de Capitaõ General da Conquiſta do Braſil. Informado dos màos ſucceſſos da campanha e da difficuldade por eſte reſpeito de ſe tirar della a utilidade do aſſucar, que os da Companhia pretendiaõ, ſahio em campanha com cinco mil infantes, e veyo buſcar o Conde de Bañolo a Porto Calvo. Havia elle occupado muitos poſtos com pouca gente, e começando a perder os de menos importancia, veyo a largar todos, e retirou-ſe para o quartel das Alagoas: mas parecendo-lhe pouco ſeguro marchou para o Rio de S. Franciſco ultimo termo de Pernambuco. Neſte ſitio, que pudera conſervar facilmente por ſer muito defenſavel, o buſcáraõ os Olandezes: largou-o ſem reſiſtencia, e retirou-ſe á Cidade de Segeripe delRey, vinte e cinco leguas diſtante do Rio de S. Franciſco, e ſeſſenta da Bahia. Naõ permittio o Conde de Nazâo que deſcanſaſſe muitos dias em Segeripe; reſolveu-ſe a deſalojalo por ficar mais deſembaraçada a campanha de Pernambuco, ſem reparar que era mayor inconveniente obrigalo a ſe retirar á Bahia com taõ bons ſoldados, e em que acreſcentava a guarniçaõ á Praça principal que determinava ſitiar, de que dependia quaſi todo o Senhorio do Braſil. Teve anticipada noticia o Conde de Bañolo da marcha do Conde de Nazâo: retirou-ſe com tempo de Segeripe para a Bahia, acompanhado de todos os ſoldados, e moradores que ſe achavaõ naquelle diſtricto. Naõ eſtimou Pedro da Sylva, Governador daquelle Eſtado, no principio a ſua vizinhança pelas duvidas que ſe podiaõ offerecer no governo; porque a patente do Conde de Bañolo naõ era ſobordinada á ſua juriſdiçaõ: porém depreſſa eſtimou tanto unir-ſe com elle, que quaſi lhe veyo a largar todo o Governo no ſitio da Bahia, que brevemente ſuccedeo. Porque o Conde de Nazâo, animado com os bons ſucceſ-

ſos

ſos de Pernambuco, intẽtou ganhar a Bahia, e veyo ſitiala cõ 40. navios, em q̃ trazia 5500. infantes, dous mil marinheiros todos os inſtrumẽtos neceſſarios para a expugnaçaõ da Praça, e chegou á Bahia a 14. de Abril do anno de 1638. Foy grande a confuſaõ dos q̃ naõ receavaõ eſte dãno: porq̃ lhes naõ convinha padecelo, cauſa ordinaria das mayores ruinas do Mundo. Os Olandezes deſembarcáraõ ſem oppoſiçaõ, mas procedendo com mais demóra do que lhes convinha, deraõ tempo a que os ſitiados, enſinados do perigo, trataſſem da defenſa. Fortificou-ſe a Cidade, guarneceraõ-ſe os poſtos importantes, e ſeguráraõ-ſe as obras exteriores. Attaccou algumas o inimigo, e ultimamente, depois de quarenta dias de ſitio, ſe retirou o Conde de Nazáo, havendo perdido muita parte da gente que levava. Procedeo o Conde de Bañolo com grande ſciencia e valor neſte ſitio, e acreditou Pedro da Sylva na fortaleza do animo a alcunha de Duro, com que ſe diſtinguio de outro do ſeu nome. O Conde de Nazáo voltou para o Arrecife, e tratando ſó do Governo politico fabricou na Ilha de Santo Antonio huma Cidade, a que chamou Mauricea, que intentou communicar com o Arrecife por huma ponte, a que deo principio, ſobre o Rio Capibarive, que corria entre huma, e outra Povoaçaõ.

No fim deſte anno de 38. ſahio de Lisboa a Armada, tantas vezes promettida, e em taõ conhecido prejuizo dilatada, para a reſtauraçaõ de Pernambuco. Era Capitaõ General della o Conde da Torre D. Fernando Maſcarenhas, e levava patente de Governador do Braſil, e por General deſta Armada hia Franciſco de Mello de Caſtro, que morreo em Cabo Verde: e com galharda reſoluçaõ, em quanto foy vivo, naõ quiz abater a bandeira da Capitania de Portugal á Capitania de Caſtella. A vaidade de Miguel de Vaſconſellos, e a liſonja de outros Miniſtros fez dar eſta Armada á vela, antes de chegar a Caſtelhana, com que ſe havia de encorporar: porque dezejando moſtrar-ſe mais activos, e diligentes cõ ElRey de Caſtella, ſem embargo dos proteſtos que fizeraõ os mais intelligentes, ordenáraõ ao Conde da Torre, que em Cabo-Verde aguardaſſe aos Caſtelhanos, ſem re-

paraſſem

pararem nas infirmidades a que expunhaõ os Portuguezes. Chegou a Armada a Cabo-Verde, e depois de mortos mais de mil homens se encorporàraõ com ella os Castelhanos. Deraõ à vela as duas Armadas unidas, avistàraõ Pernambuco, e entendeo-se, que se lançáraõ logo gente em terra effeituariaõ a pouco custo o intento de ganhar o Arrecife, que levavaõ premeditado, segundo a desatençaõ com que acháraõ os Olandezes. Passou a Armada á Bahia; e dilatouse naquella barra tanto tempo, que o tiveraõ os Olandezes de se prevenir. Quando se fez á vela para Pernambuco, achou opposta a Armada de Olanda, e pelejou com ella o Conde da Torre com pouco däno de ambas as partes. Depois de se dividirem mandou o Conde lançar em hum porto, chamado do Touro, pouco distante do Arrecife, mil soldados que governava o Mestre de Campo Luiz Barbalho. Parece que era o intento ganhar posto para desembarcar a mais gente da Armada: porque navegando, como succedeo, para Indias de Castella, era pouco este cabedal para taõ dilatada conquista. Vendo Luiz Barbalho que partida a Armada lhe naõ ficava outro soccorro mais que o da sua industria, animado do seu valor, e da fortaleza invencivel dos seus soldados, se resolveo a superar inconvenientes quasi invenciveis. Abrio caminho pelo Sertaõ, rompeo quarteis de Olandezes, venceo muitas embuscadas, vadeou grandes rios, sofreo fómes, e continuos assaltos, e conseguio valerosamente depois de taõ larga jornada chegar á Bahia com a mayor parte da gente com que sahio de Pernambuco. Ficou governando o Brasil o Conde de Obidos, que exercitava o Posto de General da Artilharia, em quanto naõ chegou áquelle Estado o Viso-Rey D. Jorge Mascarenhas Marquez de Montalvaõ. Fez aos Olandezes em Pernambuco guerra lenta e sensivel, mandando-lhe continúamente queimar os fructos da Campanha, para que a Companhia Occidental perdendo os interesses e enfraquecidos os cabedaes, diminuido o poder ficasse mais facil a restauraçaõ daquella Provincia. Mas todas estas idéas se desvaneceraõ com a felice restituiçaõ da Coroa de Portugal a seu legitimo Senhor, que succedeo no Governo do Marquez de Montalvaõ,

talvaõ, como em ſeu lugar diremos.

Paſſado o primeiro favor deſte obſequio dos Portuguezes, tornáraõ os Miniſtros Caſtelhanos a excogitar novas traças de tyranizallos. Dava com toda a vehemencia calor a eſta deſordenada empreſa D.Gaſpar de Guſmaõ Conde Duque de Olivares, a quem havia entregue o deſcuido delRey D.Filippe o peſo do Governador da Monarquia. Era entendido, ſagaz, eloquente, e reſoluto; tinha por ley a politica, e por doutrina a conſervaçaõ da fortuna que lograva, ainda que foſſe por meyos Diabolicos (ſuſpeita que padeceo a ſua oppiniaõ.) Governava a Monarquia, ſem reſpeitar a eſtas vozes, taõ abſolutamente, que naõ conheceo Heſpanha em outro Miniſtro igual poder, ainda recorrendo aos ſeculos paſſados. O deſvanecimento da grandeza lhe alterava de ſorte o animo, que paſſava a pretender dos homens naõ ſó obſequios, ſenaõ idolatrias, proprias influencias dos eſpiritos com que tratava, ſe a caſo era certa a oppiniaõ que corria. Achando eſte deſordenado intento o mayor obſtaculo em muitos Portuguezes, em quem coſtuma imperar o brio izento da fortuna, gerou no ſeu deſconcertado animo eſta generoſa reſoluçaõ hum odio implacavel contra toda a Naçaõ Portugueza. Deſcobrio a ſua paixaõ, ou a ſua deſgraça, proprio Miniſtro da vingança em Diogo Soares Eſcrivaõ do Conſelho da fazenda em Lisboa, o qual tratado em Madrid pelo Conde Duque, conhecendo-o ſagaz para enganar, humilde para obedecer, e malicioſo para inventar tyranias contra a ſua patria, lhe deu a occupaçaõ de Secretario de Eſtado de Portugal reſidindo em Madrid, e por ſeu correſpondente com a meſma occupaçaõ de Secretario de Eſtado em Lisboa, a ſeu ſogro e cunhado Miguel de Vaſconſellos filho de Pedro Barboza; ſendo eſte taõ aborrecido do Povo de Lisboa, por conſtar que dava arbitrios a Caſtella, que lhe apedrejáraõ a caſa, e rompendo-lhe as portas ſalvou a vida fugindo, que veyo a perder dentro de poucos dias, naõ conſtando atégora quem foſſe o matador. Era Miguel de Vaſconcellos ſoberbo, e aſpero no trato, inimigo da Nobreza, e perſeguidor dos iguaes e inferiores: e era de forte

Noticia do Conde Duque.

Elege Diogo Soares Secretario de Eſtado em Madrid. Em Lisboa Miguel de Vaſconſellos.

forte o imperio com que mandava, e taõ promptas as execuçoens que fazia, que constituido tyrano da Republica, atè as ordens supremas delRey desprezava, fazendo só obedecer as que lhe eraõ convenientes. Entre todas estas tyranias fluctuava Portugal, naõ achando mais remedio nos males que padecia, do que as queyxas occultas de alguns zelosos e amantes da Patria, que nem do ar fiavaõ os suspiros, receando o castigo, para que nem este desafogo tivesse a infirmidade. Aquelles a que tocava a occupaçaõ de Viso-Reys, ou de Governadores, a qual era dispensada por tres annos, hora a hum só, hora a dous com igual poder; compravaõ os mais delles com dános da Republica os interesses das suas casas, e os mais attentos a esta disigualdade costumavaõ a ser os escolhidos para o governo. Havia entrado nelle D. Antonio de Ataide Conde de Castro de Ayro, e Nuno de Mendonça Conde de Valde Reys, quando chegou de Castella hum decreto delRey, o qual continha que se juntassem os Tres Estados da Cidade para se lhe communicar hum negocio de grande importancia. Obedecéraõ todos, e juntáraõ-se na Igreja de Santo Antonio, presente D. Luiz de Souza Conde do Prado, que assistia ao tomar dos votos, propoz a Ordem delRey, que era pedir quinhentos mil cruzados ao Reyno cada anno, fazendo-lhe merce de o deixar eleger a qualidade dos effeitos, e a fórma da contribuiçaõ. Irritáraõ-se os animos de todos os que ouviraõ esta proposta, vendo a tyrania com que ElRey sem chamar Cortes intentava lançar taõ consideravel tributo. A confusaõ com que todos ficáraõ, desfez generosamente D. Francisco de Castel-Branco Conde do Sabugal e Meirinho Mor do Reyno, respondendo, que elle, e todos os circunstantes com os vogaes que faltavaõ, haviaõ jurado guardar os costumes de Portugal, pelos quaes lhe naõ era licito votar fóra de Cortes em materia semelhante. Levantouse tanto que disse estas palavras, e sahio-se da Igreja, seguio-o a Nobreza, fizeraõ o mesmo todos os que se acháraõ presentes, vencendo o brio desta acçaõ ao receyo de muitos, que temiaõ o mesmo que executavaõ. Deraõ os Governadores conta a Madrid do máo successo da proposta

Propoem-se à Nobreza huma Ordem delRey para se assentarem 500U. mil cruzados.

Acçaõ generosa do Conde do Sabugal.

posta; e de sorte se irritou o Conde Duque, que os fez pagar a culpa que naõ tinhaõ, depondo-os do governo, e foy nomeado por Viso-Rey de Portugal D. Joaõ Manoel Arcebispo de Lisboa, que assistia em Madrid, donde sahio a exercitar a sua occupaçaõ: porém chegando a Lisboa morreo hidropico dentro de poucos dias. Trinta e dous que tardou o provimento de Madrid, ficou governando o Conselho de Estado. Veyo nomeado por Viso-Rey D. Diogo de Castro Conde de Basto, que havia sido duas vezes Governador, e grangeado oppiniaõ de austero, zeloso, e prudente: durou no governo atè o anno de 34. acodindo aos apertos do Reyno e das conquistas como podia, e naõ como desejava, e os dános pediaõ, pela grande esterilidade de effeitos, quasi esgotados com a ambiçaõ dos Castelhanos e arbitrios de alguns Portuguezes. No anno referido desejou o Conde Duque entregar o governo de Portugal a pessoa que fosse muito interessada na politica de Castella, e naõ encontrasse os fóros deste Reyno: pareceo-lhe ajustado ao seu intento D. Francisco de Borja Principe de Esquilache, por ser descendente de Portuguezes: porém dissuadio-o desta determinaçaõ o Duque de Villa Fermosa irmaõ do Principe, invejoso de o ver preferido, corrompendo ao proprio sangue a peçonha deste vicio: foy a traça de que usou a sua inveja apontar ao Conde Duque de quem era favorecido (grande fortuna naquelle seculo) paro o governo de Portugal a Margarida Duqueza de Mantua, viuva de Vicencio Gonzaga Terceiro Duque daquelle Estado, e neta de Filippe II. de Castella, nascendo da Infanta D. Catherina sua filha, e de Carlos Manoel Duque de Saboya com quem foy casada, ficando por este respeito em gráo de prima com irmãa de Filippe IV.

Depoem-se os Governadores.

Morre D. Joaõ Manoel eleito Viso Rey.

Succede D. Diogo de Castro.

Propoem-se a Duqueza de Mantua.

Achava-se a Duqueza em Pavia, lançada fóra do mesmo Estado que dominára: porque ficando-lhe por morte de seu marido só huma filha chamada Catherina, que deixou nomeada herdeira de Mantua, e Monferrato, se oppoz á successaõ da casa Carlos Gonzaga Duque de Nevers em França por ser filho de hum irmaõ de Luiz II. Duque de Mantua, que foy pay de Vicencio. Varonîa

Noticia dos seus successos.

que ficava extincta em Catherina sua filha. Acodio Hespanha a defender o direito de Catherina, e França a favorecer a pretençaõ de Carlos. Alemanha intentou occupar aquelle Estado como feudo Imperial, e desta competencia se origináraõ as notaveis guerras, que naquelle tempo opprimíraõ Italia, de que foy theatro Lombardía. Depois de varios successos, padeceo a mayor desgraça a Duqueza Margarida, desterrando-a da propria Casa os que pretendiaõ tyranizalla. Retirou-se ella a Pavía, e naquelle governo a entreteve ElRey, até que a chamou para o de Portugal, porque o Conde Duque inspirado do Duque de Villa Fermosa, sahio com esta eleiçaõ sem attender que offendia os fóros de Portugal, por ser a Duqueza mulher, e em menos gráo deparentesco com ElRey daquelles que dispunhaõ os privilegios concedidos em Thomar por Filippe II. levando-o a atropelar qualquer difficuldade o dezejo de conseguir o tributo dos quinhentos mil cruzados, e a maquina que dispunha para reduzir a Provincia a antiguidade, e grandeza do Reyno de Portugal: onde chegou a Duqueza de Mantua no fim do anno de 1634. Entrou em Lisboa, e no mez de Janeiro do anno seguinte tomou posse do governo. Continuou o assistida do Marquez de la Puebla, que veyo de Madrid sem occupaçaõ, só para aconselhar a Duqueza nas materias de mayor importancia. Mas esta disposiçaõ foy sem effeito, porque Miguel de Vasconsellos ordenava sem contradiçaõ, e mandava executar sem dependencia. Foraõ-se repetindo as ordens de Castella de lançar tributos, querendo o Conde Duque que com o sangue dos pobres se levantassem as grandes fabricas do Bom Retiro, edificio fóra de Madrid traçado pelo seu appetite, e ordenado pela sua linzonja. Desvellava-se Diogo Soares em lhe satisfazer esta ambiçaõ, e propunha-lhe futilezas que sonhava o seu desvello: porém ás propostas mal averiguadas que lhe fazia, se seguiaõ passar o Conde Duque intempestivas ordens de se lançárem em Portugal tributos. Pretendia Miguel de Vasconsellos dar todas á execuçaõ, e eraõ muitas vezes taõ encontradas humas a outras, que conhecida a difficuldade do effeito, consistia o remedio dos

He eleita a Duqueza para o Governo de Portugal.

Entra em Lisboa.

Assistelhe o Marquez de la Puebla.

dos Povos no muito que determinavaõ carregallos de tributos, porque o embaraço fazia suspender as ordens. Afflicto pois Miguel de Vasconsellos da confusaõ, propoz a Diogo Soares que por atalhar difficuldades se tornasse a pôr em pratica o pedido (como lhe chamavaõ) dos quinhentos mil cruzados. Acommodou-se o Conde Duque a este parecer, e naõ se dilatáraõ as ordens, instituindo-se para este effeito huma junta de Ministros, a que deraõ nome do desempenho, independente do governo de Portugal, e só immediata ao Conselho de Madrid, com o fim de que naõ quereriaõ as partes queixosas recorrer a elles, por lhe naõ custar mais a jornada que a sem razaõ. Os da junta passáraõ ordens a todos os Corregedores das Comarcas, as quaes continhaõ, que os Povos haviaõ de dar todos os annos a ElRey quinhentos mil cruzados além das imposiçoens antiguas, e que estes se assentassem á satisfaçaõ dos Povos, a quem se vendia por grande mérce dar-lhes a lanceta para esgotarem as veas. Os Corregedores executavaõ com aperto as ordens, e os Povos ouviaõ com impaciencia a sem razaõ com que dispunhaõ tyranizalos.

Institue-se em Madrid a Iunta do desempenho.

Mandase executar o tributo.

Era Corregedor de Evora Andre de Moraes Sermento, o qual com imprudente zelo determinou, que se lançasse o tributo sem admittir replica, castigando asperamente os que duvidavaõ obedecer; e constando-lhe que o Povo se alvoroçava com o seu rigor, acrescentando a este erro mayor desacerto, resolveo indiscretamente atalhar o movimento por meyos que naõ convinhaõ. Chamou para este fim a sua casa o Juiz do Povo Cezinando Rodriguez, e a Joaõ Barradas seu Escrivaõ, avaliados do Povo por zeladores da liberdade, e por esta razaõ muito estimados. Publicou-se que o Corregedor os chamava, e juntamente attençaõ desta ordem, de que se originou juntar-se quantidade de gente á porta do Corregedor: desprezou elle o tumulto, e fez largas oraçoens aos dous, persuadindo-os a que se lançasse o tributo. Pedio-lhe o Escrivaõ tempo para communicar a outras pessoas esta proposta: e o Corregedor, mandando fechar as portas, naõ só lhe negou o que pedia, mas trocou os rogos

Alteraçoens de Evora.

em ameaços; e dizendo-lhe os dous que a ſua paixaõ era infructuoſa, porque até o reduzillos ſeria invalido, pois o Povo naõ conſentiria no que elles firmaſſem violentados, ſe augmentou a ira do Corregedor com eſta bem fundada propoſta taõ demaſiadamente, que depois de ſoltar deſconcertadas palavras contra o Povo, moſtrou aos dous os Miniſtros de juſtiça que havia mandado prevenir em ſua caſa para os enforcar, quando naõ conſentiſſem no tributo na fórma, e com abrevidade que elle lhes ordenava. O Juiz do Povo que era reſoluto, vendo-ſe ameaçado e o perigo imminente, chegou a huma janella que cahia para a praça, onde o Povo eſtava junto, e pedio-lhe em altas vozes ſoccorro, dizendo que morriaõ pela liberdade da patria, e por livrar o Povo das oppreſſoẽs dos Miniſtros delRey. A eſtas palavras mal explicadas entre o rumor, e de todos entendidas pelos antecedentes, toda aquella multidaõ de vozes unidas em huma ſó voz, gritáraõ que morreſſe o Corregodor. Seguio-ſe em hum inſtante ao clamor a ira, e á ira a execuçaõ, e miniſtrando o furor inſtrumentos, ardendo o Povo em colera, ardeo a caſa em fogo. O Corregedor arrependido e medroſo, uniaõ que ſe acha facilmente, conhecido o deſacerto, ſalvou a vida no Convento de S. Franciſco, donde paſſou a Lisboa em habito diſſimulado, naõ conſeguindo depois o ſeu arriſcado zelo outro intereſſe mais que o de ſalvar a vida. A furia do Pövo naõ parou com a liberdade do Juiz e Eſcrivaõ, antes accendendo-ſe com a noticia de que o Corregedor era fugido, inveſtíraõ deſordenadamente muitas das caſas da Cidade, e deſpejando-as das melhores alfayas, naõ dando lugar a furia a outra conſideraçaõ, as queimavaõ na praça: advertindo-ſe, que podendo com elles mais a ira, que a ambiçaõ, até o ouro e prata faziaõ materia do incendio que naõ houve quem reſervaſſe couſa alguma das que roubava. Os Livros Reaes foraõ da meſma ſórte condenados ao fogo, e ſem condenaçaõ ſoltáraõ da cadeya os prezos que eſtavaõ nella: que deſta ſórte ſentencea eſte abſoluto Juiz, quando tumultuariamente uſurpa o poder.

Imprudencia do Corregedor.

O Juiz do Povo lhe pede ſoccorro.

Creçe o tumulo, queimaſe a caſa do Corregedor. Foge deſconhecido.

Queimaõ-ſe os Livros, e ſoltaõ-ſe os preſos.

Aſſiſtiaõ neſte tempo em Evora com ſuas familias

lias D. Francifco de Mello Marquez de Ferreira, D. Rodrigo feu irmaõ, D. Affonfo de Portugal Conde de Vimioſo, o Conde de Baſto D. Franciſco de Alancaſtre, e D. Jorge de Mello: eſtes fidalgos, vendo crecer o tumulto que no principio eſtimáraõ pela cauſa com que ſe levantou, mudando com o exceſſo de parecer, determináraõ buſcar remedios para o atalhar. Juntaraõ-ſe a eſte fim na Freguezia de S. Antaõ com D. Joaõ Coutinho Arcebiſpo daquella Cidade, e reſolveraõ fallar aos principaes do Povo, pedindo-lhes patrocinaſſem o ſocego, perſuadindo ao Povo quizeſſe deixar ao Tribunal da Camara o cuidado da conſervaçaõ da Cidade, e da liberdade de ſeus fóros, pois era a quem ſó tocava, e que elles ſe obrigavaõ a interceder com ElRey o perdaõ das novidades ſuccedidas. Naõ ſervio eſta propoſta mais que de fazer com o Povo ſoſpeitoſa a Nobreza, ſobreveyo a noute quando ſe intentava divertir eſta ſoſpeita, e ſendo as ſombras melhor incentivo dos inſultos, que os medianeiros remedio da inquietaçaõ, ſe arrojou o Povo ás caſas do Arcebiſpo: porém obrigados da reverencia naõ entráraõ dentro, indignamente ſatisfeitos de tirar com pedras ás janellas, acompanhando-as deſconcertadas vozes, que naõ ferem com menos força. Mais atrevidamente procedeo outro tropel com a caſa do Conde do Baſto entrando ſem reſpeito dentro do ſeu pateo: o Conde ouvindo o rumor o desfez com muita generoſidade: mandou a ſeus criados accender tochas, ſahio á eſcada onde ja chegava o Povo, e com a authoridade que inculcavaõ os ſeus annos, e o ſeu aſpecto, diſſe em altas vozes *Povo de Evora que me quereis? Sou voſſo natural, tres vezes governey eſte Reyno ſem vos fazer aggravo, aqui me tendes: e ſe para voſſa quietaçaõ ſerve a minha morte, matayme, e ſocegaivos: ſe quizerdes pouparme a vida para vos ajudar ao remedio que vos convem, obrày como vos parecer, mas naõ vos eſqueçais de que ſois Portuguezes, onde nunca ſe conheceo mancha de deſlealdade.* Vendo a D. Diogo de Caſtro, parou a multidaõ confuſa, ouvindo-o ſe retirou arrependida, que a tanto chega o imperio de huma acçaõ generoſa Contra os mais fidalgos naõ intentou o Povo movimento algum,

Procuraõ os fidalgos aplacar o Motim.

Acometem a caſa do Arcebiſpo.

Paſſaõ a do Conde do Baſto.

Reprime o Povo com a ſua authoridade.

gum, de que se originou a sospeita de haverem dado calor á sua desordem. As Religioens faziaõ muito por aplacar a inquietaçaõ, mas todas as diligencias eraõ sem fructo, porque os do Povo começáraõ a gloriarse do que emprendiaõ, e juntamente a achar sequito em quasi todos os lugares da Provincia do Alantejo, com os quaes se communicavaõ, dando-lhes parte das suas disposiçoens, conforme as intelligencias que conseguiaõ em cada hum delles. A fórma com que se faziaõ obedecer, era, congregando-se os de mayor capacidade ajustavaõ o que lhes parecia mais conveniente, e passando as ordens necessarias, se firmavaõ com o nome de Manoelinho, hum doudo celebre naquella Cidade, entendendo que conseguiaõ neste disfarce naõ correr perigo em qualquer accidente o author do congresso, em quem costumaõ cahir o mayor castigo. Desta sorte mandavaõ, e fixando-se as ordens em varias partes da Cidade, sinalavaõ termo á execuçaõ, declarando o castigo que padeceria quem naõ obedecesse; e se passado o prazo naõ eraõ obedecidos, executavaõ sem dilaçaõ a pena imposta. Em algumas materias usavaõ das ordens da Camara, fazendo passálas por força aos Vereadores. Chegou a Villa-Viçosa este movimento, e trocado por aquelles moradores em alvoroço, cubertos alguns com a capa da noyte, acclamáraõ o Duque de Bargança D. Joaõ II. do nome e outavo no titulo, Rey de Portugal: mas como ainda naõ era chegado o termo prescripto de tantos seculos, mandou o Duque sahir na mesma noyte pelas ruas ao Duque de Barcellos D. Theodosio seu filho, naõ tendo mais idade que quatro annos: porém resplandecendo no delicado rosto as luzes das grandes virtudes, de que depois se compoz este excellente Principe, foy Iris de serenidade: recolhe-se deixando socegado o rumor, e livrou a seu pay de cuidado, impossibilitando-o acodir a este movimento huma grave infirmidade de que estava impedido.

Communicaõ-se os de Evora com os lugares vizinhos.

Passaõ as ordens em nome de Manoelinho.

Acclama-se o Duque em Villa-Viçosa.

Sae o Duque de Barcellos D. Theodosio e socega o Povo.

A Duqueza de Mantua fez pouco caso da primeira noticia que teve da alteraçaõ de Evora: porem repetindo-se os avisos de que os mais lugares da Provincia de Alemtejo tomavaõ a mesma voz com igual pretexto, e fa-

Temores e diligencias da Duqueza de Mantua.

e ſabendo o ſucceſſo de Villa-Viçoſa, ſe lhe foy de ſórte introduzindo o temor, que naõ perdoava a diligencia alguma que julgaſſe adequada a ſe livrar com o ſocego dos povos de taõ grande cuidado. Fez a Madrid repetidos aviſos, animou a Nobreza de Evora a continuar o zelo de applacar o Povo, mandou por Corregedor daquella Cidade a Hieronymo Ribeyro, que com grande aceitaçaõ do Povo hauia tido a meſma occupaçaõ nella: Ordenou a Fr. Manoel de Macedo Frade de S. Domingos, applaudido pela diſcripçaõ de ſeus ſermoens e agradavel converſaçaõ, que foſſe a Evora exercitar o ſeu genio no pulpito e no trato: mandou a Fernaõ Martins Freyre, ſenhor da caſa de Bobadella, que fizeſſe a meſma jornada, com ordem de ſe introduzir na Junta de S. Antaõ, por conſtar que era muito aceito áquelle Povo: porém na Junta naõ foy admittido, eſcuſando-ſe os que ſe achavaõ nella com as ordens que haviaõ recebido de Madrid, nas quaes ſó ſe fazia mençaõ dos que acima ficaõ nomeados. Nenhum deſtes remedios baſtou para diminuir aquella infirmidade, cada dia mais arreygada nos animos indurecidos contra o governo de Caſtella, obſtinados pelo antigo odio, e dezejoſos de mandar por intereſſe proprio. Reconhecendo-ſe aſſim em Madrid, como em Liſboa que era impoſſivel reduzillos com as negoceaçoens, ſe determináraõ a atalhar o dãno com o caſtigo: mas até eſte remedio era difficultoſo, porque em Portugal naõ havia gente baſtante para tanto empenho, e poſta eſta materia huma vez nas mãos do rigor, eraõ muitas as conſequencias que arraſtava, e muitos os paſſos com que ſe deſviava da obediencia. Temiaõ os Portuguezes zeloſos e prudentes, que os Caſtelhanos ſe determinaſſem a reduzir os levantados com armas eſtrangeiras, por ſer hum perigo manifeſto de todo o Reyno, aſſim pelas extrocões dos ſoldados, que naõ coſtumaõ fazer diſtinçaõ entre os culpados e os innocentes, como nos conhecidos intentos dos Caſtelhanos, que naõ deſprezariaõ a occaſiaõ de poder tirar a Portugal a pequena liberdade que a ſeu pezar ainda lograva; e naõ ſe enganavaõ os que faziaõ eſte diſcurſo, porque era certo que em Madrid ſe eſtimava o que em Liſboa ſe temia: ainda

Determinaſe em Madrid caſtigar Evora.

que alguns Castelhanos receavaõ o dâno na consideraçaõ do valor dos Portuguezes, e desejavaõ antes o soccego que o castigo. Da mesma sorte eraõ differentes as oppiniões dos fidalgos de Portugal que assistiaõ em Madrid: porque huns desejavaõ que a inquietaçaõ de Evora fosse torcedor dos seus requerimentos, e por interesse particular appeteciam que se augmentasse: outros atentando menos á conveniencia propria que á utilidade da Patria, temiam os perigos a que a consideravaõ exposta, se a alteraçaõ senaõ desvanecesse sem se entreporem as armas dos Castelhanos, e por este respeito procuravaõ o caminho de soccegalla.

Meyos do Conde Duque para o socego.

Ordens à Junta da Nobreza que se formou em Evora.

O Conde Duque de cujos movimentos estava pendente a vontade delRey, havia tirado o freyo â ira, e corria desbocada contra os Portuguezes: porém ainda naquelle tempo era mais nas palavras, que nos effeitos; porque supposto que os ameaços creciaõ com os avisos de Portugal, tentou todos os medicamentos brandos, primeiro que usasse dos cauterios. Eescreveo á Junta da Nobreza de S. Antaõ de Evora, animando a todos com muitas palavras(de que era grande mestre)a continuar o zelo que mostravaõ no serviço delRey, dando-lhe juntamente poderes para ajustar os requerimentos do Povo sem damno da authoridade real: se bem todas estas ordens eraõ lançadas com muito artificio, tecendo-as com palavras que abriaõ caminho para as derogar, quando o ajustamento lhe naõ satisfizesse, e conhecendo brevemente que este meyo era dilatado, tentou outro que o destroîa. Achava-se em Madrid Fr. Joaõ de Vasconsellos Religioso da Ordem de S, Domingos, Varaõ ornado de grandes virtudes, de muitas letras, e qualidade: era natural de Evora, onde a casa de seus pays residio muitos annos; juntavaõ-se-lhe a estas circunstancias a de ser seu pay Manoel de Vasconcellos estimado na Corte, e a de servir seu irmaõ Francisco de Vasconcellos Conde de Figueyrô de Mórdomo da Rainha de Castella. Vendo o Conde Duque todas estas disposiçoens ajustadas ao seu intento, chamou Frey Joaõ sem assistencia de outra pessoa, deo-lhe as ordens do que havia de obrar independente de todo o outro poder, e mandou-o que partisse

tisse logo para Evora. Obedeceo Frey Joaõ, chegou a Evora, e sem dilaçaõ dispoz o que julgou mais preciso para reduzir os animos daquelle Povo: porém ainda que a sua grande authoridade conseguio serem ouvidas as suas razoens, as dependencias de Castella o fizeraõ com aquelles homens muito suspeitoso, e a severidade de seu trato em todas as acçoens austero foy para elles pouco agradavel. Fez Frey Joaõ de palavra sem outra segurança largas promessas, porque nenhuma trazia por escrito, e até esta liberalidade gerou desconfiança nos amotinados, parecendo lhes que como pouco merecida, seria depois facilmente negada. Entendeo-se tambem que a Junta da Nobreza desajudára a diligencias de Frey Joaõ: por quanto como elle quiz obrar independente de todos, e por este respeito se desviou de os communicar, queixosos da sua desconfiança naõ fomentáraõ os seus designios. Chegáraõ a Madrid as novas de todos estes accidentes, de que resultou vir a Frey Joaõ ordem para que largando aquella commissaõ passasse a Lisboa, e outra aos da Junta em que se lhes mandava, que continuassem o poder na fórma que antes se lhes havia concedido. Em quanto na Corte se alternavaõ as diligencias, naõ estavaõ ociosos os amotinados. Haviaõ grangeado á sua devoçaõ todos os lugares de Alemtejo, excepto a Cidade de Elvas e a Villa de Moura, mas em lugar destas se affeiçoáraõ ao seu partido as Villas de Santarem e Abrantes, e outras perto de Lisboa, que por esta vizinhança deraõ mais receyo: porem introduzindo-lhe alguma infantaria de presidio foraõ faceis de socegar, e todo o temor dos Castelhanos se empregava em Villa-Viçosa: e assim era todo seu cuidado examinar as acçoens do Duque de Bargança, o qual naõ se fiando da inconstancia do Povo atalhou muitos partidos que se lhe propuzeraõ, e justificou-se de sórte em Madrid, que publicava o Conde Duque o muito que El-Rey devia á sua grande moderaçaõ e prudencia. Entendendo o Conde Duque que todas as suas diligencias lhe sahiaõ baldadas: porque os Povos se mostravaõ taõ obstinados, que a todas as propostas naõ haviaõ respondido outra cousa mais que o desconcerto de dizerem, que fariaõ

Parte a Evora Fr. Joaõ de Vasconcellos.

Retira-se a Lisboa.

riaõ o que pudessem, declarando que naõ tornariaõ a admittir os tributos, causa da alteraçaõ, e que de suas livres vontades dariaõ a ElRey o que lhes parecesse; desacato que o Conde Duque avaliava como a mayor culpa, pois se atreviaõ (dizia elle) a quererem capitular com o seu Rey; e considerando que a dilaçaõ deste desasocego era muito perigosa, podendo os inimigos da Coroa de Castella introduzir negoceaçoens com os Povos de Portugal, passou ordem para que marchassem na volta das fronteiras deste Reyno as tropas, que guarneciaõ as Praças de Guepuscua e Navarra, sendo pouco consideravel a guerra que por aquella parte faziaõ os Francezes, rota por Luiz XIII. pouco tempo antes, com Filippe IV. tomando por pretexto, assim haverem os Imperiaes ganhado Filisburg, que guarneciaõ infantaria Franceza, valendo-se do descuido com que os Francezes estavaõ sem temor da guerra, como tambem a resoluçaõ que o Cardeal Infante D. Fernando tomou de emprender Treveris antes da guerra declarada, e conseguida a empresa, levar a Brucellas preso o Eleitor de Treveris, aggravo que os Francezes publicáraõ em varios manifestos, e mandando ElRey de França propôr ao Infante a restituiçaõ da Praça e liberdade do Eleytor, naõ querendo elle admittir nem huma nem outra proposta, ficou rota a guerra entre ambas as Coroas. Governava as Armas de Guepuscua e Navarra D. Francisco Carrafa Duque de Nochéra Italiano, e era seu Mestre de Campo General Diogo Luiz de Oliveira Portuguez das principaes familias deste Reyno, que havia occupado muitos Postos no Brasil e Flandes. Naõ lhe parecéraõ ao Conde Duque estes subjeitos muito ajustados á empresa, reparando em que hum Italiano naõ devia castigar Hespanhoes, nem fiar-se de hum Portuguez o damno dos seus naturaes; e nesta consideraçaõ fez avisos aos dous; ao primeiro que podia vir á Corte, pretençaõ que dias antes fomentava; ao segundo, que passasse a Flandes a governar o Castello de Gante. Ambos se acháraõ taõ offendidos, que deraõ causa a virem presos a Madrid, castigando a tyrania do Conde Duque as justas queixas que naõ podia remediar. Marchâraõ as tropas á or-

Passam se ordens para marcharem a Portugal as tropas de Castella.

Causas de se romper a guerra entre França.

á ordem do Tenente General Marco Antonio Gandolfo: constavaõ ellas de outo mil infantes mal pagos e peyor disciplinados, de que se originou chegárem só tres mil ás fronteiras de Portugal, e de hum regimento de Dragoens, que sendo huns arcabuzeiros mal montados, vindo com este titulo novamente de Alemanha, assombravaõ mais com o nome que com o effeito. Foy a marcha de Biscaya á Provincia de Rioja, della a Campos, donde por Leaõ entráraõ na Estremadura, e ficáraõ aquartelados desde Valença de Alcantara até Badajoz. Foy nomeado por General deste exercito o Duque de Bejar moço de desasete annos com o pretexto de ser o mayor senhor da Estremadura, onde o exercito se juntava. E sendo a causa verdadeira querer o Conde Duque q̃ o Cabo daquella guerra apparente se governasse só pela sua direcçaõ, deo-lhe por adjunto os Mestres de Campo D. Joaõ de Craneros e D. Christovaõ Boca negra, ambos Conselheiros de guerra, e por Mestre de Campo General D. Diogo de Cardenas, que o era tambem do Reyno de Portugal, e destinou-lhe Badajoz por praça de Armas. E porque neste tempo se haviaõ atteado as alteraçoens nos Povos do Reyno do Algarve, e davaõ mayor cuidado em razaõ dos portos do mar taõ uteis ás Monarquias na paz, como suspeitosos na guerra, se nomeou para acodir ao socego daquella parte o Duque de Medina Sidonio, e o Marquez de Val Paraiso para lhe assistir sem posto; e passou-se ordem ao Duque que levantásse em Anda-Luzia seis mil infantes e quinhentos Cavallos.

Marchaõ as tropas ás fronteiras de Portugal

Nomea-se por General o Duque de Bejar.

Encarregase ao Duque de Medina Sidonia o socego do Algarve

As noticias destas preparações chegáraõ aos amotinados, e naõ fizeraõ nelles mais effeito para a prevençaõ que introduzir-lhes grande receyo, consequencia das acçoens onde governaõ muitas vontades; e de todo se desbaratára o congresso que tinha sido causa de tantos cuidados, se algumas pessoas particulares, que haviaõ tido parte no primeiro movimento, naõ formentáraõ os animos dos populares, temendo que a sua inconstancia quizesse com o sacrificio do seu sangue applacar a ira do Oraculo offendido, e declarando os por complices acreditarem o seu arrependimento. A Junta da Nobreza na obser-

observaçaõ destes movimentos fundava as esperanças do socego: porem ja conheciaõ o mayor obstaculo na politica do Conde Duque, o qual havendo examinado as poucas forças desta alteraçaõ, queria tirar della naõ só a satisfaçaõ do gasto que havia occasionado á Monarquia, mas tributos mayores daquelles que foraõ occasiaõ do seu desconcerto. Estas idéas forjava Diogo Soares, polîas o Conde Duque, e vendîas muito caro Miguel de Vasconsellos: porque estes eraõ todos os cabedaes com que os dous sogro e genro augmentavaõ os seus interesses: e como o Conde Duque por conseguir mayores intentos, conhecendo esta ambiçaõ afomentava, durou sem opposiçaõ o poder de Diogo Soares, até que foy nomeado para o Conselho supremo de Portugal D. Miguel de Noronha Conde de Linhares, que havia chegado de ser Viso Rey da India com grande applauso, merecido do seu valor e grandeza de animo; e como estas virtudes apartavaõ de si toda a lisonja, tanto que entrou no Conselho se declarou inimigo de Diogo Soares, procurando mostrar sem rebuço a demasia do seu procedimento. Diogo Soares vendo em contingencia o grande poder que exercitava cõ a opposiçaõ de inimigo taõ poderoso, empenhou toda a sua sutileza em desviar da Corte o Conde de Linhares: porém o intento naõ era facil de conseguir, porque o Conde Duque fazia grande estimaçaõ das muitas virtudes do Conde. Declarada esta contenda se dividíraõ os Portuguezes pretendentes na Corte, seguindo cada hum aquella parte que facilitava mais o seu requerimento, e alguns que amavaõ só a reputaçaõ, eraõ parciaes do Conde de Linhares. Fluctuavaõ os negocios de Portugal entre tantas tormentas, e naõ era menor tempestade a que levantava a cubiça de alguns Portuguezes, que a que fomentava a ambiçaõ dos Castelhanos. O Conde Duque, vendo que eraõ chegadas as tropas ás fronteiras de Portugal, buscou caminho de suavizar o castigo que determinava dar aos amotinados, fazendo juizes das suas culpas os Portuguezes que estavaõ na Corte: para este fim convocou todos a sua casa com taõ grande mysterio, e affectando de sórte a cautella e a recomendaçaõ do segredo,

Defferenças entre o Conde de Linhares e Diogo Soares.

Junta em Madrid dos fidalgos Portuguezes

gredo, que os mais livres de culpa receáraõ o congresso. Foraõ cincoenta os que concorréraõ a casa do Conde Duque para onde os chamáraõ: entravaõ nelles alguns Ministros Castelhanos, e assistiaõ por Secretarios desta junta Diogo Soares, e D. Fernando Ruiz de Contreras Secretario de guerra de Hespanha; presidia o Conde Duque dentro de huma alcóba em que costumava dar audiencia. Sentáraõ-se sem preferencia todos os convocados em cadeiras de espaldas, e os Secretarios em assentos razos. Leo D. Fernando de Contreras, por se embaraçar Diogo Soares, a quem primeiro se entregou hum decreto del-Rey, a sustancia do qual era mostrar a rebelliaõ dos Povos de Portugal, e perguntar qual seria a melhor fórma de socegallos, e que genero de castigo se devia dar ás pessoas que fomentavaõ a perturbaçaõ. Lido o papel, fez o Conde Duque sinal a Joanne Mendes de Tavora Bispo de Portalegre, depois de Coimbra, para que respondesse: o que elle executou em huma concertada oraçaõ, que continha agradecimento a ElRey da clemencia que usava com aquelles vassallos, os beneficios que todos lhe deviaõ, e o Reyno uniformemente confessava: referio os grandes delictos dos amotinados, e exortou a diligencia do socego, assim no conselho que deviam dar a ElRey, como nos avisos que era razaõ fizerem ao Reyno a seus parentes e amigos. Ditas estas razoens orou o Conde Duque louvando as, e exagerou a summa piedade delRey, pois esquecido de tantos delictos, como os Povos de Portugal haviaõ commettido, deixava á disposiçaõ da Nobreza o remedio delles: e depois de artificiosos periodos, acrescentou, que sua Magestade mandava, que de tudo o que se ordenasse na reducçaõ dos povos, se desse conta ao Duque de Bargança, assim pela sua grande authoridade, como pela moderaçaõ, prudencia, e zelo com que havia procedido na occasiaõ presente, de que sua Magestade se achava em summo gráo obrigado. A estas palavras do Conde Duque se seguíraõ grandes applausos e lisonjas de todos os que estavaõ presentes, que já com o trato da Corte de Madrid se haviaõ inficionado neste pernicioso vicio. Foraõ eleytos para ir beijar a maõ a ElRey em

em nome de todos o Conde de Linhares, o Bispo de Portalegre, e o Conde de Figueyrô; e veyo a conseguir a industria do Conde Duque, que se mostrassem obrigados os que ficavaõ mais offendidos; encaminhando-se todas aquellas politicas á destruiçaõ da nobreza, e á ultima servidaõ dos Povos de Portugal. Todas estas negoceaçoens de Madrid sabiaõ os de Evora, e como lhes chegavaõ tambem as noticias de crecer o numero das tropas por todas as partes, a confusaõ e o receyo lhes aconselhava a concordia. Valia-se a Junta da Nobreza destes accidentes, e procurava por todos os caminhos, que fossem as suas diligencirs occasiaõ do socçego dos Povos, assim por ser a acçaõ taõ digna de louvor, como de recompensa. Os amotinados houviraõ as praticas do socçego com bom rosto até se chegar ao ponto dos tributos: porém tanto que se fallava em haverem de pagar os que ElRey pedia, tornavaõ a obstinar-se, e a desvanecer todas as esperanças de ajustamento util. O Arcebispo D. Joaõ Coutinho, entendendo ser esta a occasiaõ de tantos damnos, se offereceo virtuosamente a pagar da sua renda o excesso que de novo sequeria impor á Cidade sobre os antigos dereitos, o qual se avaliava em tres contos de reis: da mesma sórte se obrigava o Senado da Camara a pagar dos bens proprios outro novo tributo, com que o Povo ficava livre, e ElRey servido. Aos amotinados naõ soava mal esta pratica: porém o Conde Duque a quem se propoz, reparava em que Evora naõ havia de levar tras si os outros Povos alterados para o socçego, como os levára para a perturbaçaõ; porque além de ser necessario menos, para seguir hum excesso, que para abraçar huma concordia, naõ havia nos outros Povos quem pelos aliviar tomasse por sua conta a satisfaçaõ dos tributos, como succedia em Evora. Foy esta questaõ muito ventilada em Madrid. Ultimamente, entendendo-se que algumas pessoas particulares haviaõ ganhado confiança nos mais dos lugares alterados, chegou a adiantar-se muito o ajustamento: porém com novo accidente se perturbáraõ todas estas negoceaçoens.

Da controversia que corria entre o Conde de Linhares

nhares e Diogo Soares, se havia levantado o espirito a Joaõ Salgado de Araujo Abbade de Pera, resolvendo-se a dar capitulos de Diogo Soares, mostrando nelles evidentemente que as suas exorbitancias eraõ occasiaõ de todos os movimentos de Portugal. Entendeo Diogo Soares que o Conde de Linhares animára a resoluçaõ do Abbade, e ao passo que lhe creceo o receio, dispoz a vingança, applicando todo o seu cuidado em negocear apartalo da Corte. Fez espalhar por seus parciaes, que só o Conde de Linhares era capaz de socegar os amotinados, e apontavaõ apparentes razões de ser este o unico remedio de tanto dãno; as quaes discursadas singelamente, agradavaõ a todos os que conheciaõ o valor e actividade do Conde. Esta pratica ouvio o Conde Duque com bom rosto, e fazendo esta observaçaõ Diogo Soares, chegou mais lenha ao incendio; e ultimamente veyo a conseguir, que El-Rey persuadido do Conde Duque, mandasse chamar o Conde de Linhares, e que lhe encomendasse, sem admittir replica, no socego de Evora a saude da Patria, dizendo lhe; que havia conhecido que só elle era capaz desta empresa. O Conde, ainda que entendeo a origem deste preceito, achando-se sem poder para a opposiçaõ, avaliou por melhor partido a obediencia: beyjou a maõ a El-Rey pela confiança que fazia do seu zelo, e pedio só para o acompanharem na expediçaõ dos negocios a D. Alvaro de Mello, ao Inquisidor Antonio da Sylveira de Menezes, e a D. Francisco Manoel de Mello, que se achava em Madrid assistindo aos negocios do Duque de Bargança, e que alem de ter grande talento, como justificaõ varios livros que compoz, era preciso nesta commissaõ para conciliar os animos do Duque de Bargança e Conde de Linhares, de cuja uniaõ suppunha o Conde Duque, que pendia o ajustamento das alterações de Evora. Concederaõ-se-lhe os tres sem mais titulo que assistir-lhe. Partio-se o Conde, e a poucas jornadas lhe chegou ordem, para que fizesse retirar a Madrid D. Alvaro de Mello e Antonio da Silveyra, e só D. Francisco Manoel continuasse com elle a jornada. Obedecéraõ os dous, e o Conde conheceo ser industria de Diogo Soares divertirlhes os

Capitúla o Abbade de Pera de Diogo Soares.

Manda ElRey a Evora o Conde de Linhares.

meyo

meyos da execuçaõ, para o fazer complice na infelicidade da empresa: porém naõ alterou com este accidente a jornada, continuou-a até Villa-Viçosa, onde se avistou com o Duque de Bargança, havendo-se adiantado D. Francisco Manoel a facilitar os escrupulos, que se podiaõ offerecer no tratamento. Conferíraõ o Duque e o Conde os remedios mais efficazes de atalhar o dàno que ameaçava á Patria, cujos interesses ambos antepunhaõ a todos os outros respeitos; e para este fim segurou o Duque ao Conde, assim a assistencia do seu poder, como a obediencia de seus vassallos. Partio-se o Conde para Evora, aonde dias antes havia chegado a noticia da sua commissaõ, entrou na Cidade, e naõ achou no exterior della apparencia alguma de alteraçaõ, procurando os amotinados satisfazelo com esta cautella, persuadidos que a materia presente ficaria ajustada com a promessa do Arcebispo e Senado. Os da Junta conferiaõ com o Conde os pontos mais importantes, tratando-se no principio com toda a confiança. Caminhou sem contradiçaõ o ajustamento em quanto o Conde naõ declarou a fórma em que ElRey queria aceitar a obediencia dos Povos. Dizia a ordem delRey, forjada na extravagancia do Conde Duque, e approvada pela malicia de Diogo Soares, que de cada hum dos lugares inquietos fossem presentár-se na Corte os dous Magistrados populares Juiz e Procurador, os quaes tanto que estivessem juntos, se vestiriaõ de saco, e com cordas ao pescoço entrariaõ em publica Audiencia, a pedir a ElRey perdaõ pelos seus Povos; e que ElRey os estaria esperando em trono levantado, assistido dos embayxadores, e de toda a Nobreza da Corte, á imitaçaõ dos Emperadores Romanos; e que com isto se conseguiria que as nações inimigas da Coroa, que hauiaõ com grande gosto ouvido a soblevaçaõ dos Povos de Portugal, soubessem o seu arrependimento. Tanto que foy publica esta ordem, entenderaõ os de melhor discurso, que o Conde Duque queria juntar as cabeças dos culpados em Madrid com este pretexto, para que pagassem com as vidas os excessos commettidos: Porém sem embargo deste bem fundado juizo, pode tanto a industria do Conde de Linhares, ou (como se

Extravagante proposta aos Povos de Portugal.

ſe deve entender) a ſua credulidade, que promettendo por penhor das vidas dos que foſſem a Madrid a ſua peſſoa, conſeguio darem-lhe palavra Cezinando e Barradas, que eraõ os dous de Evora que vinhaõ nomeados, de que iriaõ a Madrid ſe os outros Povos concordaſſem em que os ſeus Magiſtrados fizeſſem a jornada. O Conde, tanto que alcançou eſta promeſſa, aviſou todos os mais lugares, para que com o exemplo de Evora naõ duvidaſſem de obedecer ao preceito delRey, ordenando que vieſſem todos os Magiſtrados áquella Cidade, para que juntos partiſſem para Madrid á ordem de D. Franciſco Manoel, que ElRey havia deſtinado para ſeu Conductor. Os dias que o Conde litigou eſta materia com os outros Povos, fizeraõ os de Evora infructuoſos, mudando de parecer, ou arrependidos do que prometéraõ, ou aconſelhados dos que lhe vaticinavaõ o perigo. Deliberados em naõ arriſcar as vidas na jornada de Madrid, foraõ a caſa do Conde de Linhares, e com apparentes ſummiſſoens lhe diſſeraõ, que lhes perdoaſſe naõ poderem pôr por obra a palavra que lhe haviaõ dado, porque o Povo a cuja ordem eſtavaõ entregues, naõ queria conſentir que fizeſſem aquella jornada. Alterou eſte accidente todas as diſpoſiçoens, que a tanto cuſto ſe haviaõ conſeguido, e incitou de ſorte a colera do Conde de Linhares (materia que na ſua condiçaõ eſtava ſempre diſpoſta a menores incentivos) que rompeo furioſo em deſconcortadas vozes, naõ ſó contra o Povo, ſenaõ tambem contra a Nobreza; e tendo por teſtimunhas alguns dos da Junta de Santo Antaõ, a poucos lances levou a ira, como coſtuma, todo o tratado ao precipicio: mandou ſahir de ſua caſa os do Povo, dizendo-lhe, que ou ſe aparelhaſſem para a jornada, ou para o Caſtigo. Sahiraõ-ſe os dous e fundando na perturbaçaõ a propria defenſa, tomáraõ de ſorte a indinar os da ſua parcialidade, que publicavaõ, que ſe o Conde ſenaõ ſahiſſe de Evora, que elles o lançariaõ. A eſtas vozes juntáraõ demonſtraçoens de execuçaõ, naõ ſem ſoſpeita de ſer a Nobreza a alma deſtes impulſos. Reconhecendo o Conde de Linhares todas as diligencias desbaratadas, ſe reſolveo a prevenir mayor dãno, e atalhar novas deſor-

Effeitos da ira do Conde de Linhares.

dens. Despedio D. Francisco Manoel á Corte, dando conta do máo successo da sua commissaõ, e moderosamente das causas porque a deixava e se partia para Lisboa, como logo fez muito á satisfaçaõ dos moradores de Evora; e de todo teve nelle fim a intervençaõ deste negocio, logrando Diogo Soares como desejava o effeito da sua maliciosa industria. E ainda que o Conde de Linhares voltou a Madrid antes da Acclamaçaõ, nunca pode livrarse das caluminas de Diogo Soares, que o reduzíraõ a padecer hum largo desterro em Tordezi-lhas, lugar apartado da Corte. D. Francisco Manoel chegou a Madrid, e deu noticia ao Conde Duque de todo o successo da sua jornada: ouviu elle a informaçaõ com mais apparente que interior pezar, e deu sem dilaçaõ ordem para que o castigo fosse remedio do tumulto, e o tumulto ocasiaõ da ultima ruina de Portugal.

Parte a Evora o Corregedor da Corte Diogo Fernandes Salema.

Avisou-se á Duqueza de Mantua que mandasse a Evora o Corregedor da Corte Diogo Fernandes Salema com todos o Ministros de justiça que parecessem necessarios. Executou-se esta ordem sem embaraço, porque o calor das armas vizinhas tirava o receyo aos Ministros de justiça. Logo que chegáraõ a Evora experimentáraõ sem contradicçaõ esta confiança; porque os populares, que naõ sabem reconhecer os perigos com o discurso, fiando sempre do tempo as prevençóes que devem ser parto do entendimento dos homens, sem mais conselho nem attençaõ que o receyo, se dividíraõ. Cezinando Rodrigues, e Joaõ Barradas, e outros se ausentáraõ: os mais fiados em serem pouco conhecidos, ficáraõ por mal de alguns delles, porque o Corregedor da Corte os prendeo, e sentenceando a todos, sahiraõ a enforcar em estatua Cezinando e Barradas com pergóes que os declaravaõ por traidores, promettendo-se premios a quem vivos, ou mortos os entregasse nas mãos da justiça. Os mais presos huns foraõ enforcados, outros lançados a galés, e todos com este exemplo ficáraõ soccegados e obedientes. Ao mesmo tempo que em Evora se executou, na mesma fórma o castigo dos Povos do Algarve; porém com muito mayor rigor, porque tanto que chegou áquelle Reyno, Pedro Vieira

Castigam-se os de Evora.

ra da Sylva Desembargador dos aggravos da Casa da Supplicaçaõ, ajustou o Duque de Medina Sidonia com Henrique Correa da Sylva Governador daquelle Reyno, que para que o castigo dos culpados se executasse sem perigo dos Ministros de justiça, passasse a alojar alguma infantaria aos lugares mayores delle; assim se poz por obra conduzindo seis mil Infantes D. Francisco de Andia e Fraçaval, que sem formar processos foraõ os mais rigorosos Ministros do castigo, assim nos culpados como nos innocentes. Pedro Vieira executou sentenças de morte em alguns, outros desterrou; e soccegado aquelle Reyno se retirou a infantaria contra o parecer do Marquez de Val-Paraiso, que desejava dilatar a guarniçaõ por mais tempo, por varios respeitos que apontava, que depois pudera ser muito conveniente ao governo de Castella Com o pretexto de dar melhor fórma aos accidentes referidos, havia o Conde Duque instituido huma Junta de varios Ministros Castelhanos em Badajoz, outra em Aya-Monte: e a estas ampliava de sorte os poderes, que ficavaõ sem exercicio os Tribunaes de Portugal, querendo que o costume facilitasse aos Portuguezes a quebra dos seus privilegios, que com esta destreza se hiaõ diminuindo, para que pouco a pouco viesse ElRey a lograr o fim desejado, que era fazer Portugal de Reyno Provincia, e aos Portuguezes de vassallos escravos. A estas Juntas se mandou ordem para assentarem os novos tributos que haviaõ de ser castigo dos Povos, e satisfaçaõ da cubiça dos Ministros Castelhanos. Lançadas estas primeiras linhas se começáraõ a esgotar os cabedaes de Portugal, para que exhaustas as veas, e consequentemente enfraquecido o corpo da Republica, pudesse cahir com menos trabalho, sendo o dinheiro o sangue, que sustenta o governo politico por ley instituida pela desordenada ambiçaõ dos homens. Foy este o primeiro quartel com que se atacou Portugal, e delle para outros dous sahiraõ duas linhas de cõmunicaçaõ, determinando o Conde Duque Governador desta empresa, que depois de assentados os quarteis e o cordaõ cerrado, se desse o ultimo assalto a este infelice Reyno, naõ defendido de outras forças mais que as da innocencia

Castigam-se os do Algarve.

Instituiçaõ de novas Juntas em Badajos e Aya-Monte.

nocencia com que padecia. Era o primeiro dos dous chamar ElRey a Madrid as pessoas mayores de Portugal, assim em sangue, como em letras, ecclesiasticas e seculares, para que faltando o espirito para os impulsos se pudesse sepultar cadaver o corpo da Republica. O segundo, passarem-se ordens com o pretexto da guerra de França, para se fazerem em todas as Provincias deste Reyno grossas levas de cavallaria e infantaria: e executadas estas disposições, julgava o Conde Duque por indubitavel a victoria, tirando a Portugal (que contava como inimigo) dinheiro, cabos, e gente. Lograda a primeira idéa dos tributos com as revoluções de Evora, passou á segunda: examinou exactamente quais eraõ as pessoas de mayor credito em Portugal, e que houvessem, sendo chamadas, de ir a Madrid sem receyo de algum castigo. Feita esta diligencia; e suppondo o Conde Duque que dissimulava muito a sua tençaõ com esta arte, como se os outros excessos a naõ fizeraõ manifesta, remetteo varias cartas del-Rey à Duqueza de Mantua, ordenando-lhe que as repartisse logo. Sem dilaçaõ se entregáraõ a D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa, a D. Sebastiaõ de Manttos de Noronha Arcebispo Primaz, a D. Joaõ Coutinho Arcebispo de Evora, a D. Gaspar do Rego da Fonseca Bispo do Porto, a D. Diogo da Sylva Conde de Portalegre, Diogo Lopes de Souza Conde de Miranda, D. Martinho Mascarenhas Conde de Santa Cruz, D. Francisco de Castelbranco Conde do Sabugal, D. Francisco Luiz de Alencastre Comendador mór de Aviz, Francisco Leitaõ Desembargador dos aggravos, Joaõ Pinheiro Desembargador do Paço, e aos Padres Sebastiaõ do Couto, Alvaro Pires Pacheco, e Gaspar Correa da Companhia de Jesu, porem dos tres só o ultimo chegou a Madrid. Continhaõ as cartas escrittas a estes Prelados, Ministros, e Religiosos que Sua Magestade desejoso de dar fórma a algumas materias, que na administraçaõ do Reyno necessitavaõ de emenda em todos os Tribunaes, queria formar hum Conselho junto de sua Real Pessoa, dos mayores Ministros e mais Praticos de Portugal, para entender delles como de talentos que tanto estimava, quaes seriaõ os meyos mais propor-

Chamma ElRey a Madrid os Prelados e Nobres.

cionados ao melhoramento que ſe pretendia, para cujo effeyto tanto que recebeſſem aquella carta, ſe partiſſem para a Corte de Madrid, onde os eſperava com todo o affecto de Principe amigo.

Recebidas as cartas, ſe puzeraõ a caminho todos os nomeados na fórma que ſe lhes ordenava, correndo o anno de 1638. e com eſta novidade taõ extraordinaria creceo aos Portuguezes o receyo, eſperando cada hum a hora em que havia de ſer chamado, e temendo todos juſtamente o infelice remate deſta maquina. Os que chegáraõ a Madrid naõ tiveraõ muitos dias mais ordem que ſeguir a Corte, nem puderaõ deſcobrir qual foſſe o negocio para que eraõ convocados. Foy a cauſa deſta artificioſa dilaçaõ, aſſim o grande aperto que por varias partes tolerava a Monarquia, como querer o Conde Duque tirar de Portugal mais numero de peſſoas particulares, o que determinava fazer tanto que tiveſſem effeito as levas que haviaõ de ſahir de todo o Reyno. E ainda havia outra cauſa mais principal, que era, como ſe poderia apartar delle ao Duque de Bargança, por dar Sua Real Peſſoa o mayor exercicio ao ſeu cuidado; porque conſiderava que aſſiſtindo em Portugal, parecia grande o perigo de qualquer execuçaõ violenta, ſe o Duque ſe declaráſſe defenſor da liberdade do Reyno; e como os Portuguezes ſe faziaõ reſpeitar, mais pelo valor que pela induſtria, ſeguia como mais facil o caminho de diminuillos, para que quando chegaſſe o tempo de exaſperálos, foſſe infructuoſa qualquer reſoluçaõ a que ſe arrojaſſem. Neſte ſentido eſperando-ſe tempo mais opportuno, ſe fóraõ diſſimuladamente ſeguindo as diſpoſiçoens propoſtas. Deo-ſe ordem a D. Affonſo de Alancaſtre Marquez de Porto ſeguro, para que fizeſſe em Lisboa huma leva de cavallaria, ſem lhe limitar o numero, e a todas as Comarcas do Reyno, e às Ilhas dos Açores ſe mandáraõ varios fidalgos levantar gente em grande quantidade, tomando-ſe por protexto acodir â guerra de França. Mandou-ſe tambem que os navios de guerra que ſe achaſſem nos portos do Reyno, foſſem entregues á ordem do Almeirante D. Thomaz de Chauburum. Levou os galeoens Santa Thereza e S. Balthezar,

Procuraſe tirar do Reyno o Duque.

Mandam-ſe fazer levas para a guerra de França em Portugal.

thezar, os mais se ficáraõ prevenindo; e ao Duque de Bargança chegou ordem que tirasse dos seus lugares mil Vassallos armados, e que os entregasse a D. Antonio Tello. Chegando aviso ao Conde Duque de que se davaõ em Portugal todas as ordens à execuçaõ, sem haver quem tivesse animo para contradizélas, e parecendo-lhe que já a sua industria havia triunfado dos alentados espiritos dos Portuguezes, ordenou; que a huma mesma hora fossem a casa de varios Ministros Castelhanos todos os Portuguezes, que haviaõ sido chamados á Corte, para que sem se communicarem acodisse cada hum á casa do Ministro apontado, pondo-se graves penas ao que revelasse o segredo. Mas logo se entende-o o intento de tantos artificios, e dentro de pouco tempo se manifestou, que fora a proposta ler-se a cada hum daquelles Ministros Portuguezes a sentença por onde o Reyno de Portugal, sem ser houvido, era condenado a percer a Regalia, dando-se ElRey por livre do juramento que fizera nas Cortes, pelo haver desobrigado a perfidia Portugueza, como elles chamavaõ, apontando casos suppostos, e dizendo; que os seus Theologos, e Juristas o livravaõ de todo o escrupulo: porém que ainda com este fundamento naõ queria ElRey fazer acçaõ que naõ fosse justificada, e que assim pedia a cada hum daquelles Ministros seu parecer, para a fórma em que se havia de introduzir o novo governo de Portugal, e como se poderiaõ sem embaraço promulgar as novas leys, com as quaes determinava ser obedecido dos Portuguezes, advertindo-se que se naõ podia parecer, mais que para a fórma de executar. Esta foy a proposta, e esta causa só bastára para justificar as acçoens dos Portuguezes, ainda que naõ fora o fim principal de se eximirem do governo de Castella, livrarem-se do escrupulo de serem vassallos de possuidor intruso, tendo em o Duque de Bargança Senhor verdadeiro e natural: porque havendo Filippe II. desobrigados os Portuguezes de toda a subjeiçaõ á sua Coroa, se elle, ou seus descendentes quebrantassem os fóros deste Reyno, ainda dando-se caso que Filippe IV. fosse legitimo possuidor de Portugal, sem escrupulo algum por esta resoluçaõ puderaõ os Portuguezes negar-lhe a obe-

Proposta em Madrid aos Ministros Portuguezes.

a obediencia, pois eraõ culpas ſuppoſtas todas as que o Conde Duque lhes arguia, a fim de lhes uſurpar a liberdade; porque as alteraçoens de Evora origináraõ-ſe de tributos injuſtos, e alem de naõ entrarem nellas mais que as peſſoas de baixa condiçaõ, deſtas foraõ caſtigadas as de mayores delictos, que ſe acháraõ, com mortes, galés e degredos, e depois com graviſſimos tributos; e naõ merecia todo o Reyno a pena da culpa que naõ tivera, e que os delinquentes pagáraõ. E quando eſta reſoluçaõ naõ fora injuſta, era intempeſtiva, pois moſtrar a ferida ſem executar o golpe, he dar lugar ao reparo. Porque ainda que o Conde Duque ſe fiava na Armada de que era Cabo D. Antonio de Oquendo, que tinha ordem para invernar em Lisboa, e ao calor deſte poder ſe havia de introduzir em Portugal o novo governo, as prevençoens humanas ſaõ taõ incertas, que primeiro foy eſta poderoſa Armada deſpojo de Olanda no Canal de Inglatera, q̃ caſtigo de Portugal no Rio de Lisboa; e o ſegredo taõ recomẽdado foy manifeſto, obrigando aos Portuguezes, q̃ acordaſſem do lethargo em q̃ viviaõ, tendo, para ſe livrar do perigo que os ameaçava, o favor do meſmo tempo de que o Conde Duque queria diſpôr, como ſe os futuros naõ foraõ taõ contingentes para o ſeu poder, como para qualquer dos que ſahêm a paſſear a inconſtancia do theatro do Mundo.

Tomada pelo Conde Duque a reſoluçaõ referida, e naõ lhe reſpondendo os Portuguezes que conſultou, mais que com eſcuzas, fundadas no pouco poder que tinhaõ para tratar particularmente taõ importante materia, fez correr ſem diſſimulaçaõ as ordens mais injuſtas contra Portugal, naõ havendo a hum meſmo tempo ley que ſe naõ rompeſſe, privilegio que ſe naõ quebraſſe, extorçaõ que ſe naõ fizeſſe: chegando a tanto extremo a violencia, que ſe naõ perdoou á immunidade Eccleſiaſtica, porque offerecendo ſe algumas duvidas entre o Colleytor Alexandre Caſtracani, e os Miniſtros da Coroa, ordenáraõ os Caſtelhanos aos de Juſtiça, que lhe cercaſſem a caſa, e lhe prohibiſſem o trato e o ſuſtento. Vendo-ſe o Colleytor neſta extremidade, ſe lançou com grande perigo por huma janella, e ſe recolheo no Convento de S. *Exceſſos contra o Colleitor.*

Francisco, parte de que o foraõ tirar, e o remetéraõ preso a Madrid, deixando elle a Portugal com a affliçaõ de hum Interdito de que se seguíraõ gravissimos damnos. Igualmente com a succeslaõ dos dias se multiplicavaõ as exorbitancias; porém ao passo do damno caminhava nos Portuguezes o dezejo do remedio, e do excesso dos males recebiaõ o beneficio de lhes apartar dos animos o receyo: porque em quanto foraõ toleraveis, nem do proprio coraçaõ fiavaõ o desafogo, e tanto que passáraõ a exorbitantes, conhecendo que o castigo futuro naõ podia ser mayor que o mal presente, logo o coraçaõ se explicou pela boca, e como as vozes e as queixas se communicáraõ, discursado o tempo, conhecido o risco, e averiguado o opprobrio, passáraõ os zelosos da Patria e amantes da honra, de lastimados a vigorosos; e achando o valor de cada hum dos Portuguezes forçosos estimullos nos aggravos da Naçaõ tantas vezes offendida, que houvia referir a qualquer dos com que tratava, reccorrendo juntamente e poderando as valerosas acçoens de seus antepassados, offerecia voluntariamente a vida, pela liberdade da Patria. Porém todos estes discursos, ainda que valerosos, e resolutos, naõ podiaõ passar do sentimento á execuçaõ; porque a lima da politica do Conde Duque havia adelgaçado de sorte o robusto aço das forças de Portugal, que senaõ recorria a remedio algum, que bem ponderado naõ se acháste ou impossivel, ou taõ difficultoso que era quasi impraticavel.

Consideraçoens dos Portuguezes mais zelosos.

Entre todos os discursos nenhum se achava de mais seguras esperanças, que aquellas que se fundavaõ no Duque de Bargança, vendo todos concorrer nelle justiça para se coroar, valor para o emprender, e affeiçaõ nos Povos para lhe sustentar a Coroa, huma das mais precisas circunstancias de taõ arduas empresas. Mas observava-se por outra parte, que o Duque naõ descobria outra inclinaçaõ mais que o exercicio da caça, que nas alteraçoens de Evora naõ só desprezára as offertas que repetidamente lhe fizeraõ os Povos, persuadindo-o muitos da Nobreza que as aceitasse, mas que usára de todas as diligencias, e negoceaçoens para justificar com ElRey a

sua

ſua obediencia, e que aſſim naõ parecia ſeguro offerecer-lhe o que naõ havia de aceitar. Quando eſtas duvidas embaraçavaõ o diſcurſo, recorriaõ huns a chamar ſeu irmaõ D. Duarte compoſto de excellentes virtudes, em quem reconheciaõ eſpiritos militares que abraçaõ facilmente empreſas difficultoſas, e com a meſma juſtiça á ſucceſſaõ do Reyno, quando o Duque admittiſſe. Outros queriaõ formar huma Republica, trazendo por exemplo Veneza, Genova, e Olanda, onde ſendo as utilidades communas e os riſcos iguaes, ſe conſerva a uniaõ incontraſtavel. Porém huma e outra idea padecia forçoſas duvidas: porque a primeira moſtrava o mayor obſtaculo no Duque de Bargança, que naõ havia de querer que viſſe o Mundo que cedia a ſeu irmaõ, ou que naõ tinha animo para emprender, ainda que ſe deſſe caſo que deſprezaſſe empreſa taõ generoſa. Na ſegunda ſe conſiderava a differença das naçoens, e o defeito que os Portuguezes padecem na difficuldade da uniaõ, ſentindo ordinariamente, mais que a deſgraça propria, a fortuna alheya, deſconcerto que totalmente deſtrúe todos os fins de huma Republica. Neſta contenda eſtavaõ os diſcurſos dos Portuguezes ſem poder tomar fórma, creſcendo com os apertos do Conde Duque por inſtantes a materia, quando chegou ordem ao Duque de Bargança, entrando o anno de 1639. para que com titulo de Governador das Armas de todo o Reyno paſſaſſe a Almada a prevenir a defenſa delle, por ſe haver entendido que em França ſe aparelhava huma groſſa armada contra Portugal. O Duque diſcurſando que ſe lhe ſeguiriaõ grandes inconvenientes deſta occupaçaõ, tratou de divertila, naõ perdoando por conſeguir eſte fim a diligencia alguma: porém naõ admittiraõ em Caſtella as muitas eſcuſas que repreſentou, e foy-lhe preciſo aceitar o poſto e paſſar a Almada. Julgáraõ muitos por deſacerto do Conde Duque eſta eleyçaõ, dizendo que entregar as armas ao que avaliava aquella Coroa pelo mayor inimigo, era querer ſeguar-lhe a victoria, antes de ter principio a contenda; e que o Duque com os eſpiritos vigoroſos das vozes que o acclamáraõ Rey nas alteraçoens de Evora, diſporia as armas do Reyno como lhe mandavaõ, para uſar dellas

Nomea-se o Duque por General das armas.

Paſſa a Almada.

Diſcurſos ſobre eſta eleyçaõ.

dellas como lhe parecesse. Outros que presumiaõ penetrar melhor interior das sutilezas do Conde Duque, diziaõ que esta confiança que fazia do Duque, era negaça para o trazer mais depreça enganado á rede, armada pela sua industria, e só meneada pelo seu braço; que o Duque servindo a ElRey, mostrava que era vassallo aos Portuguezes, que o julgavaõ por soberano: sendo diminuír a reputaçaõ de hum Principe o primeiro passo da sua ruina: que pela obrigaçaõ de seu posto havia de visitar as torres e os navios da Armada, e que era facil prendelo entrando em qualquer torre, ou passallo, em o primeiro navio que visitasse, e Cadiz, onde perderia quando naõ fosse a vida, a liberdade. Averiguou-se depois naõ haver duvida em ser esta a tençaõ do Conde, Duque, e a causa de fazer Governador das armas ao Duque de Bargança: porém o successo mostrou, que o primeiro discurso que o condenava, acertára melhor os fins, do que elle dispuzera os principios: porque o Duque tanto que chegou a Almada, foy visitado de toda a Nobreza, e muitos se resolvéraõ a descobrir-lhe o animo com que, se dedicavaõ a seu serviço, outros a tentalo querendo especular o seu intento: porém o Duque naõ conhecendo os de que devia fiar-se, sondava os coraçoens de todos sem se declarar com algum delles: e ainda que esta destreza foy naquelle tempo contada como irresoluçaõ, depois foy celebrada como grande prudencia; porque como os homens avaliaõ ordinariamente só pelo que entendem, e naõ como aquelles com que trataõ, se acautelaõ, estes fidalgos que entregavaõ ao arbitrio do Duque os animos sem malicia, condenavaõ-lhe naõ os aceitar sem reparo, como se as razoens com que se lhe offereciaõ naõ fossem as mesmas que muitas vezes servem de rebuço ao falso trato. Passou o Duque de Almada a Lisboa a visitar a Duqueza de Mantua, desembarcou no Paço, dilatou-se pouco na visita, e havendo ordenado a Duqueza q̃ com destreza se lhe mudasse a Cadeira de espaldas, quando se assentava, do lugar que lhe competia, Thomé de Sousa com resoluçaõ e valor arrojou a Cadeira para a parte em que era razaõ que estivesse. Voltou o Duque para Almada na mesma tarde.

Visita a Duqueza de Mantua.

Con-

Concorreo toda a Corte, huns a assistir-lhe, outros a ve-lo, e todos a festejallo com taõ claras demonstraçoens a todas as luzes, que fizeraõ mais condenada a resoluçaõ do Conde Duque, que todos os affeiçoados aos interesses de Castella haviaõ anticipadamente reprovado. Na entrada do inverno se recolheo o Duque a Villa-Viçosa livre dos laços dos Castelhanos, porque advirtido de seguras inteligencias se desviou dos perigos que o ameaçavaõ. Naõ passáraõ muitos dias depois de haver chegado, que lhe naõ viesse ordem de Madrid, para fazer huma leva de soldados dos seus lugares. Replicou levemente pelo pouco effeito que havia tido a primeira ordem, succedendo o mesmo em todas as levas que se fizeraõ no Reyno, ainda que algumas chegáraõ a Catalunha. Com esta attençaõ naõ lhe admittindo ElRey a replica, se dispoz o Duque a obedecer por naõ dar ao Conde Duque a occasiaõ que buscava de o condenar: porém mandou occultamente que a leva se fizesse com tanta pauza, que naõ servisse a diligencia mais que de o naõ arguírem.

Em Lisboa os que fundavaõ na resoluçaõ do Duque a liberdade da Patria, perdéraõ muito o animo com a cautela de que usou em Almada, divertindo todas as praticas que se encaminhavaõ a coroâlo. Este sentimento levou outra vez os discursos a Alemanha, esperando do valor de D. Duarte, a assistencia no que emprendiaõ: porém como o perigo estava mais vizinho que as esperanças, tornáraõ a fazer novas instancias ao Duque de Bargança. Hum dos que mais vivamente as apertava era Francisco de Mello Monteyro Mór: escrevia a D. Francisco de Mello Marquez de Ferreira, e a D. Affonso de Portugal Conde do Vimioso, pedindo a hum e outro que representassem ao Duque as molestias que padeciaõ os Portuguezes, que de justiça nasceraõ seus vassallos; que tomasse a Coroa que voluntariamente lhe offereciaõ, pois era a mesma que os Castelhanos roubáraõ a seus Avôs; que a esta offensa senaõ devia antepor perigo algum, e que este se devia ter por muito remoto na consideraçaõ de se acharem os Castelhanos com o poder dividido por muitas partes, e que neste sentido nunca o tempo podia ser

Diligencias do Monteiro Mór.

para a reſoluçaõ mais opportuno. Chegavaõ eſtas razoens ao Duque, e outras da meſma ſubſtancia tambem encaminhadas ao Marquez de Ferreira e ao Conde de Vimioſo por Jorge de Mello irmaõ do Monteiro Mór, caſa em que ſe juntavaõ Dom Miguel de Almeida. Pedro de Mendonça Furtado, e Dom Antaõ de Almada a conferirem o caminho que ſeguiriaõ para ſe apartarem dos perigos que os ameaçavaõ. Recebia o Duque eſtes aviſos, e como reconhecia o muito que havia que vencer, para lograr empreſa taõ ardua, dilatava declarar-ſe até que as diſpoſiçoens moſtraſſem mais ſeguranças que as do ſentimento, e mayores fundamentos que os males de que ſe queixavaõ os que o perſuadiaõ. Desfez eſta confuſaõ, e desbaratou toda a perplexidade do Duque o deſacordo e pouca attençaõ do Conde Duque, que tirando o rebuço ao peito, deſcobrio de todo os intentos que recatava, taõ mal conſiderados que vieraõ a ſer occaſiaõ do meſmo dãno que pretendia atalhar. Chegou ao Duque de Bargança ſegunda ordem para paſſar a Almada: replicou, e deſvaneceo-ſe. Porém dentro de poucos dias recebeo huma carta delRey, em que depois de largas perſuaçoens e promeſſas, lhe ordenava que ſe preveniſſe para paſſar a Catalunha com elle, aonde determinava marchar brevemente a ſoccegar as revoluções daquelle eſtado: outras da meſma ſubſtancia vieraõ a todos os fidalgos do Reyno.

Primeira junta da Nobreza.

Carta delRey ao Duque para paſſar a Catalunha

Haviaõ-ſe exaſperado os Catalaens da contumacia do Conde Duque: porque tendo elles aſſiſtido com gente e dinheiro na guerra de França ao ſoccorro de Salſes, a ſatisfaçaõ que alcançáraõ deſta fineza foy, naõ ſó falta de premio, ſenaõ disfavores e deſprezos, e alojarem os Caſtelhanos todo o exercito nos lugares mais opulentos daquelle Eſtado. Fizeraõ os Catalães repetidas queixas ao Conde Duque, de que reſultou vir ordem delRey para que o exercito ſe aquartelaſſe nos lugares, que os cabos elegeſſem. Entendia-ſe que a cauſa deſte rigor era a oppoſiçaõ, que alguns Catalães orgulhoſos por natureza faziaõ á ſoberba do Conde Duque, negando-lhe os obſequios que lhe rendiaõ quaſi todos os Vaſſallos da Coroa de Heſpanha. O que ſe moſtrou mais claramente em huma

Motivos das alteraçoens de Catalunha.

huma contenda q̃ o Conde Duque teve com o Almeirante de Castella em Barcelona, em que os Catalães se declarárao a favor do Almeirante. Exasperados os Catalães de taõ repetidos rigores, romperaõ em desordens, e valendo-se do antigo estilo de entrarem em Barcelóna, á festa do Corpo de Deos segadores, que baixavaõ das montanhas, costumados a viver de latrocinios e insultos, e usando deste barbaro soccorro, unidos os da Cidade aos segadores, matáraõ ao Viso-Rey D. Dalmau de Queralt Conde de Santa Coloma seu natural, e antes grandemente estimado de toda a sua naçaõ. Seguiraõ-se a esta outras muitas mortes, e eyorbitantes sacrilegios e roubos. Os soldados offendidos destes insultos procuraraõ a satisfaçaõ pelo Principado, saqueáraõ a Cidade de Perpinhaõ, unindo-se a guarniçaõ do Castello á Infantaria que buscava aquella Cidade para alojamento, e aquem os da Cidade haviaõ fechado as portas. Padecéraõ outros lugares este mesmo damno, e fez Cambriz a primeira opposiçaõ ao exercito, de que se seguio padecer o primeiro castigo por todos os titulos exorbitantes e escandaloso: porque além de tirarem as tropas a vida a muitos moradores, foraõ enforcados o Baraõ de Roca-Fort Jacinto Viloso, e Carlos Bertola nobres Catalães, que governavaõ aquella Praça. A estas extorções se seguiraõ tantos excessos, que chegando os Catalães á ultima desesperaçaõ, se resolveraõ a fortificar Barcelona, e a buscar o mais seguro remedio na protecçaõ delRey de França. Para atalhar este damno persuadio o Conde Duque a ElRey Catholico que marchasse com hum grande exercito ao castigo dos Catalães, naõ só com o fim de fazer mais certa e mayor a vingança dos delictos succedidos, de que elle havia sido causa, senaõ tambem para que esta jornada servisse de pretexto ao intento de chamar a Madrid ao Duque de Bargança e toda a Nobreza de Portugal, para que sem opposiçaõ se reduzisse a ficar Provincia. Tanto que chegou ao Duque de Bargança a ordem para acompanhar ElRey a Catalunha, se resolveo generosamente a abraçar as offertas que repetidamente se lhe haviaõ feito de aceitar a Coroa que de justiça lhe pertencia, e a livrar a Patria dos grandes males

Resolve-se o Duque à empresa da liberdade.

males que soportava, sendo muitas vezes mais poderosa huma grande sem razaõ, que a razaõ mais forçosa. Considerava que se obedecia á ordem, dava sentença contra a sua vida, ou ao menos contra a sua liberdade, porque todos os antecedentes insinuavaõ ser este o fim do Conde Duque: e quando se desse caso que hum e outro perigo se divertisse, naõ podia deixar de pôr em contingencia a sua authoridade e a grandeza da Casa de Bargança, tanto seculos conservada sem diminuiçaõ: porque a imprudencia dos Castelhanos foy nesta materia de qualidade, que fazendo taõ exactas diligencias porque o Duque se apartasse de Portugal, antes de conseguir a sua obediencia, ja tinhaõ publicado que os Grandes lhe haviaõ de preceder em todos os Actos publicos; e quando a verdadeira politica era obrigallo para o persuadir, lhe negáraõ o Arcebispado de Evora para seu irmaõ D. Alexandre, dando por razaõ que naõ era Doutor em faculdade alguma, quando no mesmo tempo se havia concedido o Bispado de Vizeu a Leopóldo Archiduque de Tirol para hum filho seu de tres annos, sendo contra a Ley do Reyno darem-se a estrangeiros Beneficios Ecclesiasticos. Obrigado de taõ certos discursos, e queixosos de taõ justos aggravos, e sobre todas as razões humanas persuadido de impulso superior, determinou o Serenissimo Duque de Bargança naõ dilatar por mais tempo as esperanças dos Portuguezes, sendo valeroso Autor da liberdade que desejavaõ: porém esperou que se lhe tornassem a fazer novas propostas para ajustar com mayores fundamentos materia, onde as difficuldades pareciaõ quasi invenciveis. Naõ lhe tardou muitos dias esta occasiaõ, porque irritada de novo a Nobreza com as ordens, que chegáraõ a todos os fidalgos de que se compunha, para acompanharem El-Rey no castigo dos Catalães, lembrados naõ só do intento desta jornada (conhecidamente disposto para ultima ruina das suas casas) senaõ da differença das empresas, para que seus Avôs foraõ chamados dos antigos Reys de Portugal, se despuseraõ a tomar a ultima resoluçaõ, e a eleger o caminho que achassem menos difficultoso para conseguir a sua e a liberdade da Patria.

A doze de Outubro do Anno de 1640. (taõ decantado dos vaticinios, que nem a experiencia do ſe chegar o fim delle ſem apparencia de novidade util, diminuia as eſperanças dos que aguardavaõ neſte tempo a liberdade da Patria) ſe juntáraõ em caſa de D. Antaõ de Almada, D. Miguel de Almeida, o Monteiro Mór, Jorge de Mello, Pedro de Mendonça, e Antonio de Saldanha, Joaõ Pinto Ribeiro A gente da Caſa de Bargança, ao qual chamou D. Miguel de Almeida, aſſim por ſer avaliado por homem de grande talento, como por ſer Agente dos negocios do Duque de Bargança, e muito obrigado a procurar os ſeus intereſſes. Começáraõ todos a diſcorrer ſobre o remedio de tantos males como o Reyno padecia, e a queixarem-ſe do Duque de Bargança, que era a cauſa de tanta ruina, naõ querendo aceitar a Coroa que lhe offereciaõ, e na Coroa as vidas e as liberdades que lhe entregavaõ. Arguíraõ-no de remiſſo e irreſoluto, fazendo a paixaõ ou o impulſo ſobrenatural que ſe eſqueceſſem, de que a empreſa tinha mais relevantes dependencias que o conſentimento do Duque. Defendeo-o Joaõ Pinto, fazendo officio de bom criado: referio as muitas razoens que havia, para ſe naõ reſolver ſem grande conſideraçaõ em materia taõ importante, Monſtrando os inconvenientes que primeiro ſe deviaõ facilitar: e concluio, que ſe julgavaõ ſer, acclamar ao Duque o unico remedio de tantos males, para que aguardavaõ o ſeu conſentimento? que ſe reſolveſſem a declaralo Rey de Portugal, porque o Duque vendo-ſe metido no empenho, antes havia de querer ſer Rey em contingencia, que Vaſſallo ſuſpeitoſo, ſendo mais remoto aquelle que eſte perigo. Todos os que houvíraõ Joaõ Pinto, ſe affeiçoáraõ á ſua oppiniaõ; porém aſſentáraõ, que ſe fizeſſe primeiro aviſo ao Duque, perſuadíndo-o com mais vivas inſtancias a que aceitaſſe a Coroa: e quando elle duvidaſſe, ſe elegeria o ſegundo partido de o acclamar ſem ſeu conſentimento, ou outro qualquer que pareceſſe mais util e mais breve, porque eraõ ja tantos os que ſabiaõ eſta reſoluçaõ, que na quebra do ſegredo perigava muito o ſucceſſo della. Perſuadíraõ todos a Joaõ Pinto, que foſſe a Villa-Viçoſa communicar

Anno 1640.

Segunda junta dos Nobres.

Anno 1640.

municar o Duque a determinaçaõ aſſentada, e a moſtrar-lhe as razoens que o obrigavaõ a libertar a Patria, aceitando a Coroa. Eſcuſou-ſe Joaõ Pinto dizendo, que as razoens repetidas por elle pareceriaõ ao Duque ſuſpeitoſas, e levadas do intereſe que lhe reſultava da ſua grandeza, e que aſſim era de parecer, que Pedro de Mendonça aceitáſſe eſta commiſſaõ, porque nelle concorriaõ todas as circunſtancias de que ſe devia eſperar a felicidade da jornada. Aceitou Pedro de Mendonça com muito goſto a diligencia, e como era tao empenhado no bom ſucceſſo della, naõ dilatou dala á execuçaõ: fez caminho por Evora, onde communicou ao Marquez de Ferreira, e ao Conde de Vimioſo a commiſſaõ que levava. Eſcreveráõ elles ao Duque, esforçando quanto lhes foy poſſivel as inſtancias, para que naõ recuſaſſe taõ generoſa offerta. Paſſou Pedro de Mendonça com eſtas cartas a Villa-Viçoſa, achou o Duque caçando na tapada que ſe ſegue á Villa, que era todo o ſeu divertimento, ſendo huma das mayores e mais abundantes de caça de toda Heſpanha. Depois dos primeiros comprimentos, offerecendo-lhe occaſiaõ o campo de fallar ao Duque ſem teſtemunhas, lhe diſſe, que elle vinha da parte de quaſi toda a Nobreza do Reyno apedir-lhe quizeſſe aceitar a Coroa de Portugal, uſurpada a ſeus Avôs por ElRey D. Filippe ſegundo, e que do ſentimento da Nobreza eſtava o Povo de Lisboa, eſtimulado dos exceſſos dos Caſtelhanos, e que neſte particular era a reſoluçaõ de todos taõ uniforme e incontraſtavel, que quando duvidaſſe de aceitar o Coroa, determinavaõ acclamallo ſem ſeu conſentimento: porém que parecendo aos de melhor diſcurſo eſta reſoluçaõ intempeſtiva, aſſentáraõ fazer-lhe aviſo, eſperando de ſeu grande eſpirito que ſe naõ negaria ao amparo de taõ honrados Vaſſallos, que voluntariamente entregavaõ ao ſeu arbitrio as vidas, e as fozendas, com ſegura confiança de lhe eternizarem o Coroa, fundada no valor dos Portuguezes tantas vezes experimentado; e que ſe o pouco que eſtimava o Cetro o diſſuadiſſe da empreſa, o muito que devia gratificar taõ finos affectos era força que o obrigaſſe a tomar taõ galharda reſoluçaõ: advertindo-lhe, que

Parte Pedro de Mendonça ao Duque.

Proposta de Pedro de Mendonça.

que quando naõ achassem por huma ou por outra via meyo de o persuadir, que stavaõ resolutos a formar huma Republica; e que devia considerar quanto desdouro seria para a sua oppiniaõ entre as Naçoens estrangeiras verem que erigiaõ Republica, tendo nelle Principe natural. Porque ainda que a empresa era grande, parece que a facilitavaõ a guerra de França, e as revoluçoens de Catalunha, repartindo-se de sórte o poder dos Castelhanos, que seria facil desbaratar o que trouxessem á opposiçaõ do intento proposto: e que lhe pedia naõ communicasse este negocio ao seu Secretario Antonio Paez Viegas. Era a causa desta desconfiança recearem, que Antonio Paez desviasse ao Duque de aceitar o Reyno, e por este respeito advertíraõ a Pedro de Mendonça em Lisboa esta diligencia. O Duque respondeo, que a materia em que lhe fallava, era de tanta importancia, que merecia toda a ponderaçaõ, e assim lhe pedia tempo para cuidar nella, e brevemente lhe daria reposta: que em quanto a fiála de Antonio Paez sem algum escrupulo o podia permittir, porque além das largas experiencias que tinha do seu segredo e prudencia, naõ era o que menos o estimulava ao mesmo que elle o persuadia. Entregou Pedro de Mendonça ao Duque as cartas que levava do Marquez de Ferreira e Conde de Vimioso, e apartou o discurso o Bispo de Elvas D. Manoel da Cunha, que veyo visitar ao Duque.

Anno 1640

Reposta do Duque.

Acabada a visita do Bispo, entrou o Duque a discorrer no modo da reposta q̃ havia de dar a Pedro de Mendonça; porque ainda que estava resoluto a tentar a fortuna abraçando a empresa, ensinava-lhe a prudencia a caminhar com os passos mais seguros que fosse possivel, e a dispôr de sórte os animos, que concorresse no empenho ou toda ou a mayor parte da Nobreza, resoluçaõ que costuma a seguir o Povo, e sem ella sempre saõ inconstantes os seus affectos. Pareci-lhe ao Duque conveniente, antes de declarar o seu intento, anticipar todas as prevençoens que considerava precisas para o concluir, porque depois de communicada a sua resoluçaõ suppunha grande risco em se lhe dilatar o effeito della; e executada sem esperanças de a conseguir, o que facilitavaõ as disposi-

çoens convenientes, era entregar logo a victoria nas mãos de ſeus inimigos. Para ter mayor ſoccego neſte embaraço, naõ quiz reſolver-ſe ſem o parecer de Antonio Paez Viegas: chamou-o, e communicou-lhe tudo o que havia paſſado com Pedro de Mendonça. Chegando ao ponto de que a Nobreza determinava, quando elle ſe reſolveſſe a naõ aceitar a Coroa, a formar na ultima deſeſperaçaõ huma Republica, diſſe Antonio Paez ao Duque, que antes que paſſaſſe mais adiante, ſe ſerviſſe o tirar de huma duvida, a qual era que ſe a caſo os Portuguezes formaſſem Republica, que partido havia de ſeguir ſe o de Portugal ſe o de Caſtella? Reſpondeo-lhe o Duque, que ſempre, eſtivera deliberado a ſenaõ apartar do commum conſentimento do Reyno, e qualquer perigo a que ſe arriſcaſſe pela defenſa da Patria, teria por muito ſuave. Ouvindo eſtas palavras, diſſe ao Duque Antonio Paez com grande fervor, que eſta ſua reſoluçaõ tirava a duvida da repoſta que havia de dar a Pedro de Mendonça: porque ſe pela Patria ſe reſolvia a arriſcar a vida ſendo Vaſſallo de huma Republica, quanto mais glorioſo e quanto mais conveniente era, empenhala ſendo Rey de hum Reyno, que lhe pertencia de juſtiça: e que ſe a defenſa da vida ficava dependendo da direcçaõ alheya, muito mayor prudencia ſeria ſegurala com a diſpoſiçaõ, e cuidado proprio: que achaſſe a maõ que tiraſſe o golpe, na do Duque a eſpada para o reparo: que viſſe Europa, conheceſſe o Mundo, e confeſſaſſe a Poſteridade o valor com que ſe arrojava a lograr em huma ſó acçaõ duas victorias, reſtituirſe á poſſe do Reyno que lhe tocava, e ſatisfazer-ſe das offenſas que os Caſtelhanos uſurpando-o fizeraõ a ſeus Avôs; e que celebraſſe Portugal para gloria ſua ſer elle aquelle eſcolhido de Deos no Campo de Ourique para livrar na decima ſexta geraçaõ, que depreſente ſe contava, o Reyno atenuado, e a Patria nunca em outro ſeculo mais oprimida. Que em quanto ás difficuldades que ſe lhe repreſentavaõ, que já ſenaõ podiaõ prevenir; porque ſó o beneficio do tempo era quem as havia de remediar: que na contigencia da Lua inconſtante ſemeava o lavrador a terra, e no perigo da variedade do vento ſe arrojava ao Mar

Anno 1640

Conferencia do Duque com Antonio Paez Viegas.

Mar o navegante, tendo valor hum e outro para entregar ao tempo a sua fortuna: que nos casos grandes toda a resoluçaõ se escusava de temeridade, e qualquer reparo (abraçado o empenho) era imprudencia, sendo só o arrependimento o que se devia contar como mayor precipicio. E que ultimamente nunca a desgraça poderia ser taõ poderosa, que negando-lhe todos os meyos de se defender, lhe faltasse na campanha com huma gloriosa sepultura. O Duque estimou muito esta opiniaõ de Antonio Paez, respondeo-lhe que se havia conformado com o seu intento; e depois de conferir com elle outros pontos importantes, passou ao quarto da Duqueza D. Luiza de Gusmaõ sua mulher, filha dos Duques de Medina Sidonia, huma das mais qualificadas e antiguas familias de Castella, deo-lhe conta do empenho em que se achava, a que naõ queria arrojar-se sem o seu parecer. A Duqueza, que era dotada de entendimento taõ claro e animo taõ varonil, como depois acreditáraõ largas experiencias, ponderando os perigos da sua casa, sendo objecto do rigor do Conde Duque, julgou generosamente por mais acertado, ainda que a morte fosse consequencia da Coroa, morrer reynando que acabar servindo, e animou a o Duque, dizendo, que todos os vaticinios eraõ segurança da empresa, e que neste sentido só a dilaçaõ de se coroar podia ser perjudicial. Achando o Duque taõ conformes duas oppinioens de que tanto fiava, chamou Pedro de Mendonça, e depois de lhe agradecer o trabalho e o perigo, a que se expusera por seu respeito, lhe disse; que havia largamente ponderado tudo quanto elle lhe referira, e que antepondo a saude da Patria ao risco particular, se resolvia a aceitar a Coroa para a fazer respeitada a seus inimigos e commuma a seus Vassallos, porque na occupaçaõ que a Nobreza lhe dava escolhia o trabalho do governo, e largava aos que governasse os interesses do Imperio. Pedro de Mendonça alegre de haver conseguido o que tanto dezejava, pretendeo beijar a maõ ao Duque, que o resusou dizendo, que para esta ceremonia naõ faltaria tempo, e que para conseguir o que dispunhaõ faltavaõ muitas circunstancias.

Anno 1640

Resolve-se o Duque em aceitar a Coroa.

Communica à Duqueza o intento, que varonilmente o approva.

Declara a Pedro de Mendoça esta resoluçaõ.

Anno 1640.

Com grande satisfaçaõ desta modestia partio Pedro de Mendonça para Mouraõ por dissimular a jornada de Villa-Viçosa. Despedio logo hum Correio a D. Miguel de Almeida e lhe escreveo dizendo, que fora á tapada, que se fizeraõ alguns tiros, e que huns se acertáraõ outros se erráraõ, e que era grande a prudencia de Joaõ Pinto Ribeiro. Este aviso taõ pouco distincto deixou a D. Miguel muito embaraçado, porém recatando-o por naõ confundir as resoluções, chegou Pedro de Mendonça, e dando a todos os da junta conta da reposta do Duque, a celebráraõ com tantas demóstrações de contentamento, que foy esta a primeira acclamaçaõ. Ja neste tempo havia crecido muito o numero dos fidalgos empenhados nesta gloriosa empresa: todos tornáraõ a persuadir Joaõ Pinto Ribeiro, que fosse a Villa-Viçosa a ajustar com o Duque o dia e a fórma de se executar o que estava tratado, porque era preciso concordar-se com elle nestas e em outras circunstancias todas de grande consequencia. Tornou Joaõ Pinto a escusar-se, offerecendo as proprias razões que representára no principio. Em ventilar estas materias se gastáraõ alguns dias, nos quaes faltando ao Duque os avisos, que era justo se lhe fizessem muito repetidos, entrou com razaõ em grande cuidado, e sabendo que Pedro de Mendonça havia passado a Evora, lhe escreveo pedindo-lhe novas do negocio que lhe encomendára. Respondeo-lhe taõ confusamente, que o Duque crescendo-lhe o embaraço se resolveo a chamar Joaõ Pinto, com o pretexto de conferir com elle huma demanda, que fazia á casa de Odemira. Deu Joaõ Pinto conta a D. Miguel desta ordem para que elle a communicasse aos mais confederados, e depois de ajustarem o que havia de dizer ao Duque se partio para Villa-Viçosa. As suas noticias diminuiraõ ao Duque o cuidado com que estavaõ, porque naõ só concordou com o que Pedro de Mendonça havia referido, mas acrecentou, por facilitar a empresa, muitas inferencias que asseguravaõ a felicidade della. Durando esta conferencia, chegou ao Duque aviso que passavaõ para Madrid algumas pessoas, de que se podia inferir que tivessem noticia do que se tratava; e que a Duqueza

Volta a Mouraõ faz aviso à junta mas confuso.

Sae da duvida, e alegrase com a sua declaraçaõ.

Parte Joaõ Pinto a Villa-Viçosa.

queza de Mantua, prevenida com alguns avisos, especulava os passos mais occultos que davaõ os fidalgos de Lisboa. Vendo estes accidentes lhe pareceo ao Duque que perigava muito a empresa na dilaçaõ de se executar. Despedio Joaõ Pinto com ordem que desse logo Lisboa principio ao clamar, porque começando Evora, como lhe avisáraõ que estava tratado, podia succeder o inconveniente de se prevenir a Duqueza de Mantua com algum aviso anticipado, primeiro que se declarassem os fidalgos confederados: e segurou o Duque a Joaõ Pinto, que se se desse caso que em Lisboa faltassem ao que promettiraõ, o que elle naõ cuidava das pessoas que se lhe offerecéraõ, obrigadas por tantos respeitos a antepor a todo o perigo a pontualidade, que elle com os Povos, que em Alamtejo estavaõ á sua devoçaõ, havia de tentar a fortuna sahindo em campanha. Alegre de taõ generosa resoluçaõ voltou Joaõ Pinto para Lisboa: chegou a esta Corte com duas cartas do Duque, huma para D. Miguel de Almeida, outra para Pedro de Mendonça; porque reparando no perigo que corria escrever a todos, elegeo o mais velho da facçaõ, e o que lhe havia levado a embaixada. Naõ continhaõ as cartas mais que demonstrações do seu affecto, remettendo a sua determinaçaõ ao que dissesse da sua parte Joaõ Pinto a quem pedia dessem inteiro credito. A mesma noute em que Joaõ Pinto chegou, se ajuntáraõ em sua casa (que era no Paço que nesta Cidade tem o Duque de Bargança) a mayor parte dos confederados: porem acautelaraõ-se, quanto lhes foy possivel, deixando as carroças em differentes partes, retirando Joaõ Pinto anticipadamente os seus criados, e pondo pouca luz na casa, para que naõ fossem conhecidos os que estavaõ nella. Souberaõ de Joaõ Pinto que a vontade do Duque era, que Lisboa desse principio á empresa, que se introduzissem na facçaõ os mais que fosse possivel, e que a brevidade recomendava considerando na dilaçaõ a total ruina, que com o mayor affecto agradecia a todos o animo com que empenhavaõ as vidas pela sua utilidade, e que esperava fosse o successo taõ felice, que lhe naõ faltasse tempo de remunerar tantas finezas; pois era certo que ha-

Anno 1640.

Despede o Duque Joaõ Pinto com ordem de ser acclamado em Lisboa.

Declara Joaõ Pinto a resoluçaõ.

Anno 1640.

via de escolher por companheiros na Coroa aquelles que tanto trabalhavaõ por lha pôr na cabeça. Qualquer palavra destas que Joaõ Pinto repetia era hum novo espirito que entrava nos peitos dos que estavaõ presentes, e Portuguezes com espiritos dobrados naõ podiaõ achar empresa difficultosa. Todos aprováraõ a resoluçaõ de começar Lisboa a declarar-se, e ja como ordem do seu Rey se dispuseraõ a obedecella.

Elege-se o primeiro de Dezẽbro para acclamaçaõ.

Ajustáraõ naquella noute que era Domingo vinte e seis de Novembro, que se executasse o que estava assentado ao sabbado seguinte primeiro de Dezembto, e communicou-se a todos que por intervençaõ do Padre Nicoláo da Maya estava reduzido o Juiz do Povo, Escrivaõ, e Misteres, e alguns da Casa dos Vinte e quatro: porém que atemorisados com o successo de Evora ajustáraõ, que naõ fariaõ movimento algum sem verem declarada toda a Nobreza, promessa que facilmente conseguiraõ. Desta conferencia se deu parte ao Arcebispo de Lisboa, que havia alcançado licença para sahir do empenho em que estava em Madrid, protestando as penas em que ficava encorrendo quem lhe impedia ir governar as suas ovelhas. Authorizava elle muito a empresa, persuadindo com a virtude e com a eloquencia (havendo sido dos primeiros que fomentáraõ a liberdade da Patria, parecendo-lhe escrupulosa a subieiçaõ a ElRey de Castella, como possuidor intruso:) seguiraõ-no seus parentes e todos os Ecclesiasticos, que lhe obedeciaõ. Estando a empresa tanto adiante que faltavaõ só trés dias para se executar se deu conta della a D Joaõ da Costa: era dotado de grande valor e entendimento, partes que lhe haviaõ grangeado toda a estimaçaõ da Corte, contando-se nos seus poucos annos muitos de prudencia. Ouviù elle com muita attençaõ a proposta que lhe fizeraõ, e depois de considerar largo espaço a gravidade da empresa, fallou com a eloquencia de que era dotado neste sentido. *Muitos annos ha, Senhores, que com profundo sentimento observo as calamidades que padece Portugal, e que com intimo affecto procuro achar caminho que facilite a sua liberdade: nunca puz em duvida a justiça que o Duque de Bargança tem para se lhe*

Voto de D. Joaõ da Costa.

lhe entregar esta Coroa, nem ignoro o rigor com que a tyrañiza o governo de Castella: porém a razaõ do Duque e a offensa do Reyno, ainda que saõ fundamentos para nos mostrarmos justificados, naõ saõ forças para nos cosiderarmos victoriosos: porque esta causa æ que nos queremos oppor, naõ a decidem as razões, haõ de sentencialla as armas, e considero que os mesmos motivos da nossa resoluçaõ nos representaõ as mayores difficuldades. Confesso que o Duque de Bargança, conforme a noticia que temos do seu talento, he muito capaz da Coroa: porêm esta que lhe queremos dar, he taõ pezada, que nescessita de mayores circunstaucias. Ha mister muitas experiencias que faltaõ ao Duque naõ só politicas senaõ militares: porque no estado presente he nescessario a Portugal que quem empunhar o Cetro, sayba exercitallo como bastaõ. Da segunda causa nasce tanbem contrario effeyto; porque sendo a mayor queixa que temos dos Castelhanos a extremidade a que tem reduzido este Reyno com o fim de o fazer Provincia, tirando delle gente, dinheiro, armas, e cavallos, esta mesma falta impossibilita o que intentamos: porque sendo estes os quatro elementos de que se compoem o formidavel corpo da guerra, e carecendo nós quasi totalmente de todos quatro, qual he o fim, quaes saõ as esperanças com que a emprendemos? He facil fazer Rey ao Duque de Bargança, mas he muito difficultoso sustentar-lhe a Coroa: parte das empresas grandes podem os animos valerosos fiar da fortuna, mas entregar-lhe todo o succego dellas he a mayor imprudencia e a mais indesculpavel temeridade. Somados todos os cabedaes de que fazemos cõta, vimos a achar tirada a prova, quarenta fidalgos em Lisboa com taõ pouco sequito que naõ chegaõ a duzentos homens: a promessa do Juiz do Povo, e Misteres taõ mal fundada, que depende da vontade do Povo voluvel e inconstante, e algumas intelligencias em poucos lugares da Provincia de Alentejo. Por oppostos ao limitado poder que temos em Lisboa, havemos de achar os soldados Castelhanos que guarnecem o Castello, Torres, e Navios que estaõ ancorados, que ao menos seraõ mil e quinhentos, e alem destes todos aquelles que dependerem de Castellá, e os que medrosos do seu poder se desviarem da nossa oppiniaõ. Da segunda confiança que he nos Anno 1640.

 luga-

Anno 1640.

lugares de Alemtejo, se deve fazer muito pouco caso, na consideraçaõ de terem na memoria os castigos das revoluções de Evora; dos mais do Reyno naõ podemos inferir a resoluçaõ, sem nos intrometer em adevinhar os futuros, privilegio que sem particular auxilio naõ costuma ser concedido aos mortaes. Porem eu quero suppor todas estas difficuldades vencidas, e considerar o Povo de Lisboa unido, seguindo a voz do Duque de Bargança, o Castello, Torres, e Navios atácados e rendidos á nossa bizonhario: todas as Cidades, Villas, e lugares conformes com a oppiniaõ de Lisboa, e as Conquistas seguindo o consentimento do Reyno, representando se-me forçosas duvidas em qualquer destas proposições, mas dando-as (como disse) por vencidas: quaes saõ os exercitos, quaes as armadas que temos para nos oppor ao poder de Castella? Consente a menor duvida (se Deos naõ cegar aos Castelhanos) marcharem, no mesmo instante que chegar a Madrid a nova do que executarmos, contra Portugal os Terços, Tropas e Armada dedicados para Catalunha a atalhar na nossa resoluçaõ o mayor damno que pòde padecer aquella Monarquia. Olanda e Catalunha, quando se resolveraõ a sacudir o jugo de Castella, haviaõ grangeado primeiro a amizade dos Principes vizinhos, que com grandes exercitos sustentàraõ o seu partido, introduzindo-os nas melhores Praças ao mesmo tempo que elles se declaràraõ contra os Castelhanos, e nòs outros naõ só elegemos a occasiaõ em que os Castelhanos se achaõ armados dentro de Hespanha, senaõ fiamos tanto dos nossos braços que naõ tratamos de algum outro soccorro, e mais quando ja agora ainda que consigamos a liança de algum Principe, he o prazo taõ pouco, e taõ difficultoso chegarem os soccorros a tempo, havendo de ser por força a inconstancia do Mar quem os conduza, que he razaõ que consideremos o damno muito distante do remedio. Sendo todos estes discursos (a meu parecer) sem contradicçaõ, naõ nos fica para que appellar senaõ para milagres, e milagres senhores he justo que se creaõ, he bom que se mereçaõ, mas naõ he razaõ que se esperem. Porém ainda que tenho proposto as duvidas que se me offerecem em materia taõ ardua e taõ importante, naõ

he

be o meu fim encontrar a empreza, nem desviar-me do perigo della: pois naõ he a primeira vez que a vontade se aparta do entendimento em operaçoens menos generosas: a minha tençaõ he mostrar que sigo o que julgo por taõ difficil e arriscado, ponderando que se ha ley que indignamente me obriga a entregar a vida à disposiçaõ de qualquer Amigo, que a ley natural me empenha a sacrificala dignamente pela liberdade da minha Patria. Confesso que se tivera esta noticia mais anticipada, que fora o meu voto que se dispuzesse esta empresa com mayor segurança; porém fiando-se-me a tempo que he taõ pouco o que temos do intento à execuçaõ, o que me parece he senaõ dilate, porque naõ achemos na falta do segredo o mayor inimigo. Estas razoens de D. Joaõ da Costa arguidas do seu entendimento, e desprezadas do seu valor perturbáraõ muito os animos de todos os confederados, e foy de sórte o embaraço que nelles produziraõ, que se resolveo Joaõ Pinto a avisar ao Duque de Bargança, que suspendesse as ordens, dispostas para a execuçaõ do primeiro de Dezembro até segundo aviso. Ficou o Duque em grande confusaõ com esta novidade, se bem sahio logo della, porque lhe chegou outro Correyo de Joaõ Pinto com aviso que continuásse as disposiçoens, porque naõ haveria duvida que divertisse a empresa; e foy a causa de sahirem os confederados do embaraço proposto discorrerem o empenho em que estavaõ, e conhecerem que o mayor perigo consistia na dilaçaõ; porque descuberto o que estava tratado experimentariaõ desunidos o castigo, que receavaõ armados: e manifestar-se o que intentavaõ era infallivel, participando do segredo toda a sórte de gente que naõ costuma guardalo Depostos pois todos os inconvenientes, cerrados os olhos a todas as difficuldades, e offerecidos os peitos aos mayores perigos, deliberáraõ estes, em todos os seculos, quarentas Illustrissimos Varoens a cortar com as valerosas espadas, novos Alexandres, o laço com que a industria Castelhana havia atado o Reyno de Portugal, e a executar huma das mayores acçoens que em nenhum tempo (discorrendo por todas as historias) correo por conta da trombeta da fama; e como o que fica referido he verdadeiro

Anno 1640.

deiro

deiro teſtemunho deſta confiſſaõ, tendo moſtrado o pouco poder com que ſe deliberáraõ a emprender acçaõ de tantas e taõ invenciveis difficuldade, moſtrando agora o felice e valeroſo remate deſta glorioſa empreſa, lograraõ eſtes generoſos Herôes no applauſo univerſal o triunfo que merecem.

Anno 1640.

Repetiraõ-ſe as ordens neceſſarias e os poſtos convenientes com a mayor diſtinçaõ que foy poſſivel, depois de ventiladas varias oppinioens que occorriaõ a tantos diſcurſos; porque huns queriaõ, que o Duque de Bargança apareceſſe de improviſo em Lisboa dizendo que ſó a ſua preſença havia de ſegurar a empreſa: porém convenceo-os a contradiçaõ de que a jornada poderia naõ ſer occulta á vigilancia da Duqueza de Mantua, e que o mayor perigo era dar tempo á prevençaõ. Outros eraõ de parecer que ſe atacaſſe primeiro o Caſtello, mas examinado o numero dos ſoldados da guarniçaõ, e achando-ſe mais de quinhentos, pareceo duvidoſo o effeito dezejado. Aſſentáraõ por concluſaõ, que ſabbado primeiro de Dezembro com o menor rumor que foſſe poſſivel ſe achaſſem todos juntos do Paço repartidos em varios poſtos, e que tanto que o relogio deſſe nove horas ſahiſſem das carroças ao meſmo tempo: que huns ganhaſſem o Corpo da guarda onde eſtava huma companhia de Infantaria Caſtelhana, outros ſubiſſem á ſalla dos Tudeſcos a deter a guarda de Archeiros Alemaens que aſſiſtia nella; outros appelidaſſem pelas janellas do Paço liberdade, e acclamaſſem ao Duque de Bargança Rey de Portugal, outros entraſſem a matar o Secretario de Eſtado Miguel de Vaſconcellos, diligencia que julgavaõ importantiſſima, aſſim por atalhar as ordens que a ſua reſoluçaõ podia diſtribuir, como para incitar o Povo com aquelle merecido caſtigo, e perſuadilo ao empenho da Nobreza para que naõ duvidaſſe de a ſeguir. Tomado eſte aſſento buſcaraõ todos, confeſſando-ſe o dia antecedente, o favor de Deos para ſegurar a empreſa; porque como aquella acçaõ naõ era de vingança ſenaõ de juſtiça, ſuppunhaõ que deſta podiaõ licitamente ſer entaõ os executores. Para o dia aſſinalado ao amanhecer-ſe deo recado a todos aquel-

Varios diſcurſos ſobre a execuçaõ

Aſſentaſe a forma e tempo da acclamaçaõ.

aquelles que por dependencias dos quarentas fidalgos haviaõ de assistir nesta facçaõ, sem mais noticia della que serem chamados por elles, preveniraõ-se e armaraõ-se todos, e foy muito para louvar o valor de D. Filipe de Vilhena Condeça de Atouguia, porque fiando-se da sua prudencia o segredo deste negocio ajudou a armar seus dous filhos D. Jeronymo de Ataide, e Dom Francisco Coutinho, e os exhortou a conseguir a valerosa acçaõ que emprendiaõ. A mesma acçaõ com igual valor executou D. Marianna de Lancastro com seus dous filhos Fernaõ Telles, e Antonio Telles da Sylva. Sem haver dos confederados quem se arrependesse da determinaçaõ occupáraõ todos os postos destinados. Impacientes esperavaõ as nove horas, e como nunca o relogio lhes pareceo mais vagaroso, tanto que deo a primeira sem aguardarem a ultima, arrebatados do generoso impulso sahiraõ todos das carroças e avançáraõ ao Paço. Jorge de Mello, Antonio de Mello de Castro, Estevaõ da Cunha com alguma gente que os seguia detiveraõ os soldados Castelhanos que estavaõ de guarda. D. Miguel de Almeida subio á salla dos Tudescos e disparou huma pistola, final que tambem estava ajustado para que todos se repartissem pelas partes d'antes destinadas. Luiz de Mello Porteiro Mór, e Joaõ de Saldanha de Sousa ganháraõ o lugar onde estavaõ arrimadas as alabardas dos soldados. D. Affonso de Menezes, Gaspar de Brito Freyre, e Marco Antonio de Azevedo lançáraõ todas as alabardas em terra, e impediraõ que os soldados chegassem a tomalas, alguns delles intentáraõ defender a porta que sahe ao corredor que se remata no forte, onde morava Miguel de Vasconcellos: porém investidos valerosamente de Pedro de Mendonça, e de Thomé de Sousa desoccupáraõ a porta, e querendo ganhar huma que hia para o quarto da Duqueza de Mantua a acháraõ já occupada por Luiz Godinho Benavente criado do Duque de Bargança, e por outras pessoas que o acompanhavaõ, os quaes matando hum Tudesco e ferindo outro os fizeraõ retirar. Neste tempo andava D. Miguel de Almeida veneravel e brioso com a espada na maõ gritando: *Liberdade Portuguezes Viva*

Anno 1640.

Dasse-lhe principio acommettendo o Paço.

Viva ElRey D. Joaõ o Quarto. E com as mesmas vozes chegou ás varandas do Paço e repetindo-as muitas vezes ouvido do Povo se foy convocando no Terreiro. Arrebatados de igual furor buscando a casa de Miguel de Vasconcellos entràraõ pelo corredor D. Antonio Tello, D. Joaõ de Sá de Menezes Camareiro Mór delRey, Antonio Telles ferido em hum braço de huma bala de pistola que se disparou na sala dos Tudescos, o Conde de Atouguia, seu Irmaõ D. Francisco Coutinho, D. Alvaro de Abranches, Ayres de Saldanha D. Antonio Alvares da Cunha, Joaõ de Saldanha de Sousa, D. Gastaõ Coutinho, Sancho Dias de Saldanha, Joaõ de Saldanha da Gama, e seus Irmaõs Antonio e Bertholameu de Saldanha, Tristaõ da Cunha de Ataide, seus filhos Luiz e Nuno da Cunha e seu genro D. Manoel Childe Rolim, no fim do corredor encontráraõ a Francisco Soares de Albergaria Corregedor do Civel da Cidade, que sahia da Secretaria de Estado; disseraõ-lhe todos com igual impulso (Viva ElRey D. Joaõ) elle tirando pela espada com resoluçaõ imprudente, respondeo (Viva ElRey D. Filippe,) persuadiraõ-no que se soccegasse, naõ foy possivel, dispararaõ-lhe huma pistola na graganta, ferida de que morreo dentro de poucas horas. Chegando á Secretaría acháraõ nella Antonio Correya official mayor, sem se defender lhe deu D. Antonio Tello algumas feridas, entendeose que por paixaõ particular. Passáraõ adiante buscando a casa em que assistia Miguel de Vasconcellos: hávia-lhe advertido pela manhãa Manoel Mansos da Fonseca, que no Terreiro do Paço se juntavaõ muitos fidalgos, mostrou com palavras desconcertadas que desprezava o aviso: porém accusado da consciencia gravada com tantos delictos se levantou da cama e cerrou a porta por dentro da casa em que despachava, que era a primeira que passado o corredor cáhe sobre o Terreiro do Paço. Rompéraõ os confederados facilmente a porta, e naõ achando dentro a Miguel de Vasconcellos entendéraõ que se livrára passando á casa da India para onde tinha communicaçaõ, de que arrezoadamente se affligíraõ: mas advertidos de huma escrava abríraõ hum almario de papeis, aonde acháraõ que esta-

Anno 1640.

Acometese a casa de Miguel de Vasconcellos.

estava escondido: disparou-lhe D. Antonio Tello huma pistola, sentindo-se ferido sahio á casa onde recebeo outras feridas mortaes de que cahio, porém ainda vivo o lançáraõ ao Terreiro por huma das janellas, aguardáva-o quantidade de gente que havia concorrido daquella que sem attençaõ busca o rumor. Ao mesmo tempo que cahio o miseravel corpo moribundo, se empregou nelle toda aquella desconcertada ira sem perdoar a algum excesso, e ficou em hum instante desprezo comum, o mesmo que havia sido respeito universal, e parecendo a todos huma só vida pequena satisfaçaõ de tantas culpas, vingava cada hum naquelle cadaver a sua ira, como se estivera capaz de sentimento. Depois de extinctos todos os opprobrios, e de apuradas todas as afrontas foy enterrado á instancia de Gaspar de Faria Severim, que servia aquelle anno de Escrivaõ da Misericordia, e veyo a padecer os castigos que justamente haviaõ merecido os seus desconcertos. Lançado da janella Miguel de Vasconcellos e examinados com demasiada ambiçaõ por algumas pessoas os seus escretorios, foy achado em huma das casas interiores o Capitaõ Diogo Garces Palha com huma cravina nas mãos, disparou-a e outras armas de fogo que havia na casa sem effeyto, investiraõ-no, e obrigáraõ-no a se lançar por huma das janellas que caem para o Terreiro com algumas feridas, salvou-se com huma perna desconcertada. Ao mesmo tempo que se executavaõ estas acções subiraõ ao quarto da Duqueza de Mantua D. Miguel de Almeida, Fernaõ Telles de Menezes, D. Joaõ da Costa que havia atalhado a morte a alguns dos Ministros que estavaõ nos Tribunaes, Thomé de Sousa, Pedro de Mendonça, Dom Antaõ de Almada, Dom Luiz seu filho, Dom Antonio Luiz de Menezes, Dom Rodrigo de Menezes seu Irmaõ, Dom Carlos de Noronha, Antonio de Saldanha, Dom Antonio da Costa, D. Antonio de Alcaçova, Joaõ Rodrigues de Sá, Martim Affonso de Mello, Francisco de Mello, Luiz de Mello que foy Porteiro Mór delRey, Manoel de Mello seu filho, Tristaõ de Mendonça, Luiz de Mendonça, Dom Francisco de Sousa, Dom Thomas de Noronha, Dom Francisco de Noronha,

Anno 1640.

Morte de Miguel de Vasconcellos.

Os fidalgos da acclamaçaõ.

ronha, D. Antonio Maſcarenhas, Dom Fernando Telles de Faro, Rodrigo de Figueiredo, Luiz Gomes ſeu irmaõ, Franciſco de Sampayo, Gomes Freire de Andrade ſeu filho, Gilvaz Lobo, e depois de abrirem por força algumas portas que acháraõ fechadas, chegáraõ todos á caſa da Galé, onde acháraõ a Duqueza de Mantua a huma janella das que cahem para a porta da Capella Real, pedindo em vozes altas ao Povo que a favoreceſſe e livraſſe de taõ perigoſo lance: obrigáraõ-na decoroſamente a ſe retirar da janella, intentou decer ao Terreiro do Paço, e vendo que lho prohibiaõ, diſſe com voz embaraçada: *Baſta Senhores: ja o Miniſtro culpado pagou os delictos commettidos, naõ paſſe adiante o furor, que naõ merece entrar em peitos taõ nobres, eu me obrigo a que ElRey Catholico naõ ſò perdoe, mas agradeça livrar-ſe eſte Reyno dos exceſſos do Secretario.* O Arcebiſpo de Braga, que havia chegado de Madrid com a occupaçaõ de Preſidente do Paço, ſahio do ſeu Tribunal, chegou a tempo que a Duqueza acabava de pronunciar as palavras referidas, foy ſeguindo o meſmo eſtillo com aquelle grande affecto que ſempre o levou ao governo de Caſtella: porém o reſpeito que ſe obſervou com a Duqueza, ouvindo-a, ſe quebrou com elle, naõ querendo eſcutallo; atalhou-o D. Miguel dizendo-lhe que lhe rogava que ſe callaſſe, porque lhe havia cuſtado muito a noute antecedente livrallo da morte, obrigado deſte conſelho ſe retirou o Arcebiſpo a hum dos apoſentos interiores; mas a Duqueza de Mantua com animo varonil foy continuando as primeiras perſuações, e repetindo novas inſtancias ſegurando o perdaõ delRey de Caſtella: Reſponderaõ lhe, que ja naõ conheciaõ mais Reys que ao Duque de Bargança que haviaõ acclamado. Ouvindo a Duqueza eſtas palavras lhe creſceo a paixaõ de ſorte, que foy preciſo a D. Carlos de Noronha opporſe-lhe com menos corteſia da que até alli ſe havia uſado, pedio-lhe que ſe retiraſſe e naõ quizeſſe dar occaſiaõ a que ſe lhe perdeſſe o reſpeito. Replicou ella, A mim! e como? Como ſenhora (diſſe D. Carlos) obrigando a V. A. a que ſenaõ quizer entrar por eſta porta, ſaya por aquella janella (Termo indecoroſo que ſó acha deſ-

Anno 1640.

Chegaõ à viſta da Duqueza,

Palavra da Duqueza.

Quer favorecela o Arcebiſpo Primaz retiraſe temeroſo.

Palavras reſolutas de D. Carlos de Noronha.

desculpa na importencia da empresa) Vendo a Duqueza que era ja temeridade a repugnancia cedeo ao golpe da fortuna, recolheo-se ao seu oratorio, e pedindo-lhe que passasse ordem a D. Luiz del Campo Tenente de Mestre de Campo General que governava o Castello, para que naõ fizesse algum movimento, assinou na fórma que a lançáraõ, e D. Luiz del Campo lhe obedeceo, livrando a todos do cuidado em que os punha a artilharia que pudera jugar em grande prejuizo da Cidade. Ficou de guarda á Duqueza D. Antaõ de Almada com algumas pessoas, os mais fidalgos sahiraõ ao Terreiro do Paço, gritando: *Liberdade, Viva ElRey Dom Joaõ o Quarto.* O estrondo, a confusaõ, e a incerteza havia obrigado aos moradores da Cidade a se recolherem a suas casas, e por este respeito naõ acháraõ os confederados junta a gente que suppunhaõ, de que se affligíraõ muito; porém depressa se livráraõ deste susto, porque tanto que se entendeo o fim da revoluçaõ e do estrondo concorreo todo o Povo a acclamar com grande affecto o novo Rey. Ajudou muito esta resoluçaõ o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, porque tanto que teve noticia de que estava felicemente executando tudo o que anticipadamente se havia disposto: sahio da Sé, e no terreiro que lhe fica diante achou D. Pedro de Menezes Conde de Cantanhede Presidente da Camara com todo o Senado, porque havendo cerrado as portas do Tribunal, onde estava, o persuadíraõ seus filhos a que as abrisse, naõ lhe havendo communicado antes a grande acçaõ que emprendiaõ; cedeo sem difficuldade a taõ generosa instancia, mandou abria as portas, entráraõ dentro, pegou D. Alvaro de Abranches na Bandeira da Cidade, seguiraõ-no todos, vieraõ buscar o Arcebispo, e quando baixava defronte da Igreja de Santo Antonio, pouco distante da Sé, gritou o Povo, que huma Imagem de prata de Christo crucificado, que levava hum Capellaõ a quem tocava diante do Arcebispo, despregára o braço direito; as felicidades de Portugal, e a justiça daquella acçaõ podem persuadir que seria milagre; se succedeo a caso, foy pela occasiaõ muito mysterioso. Gritou o Povo prostrado por terra que era milagres

Anno 1640.

Retira-se a Duqueza e passa ordens para se entregar o Castello.

Acclama-se ElRey Dom Joaõ pela Cidade.

Sáe o Arcebispo da Sé e o Senado da Camara.

Desprega o Christo o braço.

Anno 1640.

gre, e todos cobrárão invencivel confiança de que Deos approvava a gloriosa deliberação dos conferados. Persuadidos de tão grande incentivo, não soavão em toda a Cidade mais que vivas e acclamaçoens ao novo Principe, Valeroso Author da liberdade da Patria. Chegárão alguns fidalgos á Casa da Suplicação e achárão as portas fechadas, pedio Ayres de Saldanha aos Dezembargadores que estavão dentro, que as mandassem abrir, segurando-os de todo o prejuizo que podião temer, abrirão elles e informados, da causa do alvoroço approvárão com grande vontade por escrito a resolução que se havia tomado, firmando-se todos no assento, que fizerão, e porque Ministros de justiça correm perigo nas revoluçoens desta qualidade, segurou-os Ayres de Saldanha até suas casas D. Gastão Coutinho abrio as cadeas, e soltou todos os presos que estavão nellas, parecendo-lhe improprio não lugrarem o privilegio do dia em que se celebrava a liberdade da Patria. Neste tempo havia chegado o Arcebispo ao Paço, o qual achou cheyo de gente de todos os estados, que confórmes celebravão a fortuna de se verem livres da subjeição de Castella, sem se lembrarem de que havia senão mayores, outras difficuldades que vencer. Voltárão ao Paço todos os fidalgos que se havião espalhado por varias partes da Cidade, depois de a deixarem com tal socego que dentro de tres horas não parecia aquelle o mesmo theatro, onde se havião representado tanto succesos differentes. Tratárão logo de eleger Governadores, em quanto o Duque de Bargança já Rey de Portugal não chegava de Villa-Viçosa: nomeárão aos Arcebispos de Lisboa e Braga, e a D. Francisco de Castro Inquisidor Géral: porém alegando elle algumas desculpas que insinuavão o seu receyo (quando não fosse o seu natural encolhimento) se lhe admittirão. O Arcebispo de Braga, que havia sido eleyto á instancia do de Lisboa, procurando livrallo por este caminho dos perigos a que o considerava exposto, tambem se escusava, mas aconselhado de alguns ameaços tomou o governo. Promptamente foy chamado o Visconde D. Lourenço de Lima por ser dotado de muitas virtudes, que merecião géral estimação.

Confirmase pelos Dezembargadores a acclamação.

Soltam-se os presos.

Elegem se Governadores que fazem aviso ao Reyno.

maçaõ. Logo que os Governadores aceitáraõ, despediraõ varios correyos a todas as Cidades, e Villas mayores do Reyno, fazendo-lhe aviso da resoluçaõ que Lisboa havia tomado de restituir Portugal á Serenissima Casa de Bargança, acclamando Rey ao Serenissimo Senhor Duque Dom Joaõ, a quem tocava por linha direita o Reyno de justiça, e que esperavaõ que como verdadeiros Portuguezes seguissem a voz de Lisboa, e se prevenissem contra a invasaõ de Castella, de que Deos lhes havia de dar victoria, como sempre concedera a seus antepassados. Despedidos os correyos ao meyo dia se recolhéraõ os Governadores para sua casa, admirados de acharem a Cidade no mesmo socego que o dia antecedente, e as logeas dos mercadores e tendas abertas, sem haver em tanto reboliço e inquietaçaõ quem offendesse nem roubasse pessoa alguma, verdadeiro sinal de que a disposiçaõ era divina; e sendo semelhantes dias os mais proprios de vinganças, ficou esta para exemplo da concordia; porque todos os que naõ estavaõ confórmes depuzeraõ a inimizade, querendo achar-se unidos na guerra que esperavaõ: porém este primeiro semblante favoravel da fortuna naõ fez descuidar aos Governadores da prevençaõ necessaria para atalhar os accidentes que sobreviessem. Mandáraõ sahir todas as companhias da Ordenaçaõ, repartiraõ-se estas em varios postos, assim para evitar qualquer desasocego, como para assegurar os Castelhanos que viviaõ na Cidade: taõ regulada foy esta acçaõ, que naõ quizeraõ que cahisse o damno em quem naõ merecia castigo.

Anno 1640.

Passaõ ordens para o socego da Cidade.

Soccegada a Cidade entrou Joaõ Rodrigues de Sá, D. Joaõ da Costa e outros fidalgos em huma de duas Galés que havia naquelle tempo no Rio, e neste pequeno baixel renderaõ tres navios da Armada de Castella, que estavaõ surtos, guarnecidos de Infantaria, conseguindo só a gloria de emprender acçaõ taõ galharda; porque os Castelhanos nem fizeraõ resistencia, nem tiveraõ acordo para largar as velas estando aparelhados, tendo vento prospero e maré favoravel. Huma das mayores maravilhas deste dia foy o desacordo dos Castelhanos que presidiavaõ o Castello: porque ainda que senaõ achavaõ de

Redem-se os galeoens dos Castelhanos.

Imprudencia dos Castelhanos, em naõ seguir o parecer de Mathias de Albuquerque.

H guarni-

Anno 1640.

guarniçaõ mais que quinhentos mosqueteiros, havendo-se tirado para Catalunha mil e tresentos homens de todos os presidios (resoluçaõ que os mais intelligentes nos negocios de Portugal julgáraõ por desatino) se estes que se achavaõ no Castello se determináraõ a sahir ao mesmo tempo que começou o primeiro rumor (como Mathias de Albuquerque, que estava preso por vir injustamente capitulado do governo das Armas de Pernambuco, lhes aconselhava) ficára muito duvidoso o successo da empresa, e quando se conseguira fora á custa de muito sangue: porque os Castelhanos que andavaõ espalhados pela Cidade (que eraõ em grande numero) achando corpo a que se unir puderaõ fazer duvidosa opposiçaõ, e o Povo se vira que os confederados achavaõ resistencia, difficilmente se declarára: porque poucos saõ os corações que se arrojaõ voluntariamente aos perigos sem alguma esperança da victoria. Mathias de Albuquerque vendo que os Castelhanos naõ aceitavaõ o seu primeiro parecer, como era conselheiro de guerra, e naõ sabia a causa do rumor, fez cerrar as portas e guarnecer as muralhas, querendo prevenir a Artilharia. Chegou a primeira ordem da Duqueza de Mantua a que obedeceo D. Luiz del Campo, ainda que entendeo que a Duqueza a passára violenta. Veyo segunda ordem para que senaõ fortificasse o Castello, aqual considerando Mathias de Albuquerque se recolheo ao seu aposento tendo ja noticia de tudo o que havia passado, de que lhe resultou a mayor alegria vendo occasiaõ de ter exercicio o seu grande prestimo em utilidade da sua Patria.

Entrega se o Castello.

Naquella noute se arrimáraõ ao Castello todas as companhias da Ordenança, e no dia seguinte á tarde chegou D. Alvaro de Abranches, Thomé de Sousa, e D. Francisco de Faro com ordem da Duqueza para D. Luiz del Campo entregar o Castello: pareceo-lhe a elle que naõ vinha muito distincta, apontando as duvidas se lhe passou como a pedio. Tanto que lhe chegou a ordem mandou abrir as portas, entrou dentro D. Alvaro e os mais que o acompanhavaõ, e tomou posse do Castello que os Governadores lhe haviaõ entregue até que ElRey chegasse, soltou Mathias de Albuquerque e Rodrigo Botelho Conselheiro,

lheiro da fazenda, que tambem estava preso por huma pendencia que teve com hum mercador. Mandou D. Alvaro lançar bando que os soldados Castelhanos que quizessem ficar servindo a ElRey D. Joaõ se lhes pagaria pontualmente, apontando-se-lhe outras commodidades: aceitáraõ muitos, os mais sahiraõ formados, privilegio da capitulaçaõ que fizeraõ: alojaraõ-nos nas Tercenas sitio fóra da Cidade, e deraõ-lhes logo passaportes para que divididos passassem para Castella. D. Luiz del Campo tanto que chegou a Madrid o mandou ElRey prender, vendo perdida a honra, perdeo o juizo, se fizera esta consideraçaõ antes de entregar o Castello, pudéra evitar huma e outra desgraça.

Anno 1640.

Rendem-se as Torres.

No mesmo dia que o Castello, se renderaõ as Torres de Bellem, Cabeça seca, Torre velha, Santo Antonio, e o Castello de Almada, recebéraõ ordem da Duqueza de Mantua, e sem resistencia alguma se entregáraõ; fazendo o medo o effeito que naõ pudera facilmente conseguir o poder dos confederados. A Duqueza de Mantua mandáraõ os Governadores sahir do Paço para o de Xebregas, acompanhada do Marquez de la Puebla que lhe assistia ao governo, do Conde Bayneto seu Estribeiro Mór, e da mais gente de que se compunha a sua familia. Haviaõ os dous sido presos e D. Diogo de Cardenas Mestre de Campo General, Thomás de Hibio Calderon Conselheiro da fazenda, D. Diogo da Rocha Juiz do Contrabando, e Dom Fernando de Albia e Castro Conselheiro da fazenda; no mesmo sabbado da acclamaçaõ intentáraõ D. Digo de Cardenas e o Marquez introduzir-se no Castello primeiro que se rendesse, naõ lhe foy possivel conseguillo de que mostraraõ grande sentimento, persuadidos a que se defendessem o Castello, poderiaõ divertir a empresa, ou ao menos a guardar nelle o soccorro delRey Catholico. A Duqueza de Mantua acompanhada do Arcebispo de Braga chegou ao Paço de Xabregas, esteve neste aposento até que a mudáraõ para o Convento de Santos que succedeo dentro de breves dias, e em huma e outra assistencia foy decorosamente servida e respeitada. Tanto que no dia da acclamaçaõ se executou felicemen-

Retirase a Duqueza ao Paço de Xabregas.

Prendem-se os Ministros de Castella.

Anno 1640.

te tudo o que fica referido, partio Pedro de Mendonça e Jorge de Mello pela posta com aviso a ElRey da fortuna, com que se conseguira taõ ardua e taõ gloriosa empresa. Chegáraõ a Villa-Viçosa á segunda feira a tempo que ElRey queria entrar a ouvir o Sermaõ na sua Capella, deraõ-lhe a nova, beijaraõ-lhe a maõ, e mandou sem se perturbar que se continuàsse a solemnidade, socego que bastára para o fazer digno da Coroa: porém o alvoroço naõ deo lugar a se seguir esta ordem, e ElRey vendo quanto convinha partir-se com brevidade para Lisboa, se meteo em hum coche acompanhado nelle do Marquez de Ferreira, e do Conde de Vimioso, (que ja com o aviso da acclamaçaõ haviaõ chegado, tendo primeiro solemnemente acclamado a ElRey em Evora) de Pedro de Mendonça e Jorge de Mello; e a cavallo de alguns criados de sua casa. Sem mais tropas que o seguissem partio ElRey para Lisboa a tomar posse de hum Reyno, que os Reys de Castella, formidaveis a todo o Mundo, senhoreáraõ sessenta annos, e haviaõ de pretender restaurar como a pedra de mayor valor da sua Coroa: porém ja esta resoluçaõ era penhor das felicidades que depois conseguio. As Villas de Montemór e Arroyallos, por onde ElRey passou, e os mais lugares da Provincia de Alamtejo a que fez aviso, antes que sahisse de Villa-Viçosa, o acclamáraõ com as demonstrações mais alegres que lhes foy possivel A' quarta feira chegou ElRey a Aldea Galega, onde achou que o esperavaõ muitos fidalgos, e outras pessoas ecclesiasticas e seculares: recebeo a todos taõ benignamente, que na primeira acçaõ conseguio entregarem-lhe nos corações as liberdades, e as fazendas. Na manhãa de quinta feira se embarcou, e ás nove horas chegou á Ponte da casa da India. Estavaõ no Paço os Governadores, e como naõ esperavaõ ElRey taõ brevemente, tanto que se espalhou a nova de que era chegado correo ao Paço e ao Terreiro tanta gente, e foy de sorte o alvoroço e as vozes alegres do Povo que por instantes lhe era necessario chegar ElRey ás janellas; porque a sede de seus Vassallos senaõ satisfazia vendo-o repetidas vezes. Naquella tarde beijáraõ a maõ a ElRey todos os Tribunaes, e acrescentou

Parte Pedro de Mendonça e Jorge de Mello adar conta a ElRey.

Parte a Lisboa.

He acclamado em Evora e nos mais Lugares de Alamtejo.

Entra ElRey em Lisboa, he recebido com universal applauso.

tou a alegria levantar por seis mezes o Auditor da Legacia o Interdicto que o Colleytor havia deixado, porém com este occulto privilegio. Multiplicou-se o contentamento com os avisos de todas as Cidades, Villas, e Lugares do Reyno, que confirmavaõ, naõ haver parte alguma que sem mais especulaçaõ que ao do alvoroço, naõ fizesse ostentaçaõ da sua fidelidade, (successo raras vezes acontecido no Mundo!) havendo só em Alamtejo alguns Lugares que tiveraõ anticipada noticia do que se tratava, e sendo tanto os das outras Provincias que confinavaõ com varios Lugares da Monarquia de Castella. Mas como Deos havia disposto a separaçaõ destes dous Reynos, decretou que anoitecendo o ultimo de Novembro unidos com o dominio de Castella, parentes com o trato, amigos com o comercio, enlaçados com os interesses, a manhãa do primeiro de Dezembro o mesmo golpe que cortou a vida a Miguel de Vasconsellos, universalmente sacudisse o dominio, desatasse o parentesco, quebrasse a amizade, desunisse os interesses; que a primeira voz que acclamesse ElRey D. Joaõ em Lisboa soasse em todo o Reyno; voasse a todas as conquistas, e como se os instrumentos estivessem acordados fizesse em todos os animos Portuguezes a mesma consonancia; grande havia de ser a incredulidade para senaõ conjecturar da felicidade do principio desta empresa a fortuna do remate della. Santarém foy o primeiro Lugar que acclamou ElRey sem receber carta de Lisboa. Em Coimbra recebendo-a, foraõ excessivas as demonstrações. O Porto duvidou mas reduzio-se em breves horas. O Castello de Viana guarnecido de Infanteria de Castella se poz em defensa, atacaraõ-no, e renderaõ-no galhardamente os moradores ajudados de alguma gente de Braga, Guimarães, e outros Lugares. Em Setuval o Castello de S. Filippe e a torre de Outaõ resistiraõ oyto dias, passados elles se entregáraõ. O Reyno do Algarve que governaua Henrique correya da Sylva obrando grandes finezas a sua diligencia se desunio de Castella, e finalmente todos os Lugares que eraõ demarcações antiguas e separaçaõ dos Reynos acclamáraõ o novo Rey. Para coroar a obra e ElRey se Coroar sem cuidado al-

Anno 1640.

Levantase o Interdicto.

Dam obediencia a ElRey todas as Provincias.

Rendese o Castello de Viana.

Os de Setuval depois de alguma resistencia.

Segue o mesmo exemplo o Reyno do Algarve.

Anno 1640.

güa faltava só por render a fortaleza de S. Giaõ huma das mais excellentes de Europa, assim pela fortificaçaõ por ser quasi inexpugnavel, como pelo sitio, por dominar todos os navios que entraõ pela barra de Lisboa. Tanto que deraõ lugar as muitas difficuldades que milagrosamente se vencéraõ, mandou ElRey a D. Francisco de Sousa, que juntando á gente, de que estava feito Mestre de Campo, o numero mayor dos soldados da Ordenança que lhe fosse possivel marchasse a atacar a fortaleza de S. Giaõ: he pouco o sitio que elle dá á terra para a expugnaçaõ, porém este tem hum monte taõ visinho que fica padrasto á fortaleza. Levantou-se nelle hum reducto e começáraõ a jugar quatro meyos canhões com pouco effeito, e deo principio com menos sciencia hum infructuoso aproche. Governava a fortaleza o Tenente D. Fernando de la Cueva, o qual logo despachou aviso por huma Caravela ao Duque de Maqueda General da Armada delRey Catholico pedindo-lhe soccorro, de que pouco necessitára em muitos mezes se quizera difender-se tendo na fortaleza mantimentos, e munições em grande quantidade, e seis centos soldados, bastante presidio para a pouca terra que defendiaõ, e para resistir a insufficiencia dos expugnadores. Estava preso na fortaleza por ordem delRey Catholico D. Fernando Mascarenhas Conde da Torre, havia passado ao Brasil no anno antecedente com a poderosa Armada a que se unio a de Castella, com o fim de restaurar Pernambuco, como ja referimos. Chegando o Conde a Lisboa o prendéraõ, e antes de ser sentençeado lhe tiraraõ o Titulo e todas as merces, que lhe haviaõ feito quando se embarcou. Vendo pois aberto o caminho de conseguir com a liberdade do Reyno a sua libeadade, e a importancia daquella fortaleza se resolveo a propôr ao Tenente os grandes interesses que lhe podiaõ resultar querendo entregalla, offerecendo-se-lhe taõ boa occasiaõ, como naõ haver outro lugar no Reyno que naó estivesse rendido. Ouvio o Tenente a pratica com bom rosto, fomentou-a o Conde, ajustáraõ a recompensa, e celebrou-se a entrega da fortaleza a doze de Dezembro depois de se dispararem por concerto e sem damno algumas peças de ar-

Sitio de S. Giaõ

lharia

tilharia de huma e outra parte. Tomou posse da fortaleza D. Francisco de Sousa: (dous dias antes se havia rendido a de Cascaes a D. Gastaõ Coutinho:) ao Tenente satisfez ElRey com huma Cõmenda, e outras merces a resolução que tomou mais util que briosa. Do aviso que havia feyto ao Duque de Maqueda resultou despedir logo tres Setias e hum barco longo á ordem de D. Sabiniano Manrique com infantaria e munições. Chegou á barra dia de Natal, e saltou em terra sem se acautelar acompanhado de hum Capitaõ e dez soldados, foraõ vistos, e logo presos, as embarcações reconhecendo esta desgraça se retiráraõ. O mesmo successo teve o batel de hum aviso que veyo seguindo as Setias com mayor soccorro, o Capitaõ delle mais acautelado mandou reconhecer por nove soldados a quem a fortaleza obedecia; perguntaraõ-no elles do batel, responderaõ-lhe da fortaleza que a ElRey de Castella, enganados desta confiança saltáraõ em terra, ficáraõ presos, e o navio livre de algumas ballas que lhe tiráraõ se voltou para Cadiz. Outro de Canarias entrou pela barra obrigado de hum temporal, trazia algumas pessoas principaes com suas familias, a todos mandou ElRey dar passaporte para Castella.

Anno 1640.

Entrega-se S. Giaõ.

Prisaõ de D. Sabiniano Manrique.





HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO

LIVRO III.

SUMMARIO



Uraõ os ElRey Tres Estados do Reyno, Solemnidade do juramento. Eleyçaõ de Officiaes da Casa, e Ministros para o governo. Entraõ em Lisboa a Rainha, Principe, e Infantes. Chegaõ á Corte os fidalgos divididos por todo o Reyno. Chamma ElRey a Cortes, onde foy jurado, e o Principe D. Theodosio por Herdeiro, e Successor deste Reyno. Levanta os tributos feitos por Castella. Ajustaõ-se em Cortes os meyos para a defensa do Reyno. Passaõ-se alguns fidalgos para Castella. Altera-se o Povo, que ElRey socega com prudencia. Acclama-se ElRey na Ilha da Madeira. Se-

Anno 1640

Seguem as mais este exemplo. Defendem-se os Castelhanos no Castello da Ilha Terceira: Sitiaõ-no os Moradores, e entrega se. Chega a nova da Acclamaçaõ delRey ás Praças de Africa: Obedece-lhe Marzagaõ, e o Reyno de Angola. Duvida Tangere, e Ceuta nega a obediencia. He acclamado em todas as Praças da America, e em todo o Dominio da Asia. Breve relaçaõ do Estado da India. Disposiçoens do Governo del Rey. Manda Embaixadores aos Principes da Europa. Noticia dos acontecimentos de todos. Nobre empresa do Conde de Castel-Melhor em Cartagena. Successos do Infante D. Duarte, sua prisaõ, e morte

EM quanto se acabavaõ de vencer tantas difficuldades, sendo as diligencias mais poderosas que as contradicções, preparava Lisboa a solemnidade de Coroar ElRey e dar-lhe em nome de todo o Reyno juramento de obediencia e fidelidade. Disposto tudo o que era necessario para se celebrar este Acto, se levantou a quinze de Dezembro no Terreiro do Paço hum theatro que igualava com as varandas do mesmo Paço adornado magnificamente. Bayxou ElRey a elle com todas as insignias Reays acompanhado da Nobreza e pessoas principaes da Corte na fórma dos Reys de Portugal. Vinhaõ exercitando os officios da casa Real todos aquelles que por privilegios antigos tinhaõ occupaçaõ nella, conciliando ElRey os animos de seus Vassallos na observaçaõ da justiça que guardava áquelles, em que primeiro se exercitava o seu poder. Era Mordomo Mór D. Manrique da Sylva Marquez de Gouvea, Camareiro Mór Joaõ Rodrigues de Sá Conde de Penaguiaõ, Estribeiro Mór Luiz de Miranda Henriques, e Veador D. Pedro Mascarenhas filho mais velho do Marquez de Montalvaõ. Servia de Meirinho Mór D. Joaõ de Castel-branco por seu Irmaõ que havia ficado em Madrid, de Guarda Mór Pedro de Mendonça, de Alferes Mór Fernaõ Telles de Menezes. Vinha o Marquez de Ferreira com o estoque

Fórma do juramento delRey.

Officios da Casa Real.

toque desembainhado exercitando o officio de Condestable Elegeo ElRey por Secretario de Estado Francisco de Lucena merecida occupaçaõ da sua grande capacidade. Sahio ElRey vestido de risso pardo bordado de ouro com botões e cadea de diamantes, trazia ópa de tèla branca semeada de ramos de ouro, sustentava-lhe a fralda que largamente se estendia o Camareyro Mór. Sentou-se debaixo de hũ docel em lugar alto adornado das insignias Reays, e depois de tomarem os que lhe assistiaõ os lugares que lhe tocavaõ, fez huma oraçaõ muito eloquente o Doutor Francisco de Andrade Leytaõ Dezembargador dos aggravos. Mostrou nella com prudentes razões a justiça com que os Tres Estados do Reyno restituiaõ a ElRey que estava presente a Coroa usurpada á Duqueza D. Catherina sua Avó por Filippe II. Rey de Castella; fez presente a ElRey a vontade com que os Povos offereciaõ pelo defender, e perpetuar na Coroa as vidas, e as fazendas; e aos Povos a resoluçaõ com que ElRey determinava exporse aos mayores perigos pela conservaçaõ da sua liberdede. Acabada a Oraçaõ, se seguio o juramento, a que deo principio D. Miguel de Noronha Duque de Caminha. Foy ElRey D. Joaõ jurado por legitimo successor dos Reynos e Senhorios de Portugal para si e seus descendentes, e prometteo a seus Vassallos de lhes guardar todas as izenções e franquezas que lhes foraõ concedidas pelos Reys seus antecessores. Rematou-se o Acto desenrolando o Alferes Mòr a Bandeira, e dizendo tres vezes: (Real por ElRey D. Joaõ o Quarto Rey de Portugal) a que com repetidos vivas respondeo todo o Povo. Feita esta ultima ceremonia desceo ElRey ao Terreiro, montou a cavallo, debaixo de hum Palio acompanhado apé de toda a Nobreza descuberta, levando-o de rede a D. Pedro Fernandes de Castro em ausencia do Conde de Monsanto, Alcaide Mór de Lisboa. Na Praça do Pelourinho estava hum theatro muito bem adereçado: parou ElRey diante delle, e ouvio huma oraçaõ ao Doutor Francisco Rebello Homem Vereador da Camara, que continha o alvoroço do Povo, e a resoluçaõ de defender empresa taõ gloriosa. Acabada a oraçaõ lhe entregou as chaves da Cidade o Conde de

Anno 1640.

Oraçaõ do Doutor Francisco de Andrade Leitaõ.

Oraçaõ de Frãcisco Rebelio Homem Vereador da Camara.

Canta-

Anno 1640

Cantanhede Presidente do Senado. Continuou ElRey o caminho á Igreja Catedral da Sé, onde se apeou a dar graças a Deos. Cantáraõ os Musicos, Te Deum laudamus, entre vivas e lagrymas alegres de todo o concurso. Voltou ElRey ao Paço com repetido applauso e alegria de toda a Corte, desprezando todos os perigos que ameaçavaõ o Reyno, e a consideraçaõ da offensa feyta a hum Rey visinho e poderoso. ElRey naõ dilatou, como era necessario, nomear Ministros para o governo, que logo continuou com a vigilancia e attençaõ que pediaõ os muitos accidentes que por horas sobrevinhaõ, e as grandes prevençoens de que estava pendendo o empenho em que se achava. Nomeou para o despacho de todos os dias ao Arcebispo de Lisboa e ao Visconde D. Lourenço de Lima; dentro de poucos dias ao Marquez de Ferreira, passado mais tempo ao Marquez de Gouvea. Alem destes para o Conselho de estado ao Arcebispo de Braga, ao Inquisidor Geral, ao Marquez de Villa-Real, que ja por Castella tinhaõ este exercicio, ao Conde de Vimioso, a seu Irmaõ Dom Miguel de Portugal Bispo de Lamego, e ao Marquez de Ferreira. O Conselho de Guerra, Presidencias, e mais occupaçoens da Corte repartio ElRey pelas pessoas de mayor merecimento. Os Governos das Armas e mais Postos militares entregou aos subjeitos, de que adiante daremos noticia, quando dermos principio aos successos da guerra. Dia de Natal pela manhãa passou ElRey a Aldea-Galega (Villa que com tres leguas de distância divide de Lisboa o Tejo opulento com as aguas do Oceano com que se communica) a esperar a Serenissima Rainha D. Luiza de Gusmaõ sua mulher, que para mayor alegria dos Portuguezes trazia comsigo seu filho mais velho o Principe D. Theodosio, e as Infantas Dona Joanna e Dona Catherina. Acompanhava a Rainha o Marquez de Ferreira que havia partido a buscalla, Dom Vasco da Gama Conde da Vidigueira, e Dom Francisco Coutinho Conde do Redondo. Elegeo a Rainha por sua Camareira Mór a Marqueza de Ferreira; nomeou ElRey por seu Mordomo Mór a Don. Sancho de Noronha Conde de Odemira, deo-lhe para estribeiro Mór a D. Luiz de Noronha, e a

Elege Ministros.

Chega a Rainha a Aldea Galega.

Entra em Lisboa e forma se lhe a Casa.

e a Pedro da Cunha que era seu Trinchante fez seu Veador. Entrou a Rainha em Lisboa com universal contentamento: nomeou logo por Aya do Principe e Infantas a D. Marianna de Alamcastre viuva de Luiz da Sylva; ornou o Palacio das mais calificadas e fermosas Damas da Corte, e dos Mininos mais Illustres, primeira desconfiança dos Castelhanos, discursando prudentemente que os altivos animos dos fidalgos de Portugal naõ entregavaõ seus filhos a servir, senaõ a hum Rey a quem determinavaõ defender. Anno 1640

No tempo que ElRey se acclamou assistiaõ varios fidalgos retirados da Corte em Lugares differentes molestados do governo de Castella, e todos com summa diligencia concorreraõ a celebrar a nova liberdade. Era hum delles D. Fernando de Menezes, Irmaõ mais velho de D. Luiz de Menezes Autor desta historia: havia passado a Madrid, e trocando pelo exercicio militar o requerimento do titulo de Conde que lhe estava concedido, se resolveo a acompanhar o Marquez de Laganes, que passou naquelle anno a Italia, e achando-se dous annos continuos nas occasioens mais importantes daquelle exercito, se retirou a sua casa obrigado de huma grande infirmidade; sem ElRey D. Filippe lhe deferir ao requerimento, nem lhe satisfazer as finezas executadas em seu serviço. Chegou-lhe ao Louriçal (Lugar que dista seis leguas de Coimbra no qual assistia) a nova da acclamaçaõ delRey; no mesmo dia partio para Lisboa acompanhando-o seu Irmaõ Dom Diogo de Menezes, que foy dos primeiros soldados, que valerosamente se oppuseraõ em Alentejo á invasaõ dos Castelhanos, e dos primeiros Vassallos da sua esfera, que gloriosamente deraõ a vida pela liberdade da sua Patria. Chegáraõ brevemente á Corte, onde ElRey os recebeo com a affabilidade herdada na Coroa; pois foraõ sempre os Reys de Portugal igualmente Senhores e pays de seus Vassallos: politica de que lhes resultou alargarem tanto os Ramos da Planta Portugueza, que recolheraõ enxertados mais preciosos fructos que aquelles de que tiraraõ o primeiro alimento. Seguio a D. Fernando de Menezes toda a sua familia, e poucos dias depois de ha-

Concorrem os fidalgos de fora a dar obediencia a ElRey.

haver chegado á Corte offereceo D. Luiz de Menezes seu Irmaõ ao serviço do Principe D. Theodosio, tendo a mesma idade que sua Alteza, que eraõ sete annos. Foy esta a sua primeira e mayor fortuna, criando-se com a doutrina deste excellente Principe a que assistio oito annos continuos, alcançando sem differença o mayor favor seu, para que padecesse eterna saudade da sua gloriosa vida na sua intempestiva, e lamentavel morte. Mostrava o Principe nas primeiras inclinaçoens o seguro alicer-se em que se fundáraõ as esclarecidas virtudes, que depois resplendeceraõ no seu animo. Era seu Mestre D. Pedro Pueros Irlandez de naçaõ, virtuoso nos costumes, pratico nas sciencias: Dava o Principe liçaõ de Latim a que D. Luiz assistia, para que a curiosidade se incitasse com a competencia: depois desta liçaõ tinha o Principe hora dedicada para ouvir ler a historia (hum dos mais uteys exercicios que merecem levar o tempo) porque na historia se encontraõ virtudes para imitar, vicios de que se deve fugir, exemplos que provocaõ o valor, fortunas que incitaõ o animo, desgraças que moderaõ o espirito: Cultiva de sorte o engenho que he na tenra idade flor, nos maduros annos fructos; e ultimamente sem controversia he o melhor emprego de todas as potencias da Alma, occupa mais utilmente a memoria, engrandece mais nobremente o entendimento, subjeita mais virtuosamente a vontade. O divertimento que o Principe buscava para o trabalho destes nobres exercicios era aprender, a pintar e a fabricar hum relogio, sendo grande credito da sua virtude valer-se de taõ insignes artes para desafogo das melhores liçoens, e veyo a conseguir, formando-o a natureza taõ perfeito, achar nelle dispoſiçoens para ter ciumes da arte. Nas ultimas horas do dia formando dos mininos que lhe assistiaõ huma companhia, de que era Capitaõ, bebia suavemente a disciplina militar, e no manejo das armas hia fortalecendo o corpo: e porque aquelle que nasceo para passear o Mundo, pouco importa que seja delicado; quem o hade sustentar sobre os hombros convem que os crie robustos. Estas primeiras disposiçoens conseguiraõ pelo tempo adiante que o Principe nos breves annos de sua vida viesse

Anno 1640

se

se a naõ largar a penna da maõ que sustentava a espada, uniaõ taõ util, como ensina a setta, com a penna voa o ferro que ha de ferir. Nestes e outros semelhantes exercicios cultivava os primeiros annos, servindo-lhe de verdadeira doutrina os varios casos que via na Corte, e successos que ouvia da guerra, aprendendo igualmente na pratica, e na theorica.

Anno 1640.

Chegou a Madrid a nova de ser acclamado o Duque de Bargança Rey de Portugal a sete de Dezembro, despedio o aviso o Corregedor de Badajoz, mas como foy com as primeiras noticias, e o caso era taõ singular, hia taõ confuso que naõ dava lugar a alguma resoluçaõ: servio só de despacharem correyos a varias partes para se anticiparem algumas prevençoens, e de se avisar ao Emperador de Alemanha, pedindo-lhe mandasse ter cuidado na pessoa do Infante D. Duarte. O Secretario Diogo Soares receando o perigo, que lhe occasionava taõ grande golpe, despedio hum confidente com ordem que averiguasse em Lisboa a verdade do successo; tanto que chegou foy logo preso, e declarando a causa da sua jornada, o soltáraõ sem castigo. Fez mayor a confusaõ da Corte de Madrid chegar a ella o Conde de Figueiró, que havendo partido de Lisboa os ultimos dias de Novembro, naõ dava noticia da acclamaçaõ. O primeiro que tirou a duvida foy hum Castelhano criado delRey D. Joaõ que o servia em Villa-Viçosa, o qual se passou para Castella a dar noticia de tudo o que havia acontecido. Tanto que se rompeo em Madrid esta certeza, os fidalgos Portuguezes que se achavaõ naquella Corte se foraõ offerecer a ElRey para a conquista de Portugal, os mais delles com o coraçaõ na defensa da sua Patria, como passado pouco tempo justificáraõ, e contando os que assistiaõ em Madrid e os que andavaõ repartidos em varias partes servindo ElRey de Castella, eraõ oitenta os que se achavaõ fóra deste Reyno, entrando nelles alguns Ecclesiasticos, grande numero para faltar em Reyno taõ pequeno. A historia hirá dando noticia a seu tempo dos nomes de todos. Repartio ElRey D. Filippe os juros que vagáraõ das pessoas que ficáraõ em Portugal por muitos destes fidalgos, naõ passando cada mez

Chega a Madrid a nova da acclamaçaõ.

Offerecem-se os fidalgos que estavaõ em Madrid a ElRey de Castella.

Anno 1640

Discursos sobre a conquista de Portugal.

mez o mayor dispendio de tres mil reales. Foraõ varios os juizos; que se fizeraõ em Madrid sobre o remedio que se havia de applicar a materia taõ importante: os de melhor discurso eraõ de parecer que o exercito de Catalunha (injusto castigo daquella Provincia e motivo principal da resoluçaõ que os Portuguezes tomaraõ) passasse logo a Badajoz, porque sem duvida lograria no primeiro impulso a conquista de Portugal, que passado mais tempo seria difficil empresa. Cegou Deos o Conde Duque desordenadamente apaixonado contra os Catalaens pelas razões referidas, e resolveo que se continuassem os progressos de Catalunha; e em verdade que julgada esta materia pelos meyos humanos, parece que fora muito difficultosa a defensa de Portugal, faltando nelle quasi totalmente soldados, disciplina, cavallos, armas, e dinheiro; mas como todas as disposiçoens eraõ encaminhadas pelo Autor das acçoens humanos, para desempenho da palavra dada a ElRey D. Affonso Henriques no Campo de Ourique, era preciso, que os absurdos dos Castelhanos dispuzessem os nossos acertos. Adiante daremos noticia dos Cabos e das tropas que distribuiraõ pelas fronteiras de Portugal.

Anno 1641.

Chama ElRey D. Joaõ a Cortes.

He jurado ElRey e o Principe.

Oraçaõ de D. Manoel da Cunha Bispo de Elvas.

Entrou o Anno de 1641. e chamou ElRey Cortes para vinte e outo de Janeyro, concorreraõ todos os procuradores das Cidades e Villas deste Reyno que tem voto nellas. Celebrou-se o Acto na sala dos Tudescos com as ceremonias costumadas. Juraraõ os Tres Estados a ElRey por legitimo Senhor destes Reynos, e por Principe e successor seu ao Principe D. Theodosio que estava assentado debaixo do docel junto a seu pay. Orou discretamente Dom Manoel da Cunha Bispo de Elvas, encareceo na Oraçaõ a ElRey o amor dos Povos, pois voluntariamente dedicavaõ a seu serviço e defensa as vidas e as fazendas: mostrou aos Povos a resoluçaõ, com que ElRey se esquecia de todos os perigos só por attender á sua conservaçaõ e liberdade, e chegando com elles ao ultimo extremo entregava á sua confiança o Serenissimo Principe D. Theodosio seu filho mais velho, e nelle melhor Trajano, successor de melhor Nerva. Com estas e outras elo-

quentes

quentes razoens deo fim á oraçaõ. Depois de acabada ſe continuou o Juramento, obſervando-ſe os eſtylos antigos, e o ultimo que jurou deo fim ás ceremonias daquelle dia. No ſeguinte voltou ElRey ſem o Principe ſeu filho ao meſmo lugar com igual apparato ao dia antecedente. Fez o Biſpo D. Manoel da Cunha ſegunda pratica e primeira propoſiçaõ de Cortes. Suavizou os coraçoẽs dos Povos publicando por ordem delRey, que havia por levantados todos os tributos impoſtos por ElRey de Caſtella, prudente reſoluçaõ para enlaçar em mayores empenhos os animos generoſos dos Portuguezes. Exortou o Biſpo a uniaõ e deſintereſſe particular, achando proprio exemplo em o navegante, o qual ſe por attender ás ſuas conveniencias ſe deſcuida do governo do navio, perigaõ na ſua deſattençaõ naõ ſó a propria vida e o proprio cabedal, mas as vidas e os cabedaes de todos os paſſageiros. Deixou da parte delRey á eleiçaõ dos tres Eſtados do Reyno os meyos mais proporcionados para a ſua defenſa, offerecendo para o diſpendio da guerra todo quanto dinheiro lhe ſobejaſſe de huma pequena porçaõ, que exceptuava para o ſuſtento da caſa Real, e todas as joyas e prata lavrada que havia nella e na de Bargança. Acabada eſta Oraçaõ, reſpondeo a ella da parte dos Povos o Doutor Franciſco Rebello Homem Vereador da Camara. Continha a repoſta dar as graças a ElRey de anticipar aos Povos a merce de lhes levantar os tributos, e offerecer da parte dos Povos em recompenſa deſte beneficio as vidas e as fazendas de todos para defenſa, e ſegurança do Reyno. Acabado o Acto das Cortes ordenou ElRey que em tres Conventos ſe juntaſſem divididos os tres Eſtados. Em S. Domingos os Eccleſiaſtico: a Nobreza em Santo Eloy: em S. Franciſco os Procuradores dos Povos. Depois de algumas conferencias que de huma parte a outra ſe communicavaõ, manejando os trinta da Nobreza, que ſempre ſe coſtumaõ eleger, facilmente todas as materias, naõ havendo animo algum, que naõ ſe achaſſe diſpoſto a obrar as mayores finezas. Ajuntáraõ que para guarnecer as fronteiras ſe levantaſſem vinte mil Infantes e quatro mil cavallos; e feito o computo da deſpeſa que podia fazer eſte exercito, ſe achou

Anno 1641.

Primeira propoſta em que ſe levantaõ os tributos.

Reſpoſta do Doutor Franciſco Rebello Homem.

Reſoluçaõ das Cortes para a defenſa do Reyno.

Anno 1641.

que bastaria para o sustentar hum milhaõ e outo centos mil cruzados: porém apurada a conta, e conhecendo-se que a despesa era desigual á receita, concordáraõ, depois de passado algum tempo, em dar a ElRey dous milhões. Para satisfaçaõ deste computo dedicaraõ as decimas de todas as fazendas, naõ se exceptuando genero algum de pessoa, que deixasse de contribuir a dez por cento, de qualquer qualidade de fazenda de que fosse senhor, exceptuando-se os Ecclesiasticos que voluntariamente offereceraõ das suas rendas hum certo computo em cada Bispado, confórme o rendimento delle. Os seculares que occupavaõ officios, tinhaõ trato, ou lugravaõ alguma merce: pagavaõ os que tinhaõ officios confórme o que elles rendiaõ, aos que tratavaõ se orçavaõ os generos, das merces se tirava nas chancellarias de cinco hum, ametade para pagamentos das folhas, o que restava applicado para as despesas da guerra. Os Vereadores da Camara de Lisboa acrescentaraõ tres reis, a dous que pagava cada arratel de carne: ao vinho quatro, de tres que contribuhia; que sendo a Cidade taõ populosa e taõ abundante, fazia grande soma. Estes foraõ os tributos em que os Povos voluntariamente se conformáraõ. Acrescentaraõ-se depois que a guerra fez mayores despesas: monstro taõ formidavel que nem do alimento se contenta, nem do sangue se enfastia, sendo os que mais favorece os primeiros que sacrifica. Despedio ElRey as Cortes, dando-se por satisfeitos da contribuiçaõ dos Povos, e os seus Procuradores partiraõ cõ varias merces contentes e obrigados á grandeza delRey. Ficou instituida a Junta dos tres Estados apontando-se Ministros de cada hũ delles para a distribuiçaõ dos tributos, de que resultou a ElRey e ao Reyno grande utilidade.

Despedem-se as Cortes.

Institue-se a Junta dos Tres Estados.

Sem contradicçaõ nem azar da fortuna tinha ElRey Dom Joaõ lançado as primeiras pedras no edificio de que era senhor, e havia sido Arquitecto: porém como até o mesmo Filho de Deos naõ achou doze homens, que com só hum coraçaõ o servissem, e sem variedade nos affectos lhe obedecessem, experimentou ElRey a primeira molestia na resoluçaõ que cegamente tomaraõ alguns fidalgos daquelles mesmos, que com o laço do juramento

to haviaõ atado a ſua fidelidade, e com a quebra do juramento deſtruhiraõ a ſua oppiniaõ naturalizada por tantos Aſcendentes, que eſcurecendo a gloria paſſada com o ſeu deſacerto, naõ ſó ſe prejudicáraõ a ſi proprios, mas deixáraõ aberto o caminho a outros que trocáraõ os triunfos em eſpectaculos. He verdade que a empreſa começada tinha as eſperanças longe, e os perigos perto: porém ſe os que deſmayavaõ tomáraõ por eſpelho o ſangue Portuguez de que ſe reveſtiaõ, deſprezáraõ as difficuldades, tendo por natureza arrojarem-ſe a impoſſiveis: mas parece que obrou nelles a deſconfiança de naõ entrarem na acclamaçaõ, (defeito que tem prejudicado muito ás generoſas acçoens Portuguezas.) Sirva-lhes de diſculpa o que em outros foy vicio; e entenda-ſe que eſta foy a cauſa de ſe paſſarem a Caſtella, para nos eſcuſar-mos de referir os abſurdos de que foy mapa o ſeu deſacerto. Foraõ os que tomáraõ eſtá infelice reſoluçaõ Dom Duarte de Menezes Conde de Tarouca, ſeus filhos D. Luiz de Menezes, e D. Eſtevaõ de Menezes, ſendo eſte de tenra idade, e que depois paſſando-ſe a Portugal moſtrou generoſamente que ſó a falta do diſcurſo pelos poucos annos que tinha, o obrigára a deixar a ſua Patria: D. Joaõ Soares de Alarcaõ, Alcaide Mór de Torres-Vedras, Meſtre Salla delRey: Dom Pedro Maſcarenhas ſeu Veador, e D. Jeronymo Maſcarenhas Deputado entaõ da Meſa da Conſciencia, em quem durou o odio ainda depois que conſeguimos a paz, e viveo taõ arreygado no ſeu peito contra a propria Patria, que os meſmos Caſtelhanos que lhe pagáraõ com grandes lugares as finezas que havia feito, abominaõ e deſpreſaõ a ſua contumacia. Eraõ os dous filhos do Marquez de Montalvaõ que aſſiſtia por Viſo-Rey do Braſil. Os outros que ſe paſſáraõ para Caſtella com eſtes, foraõ D. Lopo da Cunha e ſeu filho D. Pedro Luiz da Sylva filho de Lourenço da Sylva, que por cego naõ exercitava a occupaçaõ de Regedor da Juſtiça, para o que ſeu filho eſperava idade. Communicáraõ eſtes fidalgos entre ſi o intento infelice que haviaõ abraçado, ſendo Frey Manoel de Macedo Religioſo de S. Domingos incentivo da ſua determinaçaõ e medianeyro do ſeu deſignio. Para

Anno 1641.

Paſſaõ ſe a Caſtella alguns fidalgos.

facilitallo se lhe offereceo occasiaõ opportuna: porque
Anno ElRey naõ derogando merce alguma feita por Castella,
1641. mandou a D. Joaõ Soares que fosse a governar Ceuta, ao
Conde de Tarouca Tangere Lugares, para que estavaõ nomeados antes delRey se acclamar. Tomando ElRey esta determinaçaõ sem ponderar a incerteza desta diligencia, naõ constando até aquelle tempo o partido que aquellas Praças determinavaõ seguir. Havendo recebido os dous Capitaens de Ceuta e Tangere as ordens necessarias, ajustáraõ com os mais referidos, que depois de estarem embarcados, ao tempo de dar á véla se mettessem em hum bergantim que se havia tomado aos Castelhanos, e que ElRey tinha dado ao Conde de Tarouca por lho haver pedido para o ter em Tangere, e se introduzissem em hum de dous navios que levavaõ. Ministrou hum accidente este concerto; porque achando-se D. Lopo da Cunha com o Conde de Arcos em huma pendencia que teve com hum Corregedor do Crime, depois de preso o Conde se retirou D. Lopo ao Convento de Bellem, onde se juntáraõ os mais concertados na jornada, tomando o pretexto de lhe assistirem no homizio.

A sete de Fevereyro, que era o dia destinado para a execuçaõ, se embarcáraõ o Conde de Tarouca e D. Joaõ Soares com suas familias em hum navio Amburguez, os mais no bergantim com tençaõ de se introduzirem fóra da Barra em o navio em que hiaõ os dous referidos, ou em outro que levava comsigo: depois de todos embarcados lhes faltou o vento antes de sahirem de S. Giaõ. Vendo-se neste aperto, avisou o Conde de Tarouca aos do bergantim, que o esperassem, para que juntos corressem a mesma fortuna: deraõ elles varias e frivolas escusas, e receando o damno que tinhaõ por infallivel, sahiraõ no bergantim, que necessitava de menos vento que os navios, e deixando ao Conde e a D. Joaõ Soares em taõ perigosa contingencia, receando menos as ondas que a justiça navegáraõ com vento prospero que os levou seguros a Ayamonte. Os dous navios crescendo o vento sahiraõ da Barra, e o Conde e D. Joaõ Soares chegando á vista de Cadiz, tomando o pretexto de axaminar a Armada de Castella,

Chegaõ os primeiros a Ayamonte.

quize-

quizeraõ entrar naquelle porto. O Mestre Amburguez naõ quiz obedecer-lhes, respondendo que naõ era aquella a sua derrota, e continuou a viagem: encontrando este accidente, foy preciso a estes fidalgos descobrirem aos seus criados a sua determinaçaõ, para que unidos obrigassem ao Amburguez a surgir em Gibaltar, porto da Coroa de Castella, que lhes ficava mais visinho: assim se executou, e cedendo o Amburguez á força que lhe fizeraõ, entrou em Gibaltar, onde saltáraõ em terra. O Amburguez tanto que se vio livre do perigo, deo á vela para Lisboa, trazendo comsigo alguns Portuguezes, e parte do fato do Conde e de D. Joaõ Soares; o outro navio naõ sendo admittido em Tangere, voltou tambem para Lisboa. Juntáraõ-se em Sevilha, para onde partiraõ o Conde Tarouca e D. Joaõ Soares com os outros fidalgos; passáraõ a Madrid, aonde foraõ recebidos com todas aquellas demonstraçons que pedia a resoluçaõ, que tomáraõ em offensa da Coroa de Portugal, e beneficio do partido de Castella. Depressa acháraõ o castigo no desengano; porque julgando a poucos lances a Portugal rendido, examináraõ nas debeis forças de Castella que seria muito difficultosa a restituiçaõ das suas casas, de que nunca tiveraõ recompensa. Logo que estes fidalgos se passáraõ para Castella, constou a ElRey que Fr. Manoel de Macedo fora medianeyro da cega determinaçaõ que tomáraõ: mandou prendello, e depois de alguns annos o embarcáraõ para a India, e acabou a vida em Angóla arrependido da sua temeridade. Tanto que se divulgou pelo Povo de Lisboa o successo referido, levado do fervor a que se incita sem discurso este monstro cego, costumando a encarecer com desconcertos os seus affectos, unido no Terreiro do Paço e nas mais ruas da Cidade, determinou castigar nos fidalgos que ficáraõ o delicto dos que fugiraõ; naõ se lembrando de que poucos dias antes haviaõ sido Autores da fortuna que celebravaõ, e da liberdade que defendiaõ. Atalhou ElRey este primeiro impulso chegando á janella e mandando a Martim Affonso de Mello que dissesse da sua parte ao Povo, que nenhum deliquente ficaria sem castigo. Dividio-se com esta segurança, e amanhecèraõ

Anno 1641.

Entraõ os segundos em Gibaltar.

Chegaõ todos a Madrid.

Prisaõ de Fr. Manoel de Macedo.

Alterase o Povo de Lisboa.

Anno 1641.

papeis nas portas da Cidade, nos quaes punhaõ preceito a todos os fidalgos que dentro em poucos dias queimassem as carroças em que andavaõ (desconcertado effeyto, considerada a causa com que se alteráraõ:) aos fidalgos que encontravaõ pelas ruas, obrigavaõ a acclamar ElRey, e a dizer que morressem os traydores. ElRey mandou publicar papeis, nos quaes dizia que aquelles que fomentassem a guerra civil (consequencia do movimento presente) dariaõ o melhor soccorro a Castella; e que nesta consideraçaõ, da mayor conformidade era do que se daria por melhor servido, para que senaõ perturbasse a direcçaõ das materias, e para que se encaminhassem todas as dispusiçoens a se defender o Reyno, que restauráraõ.

Diligencias com que se aplacou esta alteraçaõ.

Estas razoens repetiaõ por ordem delRey no pulpito os Prégadores, e desta frase usavaõ o Juiz e pessoas mais respeitadas do Povo, resultando de todas estas diligencias aplacar-se o movimento.

Prisaõ da Marqueza de Montalvão e outros fidalgos.

Entendeo-se que a Marqueza de Montalvaõ tivera noticia da fugida de seus filhos D. Pedro e D. Jeronymo Mascarenhas, mandou-lhe ElRey pôr guardas em sua casa, e foraõ os seus criados presos; os quaes examinados e naõ lhes achando culpa, tornáraõ a soltar: porém a Marqueza, constando que aos indicios acrescentava palavras desmasiadas contra o decoro Real, foy remettida presa ao Castello de Arrayollos; molestia de que a livrou dentro de pouco tempo seu filho D. Fernando Mascarenhas, chegando do Brasil. Tambem foy preso Lourenço da Sylva e sua mulher, e soltos passado algum tempo, por constar que ignoráraõ a resoluçaõ de seu filho Luiz da Sylva.

Passase a Castella Dom Francisco de Menezes e Pedro Gomes de Abreo.

Os máos exemplos sempre achaõ quem os immitte, seguiraõ o dos que se passáraõ a Castella D. Francisco de Menezes, que chamavaõ o Barrabaz, e Pedro Gomes de Abreo senhor de Regalados: aquelle assistia em Proença de que era Alcayde Mór, este no seu lugar, e ambos deixáraõ a fazenda e socego de suas casas pela incerteza do premio delRey de Castella, que nunca conseguíraõ: D. Francisco passou só com hum criado, Pedro Gomes com toda a sua familia. O Procurador da Coroa requereo que fossem citados por editos todos os que se passáraõ a Castella: assim se executou, e depois

das

das diligencias ordinarias, foraõ declarados por offensores da Mgestade, e confiscados seus bens.

Anno 1641.

Saõ condenados por traidores os que se passarãõ a Castella.

Estabelecido ElRey D. Joaõ na posse do Reyno, faltava-lhe para o lograr como seus antepassados, ser obedecido nas dilatadas Conquistas que domina Portugal, Imperio taõ celebre por todas as circunstancias como qualifica a luz do mayor Planeta, conduzido do valor dos Portuguezes de hum a outro emisferio, para que igualmente fertilize todo o Mundo. A Cidade do Funchal na Ilha da Madeira foy exemplo a todas as outras Conquistas, como ja em outro seculo havia sido a primeira em se manifestar aos olhos dos Portuguezes, quando deraõ principio a todas aquellas que gloriosamente conseguíraõ. Chegou á Ilha hum navio de Lisboa com cartas delRey para o Governador Luiz de Miranda Henriques, e para o Bispo D. Jeronymo Fernando, nas quaes lhes fazia aviso, que ficava em pacifica posse do Reyno de Portugal, e que esperava igual obediencia da sua fidelidade. Acreditáraõ os dous esta fe naõ dilatando a execuçaõ de acclamar ElRey em toda a Ilha, e concordáraõ todos os moradores della em seguir a mesma voz. Os Castelhanos que presidiavaõ a fortaleza, a entregáraõ sem resistencia, e divididos pela Ilha aguardáraõ commodidade para passar a Canarias, a qual brevemente conseguíraõ. A nova da acclamaçaõ mandou Luiz de Miranda a Martim Mendes de Vasconcellos Governador da Ilha de Porto Santo: recebeo-a com o mesmo applauso, e succedendo ao contentamento mandar disparar algumas peças de artilharia, utilizou o favor divino a demonstraçaõ, porque surgindo doze navios de Turcos no porto principal, dando grande incommodidade á Ilha, alargáraõ por este respeito, entendendo que procedia o estrondo das peças de causa mais relevante contra o seu designio. Passou a noticia á Ilha de S. Miguel que com igual demonstraçaõ seguio o exemplo das duas. Foraõ as finezas pelo novo Principe por mais custosas de mayor gloria aos moradores da Ilha Terceira, pois grangeáraõ exaltar a fé Portugueza pelos fios das espadas da contumacia Castelhana. Julgava ElRey a empresa difficultosa por ser a fortaleza da Cidade de Angra huma das melhores

Aclamase ElRey na Ilha da Madeira.

Segue o mesmo exemplo a do Porto Santo e a de S. Miguel.

Anno 1641.

lhores de Europa, e se achar nella Governador D. Alvaro de Viveiros soldado de reputaçaõ, com hum grosso presidio de Infantaria, e ser o sitio da fortaleza taõ superior á Cidade, que podiaõ jugar contra ella sem peças de artilharia que guarneciaõ a muralha sem achar reparo algum, parecendo impossivel que os moradores, ainda que se resolvessem a seguir a voz do Reyno, sem outro soccorro tomassem a resoluçaõ de atacar a fortaleza, nem que deliberando-se pudessem entrar na esperança de rendela. Porém considerando ElRey que sempre se devem tentar as empresas de que naõ resulta damno com o máo successo, chamou Francisco de Ornellas da Camara que assistia em Lisboa, natural da mesma Ilha, das principaes familias della, e Capitaõ Mór da villa da Praya, aparentado com as pessoas de mayor qualidade, de conhecido valor, e por todos os riquisitos o subjeito mais adequado para esta empresa: recomendou-lha com as palavras e promessas de que os Reys sabem usar quando necessitaõ dos Vassallos, e de que muitas vezes se esquecem depois de conseguida a Idéa que fabricáraõ.

Manda ElRey a Ilha Terceira Francisco de Ornellas.

A dezasete de Dezembro partio Francisco de Ornellas de Lisboa, a sete de Janeyro chegou á Ilha Terceira, foy ancorar ao porto da Villa da Praya, desembarcou de noute sem mais companhia que a de vinte barris de polvara, e levando só em si o segredo de que tanto dependia a felicidade do successo daquella empresa, conseguio no acerto dos primeiros passos a mayor parte do intento que levava. Sem fazer dilaçaõ caminhou para a Cidade de Angra tres legoas distante da Villa da Praya. Tanto que chegou á Cidade buscou seu cunhado Joaõ de Betancor Capitaõ Mór della, e entregou-lhe huma carta que lhe trazia delRey: deo-lhe conta de tudo o que havia passado em Lisboa, e sem resistencia o achou seu parcial: mas reconhecendo em outros de que fez a mesma confiança, differente oppiniaõ, mudou com elles as guardas á linguagem, porque naõ perigasse o thesouro da fidelidade que encobria. Leve noticia D. Alvaro de Viveiros de ser chegado Francisco de Ornellas, e confusamente soube que a sua jornada dissimulava machina grande: mandou chamalo,

malo, e vendo que com varios pretextos se escusava de entrar na fortaleza, lhe cresceo a suspeita, e a este passo adiantou a cautela. Lançou voz que os Francezes, e Olandezes vinhaõ entreprender a fortaleza, e com este receyo supposto a começou a municionar e bastecer na melhor forma que lhe foy possivel, embaraçando-lhe esta determinaçaõ as diligencias, e destrezas de Francisco de Ornellas; o qual vendo que em Angra perigava a sua pessoa, e nella toda a empresa se passou á Villa da Praya, e discursando que com a dilaçaõ creciaõ muitos inconvenientes, achando dispostos os animos principaes das pessoas da Villa a acclamar nella ElRey D. Joaõ, deo á execuçaõ o intento, e os moradores tirada a mascara da dissimulaçaõ, naõ perdoaraõ a demonstraçaõ alguma de alegria, e com toda a diligencia mandáraõ notificar aos Officiaes da Camara de Angra que seguissem a mesma voz. Quasi todos elles estavaõ desta oppiniaõ; e foraõ buscando os meyos mais proporcionados para se livrar das mãos de D. Alvaro de Viveiros, o qual tentando differentes caminhos, determinava prender o mayor numero de pessoas principaes da Cidade que lhe fosse possivel: logrou só o seu designio em Fr. Joaõ da Purificaçaõ Prior do Convento de Santo Agostinho, e em Estevaõ da Silveyra, que da parte de Francisco de Ornellas o foraõ persuadir que rendesse a fortaleza a ElRey D. Joaõ, dizendo-lhe, que da sua grandeza receberia grande merces, e que para lhas segurar trazia poderes Francisco de Ornellas. Respondeo D. Alvaro á proposta com a reclusaõ dos Embayxadores, e antes que na Cidade se soubesse a sua resoluçaõ, mandou recado a Antonio do Canto de Castro, para que viesse dar-lhe conta de hũa pendencia que a noute antecedente havia tido com a Ronda. Levava ordem hũ sargento a q̃ acõpanhavaõ dez soldados, para q̃ duvidando elle de obedecer o prendessem. Achava-se Antonio do Canto junto a hũ corpo da guarda de hũa companhia Portugueza, q̃ costumava occupar aquelle posto, e conhecendo o intento para q̃ era chamado, quiz escusar-se de obedecer á ordẽ, e o sargento prendendo-o determinou dála á execuçaõ: tirou Antonio do Canto pela espada para se defender, e puzeraõ-se os soldados Portuguezes da sua parte, dispararaõ

Anno 1641.

Acclamase ElRey na Villa da Praia.

Diligencias de D. Alvaro de Viveiros.

Primeira revolta entre os Portuguezes e Castelhanos.

OS

Anno 1641.

os Castelhanos os arcabuzes e ferírão dous Portuguezes; acodio quantidade de gente do Povo, e tendo ja os animos taõ dispostos, que necessitavaõ de menos incentivos, gritáraõ todos: *Liberdade, Viva ElRey D. Joaõ.* Com o fervor destas vozes carregáraõ aos Castelhanos (que com o rumor haviaõ crescido a mayor numero) até o primeiro corpo da guarda, que occupavaõ fóra da fortaleza. Acodio o Capitaõ Mór mais para incitar o animos, que para dividir a pendencia, e sahio acompanhado da gente que na Cidade era capaz de tomar armas. Todos oprimiraõ de sorte aos Castelhanos, que os obrigáraõ a largar o corpo da guarda da Porta, que chamavaõ do Mar, e ganháraõ juntamente o Porto da Boa Nova, que fica debaixo da fortaleza. D. Alvaro de Viveiros parecendo-lhe que com o estrondo da artilharia poderia divertir o tumulto, fez disparar tres peças que havia mandado assestar contra a Cidade: foy a ruina menor do que o perigo que os moradores antes da execuçaõ haviaõ imaginado, e attribuindo pela falta de experiencia militar a milagre o pequeno effeito da artilharia, acháraõ estimulo no remedio que D. Alvaro inventou para socego. Vendo D. Alvaro que naõ correspondera o successo ao intento, quiz temperar com o lenitivo o achaque, que havia aggravado com a bebida rigorosa: mandou propôr ao Capitaõ Mór meyos de acommodamento, a que o Capitaõ respondeo que estava determinado a acabar a guerra a que elle dera principio. Francisco de Ornellas ouvio na Villa da Praya o estrondo da artilharia, no mesmo instante se poz em marcha com mil e quinhentos Infantes que tinha prevenido, e ás duas horas depois da meya noute chegou á Cidade: achou os moradores pelejando, as bocas das ruas tapadas, e a polvora mudada para o Collegio dos Padres da Companhia, por ser a parte em que costumava estar, exposta ás baterias da fortaleza. Repartio-se o novo soccorro pelas trincheiras, e ficando melhor guarnecidas, se levantáraõ mais, fazendo-as defensaveis em poucas horas. No dia seguinte avançáraõ os Castelhanos duas mangas de Mosqueteiros, e introduzindo-as por huns quintaes e casas que lhe ficavaõ visinhos, deraõ algumas cargas com pouco

Retiraõ-se os Castelhanos; he ElRey acclamado na Cidade.

Entra Francisco de Ornellas com o soccorro. Dispoem a defensa da Cidade.

pouco effeito · foraõ os Caſtelhanos rechaçados, e guarnecido aquelle poſto. Depreſſa ſe ſatisfizeraõ os Portuguezes da ſahida, porque fazendo o Capitaõ Mór tirar com huma peça de duas libras, foy dar a balla na trincheira contraria: o pouco exercicio da guerra occaſionou alvoroço nos ſoldados, ao alvoroço ſe ſeguio o impulſo, ao impulſo a execuçaõ; avançáraõ ás trincheiras ſem ordem, e com grande valor fizeraõ recolher os Caſtelhanos á fortaleza, deſemparando de todo as trincheiras, e ficáraõ mortos ſeis Portuguezes e quinze feridos. Ganháraõ no dia ſeguinte o forte de S. Sebaſtiaõ, em que os Caſtelhanos tinhaõ hum Capitaõ com vinte e cinco ſoldados: acháraõ doze peças de artilharia encravadas, prevençaõ dos Caſtelhanos, conhecendo que naõ podiaõ defender o forte, nem retirar a artilharia. O bom ſucceſſo e o pouco damno que as ballas faziaõ na Cidade, animou os moradores, muito dignos de grande louvor por ſe arrojarem a huma empreza que parecia quaſi impoſſivel, abraçando-a ſem diſciplina, ſem dinheiro, ſem inſtrumentos de expugnaçaõ, e com poucas muniçoens, e conſeguindo-a ſem mais ſoccorro que o da ſua conſtancia. He a fortaleza huma das melhores de Europa, como fica dito, occupa quaſi huma legoa: pela parte do mar he inexpugnavel, pela da terra ſe acha em pouca diſtancia muito bem fortificada; tem dentro agua nativa e huma grande ciſterna, terras em que ſe ſemeaõ vinte moyos de trigo, algumas vinhas, e pumares: achava-ſe com quinhentos Infantes de guarniçaõ, mantimentos, e muniçoens para mais de hum anno, cem peças de artilharia montadas: durou o ſitio quatorze mezes, acodindo a elle alguma gente das Ilhas viſinhas. E como eſta materia referida neſte lugar excede a ordem que determino ſeguir neſta hiſtoria, referirey brevemente todo o ſucceſſo, e eſte meſmo eſtylo obſervarey em todos os caſos que foraõ effeitos da acclamaçaõ, por naõ interromper o fio que heide ſeguir, ſendo todo o meu cuidado neſta obra evitar a confuſaõ aos que a lerem.

Anno 1641.

Ganhão os Portuguezes o forte de S. Sebaſtião.

Deſcripſão da Fortaleza.

Logo que em Caſtella ſe ſoube da acclamaçaõ, ſe deſpediraõ de Sevilha e S. Lucar varios aviſos e ſoccorros

Soccorro dos Caſtelhanos mal-logrados.

Anno 1641.

ros a D. Alvaro de Viveiros com taõ infelice successo dos sitiados, que todos cahiraõ nas mãos dos expugnadores. Foy mais consideravel o que conduzio Manoel do Canto de Castro irmaõ de Antonio do Canto. Assistia em Madrid no tempo que chegáraõ cartas a ElRey Catholico das pessoas principaes da Ilha, nas quaes lhe seguravaõ a sua fidelidade: destra dissimulaçaõ para dilatar os soccorros da fortaleza. Julgou ElRey que era o melhor meyo de mostrar a sua confiança com aquelles que ainda suppunha seus vassallos, eleger por cabo de tres navios em que mandava Infantaria, muniçoens, e bastimentos, a Manoel do Canto, por ser natural da mesma Ilha e muito aparentado nella: propoz-se-lhe a jornada, e logo aceitou a cõmissaõ, vendo aberto o caminho da sua liberdade. E deixo de ponderar esta sua resoluçaõ, porque nas acçoens semelhantes costumaõ ser mais rectos Juizes os contrarios, que os interessados. Chegou Manoel do Canto á Ilha a salvamento, e prevalecendo no seu animo contra todas as duvidas o amor da Patria, mandou aos Capitaens das duas fragatas da sua conserva, que distantes da terra aguardassem aviso seu. Chegou ao porto, e sendo reconhecido de alguns barcos da Ilha, mandou dar conta ao Capitaõ Mór da sua deliberaçaõ, que era de entregar aquelle navio, e procurar render os dous. Vieraõ de terra quantidade de barcos com Infantaria, introduzio-se facilmente em o navio, e fizeraõ prisioneiros os Castelhanos que vinhaõ nelle, ficando guarnecido de soldados Portuguezes. Avisou logo Manoel do Canto aos outros dous navios, que podiaõ entrar no porto sem receyo; obedeceraõ, e em pouco espaço foraõ rendidos do navio de Manoel do Canto e barcos da terra. Esta desgraça viraõ os sitiados em grande prejuizo da sua confiança: para a perderem de poder avisar a Castella do aperto que padeciaõ, lhe tiráraõ os Portuguezes huma caravela de terra onde estava varada, que pela defensa da Mosquetaria da fortaleza julgavaõ segura. Naõ tiveraõ melhor successo que os tres navios dous Inglezes, de que era cabo D. Luiz Peres de Viveiros irmaõ de D. Alvaro: embarcou na Curunha com gente e bastimentos, chegou á vista da Ilha, foy reconhecido de Manoel

Elege ElRey de Castella Manoel do Canto de Castro.

Entrega Manoel do Canto o soccorro.

Manoel Correya de Mello, que com os tres navios referidos e dous Olandezes que voluntariamente quizeraõ assistir nesta empresa, tinha a seu cargo divertir todos os soccorros que viessem aos sitiados: receoso D. Luiz dos navios Olandezes, com quem os Inglezes naõ queriaõ pelejar, e supponđo os tres da mesma conserva, se resolveo a entregar a gente que trazia aos da Ilha antes que aos Olandezes. Buscou o porto, lançou a gente em terra, acodio Francisco de Ornellas, e sem difficuldade fez todos os Castelhanos prisioneiros, alcançando muitas muniçoens e mantimentos. Corréraõ a mesma fortuna outros dous navios, hum mandado de Flandes pelo Cardeal Infante D. Fernando, outro de Sevilha, ambos se renderaõ: o de Sevilha a Manoel Correya de Mello, o de Flandes na Ilha de S. Miguel. Por todas as partes era grande o aperto dos sitiados; porque os Portuguezes lhes haviaõ tirado todos os meyos de aumentar com sortidas os bastimentos, levantando huma grossa trincheira desquartinada por alguns fortins que fabricáraõ, desprezando o perigo de muitas balas. Naõ lográraõ os sitiados em todo o tempo que durou o sitio, mais que hum bom successo occasionado do descuido dos Portuguezes. Succedeo em huma sahida em qual matáraõ dezasete, e feríraõ trinta; porque na confiança dos muitos dias que lhes durava o socego, se deitáraõ a dormir ao meyo dia sem a vigilancia e sintinellas necessarias: reconhecéraõ os Castelhanos este descuido, avançáraõ ás trincheiras, e fizeraõ o damno referido. Originou-se deste successo amotinar-se o Povo contra o Capitaõ Mór e Francisco de Ornellas, pondo-lhe a culpa da desordem succedida: socegou-se esta alteraçaõ por industria e diligencia de Manoel Correya de Mello. D. Alvaro de Viveiros naõ achando ja remedios a que recorrer, usou dos que costuma descobrir a ultima desesperaçaõ: fez fabricar na fortaleza hum pequeno barco, meteo-lho dentro hum Capitaõ e dez soldados, com os poucos bastimentos que podia carregar taõ pequena embarcaçaõ, escreveo a ElRey Catholico a extremidade em que se achava, de que só o podia livrar hum grande soccorro: antes do barco se acabar fugio da fortaleza hum escravo

Anno 1641

Perdese o segundo soccorro.

Rendem-se outros dous navios de Castella.

Sortida dos sitiados.

Anno 1641

cravo para a Cidade, que deo noticia desta obra; mandou Francisco de Ornellas ter grande vigilancia, e como nunca á boa diligencia costuma faltar a felicidade, despedindo D. Alvaro o barco e tendo navegado pouco espaço, foy colhido dos bateis que o esperavaõ; e postos na trincheira os prisioneiros, introduziraõ a ultima desesperaçaõ aos sitiados. Em Lisboa naõ havia mais noticia dos successos da Ilha, que terem acclamado a ElRey os moradores da Villa da Praya, tomando os Mouros na barra os avisos que Francisco de Ornellas tinha remettido. Nesta perplexidade se resolveo ElRey mandar á Ilha ao Padre Francisco Cabral da Companhia de JESUS, para que com titulo de visitador da sua Religiaõ desembarcasse na Villa da Praya, e introduzisse nella algumas muniçoens que levava: entregou-lhe firmas e poderes para segurar merces e usar das firmas, havendo accidente que o pedisse. Chegou á Ilha em breves dias, e como naõ achou que vencer nos animos dos moradores, empregou os poderes na constancia de D. Alvaro de Viveiros. Avistou-se com elle algumas vezes, prometteo-lhe da parte delRey grandes merces: porém em todas as conferencias achou nelle firme resoluçaõ de antepôr o credito ao perigo. Mas passados alguns dias, foy a fome e desesperaçaõ do soccorro rectorica mais poderosa: porque achando-se D. Alvaro depois de quatorze mezes sem mantimentos nem esperança do soccorro, rendeo a fortaleza segunda feira 16. de Março de 1642. dia em que outro D. Alvaro Marquez de Santa Cruz, sessenta annos antes, a havia ganhado aos Portuguezes, termo prescripto da vontade Divina para recompensa de todos os damnos occasionados em Portugal pelo rigor do governo de Castella. Sahio D. Alvaro com todas as honras que satisfazem aos rendidos, muito semelhantes ás da sepultura, que escusára o cadaver a que se dedicaõ: porém em D. Alvaro se houve desgraça, naõ houve culpa, defendendo a fortaleza atè chegar á ultima extremidade Introduzio-se o presidio Portuguez, que governava Joaõ de Betancor, entregando-se da fortaleza até segunda ordem delRey. Os Castelhanos ficáraõ aquartelados na Cidade, e brevemente conseguiraõ embarcaçoens

Perdem os Castelhanos hum barco de aviso.

Manda ElRey com ordens o Padre Francisco Cabral.

Rende-se a Fortaleza o mesmo dia em que se havia perdido.

Entra o presidio Portuguez.

çoens em que passáraõ para Castella. Francisco de Ornellas se embarcou para Lisboa a dar a nova da felicidade do successo em que havia tido a principal parte: chegando, foy recebido delRey com as demonstraçoens de honra que merecia o seu procedimento. Fez-lhe merce de huma Commenda de mil cruzados, deo outra de menos lote a Joaõ de Betancor, ás mais pessoas particulares deo habitos e tenças, regulando-as confórme o merecimento que tiveraõ: acertada politica nos Principes a quem a guerra faz dependentes dos Vassallos; porque ainda que a despesa seja sem medida, no peso das occasioens militares achaõ os avanços sem conto. Poucos dias depois de entregue a fortaleza, chegou á Ilha Antonio de Saldanha Capitaõ Mór da Torre de Bellem com cinco caravellas, em que levava trezentos Infantes, muniçoens, e artilharia grossa: desembarcou em Angra, e foy recebido com grande solemnidade: achou os moradores divididos em parcialidades, occasionando as dissençoens a ambiçaõ do governo. Soccegou-os, e em breves dias levantou hum Terço, tirando as despesas dos interesses do cunho da moeda, para que levava ordem delRey: que foy naquelle tempo, passarem com huma marca as moedas de ouro que valiam quatro cruzados a valor de tres mil reis, as patacas que pesavaõ trezentos e vinte a quatro centos e outenta, os tostoens a seis vintens, a tres os meyos tostoens, e a este preço os dous vintens. Deo-se execuçaõ a esta ordem primeiro em Portugal, passou depois ás conquistas. Formou tambem Antonio de Saldanha duas companhias de cavallos: com esta gente e duas navetas da India entrou em Lisboa.

Anno 1641.

Faz ElRey merces nos que o serviraõ.

Chega á Ilha Antonio de Saldanha.

Volta a Lisboa com duas navetas da India.

Em quanto na Ilha Terceira succedeo o que fica referido, passou a Africa, a Asia, e a America a noticia do novo possuidor do Imperio de Portugal; e da mesma sórte, que na Europa, foy acclamado nas partes que nellas dominava, ElRey D. Joaõ o IV. glorioso Principe, cujo nome foy obedecido, e celebrado nas quatro partes do Mundo. Assistia Martim Correya da Sylva em Marzagaõ: com o primeiro aviso entregou aquella Praça ao serviço delRey. Ceuta e Tangere, a primeira governada

Dà Marzagaõ obediencia a ElRey.

por

Anno 1641.

por D. Francisco de Almeida, a segunda por D. Rodrigo da Silveyra Conde de Sargedas, fazendo escrupulo das homenagens que haviaõ dado, naõ quizeraõ seguir novo partido. Ceuta naõ se tornou a unir à Coroa de Portugal, Tangere se encorporou nella, como em seu lugar diremos. No Reyno de Angóla assistia Pedro Cezar de Menezes: tanto que lhe chegou a noticia da acclamaçaõ delRey, naõ dilatou entregar-lho com todos os lugares, que naquella parte estavaõ a sua ordem. E o mesmo executáraõ todos os governadores das Ilhas, e lugares da terra firme, de que he senhor Portugal na costa de Africa. Na America era Viso-Rey do Estado do Brasil Dom Jorge Mascarenhas Marquez de Montalvaõ: Chegou á Bahia huma Caravela, sahio em terra o Mestre, prohibindo-o aos mais, que o acompanhavaõ, fallou com o Marquez, entregou-lhe huma carta delRey, na qual lhe dizia que depois de acclamado em Portugal lhe faltava para segurança da Coroa achar a mesma obediencia no Estado do Brasil, que do seu valor, e do seu acordo esperava a felicidade desta empresa. Na diligencia do Marquez lugrou ElRey as esperança, que lhe insignuava, porque sem a menor inquietaçaõ reduzio á sua obediencia aquelle vastissimo Estado. Recebida a carta delRey, deo ordem que nenhum barco chegasse á caravella, e porque na Bahia constava a guarniçaõ Castelhana de seis centos Infantes, mandou formar o Terço de seu filho D. Fernando Mascarenhas na praça do Collegio dos Padres da Companhia, e o Terço de Joanne Mendes de Vasconsellos na praça do Paço. Logo chamou as pessoas principaes de todos os estados, e conferindo a carta delRey com cada hum dos que chamava em particular, observando o seu sentimento, e ouvindo a sua reposta, o recolhia para o interior de sua casa. Apurados todos os animos, e achando nelles a constancia que dezejava, unio em hum conselho os que havia convocado, e lida em voz alta a carta delRey, mandou que cada hum referisse em publico o que lhe havia declarado em particular. Sem algum se retratar, se ratificáraõ todos, e a execuçaõ foy voto diffinitivo. Sahiraõ do Paço com excessivas demonstraçoens de contentamento,

Ceuta e Tangere ficaõ por Castella.

Angóla dà tambem obediencia.

Disposiçoens do Marquez de Montalvaõ na Bahia.

He ElRey acclamado na Bahia

to, chegáraõ á Sé, onde com repetidos vivas acclamáraõ ElRey D. Joaõ. Seguio o Povo ſem controverſia a meſma voz, deſarmáraõ a guarniçaõ Caſtelhana, e continuáraõ-ſe na Cidade grandes feſtas por muitos dias. O Marquez deſpedio logo o Provincial da Companhia ao Rio de Janeiro, que governava Salvador Correya de Sá: obedeceo ſem duvida, vencendo no ſeu animo o ſangue Portuguez ao que tinha Caſtelhano; que a eſtrella dominante, que ſubjeita aquella a eſta naçaõ, tambem no interior prevalece. Da meſma ſórte aviſou o Marquez todas as Capitanías ſobordinadas ao ſeu dominio, e em todas achou igual obediencia. Fez tambem aviſo ao Conde de Naſau, que governava as armas Olandezas em Pernambuco, de como o Reyno de Portugal, e o Eſtado do Braſil eſtavaõ ſeparados do dominio de Caſtella, por terem Rey natural em o Duque deBargança a que haviaõ dado a Coroa, juſtiça, que havia ſido ſeſſenta annos opprimida do poder delRey de Caſtella; e que conſiderando que as duas naçoens caminhavaõ ao meſmo fim de ſe defenderem daquellas armas, julgava infalivel a concordia entre os Eſtados, e o Reyno. Porém o Marquez fazendo eſte aviſo, naõ propoz ao Conde de Naſau que ceſſaſſem as armas; ſondando prudente, que eſta era toda a fortuna dos Olandezes, porque como dos intereſſes do aſſucar tirava a Companhia de Mercadores feita em Olanda o dinheiro para a deſpeza da guerra, em quanto eſtava viva ſe deſtruiaõ todos os ſundamentos para que ſe formára; baſtando poucos moradores para lhe pôr fogo a todos os Canaveaes; e conſeguindo a paz, lugravaõ divertido eſte damno. Aſſim o teſtemunhou a experiencia, engroſſando deſórte o poder dos Olandezes nos annos, que eſtiveraõ depois livres da guerra, que puzeraõ em contingencia tudo quanto Portugal dominava na America, e lugráraõ ſem duvida, eſta felicidade ſe o favor de Deos ſenaõ puzera muitas vezes da parte da noſſa imprudencia. Antevendo eſta utilidade recebeo o Conde Mauricio a nova da acclamaçaõ com grande goſto, o qual manifeſtou na muita artilharia que mandou diſparar, e nas muitas feſtas que por alguns dias mandou fazer, ſendo hum dos que entrou nellas. O Mar-

Anno 1641.

Segue o meſmo exemplo Salvador Correya de Sà no Rio de Janeyro.

Aviſo do Marquez ao Conde Joaõ de Naſau.

Celebraõ os Olandezes em Pernambuco a acclamaçaõ.

Anno 1641.

Marquez havendo dedicado todo o Eſtado do Braſil á obediencia delRey, mandou ſeu filho D. Fernando a Lisboa a dar-lhe conta do que havia executado em ſeu ſerviço, offerendo-lhe juntamente hum dilatado papel, ditado pela ſua larga experiencia, que continha importantes aviſos para a diſpoſiçaõ do novo governo. Partido D. Fernando, chegou ao Porto de Tapôa, duas legoas da Bahia em huma Caravella o Padre Franciſco de Vilhena da Companhia de JESUS: ſahio ſô em terra, e deo ordem á Caravela que ſe fizeſſe ao mar; chegou á Cidade, e entrou no ſeu Collegio ſem fazer rumor; e tendo noticia do ſoccego com que o Eſtado do Braſil obedecia a ElRey, executou com grande imprudencia a ordem que levava ſua. ElRey naõ ſe dando por ſeguro do aviſo que havia feito ao Braſil, mandou ao Padre Franciſco de Vilhena, depois de deſpedir a primeira Caravela; paſſou-lhe as ordens neceſſarias, para que em caſo que o Marque lhe naõ tiveſſe obedecido, elegia por Governadores do Eſtado ao Biſpo D. Pedro da Sylva, ao Meſtre de Campo Luiz Barbalho, e a Lourenço de Brito Correya. Era a cauſa deſta nova ordem haverem-ſe paſſado para Caſtella D. Pedro, e D. Jeronymo Maſcarenhas filhos do Marquez, e recear ElRey, que pudeſſem fazer prevaricar o animo de ſeu pay, ainda que ſe declaraſſe conſtante na ſua obediencia: porém encómendou ElRey ao Padre Franciſco de Vilhena toda a cautella neſte negocio, e deixou ao ſeu diſcurſo, e boa diſpoſiçaõ obrar, confórme a neceſſidade das materias o pediſſe. Achando pois o Padre Franciſco de Vilhena as demonſtraçoens do Marquez taõ contrarias ao que levava ſuppoſto, naõ lhe baſtando eſte deſengano, uſou da ordem da meſma ſórte, que ſe o Marquez houvera tido o procedimento de que ElRey ſe temia. Tanto que chegou ao Collegio, chamou os tres Governadores nomeados, e faltando nelles a virtude de antepôr a razaõ ao dominio, lidas as cartas delRey, aceitáraõ o governo, e mandáraõ ao Padre Franciſco de Vilhena, que foſſe logo entregar ao Marquez a carta, que ElRey lhe eſcrevia. Aſſim o executou, leo o Marquez a carta, e vendo-ſe por ella deſobrigado do governo, moſtrando na ſegurança

Parte Dom Fernando Maſcarenhas do Braſil.

Imprudencia do Padre Franciſco de Vilhena.

Retira-ſe o Marquez do governo

rança do ſemblante a igualdade do animo, ſahio de ſua caſa para outro apoſento particular. Entrárão os Governadores no Paço, e fazendo pouco urbanamente Reo a quem havia ſido Autor da obediencia daquelle Eſtado, examinárão com huma devaſſa a fidelidade do Marquez; a qual ſervio de apurar a ſua innocencia: e dando-ſe alguns capitulos de exorbitancias, que ſuppuſerão, os contradiſſe com certidoens menos apayxonadas, e mais verdadeiras. Depois de entregar o governo, conhecendo, que todas as diſpoſiçoens caminhavão á ſua deſcompoſição, ſe retirou ao Collegio dos Padres da Companhia, buſcando o remedio na cauſa do damno: não lhe valeo o ſagrado, fizerão delle priſão, pondo-lhe guardas; e juntamente prenderão ao Meſtre de Campo Joanne Mendes de Vaſconſellos, e ao Sargento Mór Diogo Gomes de Figueiredo, ſem mais culpas, que ſerem reputados por amigos do Marquez; ſoltando ao meſmo tempo Luiz da Sylva Telles, e D. Sancho Manoel; que o Marquez havia preſo por matarem de dia hum Ajudante na Praça do Paço. Com eſte favor, e aquella execução derão os novos Governadores principio ao ſeu governo. Mandárão prevenir huma caravela, onde embarcárão o Marquez entregue a Luiz da Sylva. Antes de dar á véla, chegou hum navio deſpedido por ordem delRey Catholico, entrou no Porto, foy facilmente rendido; e examinado, acharão-ſe cartas delRey para o Marquez acompanhadas de outras de ſeus filhos: continhão todas repetidas inſtancias de conſervar aquelle Eſtado na obediencia de Caſtella. Entregárão os Governadores todos eſtes papeis a Luiz da Sylva para que os deſſe a ElRey, e prendérão quatro criados do Marquez, obrigando-o a ſeguir a viagem com pouca aſſiſtencia, e grande diſcommodo: porém a força do cuidado era o verdugo mais violento na conſideração de ſe haverem ſeus filhos paſſado a Caſtella, e ſaber do Padre Franciſco de Vilhena, que eſtava a Marqueza ſua mulher preſa por ordem delRey no Caſtello de Arrayolos, e não baſtava a eſperança de que podia ſobornar tantos infortunios com o procedimento que havia tido no Braſil, para evitar o combate, que lhe davão tão perigoſos acci-

Anno 1641.

Tomão poſſe os tres Governadores.

Priſão do Marquez e outros fidalgos.

Tomaſe hum navio de Caſtella.

Anno 1641.

dentes. Chegou a Lisboa, e achou a fortuna com differente ſemblante do que ſuppoz na viagem: porque havendo chagado ſeu filho D. Fernando com a nova do ſocego, e obediencia com que ficava o Braſil; (ainda que deſembarcando em Peniche, o deſacerto de ſeus Irmãos incitou contra a ſua peſſoa a furia do Povo, a que entregára a vida, a naõ ſer ſoccorrido da urbanidade do Conde de Attouguia, que alli ſe achava, o qual o ſalvou em ſua caſa depois de haver recebido huma cutilada na cabeça, de que o curou nella dentro de breves dias) deo-ſe ElRey por obrigado a lhe conceder a liberdade de ſua mãy, em quem os beneficios naõ tiveraõ em tempo algum poder para antepór os intereſſes de Portugal á affeiçaõ de Caſtella, ſendo eſta ingratidaõ cauſa total da ruina de ſua caſa. Tanto que o Marquez deo fundo no Rio de Lisboa, achou que o eſperavaõ ſua mulher livre da priſaõ, e ſeu filho com o poſto de Coronel de hum dos Terços da Corte. Eſta primeira luz baſtou para desbaratar as nuvens que lhe cobriaõ o animo, augmentou-lhe o contentamento o applauſo com que foy recebido da Nobreza, e Povo, e ſoccegou-lhe de todo o eſpirito o favor, que ElRey lhe fez, quando chegou a lhe beijar a maõ, ao que ſe ſeguio empregallo nas mayores occupaçoens em que durou alguns annos, moſtrando-lhe a fortuna (como veremos) por muitas vezes varios ſemblantes.

Chega o Marquez a Lisboa.

Faltava ſó a ElRey na Aſia, para ſe reduzir a ſua obediencia, o Imperio da India, primogenito da natureza, (terra em que as plantas ſaõ fructos, as flores Aromas, as aguas Perolas as pedras, Precioſas) conquiſtado pelos Portuguezes com temeridade, conſervado com inſigne valor, e esmaltado do ſeu generoſo ſangue. Para facilitar as difficuldades deſta empreſa, a entregou ElRey como as mais nas aſas da fortuna, ou uſando de mais religioſo termo, nas mãos da providencia, que com ſinaes evidentiſſimos ſe declarava nas mayores difficuldades em ſeu favor. Em trinta de Março levára õ ancora da Barra de Lisboa dous navios: hia em hum delles por Capitaõ Mór Sancho de Faria; era Capitaõ do outro Manoel de Liz; as duas embarcaçoens levavaõ as meſmas cartas,

Partem duas naos para a India com a nova da acclamaçaõ.

cartas, e os Capitaens igual ordem para o Viso-Rey João da Sylva Tello Conde de Aveiras. Foraõ em conserva até a altura de Cabo-Verde, onde se apartou Manoel de Liz na volta de Moçambique, ordem que ElRey lhe havia dado, encomendando-lhe muito a diligencia, por se divulgar em Lisboa que Cosme do Couto, que havia ficado em Castella, soldado de valor, e experiencia na navegaçaõ, era partido na mesma derrota, a fim de anticipar ElRey de Castella com aquelle aviso, o que a Moçambique se havia de fazer de Portugal. Achando Manoel de Liz vento prospero, deo fundo a dous de Agosto defronte da fortaleza de Moçambique: era o Capitaõ que a governava, Antonio de Britto Pacheco, para quem levava Manoel de Liz carta delRey. Quando desembarcou, estava na praya Antonio de Britto; deo-lhe a nova da acclamaçaõ antes da carta, e obrou nelle tanto o alvoroço, que sem a abrir acclamou ElRey: com igual contentamento seguiraõ os soldados a mesma voz. Deo logo Antonio de Britto homenagem a Manoel de Liz, para que trazia poderes, e ficou segura na obediencia delRey aquella fortaleza, deposito de tanto ouro, que a ser conduzido por mãos menos ambiciosas, e a innocencia dos que os trazem tratada com menos malicia, pudera Portugal com esta só conquista escusar o trabalho de outras muitas, que sem utilidade cultiva. A treze de Agosto partio Manoel de Liz para a India na volta de Goa; e com o receio da armada dos Olandezes, que suppunha surta na Barra daquella Cidade, foy demandar o Cabo da Rama, que dista para a parte do Sul doze legoas della. Chegou a seis de Setembro, e passado o Rio do Sal, foy correndo a praya de Sallete, disparando a artilharia, para que ao rumor della acudisse alguma pessoa que o informasse da parte em que assistia a armada de Olanda. Vendo que lhe não succedia como imaginava, determinou chegar-se á Barra de Goa e amparar-se da fortaleza do Murmugaõ por entre a terra firme e os Ilhéos de Goa a velha, caminho que o livrava do perigo, ainda que os Olandezes tivessem occupada a Barra: porém achando o vento contrario, surgio em hum Ilhéo que fica da outra banda de Goa a velha. Neste sitio

Anno 1641

Acclamase ElRey em Moçambique.

Anno 1641.

veyo ter com elle o Capitaõ Gaſpar Gomes em huma Almadia em que andava com ordem do Viſo-Rey Joaõ da Sylva Tello, Conde de Aveiras, que pouco tempo antes havia tomado poſſe daquelle governo, para fazer aviſo a qualquer embarcaçaõ que chegaſſe do Reyno, de que os Olandezes eſtavaõ ſurtos na Barra com dez navios, aguardando outros tantos, por ſe haverem ajuſtado com o Hidalcaõ para ſitiar Goa, elle por terra com quarenta mil homens, elles por mar com os vinte navios; e que por eſte reſpeito ordenava o Viſo-Rey a qualquer embarcaçaõ grande que chegaſſe, que ſe recolheſſe a Chaul; ſendo pequena, a Onor ou Cananor, e que as vias ſe lhe remetteſſem pelo Capitaõ Gaſpar Gomes. Levava Manoel de Liz ordem para as entregar na maõ do Viſo-Rey, e naõ lhe ſendo poſſivel deixar o navio, tendo da meſma ſorte por perigoſo levalas a Onor pelo riſco de ſerem colhidas pelos Olandezes, deo á véla para Onor, e entregou as vias a hum filho ſeu de nove annos chamado Andre de Liz, ordenando-lhe que as deſſe na maõ ao Viſo-Rey. Embarcado Andre de Liz na Almadia, chegou á povoaçaõ de Pangí, e entrando na Igreja de Noſſa Senhora da Conceiçaõ (a primeira que ſe havia fundado na India) achando nella os moradores ao Sermaõ, com mais valor e deſembaraço que permittia a ſua pouca idade, acclamou ElRey. Deteve o alvoroço a ſolemnidade da feſta, e ſeguindo todos a meſma voz, baſtou a de hum menino para atalhar a forçoſa ponderaçaõ que ſe devia fazer em negocio de tanto peſo: mas como hum ſó poder impera em todos os coraçoens humanos, pouco importava que ſe interpuzeſſe a larga diſtancia que vay do Occaſo ao Oriente. O meſmo effeito que nos eſpiritos Portuguezes gerou o nome delRey D. Joaõ em Portugal, produzio nos que aſſiſtiaõ nas remotas partes da India. Tornou-ſe a embarcar Andre de Liz, e em breves horas chegou a Goa. Havia-ſe anticipado de Pangí por terra Franciſco da Sylva Sotto Mayor, e dando a nova ao Viſo-Rey, naõ achou pela grandeza della na ſua credulidade inteira ſatisfaçaõ. Chegou Andre de Liz a desfazer a duvida, e com varonil reſoluçaõ diſſe ao Viſo-Rey. *Eſtas vias ſenhor entregais*

Acclamaſe El-Rey em Pagni.

Razoens de Andre de Liz ao Viſo Rey.

gou ElRey Dom João o quarto a meu pay, para que as trouxesse a Vossa Excellencia, e por naõ ser licito largar o navio de que vem por Capitaõ, sendo contingente pelejar na Barra com os Olandezes, as fiou de mim para que eu as entregasse a Vossa Excellencia. Receba-as Vossa Excellencia e diga (Viva ElRey Dom João o quarto nosso senhor Rey de Portugal.) Admirado o Viso-Rey da Embayxada e do Embayxador, tomou as vias, e mandndao-as abrir pelo Secretario de estado, achando nellas a certeza que dezejava o seu animo verdadeiramente Portuguez, pouco lhe pareceo que fazia, se logo acclamava ElRey. Chamou as pessoas principaes, e fezlhe presente na restauraçaõ do Reyno a redençaõ da India; pois se originava o estado miseravel em que todos a viam, ou do cuidado ou do descuido do governo de Castella, hum e outro inimigos mortaes da conservaçaõ daquelle Imperio: podendo supporse que o cuidado dos Castelhanos era o mais certo e o mais prejudicial inimigo, depois de observadas as Capitulaçoens feitas com os Olandezes na primeira tregoa ajustada entre huma e outra Naçaõ, deixando-lhe desembaraçada a Conquista da India, parecendo que a fim de diminuir as forças de Portugal. Naõ achou o Viso-Rey animo algum differente da sua oppiniaõ. Deo ordem para que se prevenissem as solemnidades precisas naquelle acto, e a onze de Setembro foy ElRey acclamado em Goa sem lhe custar mais diligencias, que a de huma carta: fortuna para todos os seculos digna da mayor admiraçaõ! Manoel de Liz deixando o navio seguro em Onor, se partio para Goa: com a sua chegada se confirmáraõ mais os animos de todos, acrescentando a noticia, que vira em Portugal de sórte o ardor aos moradores da India, que a qualquer delles parecia facil romper com o peito a multidaõ das aguas que dividem hum de outro Pólo, e achar-se nas fronteiras opposto á invasaõ de Castella. Trazia Manoel de Liz ordem para que o Viso-Rey mandasse fazer presente ao Cabo da Armada de Olanda a separaçaõ de Portugal, e Castella, advertindo-lhe, que cessavaõ com este accidente os motivos da guerra da India Assim se executou, recebeo o Cabo a nova com toda a solem-

Anno 1641.

He ElRey acclamado em Goa pelo Conde de Aveiras Veso-Rey.

Anno 1641.

solemnidade, mas sem embargo de ouvir todo o successo da acclamaçaõ, e juntamente, que ficava em Olanda Embayxador de Portugal ajustando as pazes, naõ quiz o Cabo desistir da guerra, dizendo q̃ se subjeitava á ordem do Viso-Rey, que assistia em Jacatará. Foy esta determinaçaõ em damno de Sancho de Faria, que em Cabo-Verde se havia apartado de Manoel de Liz, porque na fé de hum salvo conduto, que levava de Lisboa firmado por alguns Officiaes Olandezes, entrou na Barra de Goa com bandeira de paz: attacaraõ-no cinco navios de Olanda, e naõ fazendo caso da bandeira, nem do salvo conduto, quizeraõ entrar por força o navio: defendeo-o Sancho de Faria valerosamente. Cresceo o poder aos Olandezes, e fez impossivel a resistencia: ficou morto Sancho de Faria, e quarenta soldados, os mais quasi todos feridos, e o navio entregue. Os Olandezes perderaõ cento, e vinte homens, e o Cabo da Armada. Naõ diminuio esta desgraça o ardor dos moradores de Goa: continuaraõ-se grandes festas até vinte de Outubro, dia em que foy jurado com muita solemnidade o Principe D. Theodosio. O Viso-Rey logo q̃ recebeo a nova da acclamaçaõ, despedio varios avisos a todos os Capitaens das fortalezas daquelle Dominio, os quaes sem contradiçaõ ficáraõ na obediencia delRey. Sinalaraõ-se nas demonstraçoens os moradores de Macáo Cidade situada no Imperio da Xina. Chegou a ella Antonio Fialho Ferreira por ordem delRey, e achou aquelle opulentissimo Povo dividido em parcialidades: conformou-lhes os animos a nova da acclamaçaõ, celebrada com festas taõ custosas, que se pudera duvidar da relaçaõ dellas, quando se ignorára a riqueza em que vivem os moradores daquella Cidade. Ajustáraõ fazer a ElRey hum grande donativo de dinheiro, que logo mandáraõ a Lisboa, e duzentas peças de artilharia de bronze, com muitas municoens, que foraõ remettendo nas monçoens, que se offerecéraõ. O animo do Hidalcaõ tambem se subjeitou á nova da acclamaçaõ delRey; porque referindolhe Jozé Pinto Pereira, que o Viso-Rey lhe mandou por Embayxador, tudo o que havia passado em Lisboa, se achou obrigado a desfazer o contrato, que como fica di-

Perda de Sancho de Faria.

He acclamado ElRey em Macao e nas mais Praças da India.

to,

to, celebrou com os Olandezes, promettendo-lhe sitiar Goa por terra: e naõ foraõ poderosas as diligencias, que elles depois fizeraõ, para o persuadirem a que tornasse a vir no primeiro concerto; e ficou por este respeito livre a Cidade de Goa do grande perigo, que a ameaçava. Manoel de Liz voltou para Lisboa na primeira monsaõ, chegou a salvamento, e remunerou-lhe ElRey a nova que trazia, e o trabalho, que padecéra por seu serviço com varias merces. Seu filho trouxe da India o Habito de Christo, que lhe deo o Viso-Rey (hum dos grandes privilegios daquelle posto) quando da parte de seu pay lhe entregou as vias. E para que fique mais claro o que referirmos adiante do Estado da India, daremos breve noticia do que dominavamos no tempo em que entrou a governar o Conde de Aveyras: e lograráõ os curiosos, ainda que com menos erudiçaõ, verem seguida a historia de Manoel de Faria e Sousa, que chega a referir os successos da India até o anno de 1640.

Anno 1641.

Desiste o Hidalcaõ do sitio de Goa.

Achou o Conde de Aveiras em grande aperto a India com a guerra que os Olandezes faziam na Ilha de Ceylaõ: e ajudados delRey de Paõ com o sitio que haviaõ posto á Cidade de Malaca. A Cidade de Goa, cabeça de todas as daquelle Estado, lograva livres todas as fortalezas, terras, e tanadarias da sua antigua jurisdicçaõ. Conservavamos as fortalezas de Moçambique, Mombaça, Mescate, Soar, Dio Damaõ com suas tanadarias, e forte de Saõ Jeronymo a ella annexo: a fortaleza de Baçaim com as de Marcorá, e Assirim que lhe pertenciaõ: a Cidade de Chaul com a sua fortaleza, e a do Morro: as fortalezas de Onor, Barcelor S. Miguel do Cambolim, Mangalor, Cananor, Cranganor, Coulaõ: a fortaleza, e Cidade de Cochim: a Cidade de Columbo na Ilha de Ceylaõ com todas as terras que lhe tocavaõ, excepto as fortalezas de Baticalo, Triquimale, Nigumbo, e Galle, que os Olandezes haviaõ tomado os annos antecedentes: a Cidade de S. Thomé de Meliapor, a fortaleza de Manar, o Reyno de Jafanapataõ com a fortaleza de N. S. dos Milagres, e do Cáes: a fortaleza de Solor, a Cidade de Macáu na China. Logo que o Viso-

Relaçaõ do Estado da India.

Rey

Anno 1641.

Rey tomou posse do governo, foy visitar os fortes da Barra, e Murmugaõ, e no de Aguada, por ser mais importante, deixou seu filho mais velho Luiz da Silva para acudir ao sustento dos soldados: costume antigo e hoje com grande damno observado na India. Guarnecidos os fortes na melhor fórma que foy possivel, reforçou os navios da armada, dispondo-os para resistirem ao grande poder com que os Olandezes ameaçavaõ aquella Barra, e nomeou por Capitaõ Mór da Armada, que eraõ quatro Galleoens, sete galleotas e algumas Manchuás, a Valentim Soares soldado de conhecido valor e experiencia. Disposta a defensa de Goa, resolveo o Viso-Rey com assistencia do Conselho de estado, soccorrer Ceylaõ, de que era Capitaõ General D. Antonio Mascarenhas, governo de que estavaõ os de Ceylaõ mal satisfeitos. Para emendar as desordens que succediaõ da pouca aceitaçaõ do governo de D. Antonio, nomeou o Viso-Rey em seu luguar a seu irmaõ D. Filippo Mascarenhas, que os de Ceylaõ com grande instancia pediaõ, por concorrerem nelle muitas virtudes dignas de estimaçaõ. Aceitou D. Filippe, e em huma náo e quatro galleotas se embarcou para Ceylaõ com trezentos e vinte soldados. Chegou á Cidade de Columbo, e sem interpôr dilaçaõ, unida a gente da Ilha á que levava na Armada, marchou a sitiar a fortaleza de Nigumbo. A sete de Novembro começou a jugar a artilharia com tanto effeito, que estando só de presidio cento e dezaseis Olandezes, a renderaõ, desesperados de outro soccorro que puderaõ conseguir, se tiveraõ valor para se defender mais tempo: porque constando a D. Balthezar General DelRey de Candi (unido neste tempo com os Olandezes) que a fortaleza estava sitiada, marchou a soccorrela com tres mil Chingalás. Teve D. Filippe anticipado aviso, sahio a esperar D. Balthezar, e houve pouca dilaçaõ entre investir esta gente e desbaratalla; e fez mais alegre a victoria a prisaõ de D. Balthezar, que por haver sido cabeça de levantados, foy sentenceado á morte, D. Filippe dando vista de algumas vélas que navegavaõ para a Ilha, marchou na volta de Columbo: andava a gente delRey de Candia taõ visinha, que averiguando D.

Disposiçoens do Viso-Rey da India.

Sitio de Nigumbo.

Rota dos Chingalás.

Filippe

Filippe que as embarcaçoens eraõ só tres, livre deste cuidado, buscou a gente delRey e desbaratou-a sem damno algum. Em mais apertados termos que Ceylaõ, se achava neste tempo Malaca: Com tres baterias laboravaõ os Olandezes contra a Cidade, huma de sete peças jugava contra a Coyraça, tirava outra de cinco ao baluarte de Saõ Domingos, e haviaõ fabricado a terceira na Ilha das Naos; e todas tinhaõ de sorte arruinado as muralhas, que naõ podia jugar dellas a nossa artilharia, e depois de feitas na Cidade varias cortaduras, se levantou huma plataforma no alto de S. Paulo, de que os Olandezes recebiaõ grande damno. Haviaõ elles começado o sitio com mil e duzentos homens da sua naçaõ e grande numero de gentios; e durando o sitio mais do que imaginavaõ, desesperavaõ da conquista na imaginaçaõ do soccorro que podia vir de Goa. Estas noticias teve o Viso-Rey por Negapataõ, e desejando muito soccorrer Malaca, lhe naõ foy possivel mandar naquella monçaõ (pelas muitas partes a que lhe era necessario acudir) mais que huma galeota com alguns soldados, de que era Capitaõ Luiz da Costa. Mostrou depois a experiencia que se nesta occasiaõ se esforçára o soccorro, naõ experimentára a seu pezar aquelle estado a infelicidade daquella impresa dos Olandezes. Em Mascate governava a fortaleza Christovaõ Rodrigues Castel-branco, desunio-se com Francisco de Tavora de Ataide. Animado o Imamo Principe daquelle Estado destas noticias, intentou sitiar Mascate: Soccorreo o Viso-Rey a fortaleza, mandou prender os dous da contenda, e elegeo para governar a Praça Antonio de Moura. Logo que chegou o soccorro levantou o Imamo o sitio. Naõ perdoavaõ os Olandezes a diligencia alguma de prejudicar ao Estado da India: introduziraõ em Goa alguns soldados dissimulados com o traje de Inglezes; os quaes unidos com hum Canarim; determinavaõ queimar as embarcaçoens que estavaõ surtas na barra: foraõ descubertos e enforcados. E eraõ tambem preparados os instrumentos que traziaõ para a execuçaõ que intentavaõ, que fazendo-se experiencia, se achou que quanto mais agua lhe lançavaõ, tanto mais ardiaõ. Chegáraõ naquelle

Anno 1641

Sitio de Malaca.

Sitio de Mascate.

Descobre se em Goa huma traiçaõ dos Olandezes.

Anno 1641.

le tempo os Olandezes á barra de Goa com ſeis embarcaçoens, e reſgatárað a Alvaro de Souſa de Tavora Capitað do Galeað S. Boa Ventura, que haviað queimado junto a Murmugað; e era eſte fidalgo de tað conhecido valor, que foy geralmente eſtimada a ſua liberdade. O Viſo-Rey ſem ſe perturbar com os muitos accidentes que lhe ſobrevinhað, acudia como bom Piloto a todos os ventos que combatiað aquelle Eſtado, e prevenia todos os damnos que podiað vir de novo. Tendo noticia que em Moçambique era morto Diogo de Vaſconcellos Governador daquella fortaleza, elegeo em ſeu lugar ao Claveyro Franciſco da Silveyra: levou de ſoccorro hum pataxo e tres galeotas com mantimentos e muniçoens, e ordem para fortificar com todo o cuidado tudo o que achaſſe conveniente naquelle diſtricto para ſegurança do reſgate do ouro, que em grande abundancia ſe tirava todos os annos do comercio dos Cafres habitadores daquelle Certað. Porém eſtas ordens, ainda que os Viſo-Rey as encaminhavað ao bem commum, ſempre os Governadores as conſtruhiað em intereſſe particular, e com avanços tað exceſſivos, que a algum ouvi dizer, que em pouco tempo, e nað metendo grandes cabedáes, ſe achára com hum milhað em pedaços de ouro. E he grande prova da fragilidade dos diſcurſos dos homens navegarem os Portuguezes tantos Mares por buſcar ganancias incertas, e que deixem ao arbitrio de hum ſó homem os intereſſes infalliveis: porém hoje ſe póde eſperar neſta parte grande melhora com a direcçað do Principe D. Pedro, que conhecendo com verdadeiro diſcurſo as utilidades deſte negocio, o vay reduzindo á fórma mais conveniente. Mombaça ainda que nað tinha occaſiað de guerra, ſoccorreo-a o Viſo-Rey com gente e muniçoens: e receando juſtamente a cavilaçað dos Olandezes, mandou prevenir todas as fortalezas do Eſtado com ordens diſtinctas e apertadas, que ainda que os Olandezes chegaſſem a ellas como amigos, os hoſpedaſſem com tanta cautela, que nað lhes deſſem lugar a que uſaſſem da manha e da força, de que tað cauteloſamente ſe ſabiað valer, como juſtificavað varias experiencias. E ſe em todas as partes ſe fizera

Utilidades de Moçambique.

esta mesma prevençaõ, naõ vieraõ a experimentar as nossas Conquistas os grandes damnos que padeceraõ; que tiveraõ taõ difficil remedio, que foy necessario concorrer todo o favor divino para se restaurarem. E na India em que puderaõ ter os seus aggravos igual satisfaçaõ á que tiveraõ na America; naõ foy a falta do poder a que nos prejudicou, senaõ a emulaçaõ e interesses proprios, que naquelle Estado foraõ tantas vezes inimigos das conveniencias publicas. O Viso-Rey depois destas prevençoens, despedio para o Reyno a caravela Nossa Senhora de Nasareth e a caravela Santa Anna, que foy de aviso, de que era Capitaõ Joaõ da Costa, a caravela Nossa Senhora da Oliveira e Santo Antonio, de que era Capitaõ Antonio Cabral. Chegáraõ as primeiras a Lisboa a 15. de Mayo de mil e seis centos quarenta e hum: as segundas a sete de Julho do mesmo anno; e teve ElRey licito alvoroço de ver debaixo da sua administraçaõ as primeiras primicias do Estado da India.

Anno 1641.

Chega a' ElRey aviso da obediencia da India.

Acclamado ElRey Dom Joaõ em todos os lugares aonde chega o Dominio de Portugal, era necessario que as disposiçoens do governo correspondessem á fortuna que havia tido em conseguir a posse do Reyno: porque a cadeya da politica he de tal sorte travada, que basta tirar-lhe hum anel para romper a cadeya. Foy das primeiras disposiçoens delRey fazer huma Armada que servisse ao Reyno de escudo, para que naõ fosse prejudicado, e ás Conquistas de freyo para que naõ prevaricassem. Deraõ os cabedaes que se ajuntáraõ, alimento a doze navios: depois de preparados naõ concordavaõ os pareceres dos Conselheiros na pessoa do General que os havia de governar. Quando era mayor a duvida, deo fundo no Rio de Lisboa em huma caravela Antonio Telles de Menezes, o qual havendo acabado o governo da India com oppiniaõ de muito valeroso e pratico no exercicio da navegaçaõ, partio de Goa e chegou a Lisboa em quatro mezes: entrou de noute, e recebendo a nova do novo Principe de que era Vassallo, foy desembarcar ao Paço, e achou em ElRey tantas demonstraçoens de alegria da sua chegada, e taõ executivo o favor, que se recolheo para sua

Disposiçoens do Governo delRey Dom Joaõ.

Chega da India Antonio Telles.

Anno 1641.

He eleyto General da Armada.

sua casa com o titulo de General da Armada: merecida satisfaçaõ da victoria que havia conseguido na India, e eleiçaõ universalmente approvada: felicidade que os Principes poucas vezes conseguem. ElRey avaliando a guerra de Catalunha por huma das mais importantes seguranças do seu Reyno, mandou com toda a brevidade áquella Republica ao Padre Ingnacio Mascarenhas da Companhia de JESUS, irmaõ de D. Joaõ Mascarenhas Conde de Santa Cruz, acompanhado do Padre Paulo da Costa. Ordenou-lhe ElRey, que désse conta aos Deputados que assistiaõ em Barcelona, de como estava em pacifica posse do Reyno, e que lhe segurasse todos os soccorros que para a sua defensa houvessem mister de Portugal: grande fortuna para os Catalaens, se a nossa errada politica naõ fizera a execuçaõ differente da promessa. Porém esta servio aos Catalaens de grande alento, porque no dia seguinte ao que chegou a Barcelona o Padre Ignacio Mascarenhas (a quem os Catalaens recebéraõ com grandes demonstraçoens de contentamento) pareceo á vista da Cidade o Marquez de los Velles General do exercito de Castella, com vinte mil Infantes e quatro mil cavallos; e depois de occupar os postos e alojar o exercito, usou da industria primeiro que da força, mandando propôr aos Deputados varios acõmodamentos que naõ aceitáraõ. Vendo pois que a guerra havia de ser quem decidisse as propostas, mandou atacar Monjuic, obra exterior da Cidade: foy melhor defendida do que estava fortificada, e perdendo o exercito mais de dous mil homens, se retirou o Marquez de los Velles a Tarragona. Assistio o Padre Ignacio Mascarenhas na muralha a todo o conflicto: durando elle, lhe advertíraõ os Deputados que disseste ao seu Rey que tomasse exemplo naquella occasiaõ, e aprendesse a sustentar a guerra fóra da Corte, quanto lhe fosse possivel; porque nunca o achaque era muito perigoso se o coraçaõ o naõ padecia.

Manda ElRey a Catalunha o Padre Ignacio Mascarenhas.

Exercito de Castella sobre Barcelona.

Ataque de Monjuic.

Retirado o Marquez de los Velles, fez o Padre Ignacio Mascarenhas a sua funçaõ: ouviraõ os Deputados a embayxada, e aceitáraõ muito voluntariamente confederar-se com Portugal. De Barcelona introduzio Ignacio

Confederaçaõ de Portugal com Catalunha.

nacio Mascarenhas no exercito de Castella muitas cartas que trazia delRey para officiaes Portuguezes que serviaõ nelle: as mais dellas foraõ entregues, e a mayor parte delles se passáraõ a Barcelona com muitos soldados, como ElRey lhes ordenava, e de Barcelona a Portugal, como veremos. Os Catalaens dezejavaõ avisar a França do perigoso estado em que se achavaõ, receando justamente que o exercito tornasse a atacar a Cidade mal fortificada, peyor guarnecida. Difficultava-lhe esta diligencia por terra, terem os Castelhanos os caminhos tomados, e por mar a falta de embarcaçaõ. Offereceo-se o Padre Ignacio Mascarenhas a facilitar este impossivel: aceitáraõ os Deputados a offerta com grandes demonstraçoens de agradecimento: entregáraõ-lhe varias cartas. Tanto que as recebeo, se embarcou na volta de França: achou taõ contrario o vento, que naõ lhe sendo possivel tomar algum Porto de França, desembarcou forçadamente em Genova, onde encontrou mayor perigo do que suppunha. Estava naquella Cidade o Marquez de Laganéz, que havia chegado a ella tendo acabado o governo de Milaõ, e esparava embarcaçoens para passar a Hespanha. O Padre Ignacio Mascarenhas tanto que chegou, teve communicaçaõ com alguns Genovezes, e com inadvertida confiança lhe deo conta dos negocios de Portugal e Catalunha, e da commissaõ que levava: chegou facilmente esta noticia ao Marquez, e deliberou-se a matar ou prender Ignacio Mascarenhas. Soube elle com a mesma brevidade esta resoluçaõ do Marquez, fez presente ao Senado o risco em que estava: tiveraõ os que governavaõ a Republica, grande atençaõ á sua noticia, e mandáraõ segurar a sua pessoa, até se embarcar em hum navio Olandez, em que chegou a França. Tanto que desembarcou, satisfez com toda a diligencia e acerto a commissaõ que levava de Barcelona, e declarando na Corte de França a verdade dos successos de Portugal, que a destreza dos Castelhanos com relações falsas tinha confundido, voltou a Barcelona, e achou nos Deputados igual agradecimento á sua diligencia. Haviaõ chegado áquella Cidade muitos officiaes e soldados Portuguezes, effeito das cartas que havia espalhado no exercito

Anno 1641

Passaõ a Portugal muitos dos soldados Portuguezes.

Parte de Barcelona o Padre Ignacio Mascarenhas, chega a Genova.

Chega a França

Volta a Barcelona.

Entra em Lisboa com muitos soldados.

Anno 1641.

cito de Castella: embarcou-se com elles para Portugal; chegou a salvamento a Lisboa, e achou a satisfaçaõ das suas finezas no conhecimento que ElRey lhe confessou que tinha dellas, naõ querendo o seu Habito e o seu desinteresse melhor premio.

Embaixada de Catalunha.

Os Catalaens, tanto que partio o Padre Ignacio Mascarenhas, mandáraõ por Embayxador a Portugal a D. Jozé de Salas Baraõ de Arene entrou em Lisboa a outo de Abril, foy hospedado em Bellem na quinta de Rui da Sylxa, e conduzido á audiencia delRey pelo Conde da Vidigueira: fez presentes a ElRey as razoens, que tiveraõ os Catalaens para negar a obediencia a ElRey de Castella, e dalla a ElRey de França: que pedia da parte da Republica perpetua paz com Portugal. Naõ teve ElRey inteira satisfaçaõ desta embayxada, sutilizando-se por alguns indicios, que o animo do Embayxador vinha corrompido pelos Castelhanos, e por esta causa foy despedido com palavras geraes, e offertas sem effeito. O primeiro discurso originou a segunda suspeita de que o Arcebispo de Braga, e mais conspirados (de que a seu tempo se dará noticia) tiveraõ trato, e communicaçaõ com o Embayxador. Naõ entráraõ nesta calumnia D. Lourenço de Sousa Capitaõ da Guarda delRey, e seu irmaõ D. Joaõ de Sousa Cavalleiro da Ordem de Saõ Joaõ, hoje Prior do Crato, porque seus inimigos naõ alcançáraõ esta occasiaõ, por haverem antes della persuadido a ElRey que duvidassem da sua grande fidelidade sem mais causa; que attenderem alguns a interesses proprios, originando-se ordinariamente destes desconcertos da inveia a mayor destruiçaõ das monarquias, sendo a desconfiança entre os Principes, e os vassallos benemeritos a guerra civil, que mais depressa as desbarata. Mandou ElRey a D. Lourenço para a Beira, e a D. Joaõ para o Algarve: porque como as presunçoens eraõ taõ incertas, queria apurar-lhes os animos facilitando-lhes o caminho de se passarem a Castella, como o haviaõ feito Dom Joaõ Soares, D. Pedro, e D. Jeronymo Mascarenhas, de quem D. Lourenço e D. Joaõ eraõ grandes amigos; circunstancia que havia ajudado a seus emulos a dar cor ao testemunho que lhes levantáraõ

vantáraõ. Sahio esta prova muito em abono da sua fidelidade: porque provendo ElRey o lugar de Capitaõ da guarda em Luiz de Mello seu Porteiro Mór, e apertando estes fidalgos cõ outros aggravos muito sensitivos, elles ostentáraõ sempre a sua fineza e sofrimento com as mais honradas demonstraçoens. Respeitando ElRey a sua constancia e igualdade de animo los restituhio no fim do anno de 1642. ao socego de suas casas, e dentro de pouco tempo tornou a dar a D. Lourenço o seu officio, experimentando melhor effeito na segunda que na primeira demonstraçaõ. O dia seguinte ao que ElRey desterrou D. Lourenço e D. Joaõ de Sousa deo a seu irmaõ D. Manoel de Sousa a Prelazia de Tomar: querendo emendar com este beneficio o rigor com que havia castigado huma presunçaõ incerta.

Anno 1641.

No mesmo tempo em que ElRey mandou o Padre Ignacio Mascarenhas a Catalunha, despachou por Embayxadores outros subieitos a varios Principes de Europa, conhecendo que as alianças sem a mayor firmeza e o mayor credito das novas Monarquias. Mandou a França Frãcisco de Mello seu Monteiro Mór, e Antonio Coelho de Carvalho Dezembargador do Paço, ambos com igual poder, e por Secretario da Embayxada Christovaõ Soares de Abreo Dezembargador do Porto. Eraõ as pazes de França as mais certas e as mais uteis: porque a viva guerra que aquelle Reyno tinha com o de Castella, as fazia infalliveis, e a opulencia e grandeza de França as mostrava convenientes: vindo a ser huma e outra consideraçaõ segura confiança dos soccorros daquella parte. Partíraõ de Lisboa a 28. de Fevereiro, ancoráraõ na Arrochella a cinco de Março; foraõ recebidos do Graõ Prior de França Cavalleiro de S. Joaõ e Governador daquella Cidade com muitas demonstraçoens de affabilidade e grandeza. Partíraõ para a Corte de Pariz, e em todos os lugares por onde passáraõ, foraõ hospedados magnificamente. Chegando a Orliañs, despedíraõ o Secretario Christovaõ Soares, avisando a ElRey de como eraõ chegados: continuáraõ a jornada, e duas legoas de Pariz acháraõ o Secretario com huma quinta prevenida por ordem delRey. Tive-

Embayxadores de França.

Chegaõ a Arrochella.

Chegaõ a Pariz tiveraõ audiencia delRey. E do Cardeal Richilieo.

Anno 1641.

raõ audiencia a 25. de Março, esperava-os meya legoa da Cidade o Marichal de Chatilhom, e outras muitas pessoas principaes da Corte com os coches delRey. Vinha em hum delles o Duque de Xevroza, para o qual passárão, e conduzio-os a S. Germoem onde ElRey assistia. Recebe-os com os favores que podia dispensar a Magestade, encaminhados dos interesses que resultavaõ áquella Coroa da separaçaõ de Portugal e Castella. Voltáraõ ao aposento que lhes estava prevenido, e o dia seguinte tiveraõ audiencia de Armando Joaõ de Plesis Cardeal de Richilieu primeiro Ministro daquella Coroa, e digno de mayores occupaçoens; porque nem os seculos presentes, nem os passados admiráraõ subjeito politico mais merecedor de todos os encomios. Usou com os Embayxadores agradaveis termos e excessiva cortezia, offerecendo-lhe logo muito mais do que lhe pedíraõ: porém elles usando de huma errada fantezia, aceitáraõ muito menos do que era necessario á defensa de Portugal, dizendo que nenhuma cousa lhe faltava: e o tempo trouxe comsigo o arrependimento de naõ saberem usar do primeiro ardor do Cardeal, em todas as operaçoens daquella naçaõ sempre o mais util. Tiveraõ audiencia da Rainha, e passados alguns dias, depois de varias conferencias, ajustáraõ entre huma e outra Coroa paz perpetua, promettendo ambos os Reys de naõ ajudar aos inimigos de qualquer delles cõ gente, dinheiro, muniçoens, ou navios, deixando livre aos Olandezes entrárem nesta confederaçaõ, quando com a noticia della a achassem conveniente. Que a guerra se faria a ElRey de Castella por huma e outra parte com todas as forças e por todos os caminhos que se offerecessem: que ElRey Christianissimo se obrigava a mandar a Portugal vinte navios de guerra nos ultimos de Junho seguinte a se unirem com outros tantos delRey de Portugal, esperando-se que as Provincias unidas concorressem com igual numero. Que esta armada intentaria tomar a frota da nova Hespanha, e procuraria fazer todo o damno que fosse possivel, em os portos e navios de Castella; e que os interesses seriaõ igualmente divididos: Que o comercio entre os dous Reynos se continuaria da mesma sorte, que se observára

Ajustase a paz.

vára no tempo dos antigos Reys de Portugal: Que ElRey de França permittia que os navios Portuguezes pudessem comprar nos seus portos toda a sorte de armas, muniçoens e mantimentos, que lhe fossem necessarios. Firmaraõ-se, e publicaraõ-se as pazes, e partiraõ-se os Embayxadores para Arrochella, para se embarcarem em dez navios da Armada que veyo a Lisboa, de que era General o Marquez de Bersé sobrinho do Cardeal Richilieo.

Anno 1641.

Voltaõ a Lisboa na Armada de França.

No mesmo dia que sahiraõ de Lisboa os Embayxadores de França, despachou ElRey para Inglaterra D. Antaõ de Almada, e Francisco de Andrade Leytaõ Dezembargador do Paço, e por Secretario de ambos Antonio de Sousa de Macedo. Padecéraõ na viagem grande tormenta, passada ella foraõ seguidos na boca do Canal de sete fragatas Dunquerquezas, que os obrigou a tomar o porto de Plemua, setenta legoas de Londres. A sete de Março sahiraõ em terra, partiraõ para Londres, e despediraõ ao Secretario a pedir licença a ElRey para poderem entrar na Corte. Achou Antonio de Sousa alguma difficuldade na licença, embaraçando-a a diligencia de D. Affonso de Cardenes Embayxador de Castella: facilitou as difficuldades que elle propoz, o Conde de Pembrave, parecer de que ElRey fazia grande estimaçaõ, e achando a mesma oppiniaõ no Parlamento pelos interesses do comercio, dispensou ElRey com os Embayxadores, que entrassem com a solemnidade costumada, e permittida aos mayores Principes de Europa: pedindo primeiro, como por satisfazer á sua curiosidade, a Antonio de Sousa, que lhe declarasse por hum papel o direito, que ElRey D. Joaõ tinha á Coroa de Portugal. Executou Antonio de Sousa o que ElRey lhe pedia, e com toda a elegancia lhe mostrou o direito delRey D. Joaõ, e a tyrania de Castella: e vendo o Embayxador daquella Coroa vencida a sua negoceaçaõ, sahio da Corte, e a sete de Abril entráraõ nella os Embayxadores de Portugal, e foraõ recebidos delRey com grandes demonstraçoens de alegria: acháraõ na Rainha o mesmo semblante, e com mais efficacia por ser irmaã delRey de França. Conferíraõ os negocios, que hiaõ tratar, com os Ministros, que lhes foraõ

Embayxadores de Inglaterra.

Chegão a Plemua.

Entrão em Londres os Embayxadores de Portugal e sae o de Castella.

Anno 1641.

apontados; e depois de algumas controverſias, eſtando para ſe ajuſtarem os Capitulos da paz, chegou a Inglaterra noticia, que Triſtaõ de Mendonça, que foy por Embayxador de Olanda, como logo veremos, havia ajuſtado com os Olandezes, que os Vaſſallos delRey de Portugal naõ poderiaõ comprar nem fretar navios mais que aos Olandezes, e que o Comercio da Ilha de S. Thomé, e de toda a coſta de Africa ficaria livre a ambas as nações, e que ElRey de Portugal permittiria aos Olandezes, que uſaſſem no ſeu Reyno de liberdade de conſciencia. Quizeraõ os Inglezes, que ſe celebraſſe com elles o meſmo contrato: porém os Embayxadores prudentemente reſponderaõ, que no que tocava á liberdade de conſciencia fariaõ aviſo ao ſeu Principe, entendendo delle (como ſuccedeo) que naõ havia de conceder aos Olandezes liberdade alguma de conſciencia, que naõ foſſe ajuſtada aos decretos do Summo Pontifice: que em quanto aos fretes dos navios, ſe uſaria com os Inglezes o meſmo que aos Olandezes ſe concedeſſe: que no comercio das Ilhas de Africa naõ deviaõ embaraçar-ſe, quando naõ eraõ ſenhores de outras, como ſuccedia aos Olandezes, donde a correſpondencia foſſe igual para os Portuguezes. Julgáraõ os Miniſtros Inglezes eſtas propoſtas arrezoadas, e ajuſtou-ſe a paz ſem mais declaraçoens, que ſer perpetua entre os dous Reys para ſi, e para ſeus deſcendentes: que ſeus Vaſſallos ſeriaõ obrigados a conſervar amigavel trato, e comercio (entendendo ſe debaixo deſte artigo poderem os Portuguezes comprar muniçoens, e armas em Inglaterra, e paſſarem os Inglezes ſem embaraço a ſervir á guerra de Portugal.) Ajuſtada a paz, ſe voltaraõ os Embayxadores para Lisboa, e ficou em Londres aſſiſtindo aos negocios o Secretario da embayxada Antonio de Souſa de Macedo.

Ajuſtaſe a paz com Inglaterra.

Voltão os Embayxadores.

Em a meſma marê, que os Embayxadores de França, e Inglaterra, partio de Lisboa por Embayxador de Olanda Triſtaõ de Mendonça. Havia ElRey nomeado a Luiz Pereira de Caſtro Chançarel da caſa da Supplicaçaõ para acompanhar Triſtaõ de Mendonça com igual poder (naõ lhe ſendo menos neceſſario, que aos mais, hum

Embayxada de Olanda.

hum Miniſtro de letras, e experiencia, que lhe aſſiſtiſſe, por ſer a negoceaçaõ com os Olandezes a de mayor importancia) e por juſtos reſpeitos ſe eſcuſou Luiz Pereira da jornada. Entendeo ElRey, que ſupria eſta falta, nomeando por Secretario da embayxada Antonio de Souſa Tavares, Miniſtro de letras, e ſufficiencia. Mandou tambem por Conſelheyros nos intereſſes da mercancia Guilhelme Rozem Olandez, naturaliſado, e caſado em Lisboa, e Joaõ Nunes Santarem, ambos homens de negocio, que vieraõ a ſervir de mayor embaraço a Triſtaõ de Mendonça. Poucos dias depois de ſahirem de Lisboa, obrigados de huma grande tormenta entráraõ em Plemua porto de Inglaterra, onde havia deſembarcado D. Antaõ de Almada: acháraõ ancorados no meſmo porto quatro navios de guerra Olandezes. Triſtaõ de Mendonça em quanto amaynava a tormenta, ſahio em terra, paſſou encuberto pela poſta a Londres, fallou a ElRey, e depois de conferir alguns negocios cõ D. Antaõ de Almada, tornou a voltar e acompanhado dos quatro navios, que achou no porto, por ordem dos Embayxadores dos Eſtados, que aſſiſtiaõ em Londres, deo á véla para Olanda, lançou ferro quatro legoas da Aya. Sahio logo em terra Antonio de Souſa Tavares, e paſſou a pedir licença aos Miniſtros, que governavaõ, para poder entrar o Embayxador. Sem difficuldade lhe foy permittida, e recebido o Embayxador com toda a ſolemnidade. As conveniencias, que reſultavaõ aos Olandezes da ſeparaçaõ de Portugal, eraõ faceis de conhecer, durando a guerra entre os Eſtados, e ElRey de Caſtella; e tendo empenhado todos os ſeus intereſſes nas conquiſtas de Portugal, as quaes ficavaõ com eſta ſeparaçaõ (a ſeu parecer) no ſeu arbitrio, julgando pequenas todas as forças deſte Reyno para reſiſtir ao grande poder de Caſtella, e que neſta conſideraçaõ ficariaõ as conquiſtas ſem ſoccorros, e faltando-lhes o alimento com a debilidade expoſtas apoderem elles uſar dos mais leves accidentes, para ſe fazerem ſenhores dos lugares em que ſe achaſſe mayor utilidade. Ajudados da tyrania, e diſſimulado ſilencio dos Miniſtros de Caſtella, occupavaõ os Olandezes na India Malaca, e na Ilha de Cey-

Anno 1641.

O Embayxador entra em Plemua paſſa a Londres.

Entra na Aya.

Praças das noſſas Conquiſtas occupadas dos Olandezes.

Anno 1641

Ceylaõ as fortalezas de Negumbo e Gale, e com o favor dos Mouros, e Gentios haviaõ fabricado em varias partes grandes fortalezas, e povoaçoens. Haviamos tambem perdido Ormuz, entregue aos Perſas, os quaes ajudáraõ os Inglezes, envejando todas as naçoens os muitos intereſſes, que naquellas partes haviamos conſeguido. No Braſil occupavaõ os Olandezes Pernambuco, Paraiba, Rio grande, Ciará, as Ilhas de Tamaracà, de Fernaõ de Noronha; para a parte do Sul, Porto Calvo, e Segeripe. Os avanços, que tiravaõ deſtas Conquiſtas, eraõ grandes, e intereſſados nelles os de mayor poder naquelles Eſtados. Os muitos annos de poſſe, e os poucos eſcrupulos, que aprendem na falſa doutrina que ſeguem, os obrigava a crer que o direito de conſervar o que haviaõ conquiſtado, perferia a qualquer outro ſem controverſia.

ElRey D. Joaõ fundado nas leys de primeiro poſſuidor, queria que os Olandezes reſtituiſſem a eſta Coroa o muito que haviaõ roubado della: pequeno exercito para vencer inimigos taõ poderoſos. E ficando ſó a deſtreza e a eloquencia, para remediar tantos impoſſiveis, neceſſario era que ElRey com profunda conſideraçaõ elegeſſe o ſubjeito mais pratico, mais intelligente, e mais entendido de todo o Reyno, para que a ſutileza venceſſe tantas difficuldades. Porém naquelle tempo era taõ pouco o exercicio que havia em Portugal dos negocios politicos, e militares, que naõ ſe podem condenar juſtamente os que naõ ajuſtáraõ com todas as circunſtancias, que convinha ás diligencias a que foraõ mandados. A inſtrucçaõ que Triſtaõ de Mendonça levava, era que propuzeſſe aos Eſtados huma tregoa e ſuſpenſaõ de armas por dez annos em todos os lugares ſubjeitos á Coroa de Portugal; e que neſte tempo ſe ajuſtaria perpetua paz entre hum e outro Dominio: Que os Eſtados mandaſſem a Liſboa vinte navios, para cuja deſpeza ElRey offerecia a contribuiçaõ que concordaſſem, e igual numero de navios, para que unidos com vinte que lhe dava ElRey de França, pudeſſe ao meſmo tempo defender a coſta de Portugal, e offender a de Caſtella: que pediſſe aos Olandezes a reſtituiçaõ

Propoſta aos Olandezes.

çaõ das praças occupadas nas conquistas, porque livre Portugal da subjeiçaõ de Castella, naõ podiaõ usurpar o que naõ tocava áquella Coroa: Que ElRey daria aos Estados comercio livre em todos os Portos deste Reyno, reduzindo-se as imposiçoens e direito ao estylo antigo dos Reys de Portugal, com ventagens nos privilegios e liberdades: Que os Estados permittissem passar á guerra de Portugal todos os officiaes de Cavallaria e Infantaria que fossem necessarios, e da mesma sórte engenheiros para as fortificaçoens, e artificios de fogo, e que pudessem comprar os Portuguezes em Olanda todas as muniçoens, e instrumentos necessarios para a guerra. Offereceo o Embayxador estas propostas aos Ministros dos Estados, e ajustou com elles a confederaçaõ seguinte, de que se seguiraõ em todas as Conquistas da Asia, e da America muito consideraveis damnos. Assentáraõ os Estados com a Coroa de Portugal tregoa e suspensaõ de armas por espaço de dez annos, e que todos os subditos de huma e outra parte se abstivessem de toda a guerra e prejuizo: que se ajudassem com todas suas forças em offensa de Castella e de seus Vassallos, entendendo-se este tratado no Brasil e na India, onde se observaria a mesma uniaõ com os Reys aliados de Portugal e Olanda, tendo-o elles assim por conveniente, dando-se hum anno de termo para se publicar na India, ajustando-se da mesma sorte a segurança de navegarem os navios de ambas as partes, sem offensa alguma dellas, e a igualdade do comercio, naõ se alterando a forma em que se achava ao tempo deste ajustamento. Obrigou-se tambem o Embayxador a que ElRey mandaria outro a Olanda no termo de outo mezes a tratar da paz, a qual naõ se ajustando, senaõ alteraria a tregoa dos dez annos declarados: que em qualquer das partes que fosse achada alguma pessoa que tratasse negoceaçaõ de Castella contra Portugal ou contra os Estados, fosse castigada confórme merecesse o delicto, e da mesma sorte se julgassem por inimigos cõmuns os lugares ou fortalezas que tomassem a voz de Castella: Que os moradores de ambas as naçoens ficariaõ com o que tivessem adquirido, assim de bens de rais como moveis; e havendo du-

Anno 1641.

Condiçoens da tregoa.

Anno 1641.

vida nas propriedades, propondo cada hum a ſua cauſa, ſe obſervaria de ambas as partes juſtiça igual: Que os Portuguezes naõ poderiaõ fretar navios ſenaõ os dos Eſtados, nem permittir comercio ou trato nas conquiſtas a alguma outra naçaõ mais que á Olandeza: e que naõ poderiaõ fretar em Olanda navio de menos porte que de 260. toneladas com 16. peças de artilharia, gente, e muniçoens proporcionadas; e que ſuccedendo achar-ſe algum navio com menos do ajuſtado ſe poderia tomar por perdido: Que os Portuguezes naõ pudeſſem paſſar negros a Indias de Caſtella, nem outra alguma fazenda, e que achando-ſe ſeria confiſcada: Que na Coſta de Africa, Ilhas de S. Thomé, e as mais daquella parte todas as fazendas que ſe tiraſſem, ſeriaõ regiſtadas, e pagariaõ direito nos lugares principaes que pertenceſſem a huma e outra naçaõ: Que adquirindo-ſe algum dominio nas Indias Occidentaes de Caſtella, ſeria repartido por igual: Que os Eſtados ſe obrigavaõ a mandar á ſua cuſta vinte navios de guerra a Lisboa, para ſe unirem com outros tantos que ElRey teria aparelhado, e juntos fariaõ guerra aos Caſtelhanos, e que os intereſſes ſeriaõ repartidos igualmente: Que ElRey poderia tirar todos os officiaes de guerra, que lhe foſſem neceſſarios, daquelles Eſtados; os quaes elles mandariaõ á ſua cuſta, e ſe obrigavaõ a ſoccorrellos em quanto aſſiſtiſſem em Portugal: Que da meſma ſorte poderia tirar de Olanda todas as muniçoens e inſtrumentos militares, que julgaſſe convenientes para a guerra. Eſta era a ſubſtancia dos capitulos que ſe ajuſtáraõ com os Olandezes. Incluia o tratado outros de menos importancia, e neſtes havia clauſulas muito miúdas em ordem aos intereſſes de Olanda, e a naõ reſtituir o que havia conquiſtado de Portugal no tempo de Caſtella. O tempo foy deſcobrindo que ficavamos prejudicados; porque ainda que nos era preciſamente neceſſaria a paz de Olanda, reſultavaõ aos Eſtados tantos intereſſes da ſeparaçaõ de Portugal, que ſe fora eſta materia manejada com mais deſtreza, naõ ha duvida que ſe conſeguíraõ na paz mayores utilidades, e naõ ſuccedéraõ depois tantas e taõ prejudicaes controverſias, que foraõ cauſa de damnos irreparaveis.

raveis. Tristaõ de Mendonça voltou a Lisboa na armada que mandàraõ os Estados, trouxe comsigo dous regimentos de Cavallaria, quantidade de armas e muniçoens, hum dos melhores effeitos da sua jornada pela grande falta que havia dellas neste Reyno.

Anno 1641.

Volta o Embayxador com armada e soccorro

Elegeo ElRey para a embayxada de Dinamarca e Suecia a Francisco de Sousa Coutinho, em quem concorriaõ partes muito essenciaes para esta cõmissaõ. Embarcou-se em hum navio de Dinamarca, levando por Secretario da embayxada Antonio Monis de Carvalho, occupado naquella occasiaõ no Dezembargo do Porto. Partio a 18. de Março, chegou a 15. de Abril á boca do Zonte, desembarcou junto ao Castello de Conembrog. Estava ElRey taõ visinho, que logo teve noticia de que era chegado, e por esta causa se passou a Co-oupenhaven Corte daquelle Principe e cinco legoas distante. Mandou o Embayxador ao Secretario pedir licença para poder desembarcar, consedeo-se-lhe; entrou na Corte em hum Coche delRey, mas como particular, foy hospedado com muita grandeza. Passadas as primeiras ceremonias, recorreo o Secretario ao Viso-Rey, Ministro principal daquella Coroa pedindo-lhe da parte do Embayxador audiencia. Gastou-se hum mez em escusas apparentes sem conclusaõ alguma, e conhecendo o Embayxador que nacia o embaraço das aliançàs que ElRey de Dinamarca tinha com a casa de Austria, e dependencias em que estava com ElRey de Castella, mandou ao Secretario que dissesse ao Viso-Rey, que ou se lhe desse audiencia, ou licença para se partir a outras partes a que o chamavaõ occupaçoens de grande importancia.

Embayxada de Suecia e Dinamarca.

Chega o Embayxador a Dinamarca.

Sem embuço respondeo o Viso-Rey que o seu Principe se achava com dificuldades insuperaveis, porque ainda que desejava sũmamente a amizade delRey de Portugal, os negocios daquella Coroa com a de Castella eraõ de qualidade, q̃ lhe prendiaõ o Alvedrio para o receber com demonstrações publicas: q̃ se tivesse algum negocio q̃ conferir, lhe apontaria ministro com q̃ o tratasse, e se quizesse daquelle Reyno algũa cousa q̃ fosse necessaria para a defensa de Portugal, passaria logo ordẽ para q̃ se lhe desse; e a estes se foy atando hũa larga cadeya de comprimentos, ficando ligada a

Negase-lhe audiencia publica.

outra

Anno 1641.

outra de dependencias a vontade daquelle Principe. A estas offertas respondeo o Embayxador, que o darle-lhe ou naõ audiencia, era ponto indivisivel, e que visto negar-se-lhe, se lhe permittisse licença para se partir, ficando nelle vivo o agradecimento da cortezia que como particular havia recebido naquella Corte: Que em quanto a tratar negocio com Ministro algum lho naõ dispensava haver-se-lhe negado audiencia: que das offertas do soccorro senaõ valia, por ter deixado as prevençoens de Portugal independentes dellas. Entendeo o Viso-Rey da reposta a justa queixa do Embayxador, havia-lhe ElRey dado ordem para a suavisar quanto fosse possivel: Disse ao Secretario, que sua Magestade teria grande gosto de que o Embayxador quizesse ver o Castello de Fredesborg, lugar de recreaçaõ, aonde ElRey iria a lhe fallar, porque ficaria com grande penna de que se partisse sem poder ve-lo. Pareceo ao Embayxador, que este era o caminho de se concluir algum ajustamento, e aceitou a offerta. No mesmo dia veyo a casa do Embayxador hum Almeirante, que o havia levado deste Reyno a entregar-lhe da parte delRey dous mil cruzados q̃ recebera defrete. Naõ podendo o Embayxador deixar de os aceitar pela apertada ordem que o Almeirante trazia, os mandou repartir pelos officiaes e soldados que o haviaõ comboyado. O dia seguinte conduzio o Viso-Rey ao Embayxador ao Castello de Fredesborg, cinco legoas distante da Corte, por caminho taõ deleytoso, que parecia mais breve a jornada. Chegou ao Castello, o qual julgou de fabrica maravilhosa, e entrando nelle o admirou a magnificencia e adorno, occupando grande espaço a vista em pinturas e estatuas excellentes: deraõ-lhe recado de que ElRey o esperava para lhe fallar, obedeceo e achou em ElRey as mayores demonstraçoens de affabilidade. Repetio-lhe as disculpas de lhe negar a audiencia, e as mesmas offertas, que o Viso-Rey havia feito ao Secretario. Respondeo o Embayxador pela mesma lingoagem de que havia usado na primeira proposta, dizendo que lhe naõ ficava occasiaõ mais que de agradecer os favores particulares, visto negar-lhe sua Magestade audiencia publica. Convidou-o ElRey a jantar sen-

Falla a ElRey em particular.

sentou-o comsigo á mesa, e a seu cunhado Joaõ de Roxas de Azevedo, que levou nesta jornada, e ao seu Secretario, dando ao Embayxador melhor lugar, que a seu filho o Conde Valdomáro. Foraõ dilatadas as horas da mesa, assistio a ella a Nobreza principal da Corte, e á sua vista brindou ElRey á saude delRey D. Joaõ, e confessando-lhe este Titulo publicamente, fez mais condenada a resoluçaõ de lhe naõ aceitar o Embayxador. Foy elle despedido acabada a mesa com as mesmas ceremonias com que havia entrado. Deste lugar continuou a jornada para Suecia, havendo-lhe chegado licença da Rainha, que havia pedido por via do Assistente daquelle Reyno, que estava na Corte de Dinamarca. Nas Provincías por onde passou de Elmolandia, Ostrogozia, Sudermanlandia, achou prevenida magnifica hospedagem. Chegou á Cidade de Estocholmia, onde assistia a Rainha, e logo foy visitado da sua parte, sinalando-lhe audiencia para dahi a dous dias: acabado o prazo, veyo buscar ao Embayxador grande parte da Nobreza daquelle Reyno, e com todas as ceremonias de mayor ostentaçaõ foy conduzido ao Paço. Achou que os hombros de huma galharda Dama sustentavaõ o pezo daquella Monarquia da Rainha Christina, que naõ passava naquelle tempo de quinze annos, descobria no generoso aspecto os alentos de Gustavo Adolfo seu glorioso Pay, morto na batalha de Lusen, quando com as esperanças mais seguras suppunha toda Europa sendo despojo do seu valor, atada ao carro dos seus triunfos. As mostras do semblante varonil de Christina dissimulavaõ a fragilidade da natureza, e dos annos, e proporcionavaõ o emprego da Coroa. As acçoens desta excellente Princeza deraõ pelo tempo adiante verdadeiro testimunho das disposiçoens, que nella se admiravaõ nos primeiros annos: pois deixando generosamente o proprio e bellicoso senhorio por detestar a cegueira heretica, se passou a viver em Roma, querendo beber na fonte o licor suave da Evangelica doutrina, sacrificando pia, e religiosamente no Altar de Nossa Senhora do Loreto o Cetro e a Coroa; e merece naõ só por esta heroyca acçaõ o affecto universal, senaõ tambem pelas grandes virtudes, e sciencias

Anno 1641

Parte para Suecia.

Chega a Estocholmia.

Tem audiencia da Rainha.

Elogio da Rainha de Suecia.

Anno 1641.

cias incomparaveis, que nella resplandecem. Quando entrou o Embayxador, estava sentada debaixo de hum docel, assistindo-lhe cinco Tutores, que seu pay lhe havia deixado, e que com ella governavaõ o Reyno: junto do estrado á maõ direita tinhaõ assento tres primas suas, filhas do Conde Palatino, todas de excellente fermosura; a que se seguiaõ outras muitas Damas. Tanto que chegou o Embayxador a porta da ante-Camera, se levantou a Rainha, e dando tres passos lhe fez huma pequena inclinaçaõ. Ouvio a embayxada em latim, respondeo na mesma lingua, que fallava com grande perfeiçaõ, e da mesma sórte todas as de Europa: costumando dizer discretamente, que he grande o perigo de quem naõ sabe mais, que a propria lingua, porque ficará sem falla, mudo se se perder o uso della. Aceitou com grande contentamento as offertas da amizade de Portugal, e naõ perdoou a circunstancia alguma, que justificasse o seu affecto. O dia seguinte ao da audiencia deo principio á negoceaçaõ, a qual ajudou muito o Baraõ de Roche Embayxador del-Rey Christianissimo naquella Corte. Apontou a Rainha por Ministro da conferencia ao Gram Chanceller, a que assistiaõ dous Senadores: houve poucas controversias pela muita uniaõ das vontades, ajustou-se a paz, e lançáraõ-se os Capitulos della em lingua latina. Continhaõ elles; observar-se entre as duas naçoens igual correspondencia, e livre comercio em todos os portos de hum, e outro Reyno. Concedeo a Rainha ao Embayxador tres navios de guerra, em que trouxe artilharia, armas, e munições, segurando o retorno nas varias drogas de que abunda Portugal. Nestes navios se embarcou o Embayxador, nelles chegou a Lisboa a salvamento: passando pelo Zonte lhe naõ visitáraõ os navios, favoravel demonstraçaõ, que El-Rey de Dinamarca mandou, que se usasse com elle. Foy a paz de Suecia de grande importancia a Portugal, pela grande reputaçaõ, que naquelle tempo as armas daquelle Reyno haviaõ conseguido em Europa, sendo a Casa de Austria a mais prejudicada nos seus progressos.

Entra o Embayxador em conferencia com os Ministros da Rainha.

Ajusta-se a paz com Suecia.

A embayxada, que cansou mais os discursos, e que verdadeiramente se devia ventilar com mayor cuidado,

do, era a de Roma. Confiderava-fe, que em nenhuma fórma podia prejudicar a dilaçaõ do Embayxador, porque tentar o animo do Pontifice Urbano VIII. que naquelle tempo governava a Igreja, era prudencia, que elle havia de agradecer, e o Mundo naõ podia condenar. Vendo que guiadas as noffas acçoens dos paffos da madura ponderaçaõ, fabiamos fondar os animos, e achar fundo nos intereffes, que prezos de ancora taõ fegura, naõ poderiaõ perigar em alguma tempeftade: e que quando o Pontifice fe refolveffe, fuperado o conhecido obftaculo de Caftella, a reconhecer ElRey de Portugal, facilmente com acerteza defta refoluçaõ fe poderia defpedir o Embayxador; e que fe a cafo prevaleceffem no feu animo as conveniencias dos Caftelhanos, muito devia obrigar-fe da attençaõ delRey, naõ querendo embaraçalo fem determinaçaõ fua em empenho taõ confideravel: e que fuppofto fe entendia, que o animo do Pontifice era Francez, que efta mefma voz o faria attento aos intereffes de Caftella, querendo moftrar a juftiça igual, fendo efta imaginaçaõ pequena fegurança para o empenho, que fe bufcava; pois o perigo de fe voltar o Embayxador fem fer admittido do Pontifice, naõ devia ceder á mais poderofa apparencia do bom fucceffo, fazendo efte muito contingente a certeza do poder, que ElRey de Caftella fuftentava em Roma. Os que defendiaõ a oppiniaõ contraria, diziaõ: que dilatando-fe a embayxada, fe dava motivo ao Pontifice a naõ querer aceitála, quando depois fe lhe mandaffe; e que efpalhando a induftria dos mal affectos efta apparente falta de religiaõ, caufaria movimento nos animos dos Povos, nos quaes por femelhante caufa acha fempre difpofiçaõ o defaffocego: que tambem era precifo naõ expôr na confideraçaõ das naçoens duvidofa a vontade do Pontifice, o qual religiofamente deviamos fuppôr mais attento á juftiça, que applicado aos intereffes. E que ainda q̃ nos arrifcaffemos ao defar de naõ fer admittido o Embayxador, o que parecia impoffivel conhecendo-fe o animo do Pontifice inclinado a França, que nas propofiçoens do requerimento faria ElRey publica no Mundo a fua juftiça achando fem duvida a parcialidade Fran-

Anno 1641.

Confideraçoens, que difficultavaõ a embayxada de Roma.

Razoens em contrario.

Anno 1641.

Franceza propicia, e empenhada em beneficio nosso, assim por encontrar as dependencias de Castella, como por serem os Ministros daquella Coroa os que fomentavaõ a oppiniaõ de senaõ dilatar a embayxada. E que finalmente com a Igreja nenhuma demonstraçaõ era arriscada, sendo os mais humildes os que mereciaõ a mayor Coroa. Prevaleceo esta oppiniaõ, e nomeou ElRey por Embayxador de Roma a Dom Miguel de Portugal Bispo de Lamego, irmaõ do Conde de Vimioso: tinha de idade aquelles annos em que o valor anda mais activo preciso para a jornada, que emprendia, e ornava-se esta virtude, que se achava na sua pessoa, de entendimento, e letras, que o habilitavaõ para esta occupaçaõ. Elegeo ElRey para lhe assistir a Pantaliaõ Roíz Pacheco Inquisidor do Conselho géral do Santo Officio, declarando-o Agente dos negocios de Portugal na Corte de Roma. Achavaõ-se nelle com grande igualdade as letras, e as virtudes. Foy por Secretario da Embayxada Rodrigo Roíz de Lemos Desembargador do Porto, em quem concorriaõ todas as partes que pedia este emprego. A 15. de Abril partiraõ de Lisboa, entráraõ na Arrochella, onde o Bispo desembarcou, foy hospedado do Gram Prior de França com grande magnificencia, e parecendo-lhe necessario conferir com o Monteyro Mór Embayxador de França os negocios de Italia, se resolveo passar a París. Fez a jornada em treze dias, chegou á Corte, fallou a ElRey, á Rainha, e ao Cardeal. Levando ajustado com ElRey, e com o Monteyro Mór o que lhe pareceo mais conveniente, se partio para Italia. Deteve-se em Avinhaõ esperando, que passassem as mutaçoens, tempo perigoso para entrar em Roma. A 20. de Outubro embarcou em Tolon, e dentro em poucos dias deo fundo em Civita Vechia, que dista treze legoas de Roma. Fez aviso de que havia chegado, ao Marquez de Fontanè Embayxador delRey Christianissimo naquella Corte, o qual sem dilaçaõ lhe mandou parte da sua familia bem armada para o acompanhar, a que se juntáraõ trinta Portuguezes, e alguns Catalaens. Alterou-se o Pontifice com a noticia de ser chegado o Embayxador de Portugal: porém naõ tendo pretexto para lhe impedir, que entrasse

D. Miguel de Portugal he nomeado Embayxador de Roma.

Chega o Embayxador a Arrochella.

Passa a Pariz.

entrasse em Roma, ordenou ao Cardeal Antonio Barbarino mandasse segurar-lhe a estrada, constando-lhe que os Castelhanos naõ podendo impedir ao Bispo que desembarcasse, intentavaõ em offensa sua no caminho algum movimento. Com esta segurança naõ encontrando o Bispo de Lamego embaraço, chegou a Roma: apeou-se em casa do Embayxador de França, onde ficou recebendo na hospedagem todos os obsequios devidos á sua Authoridade. Durou a assistencia em casa do Embayxador muitos dias, e para se passar a hum Palacio que tomou na Praça Naona, lhe foy necessario grande instancia, por ter o Embayxador ordem delRey de França para o deter em sua casa até conseguir audiencia do Pontifice, achando esta uniaõ o meyo mais proporcionado de controverter as negoceaçoens de Castella.

Anno 1641

Chega a Roma.

Assistia em Roma por Embayxador delRey Catholico naquelle tempo D. Joaõ Chumaceiro. Dentro de poucos dias veyo rendelo o Marquez de los Velles com titulo de Embayxador extraordinario. Antes que o Bispo chegasse haviaõ celebrado os poucos Portuguezes que estavaõ em Roma com taõ publicas demonstraçoens a noticia da acclamaçaõ delRey, que passáraõ a parecer excessos, se o valor dos Portuguezes naõ fora costumado a vencer os mayores obstaculos. Sinalou-se entre todos Braz Nunes Caldeyra Provedor aquelle anno do Hospital de Santo Antonio, que naquella Corte chamaõ dos Portuguezes: porque succedendo celebrar-se a festa do mesmo Santo, e sendo costume assistir nella o Embayxador delRey Catholico, funçaõ que lhe tocava como a Embayxador de Rey de Portugal, deliberou Braz Nunes Caldeyra que havia de defender ao Embayxador de Castella a entrada da Igreja. Juntou alguns Portuguezes, que se resolvéraõ a acompanhallo, e sem reparar no perigo a que se expunha, naõ só pela differença do poder que os Castelhanos tinhaõ em Roma, senaõ pelo crime de juntar publicamente armas de fogo, taõ defendidas naquella Corte, que o delinquente que se acha com ellas, naõ differe mais que 24. horas da culpa á morte. Juntou todo o genero de armas que lhe foy possivel offensivas e defensivas;

Acçaõ valerosa de Bras Nunes Caldeyra.

Anno 1641.

ſivas; occupou os poſtos que podiaõ facilitar o ſeu intento; e contando ao Pontifice e ao Embayxador de Caſtella a ſua deliberaçaõ, nem o Embayxador ſe arrojou a divertilla, nem o Pontifice quiz caſtigalla: privilegio das acçoens grandes que atè os offendidos coſtumaõ amparallas, e naõ ſò ficou eſte anno divertida a aſſiſtencia que os Embayxadores de Caſtella faziaõ em Santo Antonio, ſenaõ que paſſou a todos os ſeguintes, naõ tornando a intentalla. Depois de chegar a Roma o Marquez de los Velles, remetteo o Pontifice os negocios de Portugal aos Cardeaes nepotes Franciſco e Antonio Barbarino, ao Cardeal Cayetano, e ao Cardeal Pamphilio, que com o nome de Innocencio Decimo ſuccedeo a Urbano no Pontificado. As ſupplicas ſe encaminhavaõ ao Cardeal Franciſco Barbarino, offerecia-lhas Pantaliaõ Roíz, acodia ás audiencias como Agente dos negocios de Portugal, e a tudo o mais que pertencia ao fim que ſe procurava. O Papa em quanto ſenaõ tomava a ultima reſoluçaõ, mandou ordem ao Biſpo Embayxador para que naõ paſſeaſſe pela Corte em publico. Fez Pantaliaõ Roíz a primeira ſupplica aos quatro Cardeaes nomeados, foy nas apparencias bem admittida, e reſpondeo a ella o Cardeal Franciſco, que dezejava ver o direito com que ElRey de Portugal ſe introduzira na Coroa. Replicou Pantaliaõ Roíz, que El-Rey D. Joaõ mandava Embayxador à Sé Apoſtolica a dar obediencia ao Summo Pontifice, e naõ a eſperar deciſaõ ou confirmaçaõ alguma de Sua Santidade, pois era ſenhor de hum Reyno iſento no temporal de todo o Juizo humano: porém que por obviar as interpretaçoens dos politicos, ſatisfaria á curioſidade do Cardeal. No dia ſeguinte levou em hum memorial deduzido o direito del-Rey á Coroa que occupava, com raſoens taõ claras, e tambem fundadas, que eſcurecéraõ todas as apparentes propoſiçoens, que os Caſtelhanos haviaõ eſpalhado em varios manifeſtos. Eſperando deſte papel Pantaliaõ Rodrigues a reſoluçaõ de ſer o Embayxador admittido a audiencia, lhe declarou o Cardeal Franciſco, que Sua Santidade via neſta embayxada mais demonſtraçoens apparentes, que obediencia, a reſpeito á Sé Apoſtolica: porque

Remette o Pontifice os negocios do embayxador a alguns Cardeaes.

Apreſenta Pantaliaõ Rodrigues hum memorial com o direito delRey.

Difficuldades propoſtas pelo Cardeal Franciſco Barbarino

que a retençaõ das Capellas, que em Portugal se haviaõ usurpado á Igreja, continuava, violando-se por este caminho a immunidade Ecclesiastica, e approvando se com a contumacia o pernicioso exemplo da expulsaõ do Bispo de Nicastro Colleytor Apostolico, occasionada por este respeito: Que a esta prejudicial resoluçaõ se accrescentava o grave escandalo, que a toda a Republica Christãa tinha dado a prisaõ do Arcebispo de Braga D. Sebastiaõ de Mattos: (que ja neste tempo havia commettido os delitos, q̃ adiante referiremos) e que, consideradas estas rasoens, se julgava preciso que o Arcebispo fosse posto em sua liberdade, e se lhe restituissem seus bens, ou ao menos o remettessem em Custodia a Roma, para que o Summo Pontifice como seu legitimo Juiz julgasse o seu delicto; que as Capellas se restituissem á Igreja, sem se interpôr duvida, nem embaraço: que com estas demonstraçoens se conciliaria o animo de Sua Santidade para admittir a embayxada. Satisfez Pantaleaõ Rodrigues a esta proposta dizendo: que ainda que a cõmissaõ do Bispo Embayxador se naõ extendia a mais, que a dar obediencia ao Summo Pontifice, nam parecia licito gravar com encargos o acto de huma acçaõ voluntaria, o que sendo contra todo o direito universal, escusava o Embayxador de naõ trazer poderes para tratar o que se naõ suppunha que pudesse acontecer; que fiado na piedade Catholica del-Rey seu senhor promettia da sua parte, que a duvida das Capellas se ajustaria com a conclusaõ mais favoravel á Igreja, mandando Sua Santidade Nuncio Apostolico a Portugal, como haviaõ feito sobre semelhantes Concordatas os Pontifices Joaõ XXI. e Xisto IV. em tempo dos Reys D. Affonso V. e de D. Joaõ o segundo: porque esta materia era taõ embaraçada, que tiveraõ as duvidas della principio no anno de 1604. cuja ley, desde aquelle tempo estabelecida, havia derogado o Colleytor com escandalo universal. Que em quanto á resoluçaõ do Arcebispo de Braga, Sua Magestade naõ havia excedido as permissoens do Direito Canonico; porque sendo o Arcebispo convencido no crime de lesa Magestade, o naõ eximia o foro Ecclesiastico naõ só da prisaõ, mas nem da

Reposta de Pantaleaõ Rodrigues.

Anno 1641.

morte, de que havia varios exemplos no Mundo. Porém que Sua Mageſtade, para que naõ ficaſſe acçaõ alguma ſua eſcrupuloſa, mandaria entregar os autos do Arcebiſpo aos Juizes, que Sua Santidade apontaſſe em Lisboa, prohibindo-lhe remettê-los a Roma, aſſim o perigo de poder por qualquer accidente cahir nas mãos dos Caſtelhanos, como a difficuldade de ſe lhe haver de formar culpa em Roma daquella Mageſtade, que o Summo Pontifice naõ reconhecia por coroada. Eſtas ſatisfaçoens atalháraõ com o Cardeal Barbarino os pretextos, que buſcava para a dilaçaõ, que julgava preciſa, vendo que naõ era razaõ deſenganar ao Embayxador de Portugal, nem conveniente offender o Embayxador de Caſtella. E ultimamente antepondo a politica á juſtiça, apertando Pantaleaõ Rodrigues pela ultima reſoluçaõ, faltando razaõ ao Cardeal, faltaraõ-lhe razoens; de que ſe originou canſar-ſe deſórte das inſtancias do Agente, (defeito ordinario de quem ſem razaõ offende) que com demonſtraçoens eſcandaloſas dava a entender a Pantaliaõ Rodrigues nas audiencias publicas o ſeu enfado. Vendo pois o Biſpo Embayxador as duvidas, que cada hora creſciam na ſua pretençaõ, buſcou todos os caminhos, que as podiaõ facilitar, e em todos achou cortados os paſſos pelas negociaçoens de Caſtella. Eſte ſucceſſo fazia differente effeito no Marquez de los Velles, porque vendo as ſuas diligencias bem logradas, tomou animo para mayor emperſa, e determinou tirar da Roma na peſſoa do Biſpo de Lamego hum dos mayores obſtaculos, que de preſente julgava que o ſeu Principe tinha para a reſtituiçaõ da Coroa de Portugal; tendo por certo que permittindo o Pontifice audiẽcia ao Biſpo, confirmava a acclamaçaõ delRey, e lhe facilitava por eſte caminho as alianças dos Principes de Europa, conſequencia, que ſegurava a defenſa deſte Reyno. Neſta conſideraçaõ buſcou pretextos para publicar queixas ſem fundamento, que ſaõ faceis de achar em quem negocea ſeguro no poder, e no cabedal. O Biſpo alcançou neſtes dias audiencia de alguns Cardeaes, que o tratáraõ com honras de Embayxador: acompanháraõ-no a eſtas viſiſtas os ſeus criados com algumas inſignias

Diligencias do Marquez de los Velles Embayxador de Caſtella.

nias

nias só permittidas aos Embayxadores. Inferio o Marquez desta novidade que o Bispo havia conseguido audiencia do Summo Pontifice na forma que dezejava. Multiplicou as queixas com taõ immodestas supplicas, que opprimido o Summo Pontifice, com a memoria em Castella, e o cuidado em Napoles, declarou que naõ aceitava a embayxada do Bispo de Lamego. Constando-lhe ao Marquez delos Velles a certeza deste decreto, applicou á payxaõ os ultimos alentos, e sem mais consideraçaõ que a da ira, nem mais attençaõ que a da furia, determinou prender o Bispo de Lamego, e remetê-lo a Napoles, seguindo o exemplo do Marquez de Castello Rodrigo, que havia tomado a mesma resoluçaõ com o Principe de Sans, por huma leve suspeita de que o Princicipe tinha intelligencias com França; e fazendo-lhe cortar a cabeça, deo motivo a hum dos mayores escandalos da Europa. Com este erro por norte, determinou o Embayxador de Castella executar a empresa de prender hum Prelado na Corte de Roma, seguro na fé do Pontifice, sem mais causa que achar favoravel a sua resoluçaõ, suppondo-a poucos dias antes da parte das pertençoens do Bispo: desconcerto universal da natureza humana, que tanto adoece de fraca como de forte; e assim a debilita o sangue que lhe falta, como a suffoca o que lhe sobra. Resoluto o Marquez a executar este intento, juntou em Roma por intervençaõ do Principe Galiano, da Casa Colona, dependente de Castella, duzentos bandidos, unico acerto desta empresa, sendo só homens de vida taõ larga proporcionados para a execuçaõ deste delirio. E querendo honestar o rumor, que em Roma causavaõ as suas prevençoens, fez pôr fogo a huma pequena porta, que sahia do seu palacio, e publicou que os Portuguezes haviaõ sido autores desta insolencia; e com este pretexto chamou a Roma officiaes, e soldados de Napoles. O Pontifice constando-lhe das prevençoens do Embayxador de Castella, buscou dous caminhos de atalhálas: hum, mandando segurar com grande numero de soldados as partes suspeitosas, e dando ordem para que sahissem de Roma todos os vagabundos; com que diminuio

Anno 1641.

Declara o Pontifice que naõ aceita a embaxada de Portugal.

Junta o Marquez de los Velles os bandidos, e convoca soldados.

Prevençoens do Papa.

Anno 1641.

nuio muito a familia do Marquez de los Velles: outro; ordenando ao Bispo de Lamego que se acompanhasse de pouco familia, e que o seguro da sua palavra, e das prevençoens, que mandava fazer, podiaõ livra-lo de todo o receyo. Estando de huma, e outra parte as materias na disposiçaõ referida, e acompanhando-se o Bispo Embayxador só de dous gentís homens, e dous lacayos, conforme a ordem do Pontifice, chegou em 20 de Agosto o effeito, que se podia esperar de tanta resoluçaõ desconcertada. Sahio o Bispo de Lamego ás cinco horas da tarde a visitar o Embayxador de França, acompanhado da familia, que lhe estava destinada: Era hum dos gentís homens Diogo de Barcellos, antigo criado de sua casa. Examinou a sua attençaõ, que seguia a carroça do Bispo huma espia dos Castelhanos; advertio-o ao Bispo, o qual mandou logo chamar hum confidente, a que ordenou que fosse a casa do Embayxador de Castella, e que achando alguma novidade, lhe fizesse aviso em casa do Embayxador de França, para onde hia. Naõ tardou muito com a certeza de que achára em casa do Embayxador prevenindo-se gente, armas, e carroças. Confirmou esta noticia Pantaleaõ Rodrigues: porque tendo naquella tarde audiencia do Cardeal Barbarino, soube delle que o Marquez de los Velles estava resoluto a buscar occasiaõ de se encontrar com o Bispo, e valer-se della para o matar, ou prender: e pedindo o Cardeal a Pantaleaõ Rodrigues quizesse persuadir ao Bispo que naõ sahisse aquella tarde de sua casa, elle lhe respondeo que ja quando elle sahira ficava fóra della. Obrigado de huma, e outra noticia lhe pareceo ao Bispo que era necessario prevenir-se para que o naõ colhesse o Embayxador de Castella desarmado. O Embayxador de França dezejou persuadir ao Bispo que ficasse em sua casa, dizendo que como naõ era novidade ser seu hospede, que ninguem poderia censurar esta acçaõ: porém o Bispo advertido, e valeroso, em nenhum caso admittio esta proposta; o que vendo o Embayxador de França, mandou juntar a sua familia á do Bispo, e a estas se uniraõ alguns Portuguezes, e Catalaens, que andavaõ em Roma: chegáraõ todos

Avisos que se daõ ao Bispo Embayxador.

Prevençoens cõtra os Castelhanos.

dos juntos ao numero de sessenta pessoas. O Embayxador de França por evitar a confusaõ, e desordem, nomeou por cabo desta gente ao seu Mestre de Camera chamado Lucach, pessoa de que fazia grande confiança. Feita esta prevençaõ, entrou o Bispo em huma carroça com quatro gentis homens, sem mostrar sobresalto algum, herdando o valor, e constancia de seus antigos predecessores: Seguia-o a mais gente, huns em carroças, e outros a pé; mas de sórte repartidos, e caminhando as carroças taõ de vagar, que todos se acháraõ juntos. Pouco havia o Bispo andado, quando lhe fizeraõ aviso, que o Marquez de los Velles se vinha chegando: mandou aos cocheyros, que naõ parassem, e vieraõ a topar-se as carroças dos dous Embayxadores em huma volta, que faz a rua de Santa Maria invia. Gritáraõ os Castelhanos, que fizessem alto ao Embayxador de Castella, responderaõ os Portuguezes, que parassem ao Embayxador de Portugal. Sem dilaçaõ sahiraõ os Castelhanos das carroças, o mesmo fizeraõ os Portuguezes, e Francezes: de huma e outra parte se dispararaõ quantidade de clavinas, e pistollas, de que logo ficáraõ mortos dos que acompanhavaõ o Bispo hum Maltez parente do Embayxador de França, dous pagens seus, e hum criado de Pantaliaõ Rodrigues: dos Castelhanos cahiraõ mortos outo, em que entrou o Capitaõ D. Diogo de Vargas, e ficáraõ vinte feridos. O estrago dar armas de fogo se acrescentou com os golpes das espadas, que os Portuguezes sabem esgrimir com grande destreza. Carregáraõ os Castelhanos com tanto valor, que em breve espaço desemparáraõ ao Marquez de los Velles, que naõ havia até aquelle tempo sahido da carroça, e vendo-se só perturbado do receyo sahio pelo espaldar della, e falto de alento, esquecido da reputaçaõ, perdido o chapeo, e descomposta a capa, se recolheo á logea de hum biscouteiro, donde passou á casa do Cardeal Albernoz, que ficava visinha. O Bispo de Lamego sahio da carroça em que hia no principio da pendencia com huma clavina nas mãos, e em quanto ella durou deo valerosamente calor aos que o acompanhavaõ: acabada ella se recolheo a casa de hum Italiano em quanto

Anno 1641.

Fineza do Embayxador de França.

Encontro dos dous Embayxadores.

Sahe discomposto o Marquez de los Velles

Anno 1641.

to as carroças ſe preveniaõ, e os mortos ſe retiravaõ. Voltou para o palacio do Embayxador de França, donde ſoccegado o rumor ſe retirou ao ſeu apoſento. A carroça do Embayxador de Caſtella eſteve dous dias feita pedaços no lugar da pendencia, ſem haver quem a recolheſſe: que tal era o deſacordo com que ficou o Marquez de los Velles, e a ſua familia. Veyo logo viſitar o Biſpo de Lamego da parte do Cardeal Barbarino hum gentil homem ſeu, agradeceo o Biſpo o comprimento ſem ſe queixar do ſucceſſo. Os Cardeaes da facçaõ de Caſtella, e todos os que ſeguiaõ aquelle partido, acudiraõ logo a caſa do Marquez de los Velles: á do Biſpo de Lamego vieraõ o Duque de Brechano, e muitos dos dependentes de França. O Cardeal Antonio montou a Cavallo, e ſegurou a Cidade com varios corpos de guarda, que repartio pelas ruas. No dia ſeguinte a eſte ſucceſſo determinou o Marquez de los Velles ſahir-ſe de Roma ſem dar conta ao Pontifice: porém perſuadiraõ-no os parciaes a que lhe fallaſſe, por naõ acreſcentar o juſto ſentimento com que eſtava da ſua demazia. Obrigado deſte conſelho pedio o Marquez audiencia, e uſando nella de pretextos apparentes para ſe ſahir de Roma, o Papa o deſpedio com breves, e graves palavras. Paſſou-ſe o Marquez para a Cidade de Aquila, e eſte ſeu retiro aggravou na oppiniaõ de todos mais o ſeu exceſſo, e fez de todo evidente a ſua imprudencia. O Biſpo de Lamego entendeo que deſte accidente havia de reſultar o bom ſucceſſo da ſua embayxada: ſupponendo, que naõ podia o Pontifice achar melhor ſatisfaçaõ do inſulto commettido pelo Marquez de los Velles em offenſa da ſua authoridade, e diſcredito da ſua palavra, que recebelo como Embayxador de Portugal. Sobre eſte bem fundado diſcurſo aſſentou as mais efficazes diligencias, applicou todas as negoceaçoens, multiplicou as mayores inſtancias: porém achando mais que nunca cerrados os ouvidos do Pontifice, negando-ſe a audiencia do Cardeal Barbarino a Pantaliaõ Rodrigues, e havendo recebido ordem delRey, que ſe paſſado hum anno de aſſiſtencia de Roma, que ſe contava em 20. de Outubro, a que eſtava proximo, naõ houveſſe conſeguido aceitar

Recolhe-ſe o Biſpo vitorioſo

Sahe de Roma o Marquez de los Velles.

o Sum-

o Summo Pontifice a Embayxada, se voltasse a Portugal, se resolveo por ultimo desengano a fazer huma supplica a Sua Santidade, cujas razoens eloquentes, e bem fundadas continhaõ todo o direito delRey á successaõ da Coroa de Portugal, a posse pacifica em que estava naõ só do Reyno, senaõ de todas as conquistas delle, a humildade, e promptidaõ com que mandára dar obediencia a Sua Santidade, que era passado hum anno sem poder conseguir audiencia, por haverem prevalecido as cavilosas diligencias dos Castelhanos, taõ poderosas, que obrigavaõ a Sua Santidade a negar a ElRey D. Joaõ, o que os Summos Pontifices seus gloriosos Predecessores haviaõ concedido naõ só a todos os Principes Christãos legitimos possuidores das suas Coroas, como elle era, mais ainda aos intrusos, hereges, e infieis, que se quizeraõ subjeitar a esta obsequiosa ceremonia: e que ficando ElRey com as diligencias, que havia feito, livre de escrupulo dos damnos, que ao espiritual do seu Reyno forçosamente haviaõ de resultar, esperava que estes corressem por conta, para a dar no Tribunal mais supremo, dos q̃ aconselhavaõ a Sua Santidade; e que além destas justificadas queixas, constando a ElRey a pouca segurança com que vivia naquella Corte, o mandava se voltasse a Portugal, naõ havendo conseguio audiencia até o fim do mez de Outubro, em que prefazia o termo de hum anno de Assistencia de Roma: porém que elle esperava, que Sua Santidade usando da sua piedosa grandeza quizesse conceder-lhe audiencia merecida de justiça, e remedio da aflicçaõ, que padecia Portugal de presente, e dos males que se temiaõ de futuro. Naõ foy de algum effeito esta ultima diligencia, respondendo o Cardeal Biche ao Bispo de Lamego por ordem do Summo Pontifice, que a Congregaçaõ dos Cardeaes havia determinado que a embayxada naõ fosse admittida, assim pelos accidentes de novo acontecidos, como porque tendo o Estado da Igreja guerra com o Duque de Parma, naõ podia pôr-se em risco de quebrar com os Castelhanos, guerra que seria mais formidavel ao Estado da Igreja pelo grande poder que ElRey Catholico tinha em Italia, e pela muita visinhança que havia de Na-

Anno 1641

Ultima supplica do Bispo Embayxador ao Papa.

Reposta ao Embayxador com desengano.

 poles

Anno 1641.

poles a Roma. Desenganado o Bispo com esta ultima determinaçaõ, se resolveo partir-se para Portugal. O Pontifice parecendo-lhe que suavisava os aggravos referidos com permittir ao Embayxador audiencia como Bispo de Lamego, lha mandou offerecer: nesta fórma naõ quiz elle aceitalla, dizendo, que naõ era aquelle o fim para que o seu Principe lhe entragára a commissaõ que trouxera. Partio-se tambem sem fazer ceremonia alguma com o Cardeal Francisco Barbarino: porque como estava com tanta razaõ queixoso, julgou que eraõ precisas todas as demonstraçoens, que fizessem mais publico o seu sentimento. Embarcou-se em Liorne, e em poucos dias chegou a Lisboa, onde as suas acçoens, ainda que com máo successo, lugráraõ o applauso que mereciaõ, por serem dispostas com grande valor, e prudencia. Durou-lhe pouco tempo a vida, e as suas virtudes fizeraõ geralmente sentida a sua morte.

Naõ admitte o Bispo audiencia como particular

Parte de Roma e chega a Portugal.

No mesmo tempo que succederaõ os varios casos de que temos dado noticia, havia ElRey solicitado todos os caminhos de segurar a defensa deste Reyno, e procurado juntamente trazer a elle todos os Portuguezes, que por varias partes andavaõ divididos em serviço del-Rey de Castella. Constando-lhe, que D. Rodrigo Lobo havia chegado com alguns navios a Cartagena de Indias, derrotado de hum temporal, havendo sahido de Lisboa dous annos antes por General de huma Armada que passou ao Brasil, e padecido os infortunios, que experimentou o Conde da Torre, quando intentou restaurar Pernambuco, e que com D. Rodrigo vinha embarcado Joaõ Rodrigues de Vasconsellos Conde de Castello-Melhor, e outros fidalgos dignos de toda a estimaçaõ, se resolveo a fazer-lhe aviso, e quiz na brevidade anticipar-se ao que de Castella se havia de mandar áquella parte, podendo resultar desta diligencia passar-se D. Rodrigo a Portugal sem embaraço. Elegeo para esta jornada a Joaõ Páes de Carvalho, habilitando-o assim ter capacidade, como haver estado muito tempo em Cartagena. Partio de Lisboa em huma caravella em cinco de Janeiro com vento prospero: chegou brevemente ás Ilhas de Barù, cinco legoas de

Diligencias del-Rey para se recolherem os fidalgos que estavão nas Indias.

de Cartagena; onde deixou a caravella, e passou a Cartagena em hum batel. Levava algumas cartas, que El-Rey mandou lançar sobre huns sinaes em branco, que se acharaõ delRey de Castella na Secretaria de Estado: levava outras assinadas pela Duqueza de Mantua, que firmou obrigada, ou do receyo ou das instancias. A confusaõ daquelle tempo occasionou o desacerto das cartas: porque suppondo-se que era General da frota de Indias Dom Jeronymo de Sandoval, que o havia sido, se lançáraõ as cartas em seu nome, e se puzeraõ para elle os sobrescritos das que lhe tocavaõ. Outras que hiaõ para Dom Rodrigo Lobo, continhaõ ordem para que viesse comboyando a frota, e que na altura das Ilhas acharia vinte fragatas de Dunquerque, que se haviaõ de encorporar com elle, para segurar a frota da Armada de França que a esperava. As cartas escritas a Dom Jeronymo eraõ ordens apertadas para que naõ embaraçasse o que se ordenava a D. Rodrigo Lobo. Tanto que Joaõ Páes chegou a Cartagena, fallou com D. Rodrigo, e deo-lhe a carta occulta que levava delRey, que continha a persuasaõ de se passar a Portugal, solicitando na jornada os mayores interesses que lhe fossem possiveis: porém faltando a prudencia necessaria em negocio taõ importante, e achando Joaõ Páes por General da frota a Francisco Dias Pimenta, que havia succedido a D. Jeronymo de Sandoval, pudera occulto dar a carta que levava delRey a D. Rodrigo, e voltar-se com as outras na caravella, sem damno nem perigo do segredo: mas o seu pouco recato fez patente a Francisco Dias Pimenta a sua chegada. Tanto que o soube o buscou, e solicitando as cartas que elle lhe deo sem resistencia, examinando nos erros dellas a cavilaçaõ das ordens, prendeo Joaõ Páes, e pondo-o a tormento, a poucos tratos confessou a diligencia a que vinha, e a mesma declaraçaõ fez logo D. Rodrigo Lobo, porque vendo descuberto o trato, quiz evitar prudentemente fazer-se suspeitoso; constando-lhe tambem que assim como chegára a caravella ás Ilhas, fora conhecida por embarcaçaõ de Portugal: erro que pudera evitar-se, mandando-se outra menos suspeitosa, que logo de Cartagena haviaõ

Anno 1641.

Prisão de João Páes de Carvalho.

Descobre-se o intento.

viaõ hido varias pessoas examinar a diligencia a que vinha, o que custou pouco trabalho, porque os remeiros, que leváraõ a Joaõ Paes no batel, tinhaõ referido aos Portuguezes, que encontrá aõ todo o successo da acclamaçaõ. Francisco Dias tanto que teve descuberto toda esta maquina, mandou buscar a caravella por alguns barcos, e a este rumor os que estavaõ nella prevenidos para qualquer accidente, leváraõ ancora, e deraõ á vella para Portugal sem offensa de algumas cargas que dos barcos lhe tiráraõ: Chegaraõ a Lisboa, e ficou ElRey com grande sentimento, sabendo delles o máo successo da sua jornada. Joaõ Páes foy sentenceado á morte, de que se livrou por quinhentas patacas, embargos que o puseraõ na rua sem mais exame do seu delito. As noticias da acclamaçaõ delRey alteráraõ os animos de quasi todos os Portuguezes, que havia em Cartagena, mostrando Deos em todas as partes do Mundo que com o remedio da Simpatia, duvidoso em outras feridas, determinava curar aquellas que os Castelhanos haviaõ feito nos animos dos Portuguezes sessenta annos que os domináraõ. Produzio o aviso de Joaõ Paes o mayor effeito no generoso coraçaõ do Conde de Castello-Melhor, e parecendo-lhe pequena empresa a de passar só a sua pessoa a Portugal, intentou outra tambem fabricada, que merecia melhor fortuna: porém as grandes empresas compoem-se de muitos instrumentos, naõ se ajustando nunca segredo communicado a muitas pessoas, e sendo o segredo a alma dos negocios, destruem-se, se se revela, e conserva-se poucas vezes, por naõ fazerem todos os instrumentos os movimentos iguaes.

Anno 1641.

No tempo em que o Conde de Castello-Melhor andava forjando as mayores Ideas, lhe offereceo a fortuna a occasiaõ que dezejava. Partio Francisco Dias Pimenta para Porto Bello com dez navios, a buscar a prata que naquelle anno havia de passar na frota a Hespanha: ficaraõ surtos no porto de Cartagena quatro grandes galeões, que eraõ as Capitánias, e Almeirantes de Portugal, e Castella; e o presidio que ficou em Cartagena, constava a mayor parte de Infantaria Portugueza: estas disposiçoens

Empresa heroyca do Conde de Castello. Melhor

çoens foraõ materia ao fogo em que ardia o Conde de Castello-Melhor por acrescentar a sua oppiniaõ, taõ taõ semelhante ao mesmo fogo, que se apaga se senaõ fomenta. Formou o Conde comsigo as Ideas seguinte, e ajustou-as com o seu discurso, muito capaz Conselheiro de negocio de tanto pezo; primeiro que se resolvesse a communicallas a outra pessoa. Discursou que os quatro navios que ficáraõ surtos, estavaõ sem guarniçaõ; que introduzir-lha dos Portuguezes que se achavaõ em Cartagena, era muito facil, e pouco difficil persuadillos com as instancias dos Capitaens que julgava dispostos á sua ordem para emprenderem huma acçaõ de tanta gloria, e utilidade. Dispunha mais, que os mantimentos, e muniçoens necessarias para o provimento dos navios, poderia facilmente tirar dos muitos, que estavaõ recolhidos no Arrabalde da Cidade chamado; Gessamaní: porque depois de ganhados os Officiaes, e soldados Infantes, julgava que seria facil interprender o Arrabalde, e favorecendo a fortuna o intento, ganhar a Cidade: e que quando se mostrasse difficultosa esta ultima empresa, lhe bastavaõ para o que intentava as muniçoens e mantimentos que havia de tirar do Arrabalde. E porque o forte de Saõ Filippe que dominava a Cidade e defendia a Barra, podia ser embaraço á empresa, e offensa aos navios, determinava valerosamente o Conde de o ganhar na mesma hora que tivesse disposto o assalto do Arrabalde: e para conseguir a empresa, dispunha introduzir-se na fortaleza na fórma que muitas vezes costumava ir a ella, que era com seus camaradas e criados a conversar naquelle sitio as horas desoccupadas. Era este numero de gente superior á pequena guarniçaõ da fortaleza; e esta constava quasi toda de soldados Portuguezes, e por este respeito tinha o Conde por infallivel conseguir o effeito que dezejava. E levantando-se mais o remontado voo de seu espirito, suppunha empresa facil, únidos os fios de todo este tear, achando-se com os quatro navios bem guarnecidos superior ao poder que Francisco Dias Pimenta trazia na volta de Porto Bello para Cartagena, investillo, e ganhados os navios carregados de prata entrar com

Anno 1641.

triunfo

Anno 6141.

triunfo e com despojo em Lisboa de tanta importancia, e taõ valerosamente conseguido, que toda a prata que os galeoens trouxessem, seria pouca para lhe fabricarem estatuas. Formado este discurso, passou logo o Conde á execuçaõ, e a primeira pessoa a quem communicou o seu intento, foy a D. Rodrigo Lobo, o qual achou valerosamente disposto a tentar a empresa, e a procurar todos os caminhos de conseguilla. Depois de examinarem as difficuldades, se ajustáraõ na disposiçaõ seguinte. Estavaõ alojados na Cidade os Capitaens Antonio de Azevedo, Antonio Rebello Falcaõ, e Antonio Raposo, sem os quaes senaõ podia conseguir o intento proposto. Suppoz o Conde que tres Antonios era felice vaticinio, e naõ podiaõ faltar á fé Portugueza: encommendou ao Capitaõ Pedro Jaquez de Magalhaens, em cujo valor, e destreza punha arrezoadamente a mayor confiança, que persuadisse a Antonio de Azevedo obrigado ao Conde assim na melhora de posto, como no remedio das faltas de cabedal; porque na persuasaõ deste julgava que consistia a dos dous camaradas, conhecidamente governados pela sua direcçaõ. Fez Pedro Jaquez com tanta efficacia a diligencia, que trouxe Antonio de Azevedo diante do Conde depois de o instruir em tudo o que estava disposto: porém Antonio de Azevedo respondeo ao Conde taõ friamente e com tanta turbaçaõ, que Pedro Jaquez foy de parecer que o matassem logo, o que o Conde naõ consentio, assim pela sua grande christandade, como por se fiar em que elle prometteo de persuadir os dous Capitaens seus camaradas, que logo disse hia pôr por obra: porém ou instruidos por elle, ou introduzindo-lhe a grandeza da acçaõ o medo (taõ perigoso hospede nos coraçoens dos homens, q̃ quebra as leys da hospitalidade com todas as virtudes que acha nelles) de tal modo ficou exercitando este dominio em todos os tres Capitaens, que se resolveo Antonio de Azevedo, concordando com os dous, naõ só a se desviar da empresa, mas a entregar nas mãos de seus inimigos os amigos e naturaes, a que era por tantas rasoens obrigado.

Cõmunica o intento a D. Rodrigo Lobo que o approva.

Encarrega a Pedro Jaquez as diligencias.

Descobre o trato Antonio de Azevedo.

Ao amanhecer de 29. de Agosto foy buscar ao Sargento Mór D. Antonio Maldonado Texada, que governava

vernava a Cidade, e a D. Francisco Cartejon, que servia de Almirante da Armada, aos quaes descobrio tudo quanto Pedro Jaquez lhe havia fiado. Os Castelhanos sem mais outra averiguaçaõ determináraõ prender ao Conde de Castello-Melhor, a Pedro Jaquez, e a seus camaradas: e para o executar sem perigo da guarniçaõ Portugueza, fingíraõ que chegára aviso de que appareciaõ oitenta navios Olandezes, e por este supposto temor mandáraõ tomar as armas á guarniçaõ Castelhana, e aos moradores, e ordenáraõ aos Portuguezes que naõ sahissem de seus quarteis sem segunda ordem. Seguros deste receyo prenderaõ ao Conde de Castello-Melhor, a Pedro Jaquez de Magalhaens, Jorge Furtado de Mendonça. D. Luiz de Abranches, Antonio de Mello, camaradas do Conde, e aos seus criados. Prendéraõ tambem a Pedro Gonsalves Rotéa Capitaõ de Mar e Guerra da Capitania de Castella. Sem formar processo, nem interpor dilaçaõ, chamáraõ a perguntas a Pedro Jaquez diante dos Juizes, que elegéraõ para o exame do delicto, estando presente Antonio de Azevedo: o qual dizendo primeiro que era Christão, e que se naõ poderia crer que levantasse testimunhos, referio que Pedro Jaquez havia hido duas noytes a sua casa, a primeira a lhe propôr quanto elle havia declarado, a segunda a saber se estavaõ seus camaradas persuadidos. Depois de acabar toda a confissaõ, que indignamente fez, lhe respondeo Pedro Jaquez, sem se perturbar, huma taõ generosa mentira, que com o valor e juizo superiores ao perigo, acreditou o defeito de haver encontrado a verdade. Disse que Antonio de Azevedo mentia em quanto havia relatado e que mayor culpa que a elle, punha aos Juizes, pois davaõ credito a hum homem taõ vil, que sempre costumára encaminhar as suas acçoens pelos delirios do vinho, e que se respondesse em fórma ao que lhe perguntasse, estava certo que a verdade o poria a elle livre, e faria a Antonio de Azevedo delinquente; e continuou dizendo a Antonio de Azevedo: Naõ podeis negar com verdade que eu fuy a vossa casa dizer-vos que naõ pertendesseis huma Dama, que eu solicitava, e vós conheceis, porque era empenho a que eu prometesse

Anno 1641.

Prisaõ do Conde e outros fidalgos.

Resposta generosa de Pedro Jaquez.

Anno 1641.

mettestes de executar o que vos advertia, fez-vos descuidar a continuaçaõ do vinho da palavra que me tinheis dado; tornay segunda noute a tratar-vos como mereceis, e a desafiar-vos, fizestes zombaria do descredito, naõ querendo sahir ao campo, e fazendo-vos pezo terdes perdido a opiniaõ, quizestes restaurar huma infamia com outra infamia, intentando com os vossos testimunhos que as mãos da justiça vingassem em mim o que naõ pudéraõ as vossas mãos. Ficou atonito Antonio de Azevedo, e naõ soube responder huma só palavra, e confundiraõ-se de sórte os Juizes, e os que ouviraõ naõ só as razoens de Pedro Jaquez, senaõ aconstancia, e resoluçaõ com que as proferio, que mandáraõ recolhê-lo á prisaõ, e tomáraõ por expediente pôr a tormento Antonio Rodrigues seu criado, e a Jacinto Lobo, q̃ o era do Conde de Castello-Melhor. Faltou nestes o valor para sustentar o segredo á vista do tormento, confessáraõ tudo o q̃ sabiaõ, q̃ bastou para aggravar a culpa dos que estavaõ presos, e tiveraõ os Juizes estes indicios por bastantes para dar tratos a Pedro Jaquez; os quaes foraõ de qualidade, que parece que sustentar a vida foy divida particular ao favor divino, que assistio ao seu valor: porque constantemente naõ pronunciou mais palavras, que aquellas que foraõ necessarias para a defensa do Conde, ganhando, na constancia com que padeceo o tormento, immortal credito na memoria dos homens. Depois de curado o sentenceáraõ em dez annos de degredo fóra de Cartagena, e seu districto. Tanto que se lhe offereceo occasiaõ, passou a Cadiz, de Cadiz a Lisboa: fez-lhe ElRey merce de huma Cõmenda, e fez depois nos grandes postos que occupou, facçoens taõ signaladas, como largamente referiremos nesta historia.

Tratos rigorosos de Pedro Jaquez.

Passa a Lisboa, faz lhe ElRey merce.

Poucos dias depois da prisaõ do Conde, chegou de Porto-Bello Francisco Dias Pimenta, e querendo mostrar no rigor a pouca attençaõ, que tinha ao sangue Portuguez de q̃ se alimentava, mandou occultamente trazer o Conde de Castello-Melhor ao Castello de Saõ Filippe, e naõ achando na sua confissaõ mais que repetidas queixas do injusto procedimento, que com elle se usava, o

remet-

remetteo ao Auditor da Armada D. Francisco Regi com dous Ouvidores por adjuntos, sem attender a que naõ tinha jurisdiçaõ para sentenciar hum Titulo de Portugal sem differença nas preminencias aos Grandes de Castella, cujas culpas reservárão os Reys para Tribunal mais supremo. Formáraõ o processo os Juizes nomeados, e sentenciáraõ o Conde á morte, condenando-o primeiro a levar tratos, esperando que a confissaõ do Conde nos tratos fizesse mais justificada a sua sentença; ou descobrisse algumas pessoas a que elle tivesse communicado aquella resoluçaõ. Antes que a sentença se publicasse, ordenou Francisco Dias Pimenta que se embarcassem na Armada todos os Portuguezes, que havia em Cartagena, receando que a vista do espectaculo os obrigasse a depôr a obediencia. Depois de embarcados, leo hum escrivaõ a sentença ao Conde, de que appellou, mostrando a nullidade nas prerogativas do Titulo: naõ lhe valéraõ os embargos, e a onze de Outubro, juntos todos os Juizes a que assistia D. Francisco Cartajon, acerrimo inimigo dos Portuguezes, presente o Conde, lhe disse o Auditor, que estava na sua maõ livrar-se dos tratos, descobrindo os complices, por naõ padecer a morte mais penosa, a que sem appellaçaõ o tinhaõ condenado. Respondeo o Conde constantemente, que a jurisdiçaõ que elles tomavaõ, naõ passava dos limites do Corpo á liberdade da Alma: que quanto mais infallivel era durar-lhe pouco a vida, tanto mais efficazmente devia tratar da immortalidade, naõ condenando a quem o naõ merecia. Na resoluçaõ da resposta do Conde entenderaõ os Juizes que era infructuosa a efficacia das palavras, e remettéraõ ás obras o desaffogo da paixaõ com que procediaõ: fizeraõ despir o Conde, e apurando nelle o mais intimo do rigor, lhe deraõ sete tratos, ministros que obrigavaõ a execuçaõ com outros tormentos: padeceo-os sem pronunciar outra palavra mais que as que julgou necessarias para implorar o soccorro divino. Vendo os Juizes que superava a constancia do Conde os repetidos golpes dos cordeis, mandáraõ affroxá-los, e recolhendo-o á prisaõ, o entregáraõ a Cirurgioens com taõ pouca noticia daquella arte, que seraõ novos

Anno 1641.

Sentencea se o Conde à morte, dando se lhe primeiro tormẽto.

novos verdugos, aggravando-lhe as feridas com os remedios. D. Rodrigo Lobo impaciente com a noticia do que o Conde padecia, buscou Francisco Dias Pimenta, e perguntando-lhe com as razoens, que costuma a desconcertar a paixaõ, quem lhe dera poder para proceder contra hum Titulo de Portugal, Francisco Dias lhe respondeo que a resoluçaõ com que fallava o fazia suspeitoso: com a maõ na espada quiz Dom Rodrigo justificar a sua fidelidade, prendeo-o Francisco Dias, trouxe-o na frota a Madrid, onde foy solto; passou-se a Portugal, e durou-lhe pouco tempo a vida. Os Castelhanos publicáraõ que o Conde confessára o delicto no tormento, a fim de obrigarem com esta invençaõ a que alguns Portuguezes se ausentassem, para ficarem por este caminho descubertos os complices: foy a traça infructuosa, e deixando o Conde na prisaõ, se partio Francisco Dias Pimenta para Hespanha, livre do cuidado, que lhe davaõ os muitos Portuguezes, que levava na frota. Chegando a Cartagena, antes de se partir a Infantaria Castelhana, que sahio da Bahia depois de acclamado ElRey, como fica referido, com a qual reforçou a guarniçaõ dos navios de guerra, repartindo os Portuguezes por todos os da frota, levou Francisco Dias no seu galeaõ a Jorge Furtado de Mendóça, a quem permittiraõ que passasse a Madrid com a appellaçaõ do Conde, que lhe aceitáraõ os Juizes, reconhecendo o pouco poder que tinhaõ para o sentenciar á morte. Fez Jorge Furtado em Madrid toda a diligencia, que lhe foy possivel, pela liberdade do Conde: passou-se, depois delle a conseguir, a Inglaterra, e de Londres a Portugal. Os mais camaradas do Conde, e os seus criados foraõ tambem soltos. Antonio de Azevedo mal satisfeito passou a Hespanha, onde sem recompensa alguma acabou a vida vil, e pobremente; sendo até aos que recebem beneficios desta qualidade pezados, e abominaveis os infames autores delles. O Conde mal saõ das feridas se arrojou a novo intento: quiz levantar-se com o Castello onde estava prezo; teve ganhados alguns soldados por intelligencia do Padre Frey Ambrosio do Espirito Santo da Ordem de Saõ Bento seu Confessor, que havia trazido

Anno 1641

Acçaõ valerosa de D. Rodrigo Lobo, e volta a Portugal.

Fim miseravel de Antonio de Azevedo.

do da Bahia. Determinava ganhar o Castello ajudado de alguns soldados, que havia grangeado, e conseguir navio para se passar a Portugal: mas como o intento era grande e os meyos pouco proporcionados, se desvaneceo, e ficou o Conde só alimentado da esperança de hum aviso que havia feito a ElRey por dous Alferes, hum chamado Antonio de Abreo, outro Domingos da Sylva, os quaes passárão a Cadiz occultos na frota, e de Cadiz sem perigo a Lisboa; derão noticia a ElRey de tudo o que o Conde padecera, e sofria por seu serviço.

Anno 1641.

Achou-se ElRey obrigado á satisfação de tantas finezas, e persuadido juntamente da politica de obrigar com a boa correspondencia a mayores empresas os valerosos animos de seus Vassallos; mandou logo aprestar hum navio, dando calor á brevidade o animo varonil da Condeça de Castello-Melhor, hoje Marqueza do mesmo Titulo, que em muitas acçoens grandes tem mostrado que andão nella iguaes o valor, e a Prudencia. Dentro de poucos dias deo á véla com os dous Alferes, que levavão ordem de procurar por todos os caminhos a liberdade do Conde, e largas promessas se a conseguissem. Em quarenta dias lançárão ferro na ponta da Canoa, onze legoas de Cartagena: saltou em terra Antonio de Abreo, caminhou para a Cidade, e occulto buscou a casa de Frey Ambrosio sem ser visto de outra pessoa: fallou com elle, e lhe communicou o intento que levava. Fr. Ambrosio não querendo dilatar o alivio á afflicção que o Conde padecia, tendo-lhe prohibido o poder fallar-lhe, lhe mandou dizer por hum criado que unicamente o servia, que lhe desse alviçaras. Esta noticia sem outra distinção deixou ao Conde alentado; e confuso. Não lhe durou muitos dias o embaraço, porque Fr. Ambrosio soube conseguir o cõmunicar-se com elle. Era governador da Cidade D. Ortunho de Aldape Biscainho, grande inimigo dos Portuguezes: havia tirado ao Conde com as noticias de que queria fugir, não só os criados mas o Confessor. Fr. Ambrosio reconhecendo a miseria do Biscainho, a que era conhecidamente subjeito, lhe armou com o receyo do gasto, e o obrigou a cahir no laço facilmente. Sustentava-se o

Manda ElRey hum navio para livrar o Conde.

Anno 1641.

Conde das eſmollas, que Fr. Ambroſio lhe grangeava. Publicou Fr. Ambroſio, que ſe partia para Caracas, pois lhe naõ permittiaõ, que confeſſaſſe o Conde, dizendo que era impiedade de que até os infieis ſe abſtrahiaõ. Soube o Governador a ſua reſoluçaõ, e vendo que auſente Frey Ambroſio havia de correr forçoſamente o ſuſtento do Cõde por ſua conta, achou mais facil a permiſſaõ que o diſpendio, e concedeo licença a Fr. Ambroſio para entrar a fallar ao Conde todas as vezes, que lhe pareceſſe, naõ querendo arriſcalo a ſegunda tentaçaõ de auſentar-ſe. Tanto que Fr. Ambroſio teve eſta permiſſaõ, entrou no Caſtello, e communicou ao Conde a vinda, e o intento dos dous Alferes. Conferíraõ o modo com que ſe podia conſeguir romperem os muitos laços daquella priſaõ, e vieraõ a ajuſtar que naõ podiaõ lugrar eſte intento ſem perſuadir a tres ſoldados, hum Caſtelhano chamado Antonio Ruiz, natural de Sevilha, e dous Portuguezes, hum cujo nome era Antonio Ferreira natural de Santarem, outro Barnabe Caldeira de Villa-Viçoſa. Fallou-lhes Fr. Ambroſio, e todos promettéraõ ſegredo, e execuçaõ, obrigados da liberalidade com que o Conde antecedentemente os havia tratado, e deſta ſórte vieraõ a ſer autores deſta acçaõ os dous mayores oppoſtos, a liberalidade, e a miſeria; porque ſe o Governador naõ fora miſeravel, naõ entrára Fr. Ambroſio a fallar ao Conde, e ſe o Conde naõ fora liberal, naõ achára hum Caſtelhano e dous Portuguezes, que arriſcaſſem a vida pela ſua liberdade. E deſta propoſiçaõ ſe póde facilmente tirar a conſequencia de que he tal a virtude da liberalidade, que he melhor ſer priſioneyro liberal, que Governador miſeravel. Parece que diſpunha Deos, a fugida do Conde por meyos extraordinarios. Informado Antonio de Abreu de Fr. Ambroſio de tudo o que havia conſeguido, e diſpondo ambos a traça para ſe executar a liberdade do Conde, ſahio Antonio de Abreu da Cidade por huma parte occulta, e paſſou em huma canoa ás Ilhas de Barù, aonde havia concertado com Domingos da Sylva, que o eſperaſſe no navio. Chegou ás Ilhas, e achou o navio rendido a huma fragata Olandeza, que andando a coſſo o encontrou

Dá Fr. Ambroſio ao Conde eſta noticia.

Effeitos da liberalidade, e da miſeria.

trou a caſo. Domingos da Sylva na deſeſperaçaõ de ver baldada tanta diligencia havia communicado ao Pirata o negocio a que ElRey o mandava: mas ſem embargo de juſtificar com os paſſaportes a ſua verdade, prevalecéra com o Pirata a ambiçaõ da preſa, ſenaõ fora mais poderoſa a fortuna do Conde; que dando-lhe neſte ſucceſſo por Deidade tutelar a liberalidade; tanto que chegou Antonio de Abreu, concordando a ſua noticia com a de Domingos da Sylva, ſe obrigou generoſamente o Pirata a trocar os intereſſes pela gloria da empreſa. Prometteo a Antonio de Abreu de lhe aſſiſtir até o ultimo alento, e executou-o com tanta verdade, que foy a ſua galharda reſoluçaõ o mais util inſtrumento deſta maquina. Conferindo com elle, e com Domingos da Sylva Antonio de Abreu tudo o que deixava diſpoſto, voltou a terra, e occultando-ſe na eſpeſſura de hum mato viſinho á Cidade, onde eſteve alguns dias, entrou de noute a fallar a Fr. Ambroſio, e deixou-lhe eſcrita huma carta para o Conde na qual lhe dava conta de tudo o que havia paſſado, e o perſuadia á brevidade da execuçaõ. Eſta carta por naõ imaginado accidente pudera ſer a deſtruiçaõ de todo o intento: porque Fr. Ambroſio pouco advertido, retirando-ſe Antonio de Abreu para o matto, chegando-lhe huma carta do Conde para huma ſenhora daquella Cidade a que devia grandes aſſiſtencias na ſua priſaõ, trocou por deſacerto as cartas, e mandando ao Conde a meſma que havia eſcrito, remetteo a de Antonio de Abreu, que hia para o Conde, a eſta ſenhora com quem elle ſe correſpondia. Abrio-a ella, e achando na carta todo o ſegredo da empreza, ſe reſolveo generoſamente a occultalo. Eſcreveo ao Conde, culpando a pouca attençaõ de Fr. Ambroſio, remetteo lhe a carta de Antonio de Abreu, e ſegurou-lhe o ſegredo, o qual guardou inviolavelmente. Merecia eſta generoſa acçaõ naõ deixar-mos em ſilencio o nome deſta ſenhora: porém como ainda vive, naõ he razaõ que deſcobrindo o que executou, poſſa ella perigar pelo meſmo caminho que ſoube grangear os mayores louvores. Paſſado eſte ſobreſalto, veyo Fr. Ambroſio, e Antonio de Abreu a ajuſtar por ordem do Conde o tempo

Anno 1641.

Toma hũa fragata Olandeza o navio.

Reſolve o Capitaõ aſſiſtir à empreſa.

Deſcuido de Fr. Ambroſio.

Fidelidade generoſa de humã ſenhora Caſtelhana.

mais adequado de conſeguir o que intentavaõ. Chegou a occaſiaõ, e foy o dia, em que os tres ſoldados referidos entráraõ de guarda á peſſoa do Conde: e ſem embargo de que havia feito algum rumor na Cidade chegarem os navios a Boca Chica, huma das tres barras della, teve a liberdade do Conde felice execuçaõ em 16. de Junho. Sahio Fr. Ambroſio de Cartagena com hum criado do Conde, e nove Portuguezes reduzidos a ter parte na empreſa: embarcáraõ-ſe todos em huma lancha, na qual os eſperava Domingos da Sylva, e amparados com o eſcuro da noyte aguardáraõ hum ſinal, que os do Caſtello haviaõ promettido fazer. Tocou a hora de entrar de ſintinela ao Conde a Barnabe Caldeira, e andar de ronda a Antonio Ruiz: ſahio o Conde com elles, ſem ſer ſentido dos ſoldados, que dormiaõ á porta da priſaõ, por entre os quaes paſſáraõ, e buſcando o poſto em que eſtava de ſintinela Antonio Ferreira, fizeraõ com o fogo de hum murraõ aos que eſtavaõ na lancha o ſinal concertado: reconhecendo-o, ſaltáraõ brevemente em terra, e ſe chegáraõ ao pé da muralha. Sem interpôr dilaçaõ, perigoſa em tanto aperto, atáraõ os do Caſtello huma corda ao reparo de huma peça de artilharia, e lançando-ſe primeiro por ella dous criados do Conde, para examinar a ſua ſegurança, achando-a firme, baixou o Conde com grande trabalho por lhe ficar dos tratos aleijada a maõ eſquerda: fizeraõ a meſma diligencia os tres ſoldados, e unidos os que deceraõ aos que eſperavaõ, ſe embarcáraõ na lancha, e brevemente ſe introduzíraõ em o navio Olandez, que o Conde elegeu para a viagem, havendo-ſe unido a eſte outro da meſma conſerva.

Anno 6141.

Fugida admiravel do Conde

Vinha rompendo a manhãa, e ao mudar das ſintinelas ſentíraõ os do Caſtello a falta do Conde: diſparáraõ huma peça para que da Cidade ſe fizeſſe mais prompta diligencia: acudio o Governador ao rebate, e para que tiveſſe mayor motivo de pena, foy a tempo que vio paſſar por junto da Cidade os tres navios, largas as vélas, tremolando as fiamulas, e ſoltos os galhardetes, as armas de Portugal arvoradas, as de Caſtella (prevençaõ dos Piratas Olandezes) arraſtando, a artilharia e

moſque-

mosquetes alternando-se com repetidas cargas, ouvindo-se na pauza dellas as alegres vozes dos que partindo solemnizavaõ a felicidade que conseguiaõ. Seguíram os navios a viagem deixando a terra, e a poucas sangraduras experimentáraõ o tempo contrario, que facilmente muda da condiçaõ coroando-se da inconstancia. Cresceo de sorte a tormenta, que aberto o navio Portuguez se foy apique. Entre acompaixaõ do naufragio rendeo o Conde a Deos as graças da sua felicidade; porque foy necessario que o navio Olandez em que elle se embarcou, viesse áquelles máres com fim taõ diverso, e que aquelle Pirata se resolvesse sem conveniencia alguma a ajudalo, para naõ ser o Mar que buscava por remedio, sepulcro da vida que livrára da contingencia em que estava na prisaõ: porque, ainda que he certo que quem trouxe os Olandezes, pudera suspender a tormenta ou sustentar o navio, mostra Deos os effeitos, e naõ permitte á ignorancia dos homens reconhecer as causas. Passada a tormenta, seguindo a viagem encontráraõ huma fragata Castelhana, que caminhava com varias mercadorias na volta de Cartagena: rendéraõ-na, e dividindo os Castelhanos pelos dous navios, a guarnecéraõ com marinheiros Olandezes. Alegres da presa camináraõ dous dias, entrou-lhe segundo temporal taõ rijo que meteo apique a fragata Castelhana. Naõ sey se fora facil aos mais scientes Mathematicos reconhecer para a prevençaõ do perigo este desconcerto das estrellas? De maneira que os Olandezes que cantavaõ a gloria de vencedores, foraõ os de que na tormenta triunfou a morte, e os Castelhanos que choravaõ a desgraça de se verem prisioneiros, acháraõ nella a conservaçaõ das vidas. Razaõ era que estes exemplos desenganassem aos que temerariamente querem antever os futuros. O navio em que hia o Conde, teve evidente perigo, roto o leme, e quebrado o mastro grande: no mayor conflicto entrou no Porto das Palmas, havendo perdido de vista o outro navio. Concertou-se este o melhor que lhe foy possivel, e largando os Castelhanos; passáraõ a Tortuga, habitaçaõ de Francezes, onde foraõ hospedados com toda a urbanidade, e reparando o navio

Anno 1641.

Perde-se o navio Portuguez.

Rendem huma fragata Castelhana.

Ponderaçaõ sobre as variedades deste successos

Anno 1641.

fizeraõ viagem, e sem mais contradiçaõ entráraõ em Lisboa. Desembarcou o Conde, foy recebido delRey com todas as demonstraçoens, e satisfaçaõ que requeira o seu merecimento: disse-lhe que se apurára como o ouro na fornalha (Comparaçaõ da Escritura) e outras palavras em que os Principes tem o mayor thesouro, se sabem, e querem usar dellas. Fez ElRey merce ao Conde do Titulo em duas vidas mais, e nas mesmas os bens da Coroa e Ordens, e de huma Commenda de mil cruzados: nomeou-o do seu Conselho de guerra, e Governador das Armas da Provincia de Entre Douro, e Minho, onde adquirio com acçoens novas mayor merecimento. A Fr. Ambrosio deo oitenta mil reis de pensaõ em hum Bispado, aos mais satisfez com tenças, habitos, e postos. Ao Capitaõ Olandez premiou com seis mil cruzados, huma cadea de ouro, e huma medalha com o seu Retrato. O Conde lhe deo dous mil cruzados, com que foy satisfeito e todos como merecéraõ ficáraõ premiados.

Entra o Conde em Lisboa, he recebido delRey com grandes honras e merces

Premio que se deo ao Capitaõ Olandez.

Antes que entremos nas primeiras acçoens da guerra, donde a historia tomarà fio, para sahir o menos que for possivel da ordem dos annos, determino de me desembaraçar na forma proposta de todos os casos grandes que dependéraõ da Acclamaçaõ, ainda que o effeito se dilatasse: porque como naõ tecem a historia troncados, pudéraõ ficar confusa se os dividisse, e qualquer delles tem tanto que ponderar, que merecia particular volume, principalmente este que agora dará exercicio á penna, pois veremos lastimosamente hum Principe vendido, e hum Emperador comprado, sendo o Principe innocente, e o Emperador ambicioso, ministrando estes desconcertos por ordem de hum Rey esquecido do titulo de Catholico; homens que depuzeraõ as obrigaçoens do sangue, e os empenhos da Patria, escurecendo acçoens muito gloriosas, com as quaes haviaõ resplandecido no Mundo. Succedeo o caso da sórte seguinte. O Serenissimo Infante D. Duarte Irmaõ delRey D. Joaõ passou a Alemanha a servir o Emperador Fernando III. tanto q̃ teve idade para esmaltar cõ o nobre exercicio das armas o esclarecido sangue herdados dos Reys seus gloriosos Avós. Quando ElRey acclamado

Successos do senhor Infante D. Duarte.

clamado, exercitava o posto de Sargento General de Batalha, com acçoens taõ sinaladas, que unidas á affabilidade do trato, e a outras excellentes virtudes, conseguia a estimaçaõ do Emperador, e era emprego dos olhos, e do affecto de todo o exercito. Havia-se achado nas occasioens de mayor importancia do Imperio, quando as Armas de Suecia o tiveraõ mais opprimido, assistindo familiarmente ao Conde Mathias Galaço nomeado pelo Emperador por Tenente General de seu filho primogenito Fernando Rey de Boemia, e ajudando-o a lançar os Suecos do Imperio, os quaes governados pelo Duque de Uveymar depois da morte delRey de Suecia tinhaõ occupado a mayor parte delle, sendo desta recuperaçaõ o Conde Galaço o Autor mais digno, e o Infante o Executor mais valeroso das suas ordens. Estes successos merecedores de immortal memoria escreveo o Infante em hũa relaçaõ de estylo taõ levantado, de lingoagem taõ ecellente, de termos milateres taõ proprios, e de juizos, e conceitos taõ superiores, que naõ só pode competir, mas exceder a tudo quanto tem escrito as pennas melhor aparadas. Conserva-se este papel da propria letra do Infante na livraria de Luiz de Sousa filho II. do Conde de Miranda, Cappelaõ Mór do Principe D. Pedro, e Arcebispo de Lisboa, que com muito lonvavel curiosidade perigrinou depois de sahir de Roma, só por escolher em toda Europa os melhores livros, conseguindo juntar a mayor livraria deste Reyno. Acabada a Campanha do anno de 1640. no mez de Dezembro, aquartellando-se o exercito, ficou o Infante alojado na Suevia, tres legoas de Ulma. Chegou aos Ministros de Castella primeiro o aviso da acclamaçaõ: que ao Infante. Publicou-se em Lisboa que Francisco de Lucena havia sido origem deste desacerto por antiguas differençoens mal affecto a o Infante: porém o descuido delRey padeceo no juizo dos homens a mayor condenaçaõ, julgando que materias desta qualidade naõ se deviaõ fiar de outra diligencia, sendo preciso avisar a seu Irmaõ pela pessoa mais confidente, a tempo que elle se pudesse sahir do Imperio sem perigo dos Ministros de Castella, que era certo haverem de romper na sua pessoa

Anno 1641.

Anno 1641.

todos os impulsos da ira de verem separado o Reyno de Portugal daquella Monarquia: porém a fatalidade que conduzio á morte este innocente Principe, dispoz que se desconcertassem todos os instrumentos da sua liberdade. Assistia na Corte do Emperador por Plenipotenciario delRey Catholico Dom Francisco de Mello, a quem honrou a natureza com o Real sangue da Casa de Bargança; mas variando nelle o effeito de correr pelas veas, foy o motivo mais principal da ruina do Infante, esquecido dos beneficios que devia á Casa de Bargança, ou trocando-os pelas dependencias no Conde de Olivares. Chegou-lhe de Madrid a nova dos successos de Portugal, e ordem para procurar por todas as vias a prisaõ do Infante, entendendo-se em Madrid justamente, que em se lugrar este intento se tirava a Portugal a melhor defensa, por concorrerem no Infante todas as virtudes de hum Principe politico, e de hum Capitaõ experimentado. Tratou D. Francisco de dar á execuçaõ a ordem de Castella, e naõ perdoou para este effeito a negoceaçaõ alguma: communicou o que intentava a alguns Hespanhoes, os quaes achou de oppiniaõ contraria, parecendo-lhes impossivel que o Emperador se persuadisse a cooperar em hum trato taõ dobre: porém como nunca faltaõ sequazes á maldade, achou Dom Francisco dispostos para este fim o Padre Fr. Diogo quiroga confessor do Emperador, e o Doutor Navarro Secretario da Emperatriz. Com a diligencia destes dous Ministros se começou a fomentar a negoceaçaõ, e julgando Dom Francisco qualquer dilaçaõ perigosa, pedio audiencia ao Emperador, e propoz-lhe com grande efficacia a noticia, que havia tido de Madrid da alteraçaõ de Portugal, e quanto convinha aos interesses da Casa de Austria a prisaõ do Infante; porque faltando na sua pessoa aos Portuguezes Capitaõ, e á Coroa mais hum Successor, vendo divertida a mayor circunstancia da sua rebelliaõ, seriaõ faceis de reduzir á obediencia delRey Catholico, podendo resultar do contrario mayor contumacia na guerra mais perigosa, e de mais relevantes consequencias que podia ter a Casa de Austria: porque tocando taõ vivamente no coraçaõ de Hespanha, forçosamente

Diligencias de D. Francisco de Mello sobre a prisaõ do senhor Infante.

Proposta ao Emperador, e sua reposta.

mente pela uniaõ antigua, e inſeparavel havia de tocar ao Imperio o meſmo damno. Moſtrou o Emperador grande ſentimento deſta propoſta, dizendo que preferia a todos os intereſſes naõ violar a immunidade do Imperio, e naõ quebrar as leys da hoſpitalidade: que o Infante eſtando em Alemanha naõ tinha culpas nos ſucceſſos de Portugal, e que as ſuas acçoens em beneficio daquella Coroa mereciaõ differente recompenſa. Ajudou eſta reſoluçaõ o Arquiduque Leopoldo Irmaõ do Emperador, a quem ſe communicou eſta materia, proteſtando que conſentir-ſe na priſaõ do Infante ſeria a mayor infidelidade, e a mais abominavel ingratidaõ; pois ſe offendia a innocencia, e ſe caſtigava o merecimento. Naõ deſmayáraõ as diligencias dos Miniſtros de Caſtella com o máo ſucceſſo deſte primeiro combate: fizeraõ medianeiros com os Miniſtros do Emperador os dobroens de Heſpanha, com os quaes em muitas occaſioens tem os Caſtelhanos perſuadido os animos mais obſtinados. Ganháraõ o Conde Traumeſtorff, parecer que ouvia o Emperador, e com eſte outros ſubjeito importantes para conſeguir o que intentavaõ.

Anno 1641.

Voto do Archiduque Leopoldo.

Rompeo-ſe na Corte a indigna diligencia que faziaõ, e eraõ contrarios a ella todos os deſintereſſados, clamando pela liberdade do Imperio. Vacilava o animo do Emperador entre huma, e outra oppiniaõ: porém combatido com o ultimo esforço ſe rendeo á caviloſa induſtria dos Caſtelhanos. Preveníraõ elles a Emperatriz, e facilmente a perſuadíraõ ao ſeu parecer: prometteo a judalos, e o executou com tanta deſtreza, que depois de ſe moſtrar ao Emperador muito afflicta da moleſtia que padecia neſte caſo, lhe aconſelhou que ſe livraſſe de eſcrupulo, ſeguindo o parecer do ſeu confeſſor. Subjeitou-ſe o mal acautellado Principe filho de Adaõ a eſte remedio para aggravar de todo a infirmidade: chamou logo Fr. Diogo Quiroga, o qual a Emperatriz tinha prevenido, e eſtava pouco diſtante eſperando eſte aviſo. Propoz-lhe o Emperador o embaraço em que ſe achava: brevemente o livrou da duvida, inſtruido nas erradas politicas de Machavello. Diſſe ao Emperador que deixaria a conſciencia mui-

Favorece a Emperatriz os intentos de Heſpanha.

Voto do Padre Quiroga.

muito gravada, se logo naõ mandasse prender o Infante: buscou (corrompido com o interesse) muitas razoens apparentes para dissimular este caviloso parecer; dizendo, que ao Emperador tocava como a Monarcha mais supremo procurar reduzir por todos os caminhos huma naçaõ rebelde á obediencia de seu legitimo Principe: que a prisaõ do Infante era hum dos meyos para proporcionados para este fim, e a attençaõ ao bem publico taõ absoluta, que derogava qualquer outra ley q a offendesse: e a estas fantasias accrescentou outras, que achaõ o castigo a tempo q̃ naõ podem usar do remedio da culpa. Vencido o animo do Emperador, lavou as mãos do delicto, e entregou o innocente. Deo ordem a D. Luiz Gonzaga, para que fosse ao quartel de Leypen, e chamasse a Ratisbona, onde estava a Corte, da sua parte ao Infante, e que em caso que duvidasse de obedecer, o trouxesse preso. Preveníraõ os Castelhanos os discursos que se haviaõ de fazer sobre esta ordem com outra maldade, e espalháraõ que o Infante com a noticia dos successos de Portugal fugíra: puzeraõ talha de outo mil cruzados a sua cabeça, e logo persuadiraõ a Picolomini General do exercito, que se achava na Corte, para que o Infante prevenido com algum aviso naõ pudesse ausentar-se, a que mandasse o Coronel D. Jacinto de Vera com huma ordem que dizia. *Ordeno ao Coronel D. Jacinto de Vera que và ao quartel de Leypen a prender o Principe de Bargança, e que naõ o podendo conseguir o mate, e que ou vivo ou morto me traga o seu corpo.* Muito dezeiava encobrir esta deliberaçaõ de Picolomini, por naõ a fear com ella as muitas partes que teve: porêm he indispensavel a verdade da historia, e naõ póde ter desculpa fazer-se ministro da prisaõ do Infante o General, que havia de ser defensor da sua innocencia, exercitando á sua ordem posto naquelle exercito. Naõ teve effeito a que D. Jacinto levava, porque o Infante se havia partido de Leygen para Ratisbona, onde se celebrava a dieta Imperial, a tratar alguns negocios dos seus soldados, sem a menor suspeita do perigo a que levava a vida exposta. Embarcou-se no Danubio, accidente que o livrou da morte, vindo procurar-lha por terra

Anno 1641.

Dasse ordem a D. Luiz Gonzaga para prender o senhor Infante.

Ordem do General Picolomini.

terra os que traziaõ por objecto os outo mil cruzados promettidos pela ſua cabeça. Indo navegando lhe chegou hum aviſo de D. Luiz Gonzaga, em que lhe dizia que aguardaſſe, porque trazia huma ordem do Emperador para lhe communicar: fez alto, naõ querendo ouvir as repetidas inſtancias dos ſeus criados, os quaes ja com alguma noticia, ainda que confuſa, lhe advertiraõ que ſe paſſaſſe a lugar ſeguro: porém elle naõ quiz admittir eſta propoſiçaõ, porque fazia mayor confiança na fé do Emperador; propondo-lhe o generoſo eſpirito que o alimentava, taõ forçoſas as obrigaçoens de hum Principe, que refutava qualquer oppiniaõ que naõ era ſobordinada a eſte axioma. Moſtrou-lhe a experiencia, que ſendo a fidalguia do animo a virtude mais apetecida, muitas vezes he o mayor verdugo de quem a logra: porque habilita para eſte emprego coraçoens preverſos, e tece á ſua innocencia com eſta ſingeleza os laços da ſua ruina.

Anno 1641.

Confiança generoſa do ſenhor Infante.

Aguardou o Infante a D. Luiz Gonzaga: chegou ſó com hum criado, diſſimulaçaõ que o fez menos ſuſpeitoſo, moſtrou ao Infante a ordem que levava do Emperador, á qual ſinceramente obedeceo ſem repugnancia. No dia ſeguinte que ſe contavaõ 14. de Fevereiro, chegáraõ a Ratisbona, acháraõ prevenida huma carroça de D. Franciſco de Mello, demonſtraçaõ que o Infante agradeceo como cortezia, naõ conhecendo que era priſaõ; entrou nella, onde o recebeo Agoſtinho Navarro, que deo ordem para que a carroça guiaſſe a huma eſtalagem comboyada do Proboſte general, e da vileza dos ſeus miniſtros. Chegáraõ á eſtalagem, e acháraõ nella o Capitaõ da Guarda do Emperador com 40. moſqueteyros, o qual diſſe ao Infante, que ſua Mageſtade Ceſaria lhe ordenava que ſem outro aviſo ſeu naõ ſahiſſe daquelle lugar. Alterou-ſe o Infante mais da conducçaõ do Proboſte, que da aſſiſtencia do Capitaõ da Guarda. Sentio-ſe, e queixou-ſe: porém ja era debalde huma, e outra demonſtraçaõ; porque na pouca differenca que ha de erro a ferro, ſaõ os erros cadeya onde em hum ſó fuzil ſe enlaçaõ muitos. Hoſpedáraõ ao Infante no mais eſtreito apoſento da eſtalagem; de que na meſma noute o mudou para

Prendeſe em huma eſtalagem.

Anno 1641.

Dasselhe palavra em nome do Emperador de o naõ entregarem aos Castelhanos.

para outro menos humilde D. Luiz Gonzaga, o qual o informou da causa da sua prisaõ, dando-lhe palavra da parte do Emperador de nunca o entregar nas mãos dos Castelhanos; naõ fazendo o Emperador o reparo preciso, de que no recato do prometter devem os Principes pôr o mayor cuidado; porque muitas vezes ou por generosidade propria, ou por facilitar os seus intentos, ou por escusar algum perigo empenhaõ a sua palavra, e achando muito ordinariamente contradiçoens para satisfazella, perdem o credito; porque o que se promette, e se naõ executa, o recebe por afronta o superior, por injustiça o igual, e o inferior por tyrannia. Menos grave fora a culpa do Emperador, se naõ accrescentára á entrega que fez do Infante nas mãos de seus inimigos, a quebra de sua palavra. Attonito deixou ao Infante a noticia que lhe deo D. Luiz Gonzaga, naõ suppondo porém arriscada a vida nas mãos de dous impossiveis, que assim lho persuadia arresoadamente o seu discurso: porque primeiramente avaliava por impraticavel, que ElRey seu Irmaõ se resolvesse a tomar a Coroa sem lhe fazer anticipado aviso. Em segundo lugar suppunha impossivel entregalo o Emperador nas mãos dos Castelhanos, estando elle livre de culpa, todo entregue ao acerto de servillo. Mas os dous oppostos em cuja contraposiçaõ tinha confiança, veyo a unir lastimosamente a experiencia. Vio no mesmo dia presos todos os seus criados, e examinados os seus papeis pelo Doutor Navarro: e como esta resoluçaõ era o mayor estrago do seu respeito, pouca esperança lhe podia ficar de prevalecer a sua justiça. Na indecente prisaõ da estalagem passou outo dias, os quaes gastáraõ os Castelhanos em consultas do modo com que poderiaõ conseguir passallo ao Castello de Milaõ, licença que o Emperador até aquelle tempo havia negado.

Diligencias da Dieta.

Favoreciaõ muito á justiça do Infante os Congregados da Dieta de Ratisbona: representavaõ ao Emperador com vivas razoens quebrada a liberdade do Imperio, e a fé Germanica corrompida: feriaõ aos Castelhanos com as suas mesmas acçoens, fazendo-lhe memoria dos manifestos que haviaõ publicado contra a Coroa

de

de França ſobre a priſaõ do Principe Caſimiro, nos quaes avaliavaõ aquella acçaõ pela mais infiel, e que no caſo preſente eraõ autores de outra por todas as circunſtancias mais abominavel, obrigando ao Emperador a que tiraſſe a liberdade a hum Principe ſem culpa, que ſervia fiel, e valeroſamente ao Imperio, buſcando-ſe para eſta execuçaõ huma Cidade franca em que ſe celebrava Dieta Imperial, de muitos ſeculos formada para eſtabelecer as leys do Imperio. Eſtimulou mais aos da Dieta hum eloquente, e bem fundado papel, que lhe fez preſentar Franciſco de Souſa Coutinho, naquelle tempo Embayxador no Reyno de Suecia, o qual continha o direito delRey D. Joaõ á Coroa de Portugal os exceſſos de que uſáraõ os Reys Catholicos Filippe II. III. e IV. na ſua conquiſta, e no ſeu dominio, a innocencia do Infante, e aſſignaladas acçoens executadas em ſerviço do Imperio; e concluia que ainda que o Infante cooperaſſe em reſtituir a Coroa a ſeu irmaõ, (o que ſe negava) era injuſtamente preſo, pois o introduzia na poſſe do que ſe lhe devia de juſtiça. E que ſendo tanto pelo contrario ter o Infante noticia dos ſucceſſos de Portugal, que ley Divina nem humana permittia, que foſſe preſo em Imperio abſoluto, e Cidade livre hum Principe innocente, e officioſo ao meſmo Imperio; pois por ſervir ao Emperador deixára a patria, e a grandeza da propria Caſa, achando por ſatisfaçaõ o tormento, e o evidente perigo da vida. Naõ foraõ de utilidade alguma eſtas diligencias, nem os memoriaes que o Infante preſentou ao Emperador, que continhaõ as meſmas razoens, e ultimamente lhe negou audiencia que por muitas vezes lhe pedio: porque era offenſor poderoſo, e queria eſconder o roſto do offendido. Falláraõ-lhe varios Principes intercedendo pelo Infante, inſurdeceo-ſe aos rogos de todos, e por ſe eximir de taõ penoſos embaraços apartou de ſi a occaſiaõ da culpa, e nunca eſte remedio foy menos util para livrar do peccado, porque ſe aggravou mais com a diſtancia. Mandou ao Infante para a fortaleza de Paleovu, entregue ao Coronel Xenque, e ſeſſenta moſqueteyros divididos em duas barcas: chegou em dous dias, e achou prevenido o Palacio do Archidu-

que

Anno 1641.

Papel de Franciſco de Souſa Coutinho.

Paſſa-ſe à fortaleza de Paſecou

Anno 1641.

que Leopoldo de quem era a fortaleza, por ordem ſua; a pezar dos Caſtelhanos, que deſafogáraõ eſta paixaõ com a vigilancia das guardas, e prevençaõ das janellas, cerrando-as com grades de ferro. Miniſtrava Navarro eſtas diligencias, a quem entregáraõ o Infante, para que naõ afroxaſſe a ſua moleſtia. Cinco mezes eſteve neſta priſaõ, no fim delles alcançáraõ os Caſtelhanos do Emperador poderem mudar-lha para Grats, caminhando ſempre ao intento de o levar a Milaõ de que era Grats mais viſinho. Partio de Paſeovu, devendo áquelle Povo demonſtraçoens de grande commiſeraçaõ a ſete de Julho chegou a Grats, onde creſceo deſórte o aperto que lhe fizeraõ, que chégáraõ a negar-lhe licença para vender a ſua prata, ſendo-lhe neceſſario valer-ſe della para ſe ſuſtentar. Tratava-o o Governador humanamente, de que foy aſperamente reprehendido: porque naõ querem os q̃ tyrannamente procedem, que alguma acçaõ juſta emende as que deſconcerta a ſua impiedade. Deſte lugar teve o Infante correſpondencia em Roma com o Biſpo de Lamego, para quem vi algumas cartas ſuas em que lhe pedio a intervençaõ do Pontifice, encarecendo-lhe o aperto com que paſſava: porém em Roma naõ valéraõ as diligencias do Biſpa para conſeguir o que reſultava em beneficio da Coroa de Portugal.

Paſſa à de Grats.

Naõ obraõ em Roma as diligẽcias.

Chegou neſte tempo por Embayxador de Caſtella á Corte do Emperador D. Manoel de Moura Marquez de Caſtello Rodrigo: havia entre elle, e D. Franciſco de Mello por intereſſes particulares antigua oppoſiçaõ, cederaõ-na em damno do Infante, e unidos fomentáraõ a ſua ruina. Creſcendo as diligencias ſe multiplicou o máo trato do Infante, tiráraõ-lhe todos os criados Portuguezes, e chegando com elle á ultima mortificaçaõ lhe prohibiraõ que ſe confeſſaſſe com hum Padre da Companhia Alemaõ, e que achava alivio eſpiritual. Foy eſte o golpe mais ſenſitivo que experimentou aquelle conſtante, e valeroſo Principe em todo o diſcurſo da ſua trabalhoſa priſaõ: porque as penas que chegaõ á alma, tem poder, por ſerem mayores, para diminuir o rigor dos tormentos do corpo. Entre tanto aperto conſeguio o alivio de chegar

Tira-ſe lhe até o Confeſſor.

gar huma carta sua ás mãos do Emperador, que continha estas forçosas, e discretas razoens. *Muitas vezes tenho manifestado a V. Magestade Cesarea a grande injustiça, e aggravo que se me faz, quando eu por haver deixado a patria, e acommodidade da minha casa, e havendo servido outo annos a Vossa Magestade com tanta satisfaçaõ, como sabe todo o Mundo, esperava receber grandes favores: agora entendo que o Marquez de Castello Rodrigo, continuando o mesmo que ja havia intentado D. Francisco de Mello, procura conduzir-me a Milaõ, para que eu sirva de zombaria, e sacrificio ao odio e indignaçaõ deste, e outros Ministros: porem espero da grandeza de V. Magestade, que naõ queira romper em mim as leys da justiça, e aquelle direito, no qual me constituiraõ a hospitalidade, e fé publica, inviolavel entre as mais barbaras naçoens. Pelo que espero que V. Magestade terà consideraçaõ à minha justiça e innocencia, deixando huma e outra nas suas Imperiaes mãos ate que V. Magestade me franquee o direito das gentes com a mesma liberdade do Imperio, naõ permittindo que se execute em mim novidade que sirva de exemplo taõ prejudicial à fé publica. Representando juntamente a V. Magestade o grande amor, trabalho, e despeza com que tenho servido a V. Magestade, expondo a vida a muitos perigos, como agora fizera com o mesmo animo e fidelidade se V. Magestade mo permittira. Guarde Deos a Imperial Pessoa de V. Magestade Cesarea. De Grats 16. de Março de 1642. D. Duarte.* A esta carta mandou responder o Emperador pelo Conde de Transmandorff as razoens seguintes, que pediaõ differente execuçaõ. *Dey a sua Magestade Cesarea a carta de V. Excellencia, e lhe referi tudo o que V. Excellencia me escreveo em 17. do passado. Sua Magestade Cesarea me respondeo muito benignamente, declarando naõ querer aggravar a V. Excellencia na sua afflicçaõ, mas alivialo muito depressa, e em sendo tempo fazer-lhe todo o favor: o que se me offerece referir a V. Excellencia beyjando lhe as mãos. Viena, cinco de Abril de 1642.* Mal se pudera colligir do suave estylo desta carta o contrario effeito que brotou o animo que a produzio: mas quem naõ vio dourado o amargo da pirola? Com a disse-

Anno 1641.

Carta ao Emperador.

Resposta do Emperador.

Anno 1641.

differença de ser util aquelle engano, este mortal, tanto para o Infante que o padeceo, como para o Emperador que o fabricou. Porém com a differença de levar ao Infante ao supplicio de huma vida caduca, e entregar o Emperador nas mãos da morte do discredito, que eternamente dura, lavrando este bruto sincel na paciencia do Infante o mais perfeito original da constancia.

Parte para Flandes D. Francisco de Mello continua o Marquez de Castello Rodrigo as negoceaçoens de Castella.

Partio Dom Francisco de Mello para o governo dos Estados de Flandes, premio, como se entendeo, da prisaõ do Infante, ainda que por outras acçoens mais decorosas, e verdadeiramente grandes havia merecido a ElRey Catholico mayores lugares. Ficou o Marquez de Castello Rodrigo entregue da negoceaçaõ de passar o Infante a Italia, para que sem dependencia de outro poder se executassem nelle os mayores estragos da sem justiça. Considerando o Marquez precisa esta execuçaõ se resolveo a applicar a mais efficaz diligencia. Teve meyo para prometter ao Emperador quarenta mil cruzados por lhe permittir a licença que pedia. Cerrou a ambiçaõ de todos os olhos a este infellice Principe, naõ se achando em outro algum exemplo de mayor desgraça; e resolveo-se a vender a liberdade do Imperio, as leys da hospitalidade, a immunidade dos Principes livres, a palavra dada, e ratificada muitas vezes com muitas promessas, e ultimamente a receber o dinheiro, e a entregar o Infante nas mãos do Marquez de Castello Rodrigo. Verdadeiramente que naõ acho termos com que encarecer o horror que me faz este successo, olhando para o Emperador; e a lastima a que me obriga esta tragedia, pondo os olhos no Infante: porém como a tunica de Cesar banhada em sangue fez mayor effeito no Povo Romano, que a traiçaõ de Bruto, e Rhetorica de Antonio, passemos toda a eloquencia para a consideraçaõ deste espectaculo, porque delineado na Idea de quem ler esta historia, presumo que achára mayor efficacia na imaginaçaõ que nos conceitos. Entregue o Infante ao arbitrio do Marquez de Castello Rodrigo, duvidou da parte que lhe signalaria para eterna prisaõ: dezejou que fosse Hespanha, mas achou na conducçaõ grandes difficuldades, e risco em qualquer dos lugares

Entrega o Emperador por dinheiro o senhor Infante.

gares

gares em que assistisse, pela visinhança de Portugal. Em Napoles havia a duvida de que os Principes livres, por cujos Estados havia de passar o Infante forçosamente, naõ quereriaõ que os seus Estados fossem estrada de huma acçaõ taõ indigna. Ultimamente se veyo a resolver no intento proposito de passar o Infante ao Castello de Milaõ, pela fortaleza o mais seguro, e para a conducçaõ o mais facil: elegeo o caminho de Tirol dominio da Casa de Austria, e visinho do Estado de Milaõ. Passou-se a ordem a Navarro: prevenio elle com toda a attençaõ o segredo, mas naõ pode conseguilo, porque chegou primeiro a noticia ao Infante; e perguntando-lhe dissimuladamente se era certo hum discurso que havia feito de que o levavaõ ao Castello de Milaõ, lhe affirmou Navarro com hum solemne juramento, que naõ tinha tal ordem, usando da errada politica de hum Ministro do mesmo seculo, que costumava dizer, antepondo á ley Divina a fragilidade dos interesses humanos, que naõ havia meyo mais efficaz para enganar, que o juramento. Desmentio-se brevemente Navarro, e entrou a intimar a ordem ao Infante com grande numero de soldados, o qual sem a menor alteraçaõ lhe disse. *Seja Deos louvado: Exierunt cum gladiis, & fustibus tamquam ad latronem.* Com toda a brevidade o meteraõ em huma liteyra entregue a Stuembergs Cõmissario Imperial, e á tyrannia de Navarro. Antes que se partisse de Grats escreveo a hum Ministro do Emperador huma eloquentissima carta, em que substanciava todo o successo, e expunha toda a sua queixa, usando do pequeno desaffogo de hum animo afflicto, que he cõmunicar a sua desgraça. Chegando aos confins da Valtelina, achou hum Sargento Mor mandado pelo Governador de Milaõ, ao qual o entregou o Cõmissario Imperial. Despedindo-se o Cõmissario do Infante, lhe disse. *Dizey ao Emperador, que mayor pena me dà haver servido a hum Principe tyranno, que o verme preso, vendido, e entregue nas mãos de meus inimigos; mas que Deos ha de permittir que haja alguma hora quem faça o mesmo com seus filhos, que naõ nascèraõ mais priviligiados que eu; pois a Casa Real de Portugal de que descendo, naõ cede em sangue à Casa*

Anno 1641

Maxima Diabolica.

Parte para Milaõ.

Pecado mysterioso para o Emperador.

Anno 1641.

de Austria: e que se lembre para mortificaçaõ sua como a mim me succede para meu alivio, de que as historias haõ de fallar nelle, e em mim. Estas eloquentes, e mysteriosas palavras merecem conservar-se eternamente na memoria dos homens para castigo do Emperador, e gloria do Infante. Continuou a jornada, e naõ querendo a fortuna livra-lo de golpe algum, teve intelligencia para ver as ordens que levavaõ os que o conduzíraõ: eraõ firmadas pelo Emperador, e diziaõ que em caso que encontrassem algum poder que quizesse livrar o Infante, o matassem primeiro; tratando a vida de hum principe innocente; e livre, como se fora de qualquer Vassallo seu, delinquete no crime de lesa Magestade. Pudera com esta ordem ter perigo a vida do Infante, se se naõ desvanecéra o trato que o Marquez de Nisa, nàquelle tempo Embayxador de França, teve com os Esguisaros; porque estiveraõ resolutos a livra-lo quando passasse dos confins do Imperio para o Estado de Milaõ: porem naõ encontrou no caminho mais que a piedade de alguns que o viaõ padecer sem culpa, multiplicando-se-lhe desórte com os dias os tormentos, que até a morte lhe tardou, em quanto naõ teve apuradas todas as afflicçoens da vida. Os Castelhanos lhe deraõ no Castello de Milaõ por aposento a torre da Roqueta, destinada de muitos seculos para prisaõ dos delinquentes de mais atrozes delictos, e de mais bayxo nascimento. Puzeraõ-lhe sintinella á vista, cadeya que desórte o ligava, que nem o somno, unico alivio das infelicidades, tinha livre, porque o acordava a sintinella que succedia. Tiráraõ-lhe os criados, e toda a cõmunicaçaõ que podia servir-lhe de refugio. E finalmente naõ perdoáraõ a genero algum de martyrio em quanto durou a prisaõ do Infante, que foraõ outo annos acabando-se-lhe com a vida.

Tyranna ordem do Emperador.

Entra no Castello de Milaõ.

No discurso deste tempo buscou ElRey seu Irmaõ todos os meyos da sua liberdade com taõ efficazes diligencias, que entendendo que os Castelhanos queriaõ solta-lo por quatrocentos mil cruzados, os mandou passar a Italia; e naõ surtindo effeito a negoceaçaõ, foraõ depois applicados a varios empregos. Communicou-se o

Infan-

Infante com ElRey os annos que viveo, por intervençaõ de hum Clerigo chamado Dom Francisco Portii, que costumava dizer-lhe Missa. A traça por onde se conseguia a correspondencia, era no tempo em que o Infante ouvia Missa: punha debaixo da alcatifa que estava ao pé do altar, os papeis que escrevia, sem poder ser visto das sintinellas, no mesmo lugar achava as repostas; tendo o Clerigo conseguido (usando do pretexto da decencia) que nenhuma outra pessoa se naõ elle adereçasse o altar, e compuzesse a capella. Conservaõ-se na Secretaria de Estado papeis de grande erudiçaõ, e muito importantes documentos politicos, de que ElRey se valeo em varias occasioens. Em 13. de Agosto do anno de 1648. acabou a vida este constante, e Christianissimo Principe. Murmurou-se que a morte fora ajudada, mas depois se entendeo que naturalmente acabára a vida; porque onde o trato era taõ penoso, qualquer outro veneno seria menos efficaz. A mayor piedade que os Castelhanos usáraõ com o Infante, foy deixarem que depois de morto se comprissem os seus legados, achando só a morte por medianeira da cõmiseraçaõ. Morreo de 39. annos, e viveo composto de todas as virtudes. Era valeroso em grão muito supremo, e trazia unidos na esfera mais superior o entendimento, e a prudencia. Esmaltava estas partes com huma liberalidade taõ affavel, que parecia que ficava obrigado a todos os que fazia beneficios. Foy de estatura levantada, branco, e louro, e tod s as feiçoens taõ proporcionadas que levava os olhos de todos a sua gentil disposiçaõ. As demonstraçoens que ElRey fez no anno em que morreo o Infante, referiremos em seu lugar; sentido em quanto viveo, entender-se que fora o seu descuido causa daquella prisaõ, e daquella morte. Naõ faltáraõ politicos, dos que sabem tirar o vicio da lisonja do centro da virtude, que julgáraõ ser hum dos fundamentos da conservaçaõ deste Reyno naõ vir a elle o Infante, dizendo que o seu natural era caprichoso sem moderaçaõ, e altivo sem regularidade, que todos os cabedaes do Reyno eraõ poucos para o seu fausto; e que o exercicio da guerra de Alemanha lhe havia ensinado ideas militares, que naõ serviaõ

Anno 1641.

Diligencias del Rey para livrar seu Irmaõ.

Morte do senhor D. Duarte.

Seu elogio.

Anno 1641. para a moderaçaõ de que neceſſitava a guerra defenſiva. Porém todas eſtas ſutilezas eraõ falſas, e quimericas: porque hum Principe ornado de tantas virtudes forçadamente havia de ſer incentivo das melhores acçoens, e Autor dos mayores progreſſos.



HISTO-

Anno 1641.



HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO

LIVRO IV.

SUMMARIO



ISPOEM ElRey a fòrma da defensa do Reyno. Distribuiçaõ da gente para a guerra. Eleyçaõ do Conde de Vimioso por Capitaõ General de Alemtejo, e e dos mais Cabos, e Officiaes daquella Provincia. Passa a ella Mathias de Albuquerque a assistir às fortificações. Fica governando em ausencia do Conde de Vimioso. Primeiro rompimento com Castella. Altera-se o Povo da Cidade de Elvas, eleyta Praça de Armas, por querer peleijar. Soccega-o Mathias de Albuquerque, e satisfaz os soldados com emboscadas, e escaramuças. Volta a Alemtejo o Conde de Vimioso. Intentaõ os Cas-

 telhanos

telhanos ganhar por trato Cãpo Mayor, e desvanece-se.
Anno 1641 *Marcha o Conde de Monte-Rey cõ hũ exercito a atacar Olivença: forma as baterias: dá hum assalto: resiste-o Francisco de Mello que governava a Praça, e retira se o Conde do Monte-Rey. Torna ElRey a chamar á Corte o Conde de Vimioso Succede-lhe Mathias de Albuquerque. Varios successos de todas as Praças daquella Provincia. Elege ElRey por Governador das Armas della a Martim Affonso de Mello. Interprende o Conde de Monte-Rey Olivença: defendea Rodrigo de Miranda, que a governaua, valerosamente. Retiraõ-se os Castelhanos com grande perda. Interprende Martim Affonso de Mello a Praça de Valverde: entra a Villa, e defende-se o Forte. Vay governar a Provincia de Entre Douro e Minho D. Gastaõ Coutinho. Fortifica as Praças, e rompe a guerra. Fortificaõ os Galegos em larga distancia os Lugares perigosos da Raya. Determina D. Gastaõ attacar todos a hum tẽpo: Consegue-o com grande felicidade, e valor. Passa D. Gastaõ a Lisboa. Vay governar Tras os Montes Rodrigo de Figueyredo: rompe a guerra, e ganha alguns Lugares em Galiza. Passa a governar a Beyra D. Alvaro de Abranches: guarnece as Praças, e faz diligencia poo sustentar a Provincia sem romper a guerra.*

ACCLAMADO ElRey D. Joaõ em todos os lugares que obedecem á Coroa de Portugal com a felicidade referida, e lançadas as primeiras linhas assim no governo interior, como nas disposiçoens externas, resultou dellas o debuxo do mais fino retrato da politica, sem dever ao successo a sentença desta obra, sendo de todos ordinariamente Juiz a desgraça, ou a fortuna com que se consegue pelo errado discurso dos homens taõ cegos como a mes-

mesma fortuna; porque avaliando as acçoens conforme o successo tiraõ ao valor o preço, e ás disposiçoens o premio. Penetrando pois ElRey que se naõ coroou Minerva de Prudencia sem o adorno do escudo militar, e vendo que naõ havia palmo de terra em todo o circuito do Reyno que restaurára, que naõ fosse fronteira de seus inimigos, e que era impossivel que adilaçaõ que pede a fabrica dos baluartes, pudesse ser remedio á brevidade de que dependia a defensa do Reyno, deo ordem para que se fortificasse com os peitos amantes de seus vassallos, repartindo-os regularmente por todas as fronteiras: considerando que para a defensa dos Reynos foy sempre esta a muralha mais impenetravel. Porem ainda que usou deste acertado discurso, naõ deixou de applicar o mayor cuidado ás fortificaçoens, levantando-se em todas as Provincias nas Praças que eraõ mais precisas, e adiantando-se conforme o calor, e o cabedal com que se trabalhava: e era de qualidade o ardor de todos os Povos, que á competencia huns dos outros se via em todos os lugares do Reyno fabricar fortificaçoens, levantar gente, comprar cavallos, e condusir armas.

Anno 1641.

Dispoem ElRey a defensa do Reyno.

Divide-se Portugal em seis partes, fazendo-se pelo discurso do tempo duas da Provincia da Beyra; porque repartindo-se conforme as demarcaçoens antiguas, saõ as Provincias cinco, e o Reyno do Algarve. Alemtejo, Entre Douro e Minho, Tras os Montes, Beyra, e Estremadura. Tem o Reyno cem legoas de comprido, estendendo-se em forma prolongada pela marinha do Oceano, sendo ultimos extremos, ao meyo dia a Villa de Sagres no Reyno do Algarve, ao Septentriaõ a de Caminha que confina com o Reyno de Galiza. Pela parte da terra tem Portugal menos cinco legoas, sendo termos ao Septentriaõ a Cidade de Bargança, e ao meyo dia a Villa de Crasto Marim. De largura pela parte que he mais dilatado, tem trinta, e tres legoas; tirando huma linha recta desde Peniche porto de mar no Oceano a Salvaterra da Beyra que he quasi o lugar ultimo que ao meyo dia toca na Raya do Reyno de Leaõ. A variedade dos tempos confundiraõ as demarcaçoens, porque há hoje muitos lu-

Descripçaõ de Portugal.

 gares

Anno 1641.

gares no Dominio de Portugal, que naõ tocavaõ á antigua Lusitania, e há outros que se uníraõ aos Reynos com que confinaõ. O engenho e valor he commum em todos os Portuguezes, ornando-os a natureza de singular habilidade para a comprehençaõ das letras, e de melhor disposiçaõ para o exercicio das armas. O Reyno he abundante de todos os fructos, e colhem-se nelle os mais sazonados; e naõ dependéra de outra naçaõ alguma, se os Portuguezes quizeraõ usar de tudo o que logra õ. O Terreno das Provincias que sustentáraõ a mayor força da guerra, era em tudo diverso: porque o de Alemtejo he campanha por toda a parte que olha ao Guadiana, que foy o theatro dos mayores progressos militares, e nesta consideraçaõ eraõ continuas, e mayores as occasioens da Cavallaria. Entre Douro e Minho compoem-se de terreno taõ aspero, de tantos montes, e passos difficultosos, que sempre a Infantaria era a que de huma, e outra parte segurava as empresas. Na Beyra, e Tras os Montes se contendia em huma, e outra parte com igual poder, e variamente se disputavaõ as occasioens; hora em sitios asperos, hora em Campanha raza. O Algarve sentio pouco tempo a inquietaçaõ das armas. Naõ tocáraõ na Provincia da Estremadura: porque nunca os Castelhanos chegáraõ a ferir o coraçaõ do Reyno. Os Rios, e os lugares, onde se disputáraõ a mayor parte das empresas, nomearemos quando chegar o tempo de dar noticia dellas. Este pequeno tronco de Portugal animado dos fructos dos muitos ramos que estende por todo o Mundo, resistio valerosamente á memoravel guerra a que dammos principios. Foy hum dos fundamentos mais principal da nossa defensa a regularidade, e disciplina com que se dispoz, assim o exercicio da guerra, como os meyos de se sustentar, admiravelmente alimentada de todas as forças do Reyno; porque naõ se exceptuou pessoa alguma desde mayor esfera ás de inferior qualidade, desde os moços de quinze annos até os descrepitos de setenta, que naõ tributasse voluntariamenre a fazenda, e que naõ entregasse cõ grande gosto a vida para conseguir a defensa da Patria, reynando em todos os animos a aversaõ á naçaõ Castelhana herda-

herdada dos Afcendentes, e dezejo da liberdade.

Repartio ElRey Governadores pelas Provincias: dividio as Provincias em Comarcas, e as Comarcas, em Companhias, tendo cada huma das Comarcas hum Governador, hum Sargento Mór, e dous Ajudantes, e cada huma das Companhias todos os officiaes de q̃ coftumaõ compôr-fe. Efta qualidade de gente tinha o titulo de Ordenança, e eftava aliftada por todo o Reyno com utiliffima diftinçaõ, comprehendendo as liftas todos os homens do Reyno de 15. até 70. annos. Deftas liftas fe tiravam para foldados pagos os filhos fegundos de todo o genero de peffoas, exceptuando-fe os filhos unicos de viuvas, e lavradores para a cultura das terras. Deftes, e dos cafados de boa, idade, e difpofiçaõ, fe formou em cada huma das Comarcas hum Terço, dando-lhe o titulo de Auxiliares. Nomeava ElRey para Meftre de Campo de cada hum dos Terços a peffoa mais nobre, e de melhor tallento daquella Comarca, e das mefmas qualidades fe bufcavaõ Capitaens para as Companhias: a todos eftes officiaes dava ElRey patentes, e privilegios de pagos. Bufcavaõ-fe para Sargentos Mayores, e Ajudantes deftes Terços os Capitaens de Infantaria, e Alferes mais praticos dos exercitos, com o fim de exercitarem os foldados, e eraõ foccorridos da mefma forte que os mais das fronteiras. A obrigaçaõ dos Terços Auxiliares era acudirem ás fronteiras, para que eftavaõ deftinados, na occafiaõ de guerra ou offenfiva ou defenfiva: em quanto eftavaõ nellas, eraõ foccorridos com paõ de muniçaõ, como os foldados pagos, e o mefmos fe obfervava com os da Ordenança: acabadas ás occafioens fe recolhiaõ a fuas cafas. As Companhias da Ordenança, que fe compunhaõ dos homens de mayor idade, acodiaõ quando era mayor o aperto, e quando os exercitos eftavaõ em Campanha, a guarnecer as Praças que lhe ficavaõ mais vifinhas. E para que efta ordem fe naõ confundiffe nem houveffe exorbitancias, muito contingentes neftas diligencias, quando era neceffario levas para os exercitos, repartia ElRey por todas as Comarcas do Reyno os Generaes, e Cabos de mayor zelo, e experiencia, e os miniftros de mayor qualidade

Anno 1641.

Diftribuiçaõ da gente para a guerra.

lidade, e confiança. Da Provincia de Alemtejo se tiravaõ para a mesma Provincias as levas dos soldados pagos, dedicando-se ou huma so Comarca grande, ou duas pequenas unidas para as levas de cadahum dos Terços, e da mesma sórte os lugares para as companhias: assim paraque os soldados sendo parentes, e conhecidos, se conservassem; como para que ausentando-se, fossem faceis de reconduzir. E porque as Praças de Alemtejo eraõ mais, e os exercitos mayores, e que operavaõ continuamente, dedicou ElRey com a mesma distinçaõ de Comarcas, e mais ordem referida, toda a Provincia da Estremadura e parte da Beyra para acudirem a Alemtejo. As mais Provincias se alimentavaõ a si mesmas com a mesma ordem, e disciplina. Para se conservar a Cavallaria, se usou de huma industria taõ util, que pareceo pelo effeito milagrosa: deo-se-lhe o nome de Arca, e Contrato, que vinha a ser antregar ElRey aos Capitaens hum certo numero de cavallos, os quaes eraõ obrigados a conservar comprando pelo seu dinheiro os que lhe faltavaõ, dando-lhe ElRey para este effeito nas mostras hũ certo preço, o qual crescia tanto quanto as companhias se augmentavaõ, declarando-se no contrato que os Capitaens fizeraõ com ElRey, outras distinçoens de muito grande conveniencia. Acudia á Provincia em que havia guerra, a que ficava mais visinha, e succedendo marchar com as tropas o Governador das Armas, estava á ordem daquelle a que soccorria: ajustamento que evitou muitos embaraços, que nestas occasioens costumaõ acontecer. As mais disposiçoens militares foraõ tiradas, das que observáraõ em todos os seculos os mayores Mestres da guerra, e chegáraõ a exercitar-se com tanta perfeiçaõ, que pudera Portugal ser escola de todas as naçoens de Europa, assim como nella foy theatro dos mayores progressos. Entendo que estas noticias naõ seraõ molestas, a qnem ler esta historia: porque como foraõ fundamento das gloriosas acçoens de que ella se compoem, pois he alma da guerra a boa disciplica, ficará sem duvida com mayor clareza, distinçaõ tudo o que ao diante formos referindo.

Anno 1641.

Logo que ElRey tomou posse do governo do

Rey-

Reyno, elegeo por Capitaõ General de todo elle a Dom Affonſo de Portugal Conde do Vimioſo. Naõ chegou a gozar as grandes preeminencias deſte Poſto, mundado o animo delRey por Franciſco de Lucena, o qual lhe o conſelhou que naõ era juſto antepôr com differença taõ deſigual hum Vaſſallo a tantos, a quem devia iguaes finezas. Foy eſta variedade ſentida do Povo, de quem o Conde era eſtimado, aſſim pelas ſuas virtudes, como pela memoria de ſeus Avós, os quaes foraõ ſempre unidos aos intereſſes de Portugal. Era dotado de muito valor, de juizo, e liçaõ, e de ſumma bondade, que muitas vezes lhe prejudicava, ſendo preciſo por invenſaõ Diabolica, que naſça a malicia, forçoſa companheira da Poliſtica. Faltava-lhe ao Conde a experiencia militar, géral deffeito dos mais daquelle tempo, por naõ haverem viſto guerra alguma. Paſſou a exercitar o ſeu Poſto ſó na Provincia de Alemtejo a 20. de Dezembro, levando comſigo ſeu filho D. Luiz de Portugal, que foy logo Capitaõ de Infantaria, pouco tempo depois Meſtre de Campo; e a D. Diogo de Menezes, que aſſentou praça na Companhia de D. Luiz. Chegou a Elvas, Cidade que elegeo por Praça de Armas, achando-a por todos os requiſitos a mais capaz deſte titulo. Fica diſtante tres legoas de Badaioz, praça de Aarmas dos Caſtelhanos. Corre Guadiana entre as duas Cidades, banha as muralhas de Badajoz, e diſtas duas legoaos de Elvas, por inclinar a corrente para a parte de Portugal. He taõ igual a campanha que divide eſtas duas Cidades, q̃ ſe diviſaõ claramente de huma os vultos que ſahem da outra. Elvas fica em ſitio mais eminente: porém ſóbe-ſe a ella com taõ pouco trabalho, que parece que foy prevençaõ da natureza fazella taõ regular, para que a circumvallaſſe huma das melhores fortificaçoens do Mundo. Achou o Conde do Vimioſo por intervençaõ do Biſpo de Elvas D. Manoel da Cunha diſpoſtos os animos dos moradores a empenhar as vidas na liberdade da Patria, e a ſacrificar as fazendas á defenſa da Cidade. Com eſta reſoluçaõ haviaõ derrubado as caſas, que embaraçavaõ a antigua muralha, de que Elvas com terceiro recinto que recolhia a ſi todos os edificios era cercada, levantando algu-

Anno 1641.

O Conde do Vimioſo Capitão General.

Elege Elvas para Praça de Armas.

Anno 1641.

alguhas ruinas que os muitos annos haviaõ occasionado na muralha. Fecháraõ tambem as portas, e mais arriscadas, deixando só para o serviço da Cidade abertas tres: a de Evora, que depois foy fabricada mais adiante; na fortificaçaõ moderna se chamou da Esquina, e fica ao occidente: a de Olivença quasi na parte opposta que olha a Badajoz; e a de S. Vicente entre huma, e outra, olhando a Campo Mayor. Com a assistencia, e authoridade do Conde se deo mais calor á defensa da Cidade, e da mesma sórte a todas as fronteyras da Provincia. Deo logo ordem a que se fizessem levas de Infantaria, e Cavallaria: e foy o primeiro Mestre de Campo que levantou gente em Evora Dom Joaõ da Costa, o qual resplandeceo todo o tempo que lhe durou a vida com tantas virtudes, e acçoens taõ valerosas, como largamente referirá esta historia, sem ter escrupulo de parecer Coronista suspeitoso, constando que devo a este Varaõ insigne na criaçaõ, e documentos dos primeiros annos da guerra, segunda natureza. Para Capitaens das primeiras duas companhias de cavallos nomeou ElRey a Dom Rodrigo de Castro e a Gaspar de Sequeyra Manoel, que com grande diligencia as formáraõ logo, ainda que de pouco numero: porém como o zelo do Conde naõ superava a falta de experiencia, corriaõ as disposiçoens com mayor confusaõ que utilidade; de que se originava, sendo o dinheiro pouco, gastar-se inutilmente.

D. Joaõ da Costa primeiro Mestre de Campo.

D. Rodrigo de Castro, e Gaspar de Sequeyra Capitães de cavallos.

Acodio ElRey a este damno, mandando a Alemtejo Mathias de Albuquerque, que na guerra do Brasil havia grangeado com grandes experiencias memoravel oppiniaõ. Era muito pratico nas fortificaçoens, e no manejo da Infantaria: mandou-o ElRey sem posto a Alemtejo para instruir aos soldados daquella Provincia em hum e outro exercicio. Chegando a Elvas, e vendo que a Cidade estava em bastante defensa, passou a Olivença, julgando naquella Villa mais precisa a sua assistencia, por ficar da outra parte de Guadiana exposta á invasaõ de Castella, ainda que se cõmunicava com as Praças desta parte por huma grande ponte, que alguns annos esteve levantada. Deo principio á fortificaçaõ da Villa: porém naõ

Passa a Alemtejo Mathias de Albuquerque.

naõ querendo fazer damno ás casas, lançou as linhas mais dilatadas do que era necessario, e foy depois muito difficultoso fabricar de pedra, e cal os baluartes, que entaõ se fizeraõ de terra, e faxina. E ainda a resoluçaõ dos moradores remedeou este damno, porque reconhecendo que por conservar huma pequena parte punhaõ em contingencia tudo o que logravaõ, pediraõ a Mathias de Albuquerque que desenhasse a fortificaçaõ pelo sitio mais conveniente, sem fazer caso da destruiçaõ dos edificios. Feito o desenho, e começada a obra, foy desorte o calor, e diligencia dos moradores, que em breves dias estava a praça cerrada, e os baluartes em altura sufficiente. Mathias de Albuquerque, deixando ordem para que se continuasse o trabalho, passou a Elvas, por julgar preciso acudir brevemente a todas as partes. Em Elvas deo ordem a se levantarem tres meyas luas diante das portas; e fabricou-se outra no outeiro de Santa Luzia, onde agora se vê o grande forte, que depois se levantou, e communicou por huma linha com a porta de Olivença. Pela parte interior da muralha facilitou poder-se correr toda sem embaraço, e mandou arrimar algum terrapleno nos lugares por onde mais facilmente podia ser batida da artilharia. Concorreo o Povo para o dispendio destas obras com o dinheiro, que resultava de dous reis que impuzéraõ na carne, peixe, e vinho, estando costumados a lhe parecer suave este genero de tributo, sendo seus antepassados os primeiros que o introduziraõ em Portugal para a grande fabrica de arcos, e canos, com os quaes metéraõ a agua na Cidade, ficando as fontes donde sahe, huma legoa della: deixando este tributo em todo o Reyno o titulo de *Real da Agoa* ao que agora se costuma impôr, offerecendo-se algum aperto nas mais das Cidades, e lugares delle. Passou Mathias de Albuquerque a Campo Mayor, e approvou o desenho por onde se trabalhava na fortificaçaõ daquella praça, accrescentando lhe só o baluarte de S. Sebastiaõ. Quando voltou a Elvas, achou ja formadas algumas plataformas de madeira nas partes mais convenientes da muralha, para que havia deixado ordem: plantou nellas a artilharia, e deo princio á fabrica dos cava-

Anno 1641.

Fortifica Olivença.

Augmenta as fortificaçoens de Elvas.

Principio do Real da agua.

Obra o mesmo em Campo Mayor.

Anno 1641.

cavalinhos de friza, de que em muitas occasioens usou com muita utilidade a Infantaria contra a Cavallaria de Castella. Neste tempo chegou a Elvas D. Joaõ da Costa com algumas companhias de seu Terço que levantava em Evora, para onde voltou a acabar de formalo, e dar principio á fortificaçaõ daquella Cidade; desenho que se naõ ajustou muitos annos, e parecendo fatalidade, mostrou depois o successo que havia sido providencia. Com as companhias que faltavaõ do Terço, entrou Dom Joaõ da Costa em Elvas brevemente. D. Francisco de Sousa, levantava com igual diligencia outro Terço, de que foy Mestre de Campo na Comarca de Beja, o qual se applicou á guarniçaõ de Moura, e Serpa: formou tambem algumas companhias soltas, que depois se reduziraõ a Terços da guarniçaõ de Elvas, Campo Mayor, e Olivença. Por Capitaens Móres destas tres Praças nomeou El-Rey da primeira D. Alvaro de Ataide, da segunda a Gomes Freyre de Andrade, e da terceira Francisco de Mello. Neste tempo prevalecendo com ElRey as calumnias dos inimigos do Conde do Vimioso, o chamou á Corte com apparentes pretextos, e mandou ordem a Mathias de Albuquerque, para que exercitasse o governo das Armas de Alemtejo, nomeando-o Conselheiro de Estado.

D. Francisco de Sousa forma em Beja hũ Terço.

Capitaens Móres.

Chama ElRey o Conde do Vimioso, governa Mathias de Albuquerque.

Mandava as Armas dos Castelhanos o Conde de Monte-Rey, que assistia na Cidade de Merida nove legoas distante de Badajoz. Governava Badajoz o Marquez de Toral; e as tropas que mandavaõ, naõ eraõ formidaveis, pela diversaõ do exercito de Catalunha, cuidado principal da paixaõ do Conde Duque em grande utilidade da nossa conservaçaõ. Porém ainda que o exercito naõ era grande, nos excedia muito em o numero, e disciplina: porque para crescerem as nossas tropas, faltavaõ os cabedaes, e para se exercitarem, sciencia; sendo o lethargo de sessenta annos de cativeiro de Castella, perigosa occasiaõ, depois de restaurado Portugal, da sua vingança. Esteve a guerra alguns mezes suspensa, assim pela pouca disposiçaõ de ambas as partes, como pelas grandes raizes que a cõmunicaçaõ de tantos annos havia lançado nos animos de hum, e outro Reyno: intentando além

O Conde de Monte-Rey governador das Armas de Castella.

Governa Badajoz o Marquez de Toral.

além deſta razaõ a politica dos Caſtelhanos conſeguir com as negoceaçoens occultas a recuperaçaõ de Portugal, avaliandoa com a guerra aberta por muito duvidoſa na conſideraçaõ do grande valor dos Portuguezes, em differentes ſeculos com o proprio prejuizo tantas vezes experimentado. Foy a Portugal a dilaçaõ da guerra de grandiſſima utilidade: porque tiveraõ tempo as prevençoens de todo o Reyno para ſe proporcionar com menos embaraço ao perigo da conquiſta. O Marquez de Toral foy o primeiro que rompeo a ſuſpençaõ das armas: porque ſahindo em nove de Junho a Ronda de Elvas com a pouca attençaõ que coſtumava, naõ paſſando de dez o numero dos cavallos da Companhia de D. Rodrigo de Caſtro, acháraõ outros tantos Caſtelhanos que os provocáraõ a eſcaramuçar. Naõ lhes perturbou os animos o novo accidente, attacáraõ a eſcaramuça com grande reſoluçaõ: porém ao tempo que prevaleciaõ contra os dez Caſtelhanos, ſahiraõ trinta que eſtavaõ emboſcados em humas vinhas chamadas das Caldeiras junto ao Guadiana, e ſuperando o mayor numero ao mayor valor, rendéraõ ſete Portuguezes, e ſalváraõ-ſe tres. Durando o conflicto, cahio morto o cavallo de Roque Antunes natural de Moura, e reſoluto a perder a vida por eternizar a memoria, naõ aceitou quartel com a penſaõ de dizer, *Viva El-Rey D. Felippe*, a que os Caſtelhanos queriaõ obrigalo, e ſacrificou o generoſo eſpirito com as repetidas vozes de, *Viva Deus, e ElRey D. Joaõ meu Senhor*: deixando eſcrito com o ſeu ſangue, que naõ tem honra nem vida aquelle que por conſervar a vida quer perder a honra. Os tres ſoldados que eſcapáraõ, deraõ em Elvas o primeiro rebate: todos os que ouviraõ a noticia do ſucceſſo, ſe arrojáraõ furioſamente a ſahir ſem ordem a ſolicitar a vingança: porem deteveos a prudencia de Mathias de Albuquerque, mandando cerrar as portas da Cidade, temendo que os os Caſtelhanos armaſſem a eſta deſordem com mayor poder. E para que eſta poderaçaõ ficaſſe manifeſta, ſem perigo do ſeu credito, aos que naquelle tempo pouco exercitados naõ ſabiaõ diſtinguir as acçoens militares, ſe poz a cavallo, e correndo a Cidade dizia em

Anno 1641.

Primeiro rompimento da guerra.

Morte glorioſa de Roque Antunes.

Anima Mathias de Albuquerque o Povo de Elvas.

Anno 1641.

vozes altas; que a força dos esquadroens tanto consistia no valor como na disciplina; que de taõ destra mão necessitava a espada na guerra, como o potro no manejo: por que aquella, e este se precipitavaõ, se a arte naõ domina a colera: e que elle lhe promettia muito brevemente a satisfaçaõ daquelle aggravo. Foy esta promessa remora da temeridade dos soldados, e moradores de Elvas, suffocando a paixaõ a que os obrigava a morte dos soldados, e verem que os Castelhanos rebanhavaõ algum gado que andava pela Campanha. Mathias de Albuquerque pondo em ordem a pouca gente de que constava aquella guarniçaõ, e mandando descobrir os Olivaes que a larga distancia rodeaõ Elvas, sahio á Campanha, naõ podendo deter a Infantaria, que pudera arrepender-se da desobediencia, se os Castelhanos se naõ houveraõ retirado: o mesmo fez Mathias de Albuquerque, ouvindo, e desprezando a inconsiderada murmuraçaõ dos moradores de Elvas, que condenavaõ por falta de valor a sua prudencia. No dia seguinte tornáraõ os Castelhanos a passar Guadiana com 400. cavallos, e mil Infantes, e sem outro effeito que formalos á vista da Ronda, se reriráraõ. Na mesma tarde havendo chegado a Mathias de Albuquerque algumas levas de Infantaria, sahio de Elvas com 700. Infantes, e 30. cavallos; passou a noute emboscado em hum valle de huma vargea junto do Monte da Terrinha. Sahido o Sol, e apparecendo a Cavallaria Castelhana no lugar de Tellena situado da outra parte de Guadiana, marchou Gaspar de Siqueyra a provocar as tropas inímigas, a que o carregassem: entendendo os Castelhanos que era emboscada, naõ quizeraõ passar o rio mais que alguns cavallos, que sustentáraõ huma leve escaramuça. Impacientes da dilaçaõ os da emboscada, sahiraõ formados á campanha, de que resultou retirarem-se os Castelhanos, e ficar a nossa gente taõ ufana, e paga do procedimento de Mathias de Albuquerque, como se houveraõ conseguido huma grande victoria. Tal era o desconcerto dos animos naquelle principio da guerra, que se offendiaõ da prudencia, e se pagavaõ da temeridade. E he certo que se Mathias de Albuquerque naõ reconhecéra

Segunda mostra dos Castelhanos

Retiraõ se deixando os Portuguezes.

céra igual insufficiencia nos Castelhanos, que levando só 30. cavallos e tendo visto no dia antecedente ao inimigo 400. e mil Infantes, que naõ expuzera a Infantaria em huma campanha rasa a risco taõ manifesto: porem nestes principios como os Castelhanos naõ empenharaõ na guerra de Portugal as tropas veteranas, e só pelejavaõ com a gente levantada de novo, contendia-se de ignorancia a ignorancia. E assim por leves, e mal dispostos escrevo pouco animado estes primeiros successos, temendo que molestem a quem ler esta historia: porem quem escreve he so obrigado a contar na verdade tudo o que aconteceo no tempo de que trata, sem fazer reparo em outras vaidades, que costumaõ a destroir o credito dos Historiadores; e o assumpto que tomo, he taõ vasto, que naõ faltaraõ ao Leytor muitos empregos da sua curiosidade. Retirou-se a Elvas Mathias de Albuquerque trazendo comsigo o corpo de Roque Antunes, que achou na Campanha, ao qual com grande pompa fez dar na Sé de Elvas honrada sepultura: porque na politica de remunerar grandes acçoens com coroas de louro, para inflamar os animos dos soldados a mayores empresas, foy Mathias de Albuquerque insigne imitador dos Capitaens Romanos. O Marquez de Toral querendo com adissimulaçaõ conseguir mayor utilidade, mandou os sete prisioneiros com hum bolatim em que dizia, que romper-se a guerra fora desordem do cabo da Romda; e na confissaõ de mal obedecido padeceo logo o castigo do falso trato, porque querendo justificar este protesto com outra apparente falsidade, mandou publicar que todos os payzanos Portuguezes que quizessem recolher as suas searas, o podiaõ executar sem perigo algum. Naõ se enganou na traça de enganalos, por quanto persuadidos facilmente do interesse, naõ dando credito ás repetidas advertencias de Mathias de Albuquerque, passaraõ muitos contra os seus preceitos a recolher as sementeyras que tinhaõ em Castella, e naõ só succedeo isto aos de Elvas, mas fizeraõ o mesmo todos os das Praças da Raya. Acabado o trabalho de segar o trigo, experimentáraõ o castigo da sua ambiçaõ: porque os Castelhanos o recolhéraõ, e os despediraõ

Anno 6141.

Motivos de se escreverem estes successos.

Retirase Mathias de Albuquerque, e mãda fazer exequias a Roque Antunes.

Primeiro bolatim dos Castelhanos com os prisioneyros.

Trato falso dos Castelhanos.

Anno 1641.

pediraõ com muito máo trato. Esteve a guerra alguns dias suspensa, e se os soldados de huma, e outra parte faziaõ alguma presa, se tornava a restituir: durou pouco esta correspondencia, e de novo experimentáraõ os lavradores mayores hostilidades. Em satisfaçaõ desta affensa se mandou armar ás tropas de Ronda, que costumavaõ sahir duas de Badajoz, com 40. cavallos, e 200. Infantes: hia por Cabo o Capitaõ Joaõ Tavares; naõ conseguio mais que attacar-se huma leve escaramuça, de que veyo ferido Diogo de Mesquita.

Escaramuça das tropas.

Neste tempo voltou de Lisboa o Conde de Vimioso a continuar o governo daquella Provincia, prevalecende por aquella vez a sua innocencia contra as calumnias de seus inimigos. Deteve-se o Conde em Estremôz a dar ordem ás levas de Infantarias, e Cavallaria, que por falta de cabedaes caminhavaõ lentamente. Francisco de Mello Governador de Olivença sabendo que o Conde era chegado a Estremôz, passou áquella Villa a communicar-lhe alguns negocios importantes. Tiveraõ os Castelhanos noticia desta jornada, mandou o Marquez de Toral 400. cavallos com ordem que o aguardassem os dous dias seguintes, nos quaes entendiaõ que poderia voltar. Emboscáraõ-se entre Olivença, e Gerumenha; lancáraõ ao amanhecer huma partida abater as estradas, foy vista de Olivença. O Sargento Mór Luiz Pinto de Mattos, que governava a Praça, enganado de pouca experiencia mandou sahir dous Capitaens de Infantaria com 80. Mosqueteyros, dando-lhe ordem que seguissem a partida: sahiraõ elles, e os da partida, por lhe dar mayor confiança, se foraõ retirando. Cresceo aos Capitães o calor com este engano, e accrescentou-lhes o empenho o que pudera servir-lhe de aviso: porque detendo-se, era certa a emboscada, e retirando-se, impossivel alcançalos. Tanto que os da partida os viraõ distantes da praça, voltáraõ a carregálos, e ao mesmo tempo sahiraõ os da emboscada que estavaõ nas costas do sitio de Castello Velho, pouco distante de Olivença: avansáraõ todos aos Infantes, os quaes vendo-se perdidos, voltáraõ alguns as costas, outros querendo-se valer do reparo de huma tapada, antes

Torna o Conde do Vimioso a Alemtejo.

Rota de duas companhias de Olivença.

antes de o conseguir foraõ degolados. Foy a perda menor no effeito, que no estrondo: porem como era a primeira, teve desculpa o sentimento que houve em toda a Provincia. Mathias de Albuquerque, naõ querendo dar lugar a que o receyo se apoderasse dos animos dos moradores de Olivença, de que podiaõ seguir-se effeito muito prejudiciaes, tanto que lhe chegou a noticia deste successo, marchou caminho de Olivença com 400. Infantes e 40. cavallos: chegou a Guadiana taõ perto da noute, que alojou junto do Rio, onde aguardou o dia com as armas na maõ, constando-lhe que as tropas dos Castelhanos estavaõ da outra parte do Rio. Sahio o Sol, e passada a ponte, marchou formado, e chegou sem opposiçaõ a Olivença, naõ querendo os Castelhanos embaraçar-lhe a jornada; o que, a serem mais destros, com 400. cavallos puderaõ fazer facilmente. Foy esta resoluçaõ de grande effeito: porque os moradores de Olivença estavaõ muito confusos com o successo passado, e os Castelhanos determinavaõ valer-se do seu sobresalto interprendendo a Praça a noute seguinte. Disvaneceo-se o intento, vendo marchar Mathias de Albuquerque com o soccorro. Deteve-se elle dous dias em Olivença, e deixando na Praça 150. Infantes, com os 250: e 40. cavallos se poz em marcha. Aguardava-o o inimigo com mil Infantes e 400. cavallos; reconheceo que a nossa gente marchava formada, e taõ de vagar, que mostrava pouco receyo; o que bastou para se naõ resolverem os Castelhanos a pelejar, deixando chegar a Mathias de Albuquerque á ponte de Olivença, onde ficou livre do perigo que o ameaçava. Este, e outros semelhantes erros dos Castelhanos exercitados muitas vezes no principio da guerra em utilidade nossa, conglutináraõ desórte os materiaes deste edificio da conservaçaõ de Portugal, que quando se resolvéraõ a querer arruinalo, experimentáraõ a sua defensa impenetravel a todos os golpes; e fazendo-nos o exercicio da guerra, sem prejuizo nosso, mayores soldados, passamos gloriosamente dentro de poucos annos do perigos de conquistados á contingencia de conquistadores. Voltáraõ os Castelhanos a Olivença, a buscar na pouca experien-

Anno 1641.

Marcha Mathias de Albuquerque ao soccorro.

Naõ se atrevê os Castelhanos a investilo na retirada.

Anno 1641.

Escaramuça em Olivença.

cia daquella guarniçaõ segunda desordem: deraõ as sintinellas aviso ao Governador da Praça, mandou elle logo sahir o Capitaõ D. Manoel de Sousa com 100. Infantes, e Paulo Vieyra Rijo com 15. cavallos, sem mais causa que entender que era preciso o naõ mostrar receyo: como se fora ley da guerra sahirem de huma praça voluntariamente a pelejar contra muita Cavallaria poucos Infantes. Valeo-se Dom Manoel do reparo de alguns vallados, desviáraõ-se os Castelhanos dos mosquetes, e marcháraõ para a Praça. Entrou em parte dos Infantes o receyo, e voltáraõ as costas: porém com os que ficáraõ sustentou D. Manoel sem perturbaçaõ o posto, a judado dos poucos cavallos de Paulo Vieyra: retiráraõ-se os Castelhanos sem damno de ambas as partes.

De todos estes accidentes se dava conta ao Conde do Vimioso, que naõ havia passado de Estremôz, por lhe haver chegado noticia de Lisboa de que prevaleciaõ em sua ausencia as cavilaçoens de seus inimigos; e como dellas podia originar-se o aggravo de ElRey lhe tirar o posto, queria esperalo em lugar mais apartado dos Castelhanos. por lhes dilatar mais tempo o gosto de saberem, que lhe naõ remunerava tantas finezas executadas por seu serviço. E accrescentava-se a este outro mayor sentimento, que era recear que os mais Vassallos delRey, vendo a offensa que lhe dava por satisfaçaõ se escramentassem no seu aggravo, e faltassem com o zelo que elle dezejava influir em todos á defensa da sua Patria. Veyo de Elvas buscalo Mathias de Albuquerque a conferir com elle negocios importantes do governo da Provincia: cõmunicou-lhe o Conde, que Antonio Mexia Capitaõ da Ordenança de Campo Mayor, que sustentava com permissaõ sua correspondencia com os Castelhanos, se havia deixado cavilosamente persuadir das instancias do Marquez de Toral, e lhe havia promettido introduzir o Conde de Monte Rey em Campo Mayor por hum quintal das casas em que vivia, e que por este trato dobre podiaõ lograr as nossas Armas hum bom successo. Foy Mathias de Albuquerque de contraria oppiniaõ, dizendo que era taõ inferior o nosso poder ao dos Cathelhanos, a Praça de

Conferencia do Conde do Vimioso com Mathias de Albuquerque

de Campo Mayor taõ mal fortificada, e elles taõ acautelados, que avaliava o risco por infallivel, ainda na supposiçaõ de que se devia dar inteiro credito a Antonio Mexia: porque o trato deste genero de homens era taõ desigual, e taõ perigoso, que costumaõ enganar a ambas as partes. E por esta consideraçaõ, pedindo á Rainha Isabel de Inglaterra premio hum Vassallo seu de hum grande serviço que lhe havia feito desta qualidade, ella lhe fizera merce, e o lançára fóra do Reyno, dizendo que se tornaria a valer do seu prestimo, quando necessitasse de hum traidor. Ajustouse o Conde com esta opiniaõ de Mathias de Albuquerque, e esforçáraõ por mayor cautela o presidio de Campo Mayor: de que se originou mudar de intento o Conde de Monte-Rey, que confórme depois constou, para este fim havia chegado a Badajoz cõ 4000. Infantes, e 500. cavallos, e vendo desvanecida a interpresa de Campo Mayor, se resolveo a attacar Olivença, persuadido de Sebastiaõ Correa natural da mesma Villa, que se havia passado a Castella, sendo o primeiro soldado que cegamente introduzio este desacerto, que muito poucos imitáraõ em todo o discurso da guerra; e naquelles a que succedeo mostrava Deos que se offendia da traiçaõ que executavaõ, porque ou acabavaõ a vida nas primeiras occasioens em que se achavaõ, ou ficavaõ nellas prisioneiros, e vinhaõ a pagar na forca o seu delicto.

Anno 1641.

Reforça-se Cãpo Mayor desvanecese a interpresa.

Resoluto o Conde de Monte-Rey a attacar Olivença esperando conseguir, escalando-a, ganhala a pouco custo, na suppoisçaõ de achar os baluartes sem deffensa, e aguarniçaõ sem disciplina; juntou em Badajoz 8000. Infantes, 2000. cavallos com todas as prevencoens necessarias: tirou das tropas primeiro 400. cavallos, os quaes mandou correr a Campanha de Elvas, com ordem de attacarem qualquer soccorro que passassem para Olivença, e de impedirem que as sintinellas da Ronda occupassem os postos, donde descobrissem a marcha que determinava fazer.. Marcháraõ os 400. cavallos, e depois de executarem a ordem que traziaõ de encobrir a marcha, rebanháraõ o gado que acháraõ na Campanha,

Disposiçoens dos Castelhanos para attacar Olivença.

Anno 1641.

e puzeraõ fogo ás ſementeyras, que eſtavaõ maduras; naõ valendo com o Conde de Monte-Rey oppór-ſe a eſta ordem que havia dado, o Cabido de Badajoz, obrigado ou do zelo Catholico, que naõ diſpenſa eſta fórma de guerra, ou do temor de padecerem igual deſtroiçaõ os fructos que produziaõ as ſuas Campanhas. Dom Joaõ da Coſta era Governador de Elvas, dando-lhe ElRey eſta occupaçaõ por haver D. Joaõ de Ataide aceitado o poſto de Commiſſario Geral da Cavallaria: vendo D. Joaõ da Coſta rebanhar o gado, e arder as ſearas, mandou ſahir Infantaria até as ultimas tapadas dos Olivaes para a parte de Guadiana; occuparaõ-nas antes que os Caſtelhanos entraſſem nelles, deraõ algumas cargas que empregáraõ, deſviaraõ-ſe dellas, e continuáraõ o incendio até a tarde que ſe retiráraõ a incorporar no exercito, que ja havia marchado com mil cavallos de vanguarda, a que ſe ſeguiaõ duas linhas de Infantaria, a eſtas bagagens com hum Terço de guarda, fazendo a retaguarda 500. cavallos, a que ſe uiraõ os 400. que foraõ a Elvas. A viſtou o exercito Olivença, onde ja o eſperava Franciſco de Mello Governador daquella Praça, informado de cinco Irlandezes que ſe haviaõ paſſado a ella: logo que lhe chegou eſta noticia, repartio os ſoldados, e payzanos pelos lugares mais convenientes, e havendo chegado D. Rodrigo de Caſtro com a ſua companhia de cavallos de comboy a algumas muniçoens, a deſmontou, e ſe uniu a D. Manoel de Souſa no Baluarte de S. Pedro, como ſe naõ fora mais util acudir montado onde foſſe mayor o perigo, ſendo capazes as ruas de Olivença de ſe maneiar nellas hum grande groſſo da Cavallaria. Com duas horas de Sol chegou todo o exercito ſobre Olivença: alojou entre os Olivaes que naquelle tempo a rodeavaõ, no ſitio das Perrarias viſinho da Praça pela parte a donde a defenſa era menor, por ter ainda hum lanço de trincheyra por acabar. Plantáraõ os Caſtelhanos logo duas peças de artilharia, as quaes fizeraõ jugar com pouco damno dos defenſores: eſtavaõ elles diſpoſtos á defenſa, eſperando que o valor ſupriſſe a falta da ſciencia militar; de que Franciſco de Mello por eſtudo tinha muita noticia: fez ju-

Poem fogo as ſementeyras.

Sahe D. Joaõ da Coſta Governador de Elvas.

Plantaõ artilharia.

jugar contra o exercito a pouca artilharia que havia na Praça, porém o damno foy taõ consideravel, que depressa se arrependéraõ os Castelhanos do intento; resolveraõ-se elles a attacar hum posto exterior, sahiram algumas mangas de mosqueteyros da Praça, que por tres vezes os rechaçáraõ. Vendo o Conde de Monte-Rey mayor oppoliçaõ da que suppunha, persuadido das fallas promessas de Sebastiaõ Correa, se resolveo a retirar-se, custando-lhe o intento duzentos homens mortos, e feridos, em que entravaõ Officiaes de importancia.

Anno 1641.

Retiraõ-se com perda.

Teve o Conde do Vimioso aviso do bom successo de Olivença, e para que o naõ celebrasse com o gosto que pedia a primeira victoria, lhe chegou ordem delRey para que deixando o exercito entregue a Mathias Albuquerque, passasse á Corte, por importar assim a seu serviço. Entendeo-se que Mathias de Albuquerque fora hum dos que fulminára a ruina do Conde, condenando o seu descuido, e dizendo que eraõ necessarios melhores fundamentos para huma guerra, na qual abizonharia dos soldados se havia de supprir com a prudencia, e destreza do General: discurso que se foy certo, depressa experimentou Mathias de Albuquerque mayor revéz que este golpe; porque partido o Conde do Vimioso passados poucos dias do seu governo, sem haver nelles acçaõ militar digna de memoria, o prendéraõ pelas causas que adiante referiremos, e nomeou ElRey por governador das Armas a Martim Affonso de Mello. Assistia em Cascaes, governo que lhe entregáraõ logo que ElRey se acclamou: haviaõ-lhe offerecido o Brasil que naõ quiz aceitar, habilitou-o para esta occupaçaõ a assistencia de alguns annos da India. Era dotado de valor e limpeza de mãos, onde a chiromancia do Povo costuma a descobrir, e a juizar os affectos do animo, discurso acreditado em Martim Affonso, que mereceo por esta virtude grande applauso, e grande lugares: Pretendeo patente de Capitaõ General do Reyno, como a que havia tido o Conde do Vimioso: respondeo-se-lhe que passando ElRey o Conde a outro emprego, se attenderia ao seu requerimento: e naõ tendo o Conde do Vimioso em sua vida

Tem o Conde ordem delRey para voltar à Corte, e governa Mathias de Albuquerque.

Succede-lhe Martim Affonso de Mello.

Anno 1641.

outra occupaçaõ, ſe naõ deo patente de Capitaõ General a outro Vaſſallo; reſervando-ſe a authoridade, e preminencia deſte grande titulo para o Principe D. Theodoſio. Com eſta promeſſa, e patente de Governador das Armas paſſou a Alemtejo Martim Affonſo de Mello, e encontrou em Arrayolos hum correyo que D. Joaõ da Coſta havia deſpachado a ElRey, dando-lhe conta de hum felice ſucceſſo conſeguido nos breves dias que governou aquella Provincia, depois de partido della Mathias de Albuquerque.

Foy o caſo, que andando D. Joaõ em Elvas dando ordem a adiantar as fortificaçoens, util exercicio a que foy ſempre ſummamente applicado, lhe chegou aviſo de Santa Olaya; aldeya duas legoas de Elvas, no caminho de Arronches, que os Caſtelhanos haviaõ feito huma groſſa preſa, e que marchavaõ com ella na volta de Guadiana, caminhando pouco diſtantes de Elvas, a qual deixavaõ á maõ direita. Eraõ eſtas tropas 400. cavallos, que o Conde de Monte-Rey havia mandado a eſta facçaõ, depois de ſe retirar de Olivença: executáraõ-na ſem controverſia, e naõ perdoando a extorçaõ alguma paſſáraõ os Caſtelhanos de cruéis a ſacrilegos, profanando os Altares e deſpindo as imagens das Ermidas do Campo. Dom Joaõ da Coſta tanto que recebeo o aviſo, fez ſahir da Praça ſeis companhias de Infantaria com 300. ſoldados, de que era cabo o Sargento Môr Antonio Gallo, e noventa cavallos divididos em duas companhias que governava Gaſpar de Siqueyra. Era a ordem que levavaõ, que marchaſſem até o fim dos Olivaes para a parte das Meymoas, valendo-ſe das tapadas, e ſitios acõmodados, para a Infantaria offender a cavallaria ſem poder ſer contraſtada; e que obſervando a diſpoſiçaõ dos Caſtelhanos, uſaſſem dos meyos que lhe offereceſſe a fortuna: que as duas tropas ſe naõ deſuniſſem da Infantaria guarnecidas de duas mangas de moſqueteyros. As ordens bem diſtribuidas ſaõ a ſegurança das empreſas: aſſim influio eſta nos animos dos ſoldados firme confiança do bom ſucceſſo. Chegáraõ ao monte do Perdigaõ, deraõ viſta dos Caſtelhanos, e reſolveraõ-ſe a pelejar. Formaraõ-ſe ſem alterar a ordem que levavaõ;

Exceſſos dos Caſtelhanos.

Faz ſahir Dom Joaõ da Coſta as tropas de Elvas.

vavaõ, e marcháraõ para o inimigo, que caminhava com intento de passar a presa no Rio Caya, que naquella Campanha entra em Guadiana com crescida corrente. Os Castelhanos advertidos do Cõmissario Geral que mandava as tropas, de que naõ era para desprezar a resoluçaõ dos Portuguezes, largando a roupa que traziaõ nas garupas, aguardáraõ formados a resoluçaõ dos que os buscavaõ. Tanto que a nossa gente chegou, dispararáraõ os Castelhanos as clavinas, e acertou huma balla no Capitaõ Gaspar de Siqueyra, de que cahio morto; merecendo as suas partes por muitos titulos mais dilatada vida. Foy de mayor effeito a carga que os Castelhanos receberaõ na nossa Infantaria: porque matando-lhe, e ferindo alguns da vanguarda das tropas, se diminuio o ardor de todos. Reconhecendo-os embaraços a nossa pouca Cavallaria, os attacou na desordem, e lhes accrescentou a confusaõ; e usando as duas tropas de toda a destreza, depois de darem a carga voltáraõ a formar-se na retaguarda da Infantaria, e tornáraõ com grande presteza a occupar os seus postos. Ajudados das cargas que a Infantaria multiplicava, investiraõ segunda vez aos Castelhanos com taõ bom successo, que os obrigáraõ a voltar as costas, deixando alguns mortos, vinte prisioneyros, e levando outros feridos. Sinalou-se nesta occasiaõ André de Albuquerque, Antonio de Saldanha, Joaõ de Seyxas, Capitaens de Infantaria, e D. Diogo de Menezes, que foy por soldado da tropa de Gaspar de Siqueyra, e manifestou na primeira occasiaõ galhardamente o seu valor. D. Joaõ da Costa sahio da Praça a dar calor á empresa, e achando-a conseguida agradeceo ao Sargento Mór Antonio Gallo, e aos mais officiaes o valor, e disposiçaõ com q̃ haviaõ pelejado, animando-os com os louvores a mayores empresas. Os Castelhanos largáraõ a presa que levavaõ, salvando só della algum gado que marchou cõ hũa partida algũas horas primeiro q̃ as tropas.

Anno 1641.

Attacaõ os Castelhanos.

Morre Gaspar de Siqueyra.

Retiraõ se os Castelhanos desbaratados.

Sahe D. Joaõ da Costa agradece aos Cabos o bom successo.

Em quanto succedeo o que fica referido, naõ se attacavaõ nas outras Praças fronteyras de Castella cõ menos calor as primeiras escaramuças. Assistia em Beja formando o seu Terço D. Francisco de Sousa: chegou-lhe aviso que em Moura, para onde o Terço estava destinado,

Passa a Moura D. Francisco de Sousa.

entre-

Anno 1641.

entregando-lhe ElRey juntamente o governo da Praça; havia nos animos dos moradores algum movimento, com indicios de pouca constancia na defensa da Praça: passou-se logo a ella, querendo attalhar que se naõ levantasse grande incendio, o que até aquelle tempo era pequena faisca. Chegando a Moura averiguou que os moradores de Barrancos haviaõ sido os mais culpados naquella alteraçaõ. Deo D. Francisco logo conta a ElRey deste successo, e havendo-lhe chegado outras noticias de mayores insultos destes Payzanos, a que chamavaõ Genizaros os de Alemtejo, por haverem partido até o idioma Portuguez com a lingua Castelhana; ordenou ElRey a D. Francisco de Sousa, que para castigo deste, e terror dos mais lugares, arrazasse logo Barrancos. Era este lugar dos Condes de Linhares, ficava na raya de Castella defronte de Enzina Sola; e além das razoens referidas estava taõ empenhado dentro de Castella, e era taõ difficil, e pouco util conservallo, que sem a culpa dos moradores fora justo destruilo. Marchou Dom Francisco a executar a ordem delRey, observando o segredo por naõ fazer rebeldes os que eraõ só máos Vassallos (exemplo que pudera ser naquelle tempo de grande prejuizo:) chegou a Barrancos, mandou sahir do lugar todos os moradores, e depois de tirarem o fato lhe puzeraõ os soldados o fogo. Recolheo-se D. Francisco a Moura sem embaraço dos Castelhanos, e voltou a Beja a acabar de formar o seu terço. No dia seguinte ao que partio de Moura, entráraõ os Castelhanos com 300. cavallos até o lugar da Amareleja, leváraõ grande presa: sahio abuscallos o Sargento Mór Francisco de Abreu de Lima, que Luiz da Sylva Alcayde Mór de Moura havia mandado de soccorro a Amareleja com 200. Infantes, e retirando-se os Castelhanos sem requererem pelejar, entrou o receyo nos nossos soldados, e fugiraõ antes de terem occasiaõ que os obrigasse. Os Castelhanos vendo a desordem, se valéraõ della: attacáraõ com furia, e naõ acháraõ mais resistencia que a de 80. Infantes que se recolhéraõ a huma tapada, de cujas cargas recebendo algum damno se retiráraõ, por se naõ resolverem a investillos. O Sargento Mór á quem se

Arraza-se Barrancos pela infedilidade dos seus moradores.

Escaramuça no lugar Amareleja.

se atribuio a desordem dos soldados, foy preso, e depois desterrado com nota de infamia em seu assento, sendo digna de grande louvor o zelo com que dispunhaõ a nossa defensa os primeiros autores da nossa liberdade. Applaudiaõ-se em Elvas os que valerosamente procediaõ, castigavaõ-se em Moura os que vilmente voltavaõ as costas ao perigo guardando a vida para o discredito: porque só de se fazer distinçaõ de homens a homens, e de procedimentos a procedimentos se colhe o fructo sasonado, que alimenta e dilata as Monarquias. Os Castelhanos voltáraõ segunda vez a Amareleja, que entráraõ, e saqueáraõ sem resistencia. Chegando a Beja este aviso a D. Francisco de Sousa, recebeo outro para prevenir a gente que havia levantado, ordenando-se-lhe que marchasse com ella em soccorro de Olivença, por se ter aviso de algumas intelligencias que se conservavaõ em Castella, que os Castelhanos voltavaõ sobre aquella Praça: porém como nestas noticias nunca ha certeza, mudáraõ de oppiniaõ, e publicou-se que o inimigo queria interprender Moura: acodio sem dilaçaõ D. Francisco á sua Praça, achou nella os moradores muito desalentados, animou-os á defensa, e dentro de poucos dias se desvaneceo esta presunçaõ.

Anno 1641.

He saqueado dos Castelhanos

Continuavaõ os Castelhanos as entradas, e pareceo necessario divertir-se com a vingança a oppressaõ dos Povos. Distava Valença de Bomboy huma legoa de Amareleja, e era a Villa como mais visinha dos nossos lugares, de que elles recebiaõ mayor damno; tinha seis Companhias de guarniçaõ, e alojavaõ-se nella cinco Companhias de cavallos. Informado deste presidio, e da pouca defensa das trincheyras da Villa se resolveo Francisco de Mendonça Alcayde Mór de Mouraõ, cinco legoas distante de Moura para a parte de Olivença, a tratar com D. Francisco de Sousa a interpresa desta Villa: reconheceo D. Francisco a difficuldade deste intento considerando, que unida a gente de Moura com a de Mouraõ, eraõ pouco mais de mil os mal disciplinados Infantes, e só 40. os pouco destros cavallos; porém lembrado de que os Portuguezes sempre com pouco poder conseguiraõ

gran-

Anno 1641.

grandes acçoens, se resolveo a seguir a oppiniaõ de Francisco de Mendonça. Concertou com elle juntarem se na Amareleja, que ficava a ambos em igual distancia, e que lançassem voz de que se uniaõ para comboyar o trigo, que aquelles moradores colhiaõ das suas searas. Uniraõ-se os dous na Amareleja com o poder referido, e marcháraõ para Valença quando cerrou a noute: Chegáraõ a avistála depois de romper o dia seguinte. Sendo reconhecidos dos Castelhanos, formáraõ as tropas fóra da Villa, e entre ellas algumas mangas de Mosqueteyros, e guarnecéraõ as trincheyras com a Infantaria que lhe sobrava, e com a gente da terra. Fez esta boa disposiçaõ mais ayroso o nosso attaque: porque desprezando a Infantaria o perigo, foy em muito boa fórma com repetidas cargas ganhando os postos. Largáraõ-lhos sem grande resistencia as tropas, e dando os dous Cabos valeroso exemplo avançáraõ por todas as partes a Villa: fugíraõ as tropas, e desemparou a Infantaria a trincheyra; entraraõ-na os nossos soldados, e padeceo a Villa miseravel estrago: foraõ muitos os despojos, resguardando-se religiosamente os lugares sagrados. Salváraõ-se as tropas dos Castelhanos em Oliva, que ficava pouco distante, os Infantes padecéraõ o mayor damno. Retirou-se D. Francisco de Sousa, e Francisco de Mendonça, trazendo os soldados contentes com o despojo, e deixando os Povos satisfeitos com a vingança, como se o prejuizo alheyo fora remedio da miseria propria.

Attaque de Valença de Bomboy.

He ganhada pelos Portuguezes

As fronteyras de Castello de Vide, e Marvaõ experimentáraõ neste principio algumas hostilidades da guarniçaõ de Valença: governava Castello de Vide Dom Nuno Mascarenhas Mestre de Campo de hum Terço, que guarnecia aquella, e as mais Praças visinhas. Tomou satisfaçaõ da offensa dos Castelhanos juntando 400 Infantes, com os quaes destruio toda a campanha de Valença, chegando até as portas da Villa, sendo facil correr aquelle districto sem cavallaria pela grande aspereza e passos difficultosos de todo elle: recolheo se D. Nuno sem embaraço dos Castelhanos. Neste tempo chegou a Estremôz Martim Affonso de Mello, e tomando promptamente

D. Nuno Mascarenhas Governador de Castello de Vide corre a Campanha de Valença de Alcantara.

Chega a Estremôs Martim Affonso de Mello.

tamente informaçaõ do Estado da Provincia, acodio a todas as Praças, se naõ com tudo o que era necessario a cada huma, proporcionando-as a todas conforme a importancia dellas, e ao que os poucos cabedaes daquelle tempo dispensavaõ. Obrigou aos moradores de Estremôz a fortificar a Villa na fórma que as mais da Provincia o haviaõ executado: levantáraõ huma grossa trincheyra de terra, e faxina com banqueta, e parapeito, defensa bastante para deter o impulso da Cavallaria do inimigo: muitos annos se sustentou desta sórte, depois ensinou a experiencia, que Estremôz era o coraçaõ de Alemtejo, e consequentemente de todo o Reyno, e se fabricou nesta Villa a grande fortificaçaõ que hoje a rodea, merecendo com ella o nome de hũa das melhores Praças de toda Europa. Cresceo a trincheyra, que Martim Affonso de Mello mandava levantar, com hum rebate falso que se deo de noute, de que se originou taõ grande confusaõ, por se naõ haverem sinalado aos moradores os postos a que haviaõ de acudir, que a ser verdadeiro, pouco numero de Castelhanos bastára para entrar a Villa sem opposiçaõ. Acautellados com a experiencia se dispuzeraõ os moradores com melhor fórma, e por todas as partes de Alemtejo era necessaria grande vigilancia: porque os Castelhanos, naõ prevenindo que os coraçoens valerosos se endurecem de todo tratados com crueldade, julgáraõ pela mais acertada politica naõ perdoar a extorsaõ alguma. Mostrou-lhe depois a experiencia no sangue que tantas vezes, e em tanta copia derramáraõ, que fora melhor para o conservar nas proprias veyas usar da fleyma, que irritar a colera. Com algumas tropas, e poucos Infantes entráraõ facilmente as Aldeyas Talega, e Olor distantes menos de huma legoa de Olivença. Viveraõ os moradores aviso a tempo que pudéraõ retirar-se a Olivença, perdéraõ a pouca roupa com que pobremente se reparavaõ, victoria de que os Castelhanos nas gazetas fizeraõ ridicula ostentaçaõ Retiraraõ-se deixando queimadas as Aldeyas, e nas Igrejas dellas sacrilegos testimunhos da sua irreverencia. Os moradores das Aldeyas se dispuzeraõ a satisfazer o aggravo, e a recuperar a perda: hum e outro

Anno 1641

Fortifica se a Villa.

Queymão os Castelhanos Talega, e Olor.

tro effeito conseguiraõ em muitas entradas que fizeraõ em varias partes de Castella.

Anno 1641.

Neste tempo estimulados o Duque de Feria, e o Marquez de Villa nova, que assistiaõ nos seus lugares, da perda de Valença quizeraõ restaurar, se naõ a Praça, a reputaçaõ; juntou-se-lhes o Marquez de Castro Forte, e chegando-lhes alguma gente de Badajoz, formáraõ hum corpo de 1600. cavallos, e dous mil Infantes, e amanhecéraõ a sete de Agosto sobre Mouraõ. Foraõ sentidos pouco espaço antes de attacarem, e por este respeito naõ tiveraõ os descuidados moradores mais tempo, que o de se recolherem do Arrabalde á fraca trincheyra da Villa: guarneceraõ-na, e acudindo valerosamente Francisco de Mendonça, acháraõ os Castelhanos galharda opposiçaõ, onde consideravaõ debil resistencia; porque passando o Arrabalde que ganháraõ, e investindo a trincheyra, foraõ taõ repetidas, e com taõ felice emprego as cargas que della se deraõ, que os Castelhanos se retiráraõ sem poder conseguir a empresa: determinaçaõ que os da Praça celebráraõ, disparando quatro vezes com grande effeito huma só peça de artilharia que tinhaõ sem mais ballas. Saqueáraõ o Arrabalde, e retiraraõ-se com grande perda. Antes de chegarem a Geromenha, por onde fizeraõ a marcha, encontráraõ Francisco Rebello de Almada Cõmissario Geral da Cavallaria, que por ordem de Martim Affonso de Mello vinha de Estremóz a soccorrer Mouraõ com 200. cavallos, e 400. Infantes: tanto que descobrio as tropas inimigas, ganhou com tempo os Olivaes de Geromenha, ficando-lhe a Praça nas costas, e encobrindo-lhe a Infantaria o que bastava para naõ ser vista mais que avanguarda, que prolongou: fez apparencia de tanto poder, que os Castelhanos naõ quizeraõ tentar a fortuna, e unindo-se D. Rodrigo de Castro com a sua companhia a Francisco Rebello á vista do inimigo, lhe tirou de todo a resoluçaõ de pelejar: durou a escaramuça muitas horas, á tarde recolhéraõ os Castelhanos os batedores, e se retiráraõ para Badajoz. O Commissario Geral meteo as municiçoens que levava em Mouraõ, e voltou-se para Elvas, onde ja estava o Governador das

O Duque de Feria e o Marquez de Castro Forte intentaõ Mouraõ.

Retiraõ-se

Ar-

Armas: os de Mouraõ recompensáraõ depresa o damno que receberaõ no Arrabalde, com grossas presa que fizeraõ em Castella.

Anno 1641.

Martim Affonso de Mello, deixando Estremôz com as prevençoens referidas, passou a Elvas, onde foy recebido dos moradores com grande alegria, por ser natural, e Alcayde Mór de Elvas. Logo que entrou nesta Praça, o informou Dom Joaõ da Costa do Estado da Provincia, na qual disse que se achavaõ tres mil Infantes pagos, e 400. cavallos, que as Praças com a terra, e faxina que se havia levantado nellas, estavaõ deffendidas dos assaltos, e naõ dos sitios; que a artilharia era muito pouca, e as muniçoens menos; e que o damno que os lavradores haviaõ recebido era muito grande, porque os soldados Infantes difficultosamente defendiaõ mais que as Praças; e que a Cavallaria era taõ pouca, que naõ bastava para a segurança dos gados; que a Infantaria paga estava dividida pelas Praças principaes; que as outras se guarneciaõ com os seus mesmos moradores, procedimento de que se devia esperar muito, e fiar pouco; porque ainda que as valerosas acçoens, que haviaõ executado, seguravaõ as esperanças de naõ prevaricar a sua fidelidade, a experiencia em todas as partes do Mundo mostrava, que nos grandes conflictos se apagava facilmente o ardor dos Payzanos sem a uniaõ da Infantaria paga; e que o poder referido era muito inferior ás forças que os Castelhanos juntavaõ, e que assim era preciso considerar muito nos meyos de engrossar as tropas, e de bastecer, e municionar as Praças; que o Conde de Monte-Rey era General do exercito de Castella, e de Merida havia passado a Badajoz, onde assistia; que era seu Mestre de Campo General Dom Joaõ de Garay, soldado de grande experiencia, e reputaçaõ, que a Cavallaria governava D. Andre Pacheco, e que para General da Artilharia estava nomeado D. Luiz de Alancastre Tio do Duque de Aveyro, e os mais postos, e governos das Praças occupavaõ grandes sonhores, e soldados de estimaçaõ, e que os confidentes que havia em Castella, seguravaõ que eraõ dous mil os cavallos das tropas pagas, e quasi outros tantos os de

Entra em Elvas Martim Affonso de Mello.

Informão Dom João da Costa do Estado da Provincia.

de outras tropas, que chamavaõ Milicianas, que tinha sete mil Infantes pagos, e outo mil quintados, que eraõ como as nossas ordenanças; trinta peças de artilharia montadas: seis grossas, as mais de campanha, quatro morteyros, petardos, e todos os instrumentos de expugnaçaõ; que estavaõ as carruagens promptas, e ajustado assento para vinte, e cinco mil reçoens; que este exercito era taõ numeroso, que se devia applicar igual cuidado a todas as Praças: porem que a de Olivença pedia mayor attençaõ, assim por haver sido infructuoso empenho do Conde de Monte-Rey, que seguindo a ordem dos affectos humanos, havia de preferir para a Conquista a Praça de que recebera a mayor offensa, como por ser a guarniçaõ de Olivença continua oppressaõ de muitos lugares de Castella, e freyo das entradas em Portugal. A estas advertencias ajuntou Dom Joaõ da Costa todas as as mais que lhe parecéraõ uteis, e com esta direcçaõ deo Martim Affonso de Mello principio ao seu governo. Elegeo Elvas para assistir nella continuamente (exemplo que acertamente seguiraõ muitos annos os Governadores das Armas que lhe succedéraõ.) Os moradores de Elvas dezejavaõ colher algumas paveas de trigo, a que havia perdoado o incendio dos Castelhanos, e as uvas das vinhas das Caldeyras: receosos do perigo propuzeraõ a Martim Affonso o seu intento, favorecidos da cõmiseraçaõ. Mandou juntar toda a carruagem possivel comboyada de mil Infantes, e 400. cavallos, sahiraõ de Elvas ao amanhecer, brevemente chegou o aviso a Badajoz; donde acodio a Cavallaria, e Infantaria a Telena, e sem mais que receyo de huma, e outra parte, colhidos os fructos da campanha, se retiràraõ as tropas de ambas. Os Castelhanos naõ estavaõ occiosos, davaõ continua oppressaõ em todas as fronteyras: corréraõ Campo Mayor com pouco fructo, passáraõ a Arronches, fizeraõ grande presa: a desesperaçaõ dos moradores os obrigou a seguilos, achàraõ em alguns passos estreitos lugar de tentar a fortuna; investiraõ com poucas egoas, e algumas espingardas tres tropas que levavaõ a presa, cahio das primeiras balas morto o Capitaõ de cavallos cabo das tropas, largà-

Anno 1641.

Correm os Castelhanos a Campanha de Campo Mayor, e Arronches.

largárão os mais a presa, e ficárão com ella os de Arronches satisfeitos, e vingados. Em Castello de Vide não era menor a oppressão: alguns cavallos que assistião na Villa de Ferreira, molestavão mais continuamente aquelle districto. Resolveo-se D. Nuno Mascarenhas a procurar algum remedio, juntou 600. Infantes pagos, e da Ordenança, marchou para Ferreira, onde havia 400. fogos, chegou sem ser sentido, entrou facilmente: saqueou a Villa, e queymou-a. Recolherão-se os moradores a hum Castello que tinhão antigo, e forte, e D. Nuno se retirou com os soldados satisfeitos do despojo. Nestas entradas de pouca consideração se passava o tempo, sem se verem no exercito de Castella os effeitos que promettia. Quiz adiantar os seus progressos o Mestre de Campo General D. João de Garay, e intentou ganhar Elvas, persuadido de hum frade que de Elvas passou para Badajoz, e segurou a D. João que nesta Praça havia duas parcialidades, huma que seguia a voz delRey de Castella, outras delRey de Portugal: que a Castalhana lhe mandava pedir soccorro, e que no primeiro rebate que houvesse, estariaõ promptos para que sahindo a elle os Cabos, soldados de guarnição, como costumavão, ficando senhores da Cidade occupassem as portas della, que promettião conservar até serem soccorridos; o que seria facil, não podendo tornar-lhe a ganhar as portas a guarnição, por ser pouca, bizonha, e mal armada. Ainda que Dom João de Garay não deo inteiro credito a esta proposta não lhe pareceo que se desprezasse: ordenou a hum official pratico de hum dos Terços Waloens, que com quatro soldados de confiança se passasse a Elvas, e que depois de introduzidos examinassem o fundamento com que o frade facilitava a empresa, e o poder que tinha a parcialidade, que elle chamava delRey de Castella; e que com a noticia do que achassem voltasse a Badajoz, ou mandasse hum dos soldados. Partio este official logo que recebeo a ordem, entrou em Elvas; e mandando examinar Martim Affonso assim a elle como a seus companheiros, achando que se encontravão nas confissoens, os remetteo a Lisboa. O mesmo successo tiverão cinco soldados de cavallo, que

Anno 1641.

D. Nuno Mascarenhas saquea Ferreira.

Proposta de hũ frade a D. João de Garay.

Q ccm

Anno 1641.

com a mesma ordem passárão a Olivença. Vendo D. João de Garay que não podia conseguir mais distincta noticia, que a primeira que o frade referíra, que persuadido do pouco que se arriscava, havendo de exceder muito o poder que levasse ao que havia de achar em Elvas, aconselhou ao Conde de Monte-Rey que tentasse esta empresa.

Intenta Elvas o Conde de Monte-Rey.

Julgou o Conde conveniente seguir este parecer: juntou tres mil Infantes, e 1500. cavallos. Passou Caya, e fez alto nas vinhas de Terrinha, sitio que forçosamente descobriaõ as sintinellas da nossa Ronda: chegárao ellas depois de sahido o Sol, carregou-as huma tropa dos inimigos até dentro dos Olivaes. Com a noticia do rebate mandou Martim Affonso montar as tropas, em que já havia 500. cavallos, pelas haver remontado Martim Affonso, e estarem nesta occasiaõ quasi todas em Elvas, e sahir dos Terços mil Infantes. Conduzio esta gente D. João da Costa, e Martim Affonso, que estava sangrado tres vezes, se levantou da cama; e sahio ao outeyro de Santa Luzia, donde divisava toda a Campanha. Marchou D. João da Costa, e sahindo fóra dos Olivaes fez alto detraz de huma colina, onde as tropas ficavaõ cubertas da Campanha: mandou occupar as sintinellas necessarias, e descobrir a Campanha por 25. cavallos, a que dava calor D. Rodrigo de Castro com a sua tropa. Deo vista a escoadra a tres tropas Castelhanas, que eraõ as que haviaõ corrido as sintinellas: procurou detelas, ao que se deixáraõ persuadir facilmente, intentando que a tropa de D. Rodrigo se empenhasse desorte que se perdesse sem remedio. Entendeo Dom João da Costa a determinaçaõ dos Castelhanos, e mandou retirar D. Rodrigo de Castro: obedeceo elle, recolhendo os batedores com boa ordem. Desemganados os Castelhanos de que naõ podiaõ empenhalo, o carregárão as tres companhias: havia D. João da Costa avançado com as nossas tropas ao alto da colina, guarnecendo-lhe os flancos com algumas mangas de mosqueteyros; empenháraõ-se os Castelhanos desorte, que se acháraõ entre as nossas tropas, que os recebéraõ com huma carga felicemente empregada. Era huma das Companhias dos Castelhanos de Dragoens, os quaes desmontando-se

Sabe Martim Affonso, ali inta se D. João da Costa com as tropas.

Recontro da Terrinha.

Degolam as tropas Portuguezas com Dragoens.

Anno 1641.

tandó-se como costumavaõ, para dar a carga com os mosquetes que traziaõ, os carregáraõ as nossas tropas taõ valerosa, e ligeiramente, que degoláraõ 100. Castelhanos, antes que os da emboscada os pudessem soccorrer, o que com toda a diligencia procurou o Conde de Monte-Rey, e D. Joaõ de Garay: descobrindo a Atalaya (que se havia levantado no monte da Terrinha, e estava guarnecida) aos Castelhanos que estavaõ emboscados, tocou arma, e reconhecendo a causa D. Joaõ da Costa, retirou os soldados com grande trabalho, porque se haviaõ empregado em despir os Castelhanos mortos; mas reduzindo-os á primeira fórma, occupou a entrada dos Olivaes antes que o inimigo chegasse a elles, e metendo a Infantaria em duas tapadas, que de huma, e outra parte franqueavaõ a estrada, recebéraõ as tropas que vinhaõ avançadas huma carga com tanto effeito, que cahiraõ mortos muitos soldados dellas. Fizeraõ alto, e attacou-se entre as tropas huma escaramuça, que sustentou com valor D. Rodrigo de Castro, e naõ querendo empenhar a Infantaria, de que pudera resultar-lhe melhor successo, se retiráraõ com a perda referida, e foy o castigo do frade o desaffogo do damno que lhes occasionou: teve em Badajoz larga, e estreita prisaõ, depois o remettéraõ a Madrid.

Retiraõ.se os Castelhanos cõ perda.

Recolheo se a nossa gente a Elvas, e logrou Dom Joaõ da Costa o merecido applauso do bom successo que dispuzera, e conseguira, ajudado do valor dos que o acompanháraõ. Antes deste successo havia logrado em Portalegre Dom Luiz de Portugal outro muito felice. Passou áquella Cidade por ordem do Governador das Armas a examinar a culpa de alguns moradores, dos quaes havia noticia que davaõ avisos aos Castelhanos, e que determinavaõ introduzillos na Cidade. Levou Dom Luiz comsigo quatro companhias de Infantaria do seu terço, e huma de cavallos: entrou em Portalegre com o pretexto de acodir ás fortificaçoens, examinou secretamente as culpas, e os delinquentes, e castigando alguns que o mereciaõ, se soccegáraõ todos. Durando esta diligencia entrou o inimigo pela serra de Marvaõ, e queimou as Aldeyas de Pitaranha, e Galego: teve Dom Luiz aviso,

Socega D. Luiz de Portugal Portalegre, e tẽ bom successo cõtra os Castelhanos.

Q ii mar-

Anno 1641.

marchou ſem dilaçaõ com a gente que havia levado de Elvas, e alguns moradores da Cidade. Hiaõ-ſe retirando os Caſtelhanos: ſeguio-os D. Luiz, e na ſua retaguarda queymou o lugar do Pico, e com huma grande preſa ſe veyo retirando. Voltáraõ os Caſtelhanos, fez alto Dom Luiz, e mandando por alguns moſqueteyros occupar os lados da eſtrada, eſtreita naquelle aſperiſſimo ſitio, onde a Infantaria he ſuperior á Cavallaria, recebéraõ os Caſtelhanos huma carga; carregou-os a tropa que era de Dom Fernando Telles governada pelo ſeu Tenente Martim Domingues Banha, tomou-lhes alguns cavallos, e ficáraõ mortos 30. Infantes. Retirou-ſe Dom Luiz com a preſa, e por ordem do Governador das Armas voltou a Elvas, ficando por Capitaõ Mór de Portalegre Manoel Godinho de Caſtelbranco.

Os intentos do Conde de Monte-Rey além de ſerem pouco felices, eraõ condenados em Madrid pela má diſpoſiçaõ com que os fabricava. Dezejoſo de emendar a fortuna, e reſtaurar a opiniaõ, experimentando juntamente deſvanecidas as intelligencias de Lisboa, infructuoſo o empenho do exercito junto, ſe reſolveo por todas eſtas razoens a empregalo antes de o deſunir: Affeiçoou-ſe á interpreſa de Olivença, levado do dezejo de vingar o primeiro intento mal ſuccedido, e obrigado das queixas repetidas de todos os moradores daquelle diſtriſto, os quaes perſeguidos da guarniçaõ de Olivença naõ logravaõ fazenda livre, nem davaõ paſſo ſeguro, e perſuadido tambem das inſtancias de Sebaſtiaõ Correa, que com mayor maldade queria emendar a primeira traiçaõ. Reſoluto a intentar eſta empreſa, juntou dous mil cavallos, e ſeis mil Infantes, e paſſou a Valverde. Na tarde de 16. de Setembro ſahio deſta Villa, marchou ſem ſer ſentido pela Ribeira, e chegou junto de Olivença tres horas antes de amanhecer: neſte tempo ſentiraõ o rumor da gente dous lavradores, corréraõ a dar aviſo a Praça, mas naõ chegáraõ mais depreſſa que os Caſtelhanos. Perguntáraõ as ſintinellas, *Quem vive*? e quizera elles diſſimular-ſe com a cautela de *Viva ElRey Dom Joaõ*: pedida a contraſenha, e naõ reſpondendo, foraõ reconhecidos.

Interprende Olivença o Cõde Monte-Rey

cidos. Tocou-se Arma, e naõ dando lugar a mayor prevençaõ, avançáraõ valerosamente, e era o perigo taõ visinho, que a naõ serem rebatidos do valor de poucos soldados, primeiro se padecéra o estrago de que se prevenisse o remedio. A companhia que estava de guarda ás mal cerradas portas, que era a do Mestre de Campo D. Joaõ de Sousa, governada pelo seu Alferes Martim Nabo Paçanha, foy a que deteve a exemplo dos primeiros soldados o impeto dos Castelhanos; os quaes naõ só attacáraõ a porta, mas os dous baluartes de hum, e outro lado della, sobindo pelos flancos que a desquartinavaõ: acháraõ a primeira resistencia em alguns moradores que acodiraõ ao rumor. As vozes dos Castelhanos, ruido das ballas, e clamores do Povo acodio Rodrigo de Miranda Governador da Praça, que succedeo a Francisco de Mello, que occupou o posto de Mestre de Campo, acompanhado de D. Manoel de Sousa, e outros officiaes; fizeraõ attalhar as bocas das ruas, e unido hum corpo de Infantaria da que se vinha juntando, carregáraõ valerosamente os Castelhanos. Durou o conflicto duas horas que durou a noute, a manhãa lhes acabou de introduzir as luzes do esforço, sepultando aos Castelhanos na trevas do medo: perdéraõ os postos que haviaõ ganhado, e quando se retiráraõ, sendo a distancia pouca, os corpos grande alvo, e os tiradores destros, foy o damno excessivo: passàraõ os mortos, e feridos de 400. entre elles officiaes de importancia, e pessoas de qualidade. Formaraõ-se a tiro de artilharia, de que tambem recebèraõ prejuizo. Recolheraõ-se a Badajoz, mandando a Cavallaria em tres troços a Elvas, Campo Mayor, e Villa-Viçosa: porém voltaraõ-se todos sem effeito algum, por acharem os gados recolhidos. Houve no successo referido acçoens muito sinaladas: foy das mais celebres defender na porta Gregorio Correa natural de Seyxas termo de Ourem, sendo de settenta annos, grande espaço com hum chuço aos Castelhanos a entrada della, e repetindo muitas vezes, *Dou me eu a Deos, e ao meu Rey Dom Joaõ: affastay Castelhanos, que naõ haveis de entrar*, foy invincivel, recebendo grande numero de golpes. Na defensa dos baluartes

Anno 1641.

Retira-se com grande perda.

Acçaõ valerosa de Gregorio Correa.

Anno 1641.

luartes procedérão com grande valor os Capitaens Francisco Pinto Pereira, e Antonio de Vasconcellos: Rodrigo de Miranda executou valerosamente o que fica referido, e distribuio todas as ordens com grande acerto até lançar os Castelhanos fóra da Praça: ficou nella hum soldado morto, e alguns feridos. A tarde que os Castelhanos sahirão de Badajoz, chegou a Campo Mayor hum Portuguez, com quem tinha intelligencia o Governador das Armas, e deo conta ao Sargento Mór Luiz Alvares Baynes da entrada, e intento do Conde de Monte-Rey: fez o Sargento Mór aviso ao Governador das Armas, o qual sem dilação chamou a Conselho, e propoz a noticia que havia recebido: concordárão todos os votos que se soccorresse Olivença, e que ficasse em Elvas Martim Affonso de Mello para acodir aos accidentes que sobreviessem. Não quiz elle ajustar-se nesta parte ás opiniões do Conselho, e resolveo que elle havia de ser quem levasse o soccorro. Despachou logo todos os soldados das ordens, que assistião em Alvas, das Praças da Provincia, ordenando a todos os Governadores dellas q̃ marchassem a Geromenha, para onde logo partia, com a mayor brevidade, e mayor numero de gente que lhes fosse possivel juntar. Despedio juntamente partidas sobre Badajoz, e Olivença, com ordem que lhe fossem mandando aviso de tudo o que observassem; e na mesma noute partio de Elvas para Geromenha com a Cavallaria, e Infantaria daquella guarnição, duas peças de artilharia, e algumas muniçoens. Pouco havia marchado, quando se lhe unio a guarnição de Campo Mayor; e antes de chegar a Geromenha reconheceo o assalto de Olivença, ouvindo os tiros, e vendo fuzilar os mosquetes. Chegou a Geromenha, e ao meyo dia recebeo aviso de Rodrigo de Miranda do máo successo que os Castelhanos tiverão na interpresa; porém que ainda ficavão á vista da Praça: que se achava com tão poucos defensores, que necessitava muito de ser soccorrida. Martim Affonso achando-se com 1600. Infantes, e 600 cavallos, se resolveo a marchar para Olivença sem aguardar as mais gente que havia mandado conduzir, só lhes deixou ordem em Geromenha para,

Rodrigo de Miranda, e os mais officiaes procede com valor.

Parte Martim Affonso de Elvas com soccorro.

para que se incorporassem na ponte de Olivença, donde lhes faria aviso do que haviaõ de executar. Antes de partir de Geromenha recebeo carta de Rodrigo de Miranda, em que lhe dizia que o inimigo se havia retirado: Continuou Martim Affonso a marcha, que antes pudera ser intempestiva, levando comsigo só a Cavallaria, e algumas cargas demuniçoens, que seguravaõ 200. Mosqueteyros. Chegando a Olivença agradeceo com grandes demonstraçoens aos officiaes, soldados, e moradores o valor que haviaõ mostrado; e deixando em Olivença a Infantaria que levava, huma tropa, e as muniçoens, se voltou para Elvas, mandando despedir os soccorros que havia convocado.

Anno 1641.

Entra em Olivença anima os soldados, o augmenta oprejuiço.

O Conde de Monte-Rey tendo noticia das prisoens que ElRey naquelle tempo mandou fazer em Lisboa, de que adiante se dará noticia, desfez o exercito, e aquartelou as tropas (resoluçaõ por onde se justificou que fora formado para este fim) e como experimentava desvanecido os intentos, e as empresas mal succedidas, se resolveo a deixar a guerra, e dentro de poucos dias partio para Madrid, onde se queyxou de Sebastiaõ Correa, dizendo q̃ o fizera mal lograr as empresas cõ opinioens fingidas, e conselhos dissimulados: ordinaria desculpa de Generaes infelices, e merecido castigo da infidelidade de Sebastiaõ Correa, experiencia que encontraõ os que pretendem fundar sobre bases abominaveis a estatua da virtude. Ficou o Mestre de Campo General Dom Joaõ de Garay governando e exercito; e querendo dar felice principio ao seu governo, determinou interprender Campo Mayor por intervençaõ de Antonio Mexia, o mesmo de quem referimos que Mathias de Albuquerque em tempo do Conde Vimioso se naõ fiára: este com semelhantes quimeras pretendeo enganar Martim Affonso de Mello, de coraçaõ taõ aspero para se deixar persuadir da verdade, que lhe faltavaõ todas as disposiçoens para dar credito á mentira; e usando com Antonio Mexia da pouca dissimulaçaõ que tinha por natureza, lhe disse que bem o conhecia por traidor, mas que se fizesse a ElRey algum grande serviço, ficaria livre desta opiniaõ, e

Retira se a Madrid o Conde de Monte Rey.

Anno 1641.

que acharia feguro premio da fua diligencia. Ufou Antonio Mexia defta repofta com differente fentido, e tendo lugar de paflar occultamente a Badajoz, fegurou a Dom Joaõ de Garay entregar-lhe Campo Mayor; o qual o remetteo a Dom Joaõ de Sentiliffes, que para efte fim havia mandado para Albuquerque. A falta que Antonio Mexia fez em Campo Mayor, deo cuidado ao Sargento Mór Luiz Alvares; accrefcentou-fe vendo que os Caftelhanos vinhaõ reconhecer a Praça com quatro tropas: fez avifo a Martim Affonfo de huma, e outra attençaõ, mandou elle logo para Campo Mayor o Meftre de Campo Ayres de Saldanha com feis Companhia de feu Terço, prevençaõ que diffuadio aos Caftelhanos da emprefa. Ayres de Saldanha tratou com grande calor da fortificaçaõ daquella Praça, que ficou governando, e moleftava com partidas continuas os lugares do inimigo vifinhos a ella. Nefte tempo interprenderaõ os Caftelhanos com máo fucceffo a Aldeya de Santo Aleyxo, quatro legoas de Moura. A noticia de que os moradores eraõ ricos, obrigou ao Cõmiffario Geral Dom Joaõ de Terraffas a procurar licença para faquealos: concedeo-lha D. Joaõ de Garay; fahio de Badajoz com 200. cavallos, e incorporados os de Valverde, e outros lugares com alguma Infantaria, formou hum corpo de 1500. foldados, e amanheceo fobre a Aldeya de Santo Aleyxo: era ella cercada de huma pequena trincheira, e defendida de 100. moradores governados pelo Capitaõ Martim Carrafco Pimenta: repartio elle, a gente pelos poftos perigofos, e refervou alguns que fobráraõ, para acodir aonde o aperto foffe mayor. Avançáraõ os Caftelhanos as trincheyras, e chegando muitas vezes a montalas, de todas foraõ valerofamente rebatidos: retiraraõ-fe defemganados, deixando alguns mortos, levando outros feridos. Teve efte avifo Martim Affonfo, mandou foccorrer a Aldeya com muniçoens, e ao Capitaõ de cavallos Dom Henrique Henriques com a fua companhia de quartel para Moura, dezejando evitar o damno que os Caftelhanos faziaõ aos lavradores daquelle diftricto. Entráraõ elles no termo de Monfarás com 200. cavallos, fizeraõ huma grande prefa,

Retiraõ-fe os Caftelhanos de Santo Aleyxo.

que-

querendo passar Guadiana lha tiráraõ os lavradores que se haviaõ unido, e os obrigáraõ a retirar-se, perdendo 30. cavallos. Ayres de Saldanha continuando no dezejo de occasionar aos moradores dos lugares de Castella o mesmo damno que padeciaõ os de Portugal, mandou huma partida de 20. cavallos a Villar delRey, quatro legoas de Campo Mayor: rebanháraõ estes 400. rezes, porém tendo andado a mayor parte do caminho, lhas tirou huma tropa, que estava em Villar delRey. Retiráraõ-se para Campo Mayor, e dando noticia do que lhe havia succedido, montou Joaõ de Saldanha da Gama com a sua companhia, e duas, que haviaõ chegado de Elvas comboyando tres peças de artilharia, e sahio com grande brevidade a buscar os Castelhanos: Cerrou-se a noute, e foy taõ tenebrosa, que as tropas naõ só erráraõ o caminho, mas divididas em partes tomáraõ varias estradas. Teve melhor fortuna o Tenente Joaõ Soares da companhia de Joaõ de Mello, porque com 17. cavallos deo vista dos que levavaõ a presa: despresou o excesso na confiança do valor, avançou aos Castelhanos, voltáraõ elles as costas deixando 10, e largáraõ a presa: rebanháraõ-na os nossos, e puzeraõ-se em marcha. Por iguaes meyos se dispunha a satisfaçaõ; porque os que fugíraõ para Villar delRey, acháraõ duas tropas de Badajoz, que haviaõ chegado com hum comboy: unidos todos seguíraõ a nossa partida; porém quando a avistáraõ, estava ja incorporada com Joaõ de Saldanha, e os mais que se haviaõ perdido: era o numero igual mas naõ foy igual a resoluçaõ; porque os Castelhanos vendo mais gente da q̃ suppunhaõ, naõ deraõ lugar a que os reconhecessem, e com grande diligencia se retiráraõ. Ayres de Saldanha com aquellas tropas, duas mais de Elvas, e 500. Infantes, armou ás tropas de Villar delRey, e Talaveira: tocou-se arma antes de tempo, recolheo-se sem outro effeito, que o da desordem com que procedéraõ os soldados, perjudicial inimigo das empresas militares. Eraõ estes leves encontros os effeitos da guerra de huma, e outra parte: porém a lima do exercicio hia pouco a pouco gastando a bisonharia dos nossos soldados; e o tempo que costuma escurecer o lustre

Anno 1641.

Varios successos em outras partes.

tre das armas, as fez resplandecentes nas mãos dos Portuguezes.

Anno 1641.

Interpresa de Valverde.

Foy neste anno a mayor acçaõ que se intentou em Alemtejo, a interpresa de Valverde. Teve noticia Martim Affonso que o inimigo engrossava o presidio desta Villa: receou novo sobresalto a Olivença, e elegeo generoso caminho de o atalhar, conformando-se com a opiniaõ de Dom Joaõ da Costa, o qual lhe propoz, que tinha por factivel interprender Valverde, e que succedendo felicemente, como esperava, se conseguiria para as armas opiniaõ, e para os soldados exercicio, e utilidade, dous Pólos que sustentaõ a máquina da guerra; e que juntamente ficaria Olivença livre dos assaltos, tendo o perigo menos visinho, e os lugares abertos daquella parte sem tanta oppressaõ; pois era Valverde pela visinhança da Raya, a confiança que mais obrigava aos Castelhanos a entrar em Portugal. Conformando-se Martim Affonso com este acertado parecer, sem cõmunicar a outra pessoa a resoluçaõ que tomava (base em que se seguraõ todos os designios da guerra) escreveo a Rodrigo de Miranda, que espiculasse o estado da fortificaçaõ de Valverde, e o numero de soldados de que se compunha a sua guarniçaõ: fiou Rodrigo de Miranda esta diligencia de Joaõ Mendes de Magalhaens, o qual vivendo em Valverde quando ElRey se acclamou, fugio da mulher Castelhana, e trouxe a Olivença tres filhos, para que se criassem Portuguezes; ficou-lhe em Valverde segura correspondencia, da qual soube que constava a guarniçaõ de Infanteria paga de 600 soldados, e de quatro tropas, em que haveria 200 cavallos; que estes governava o Cõmissario Geral Joaõ de Terrassas, e a Praça o Mestre de Campo Dom Jozé de Pulgar; que nella haveria quinhentos fogos; e que Dom Jozé havia acõmodado o sitio, como elle o permittia, attalhando as estradas, levantando meyas luas, e huma trincheira com banqueta, e parapeitos, tudo de faxina; que havia cortado as ruas, e cõmunicado as casas, e levantado na Igreja hum reducto pequeno, mas bem fabricado. Deo Joaõ Mendes estas noticias a Rodrigo de Miranda, e disse-lhe que se a caso dellas resultasse

ſe attacar-ſe Valverde, que elle ſe offerecia para guiar a gente que foſſe a eſta empreſa; e que advertia que a artilharia era eſcuſada, porque para a conduzir, ſeria neceſſario rodear tanta terra, que faltaſſem horas para ſe lograr a interpreſa ao amanhecer. Remetteo Rodrigo de Miranda eſta informaçaõ a Martim Affonſo de Mello, conferiu-a elle com Dom Joaõ da Coſta, e ajuſtáraõ dar á execuçaõ eſte intento; uniraõ-ſe com todo o ſegredo as guarniçoens das Praças mais viſinhas, e ſahiraõ de Elvas a 27. de Outubro. Conſtava o numero da gente de 2500. Infantes, e 500. cavallos. O Meſtre de Campo D. Joaõ da Coſta exercitava o poſto de Meſtre de Campo General; e as tropas hiaõ governadas pelo Cõmiſſario Geral Franciſco Rebello de Almada. Chegáraõ a Olivença ás dez horas da noute, e dilatando-ſe mais tempo do que era neceſſario, lhes amanheceo meya legoa de Valverde; foraõ deſcubertos, e o tempo que gaſtáraõ em chegar, tiveraõ os Caſtelhanos de ſe prevenir. Houve duvida ſobre ſe continuar a empreſa, reconhecendo-ſe o riſco de eſcalar huma praça de dia prevenida, e com boa guarniçaõ, a qual buſcavaõ na confiança do deſcuido e ſilencio da noute; prevaleceo o temor de perder a reputaçaõ (que ha caſos em que tambem he valeroſo) Deſpreſando Martim Affonſo de Mello perigo, deo ordem a que inveſtiſſem as trincheiras; repartio D. Joaõ da Coſta em tres troços a Infantaria, ſinalando aos officiaes a parte por onde haviaõ de attacar; e tendo-ſe pelo mais felice aquelle, a que tocava o mayor riſco, todos avançáraõ valeroſamente a Villa. Haviaõ os Caſtelhanos repartido os poſtos, tripulando ſoldados, e payzanos, e as tropas occupáraõ o ſitio, em que eſtava huma Igreja fóra da Villa colocada aos Martyres. Inveſtio-as o Cõmiſſario Geral com as que levava, e naõ fazendo grande reſiſtencia, voltáraõ as coſtas, e ſe recolheraõ a Valverde. A noſſa Infantaria ſem uſar das eſcadas, que levava prevenidas, montou as trinheiras, ſendo o conſeguir nos Portuguezes conſequencia de emprender. Deſempáráraõ os Caſtelhanos os poſtos, buſcando as caſas por melhor defenſa; e aſſim o experimentáraõ os expugnadores; porque das freſtas, que para eſte

Anno 1641.

Entraõ na Villa os Portuguezes.

este fim estavaõ abertas nas paredes dellas, os maltratávaõ. Entraraõ alguns, e á custa de muito sangue chegáraõ á Praça: quizeraõ avançar o reducto da Igreja, porem foy inutil a resoluçaõ, necessitando para o expunar de mayores prevençoens, e juntamente por haver ficado pelas casas a mayor parte da Infantaria, custando a ambiçaõ a muitos saldados justamente a vida. Vendo o Cõmissario Geral Francisco Rebello de Almada esta desordem, intentou com pouco acordo remedeala, metendo as tropas na Villa, excesso que accrescentou a confusaõ, e fez mayor o estrago, sendo elle o primeiro que o experimentou, cahindo morto de huma balla que lhe deo por hum olho, desgraça geralmente sentida, por ser muito valeroso, e ter grande pratica do exercicio da Cavallaria, que adquirio em muitos annos de assistencia de Flandes: o seu corpo fez retirar o Capitaõ de Infantaria André de Albuquerque por alguns soldados, que pagáraõ com o sangue o dinheiro com que os comprou para este effeito; e ainda assim o naõ conseguiraõ, se huma Castelhana tambem salariada os naõ ajudára, atando-lhe huma corda ao pescoço, pela qual lastimosamente o arrastáraõ, recolhendo-o a huma das casas que haviaõ ganhado. Vendo Martim Affonso de Mello o pouco effeito, e muito damno com que o reducto era attacado, mandou tocar a recolher, e Dom Joaõ da Costa, que valerosamente havia assistido em todos os lugares de mayor perigo, formando dos soldados, que pode juntar, hum esquadraõ fóra da Villa, recolheo com esta attençaõ áquelle corpo todos os que sahiraõ da Villa, e conseguio evitar-lhes mayor damno. Incorporados os saons, e retirados os feridos, marchou Martim Affonso de Mello para Olivença, custando lha a empresa 30. soldados que ficáraõ mortos, e e mais de 60. que trouxe feridos. Os que perdéraõ a vida de mayor estimaçaõ, foraõ o Cõmissario Geral Francisco Rebello de Almada, o Capitaõ de Infantaria Joaõ de Seyxas soldado de conhecido valor, o Capitaõ Agostinho Pinto, Joaõ Soares de Carvalho Tenente de Joaõ de Saldanha. Feriraõ David Calê Inglez, que depois foy Mestre de Campo, Gil Vaz Lobo, Ayres de Saldanha quan-

Anno 1641.

Morre o Cõmissario Francisco Rebello de Almada

Retiraõ se sem effeito.

quando sobia a trincheira, cahindo-lhe huma grande pedra na cabeça, o obrigou o golpe a perder o sentido: porém tornando depressa em seu acordo, continuou valerosamente a primeira resoluçaõ, mostrando-lhe o coraçaõ presago, que he tal a brevidade da vida, que convem lograr depressa o tempo, que aceleradamente nos leva á morte. Francisco Pinto Pereira foy derrubabo da trincheira com huma bala. Ficou tambem morto em Valverde Joaõ Mendes de Magalhaens, que havia agenceado a empresa, e guiado as tropas. Pagou ElRey a seus filhos o merecimento de seu pay, fazendo-lhe largas merces. Constou que os Castelhanos perdéraõ mais de 100. homens, e o despojo do lugar foy muito consideravel. Recolheo-se a Elvas Martim Affonso de Mello com algumas bandeiras, que mandou pendurar na Capella Mayor da Sé de Elvas, contrapezando este pequeno triunfo, o sentimento de naõ conseguir entrar o reducto, pela grande desordem dos soldados. Poucos dias depois deste successo, derrotou Ayres de Saldanha a tropa que assistia em Villar delRey, e passando a Elvas, corréraõ os Castelhanos Campo Mayor com as tropas de Badajoz; achando se sem poder para a opposiçaõ, naõ quiz o Sargento Mór Luiz Alvares abrir as portas da Praça. Impacientes desta advertencia os soldados, e moradores se lançàraõ alguns pelas trincheiras fóra, naquelle tempo pouco levantadas: o impulso os apartou dellas, seguindo ao inimigo o espaço que bastou, para que voltando degolasse 30. que justamente padecéraõ o castigo da desordem, sendo a obediencia a alma do formidavel corpo da guerra. Estas primeiras faiscas, que se aõ produziraõ mayor incendio pudéraõ ser desprezadas, como foraõ causa na Provincia de Alemtejo de hum fogo taõ vivo, como ao diante mostraràõ os successos da guerra, por serem fundamento de tanta maquina sobem a grande preço, merecendo por este respeito a attençaõ dos Leytores.

Anno 1641.

Derrotà Ayres de Saldanha a tropa de Villar delRey.

Delogaõ os Castelhanos em Cãpo Mayor 30. soldados.

Em quanto succedeo na Provincia de Alemtejo no anno de 1641. o que fica referido, naõ descansáraõ as armas das outras Provincias. Dos successos de cadahuma dellas hirey dando noticia; e esta mesma ordem determino

Disposiçaõ da historia.

no seguir em todos os annos que se continuaõ, por evitar confusaõ. Referirey no principio do anno que escrever todos os successos que acontecéraõ na Provincia de Alemtejo; continuarey com os do minho, seguir-se-haõ os de Traz os Montes, e logo os da Beyra, acômodando as materias politicas no lugar onde derem melhor luz á historia, rematando cadahum dos annos com a noticia da guerra das conquistas. Seguindo pois esta disposiçaõ, passaremos a referir os successos da Provincia de Entre Douro, Minho. Logo que ElRey se acclamou, elegeo por Governador das Armas desta Provincia a Dom Gastaõ Coutinho, nomeando-o do seu Conselho de Guerra. Na de Africa se havia exercitado os primeiros annos; depois, vindo para Lisboa, se embarcou em algumas Armadas, e tinha conseguido, em todas as occasioens que se offerecéraõ, opiniaõ de muito valeroso. Nos primeiros dias de Janeiro partio de Lisboa, chegou ao Porto, passou logo a Braga, onde se deteve alguns dias, e desta Cidade partio para Viana, Villa a mais occidental da fronteira de Galiza, e hum dos mais deleytosos lugares de todo o Reyno, banhando-a o Mar Occeano, e o Rio Lima. Os seus moradores já naõ ignoravaõ os exercicios militares, nem os assombrava o estronde da artilharia, ganhando valerosamente aquella fortaleza aos Castelhanos, como fica referido. Logo que Dom Gastaõ chegou á fronteira, a correo toda de Viana até Melgaço: huma das attençöes mais precisas que deve observar hum Governador das Armas, porque sem grande conhecimento da Provincia que governa, he quasi impossivel acertar as disposiçoens necessarias nas occasioens que se lhe offerecerem. Nesta jornada fez Dom Gastaõ alistar toda a gente de Entre Douro, e Minho: achou muita, e valerosa com poucas armas, e menos disciplina. Elegeo os officiaes mais praticos que póde descubrir, levantou trincheiras a Caminha, Villa nova de Cerveyra, e Valença. Assistindo á fortificaçaõ da ultima, o rodeáraõ algumas balas de artilharia de Tuy, Praça de Armas dos Galegos, que divide de Valença o Rio Minho com pouca distancia de huma a outra parte. Os moradores de Salvaterra deraõ principio

Anno 1641.

Successos de Entre Douro e Minho de que he Governador das Armas D. Gastaõ Coutinho.

Fortifica as Praças.

ao rompimento: quizeraõ impedir huns barcos, que hiaõ para Monçaõ; os moradores desta Villa os defendéraõ, conduzindo-os a ella, e estimulados deste excesso levantáraõ huma plataforma junto ao Rio, e pondo nella tres peças de artilharia, as dispáraraõ com prejuizo das casas de Salvaterra, situaçaõ da outra parte do Rio, como em seu lugar diremos. Nestes dias andando em Melgaço rondando as sintinellas junto do Rio, o Capitaõ de Infantaria Francisco de Gouvea Ferraz, estimulado de ouvir da outra parte do Rio a hum soldado Galego algumas palavras contra o decoro delRey, se lançou impetuosamente ao Rio, e passando-o a nado, se achou da outra parte sem opposiçaõ, porque o Galego medroso do seu valor se retirou, antes que elle chegasse, podendo facilmente tomar vingança da sua ousadia: tornou da mesma sorte a voltar para Melgaço, e logrou o merecido applauso da sua resoluçaõ. De Janeiro até Julho se passou de huma, e outra parte sem mais empresa, que estes primeiros ameaços de guerra. em Julho quando se rompeo a guerra em Alemtejo, conhecendo ElRey que menear as armas só para a defensa era multiplicar o perigo, e que a paz que dezejava, se havia de conseguir fazendo guerra, ordenou aos Governadores dar Armas de todas as Provincias, que entrassem em Castella. Naõ dilatou D. Gastaõ a obediencia, deo logo ordem a Frey Luiz Coelho da Sylva Cavalleiro da Ordem de S. Joaõ, que com a gente de Viana, embarcada em huma galeota, duas lanchas, e alguns barcos, passásse a queimar a Villa da Guarda, situada junto do Mar defronte de Caminha. Mandou a Dom Joaõ de Sousa Capitaõ Mór de Melgaço, que entrasse no mesmo tempo pela Ponte das Varzeas, Antonio Gonsalves de Olivença pelo Porto dos Cavalleiros, por Lindoso Manoel de Sousa de Abreu, e pela Portella de Homem Vasco de Azevedo Coutinho. Todas estas entradas se executáraõ em lugares muito distantes huns dos outros, e toda esta gente naõ levava mais disposiçaõ que a do seu valor: porém ignorar os perigos que buscava, a fazia mais resoluta, achando a fortuna favoravel, que costuma pôr-se da parte dos temerarios. Dom Gas-

Anno 1641.

Resolução valerosa do Capitão Francisco de Gouvea.

Rompese a guerra.

Gastaõ passou á Insula, pouco dinstante da Guarda, para observar deste sitio o successo dos Vianezes, de que naõ resultou mais, que voltarem-se com dous barcos de pescadores. Irritou-se muito Dom Gastaõ deste desconcerto, como se as disposiçoens desta empresa naõ insinuáraõ o successo della. Na Insula mandou Dom Gastaõ levantar hum reducto, parecendo-lhe sitio acommodado, e que necessitava de segurança. Os mais que entráraõ em Castella, saqueáraõ, e queimáraõ algumas Aldeyas, e trouxeraõ despojo, que os obrigou a se animarem a mayores empresas. Governava o Reyno de Galiza o Marquez de Val-Paraiso. As prevençoens, e disciplina daquella parte naõ excediaõ muito ás nossas, só havia a differença de se haverem nomeado officiaes, que entendiaõ a guerra, de que resultava terem os soldados melhor noticia della. Poucos dias depois de retirada a nossa gente, mandou o Marquez de Val-Paraiso 800. Infantes á freguezia de Christovâl, que he na Raya junto ao Rio Varzeas, queimáraõ algũas Aldeyas, sem perdoar o insulto ao sagrado das Igrejas: passáraõ à Freguezia de Paços q̃ segue a Christovâl; acodio Dom Joaõ de Sousa, e Francisco de Gouvea, o que havia passado o Minho a nado, e trazendo comsigo só 70. homens, occupáraõ a passagem do Rio, e obrigáraõ os Galegos a que se retirassem perdendo 40. Estas entradas, que pareciaõ mais de bandoleiros que de soldados, se alternavaõ de huma, e outra parte com pouca ventagem nos successos. Com a noticia da entrada que os Galegos fizeraõ, tornou Dom Gastaõ a convocar a gente que havia dividido, e deo ordem ao Sargento Mór Simaõ Pitta, que entrasse em Galiza, pela Ponte das Varzeas, e a Manoel de Sousa de Abreu pelo Porto dos Cavalleiros. Simaõ Pitta tendo noticia que o inimigo engrossava por aquella parte o poder, suspendeo a entrada. Manoel de Sousa passou o Porto com tres mil Infantes, e 40. cavallos, e sabendo que o inimigo occupava o lugar do Facho, por onde forçosamente havia de passar, mandou avançar Antonio Gonsalves de Olivença com 400. Infantes a desalojar os Golegos, que se achavaõ com 300. e com 150. cavallos. Investio-os valerosamente Antonio

Anno 1641.

Governa Galiza o Marquez de Val-Paraiso.

Varias entradas de huma, e outra parte.

tonio Gonſalves, e obrigou-os a ſe retirarem: porém deſcompoz eſta acçaõ, occupando a gente que levava em ſaquear algumas Aldeyas, retirando-ſe com a preſa ſem ſe incorporar com Manoel de Souſa, como elle lhe havia ordenado. Sem embargo deſta deſordem, marchou Manoel de Souſa para o lugar de Monte-Redondo, grande, rico, e fortificado com duas companhias pagas, e outras da ordenança que o guarneciaõ: chegando ao lugar, mandou avançar as trincheiras pelos Capitaens Dom Vaſco Coutinho, Chriſtovaõ Mouzinho, e Luiz de Britto; entraraõ-nas valeroſamente, e queimáraõ o lugar á cuſta das vidas de muitos Galegos. A preſa, e o exemplo da gente de Antonio Gonſalves inculcou a deſordem, porque muitos dos Portuguezes, que ſabiaõ as veredas, ſe retiráraõ para ſuas caſas com os deſpojos que colheraõ. Os Galegos que ſahiraõ do lugar, occupáraõ a aſpereza de hum Monte, que era o caminho por onde Manoel de Souſa forçoſamente havia de paſſar. Vendo elle que lhe era neceſſario vencer eſta difficuldade, deo ordem a que avançaſſe toda a gente a deſoccupar aquelle ſitio, e naõ ſabendo melhor diſciplina, que a da competencia, diſſe que aquelle que chegaſſe primeiro, lograria o applauſo daquella occaſiaõ. O valor de todos diſſimulou eſte deſconcerto: porque avançando intrepidos por todas as partes, obrigáraõ os Galegos com morte de alguns a largarem o poſto. Aos que ſe retiravaõ ſe uniraõ outros, que dos lugares viſinhos acodiaõ ao rebate, e chegando ao numero de mil Infantes, e 200. cavallos, ſe formáraõ em hum valle, moſtrando que dezejavaõ pelejar. Facilmente lográraõ o intento, ſe Manoel de Souſa ſe naõ achára com menos duas partes da gente que havia levado á empreſa. Retirou-ſe queimando de caminho algumas Aldeyas. Dom Gaſtaõ naõ eſtimou tanto o bom ſucceſſo, como ſentio a deſordem dos que ſe retiráraõ, e caſtigando os que tiveraõ culpa, e dando premios aos que procedéraõ com acerto, foy pouco a pouco reduzindo a melhor fórma a gente daquella Provincia, e ao meſmo paſſo que enſinava, aprendia. Porém

Anno 1641.

Anno 1641.

aquelles a que ſuccede ſerem primeiro Generaes que ſoldados, difficilmente ſahem grandes meſtres na eſcola militar.

Dous dias depois do ſucceſſo referido, entrou o inimigo pelo Porto dos Cavalleiros com dous mil Infantes, e 300. cavallos, e derrotou aos Capitaens Antonio de Barros, e Affonſo de Caſtro, que com as ſuas companhias pagas guardavaõ aquelle Porto. Vindo-ſe retirando os ſoccorreo o Capitaõ Mathias Ozorio, a que dava calor o Sargento Mór Simaõ Pitta: fizeraõ alto os Galegos com perda de alguns Officiaes, e ſoldados, voltáraõ ſobre o Conſelho de Laboreiro, e o lugar de Alcobaça, que deſtruiraõ, e queimáraõ. A noſſa Infantaria ſe recolheo ao Convento de Fiaens de frades de S. Bernardo, que com eſta guarniçaõ ficou livre dos damnos, que os Galegos determinavaõ fazer-lhe, offendidos das muitas intelligencias que aquelles Religioſos conſervavaõ em Galiza, e de naõ entrarem os Caſtelhanos o Convento, reſultou, naõ deſtruir o inimigo muitas Freguezias, defendidas pela conſervaçaõ daquelle ſitio. O Marquez de Val-Paraiſo, conſiderando com experiencia militar o que mais convinha á defenſa de Galiza, e de que podia reſultar mayor damno a Portugal, elegeo para Praça de Armas o lugar da Pedrenda, ſituado entre o Porto dos Cavalleiros, e a Ponte das Varzeas, lugares por onde a noſſa gente mais continuamente coſtumava entrar em Galiza. Do Porto, e Ponte que ficavaõ nos dous lados oppoſtos até a Pedrenda em diſtancia de legoa, e meya, fez levantar reductos, confórme a capacidade dos ſitios, e taõ viſinhos, que huns a outros ſe defendiaõ, animando a todos hum grande forte, que guarneciaõ 600. Infantes. Para dar fim a eſte trabalho, ſe alojou o Marquez na Pedrenda com ſeis mil Infantes e 600. cavallos, entendendo que aperfeiçoada eſta obra, ſeria facil a ſegurança dos lugares que governava, e infallivel a ruina dos que pretendia conquiſtar. Dom Gaſtaõ tendo aviſo deſte novo intento do inimigo, reconhecendo o perigo de ſe conſeguir, ſe reſolveo a procurar todos os caminhos

Fortificaçam os Galegos Pedrenda.

de

de o atalhar, e uſando dos meyos pouco proporcionados, que naquelle tempo diſpenſavaõ a confuſaõ e falta de experiencia, animou com a reſoluçaõ a temeridade, ainda que a todos parece o valor imprudente, de querer attacar fortificaçoens bem fabricadas, e melhor guarnecidas com hum tropel de gente ſem fórma nem obediencia, com poucas muniçoens, e menos baſtimentos, e ſem mais inſtrumentos de expugnaçaõ, que duas ligeiras peças de artilharia. Mas como Deos quiz ſempre manifeſtar entre os noſſos deſconcertos a ſua miſericordia, naõ argumentem os que ſabem os preceitos da guerra, lendo eſta hiſtoria, a cauſa das noſſas fortunas; tratem ſó de lhe dar credito, na fé de que em nenhum ſeculo, e de nenhuma outra naçaõ ſe eſcreveo até eſte tempo hiſtoria mais verdadeira; porque ſem receyo, ſem odio, e ſem affeiçaõ eſcrevo em humas partes o que vi, em outras o que obſerváraõ todos aquelles com que trato, e com quem confiro todas as materias que eſcrevo. Anno 1641.

Reſoluto Dom Gaſtaõ a attacar o frote, e os reductos ſem artificio nem diſſimulaçaõ, convocou a gente de toda a Provincia. Conſtava a que ſe havia aliſtado para ſer paga, de 4000. homens, porém na diſciplina naõ havia differença alguma, porque ainda que algumas companhias eſtavaõ formadas, naõ ſe tinhaõ dividido em Terços, e todo o corpo junto naõ era mais que hũ tumulto de gente valeroſa. A mayor parte da Infantaria paga entregou Dom Gaſtaõ á ordem de Lopo Pereira de Lima, cavalleiro de Malta, a que aſſiſtia ſeu Irmaõ Diogo de Mello da meſma Religiaõ, e Capitaõ Mór de Barcellos: alojaraõ ambos em Lamas de Mouro, lugar viſinho ao Porto dos Cavalleiros. Com eſta noticia apreſſou o inimigo o trabalho, e em quatro dias reduzio a obra a defenſa. D. Gaſtaõ com outro troço alojou na Ponte das Varzeas, e para que o inimigo divertiſſe o poder q̃ tinha junto, mandou entrar em Galiza pela Portela de Homẽ a Vaſco de Azevedo Coutinho, e por Lindozo a Manoel de Souſa de Abreu, ordenando-lhes, que ſegunda feira nove de Setembro (dia que ſó deſtinava para as empreſas, poſto que na ley divina ſó *Reſolve-ſe Dom Gaſtaõ attacalos.*

Anno 1641.

ſe deve fazer caſo da providencia de Deos)entraſſem em Galiza. No meſmo dia ao amanhecer, havendo o antecedente reconhecido as fortificaçoens, dividio Dom Gaſtaõ a Infantaria em tres troços, e levantando huma platafórma, fez jugar as duas peças de artilharia que levava, contra o reducto da Ponte das Varzeas; e foraõ de grande effeito, recebendo o inimigo conſideravel damno. Os tres troços, que governavaõ Lourenço de Morim Sargento Mór de Caminha, e os Capitaens Gaſpar Caſado Manoel, e Martim Coelho Vieyra, com grande valor, e pouca ordem, ſeperando o embaraço de algumas eſtacadas, avançáraõ tres reductos, e os entráraõ a hum meſmo tempo, degolando os ſoldados que os guarneciaõ; e ficando aberto o caminho de Monte-Redondo, que os Galegos haviaõ reparado, ſe retiráraõ os que fugíraõ para eſte lugar que ficava viſinho. Depois de arruinados os reductos, inveſtiraõ com as trincheiras de Monte-Redondo, deſemparou as o inimigo, entráraõ o lugar, ſaqueáraõ-no ſegunda vez; e o meſmo fizeraõ a algumas Aldeyas que ficavaõ pouco diſtantes. Os Galegos acodiraõ áquella parte com tres mil Infantes, e 400. cavallos, e achando a gente carregada de deſpojo, avançáraõ com reſoluçaõ, e os ſoldados da ordenança, naõ querendo pôr em contingencia o que haviaõ roubado, voltáraõ as coſtas, naõ valendo a Dom Gaſtaõ as grandes diligencias que fez pelos deter na Ponte. Os officiaes, e 500. ſoldados que ficáraõ, fizeraõ roſto ao inimigo, e valendo-lhes a aſpereza do ſitio, ſe viéraõ retirando pelas veredas mais eſtreitas, e deixando 15. ſoldados mortos, e dez priſioneiros, conſeguiraõ valeroſamente paſſar a Ponte ſem mayor damno. Dom Gaſtaõ eſtimulado da deſordem, e do máo ſucceſſo, unindo a eſta gente alguma que havia detido, tanto que amanheceo tornou a paſſar a Ponte, e acabou de desfazer todos os reductos, e trincheiras: o que ſe conſeguio com tanta diligencia, que quando os Galegos, que naõ eſperavaõ ſegunda reſoluçaõ, acodiraõ, ja os reductos eſtavaõ desfeito, e ſem receberem damno ſe retiràraõ à ſua viſta os noſſos ſoldados. Diogo de Mello, e Lopo Pereira, deſtinados con-

Bate as fortificaçoens.

Ganhaõ-ſe tres reductos.

Entrão Monte-Redondo, e ſe retirão com deſordem.

D. Gaſtaõ compoem a gente, e arruina as fortificaçoens.

contra os reductos do Porto dos Cavalleiros, juntàraõ cinco mil Infantes, e foraõ alojar com elles à vista deste lugar: o dia que chegàraõ, tomou o inimigo lingua, acertou de ser hum velho de 70. annos, ao qual perguntando-lhe o para que fora chamado, respondeo que para o attaque daquellas fortificaçoens. O Mestre de Campo Antonio Solis cabo daquelle troço, tornou a remetter o velho aos Maltezes com huma carta, em que dizia que aquelle homem fora colhido, e que constando da sua confissaõ, que era chamado para huma empresa taõ galharda, como a de investir aquellas fortificaçoens, naõ queria que se mal lograsse por falta de hum soldado de tanta importancia, e accrescentava a esta zombaria outras palavras exorbitantes. Teve esta carta resposta com mayores opprobrios, e à segunda feira executàraõ os Maltezes a ordem de investir o forte, e reductos, que era o mesmo dia em que Dom Gastaõ tinha logrado o successo referido. Dividio-se a Infantaria em dous troços, de que eraõ cabos os dous irmãos: ao que governava Lopo Pereira, dava calor seu Irmaõ Antonio Pereira de Lima com 80. cavallos. Marchou este troço pela parte de Alcobaça, e attacou o forte, e reductos, do sitio da Costa. Diogo de Mello escolheo para attacar os reductos, e forte da serra, a empresa mais duvidosa, por ser o sitio mais aspero, o forte mayor, e os reductos melhor defendidos, e ter o inimigo formado da outra parte da serra tres mil Infantes, e 200. cavallos, para defender o assalto, e fomentar o persidio. Conhecendo Diogo de Mello o risco desta empresa se unio a seus irmãos, e formou hum corpo de mil Infantes, que entregou ao Sargento Mór Simaõ Pitta, com ordem, que attasse os reductos, que primeiro corriaõ por conta de Lopo Pereira. Feita esta divisaõ com 4000. Infantes, e 80. cavallos, deo volta Diogo de Mello ao lugar de Chaõ de Castro, e lançando 500. mosqueteiros por cadahum dos lados da serra, com a mais gente ganhou a eminencia por entre nuvens de ballas, e valendo-se do primeiro calor dos soldados, investio hum reducto, que os Galegos sem esperar o assalto desemparàraõ; e favorecidos da mosquetaria dos outros reductos, se re-

Anno 1641

Diogo de Mello e Lopo Pereira attacão outros Postos.

 colhéraõ

colhéraõ ao forte que estava no alto da ſerra. Com pouco mais trabalho ganhou Diogo de Mello os outros reductos, e ſeguindo a victoria chegou junto do forte. A grande guarniçaõ que estava nelle, entrando-lhe o receyo antes de experimentar as feridas, largou o forte ſem ter reſpeito aos Officiaes, que hora com rogos, hora com estocadas pretendiaõ detela: mas como ordinariamente nos grandes conflictos em que ſe achaõ animos covardes, o receyo excede ao perigo, ſe deixáraõ os Galegos matar dos ſeus Capitaens, por naõ chegar ás mãos com os noſſos ſoldados. Entráraõ elles o forte, de que reſultáraõ muitas mortes daquelles meſmos, que ſe ſe defendéraõ, puderaõ ſalvar as vidas. Os Maltezes tendo logrado a victoria, e os Galegos, que estavaõ formados, deſemparando o ſitio que occupavaõ, marcháraõ a formar-ſe em ſitio mais distante. Diogo de Mello com muito acordo mandou tocar a recolher, e com toda a diligencia marchou a dar calor a Simaõ Pitta, e chegou a tempo, que elle attacava o reducto da Costa, o qual todos juntos rendéraõ com a meſma fecilidade que os outros referidos. Faltava ſó hum, que parecia pelo ſitio, e grandeza o mais difficil: porém acháraõ nelle ainda menor reſiſtencia, porque os officiaes deſemparados dos ſoldados, ſe rendéraõ, elegendo antes o cativeiro, que a infamia. Entrou nos rendidos o Meſtre de Campo Dom Antonio Solis, e com galantaria da fortuna foy a caſo o primeiro Portuguez que chegou a elle o velho, de que havia feito zombaria. Os Capitaens, e officiaes que ficáraõ priſioneiros, foraõ 18. dos ſoldados ſe ſalváraõ a mayor parte, valendo-lhes o matto, e aſpereza do ſitio. Arrazáraõ-ſe as fortificaçoens, ficáraõ queimadas algumas Aldeyas, e os Galegos caſtigados. Recolheo-ſe Diogo de Mello, ſeus irmãos, e os mais que ſe acháraõ na empreſa com merecida ſatisfaçaõ das valeroſas acçoens que haviaõ executado.

Anno 1641.

Ganhaõ os reductos, e o forte principal.

Vaſco de Azevedo Coutinho, e Manoel de Souſa de Abreu, que entráraõ (como referimos) na meſma ſegunda feira, aquelle pela Portela de Homem, este por Lindozo, queimáraõ, Vaſco de Azevedo a Villa de

Effeito de outras entradas.

Lo-

Lobios, e outros lugares: Manoel de Sousa a Villa de Compostella, que os Galegos sem utilidade defendéraõ, fazendo o mesmo a outras Aldeyas; e todos se retiráraõ com tantos despojos, que ficou descontado o trabalho da jornada. Com mayor opposiçaõ, e naõ menos ayroso successo entrou no mesmo tempo em Galiza o Abbade de Bouro da Ordem de S. Bernado, que havia sido soldado, e escusava-o de escrupolo, e de escandalo serem os Abbades daquelle Convento Capitaens Móres daquelle Couto, e sendo natural a defensa, ser para a conseguir a offensa forçosa: juntou mil homens, entrou em Galiza, e sabendo que o inimigo determinava fazer-lhe opposiçaõ com igual poder, disse hum Capitaõ, e dous soldados, ficando a opiniaõ menos gravada, que a consciencia. Naõ teve taõ boa fortuna o Capitaõ Martim Teixeyra, o qual entrando na mesma occasiaõ em Galiza, o obrigáraõ os Galegos a retirar-se, perdendo hum Alferes, e dez soldados. Ficou entre os prisioneiros hum moço de 18. annos chamado Luiz da Sylva, conhecéraõ-no por ser de qualidade, e previligiáraõ-no deixando-lhe a espada: soube elle usar do privilegio, e accreditar o sangue, porque entregando-o a quatro soldados, para que o depositassem na primeira prisaõ do lugar mais seguro, succedeo, que destes camináraõ dous com menos diligencia, e vendo Luiz da Sylva os outros que o levavaõ pouco acautelados, tirou huma faça, e mettendo-a pelos peitos a hum dos dous, com grande ligeireza, e felicidade fez o mesmo ao segundo, cahiraõ ambos, tirou pela espada, invistio com os dous, que haviaõ ficado mais desviados, ferio hum, fez fugir outro, e occultando-se na espessura do mato, em que era muito pratico, se passou de noute valerosa, e felicemente a Portugal. O Marquez de Val-Paraiso vendo prevalecer a desordem contra a destreza, porque era soldado velho, e ja se compunhaõ as suas tropas de muitos officiaes, e soldados de experiencia, intentou, buscando a satisfaçaõ dissimular a desgraça: passou, sem achar quem se lhe oppuzesse, a Ponte das Varzeas com dous mil Infantes, e 200. cavallos, sendo o descuido dos Capitaens Martim Teyxeira, Francisco

Anno 1641.

Acçaõ militar do Abbade de Bouro.

Valor de Luiz da Sylva.

Anno 1641.

co de Azevedo, e Francisco de Gouvea total occasiaõ do infortunio que padecéraõ; porque investindo o inimigo o alojamento, que occupavaõ, o desempararaõ com perda de vinte soldados, os mais que fugiraõ se retiráraõ a outro alojamento onde estavaõ os Capitaens Mathias Ozorio, Rodrigo de Moura, e Dom Joaõ de Sousa, que havia acodido de Melgaço, com os quaes se naõ haviaõ querido incorporar o dia antecedente; desordem que occasionou todo o máo successo, porque juntos com 300. Infantes puderaõ defender ao inimigo a Ponte: o qual depois de ganhar o primeiro alojamento, marchou para o segundo. Naõ esperáraõ os que estavaõ nelle, que os investissem; puzeraõ-se em salvo no alto de huma serra, e desaccreditáraõ a opiniaõ de que poderiaõ juntos defender a Ponte. Queimáraõ os Galegos os quarteis, e retiràraõ se sem fazer outro damno. O Inverno fez suspender de huma, e outra parte as hostilidades. Dom Gastaõ Coutinho, deixando guarnecidas as fronteiras, se recolheo a Braga, a dispór algumas fabricas, que julgava convenientes para continuar a guerra na Primavera seguinte: atalhou-lhe este intento huma ordem delRey, pela qual o chamava para assistir nas Cortes, que se celebràraõ naquelle tempo em Lisboa. Entendeo-se que fora pretexto para lhe tirar o Governo de Entre Douro, e Minho, attendendo a algumas queixas dos moradores daquella Provincia: naõ voltar ao Governo della, foy causa de se naõ desvanecer esta murmuraçaõ. He certo que pudéraõ fazer toleravel qualquer excesso os bons successos que teve, achando a Provincia com taõ poucos meyos de conservala. Nomeou tres Governedores em sua ausencia, os quaes ElRey confirmou, e governáraõ a Provincia, em quanto naõ chegou a ella o Conde de Castello-Melhor: foraõ elles Manoel Telles, Diogo de Mello Pereira, Viole Datis Francez de naçaõ de conhecido valor, e fidelidade.

O Marquez de Val-Paraiso rõpe hum quartel.

Chama ElRey D. Gastão às Cortes.

Provincia de Traz os Montes

A Provincia de Traz os Montes, com a primeira noticia da Acclamaçaõ delRey em Lisboa, se separou dos Reynos de Galiza, Castella, e Leaõ com quem confina sem ficar lugar algum de todo este districto, que naõ

tomasse

tomasse as armas naõ só para se defender, se naõ para maltratar aos inimigos. E vendo que se dilatava nomear ElRey Governador das Armas áquella Provincia, mandáraõ as Comarcas das Cidades, e Villas principaes della pedir a Dom Gastaõ, que havia chegado a Entre Douro, e Minho, quizesse sinalar-lhes pessoa capaz para os Governar, em quanto naõ chegasse de Lisboa Governador das Armas, a que obedecessem, sendo o seu principal receyo Bargança, e Chaves; aquella fronteira da Puebla de Cenabria, esta de Monte-Rey, e ambas por estarem sem defensa expostas á invasaõ dos Galegos. Naõ lhes dava menos cuidado a Cidade de Miranda, de grande importancia pelos muitos lugares que cobria. Elegeo Dom Gastaõ para o governo de Traz os Montes a Martim Velho da Fonseca Sargento Mór de Viana, que tendo valor, e prudencia, era pratico no exercicio da guerra por haver servido em Flandes. Chegou elle a Tras os Montes, e tratou com grande acerto da defensa dos lugares mais importantes daquella Provincia, levantou-lhes trincheiras, nomeou-lhe Capitaens, e meteo-lhe guarnições. Tirou-o desta acertada occupaçaõ Rodrigo de Figueiredo de Alarcaõ; que a tres de Fevereiro entrou por ordem delRey a governar aquella Provincia. Havia na acclamaçaõ ostentado largamente a sua fidelidade, e todas as suas acçoens costumava livrar na confiança do seu valor em varias occasioens accreditado. Entrou em Chaves, e com toda a diligencia dividio em companhias a gente, que achou na Provincia capaz de tomar armas: repartio-lhe todas as que pode juntar, e nomeou-lhe officiaes, guarnecendo os lugares mais importantes com a gente menos occupada. Continuou em Chaves, e Bargança o trabalho das trincheiras, e mandou que se levantassem nos lugares mais arriscados de toda a Raya: passou nestes exercicios até o mez de Julho, tempo em que rompeo a guerra por ordem delRey, como fizeraõ as mais Provincias pelas causas ja referidas. Em quanto durou a suspensaõ de armas, se restituiraõ algumas presas, que se fizeraõ de huma e outra parte. Em Monte Alegre recebeo Rodrigo de Figueiredo a ordem delRey para romper a guerra,

Anno 1641.

Governa as Armas Rodrigo de Figueiredo.

Rompe se a guerra.

Anno 1641.

ra, e com toda a diligencia dispoz logo a execuçaõ: juntou em dous dias dez mil homens, sendo muita a gente daquella Provincia, e naquelle principio faceis de conduzir os animos dezejosos de pelejar, appetecendo os Povos a guerra por nova, e ignorada, e por natural affecto dos coraçoens Portuguezes; porque quando lhes faltou no Reyno, passáraõ a buscala além da Taprobana por mares naõ conhecidos. Unida a gente, sem usar de outra disciplina, a dividio Rodrigo de Figueiredo em quatro troços, entregou hum delles a Balthezar Teyxeira Capitaõ Mór de Monte Alegre, com ordem que entrasse por aquella parte em Galiza: mandou entrar com outro a Simaõ Pitta da Ortigueira por Monforte: entregou o terceiro a seu irmaõ Henrique de Figueiredo Governador de Bargança, mandando-lhe que entrassem por aquelle districto. Com o ultimo que constava de 4000. homens marchou Rodrigo de Figueiredo a Monte-Rey, onde ordenou se incorporassem os dous que primeiro havia despedido. Balthezar Teyxeira ganhou outo lugares, achando em dous delles guarniçaõ que rendeo, e offerecendo-se todos os moradores de ficarem á obediencia delRey de Portugal, passando familia, e fazenda a este Reyno, se livráraõ da ruina que os ameaçava. Simaõ Pitta entrou cinco lugares, que com igual diligencia tiveraõ a mesma fortuna. Henrique de Figueiredo saqueou o lugar de Calabor, poz-lhe o fogo, e conduzio grande presa a Bargança. Rodrigo de Figueiredo, levando a Vanguarda seu irmaõ Luiz Gomes de Figueiredo, marchou a Monte-Rey, ganhando primeiro as Villas de Vimbra, e Tamaguelos, que o inimigo havia guarnecido; naõ foy grande o damno pelo evitar Rodrigo de Figueiredo: chegou elle á vista de Monte-Rey, onde se lhe incorporáraõ Balthezar Teyxeira, e Simaõ Pitta, alojou junto da Villa de Verim, cujo defensavel sitio respeitou a nossa gente: tres dias se deteve no mesmo lugar Rodrigo de Figueiredo, nelle se queimáraõ algumas Aldeyas visinhas, e se perdo-ou ás novidades maduras, parte nas eyras, na fé da promessa dos Payzanos, que offerecéraõ dar a obediencia a ElRey Dom Joaõ, que durou o tempo que a nossa gente

Sujeitaõ-se alguns lugares de Galiza.

Ganhaõ se duas Villas.

te

te persistio na campanha. O Marquez de Tarasona recolheo ao Castello de Monte-Rey 200. Infantes pagos, alguns Payzanos, resoluto a defender aquelle sitio como mais importante, por ser unica segurança da mayor parte do Reyno de Galiza. Rodrigo de Figueiredo com esta noticia dezejou tentar a fortuna, investindo o Castello: porém achando-se com poucas muniçoens, sem instrumento algum de expugnaçaõ, e acabados os mantimentos, venceo com a prudencia a resoluçaõ intempestiva, e satisfeito do que havia conseguido, se retirou a Chaves. Ao outro dia depois de haver chegado, teve aviso de Bargança q̃ os Castelhanos haviaõ entrado por aquella parte no termo de Monforte, onde queimáraõ seis lugares, naõ perdoando a sacrilegio algum, crueldade, e extorsaõ. Luiz Gomes que havia ficado em Chaves (porque Rodrigo de Figueiredo com a primeira noticia de que o inimigo entrava, passou a Bargança, receando justamente a pouca defensa daquella Cidade) mandou ao Capitaõ Paulo Teyxeira, que juntando a gente que lhe fosse possivel, marchasse a buscar o inimigo. Naõ foy grande o numero que pode convocar, mas foy grande a diligencia: tomando lingua, soube que o inimigo marchava com 500. Infantes, e 40. cavallos. Achava-se elle com 400. Infantes, resolveo-se a pelejar com taõ pouco numero, estimulado da crueldadade, que os Castelhanos haviaõ usado nas entradas antecedentes. Marchou a Monte-Rey, deo vista do inimigo pouca distancia da Praça, que o esperava formado com as costas em huma Aldeya: inferio dos repetidos avisos que via despedir a Monte-Rey, que os Galegos pediaõ soccorro, certo sinal do receyo, valeo-se da opportunidade, e naõ querendo que chegasse o soccorro, mandou pôr fogo ao lugar, que servia ao inimigo de retaguarda, para o obrigar a que mudasse de sitio: naõ logrou o intento entendido dos Galegos porém superando todas as difficuldades os investio. Receberaõ no com algumas cargas, mas com pouco damno, por tirarem de muito longe, e fugirem de pressa: naõ receberáraõ elles grande prejuizo pela visinhança de Monte-Rey, onde se retiráraõ. Queimou a nossa gente o lugar,

Anno 1641.

Queimam os Castelhanos alguns lugares.

Queimam os nossos outros lugares, e retiraõ-se os Galegos.

Anno 1641.

gar, onde estava o inimigo: experimentáraõ nove mais a mesma desgraça, padecendo os moradores o mesmo damno, que nas entradas antecedentes os Galegos haviaõ occasionado aos nossos lugares. De huma, e outra parte se repartiaõ as entradas, Balthezar Teyxeira com a gente de Monte Alegre queimou seis lugares, vindo se retirando, teve aviso, que o inimigo havia entrado em Portugal, pouca distancia daquelle sitio: resoluto a pelejar, marchou contra os Galegos; procuráraõ elles retirar-se, e deraõ-se por seguros em Villa Mayor de Gironda, que haviaõ fortificado com trincheiras muito capazes de defensa. Era a Villa grande, e rica, porque constavaõ os fogos de 300. e assistia nella guarniçaõ de Infantaria paga. Venceo Baltezar Teyxeira todas estas difficuldades, investio a Villa, rendeo-a, e poz-lhe o fogo á custa de muitas vidas dos inimigos; retirou-se a Monforte trazendo alguns feridos, e hum soldado menos. O Marquez de Tarasona entrou no mesmo tempo no termo de Chaves, e marchou para Villa Verde com 2000. Infantes, e 130. cavallos: teve Luiz Gomes aviso em Outeiro seco, lugar a onde havia chegado com o primeiro rebate, e achando se com 2000. homens se resolveo a soccorrer Villa Verde, chegou a tempo que os Galegos attacavaõ o lugar, e era com valor defendido, entrou dentro sem opposiçaõ: desmayáraõ os Galegos vendo este naõ imaginado soccorro, retiráraõ-se, seguio-os Luiz Gomes, e obrigou os a se recolherem aos seus lugares com grande perda, fazendo elle o mesmo aos nossos com muita opiniaõ.

Balthezar Teyxeira ganha Villa Mayor.

Attaca o Marquez de Tarasona Villa Verde.

Soccorre Luiz Gomes a Villa retiraõ-se os Galegos.

Rodrigo de Figueiredo, attendendo, a todos os interesses da Provincia, se resolveo a desmantelar Villarelho, por ficar na Raya exposto sem remedio á invasaõ do inimigo: executou esta determinaçaõ com 2000. homens, e porque os Galegos tiveraõ anticipadamente noticia della, se resolvéraõ a esperalo, quando voltásse. Conseguiraõ-no em desgraça sua; deraõ vista da nossa gente, attacáraõ-na com furia, foraõ rebatidos com valor, e desbaratados sem resistencia. Rodrigo de Figueiredo naõ só seguio os que fugiaõ, mas proseguindo a victoria,

Desbarata Rodrigo de Figueiredo os Galegos.

Ganha Tamaguelos.

ctoria, ganhou Tamaguelos, lugar em que na primeira entrada havia estado sem lhe fazer damno, e que o inimigo havia fortificado, elegendo-o para alojamento de hum troço de Cavallaria, e Infantaria, e molestava muito os nossos lugares: retirou-se Rodrigo de Figueiredo para Chaves, trazendo os soldados ricos, e victoriosos. Passados poucos dias, entrou o inimigo pela parte da Torre de Ervededo, houve noticia em Chaves, sahio desta Praça Rodrigo de Figueiredo, e Luiz Gomes seu irmaõ com a gente que pudéraõ juntar; mas quando chegáraõ, ja o inimigo havia queimado a Torre. Adiantou-se Luiz Gomes, e encontrando no caminho os Payzanos que haviaõ escapado, marchou com elles a soccorrer Outeiro seco: porém dando vista delle a gente do inimigo, lhe foy necessario para se defender, ganhar huma serra que achou visinha, a qual occupou com taõ bom successo, que os Galegos, depois de a avançarem varias vezes, dissuadidos da empresa, se retiráraõ: o mesmo fez Luiz Gomes, e Rodrigo de Figueiredo, com quem se incorporou logo. Era huma empresa consequencia de outra: retirado o inimigo, entrou Balthezar Teyxeira por Monte Alegre, e queimou tres lugares grandes, e ricos. Logo os Galegos procuráraõ a vingança, entráraõ o dia seguinte, e attacáraõ o lugar de Mayros, defenderaõ-se os moradores, ouvio-se a mosquetaria em os nossos lugares, e acodiraõ com diligencia, mas ja a tempo que o lugar era entrado, e começava a atear-se o fogo, extinguiraõ-no os nossos soldados, e seguindo o inimigo, que logo se poz em marcha, alcançando-o dentro dos seus lugares, lhe matáraõ hum Capitaõ de cavallos, hum Sargento Mór, e 40. soldados, em que entrava hum sobrinho do Marquez de Tarasona. Rodrigo de Figueiredo quando despedio o soccorro a Mayros, marchou sobre Monte-Rey, para evitar que os Galegos soccorressem a sua gente: alojou em hum monte á vista da Praça, onde chegou tambem Balthezar Teyxeira; sahiraõ de Monte-Rey alguns cavallos, travou-se huma escaramuça, que durou até a noite com pouco damno de huma, e outra parte. Ao amanhecer marchou Luiz Gomes, e Balthe-

Anno 1641.

Continuaõ-se as entradas cõ varios successos.

zar Teyxeira para a Villa de Uimbra: seguio-os Rodrigo de Figueiredo com o resto, era todo o numero tres mil Infantes, e 60. cavallos, e levava duas peças de artilharia: porém disputava se entre huma, e outra naçaõ, e contendia-se sem fórma, sem arte, e sem disciplina. Chegando à Uimbra os que hiaõ avançados acháraõ 200. cavallos fóra da Villa: era ella grande, com boas trincheiras, e melhor guarniçaõ: a Cavallaria sustentou a escaramuça em quanto naõ chegou Rodrigo de Figueiredo, o qual fazendo jugar as duas peças de artilharia, de que recebéraõ os Galegos damno, carregando-os juntamente com resoluçaõ, os fez retirar a Monte-Rey, desemparando o sitio em que estavaõ. Entráraõ os nossos soldados sem difficuldade Uimbra, o mesmo fizeraõ no lugar do Rosal, e ambos foraõ alimento do fogo. Passou Rodrigo de Figueiredo a queimar Moura, lugar grande e rico que ficava da outra parte do Rio Tamaga, meya legoa de Monte-Rey. O Marquez de Tarasona estava formado entre Verim, e Monte-Rey, á vista da nossa gente, resoluçaõ que pudera justamente divertir a empresa: porém os successos da guerra compoem-se de tantas variedades, que he util muitas vezes ignorar os perigos, para conseguir as victorias. Passou Luiz Gomes o Rio com os sessenta cavallos ao calor das duas peças de artilharia, seguio-o Balthezar Teyxeira, avançou o inimigo algumas tropas, que foraõ rebatidas, e desprezando se as muitas balas de artilharia que de Monte-Rey se disparavaõ, as quaes ainda que tiradas por elevaçaõ cahiraõ sem prejuizo entre os soldados, passou toda a gente da outra parte do Rio á vista dos Galegos: foy o lugar queimado, e saqueado, e tornou Rodrigo de Figueiredo sem opposiçaõ a passar o Rio, alojando aquella noute no mesmo lugar, em que havia estado a antecedente. Amanheceo, e dividio a gente em tres troços: entregou hum a Luiz Gomes, para que entrando pela parte fronteiras a Monforte, fizesse nos lugares do inimigo o prejuizo que lhe fosse possivel, o que elle executou com grande damno daquelle districto: outro deo a Balthezar Teyxeira, ordenando-lhe que fosse queimar o lugar de Medeiros, fronteiro

Anno 1641.

teiro a Monte Alegre; e com o terceiro ficou fazendo cara a Monte-Rey, para divertir os foccorros. Naõ era o groſſo muito conſideravel; porém a pouca reſoluçaõ dos Galegos diſculpava qualquer temeridade. Marchou Balthezar Teyxeira a attacar Medeiros levando poucos mais de mil Infantes: era o lugar grande, cercado de trincheiras, e guarnecido com 700. homens. O coſtume de vencer alhanou a difficuldade da empreſa, inveſtio o lugar, entrou-o, e rendeo-o, ficando mortos muitos dos defenſores, retirando-ſe a Monte Alegre, e Rodrigo de Figueiredo a Chaves. Anno 1641.

Buſcavaõ os Galegos, e Caſtelhanos, Reynos com que confina Traz os Montes, todos os caminhos de ſatisfazer os repetidos damnos que haviaõ experimentado. Aſſiſtiaõ nos lugares de que eraõ Senhores naquelle diſtricto, o Marque de Alcanices, e o Conde de Alva de Liſte: conſtou lhe por noticia de huma eſpia, que marchavaõ ſeis peças de artilharia, e algumas muniçoens de Lisboa para Mirando, e que levavaõ taõ pouca gente de comboy, que ſeria facil derrotala, e tomar a artilharia. Perſuadidos deſta informaçaõ, juntáraõ 2000. homens, e em ſeis de Outubro marcháraõ ao lugar de Duas Igrejas, por onde affirmava o eſpia que o comboy havia de paſſar: deſvaneceo-ſe o intento, ſendo deſcuberto o trato, e detido o comboy. Com eſta noticia entrou o inimigo o Lugar de Duas Igrejas, e queimou outras Aldeyas. Era Pedro de Mello Capitaõ Mór de Miranda, tanto que teve aviſo de que o inimigo juntava gente para entrar naquella Provincia, pedio ſoccorro a Franciſco de Sampayo, que governava os ſeus, e outros lugares na Torre de Moncorvo: ſem dilaçaõ lhe mandou 1500. homens, e por Cabo delles Domingos de Andrade Correya. Havia paſſando de Chaves a Bargança Rodrigo de Figueiredo, onde recebeo aviſo de Pedro de Mello, de que o inimigo entrava, e ja ſabia o intento, pela confiſſaõ do eſpia que prendeo, o qual pagou com a vida a traiçaõ que havia feito: tanto que Rodrigo de Figueiredo chegou a Bargança, receando

o pou-

o pouco presidio de Miranda, lhe mandou cem Infantes, que foraõ os primeiros que chegáraõ do Mogadouro, nobre Villa entre outras muitas que tem naquella Provincia o Conde de S. Joaõ. Despachou correyos a todos os lugares daquella parte, ordenando aos Capitaens Móres, que juntando o mayor numero de gente, que lhes fosse possivel, marchassem para o lugar de Argusello, termo da Villa de Outeiro, onde achariaõ a ordem que haviaõ de seguir. Para este mesmo lugar mandou a Henrique de Figueiredo com a sua companhia, e duas da ordenança, ordenando-lhe que unindo toda a gente que chegasse áquelle sitio, que era o mais proprio para defender todos os lugares de mayor consequencia, que ficavaõ daquella parte; observando os movimentos do inimigo, acodisse aonde julgasse que era mais util a sua assistencia. Logo Henrique de Figueiredo chegou a Argusello, teve noticia que o inimigo marchava para a Villa do Vimioso: avisou seu irmaõ, e acodio áquella parte. O mesmo fez Rodrigo de Figueiredo, mandando primeiro que partisse ordem a Pedro de Mello, para que viesse incorporar-se com elle no lugar da Especiosa, que ficava na Raya junto do Vimioso. Chegáraõ todos quasi á mesma hora, e tomando lingua, souberaõ que o Conde de Alva de Liste, e o Marquez de Alcanices se haviaõ retirado, a conduzir novos soccorros, com tençaõ de continuar a guerra, e que haviaõ fortificado o lugar de Brandilhaens, situado na Raya, deixando-lhe 600. Infantes pagos de guarniçaõ, com intento de entrar por aquella parte, facilitando em qualquer empenho a retirada. Considerava-se grande o risco de Miranda, aperfeiçoada esta obra: porque estando com pouca guarniçaõ, e peyor defensa, e naõ havendo meyos para fazer as fortificaçoens capazes, e duraveis os presidios, ficavaõ evidentes os discursos de que se encaminhavaõ contra esta Cidade as disposiçoens do inimigo. Nesta consideraçaõ se resolveo Rodrigo de Figueiredo a destruir o alicer-se para arruinar o edificio, e se livrar do cuidado futuro, conseguindo

Anno 1641.

seguindo a resoluçaõ presente. Marchou com cinco mil homens a attacar Brandilhaens, e como as dispoſiçoens gastavaõ pouco tempo, por levar cada soldado a ordem no seu alvedrio, e a fortuna no seu valor, resolutamente attacáraõ huns as trincheiras do lugar ja levantadas, outros hum reducto ainda naõ perfeito, e todos rompendo a oppoſiçaõ dos Castelhanos, entráraõ o lugar, forçáraõ o reducto, e degolaraõ parte da guarniçaõ. Foraõ os que primeiro deraõ exemplo aos mais, os Capitaens Henrique de Figueiredo, Gregorio de Escovar, Antonio de Almeida, e Francisco Pacheco. Rodrigo de Figueiredo valerosamente desprezando as balas, animou a todos, e religiosamente respeitou a Igreja, naõ consentindo que se lhe puzesse o fogo, á qual Pedro de Mello havia levado as portas, e defendendo-se os inimigos na torre os obrigou a se renderem. Ficáraõ prisioneiros seis Capitaens, tres Alferes, quatro Sargentos, e 280. soldados: custou a empresa quinze soldados nossos, e retiráraõ-se 25. feridos, os despojos do lugar fizeraõ aos soldados mais suave o trabalho da victoria. Rocolhe-se Rodrigo de Figueiredo a Bargança, remetteo os prisioneiros a Lisboa, e o rigor do Inverno fez descançar as armâs alguns mezes, que gastou ultimamente Rodrigo de Figueiredo dispondo com toda a attençaõ a defensa da Provincia.

Anno 1641

Ganhaſe Brandilhaens fortificado.

Tocou o governo da Provincia da Beyra a Dom Alvaro de Abranches, o qual depois de acclamar ElRey, e tomar posse do Castello de Lisboa, fey nomeado do Conselho de guerra. Havia passado á restauraçaõ da Bahia por Capitaõ de Infantaria, e tinha-se embarcado em algumas Armadas que corréraõ a costa: quando ElRey se acclamou, estava nomeado por ElRey de Castella, para o Governador de Marlagaõ As poucas occasioens que teve no governo da Beyra, deixou quasi em silencio o pouco tempo que assistio nesta Provincia, a primeira vez que foy a ella. Partio de Lisboa os ultimos de Janeiro de 1641. chegou a Coimbra acompanhado de Joaõ de Saldanha de Sousa,

D. Alvaro de Abranches governa a Beyra.

Anno 6141.

o qual havia exercito os primeiros annos da ſua idade na guerra de Africa em Marſagaõ, primeiro gramatica dos moços daquelle tempo. Levava tambem Dom Alvaro por Tenente de Meſtre de Campo General a Manoel Lopes Brandaõ, quatro Sargento Móres, e doze Capitaens de Infantaria todos de conhecido valor. Paſſou de Coimbra a Viſeo, deſta Cidade aos mais lugares da Provincia, dando nelles ordem ás levas neceſſarias de Cavallaria, e Infantaria. Diſpoz a fortificaçaõ de Pinhel, e mandou alguma gente para Almeida, a mais importante Praça daquella provincia, por cobrir grande parte dos lugares abertos, e por ficar muito viſinha da Raya do Reyno de Leaõ. Era Capitaõ Mór de Almeida Dom Franciſco de Lemos Ramiro, que com muito cuidado ſe prevenio para a defender. Correo Dom Alvaro toda a Provincia; em Almeida ſe deteve alguns dias, a dar principio á fortificaçaõ, que deixou encommendada a Rodrigo Soares Pantoja; paſſou a Caſtello-Rodrigo, tres legoas diſtante de Almeida; poucos dias depois de haver chegado, teve aviſo que o inimigo juntava gente, e fez com toda a brevidade a meſma diligencia. Governava as Armas do partido contrario o Duque de Alva, o qual ſabendo a prevençaõ de Dom Alvaro, a que elle naõ havia dado motivo, porque ſó havia unido algumas companhias, para retirar os Galegos, e derribar os moinhos do Rio Touroens; prevenio lugares viſinhos da Raya: porém naõ pode divertir o receyo dos moradores de Ciudade Rodrigo, Praça de Armas daquella Provincia, porque quaſi todos a deſempararaõ, paſſando-ſe a Salamanca. Dom Alvaro conſtando-lhe a cauſa, porque o Duque de Alva havia chamado aquellas companhias, deſpedio a gente que tinha junto, ſendo todo o ſeu dezejo conſervar a ſuſpençaõ de armas. Chegou-lhe em Julho ordem delRey para romper a guerra, como nas outras Provincias ſe havia executado: porém elle conſiderando que era o damno infallivel, e a utilidade contingente, naõ alterou o eſtylo propoſto. Eſta prudencia foy mal diſcurſada, ajudando

Corre a Provincia, diſpoem a defenſa.

O Duque de Alva ſe prepara.

dando a condenala os bons ſucceſſos das outras Provincias; porque como a temeridade andava valida da fortuna, e as felicidades coſtumaõ a coroar as acçoens, ſem ſe diſputar a razaõ ou deſordem com que ſe conſeguiraõ, culpavaõ os pouco acautelados a Dom Alvaro o ſoccego, como ſe na guerra naõ fora o beneficio do tempo o melhor ſoccorro. Na confiança deſta ſua reſoluçaõ ſe cultivavaõ ſem prejuizo as terras de huma, e outra parte, achando ſe os Caſtelhanos com taõ pouco poder, que avaliavaõ por fortuna naõ ſe romper a guerra. Hum accidente eſteve para deſcompôr eſta boa correſpondencia, mas teve facil remedio, porque caminhavaõ a hum meſmo fim as Ideas de ambas as partes.

Anno 1641.

D. Thomas de Oria prende hũ Payzano.

Veyo ter o Eſtio á Villa de Naves frias, tres legoas de Alfayates, Dom Thomàs de Oria filho do Duque de Turs, e Reytor da Univerſidade de Salamanca. Sahindo hum dia á caça, encontrou hum Payzano Portuguez, que ſem cauſa levou priſioneiro. Teve aviſo deſte ſucceſſo Braz Garcia Maſcarenhas Capitaõ de Alfayates, deo conta a Dom Alvaro, o qual parecendo-lhe preciſo moſtrar, que naõ naſcia de temor a ſuſpenſaõ da guerra, ordenou a Braz Garcia, que procuraſſe a ſatisfaçaõ deſte aggravo na peſſoa de Dom Thomás de Oria, declarando-lhe que naõ fizeſſe damno a outra alguma peſſoa. Com eſta ordem ſahio Braz Garcia huma noute de Alfayates com 130. Infantes: antes de amanhecer, chegou a Naves frias ſem ſer ſentido, e informado da caſa de Dom Thomás a rodeou de moſqueteiros. Inquietaraõ-ſe os morredoradores com ſobreſalto taõ repentino, porém Braz Garcia, dandolhes palavra de os naõ moleſtar, os livrou do receyo. Fez logo derribar as portas da caſa de Dom Thomás, entrou dentro, mas naõ conſeguio prendelo; porque ſentido o rebate, ſe lançou por huma janella, e ferido levemente de huma bala eſcapou em hum mato viſinho da Villa: ficáraõ priſioneiros quatro criados ſeus, e Dom Ceſar Lencabechia ſeu Primo, com quem ſe enganáraõ os noſſos ſoldados, perſumindo, que era D.

Braz Garcia Maſcarenhas intenta prendelo.

Anno 1641.

Thomás. Foy remettido a Lisboa, e teve induſtria para fugir da priſaõ. Braz Garcia Maſcarenhas fez guardar taõ pontualmente aos ſoldados a ordem que levava, que até perdoáraõ á prata que havia em caſa de Dom Thomás, e ſoltando o Payzano priſioneiro, ſe retiráraõ para Alfayates. Paſſados alguns dias leváraõ os Caſtelhanos huma grande preſa da Aldeya da Ponte, huma legoa de Alfayates. Logo que Dom Alvaro recebeo o aviſo, ordenou a Braz Garcia que procuraſſe a recompenſa. Era elle activo, e reſoluto, juntou gente com grande preſſa: porém quando eſtava para marchar, chegou hum bolatim do Governador de Guinaldo com toda a preſa que ſe hávia levado, dizendo, que o Duque de Alva mandava reſtituíla, e dinheiro para pagar as rezes que faltaſſem. Eraõ ſó cinco que o bolatim pagou, e com o gado, e eſta ſatisfaçaõ ſe retirou Braz Garcia para Alfayates, e ficáraõ as Provincias no ſoccego antecedente. Em Setembro abrio Dom Alvaro com ordem delRey Alfandega em Salvaterra: porém experimentando-ſe que reſultavaõ alguns inconvenientes da communicaçaõ dos Caſtelhanos, ſe tornou a cerrar. Em Novembro pedio Dom Alvaro licença a ElRey, para ſe paſſar a Lisboa a ſe curar de alguns achaques que padecia: concedeo-lha, e deixou a Provincia entregue ao Tenente General da Cavallaria Joaõ de Saldanha, o qual a governou tres mezes com grande aceitaçaõ de toda ella, fazendo trabalhar nas fortificaçoens, que elle meſmo com grande ſciencia deſenhava. Armou os ſoldados de cavallo de clavinas, e piſtolas, de que careciaõ, fazendo adeſtralos com exercicios continuos: conſeguia varias, e uteis intelligencias em Caſtella; e querendo os Caſtelhanos interprender Freyxo de Eſpada na ſinta, teve taõ anticipado aviſo, que prevenio Franciſco de Sampayo, por cuja conta corria eſte Lugar, o qual dobrando lhe a guarniçaõ, fez deſvanecer eſte intento. O tempo que durou a Joaõ de Saldanha o governo, foy taõ aſpero por ſer no rigor do Inverno, que naõ teve occaſiaõ de intentar empreſa alguma

Manda o Duque de Alva reſtituir huma preſa.

Retira-ſe D. Alvaro de Abranches, e governa Joaõ de Saldanha.

guma. No fim de Dezembro ſoube que o Duque de Alva fazia algumas prevençoens, ſegurou todos os lugares arriſcados, e ficou a Provincia ſoccegada, ate Março do anno ſeguinte, tempo em que chegou a governala Fernaõ Telles de Menezes, como em ſeu lugar referiremos. Anno 1641



[illegible]

Anno 1641.



HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO

LIVRO V.

SUMMARIO



ELEGE ElRey Ministros para decidir os negocios de mayor importancia. Concede licença à Duqueza de Mantua para voltar a Castella. Conspiraçaõ contra ElRey: descobre se: prendem-se os Complices, e confessado o delicto, saõ castigados os de mayores culpas. Chega a Lisboa a Armada de França: Une-se com a Armada delRey: navegaõ antes de chegar a de Olanda, e todas se separaõ com pouco effeito. Tomaõ Os Olandezes Angola, S. Thomè, e Maranhaõ. Dispoem-se os Moradores a restaurar esta perda. Na India se perde Malaça, e soccore-se Ceylaõ Chega a Lisboa a nova dos máos successos

das Conquistas, e deixa ElRey navegar livre para Olanda a Armada dos Estados, que estava surta no porto de Lisboa. Sabe Tristaõ de Mendoça com ella: perde-se em huma tormenta.

Anno 1641.

NO labyrinto de Ideas, muito differentes daquellas que placidamente tantos annos cultivára, passava ElRey Dom Joaõ de hum cuidado a outro cuidado no principio do seu governo: e ainda que a felicidade com que havia tomado posse do seu Reyno, era para o coraçaõ efficaz epitoma, como o combatiaõ tantas Ideas, se naõ desfalecia, naõ sarava. Havia roto a guerra com poucos Capitaens experimentados, e menos soldados veteranos, o Reyno quasi exhausto de dinheiro, muniçoens, e armas, contra hum Rey taõ poderoso que abundava de tudo o de que elle carecia. Era-lhe necessario naõ se fiar de todos, nem mostrar que desconfiava de alguns de seus Vassallos, attençaõ de que muitas vezes lhe resultava, seguir o parecer dos indiscretos, por confidentes, outras dos mal affectos, por entendidos; e como interiormente por huma, e outra causa desconfiava, ou destes ou daquelles, e as experiencias eraõ taõ poucas, confundiaõ-se as resoluçoens, e desencaminhavaõ-se muitos negocios. Porém na consideraçaõ dos dilatados annos em que outros exercicios fizeraõ habito na natureza delRey, assistindo em Villa-Viçosa, todos os acertos politicos, que manáraõ de seu governo, saõ dignos de louvor, e nenhum erro merece ser condenado, porque abraçou muito generosa empresa, e grangeáraõ todas as suas acçoens immortal memoria. As materias mais importantes da Monarquia consultava com a Rainha Dona Luiza, porque reconhecia no seu discurso soberana intelligencia, e era o seu peito o centro do segredo: virtudes que tendo por base hum espirito varonil, que trasluzia pelo veo de hum regio semblante muito decorosamente agradavel, a colocáraõ viva na estimaçaõ de todo o Mundo, morta entre as luzes da melhor esfera: porque combatida das calumnias, e apurada nos infortunios, soube reynar para vencer;

cer, e vencer para reynar, como a ſeu tempo largamente referirá a ſegunda parte deſta hiſtoria. Franciſco de Lucena Secretario de Eſtado era dos Miniſtros de que ElRey fazia merecida eſtimaçaõ: porque além de muitas noticias, e de grandes experiencias, lograva entendimento ſagaz, e ſagacidade que foy mais util para as materias daquelle tempo, que proveitoſa para a ſua conſervaçaõ. De Antonio Paes Viegas, antigo, e fideliſſimo Secretario da Caſa de Bargança, fiava ElRey os mayores negocios; e porque era impedido da gota, e mandava levar ao Paço em huma cadeira. Com entendimento, e zelo aconſelhava a ElRey, e lhe inculcava para os Poſtos os ſujeitos de mayor capacidade. Eſtes eraõ os que familiarmente tratavaõ com ElRey. Entre os mais preferia com grande acerto o Arcebiſpo de Lisboa, e o Capellaõ Mór Dom Alvaro da Coſta: neſte ſobrava a deſtreza, naquelle a ſinceridade. Tambem favorecia ElRey ao Viſconde Dom Lourenço de Lima, a Dom Manoel da Cunha Biſpo de Elvas, e a Joaõ Rodrigues de Sá Conde de Penaguiaõ ſeu Camareiro Mór. Outros ſe foraõ introduzindo, de que ſe dará noticia em ſeu lugar. A mudança do governo havia gerado no corpo da Republica differentes humores, os quaes combatendo a natureza dos negocios, hora os bons a fortaleciaõ, hora os máos a debilitavaõ. Divertio ElRey eſtes laſtimoſamente com a deſcarga do ſangue, coroborou aquelles com a igualdade do alimento: mas foraõ taõ cuſtoſos os meyos de chegar ao fim da ſaude pretendida, que merece a narraçaõ delles obſervaçaõ particular.

Anno 1641.

Miniſtros de que ElRey fazia mais confiança.

Retirada no dia da acclamaçaõ delRey, para os Paços de Xabregas a Princeza Dona Margarida de Auſtria Duqueza de Mantua, que governava eſtes Reynos, a paſſáraõ para o Convento de Santos, como fica referido; entendendo-ſe que ficava naquelle ſitio com menos ſuſpeitas de fomentar os animos duvidoſos, e ſegurar os que ſeguiaõ a facçaõ de Caſtella, porque eſtando alojados no meſmo Paço o Marquez della Puebla, e o Conde Bayneto Cavalhariço Mayor da Duqueza, creſciaõ as preſumpçoens de ſe cõmunicarem com muitas peſſoas em grande

pre-

Anno 1641.

prejuizo do novo governo: porém com toda esta cautela naõ cessáraõ as presunçoens, de que a assistencia da Duqueza era perigosa confiança dos sequazes de Castella. Discursavaõ alguns Ministros que a Duqueza naõ servia em Portugal mais que de inquietar os animos, e fomentar sediçoens, e que se fazia com o seu sustento consideravel despesa: por cujos respeitos convinha buscar meyo, para que ella fosse quem pedisse licença para passar a Castella, insinuando se-lhe, que se lhe naõ havia de negar, e que com a sua liberdade se conseguiria soltarem em Castella alguns Portuguezes, que estavaõ presos com grande molestia. Davaõ por Autor desta pratica a Francisco de Lucena, dizendo-se que por este respeito queria grangear a liberdade de seu filho preso com aperto em Madrid, e naõ eraõ os que faziaõ este discurso, máos para testemunhas da sua defeza, quando depois o prendéraõ: porque estando elle ganhado por Castella, naõ necessitava de industria para a liberdade de seu filho. Os que encontravaõ a opiniaõ de se mandar a Duqueza para Castella diziaõ, que perdiamos o mayor penhor da liberdade do Infante Dom Duarte; porque ElRey de Castella, quando naõ fosse mais que por reputaçaõ, como constava de varias cartas do Infante escritas a ElRey, lhe convinha procurar ver livre da prisaõ, que padecia por seu respeito a Duqueza de Mantua, pessoa em quem concorriaõ todas as prerogativas de grandeza; e que estando ella dentro do Convento de Santos, facilmente se lhe poderia evitar a communicaçaõ de Castelhanos, e Portuguezes; e quanto ao dispendio, naõ era razaõ que lembrasse, estando de promeyo consideraçoens de tantas consequencias. Esta variedade de opinioens fazia duvidar a ElRey da resoluçaõ que havia de tomar nesta materia: porém succedendo, sem ser necessario outra diligencia; mandar a Duqueza pedir a ElRey com grande instancia licença para passar a Madrid, e achando a Rainha por medianeira da sua liberdade, ou por compaixaõ, ou por politica, veyo ElRey a tomar a resoluçaõ menos conveniente, que foy a de lhe conceder a licença que pedia, e juntamente de poder mandar a Madrid Dom Pedro da

Discursos a cerca la Duqueza de Mantua.

Concede ElRey licença à Duqueza.

Mota

Mota Sarmento seu Mordomo, que levou cartas abertas da Duqueza para ElRey Catholico, para o Conde de Olivares, que continhaõ noticia da liberdade que se lhe permittia. Porém antes que voltasse reposta destas cartas, se descobriraõ as conspiraçoens contra ElRey, de que logo daremos noticia, successo que esforçou a opiniaõ de mandar a Duqueza para Castella, avaliando-a por Autora de todas as revoluçoens. Assentada esta determinaçaõ, mandou ElRey dizer á Duqueza que se prevenisse para passar a Madrid: replicou ella dizendo, que partiria quando lhe chegasse resposta da carta que havia escrito a ElRey Catholico. A repugnancia a fez mais suspeitosa com os que fomentavaõ a sua jornada, dos quaes persuadido ElRey, lhe ordenou que sem replica se prevenisse para partir. Obedeceo a Duqueza, e partio com a sua familia acompanhada de Luiz Gomes de Basto Corregedor do Crime de Lisboa; e do Juiz do Crime Simaõ de Oliveira da Costa. Chegou a Elvas, e achou duas legoas da Cidade que a aguardava Martim Affonso de Mello Governador das Armas com a Cavallaria, officiaes, e pessoas particulares, que se achavaõ naquella Praça. Naõ lhes fez a differença do tempo mudar de estylo, tratando a Duqueza com o mesmo respeito, e ceremonia, que lhe rendiaõ quando governava. Instou ella, pendindo que se cubrissem quando lhe fallavaõ, naõ conseguio mudança com o seu rogo, muito á satisfaçaõ do seu levantado espirito, que se naõ havia abatido com os infortunios. Apeou-se no Convento dos Religiosos de S. Paulo fóra dos muros de Elvas, onde lhe preveniraõ aposento, naõ se fiando de hospedes taõ suspeitosos: porem a ostentaçaõ, e os regalos dissimuláraõ a desconfiança. No dia seguinte chegou a Elvas o Ouvidor de Villa-Viçosa com ordem delRey para examinar o fato da Duqueza. Executou-se contra o parecer de Martim Affonso de Mello, e achando-se que levava muito pouco cabedal, principal causa (como se entendeo) daquella diligencia, ficou esta acçaõ mais desayrosa. Quiz a Duqueza reservar huns papeis, que disse serem cartas do Pontifice, delRey Catholico, e de seu marido: instou o Ouvidor indiscretamente

Anno 1641.

Parte a Duqueza.

te

Anno 1641.

te que era preciſo examinalas, tomou ella rompelas por expediente, e entregouas a hum criado ſeu dizendo que as queimaſſe. Offendeo a todos os que aſſiſtiaõ o exceſſo do Ouvidor, e ElRey ſabendo-o ſe deo por mal ſervido, e peyor aconſelhado em o mandar áquella diligencia. Deſpedio a Duqueza hum criado a Badajoz a negociar com o Conde de Monte-Rey as bagagens neceſſarias para o ſeu fato: ajuſtou-ſe que na ponte de Caya ſe mudaſſe das em que hia de Portugal para as de Caſtella. Partio a Duqueza, e querendo os dous Miniſtros de juſtiça que acompanhavaõ, que o ſeu fato pagaſſe direitos na Alfandega, o naõ conſentio Martim Affonſo de Mello, e ſe obrigou elle, e Dom Joaõ da Coſta á ſatisfaçaõ do dinheiro que importaſſe: porém ElRey ordenou que ſe naõ fallaſſe neſta materia. A Duqueza partio para Badajoz acompanhada de Martim Affonſo de Mello, e de todos os mais que ſe acháraõ naquella parte, ceſſando por aquelle dia as hoſtilidades da Campanha. Deſpedio-ſe a Duqueza mais obrigada da cortezia dos ſoldados, que do trato dos Cortezaons, naõ deixando em Portugal queixoſos do ſeu governo; porque com grande entendimento, e generoſidade havia encontrado as deſordens, e inſultos dos Miniſtros de Caſtella.

Chega a Badajoz.

Apreſſou a jornada da Duqueza de Mantua (como ja diſſemos) deſcobrir ElRey a conſpiraçaõ dos que intentavaõ tirar-lhe a vida, e ao Reyno a liberdade. Naõ era de todo averiguada eſta materia, quando ElRey ſe reſolveo a mandala, e com as primeiras luzes della entendeo ElRey, que a aſſiſtencia da Duqueza ſervia de incentivo ao deſordenado intento dos conſpirados. Foy Dom Sebaſtiaõ de Mattos de Noronha Arcebiſpo de Braga o primeiro q̃ fabricou eſta infelice reſoluçaõ, querendo pagar a ElRey Catholico os beneficios que havia recebido daquella Coroa, e comprar com perpetuo diſcredito o louvor apparente de agredecido. Era compoſto de entendimento ſagaz, e de animo intrepido, e ſabia com a liberalidade facilitar as ſuas opinioens. Quando ElRey ſe acclamou, exercitava a occupaçaõ de Preſidente do Paço, como acima referimos. Receoſos os que acclamáraõ ElRey do ſeu eſpi-

Noticia dos que conſpiráraõ contra ElRey.

espirito, e da inclinaçaõ que mostrava a os interesses de Castella, intentáraõ matalo; de que se dissuadiraõ o dia antecedente ao da acclamaçaõ, parecendo-lhe melhor acordo obrigalo com beneficios, politica cujo successo depende dos animos em que se emprega. Elegéraõ o Arcebispo por hum dos Governadores do Reyno, em quanto ElRey se dilatava, como tambem fica apontado: quando ElRey chegou lhe fez tantos favores, que a ser menos obstinado o seu animo, bastaraõ para grangealo, havendo tambem sido as intercessoens delRey, poucos tempos antes em Madrid, causa das suas melhoras, quando de Bispo de Elvas passou a Arcebispo de Braga. Esquecido pois das obrigaçoens passadas, e dos beneficios presente, ou por affeiçaõ á Coroa de Castella, ou por duvidar da conservaçaõ de Portugal, se resolveo o Arcebispo a ser Dom Oppas Lusitano, naõ se lembrando do Bispo de Lisboa Dom Martinho, que em tempo delRey Dom Joaõ o Primeiro foy sem culpa na sua propria Igreja emprego lastimoso da ira das suas mesmas ovelhas, que podem cegamente fazer-se vorazes com os desconcertos de hum máo Pastor. O primeiro caminho, que o Arcebispo buscou para a disposiçaõ do seu desordenado intento, foy introduzir nas pessoas que lhe pareciaõ dispostas, ou por queixa do novo governo, ou por dependencias de Castella, a pouca segurança da nova Monarquia, dizendo; que contendia sem forças coutra o poder delRey Catholico, formidavel a todo o Mundo; que os exercitos, e Armadas dos Castelhanos haviaõ de encher os campos, e povoar os Mares; que a defensa de Portugal por todos os caminhos se mostrava impossivel, porque as ordens delRey, e de seus Ministros todas eraõ confusas, e a execuçaõ dellas como as ordens; que as fronteiras estavaõ abertas, nos Cabos das Provincias naõ havia mais que o nome, e nos soldados só a apparencia: de que era facil tirar por conclusaõ, que brevemente seriaõ lastimoso espectaculo as cabeças dos que barbaramente seguissem a incerteza do novo governo

Anno 1641.

He autor o Arcebispo Primaz.

A primeira pessoa a que persuadio esta cavillosa pratica, foy ao Marquez de Villa Real Dom Luiz de Me-

Junta-se lhe o Marquez de Villa Real.

Anno 1641.

Menezes, a quem eu mudára o nome, se naõ faltára á verdade da historia. Estava em Leyria quando ElRey foy acclamado, e naõ se lhe havia fiado anticipadamente esta materia, porque o seu talento naõ havia grangeado tanto credito, como merecia o seu esclarecido sangue. Era o Marquez facil de persuadir, e difficil em discursar; penetrou-o a doutrina artificiosa do Arcebispo, entrogou-se-lhe, e deixou-lhe na disposiçaõ o seu alvedrio. Communicou a seu filho Dom Miguel de Noronha Duque de Caminha a sua deliberaçaõ, o qual com mais valor e naõ melhor fortuna contradisse a seu pay o cego intento, a que se arrojava, lembrando-lhe o juramento a que estavaõ obrigados; e quanto melhor seria perder a vida defendendo a liberdade da Patria, que conservar a casa no infelice cativeiro de Castella. Persuadio tambem o Arcebispo a seu sobrinho Rui de Mattos de Noronha, primeiro Conde de Armamar, sendo faceis de enganar as suas poucas experiencias, e communicou o desordenado intento, que havia abraçado, com outras pessoas da primeira, e segunda qualidade, cujos nomes referiremos quando dermos conta das prisoens de todos os culpados. Dezejava o Arcebispo dar noticia a ElRey Catholico da tea que hia ordindo, custando-lhe grande cuidado naõ ter resposta de huma carta, q̃ lhe haviaescrito por D. Joaõ Soares, de cuja resoluçaõ teve noticia quando se passou para Castella, na qual se disculpava de aceitar o governo, e cooperar nas diligencias de se reduzirem os lugares do Reyno, firmando as cartas escritas a este fim. Por se livrar do embaraço q̃ padecia, se resolveo a mandar a Castella hum homem, chamado Manoel Valente, escrivaõ da Tavola de Setuval; e naõ podendo ajustar com Manoel Valente esta jornada taõ brevemente, como pretendia, determinou mandar Diogo de Brito Nabo: porém antes que o conseguisse, se descobrio a conjuraçaõ. Huma das pessoas de que o Arcebispo usava para o fim que pretendia, era Belchior Correa da Franca, ao qual havia negociado Diogo Soares a merce do Habito de Christo, e a patente de Mestre de Campo de hum Terço, que havia de levantar em Portugal, pago com o dinheiro que resultasse

Persuade o Arcebispo o Conde de Armamar, e outros.

da

da venda dos Habitos das Tres Ordens, e foros de fidalgos, para que tambem tinha trazido ordens de Castella. Vendo com a acclamaçaõ delRey desvanecida a commissaõ, e divertido o posto, determinou passar a Castella em companhia de Diogo de Britto Nabo, tambem dependente daquelle governo. Por algumas circunstancias que naõ puderaõ dissimular, se descobrio este intento dos dous referidos. Mandou ElRey prendelos, e naõ havendo bastante prova do seu delicto, foraõ logo soltos. Esta piedade que pudera servir-lhe de arrependimento, lhes accrescentou a confiança, e se offerecéraõ ao Arcebispo (o qual lhes communicou o seu intento) a accrescentar o numero dos conjurados. O primeiro em que teve effeito a sua diligencia foy Pedro de Baeça Thesoureiro da Alfandega, e homem de negocio; persuadio o Belchior Correa, affirmando-lhe contra a verdade, que passavaõ de mil os que entravaõ na canjuraçaõ. Fallou Pedro de Baeça por intervençaõ de Belchior Correa com o Marquez de Villa Real; remetteo-o o Marquez ao Arcebispo, que assistia em huma quinta fóra de Lisboa junto a Nossa Senhora da Luz; recebeo-o elle com muitos louvores, e grandes promessas, e depois de varias conferencias, affirmou Pedro de Baeça ao Arcebispo, que unidos os seus cabedaes aos de Diogo Rodrigo de Lisboa, e Simaõ de Sousa, tambem contratadores, governadores pela sua direcçaõ, entregaria á sua ordem hum milhaõ, e trezentos mil cruzados. Porém a promessa era com pouco fundamento, por naõ serem taõ grossos os cabedaes dos tres; nem os animos dos dous taõ seguros. Encaminhadas estas disposiçoens pelo Arcebispo, e dezejoso de augmentar outras para adiantar a execuçaõ, achou com mayor pressa o castigo da sua temeridade; porque Pedro de Baeça, tanto que se apartou do Arcebispo, foy buscar Luiz Pereira de Barros Contador da fazenda, o qual havia sido obrigado a Miguel de Vasconcellos: e arguido de que escrevia a Castella, o tinha ElRey mandado prender, e soltar juntamente em breves dias, por justificar a sua innocencia. Julgando Pedro de Baeça por bastantes estas causas para o fazer parcial da conjuraçaõ, se decla- Anno 1641.

Anno 1641.

rou com elle, facilitando-lhe a certeza de matar ElRey; e de restituir o Reyno a Castella, com os soccorros que ElRey Catholico havia de mandar sem falta por terra, e por Mar; e segurou-lhe que eraõ outenta os fidalgos conjurados, e mais de quinhentas as pessoas de outras qualidade, persuadindo-o a ter parte em taõ grande empresa, com interesses que haviaõ de resultar della aos que a conseguissem. Dividiraõ-se os dous, mostrando Luis Pereira que ficava persuadido: porém, passados outo dias, se resolveo a dar conta a ElRey da conjuraçaõ, e querendo especular primeiro todos os fundamentos desta maquina, foy buscar Pedro de Baeça, e lhe disse, que elle havia considerado o que lhe ouvira referir, e que achava a empresa taõ grande, que se naõ resolvia a entrar nella sem saber os nomes dos conjurados, e como determinavaõ dispôr o que emprendiaõ. Respondeo-lhe, que os conjurados eraõ o Marquez de Villa Real, seu filho o Duque de Caminha, o Inquisidor Geral, o Conde de Armamar, Dom Agostinho Manoel, e outras muitas pessoas; que a ordem, e o modo da execuçaõ se esperava de Madrid, donde sabia que se havia promettido hum grande exercito, com que o Conde de Monte-Rey havia de entrar por Alemtejo, e huma Armada que no dia da execuçaõ se havia de achar na Barra de Lisboa, e que se elle quizesse fallar com o Arcebispo de Braga, que elle o acompanharia, e que sendo-lhe necessario dinheiro para persuadir algumas pessoas mandaria contar todo o que lhe pedisse.

Luis Pereira de Barros descobre a ElRey a conjuraçaõ.

Havendo Luis Pereira colhido as noticias que dezejava, se despidio de Pedro de Baeça, e sem interpôr dilaçaõ, se foy ao Paço; fallou a ElRey, e deo-lhe conta assim da primeira como da segunda conferencia que havia tido com Pedro de Baeça, e de todas as circunstancias acima declaradas. Ordenou-lhe ElRey, que fosse a casa de Antonio Paes Viegas; e que lhe referisse por escriro tudo quanto lhe havia repetido. Assim o executou Luiz Pereira, e remunerou ElRey a sua fidelidade com huma grande Comenda. Foy esta primeira noticia, que ElRey teve da conjuraçaõ, e com ella accrescentou a vigilancia,

tra-

tratando de examinar mais juridicos fundamentos. Dentro de breves dias conseguio este intento na confissaõ de Manoel da Sylva Mascarenhas natural do Torraõ, e assistente em Lisboa, o qual achando-se huma tarde em Nossa Senhora da Luz, o veyo buscar Manoel de Vasconcellos, com quem havia de poucos tempos antes travado amizade, e discorrendo ambos do estado do Reyno lhe disse Manoel de Vasconcellos, que era infallivel verem Portugal em poucos mezes conquistado do poder formidavel de Castella; porque elle reconhecia a debilidade da nossa defensa com mais circunstancias que outra alguma pessoa, por haver chegado de Elvas de assistir ao Conde do Vimioso, e servir-lhe de Secretario; e que por esta, e outras causas muito relevantes naõ faltavaõ muitas pessoas de grande qualidade, e entendimento, que estavaõ resolutas a atalhar o castigo que a todos ameaçava, executando as mayores finezas pelo serviço delRey Catholico, e ultimamente lhe declarou tudo quanto os conjurados haviaõ conferido. Naõ quiz Manoel da Sylva, com mayor animo, e melhor acordo, usar de dissimulaçaõ alguma: estranhou a Manoel de Vasconcellos com grande efficacia a proposiçaõ que lhe havia feito, e animando-o á confiança da defensa do Reyno lhe disse, que se resolvesse a hirem logo dar conta a ElRey do perigo a que estava exposto. Sobresaltado, e temeroso se escuzava Manoel de Vasconcellos: porem obrigado do receyo deo permissaõ a Manoel da Sylva, para que logo fosse avisar a ElRey da parte de ambos. Naõ tardou Manoel da Sylva na diligencia, porém naõ podendo fallar a ElRey com apressa que dezejava, impaciente da dilaçaõ foy buscar o Conde do Vimioso a sua casa, o qual havia chegado naquelle tempo de Alemtejo, desobrigado do posto, e deo-lhe conta de quanto havia passado com Manoel de Vasconcellos. Louvou-lhe muito o Conde a fineza, e o zelo, e avaliando por grande fortuna offerecer-se lhe occasiaõ de mostrar a ElRey a sua constancia, e fidelidade, quando padecia os mayores aggravos, foy ao Paço, e communicou a ElRey toda esta materia. Ordenou-lhe ElRey que aquella mesma noute levasse comsigo

Anno 1641.

Fidelidade de Manoel da Sylva.

Dà conta o Conde do Vimioso a ElRey.

 go

Anno 1641.

go a fallar-lhe a Manoel da Sylva, e a Manoel de Vasconcellos. Naõ dilatou muito esta ordem, e foy de qualidade a desgraça do Arcebispo, e dos mais conjurados, que nem souberaõ que Manoel da Sylva descubrira o seu intento, nem Manoel de Vasconcellos, estando ganhado da negoceaçaõ do Arcebispo, lhe communicou o máo successo que tivera com Manoel da Sylva a sua diligencia: porque com huma, ou outra noticia pudera desvanecer facilmente os indicios que calumniavaõ a sua fidelidade. E taõ claramente permittio Deos, que este successo fosse encuberto ao Arcebispo, que cego do seu delicto, visitando-o o Conde do Vimioso, se deliberou a tentar o seu fidelissimo animo, presumindo, que o Conde queixoso do aggravo de lhe haver ElRey tirado sem causa o governo das Armas de Alemtejo, se arrojaria a entrar no numero dos conjurados. Resoluto neste delirio fez ao Conde huma larga oraçaõ, e ostentou nella todas as ideas acima declaradas. Repetio os nomes dos conjurados, e accrescentou outros que o naõ eraõ; cavilaçaõ, que em grande prejuizo de sua consciencia fez prender muitas pessoas sem culpa. O Conde respeitando a Dignidade, e os annos do Arcebispo, e o damno que resultaria a taõ grave negocio de qualquer demonstraçaõ que fizesse, reprimio a justa colera que lhe causou taõ abominavel pratica, e com palavras geraes separou a conversaçaõ, e foy logo dar conta a ElRey de tudo o que havia passado com o Arcebispo, e conferida a resoluçaõ que havia de tomar em negocio taõ arduo, e de taõ relevantes consequencias, achavaõ-se por todas as partes grandes difficuldades que vencer, por serem as pessoas nomeadas na conjuraçaõ taõ aparentadas, e de tanta qualidade, que quasi todos os que forçosamente haviaõ de cooperar nas prisoens, podiaõ ser contados como partes dos que se haviaõ de prender, e onde as raizes eraõ taõ poucas, podia-se recear a menor tempestade. O coraçaõ delRey ornava-se de grande valor, porém deixava-se persuadir dos discursos bem fundados, e assim ainda que dezejava livrar-se do cuidado com a execuçaõ, vencia-o a prudencia, reconhecendo as difficuldades da empresa. Hum dos reparos que mais

Manda ElRey ao Conde que falle ao Arcebispo.

Descobre-lhe a conjuraçaõ.

Difficuldades q̃ ElRey considera neste negocio.

mais o embaraçavaõ, era ser-lhe forçoso mostrar ao Mundo, que havia Vassallos no seu Reyno taõ cegamente precipitados, que se resolviaõ a trocar a gloria de se defenderem dos Castelhanos pela tyrannia do seu governo. Continuando em ElRey a perplexidade, denunciáraõ de Pedro de Baeça huns criados seus, dizendo que elle maquinava contra a conservaçaõ do Reyno com Belchior Correa da Franca, e Diogo de Britto Nabo. Tomado judicialmente este depoimento, e concordando com a confissaõ de Luiz Pereira de Barros, se resolveo ElRey a mandar prender os tres denunciados, esperando que resultasse da sua declaraçaõ mayor fundamento contra os conspirados de mais alta esfera. Foraõ presos os tres, e postos a tormento: levou Pedro de Baeça os tratos sem confessar o delicto, sofreraõ-nos os dous com menos constancia; e concordor a sua confissaõ com quasi todos os indicios antecedentes. Vendo ElRey tantas evidencias julgou, que era preciso tomar nesta materia a ultima resoluçaõ, para que nos culpados com a dissimulaçaõ se naõ augmentasse a ouzadia, e para que o castigo fosse freyo dos que vacilavaõ, e alento dos que o defendiaõ.

Anno 1641.

Prisaõ de alguũs complices de que resulta prova mais clara.

Escolhido este discurso pelo mais acertado, no dia que se contavaõ 28. de Julho, mandou que os quatro Terços da Ordenança se formassem nas praças principaes da Cidade, advertindo que determinava sahir a velos exercitar. Deo-se recado a toda a Nobreza, para que viesse aquella tarde, que era Domingo, ao Paço a acompanhar a ElRey, e juntamente se fez aviso aos Conselheiros de Estado, para que todos ás tres horas depois do meyo dia se achassem no Conselho. O Marquez de Villa Real assustado das prisoens de Pedro de Baeça, Belchior Correa, e Diogo de Britto, e amoestado de seu filho, ou arrependido do seu errado intento, disse a ElRey, sahindo aquella mesma manhaõ de ouvir Missa na tribuna, que o zelo com que se dedicava a seu serviço naõ sofria dilaçoens, que tinha materia muito importantes que lhe communicar. ElRey sem mostrar a menor perturbaçaõ lhe respondeo, que viesse ás tres horas ao Conselho de Estado. Assim o executou o Marquez, e subindo a esca-

Prevençoens para se prenderem os conjurados.

Anno 1641.

da do Paço achou o Porteiro Mór Luiz de Mello que o encaminhou a hum aposento, onde estava Thomè de Sousa, o qual tanto que o Marquez entrou lhe disse, que ElRey lhe ordenára que o prendesse. Perturbado, e sem replica lhe entregou a espada. Na mesma fórma prendeo em outro aposento ao Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Menezes filho segundo do Conde de Cantanhede, naquelle tempo Dezembargador do Paço. Dom Pedro de Menezes, que foy Bispo eleyto do Porto, prendeo pelo mesmo estylo ao Bispo Inquisidor Geral. A ordem de prender ao Duque de Caminha se deo a Pedro de Mendonça, e Antonio de Saldanha: aguardárao elles que o Duque chegasse ás escadas do Paço, e antes que se apeasse, se mettérao com elle no mesmo coche em que vinha, e o levárao á Torre de Bellem, de que era Capitao Mór Antonio de Saldanha. Para a mesma hora tinhao as Justiças, e alguns fidalgos varias ordens que executárao, prendendo a Nuno de Mendonça Conde de Val de Reys, e a Lourenço Pires de Carvalho na Torre de Bellem: para a de S. Filippe de Setuval foy levado Dom Antonio de Attaide Conde da Castanheira, para a de Outao Golçalo Pires de Carvalho: na Torre de Cascaes foy preso Antonio de Mendonça Commissario da Cruzada, e no Castello de Lisboa Ruí de Mattos de Noronha Conde de Armamar: no Convento de Bellem, passando depois para a Torre, Frey Luiz de Mello Religioso de Santo Agostinho, Bispo eleito de Maláca: nas Cadeas do limoeiro prendérao a Paulo de Carvalho Vereador da Camara, e a seu irmao Sebastiao de Carvalho ambos Dezembargadores da Casa da Supplicaçao, Luiz de Abreu de Freitas Escrivao da Camara delRey, Jorge Fernandes de Elvas, que poucos dias antes se havia passado de Castella a este Reyno, Diogo Rodrigo de Lisboa, Jorge Gomes Alemo seu filho, e Simao de Sousa Serrao, todos os tres homens de negocios de grossos cabedaes, Christovao Cogominho guarda Mór da Torre do Tombo, Manoel Valente escrivao da Tavola de Setuval, Antonio Correa Official mayor da Secretaria de Estado. No dia seguinte prendérao no limoeiro a Dom Agostinho Manoel, e do caminho do Coim-

Prendem-se o Marquez de Villa Real; e o Arcebispo de Braga e outros.

bra

bra para Braga, trouxeraõ presa á Torre de Bellem o Bispo de Martyria Dom Francisco de Faria, que havia sido criado do Arcebispo de Braga. Tendo ElRey aviso que as prisoens acima referidas estavaõ executadas, sahio com semblante triste, e severo a huma casa, onde o aguardava toda a Nobreza da Corte, á qual manifestou o sentimento com que se achava, de o obrigarem os intentos dos conjurados á resoluçaõ que contra elles tomára, e que ingenuamente affirmava, que tratar da sua segurança era mais que amor da vida, amor de seus Vassallos: porque se o haviaõ buscado para defensa, e liberdade propria, destruida a causa, perigavaõ sem duvida os effeitos; e que com animo igual, naõ estando de por meyo esta obrigaçaõ, elegéra antes a morte, que a pena que padecia, vendo que era o primeiro Rey de Portugal, contra cujo decoro descubertamente prevaricára a fidelidade Portugueza, taõ radicada em muitos seculos, que havia servido de exemplo a varios Principes, para comprimir, e refrear os desconcertos de seus Vassallos: porém que na desgraça presente, encontrava o alivio de conhecer a fineza, e igual coraçaõ dos que estavaõ sem culpa, de cujo valor fiava a sua segurança, e a defensa do Reyno. Que os crimes dos presos, estivessem certos, que se haviaõ de examinar com toda a exacçaõ, para que o Mundo conhecesse os fundamentos que tivera na resoluçaõ presente, esperando que todos experimentassem no seu governo a igualdade de verem nos delictos castigo, e nos merecimentos premio. Todo aquelle concurso a que ElRey repetio estas razoens, lhe respondeo em huma só voz a satisfaçaõ com que ficava da execuçaõ que naquelle dia fizera: porque he o rumor dos grandes concursos Orador eloquentissimo, sem formar as palavras exprime distinctamente os affectos. Recolheo-se ElRey, e espalhando-se pelo Povo a noticia das prisoens, se alterou de sórte contra a Nobreza, que com difficuldade se recolhéraõ a sua casa, os que estavaõ no Paço.

Anno 1641.

Falla ElRey á Nobreza.

Altera-se o Povo contra a Nobreza.

Neste mesmo dia mandou ElRey a Manoel Lobo da Sylva que fosse a Estremôs, aonde assistia Mathias de Albuquerque, e que dissimuladamente observasse o

Anno 1641.

effeito que fazia no seu animo a nova das prisoens dos conjurados, e que se informasse em grande segredo de pessoas de mayor confiança do seu procedimento, porque era muito pouca a prova, que havia contra elle, e o seu merecimento muito grande: constava só que o Conde do Vimioso com pouca cautella perguntára ao Arcebispo de Braga, na primeira conferencia que tivera, se entrava na conjuraçaõ Mathias de Albuquerque, inferindo-o da correllaçaõ que tinha com o Marquez de Villa Real, e que o Arcebispo lhe respondera, que sim entrava, sem mais motivo que lembrar-lhe, que tinha em Castella seu irmaõ Duarte de Albuquerque, e querer o Arcebispo accrescentar sequazes ao seu delicto, sem reparar no encargo da sua consciencia. Constou mais, que determinavaõ os conjurados mandar o Bispo eleito de Maláca a tentar o animo de Mathias de Albuquerque (pequenos indicios para se proceder contra hum homem taõ grande, e que governava no Reyno a Provincia de mais força, e de mayor importancia.) Manoel Lobo chegou a Estremôs, e informando-se levemente do procedimento de Mathias de Albuquerque, achou na boca de seus inimigos algumas culpas suppostas, e com esta noticia, sem esperar por Martim Affonso de Mello, que hia a governar as Armas, como ElRey lhe havia ordenado, dizendo-lhe, que naõ achando indicios bastantes contra Mathias de Albuquerque, aguardasse por Martim Affonso, porque ficando elle entregue das Armas, cessavaõ os receyos; sem preceder circunstancia alguma destas, foy Manoel Lobo a casa de Mathias de Albuquerque, e mostrandolhe a ordem que levava delRey para o prender, a aceitou com toda a reverencia, e socego, e juntamente lhe entregou todos os papeis que achou nas algibeiras, e as chaves dos escritorios, para que examinasse os que estivessem nelles. Na mesma noute caminháraõ os dous para Setuval em huma liteira, padecendo Mathias de Albuquerque opprobrios nos lugares por onde passava daquelles mesmos homens, que pela fama das suas acçoens poucas horas antes lhe promettiaõ triunfos. Taõ cegamente governa a fortuna a vida humana! Chegando a Setuval o deixou Manoel

Prisaõ de Mathias de Albuquerque.

Lobo

Lobo na Torre de Outaõ, onde o perseguiraõ desorte as desordenadas vozes do Povo, que sabendo-o ElRey o mandou mudar para a Torre de Bellem. Na de S. Giaõ prendéraõ nestes mesmos dias ao Padre Joaõ da Resurreiçaõ Geral dos frades Loyos pela mesma presunçaõ. No dia seguinte ao das prisoens, que se fizeraõ em Lisboa, correo o Arcebispo della a Cidade com huma Procissaõ de graças, por se haver descuberto a conjuraçaõ, que ameaçava a Portugal a ultima ruina. ElRey dezejando justificar-se por todos os caminhos, mandou fixar editaes nas portar da Cidade, que continhaõ o grande sentimento, com que havia mandado proceder contra os que estavaõ presos, antepondo a saude publica ao seu dezejo, que era fazer merce a todos, e que ordenava a seus Vassallos, que com todo o soccego aguardassem a resoluçaõ que se tomava, segurando ajustar-se com as obrigaçoens da Justiça; e que se contra esta ordem se levantasse algum rumor, ou succedesse alguma inquietaçaõ, se daria por mal servido, e mandaria proceder severamente contra os autores de qualquer desconcerto. Com este edital se soccegou mais a furia do Povo, que se havia desenfreado desorte, que seguiaõ com palavras desconcertadas os fidalgos, que passavaõ pelas ruas. Usou-se tambem para o applacar da diligencia dos Prégadores, que exhortavaõ dos pulpitos o soccego, e uniaõ, mostrando as perigosas consequencia de effeito contrario. Mandou ElRey fixar nos lugares publicos segundo edital, em que perdoava o delicto a qualquer pessoa, que diante dos Juizes apontados descubrisse a noticia, que houvesse tido da conjuraçaõ. Muitos dos comprehendidos se livráraõ do castigo com este indulto, e accrescentáraõ a prova aos que depois foraõ condenados.

Anno 1641.

Decreto q̃ mandou ElRey publicar.

Logo que as prisoens se executáraõ, mandou ElRey processar as culpas de todos os presos. Havia de preceder a todas as diligencias, fazer-se-lhes perguntas; porém muitos delles as escuzáraõ, confessando o delicto. Foy o primeiro que seguio este caminho o Inquisidor Geral escrevendo a ElRey huma carta, cuja substancia era: que fiado na benignidade delRey, lhe referia tudo o que ha-

Cartas do Inquisidor Geral.

Anno 1641.

havia paſſado da Acclamaçaõ até aquella hora, affirmando que no ſeu animo nunca entrára a mais leve tençaõ de diſſervir a Sua Mageſtade, e que havendo quem diſſeſſe o contrario, era falſo, e que ſó ſe lhe offerecia que entendendo do Arcebiſpo de Braga o deſcontentamento, com que vivia do eſtado preſente, e quanto ſuſpirava pelo governo de Caſtella, lhe eſtranháraõ algumas vezes eſta pratica, e a ultima occaſiaõ fora Domingo 28. daquelle mez de Julho: que ſe deixára de referir a Sua Mageſtade o que entendéra do Arcebiſpo, fora por lhe parecer que aquellas razoens naõ tinhaõ entidade, nem diſpunhaõ algum fim. Que de Gonçalo, e Lourenço Pires era muito parente, que nunca lhes ouvira mais, que ſentimento de ſe verem alguns deſconcertos, com que perigava a conſervaçaõ do Reyno, e que affirmavaõ havelo advertido aſſim a Sua Mageſtade. Rematava a carta, que por lhe naõ permittirem ir lançar-ſe a ſeus pés, fiava aquella carta de Dom Jorge de Mello, que depois foy Meſtre-Sala da Rainha. No dia ſeguinte eſcreveo outra carta mais larga, em que dava conta a ElRey com particularidade de differentes occaſioens, em que o Arcebiſpo de Braga o quizera perſuadir a que acclamaſſem ElRey de Caſtella, para que dizia haviaõ de achar o Povo prompto, e a que mandaſſem a Madrid a Frey Manoel de Macedo, para conferir naquella Corte varias materias tocantes a eſte fim, e que juntamente lhe pedira quizeſſe perſuadir á ſua opiniaõ a Gonçalo, e Lourenço Pires por ſerem ſeus parentes: que deſta commiſſaõ, e de todas as mais propoſiçoens ſe havia eſcuzado com o Arcebiſpo, e que ſe havia faltado em dar conta dellas a Sua Mageſtade, fora porque as primeiras conferencias haviaõ ſuccedido antes que Sua Mageſtade chegaſſe de Villa-Viçoſa, e a ultima na meſma manhãa que o prenderaõ. Eſta carta enviou o Inquiſidor Geral a ElRey pelo Capellaõ Mór, e tornando a mandalo chamar pouco eſpaço depois de lha ter entregue, eſcreveo outra, em q̃ dizia a ElRey, que fazendo novo exame na ſua memoria, lhe lembrava, que o Arcebiſpo lhe diſſera quando facilitára acclamar o Povo ElRey de Caſtella, que tornariaõ a introduzir a Duqueza de

Man-

Mantua no Governo do Reyno; e que ultimamente lhe aconſelhára, que foſſe de parecer na ultima propoſta que o Secretario de Eſtado Franciſco de Lucena havia feito aos Conſelheiros de Eſtado (naqual lhes perguntava da parte de Sua Mageſtade ſe convinha paſſar a ſua Real Peſſoa á fronteira) que era muito conveniente eſta jornada, e que buſcaſſe elle Inquiſidor Geral as razoens mais forçoſas para a perſuadir, porque na fronteira ſe conſeguiria mais facilmente darem a morte a Sua Mageſtade, como pretendiaõ, e que elle reſpondera ao Arcebiſpo, que o ſeu parecer havia de ſer o contrario, e que neſte ſentido fizera hum papel, que cõmunicára a Sebaſtiaõ Ceſar; o qual o obrigára a mudar de opiniaõ, dizendolhe com bom zelo como elle entendia, que convinha muito que Sua Mageſtade foſſe á fronteira, para que o viſſem ſeus ſoldados, e para evitar com eſta reſoluçaõ as murmuraçoens que corriaõ de que Sua Mageſtade ſenaõ inclinava á guerra; e que ſeguindo elle eſte conſelho lançára outro papel, o qual remettia a Sua Mageſtade, porque o levava comſigo o dia que o prenderaõ, ſuppondo que era chamado ao Conſelho de Eſtado para votar neſta materia. Eſta foy a ſubſtancia das cartas do Inquiſidor Geral, e ſem embargo da confiſſaõ dellas, ſe lhe fizeraõ perguntas, a que reſpondeo ſem alterar nem accreſcentar, o que nas cartas havia eſcrito. Anno 1641.

O Arcebiſpo de Braga depois de deſaffogar a primeira paixaõ com palavras deſconcertadas, perſuadido artificioſamente (como ſe entendeo) do Cappelaõ Mór, eſcreveo a ElRey duas cartas. Continha a primeira o conhecimento em que eſtava dos juſtos motivos, que Sua Mageſtade tivera para proceder contra elle, e que ainda que eſperava todo o favor do generoſo animo de Sua Mageſtade, que receando o perturbaſſem alguns de ſeus Conſelheiros, lembrava a Sua Mageſtade mais a clemencia a que era inclinado, que a vingança a que podia ſer perſuadido; que elle ſe achava promptiſſimo para obedecer a tudo o que Sua Mageſtade ordenaſſe da ſua peſſoa, e que para deſcargo da ſua conſciencia pedia a Sua Mageſtade

Carta do Arcebiſpo de Braga.

Anno 1641.

gestade com muitas lagrymas, permittisse que entrasse a assistir-lhe na prisaõ o Padre Frey Simaõ dos Anjos Carmelita descalço para seu Confessor, e com quem receberia particular alivio. Concedeo-lhe ElRey este desaffogo, attentando á grandeza da sua Dignidade reduzida á ultima desgraças humanas. Dizia na segunda carta, que conhecendo se pelo desconcerto das suas culpas digno de morte, e merecedor de Sua Magestade naõ usar com elle de sua natural clemencia, e piedade, se offerecia a declarar tudo o que havia passado na conjuraçaõ para socego de sua alma, com tanto que Sua Magestade lhe promettesse perdoar a quatro pessoas, que elle declararia depois de concedido o perdaõ, affirmando naõ terem mais culpa, que sujeitarem se a seguir a sua ordem, e que para se conhecer a verdade, e inteireza com que fallava; offerecia a sua vida por sacrificio de seus delictos, e dimittia para si todo o perdaõ delles. Vista esta carta, e depois de ventilada largamente a proposiçaõ della, resolveo ElRey que naõ convinha differir ao requerimento do Arcebispo: porque esta concessaõ lhe ficava ligando o poder, com que devia mandar proceder contra os outros culpados; pois sendo todos iguaes no delicto, naõ era justo que o mesmo Arcebispo que fora fonte de todas as culpas, condenasse huns com a sua confissaõ, e por seu respeito se absolvessem outros. Estimulado o Arcebispo de se lhe naõ differir ao requerimento que fizera a ElRey, entrando a tomar-lhe depoimento Francisco Lopes de Barros, e Pedro Fernandes Monteiro, respondeo todo entregue á colera, que elle era Arcebispo de Braga, e que naõ conhecia por superior mais que a Deos, e ao Summo Pontifice, e que Sua Magestade naõ podia proceder contra elle, e que se a caso o executasse de poder absoluto, obraria como assacino particular, e naõ como Rey, e que juntamente estava resoluto a naõ responder ao que se lhe perguntasse, por quanto o verdadeiro juramento de fidelidade que havia dado, fora a ElRey D. Filippe, porque ao segundo o constrangéra o temor, e ameaços, e que ao que só se sujeitava como christaõ, era perdoar a ElRey se o mandasse matar, e á pessoa que o exe-

Primeira resposta do Arcebispo.

o executásse. Determinou Francisco Lopes de Barros persuadillo, a que moderasse a paixaõ com que fallava; naõ sendo possivel nem querendo assinar o auto, o firmou elle em seu nome. Passados alguns dias, e moderada a paixaõ do Arcebispo, sendo reperguntado pelo mesmo Dezembargador, e persuadido com eloquentes razoens, a que estava obrigado na consciencia a declarar o que sabia da conjuraçaõ; protestando primeiro, que naõ consentia em juizo secular por naõ naõ contradizor os Breves, Canones, e que tudo quanto dizia era violentado do medo da morte, sem querer tomar juramento declarou, que entendendo que pela fidelidade que havia jurado a ElRey Dom Filippe, naõ podia reconhecer outro Rey, e que tudo o que obrasse, por segurar esta opiniaõ, era licito, e conveniente, fora affeiçoando ao seu disignio todas as pessoas, que lhe havia sido possivel persuadir ao serviço delRey de Castella, e que sabendo do Conde de Tarouca, e de Dom Joaõ Soares, que seguiaõ a mesma opiniaõ, e que se resolviaõ a passar para Castella, escrevéra huma carta por Dom Joaõ Soares a ElRey Dom Filippe, na qual protestava a sua innocencia no successo da acclamaçaõ, e desculpava todas as acçoens em que depois della forçadamente, como Vassallo delRey Dom Joaõ, havia concorrido, e que além destas escusas segurava com grandes affirmaçoens a sua fidelidade. Que naõ tendo resposta desta carta, nem outro aviso de Castella, entendera que ElRey Catholico naõ admittira a sua desculpa, e que obrigado do temor, de que conquistando os Castelhanos este Reyno fosse elle a primeira pessoa contra quem procedessem, buscára todos os caminhos de desvanecer esta suspeita. E que lhe accrescentára o receyo dos Castelhanos, ouvir que os mais empenhados na defensa do Reyno affirmavaõ publicamente, que Portugal se naõ podia defender, e que neste tempo, havendo algumas vezes fallado com o Marquez de Villa Real sobre o estado do Reyno, a sua pouca defensa, e o perigo que todos corriaõ, achavaõ a melhor resoluçaõ, entrando o exercito de Castella em Portugal, passar-se logo para elle: porém que naõ haviaõ deter-

Anno 1641

Declaraçaõ do Arcebispo.

Anno 1641.

determinado o modo da execuçaõ; e que andando nesta perplexidade, fora buscallo huma manhãa Pedro de Baeça mandado pelo Marquez de Villa Real, e que depois de conferirem a pouca segurança do novo governo, Pedro de Baeça mostrára grande desconfiança da resoluçaõ do Marquez, e juntamente da inclinaçaõ do Duque seu filho, e que elle Arcebispo huma vez que fallára com elle alcançára no seu animo grandes mostras de se apartar das materias que tratava, e muito mais remoto dellas depois que Sua Magestade lhe fizera merce do titulo de Duque. Que Pedro de Baeça lhe affirmára que tinha mais de mil homens á sua ordem; porém que os naõ nomeára, e que passados poucos dias mandára o dito Pedro da Baeça fallar com elle hum Manoel Valente, que elle naõ conhecia, o qual lhe dissera, que Pedro de Baeça determinava dar conta a ElRey de Castella, por hum homem de sua obrigaçaõ, do estado em que Portugal se achava, e saber o tempo, em que o exercito junto para a conquista de Portugal havia de entrar neste Reyno; e que elle Arcebispo mandára por este homem huma cifra de numeros em que elle Arcebispo era o primeiro, Diogo Soares o segundo, a Duqueza de Mantua o septimo, e dos mais que se naõ lembrava, paraque debaixo desta cifra se sustentasse segura a correspondencia de ambas as partes. Que depois do referido fallára com o Conde do Vimioso, o qual se lhe queixára do aggravo que se lhe havia feito em lhe tirarem o posto de Governador das Armas, e lhe dissera, que estava com intento de se passar a França, ao que lhe respondéra que elegia bom caminho, que o mais acertado era, que se Sua Magestade se ausentasse do Reyno, como se dizia acclamarem outra vez ElRey Dom Filippe, com que segurava a este Reyno grandes utilidades, livrando-o dos incendios, das mortes, e das violencias que na conquista dos Castelhanos o ameaçavaõ; e que o Conde, segundo depois entendeo, com animo dobrado lhe approvára muito aquelle parecer: e que perguntando-lhe a gente que poderia entrar neste empenho, elle Arcebispo lhe referira o que havia passado com Pedro de Baeça, e que entendendo que o Conde lhe fallára lizamente, se

de-

declarára com elle, e lhe dissera o que havia passado com o Marquez de Villa Real, repetindo-lhe tambem a pouca segurança que tinha no animo do Duque: que no Bispo Inquisidor Geral entendia pouco gosto do novo governo: que com Gonçalo, e Lourenço Pires naõ fallára, mas que suppunha que seguiriaõ o seu partido: que fallando-lhe o Conde em Mathias de Albuquerque, lhe respondéra, que seria bom tentallo, porque ainda que servia nas fronteiras com tanto cuidado, como o Conde affirmava, que tinha seu Irmaõ em Castella, e que podiaõ saber delle o estado em que de presente se achava. E que discorrendo sobre o animo do Conde de Val de Reys, e de Antonio de Mendoça, disseraõ que tinhaõ muitos parentes em Castella, mas que com o primeiro naõ havia fallado, e que do segundo inferia, que esperava que os successos o aconselhasse sem do partido que havia de seguir: Que de seu sobrinho o Conde de Armamar dissera, que havia de seguir a ordem que elle Arcebispo lhe desse. Mas que declarava, que nenhuma resoluçaõ se havia tomado na fórma em que havia de executar o seu intento. Que do Conde da Castanheira naõ sabia cousa alguma em damno desta Coroa. Que as pessoas a que fallára, para as persuadir á sua opiniaõ havia declarado: e que prostrado aos pés de Sua Magestade lhe pedia quizesse perdoar aos que elle havia persuadido, por naõ perder tantos Vassallos arrependidos da sua culpa. Que na verdade com que fallava se naõ podia pôr duvida, pelo que havia declarado de seu proprio sobrinho, e que lembrando lhe mais alguma circunstancia a referiria, protestando que o seu animo era de naõ condenar a quem o naõ merecesse. Esta confissaõ do Arcebispo, e a bem fundada diligencia de Pedro Fernandes Monteiro livráraõ a ElRey do cuidado, em que o parecer de alguns dos mayores letrados, e melhores Ministros do Reyno o tinhaõ posto, aconselhando-lhe desse tratos ao Arcebispo, entrando nelles o Vice Colleytor. Anno 1641.

No mesmo tempo escreveo o Duque de Caminha huma carta a ElRey, a qual continha estas razoens; que da prisaõ em que estava recordando as circunstancias *Carta do Duque de Caminha.*

do

do ſeu delicto, o confeſſava com ſincera verdade naſcida de todo o coraçaõ, e que eſperava da grandeza delRey o perdaõ delle, tomando por medianeiros a Rainha, e Principes ſeus Senhores. Que o Arcebiſpo de Braga lhe havia dito nos primeiros dias da Acclamaçaõ, que o Reyno ſe naõ podia defender, porque o poder de Caſtella era muito grande, e as noſſas prevençoens muito deſiguaes: e paſſados alguns dias lhe diſſera Pedro de Baeça, Belchior Correa da Franca o meſmo; e que perguntando-lhe que havia elle de fazer, ſe o inimigo ganhaſſe Alemtejo, e ſitiaſſe Lisboa, reſpondéra, que o que havia de fazer era accuſallos por traidores; do que ſe diſſuadira pelo cegar o Diabo, entendendo tambem que eſtes homens mudariaõ de opiniaõ, vendo os bons ſucceſſos que Deos dava em todas as Provincias ás Armas deſte Reyno. Que ultimamente lhe havia dito o Conde de Armamar da parte de ſeu Tio as meſmas razoens que elle antes lhe havia referido, a que reſpondéra, que era Vaſſallo de Sua Mageſtade, que eſtava determinado a dar a vida pela ſua defenſa, aſſim por inclinaçaõ, como por intereſſe, pois lugrava em Portugal a grandeza que naõ havia de alcançar em Caſtella, e que eſte partido avalliava por mais ſeguro, porque eſta cauſa moſtrava Deos que era ſua, favorecendoa com tantos prodigios, como todos os dias ſe manifeſtavaõ. Que o Conde de Armamar a eſta reſpoſta fizera nova inſtancia, dizendo que ſe Sua Mageſtade ſe viſſe apertado dos Caſtelhanos, ſe havia de embarcar, e ſalvar-ſe fóra do Reyno: a que reſpondéra, que Deos havia de evitar eſte aperto; e quando ſucce-deſſe, que elle, e todos os Vaſſallos de Sua Mageſtade o haviaõ de prohibir, detendo a Sua Mageſtade para que defendeſſe o ſeu Reyno. E que deſtas, e outras razoens entendéra, que o fim dos conjurados era paſſarem-ſe ao exercito de Caſtella, quando entraſſem em Portugal. A eſta confiſſaõ ſe ſeguiaõ rogos humiliſſimos para que ElRey lhe perdoaſſe, e proteſtos de o ſervir toda a vida com a mayor fidelidade. Quaſi deſta meſma ſuſtancia eraõ ſete cartas, que o Marquez de Villa Real eſcreveo tambem a ElRey. Humas, e outras foraõ de todos a ultima rui-

Anno 1641.

ruina, servindo de verificar as culpas, que sem a sua confissaõ puderaõ ser menos notorias, e fizera aos Juizes arrezoada duvida no lançar das sentenças, se naõ acháraõ mais, que a confusaõ das testemunhas: porém Deos, que favorecia a causa delRey, permittio que os conjurados lançassem com a sua maõ a sua sentença. Entendeo-se que as diligencias do Capellaõ Mór facilitáraõ esta, que suppunhaõ, negoceaçaõ, e experimentáraõ o ultimo paroxismo.

Anno 1641.

Escreve o Marquez a ElRey.

Examinadas pelos Juizes as cartas referidas, e reperguntadas as testemunhas, se tomou o depoimento aos presos, que naõ haviaõ confessado por escrito, que foraõ o Conde de Armamar, Dom Agostinho Manoel, Belchior Correa da Franca, Diogo de Britto Nabo, Manoel Valente, Christovaõ Cogominho, e seu irmaõ o Bispo de Martyria, e o Bispo eleito de Maláca. Todos confessáraõ com tanta clareza, que naõ eraõ as provas menos que os delictos. A Pedro de Baeça puzeraõ segunda vez á vista do Potro: porém convencido mostrando-lhe a confissaõ dos outros presos, naõ quiz experimentar segundo tormento, declarou toda a sua culpa, e pedio a ElRey quizesse perdoar-lhe, offerecendo hum donativo de trinta mil cruzados, e a parte da fazenda que tocava a sua mulher, que era muito consideravel. Naõ se lhe aceitou a offerta, parecendo mais conveniente castigar os seus delictos. A Simaõ de Sousa, e Jorge Gomes Alemo deraõ tratos, que padecéraõ sem fazer confissaõ alguma. Apuradas as diligencias se foy abreviando aos Reos o prazo da vida, para que o espectaculo mais lastimoso, que nunca vio Portugal, fosse objecto aos Portuguezes no Rocio de Lisboa. Mandáraõ os Juizes dizer aos Reos de sua justiça no prazo de tres dias. O Marquez de Villa-Real, o Duque de Caminha, o Conde de Armamar appelláraõ para a Mesa da Consciencia, por serem cavalleiros professos da Ordem de Christo. O Doutor Francisco Cabral Fiscal da Mesa da Consciencia formou libello contra elles, de que se lhe deo vista, e naõ havendo defeza contrariedade, os relaxáraõ á Justiça secular por se lhes provar o crime de lesa Magestade da primeira cabeça. Deraõ a sentença

Confessaõ os mais dos culpados.

Relaxaõ se os cavalleiros.

tença em 23. de Agosto de 1641. Dom Leaõ de Noronha, Francisco Lopes de Barros, Estevaõ Fuzeiro, Simaõ Torresaõ Coelho. Seguio-se a esta sentença offerecer libello contra todos os Reos o Procurador da Coroa Thomé Pinheiro da Veyga, e sinallou-se lhes o prazo de tres dias para responderem conforme a ley do Reyno. Acabados elles, e havendo lançado a sua defeza, se juntáraõ na Relaçaõ em 26. de Agosto, para sentencearem todos os convencidos, os Doutores Francisco Lopes de Barros Juiz Relator, Francisco de Mesquita, Pedro de Castro, Gregorio Mascarenhas Homem, que foraõ adjuntos ao processar dos autos, Andre Velho da Fonseca Corregedor do Crime da Corte, Francisco de Almeida Cabral, Valentim da Costa de Lemos, Fernaõ de Mattos Carvalhosa, Marçal Casado Jacome, Duarte Alvares de Abreu, Fernaõ Cabral Chançeler Mór, e Joaõ Pinheiro Dezembargador do Paço. ElRey querendo que fosse mais justificada acçaõ de tanta importancia, mandou passar hum Decreto, em virtude do qual nomeou seis fidalgos por adjuntos nas sentenças do Marquez de Villa-Real, Duque da Caminha, e Conde de Armamar: foraõ estes Pedro de Mendoça Furtado, Fernaõ Telles de Menezes, Dom Pedro de Alcaçova, Dom Miguel de Almeida, Henrique Correa da Sylva, Antonio Telles de Menezes, e porque os tres ultimos se deraõ por suspeitos, se elegéraõ em seu lugar Pedro da Cunha, Tristaõ da Cunha, e Pedro da Cunha Veador da Rainha. Juntos todos os Juizes nomeados, depois de muitas horas de dilaçaõ, e largas conferencias, sentenceáraõ á morte ao Marquez de Villa-Real, ao Duque de Caminha, e ao Conde de Armamar. Na tarde do mesmo dia os Dezembargadores nomeados, sem mais adjuntos condenáraõ a degolar a Dom Agostinho Manoel, e a arrastar, e enforcar em forca mais alta do costumado, e esquartejar a Pedro de Baeça, Belchior Correa de Franca, Diogo de Britto Naho, e Manoel Valente. Christovaõ Cogominho foy remettido ao Juizo Ecclesiastico por ter Ordens Menores, depois á Mesa da Consciencia; porém havendo-lhe por derogados os privilegios, elle e Antonio Correa foraõ os ultimos que enforcáraõ de fronte

Anno 6141.

Juizes que daõ a sentença na Relaçaõ.

Nomea ElRey fidalgos por Juizes.

Dase sentença contra os conjurados.

te do Limoeiro à 9. de Setembro.

Os fundamentos das ſentenças do Marquez, e dos mais condenados, havendo pouca differença de humas a outras, diziaõ: Que ſe moſtrava, que no primeiro de Dezembro de 1640. fora ElRey Dom Joaõ o IV. acclamado Rey de Portugal na Cidade de Lisboa, cabeça do Reyno, e paſſados poucos dias, nas Cidades, Villas, e lugares de todo elle, por lhe pertencer de juſtiça a legitima ſucceſſaõ deſta Coroa; e que aos quinze do proprio mez em acto publico, e theatro levantado, junto das varandas do Paço, fora ElRey jurado dos tres Eſtados do Reyno por Rey, ſenhor natural, para ſi, e ſeus Deſcendentes, fazendo todos a ElRey pleito, e homenagem de fidelidade, e obediencia; no qual acto ſe achára o Reo, e fizera a meſma promeſſa, e juramento nas mãos delRey; e que ſendo o Reo por origem, naſcimento, e habitaçaõ natural deſte Reyno, como tal, Vaſſallo delRey, eſquecido de ſua obrigaçaõ, e juramento faltára em tudo á lealdade, e fidelidade promettida; por quanto logo depois da acclamaçaõ delRey ſe começára a negociar em Lisboa huma traiçaõ, e rebelliaõ contra a Peſſoa delRey, e toda a familia Real, e contra o bem, e conſervaçaõ de ſeus Reynos, e Vaſſallos, concorrendo para eſte effeito peſſoas grandes, e outras de menos qualidade, as quaes determinavaõ romper as guardas Reaes, e fazer outros graves damnos nos lugares de mayor importancia, acclamando ElRey de Caſtella, e outros preverſos intentos até a priſaõ, e morte delRey, intentando que eſtes Reynos tornaſſem ao cativeiro de Caſtella, e a Duqueza de Mantua ao governo na fórma em que eſtava antes de ſe acclamar ElRey. Da qual conſpiraçaõ ſe provava que o Reo tivera noticia, e fora della parcial cõ o Arcebiſpo de Braga cabeça da dita conjuraçaõ, e que o Reo o confeſſava nas perguntas, que lhe foraõ feitas, as quaes depois ratificára em fórma judicial; no que o Reo commettera o atrociſſimo crime de leſa Mageſtade de primeira cabeça, aſſim por aſſiſtir nos actos da conjuraçaõ a que o Arcebiſpo o encaminhava, como em naõ deſcobrir logo a ElRey tudo o que della ſabia, vendo creſcer por

Anno 1641.

Fundamentos das ſentenças.

instantes amaldade, e o perigo de se conseguir o atroz effeito della; e depois dos termos ordinarios, de q̃ se usa em semelhantes sentenças, condenavaõ ao Reo a morte natural, e a confiscaçaõ de seus bens. Dadas as sentenças na fórma referida, foraõ noficadas aos condenados na manhãa de 27. de Agosto. Chegou á noticia da Duqueza de Caminho o ultimo excesso da sua desgraça, e deliberando-se a lhe applicar o derradeiro remedio, mandou pedir a ElRey audiencia; permittio-lha, e entendeo-se que com animo de lhe conceder a vida do Duque; porque de outra sórte parecia grande crueldade ouvir os rogos de huma senhora de taõ poucos annos, cuberta de luto, e de lagrymas, para lhe naõ differir: porém ElRey parece que quiz mostrar, que naõ impedia os meyos da justiça, e que fazia da sua parte, quanto lhe era possivel por facilitar os caminhos da misericordia. Entendeo-se que a resoluçaõ que tivera de perdoar ao Duque, fora divertida por alguns Ministros, e que tambem a desviára a Rainha, parecendo-lhe que era necessario este castigo para a firmeza da Coroa, estimulando-a de sorte o perigo da vida delRey, e dos Principes seus filhos, que fallando-lhe o Arcebispo de Lisboa, para que fosse medianeira da vida do Duque, lhe respondeo, que o mais que podia fazer por seu respeito, era guardar lhe segredo daquella proposta. Destas inferencias se origináraõ os discursos referidos, e a conclusaõ foy, que representando a Duqueza a ElRey (acompanhada de sua Mãy a Condeça de Faro) diante da Rainha com lastimosas palavras a calamidade a que a sua desgraça a reduzira, e pedindo-lhe misericordia sahio do Paço com esperanças da vida do Duque, que o seu sangue murchou dentro de breves horas.

Anno 1641.

Tem a Duqueza de Caminha audiencia.

Severa resposta da Rainha.

Em 28. de Agosto leváraõ o Marquez de Villa-Real, o Duque de Caminha, o Conde de Armamar, e a Dom Agostinho Manoel a humas casas do Rocio, para que as suas cabeças fossem satisfaçaõ das suas culpas: meteraõ-nos em differentes aposentos, sem que huns tivessem noticia dos outros: passáraõ a noute ajustando fervorosamente as consciencias, e o Marquez com mais socce-

go

go dormio algum eſpaço; acordáraõ-no pedindo-lhe a bençaõ da parte de ſeu filho, porque faltando a cautella conveniente, ſouberaõ ambos, que hum, e outro eſtavaõ nas meſmas caſas para igual caſtigo, e vieraõ a entregar as vidas antes que o golpe do cutello lhes cortaſſe as cabeças; e póde ſer que a primeira em que a Alma tinha a melhor parte, foſſe o mayor martyrio, ſervindo de exemplo ao Mundo, para ſe conhecer, quanto val mais a virtude, que a grandeza, o bom procedimento, que a grande qualidade, derogando mais facilmente eſtes, que aquelles privilegios. Levantou-ſe no Rocio hum theatro, que ſe communicava por hum paſſadiço com a ſegunda de tres janellas que havia no quarto baixo, onde eſtavaõ os condenados á morte. No theatro ſe puzeraõ quatro cadeiras, as duas que haviaõ ſervir de ſupplicio a o Marque, e Duque firmavaõ ſe em eſtrados; era o em que degoláraõ o Duque de tres degráos, o do Marquez de dous, a cadeira do Conde levantava hum ſó degráo, a de Dom Agoſtinho Manoel eſtava no pavimento; porque até no ultimo termo onde a morte igualla a todos, ſolicita privilegios a vaidade humana. Ao romper da manhãa de 29. de Agoſto, ſe formou no Rocio o Terço da Ordenança, de que era Coronel Dom Franciſco de Noronha, para divertir qualquer accidente, que embaraçaſſe aquelle laſtimoſo, e funeſto acto. Os Dezembargadores que haviaõ ſido juizes, ſe juntaráõ na Inquiſiçaõ, para differirem com brevidade aos embargos, que os condẽnados puzeſſem: porém deſenganados elles, de que eraõ inuteys todos os remedios humanos, tratáraõ ſó dos que convinhaõ á ſalvaçaõ das almas, em que naõ podiaõ achar infelicidade, e com demonſtraçoens de grande arrependimento fizeraõ todos os actos de Verdadeiros Catholicos Romanos. A huma hora depois do meyo dia deo principio a eſte eſpectaculo o Marquez de Villa Real; ſahio da caſa onde chegava o paſſadiço, e caminhou para o theatro, acompanhado dos Corregedores do Crime da Corte, e outras juſtiças, de alguns Irmãos da Miſericordia, e dos ſeus criados. Levava veſtido hum capuz, as mãos levantadas, e atados os dedos polegares com huma

Anno 1641.

Fórma da execuçaõ dos condenados.

Anno 1641

fita negra. Hia publicando o pregaõ o ſeu delicto, que dittava ao porteiro o Rey de Armas Portugal com a cota veſtida. Antes que o Marquez chegaſſe á cadeira, ſe poz tres vezes de juelhos diante do Crucifixo, que levava hum Capellaõ da Miſericordia, ajudando-o na Oraçaõ quatro Religioſos, dous da Companhia de JESUS, e dous Carmelitas deſcalços: a hum delles ſe reconciliou antes que ſe ſentaſſe, deſpedio-ſe de todos os que eſtavaõ preſentes, e ſem moſtrar perturbaçaõ ſe entregou ao ſupplicio. O Algoz, que cuberto o roſto fez a execuçaõ, lhe ligou os braços, e os pés á cadeira em que eſtava ſentado: neſta horrenda fórma mandou pedir ao Povo, que em grande numero aſſiſtia no Rocio, que lhe perdoaſſe a offença que havia feito ao Reyno. Entendeo eſte cego e deſatinado Monſtruo, que o perdaõ que pedia era da vida, e com grande furia repetio tres vezes: *Morra*: eſcandalo que enterneceo muito os animos menos deſacordados. Entregou o Marquez a cabeça ao Algoz, cortou-lha, e cobriraõ-lhe o corpo com hum pano de baeta negra. Acabada eſta execuçaõ, voltou todo aquelle funebre acompanhamento a buſcar o Duque de Caminha, que chegou ao theatro com menos ſocego que ſeu Pay, e mais commiſeraçaõ, por achar os coraçoens feridos da primeira magoa, e ſe conſiderar nelle a culpa menos pezada. Ao Duque ſe ſeguio o Conde de Armamar cheyo de eſpirito, e de valor, ſendo de menos annos, e de galharda preſença. Foy o ultimo Dom Agoſtinho Manoel, e logo laſtimoſamente ſe deſcobriraõ os corpos de todos quatro. Approvou o Povo o caſtigo gritando, *Viva El-Rey Dom Joaõ.* Continuáraõ-ſe as execuçoens de Diogo de Britto Nabo, e de Manoel Valente: foraõ as ultimas a de Pedro de Baeça, e de Belchior Correa da Franca, na fórma das ſentenças. Os corpos dos quatro degolados eſtiveraõ até a meya noute no theatro, hora a que veyo buſcallos a tumba da Miſericordia, e os levou ao Convento dos Carmelitas deſcalços, licença que ElRey lhes havia concedido, fazendo elles petiçoens, eſtando ja nas caſas do Rocio, ſendo a do Conde de Armamar toda da ſua letra: prova de grande coraçaõ. Era

o Mar-

o Marquez de Villa Real de 51. annos, o Duque seu filho de 27. o Conde de Armamar de 24. Dom Agostinho Manoel de 58. Acabou no Marquez, e Duque a Casa de Villa Real, merecendo remate mais glorioso os illustres Ascendentes de que se compoz 167. annos que floreceo, porque teve principio em D. Affonso Henriques de Castella, e Noronha, Primeiro Conde de Gijon, filho natural delRey Dom Henrique II. de Castella, o qual Dom Affonso casou com Dona Izabel filha natural delRey D. Fernando de Portugal. Ficou ao Marquez huma filha em Madrid casada com o Conde de Medelhim, que depois da Paz pretendeo a successaõ da casa de Villa-Real para seu filho Dom Pedro de Menezes. Discursáraõ os Castelhanos, que o castigo referido fazia mais duvidosa a conquista de Portugal, entendendo, que ElRey Dom Joaõ se naõ arrojára a tanto empenho, se duvidára da segurança, e obediencia dos animos de seus Vassallos. E se a caso os conjurados fizeraõ este discurso, que todas as circunstancias mostravaõ infallivel, naõ se arrojáraõ taõ cegamente, obrigados do temor das armas de Castella, ao precipicio de que se despenháraõ; porque nenhum dos que prevaricáraõ appetecéra o aspero dominio dos Castelhanos, se suppuzera segura a defensa, e liberdade de Portugal. No dia em que se fizeraõ as execuçoens, sahio ElRey vestido de luto á Casa em que assistia toda a Nobreza, e com eloquentes, e graves palavras manifestou o seu grande sentimento, e verificou a sua justiça: remetteo a Roma os processos de todos os que foraõ castigados ao Bispo de Lamego, para se justificar com o Pontifice. Acabada esta tragedia se foraõ examinando as culpas dos que foraõ presos, e naõ se achando fundamentos que os condenassem, foraõ todos soltos, ainda que em differentes tempos. Sahiraõ da prisaõ os Condes da Castanheira, e Val de Reys, e Gonsalo Pires de Carvalho. Seu filho Lourenço Pires tivera o mesmo successo, se naõ morréra na prisaõ. Antonio de Mendonça mandou ElRey passar da Torre de S. Giaõ, onde estava, para o Convento da Trindade de Santarem, e depois foy mandado recolher para sua casa: della tornou ás occupaçoens que exercita-

Anno 1641.

Juizo da Casa de Villa Real.

Manda ElRey os processos a Roma.

Soltaõ se os Innocentes.

Anno 1641.

va antes da prisaõ, e depois passou a mayores lugares até chegar á grande Dignidade de Arcebispo de Lisboa; Mathias de Albuquerque, que havia sido preso com taõ leves indicios, como dissemos, sendo dotado de grandes virtudes, e valeroso coraçaõ, apertou muito porque se investigasse o seu procedimento, querendo que de justiça, e naõ de favor lhe restituissem a opiniaõ, que sem causa lhe haviaõ posto em contingencia. Fizeraõ-se exactas diligencias, especuláraõ-se as mais leves circunstancias, e sahindo lustrosamente apurada a sua fidelidade, o mandou ElRey soltar do Castello, para onde o havia mudado, tanto que se conheceo a igualdade do seu procedimento. Foy soltallo o Doutor Pedro Fernandes Monteiro, e com elle Dom Joaõ Mascarenhas. Justificou o grande concurso, que o acompanhou até o Paço com grandes acclamaçoens o geral contentamento, que todos tiveraõ da sua liberdade. Chegando abeijar a maõ a ElRey, lhe disse com aspecto severo, e constante: *Tem Vossa Magestade a seus pès o mais leal Vassallo que pòde dezejar*. Respondeo-lhe ElRey, que estava inteirado da sua innocencia, e disposto a fazer-lhe muita merce. Huma, e outra promessa se justificáraõ brevemente. O Arcebispo de Braga, e o Inquisidor Geral estivéraõ presos nas casas interiores do forte no Paço: desta prisaõ os passáraõ para a torre de Bellem, na de S. Giaõ veyo ultimamente a acabar a vida Dom Sebastiaõ de Mattos arrependido do precipicio a que taõ cegamente se arrojára, que nem soube dispôr a maldade que traçava, logrando hum entendimento muito claro, accreditado em varias experiencias: porém o medo he inimigo capital do juizo; rendeo o Arcebispo, suffocou-lhe o entendimento, e acabou-lhe a vida. Morreo com tanto conhecimento dos seus erros, que mandou, que o enterrassem no Adro de qualquer Igreja; e lhe puzessem huma campa raza, porque naõ ficasse memoria do que fora. O Inquisidor Geral logo que o passáraõ para a torre de Bellem, o melhoraraõ de trato, apurando-se com muita piedade o seu delicto. Foy solto a 5. de Fevereiro de 1643. e logo restituido aos seus lugares, fortuna que seus parentes solemnizáraõ com gran-

Morte do Arcebispo de Braga.

He solto o Inquisidor Geral.

grandes festas. O Bispo de Martyria, depois de estar muitos annos na Torre de Bellem, o passaraõ para o Convento de Saõ Vicente, onde acabou a vida. Passada esta tormenta, naõ ficou quem alterasse mais no interior do Reino a tranquilidade: porque assim como as conspiraçoens contra os Principes fulminadas saõ perigosissimas, descubertas saõ muito uteis ao seu governo, naõ só por se evitar o perigo que correm, se naõ porque os Povos vendo o seu Principe innocente, e exposto a perder a vida pela sua defensa, e liberdade, crescendo-lhes reciprocamente o affecto, se fazem voluntariamente escravos dos Principes de que eraõ só Vassallos. Assim succedeo aos Portuguezes, porque abraçáraõ todos com mayor fervor a defensa do Reino, suffocando os impulsos temerosos do castigo alguns, que eraõ inclinados ao governo de Castella. E como todos os Portuguezes caminháraõ a hum mesmo fim, logo annunciáraõ a defensa, e a prosperiedadade de Portugal. Foy grande prova das culpas dos condenados, e da justiça que ElRey teve para os castigar, a igualdade com que naturaes, e estrangeiros approváraõ esta resoluçaõ, logrando ElRey nesta acçaõ duas utilidades: a da segurança da vida, e Reino, e a opiniaõ de prudente e justo; consequencias de que os Principes devem fazer a mayor estimaçaõ, quando conseguem logra-las unidas: porque naõ basta só a segurança de reinar, he necessario que sejaõ avaliados por merecedores do Imperio.

Anno 6141.

Na Arrochela se embarcáraõ os Embaixadores que ElRey havia mandado a França, na Armada que daquella Coroa passava a este Reino; em satisfaçaõ do que ficava capitulado, nomeando-se por General della o Marquez de Bersé sobrinho do Cardeal Rechilieu, e herdeiro da sua Casa. Constava a armada de 20. navios de guerra e 6. de fogo, bem guarnecida e melhor apparelhada. Sahio da Arrochela a 16. de Julho, e achando o vento contrario, se dilatou 23 dias, e chegou á Barra de Lisboa a 7 de Agosto. Entrou Christovaõ Soares de Abreu, Secretario que havia sido da embaixada, por ordem do Monteiro Mór a dar conta a ElRey da sua vinda. ElRey mandou

Chega a Armada de França com o Marquez de Berlé.

Anno 1641.

logo aos Condes da Calheta e Vidigueira, que sahissem a visitar da sua parte o Marquez de Berlé. Entrou elle no Rio, e lançou ferro na enseada de S. Joseph, alternandose as cargas de artilharia que dispararaõ a Armada de França, Torres, e navios da nossa Armada, que estavaõ ancorados. O navio em que vinhaõ os dous Embaixadores, surgio defronte do Paço: sahiraõ elles abeijar a maõ a ElRey, e presentaram-lhe as cartas que traziaõ delRey de França, da Rainha, e do Cardeal Richilieu. As dos Reys continhaõ muito cortezes e amigaveis offertas, a do Cardeal conselhos prudentissimos. Dizia a ElRey: que tratasse com muito cuidado das fortificaçoens e do provimento das Praças, e que procurasse ter seus Vassalos muito sujeitos, para que fossem taõ capazes da disciplina militar, como eraõ valerosos: que com a menor vexaçaõ dos Povos, que lhe fosse possivel, formasse hum exercito, e huma armada, que buscassem ao inimigo ao mesmo tempo dentro nos seus lugares, antes que os do seu Reino padecessem a molestia da guerra: e que esperava que Sua Magestade naõ descançaria na quietaçaõ, que de presente lograva, pelos embaraços de seus inimigos, usando do beneficio do tempo contra as muitas forças e poderosos contrarios, com que depois sem duvida havia de contender. Rematava a carta, offerecendo daquella parte grandes effeitos da sua diligencia, que as experiencias acreditáraõ, todo o tempo que lhe durou a vida, entendendo acertadamente, que era a separaçaõ de Portugal a mayor fortuna dos interesses de França; e as promessas dos Principes, ou dos validos em seu nome, nunca saõ taõ certas, como quando resultaõ em conveniencias dos seus Estados. ElRey mandou ao Marquez de Berlé quantidade de refrescos: e em 11 de Agosto entrou elle a fallar-lhe acompanhado do Conde do Vimioso, que o foy buscar em huma Gondola bem adereçada. Trazia o Marquez comsigo muitas pessoas de grande qualidade, e soldados de estimaçaõ, de que ficáraõ alguns servindo neste Reino. Recebeo ElRey ao Marquez com magnifico apparato, e com todas as demonstraçoens de cortezia, que podia dispensar a Magestade. Fallou o Marquez á Rainha

Fallaõ a ElRey os nossos Embaixadores.

Carta do Cardeal Richilieu.

Dá ElRey audiencia ao Embaixador de França.

e ao

e ao Principe D. Theodosio, que no semblante descubria generosos affectos, que cultivados da melhor indole começavaõ a florescer no seu animo. Recolheo-se o Marquez outra vez á Armada, naõ querendo ficar no apposento da Corte Real, que ElRey lhe havia mandado prevenir com toda a magnificencia. Quando chegou a Armada de França, achou a de Portugal preparada para navegar: constava ella de 13. navios, sinco muito poderosos, os mais, ainda que pequenos, bem aparelhados e capazes de pelejar. Nomeou ElRey por Almirante da Armada a Fernaõ da Silveira irmaõ do Conde de Sarzedas, que havia servido muitos annos de Capitaõ de cavallos em Flandes com grande opiniaõ, e passado ao Brasil na armada de que foy General o Conde da Torre, por Capitaõ de Mar e guerra; pelejando varias vezes muito valerosamente. Foraõ por Capitaens de Mar e guerra soldados de valor e experiencia, e embarcáraõ-se muitos fidalgos desejosos de adiantar a sua opiniaõ. D. Antonio Luiz de Menezes havia levantado hum Terço na Comarca de Coimbra, de que ElRey o fez Mestre de Campo, destinado para a guarniçaõ de Cascaes; e mandando ElRey, que se embarcasse a mayor parte dos seus soldados, por este respeito, e por elles duvidarem de servir no Mar; havendo-os destinado para a terra, se resolveo D. Antonio generosamente a embarcar-se. O intento a que caminhavaõ as duas Armadas, e a de Olanda que se aguardava por instantes, era interprender Cadiz, Ilha na Costa de Andaluzia para a parte do Oceano Athlantico; frequentada do comercio de muitas naçoens, a respeito de ser o Emporio dos thesouros da America, e porto importantissimo para a conservaçaõ de Andaluzia: porque distando antiguamente 700. passos da terra firme, hoje com huma ponte se communica com Porto Real, pouco distante do Porto de Santa Maria, ficando por estas disposiçoens (sendo ganhada) facil de sustentar, e de soccorrer, As conveniencias referidas foraõ o motivo principal desta jornada, desejando ElRey, segundo o parecer do Cardeal Richilieu, que seus inimigos sentissem a guerra nos proprios lugares, primeiro que seus Vassalos a padecessem. As fantezias

Anno 1641.

Armada de Portugal.

Anno 1641.

zias e erradas politicas do Conde Duque fizeraõ no Mundo esta empresa mais ruidosa: porque tomando motivo de algumas noticias que deu a entender lhe chegáraõ de Lisboa, mandou ordem ao Duque de Medina Sidonia, Irmaõ da Rainha Dona Luiza, e Capitaõ General de Andaluzia, para que fosse a Madrid, havendo-lhe primeiro encõmendado a prevençaõ dos lugares daquella Costa. Naõ obedeceo o Duque opprimido de alguns achaques, que offereceo por escusa, de que o Conde Duque formou mayor maquina, e introduzio no animo delRey Catholico mayores suspeitas. Foy effeito dellas mandar ElRey Dom Luiz de Aro, que depois succedeo na valia ao Conde Duque, a Saõ Lucar (onde o Duque de Medina estava) com apertada Ordem de o levar a Madrid, segurando-lhe o perdaõ de qualquer culpa que houvesse commettido. Partio o Duque com Dom Luiz, e achando em Madrid calumniada a sua opiniaõ, tratou por todos os caminhos de suffocar as vozes que a offendiaõ. Dizia-se que hum Religioso de S. Francisco chamado frey Nicolao de Velasco havia passado a Portugal, e que do Algarve (como succedeu) fora conduzido a Lisboa por ordem do Conde de Obidos Governador daquelle Reyno, que este levava cartas do Duque em que offerecia a seu Cunhado, levantar-se com Andaluzia; e que communicando-se este negocio com hum homem, que estava preso em Lisboa (habilitando-o para esta confiança, dizer elle, que havia sido criado do Duque de Medina) o soltáraõ; e que offerecendo-se para levar ao Duque os avisos que se lhe encarregassem, lhe aceitáraõ a offerta, e lhe dera ElRey cartas para o Duque, as quaes elle levára a Madrid, e que examinadas; se averiguára que estava ajustada entre ElRey e o Duque a interpreza de Cadiz, noticia que já tinha o Conde Duque por hum Clerigo chamado Rodrigo de Mendoça (como o Conde dizia) o qual Clerigo se havia passado de Portugal a Castella, dizendo que contra Cadiz se uniaõ as Armadas de França e Olanda com a de Portugal, e que das cartas para o Duque se colhéra, que era o final concertado para as Armadas poderem entrar na Bahia de Cadiz, e deitar gente em terra, ascender-se hum

Suspeitas contra o Duque de Medina Sidonia.

hum farol no angulo de hum baluarte dos que defendiaõ a Bahia de Cadiz; e que o Marquez de Aya-monte, Tio do Duque de Medina, era hum dos principaes sequazes desta facçaõ, havendo tambem outros muitos, a que os dous haviaõ persuadido. Vendo o Duque este negocio em taõ apertados termos, e que com o pretexto de assistencia lhe serviaõ de guarda pessoas principaes da Corte, a quem ElRey Catholico havia encomendado a sua segurança, determinou justificar-se, fixando Carteis em varias partes, nos quaes desafiava a ElRey Dom Joaõ seu Cunhado, que nomeava Duque de Bargança, e para mostrar que as obras diziaõ com as palavras, conseguindo licença delRey de Castella, passou a Badajoz acompanhado de muitos parentes seus: de Badajoz o conduzio Dom Joaõ de Garay Mestre de Campo General, que governava as armas com algumas tropas a Valença de Alcantara, lugar nomeando nos Carteis para o desafio. Chegou esta noticia a Martim Affonso de Mello Governador das Armas da Provincia de Alemtejo, e parecendo-lhe que podiaõ estas vozes (por serem de materia taõ desusada) ser traça de Dom Joaõ de Garay para interprender Portalegre, se metteo naquella Cidade com a gente que pode tirar dos presidios visinhos. Em Portalegre teve noticia de que o Duque, e Dom Joaõ de Garay entraraõ de Valença de Alcantara até huma Aldea, que haviamos despovoado, chamada a Pitaranha, primeira, e segunda vez, e que havendo o Duque mandado authenticar a diligencia que havia feito por se lograr o desafio, se voltára para Madrid, e Dom Joaõ de Garay para Badajoz, com q̃ Martim Affonso se recolheo a Elvas. Esta acçaõ do Duque foy julgada pelos Castelhanos infelicemente, entendendo todos, que ElRey Dom Joaõ por nenhum titulo estava obrigado a aceitar o desafio, e que como se naõ podia lograr era infructuosa esta demonstraçaõ: porém quando os achaques saõ desta qualidade naõ se achando os remedios de que necessitaõ, applicaõ-se-lhe os que se encontraõ com apparencias mais saudaveis, ainda que naõ póde hum Vassallo achar escudo taõ forte que resista aos golpes de hum valido, sem temor de Deos, nem, dos

Anno 1641.

Desafio do Duque de Medina Sidonia.

dos homens. Assim o experimentou o Duque; porque ainda que constou, que Frey Nicolao de Valasco, a quem se havia attribuido todo este movimento, tivera em Lisboa por castigo dos seus embustes hũ carcere por vida, e sepultura, e que o criado do Duque mandára ElRey soltar urbanamente, sem mais razaõ que dizer q̃ havia continuado a assistencia de sua casa. Naõ pode o Duque livrar-se das oppressoens, que muitos annos padeceo: porque chegando a Madrid, foy mandado presidir a huma junta, que se formou em Biscaya, para o desviarem com este apparente pretexto, de voltar a Andaluzia, dilatando-se esta commissaõ, e averiguando o Conde de Olivares, que havia o Duque passado a S. Lucar a ver sua mulher, sem pedir licença a ElRey, parecendo-lhe esta bastante causa para conseguir o intento de molestallo, como dezejava, o mandou ElRey prender no Castello de Coca, sete leguas de Valledolid. Desta prisaõ o passáraõ para Segovia, de Segovia para Valledolid, e em huma e outra Cidade esteve treze annos. Veyo ElRey a solta-lo no anno de 1660. quando se effeituou em S. Joaõ da Luz o casamento delRey de França Luiz XIV. com a Princeza de Castella, e a paz entre ambas as Coroas: porém ainda que se averiguou a injustiça, com que o Duque havia padecido tanta molestia sem culpa, nunca lhe restituíraõ S. Lucar que lhe tiràraõ, confirmando-se com este successo a opiniaõ que correo, de que fora vexado só por este respeito. O Marquez de Aya-monte teve peyor fortuna: por que o prendéraõ no Castello de Pinto, cinco legoas de Madrid, e lhe cortaraõ a cabeça; buscando-se apparentes pretextos para a execuçaõ desta escrupulosa severidade.

Anno 1641.

Degolaõ o Marquez de Aya-monte.

Dilatou-se a Armada de França esperando pela de Portugal no Rio de Lisboa de 7. até 26. de Agosto, dia em que huma e outra leváraõ ancora. Foy tambem a causa da dilaçaõ aguardarem pela Armada de Olanda, que naõ chegou ao tempo concertado. Os Francezes sahiraõ primeiro da Barra para fóra, nas salvas rebentou huma peça a huma urca Olandeza, que ElRey havia fretado; levou-lhe o payol da polvora, e a polvora o navio a pique

Sahem de Lisboa as duas Armadas.

que ; ſubtileza que os homens deſcobriraõ para damno alheyo, ſem ſegurança propria, fazendo do ſeu entendimento idolo a que ſacrificaraõ as vidas. Cem Portuguezes ſe perderaõ na urca, ſendo eſta deſgraça infelice prognoſtico da empreza. Sahio a noſſa Armada com 13 navios, 6 caravelas, e 4000 Infantes. Creſceo o vento de qualidade, que ſem ſair a Armada da Coſta, quebrou o maſtro a S. Pantaleaõ, hum dos mayores navios della, e naõ ſe podendo remediar com facilidade, ficou no rio. Outros navios ſe maltratáraõ, mas concertados, e unidos com os mais, deraõ á véla, e dobráraõ o Cabo de S. Vicente, onde aviſtáraõ cinco fragatas de Caſtella, fiçou-lhes mais viſinha a Armada, de França, de que ſairaõ quatro navios, que até o dia ſeguinte deraõ caça a dous, que ſe deſuniraõ dos cinco, e naõ podendo alcançallos ſe tornáraõ a incorporar com os da ſua conſerva. Os tres ficáraõ pelejando com a Armada de França, o que naõ poderaõ eſcuſar por ſerem pouco ligeiros: dividio-os a noite. Ao romper da manhaã do ſeguinte dia ſe achâraõ as tres fragatas Caſtelhanas junto ao Galeaõ S. Bento, em que hia o Almirante Fernaõ da Silveira. Era Capitaõ de huma das fragatas hum Portuguez natural de Almada, chamado Salvador Rodrigues; reſolveo-ſe valeroſamente a ſe meter debaixo da artilharia da noſſa Almiranta; deo-lhe huma carga, matou tres ſoldados, e ferio 13, fez-ſe ao mar ſem damno algum com grande ſentimento de Fernaõ da Silveira, e unindo-ſe outra vez ás duas fragatas, de que ſe havia apartado, foraõ ſeguidas de alguns navios Francezes, de que ſe livraraõ, e entrando em Cadiz deraõ aviſo, que a derrota das Armadas era para aquella parte. A viſinhança do perigo incitou a prevençaõ. Acodio o Duque de Ciudad Real, e unindo a gente, que trouxe á que eſtava em Cadiz, quando cherágaraõ as Armadas paſſava a guarniçaõ de 5000 homens. Deraõ ellas fundo a 14 de Setembro fóra da Bahia de Cadiz: a Almiranta de França ficou mais veſinha á terra, obſervou eſta differença Fernaõ da Silveira, paſſou pela Almirante, e de ſorte ſe empenhou em ficar mais veſinho do perigo da terra; que

Anno 1641.

Pelejam cõ cinco fragatas de Caſtella.

Daõ fundo as Armadas ſobre Cadiz.

Anno 1641.

que quando as Armadas quizeraõ ſair, cuſtou grande trabalho rebocarem-lhe o navio, por ſer muito pezado, e o vento contrario. Oito dias eſtiveraõ as Armadas ſobre Cadiz, e vendo os Generaes dellas a empreza por todas as circunſtancias mais difficil do que ſuppozeraõ, ſe reſolveraõ a deixalla. Antonio Telles deſejou entrar dentro na Bahia de Cadiz a queimar as fragatas de Dunquerque, e outros navios que eſtavaõ ſurtos: diſſuadio-o o Marquez de Berſé deſta reſoluçaõ, julgando a utilidade pequena, e as difficuldades de entrar, e ſahir da Bahia, ſem grande riſco, quaſi invenciveis. Deſvanecido eſte intento, deraõ á véla as duas Armadas, a de França para Arrochela, e a de Portugal para Lisboa, donde ſe deſpedio aviſo a D. Franciſco de Souſa, que de Moura havia paſſado ao Algarve, para que ſe retiraſſe com a gente que havia conduzido, diſpoſta para o logro da empreza de Cadiz. O dia ſeguinte ao que entrou a Armada em Lisboa, chegou a frota do Braſil com 22 navios carregados de aſſucar, e drogas que produz aquelle Eſtado. Depois de partidas as duas Armadas, chegou a Lisboa a 10 de Setembro a Armada de Hollanda com 20 navios: havia-ſe apartado com hum temporal quatro dias antes de outra Eſquadra, em que vinha Triſtaõ de Mendoça, mas amainando o vento entrou pela barra. Era Almirante da Armada de Holanda Adriano Gylſels, ſoldado de grande experiencia, e valor, que na India havia cedido a Antonio Telles, de quem foy vencido em huma batalha naval: trazia titulo de Embaixador dos Eſtados. Deo-lhe ElRey audiencia o dia ſeguinte, ao que lançou ferro, acompanhou-o o Baraõ de Alvito, e voltou ſe para a Armada. Triſtaõ de Mendoça havia fretado em Hollando 12 navios de guerra, em que trazia mil Infantes Holandezes, em dous Regimentos governados por Coroneis, e Officiaes da meſma naçaõ, obrigados a ſervirem tres annos com ſoldos proporcionados aos pagamentos de Holanda. Trazia tambem comprados quatrocentos cavallos, muitas armas, e muniçoens. Eſte ſoccorro foy mais applaudido viſto, que experimentado: porque os inſultos dos Hereges fizeraõ into-

Deſiſtem do intento, e ſe apartaõ.

Entra a Armada de Holanda.

Dá ElRey Audiencia ao Embaixador.

Soccorro de Holanda.

intoleravel a ſua aſſiſtencia neſte Reino, ſendo a religioſa piedade da Naçaõ Portugueza o criſol, que mais finamente apura o valor de que ſe compoem. Tambem eraõ pezados aos povos os ſoccorros de Holanda, pela grande deſpeza, que ſe fez com elles, e pelo caviloſo trato dos Holandezes: porque valendo-ſe nas conquiſtas de Portugal do aperto a que a guerra contînua o reduzia, uſavaõ da noſſa dependencia para a ſua utilidade. E chegando ultimamente a conhecer, que era melhor telos por inimigos deſcubertos que diſſimulados, viemos a romper com elles a guerra nas conquiſtas, e contrapezáraõ as grandes victorias da America os infortunios da Aſia, totalmente occaſionados das noſſas deſordens. A 18 de Setembro ſahio a Armada de Hollanda na volta de Cadiz a ſe encorporar com as duas, que haviaõ navegado a conſeguir aquella empreza. Mandou ElRey com eſta Armada cinco caravelas, que levavaõ Infantaria para accreſcentar o numero da que ſe havia embarcado. Hum temporal fez arribar a Caſcaes os Hollandezes; ſocegado o vento ſeguîraõ a derrota, chegáraõ á viſta de Cadiz, e naõ encontrando as duas Armadas, voltáraõ ao Cabo de S. Vicente, donde fizeraõ a ElRey aviſo, de que determinavaõ, viſto naõ ſe lograr a empreza a que vieraõ, aguardar naquella altura a frota de Indias, que ſem duvida coſtumava a chegar naquelle tempo; e que pediaõ a Sua Mageſtade quizeſſe mandar incorporar com a ſua Armada alguns navios da noſſa. Quando chegou eſte aviſo a Lisboa, ja a noſſa Armada havia ancorado no rio: porém querendo ElRey contemporiſar com os Hollandezes, lhe mandou quatro navios, e por Cabo delles Ruy de Brito Falcaõ. Sahio Ruy de Brito a 11 de Outubro, e no meſmo dia tomou hum navio mercantil Inglez, em que os Mouros haviaõ feito preza, e carregado de ferro o levavaõ para Salé. O dia ſeguinte aviſtou o navio dos Mouros, que renderaõ o Inglez, deo-lhe caça, e obrigou o a dar á coſta. Seguio a viagem, e chegando ao Cabo de S. Vicente naõ achou a Armada de Hollanda: mandou informarſe a terra; donde lhe veyo noticia, que a Armada ſe fizera na volta do

Anno 1641.

Sae a Armada de Hollanda.

Anno 1641.

do Cabo de Santa Maria. Seguio a mesma derrota e gastando 29. dias nesta diligencia, naõ podendo conseguir encontrar a Armada de Holanda, se recolheo a Lisboa, onde a achou ancorada, refazendo-se do damno que havia recebido do encontro que teve com a Armada de Castella. Constava esta de 24. navios, de que era Cabo D. Jeronymo Gomes de Sandoval: entre o de S. Vicente e o de Santa Maria se encontràraõ as duas Armadas, arribou a de Castella sobre onze navios Holandezes, ficando nove a sotavento, pelejáraõ muitas horas sem conhecida ventagem; porém sendo o poder taõ desigual, meteráõ os Castelhanos a pique dois navios Holandezes, e chegando os nove, que naõ haviaõ podido arribar, sobreveyo o vento taõ rijo, que dividio as Armadas. A de Castella levou perda de gente, e quatro navios taõ desaparelhados, que naõ tornaraõ a navegar. Deteve-se a Armada de Holanda no rio de Lisboa até Janeiro do anno seguinte de 1642, tempo em que voltou de Holanda, depois de nos occasionar o damno, que adiante diremos.

Recõtro da Armada Holandeza com a de Castella.

Em quanto em Europa se pelejava com os Castelhanos, haviaõ os Holandezes na America posto todo o cuidado em adiantar cavilosamente a sua fortuna. Constou ao Conde de Nazau, que era partido da Bahia o Marquez de Montalvaõ, e vendo-se livre do obstaculo que lhe fazia o seu prudente governo, dando-lhe mayor confiança a pouca attençaõ dos tres Governadores, que taõ injustamente haviaõ prezo o Marquez, e juntamente interpretando a favor de seus interesses as capitulaçoens que Tristaõ de Mendoça havia feito com os Estados, preparou huma Armada de 20 navios com 2000 Infantes, e 200 Indios, e fazendo General della a hum Cossario chamado Tôlo, a quem a falta de huma perna havia dado a alcunha de Pé de páo, e lançando voz, que esta Armada hia esperar a frota de Indias de Castella, mandou interprender a Cidade de S. Paulo de Loanda, cabeça das povoações de que ElRey de Portugal he senhor no Reino de Angola. Governava esta parte da Africa naquelle tempo Pedro Cesar de Menezes, filho segundo de Vasco Fernandes Cesar, que havia exercitado em

Sucessos do Brasil.

Armada dos Hollandezes contra Angola, que governava Pedro Cesar.

em Flandes o posto de Capitaõ de cavallos com muito boa opiniaõ. Eraõ grandes as utilidades que os Holandezes conseguiaõ na conquista de Angola, sendo a principal, levarem para o Brasil os negros que habitaõ aquelle districto, para servirem na fabrica dos Engenhos de assucar, infructuosa sem a assistencia, e trabalho destes brutos racionaes. Foy occulto este intento dos Holandezes aos Governadores do Brasil, por haverem com pouco acordo retirado as Tropas, com que o Marquez de Montalvaõ sustentava a guerra em Pernambuco, e por gastarem pouco cabedal com as intelligencias, e principalmente por serem os Triumviros, até na grandeza Romana, perigoso governo: e parece quasi infallivel, que se o Conde de Nazau naõ fundara a sua confiança no descuido dos Governadores, que naõ destituîra as fortificaçoens de Pernambuco da mayor parte da guarniçaõ, que as animava, pondo em risco tudo o que havia ganhado na America, pelo que naõ tinha conseguido em Africa. Porém póde desculpar os Governadores naõ se persuadirem, a que podia caber nos Holandezes tanta infidelidade, constando-lhes das capitulaçoens da paz celebradas entre ElRey, e os Estados de Holanda. Puzeraõ os Holandezes a proa em Angola, e tomaraõ no caminho huma caravela Portugueza, que hia para aquelle Reino, que elles avistaraõ a 24 de Agosto. O perigo naõ esperado, e o sobresalto repentino confundîraõ de sorte os animos dos moradores da Cidade de S. Paulo, que fundando cegamente o remedio do damno na brevidade da retirada, desampararaõ a Cidade. Pedro Cesar, vendo-se em tanto aperto, deixou o Capitaõ Mathias Telles Veloso com 60 homens em a fortaleza da Cruz, pouco distante da Cidade, e seguio a gente que sahia della. A fortaleza era taõ mal fortificada, e estava com taõ pouca prevençaõ, e em sitio taõ inutil, que os Holandezes tanto que desembarcaraõ, sem achar quem se lhes oppuzesse, o dia seguinte ao que chegaraõ, em o lugar do Penedo. Sem fazer caso da fortaleza, a deixaraõ à maõ direita, e subindo a hum monte que lhe ficava eminente, entraraõ na Cidade sem mais embaraço, que a opposiçaõ

Anno 1641.

Desamparaõ os moradores a Cidade.

Anno 1641.

que fizeraõ poucos soldados, e alguns paizanos, cedendo estes facilmente ao mayor numero. Tres Capitaens pagos, que havia na Cidade, mandou o Governador com alguma gente à praya a impedir desembarcarem os Holandezes: porém elles saltando em terra em parte desviada, ficou esta diligencia infructuosa. Quando voltaraõ para a Cidade a acharaõ occupada dos inimigos: salvaraõ se no lugar de Bembem meya legua della, para onde o Governador se havia retirado, e a mayor parte da gente com os moveis mais preciosos. Mas parecendo-lhe ao Governador aquelle sitio arriscado, se foy alojar a hum lugar junto do rio Bembo, quatro leguas pela terra dentro; achando este sitio accommodado para receber algum soccorro, que lhe viesse por mar. Penetraraõ os Holandezes este designio, levantaraõ hum forte na bocca do rio, e guarneceraõ-no com 300 soldados. Pedro Cesar querendo atalhar este damno, mandou o Capitaõ Gregorio Ribeiro com 110 soldados atacar o forte: porèm achou de qualidade a resistencia, que teve por fortuna retirarse, perdendo só tres soldados. Vendo Pedro Cesar baldado este designio, e o lugar em que estava pouco seguro, se passou para o de Aquilinda, naõ muito distante: reconhecendo este por menos capaz, se foy alojar a hum sitio sete leguas da Cidade, em huma fazenda de hum homem, chamado Domingos Carvalho. Seguiraõ-no os Holandazes com 500 Infantes, e duvidando conseguir a empreza sem artilharia, mandaraõ buscalla. Entendeo Pedro Cesar este designio, e naõ querendo experimentar o effeito delle, se retirou para a fortaleza de Masangano 30 leguas pela terra dentro, deixando despedido aviso a ElRey por Antonio da Fonseca Dornellas do infelice sucesso daquelle Reino. Antonio da Fonseca embarcou-se em hum barco no rio Cuanca, sahio ao mar, livre dos Holandezes, chegou á Bahia a salvamento, passou a Lisboa em huma caravela, onde entrou a 20 de Dezembro: achou que ElRey andava á caça da outra parte do Tejo. Recebeo a noticia dos sucessos de Angola, e naõ foy taõ breve o remedio, como pedia perda taõ consideravel. Os Holandezes havendo logrado

Entraõ nella os Holandezes.

Retira se o Governador.

Avisa o Governador a ElRey

grado facilmente o que intentáraõ em Angola, naõ quizeraõ ſoltar das mãos a fortuna, para que naõ mudaſſe de condiçaõ. Eſcolheo o Pé de Páo 13. navios, que entregou a Audreſon pratico, e valeroſo ſoldado, paſſou eſte á Ilha de S. Thomé, poſto preciſo para o fim a que os Holandezes caminhavaõ. Poucos dias antes haviaõ os moradores acclamado ElRey D. Joaõ: porque tendo noticia deſte ſucceſſo por hum navio Inglez, foy com tanta incerteza, que aguardáraõ mayor probabilidade. Durando eſta duvida, chegou ao porto hum navio Caſtelhano trazendo o Capitaõ delle ordem para introduzir na fortaleza 200. ſoldados com a deſtreza de diſſimular a mudança do governo. Aportou ao meſmo tempo hum navio Francez em a Ilha das Cabras, pouco diſtante de S. Thomé. Os Caſtelhanos mandáraõ dizer aos moradores, que trataſſem aos Francezes como inimigos. Teve o Capitaõ Francez eſte aviſo, e ſabendo que os Caſtelhanos eſtavaõ em o ſitio da Praya das Conchas, inveſtio o navio, que rendeo, e lançou os Caſtelhanos em S. Thomé. Governava eſta Ilha o Alcaide Mór da fortaleza Miguel Pereira de Mello, por morrer naquelle tempo o Governador Manoel Quareſma Carneiro. Prevenido Miguel Pereira das noticias antecedentes, ſe informou de hum Piloto Portuguez que vinha com os Caſtelhanos, e achando certa a nova da Acclamaçaõ, e o intenro que os Caſtelhanos traziaõ, poz a tormento o Governador que vinha nomeado, em caſo que a empreza ſe conſeguiſſe. Padeceo o Caſtelhano negando tudo o que lhe perguntava: porém baſtou a informaçaõ do Piloto para Miguel Pereira acclamar ElRey Dom Joaõ. Mandou dar aos Francezes todos os baſtimentos que lhe foraõ neceſſarios, partíraõ elles da Ilha, levando comſigo o navio Caſtelhano, que haviaõ tomado. Paſſados dous dias chegou hum navio Inglez com cartas delRey, que os Ilheos celebraraõ com grandes feſtas. Durou-lhes pouco o contentamento, chegando hum barco de Angola com a nova da perda da Cidade de S. Paulo, e com aviſo de que os Holandezes determinavaõ paſſar áquella Ilha. Naõ foy de effeito eſta noticia, mas ſervio ſó de anticipar o te-

Anno 1641.

Acclama-ſe ElRey na Ilha de S. Thomé.

Anno 1641.

temor, para que tiveſſem menos deſculpa de a perder; porque a prevençaõ que ſó fizeraõ, foy retirar o fato para o Certaõ da Ilha, e o Governador meteo na fortaleza, que era muito capaz de ſe defender, quantidade de mantimentos, e naõ correſponderaõ as mais diſpoſiçoens a eſta. Chegaraõ os Holandezes á Ilha a 15 de Outubro, lançaraõ ferro duas leguas da Cidade, deſembarcaraõ 14 Companhias que ficaraõ alojadas em huma hermida de Santa Anna, pouco diſtanſte da Marinha; levantaraõ trincheira, e fortificaraõ-ſe com muita brevidade. Acodio áquella parte alguma gente noſſa: porem faltando-lhe Capitaõ, e diſciplina, voltaraõ ſem outro effeito para a Cidade; de que reſultou cobrarem os Holandezes mayor alento, porque vendo tanta deſordem, ſe puzeraõ em marcha para a Cidade. Creſceo nella a confuſaõ, porque naõ havia quem diſpuzeſſe a defenſa. Arrojou-ſe Joaõ de Souſa, filho de Lourenço Pires de Tavora, Governador que fora daquella Ilha, a ajuntar alguma gente, para impedir aos Holandezes a paſſagem de hum rio, que corria entre a Cidade, e a eſtrada, por onde marchavaõ: deu o intento á execuçaõ, começou a pelejar valeroſamente. Sahiraõ da Cidade tres Companhias a ſoccorrello; mas encontrando alguns, a quem o medo havia obrigado a deſampararem Joaõ de Souſa; que vinhaõ dizendo, que os mais ficavaõ degollados, ſem outro exame voltàraõ as coſtas as tres Compdnhias; Os que ficaraõ com Joaõ de Souſa, tambem o deixáraõ, ſalvou-ſe elle com grande riſco, e os Holandezes marchàraõ ſem oppoſiçaõ á fortaleza da Praya pequena, que governava o Capitaõ Franciſco Ximenes. Pudera elle reſiſtirlhe muitos dias, mas ſem reparar na honra a deſamparou. Occuparaõ-na os Holandezes, e marcháraõ para a fortaleza principal, em que eſtava o Governador Manoel Pereira com 400 Portuguezes: jugava a fortaleza 36 peças de artilharia, que igualmente offendiaõ os navios da Armada, e Infantaria que eſtava em terra. Haviaõ metido a pique a Almiranta, e continuando o damno de huma, e outra parte, ſe retiraraõ os Holandezes para a fortaleza, que haviaõ ganhado. Mandáraõ deſem-

Chegaõ os Holandezes a S. Thomé.

Occupaõ a Fortaleza da Praya.

desembarcar mais gente, e o dia seguinte marcháraõ para a Cidade, onde estava Joaõ de Sousa com poucos moradores, porque os mais se haviaõ retirado para huma eminencia, que ficava pouco distante. Aguardáraõ os Holandezes a que cerrasse a noite, e buscando parte, por onde a Cidade podia ser soccorrida, fingíraõ que eraõ Portuguezes; e enganando facilmente os poucos destros moradores, se introduziraõ nella. Quando se conheceo o engano, era ja irremediavel: retirou-se Joaõ de Sousa, e os mais para a eminencia, onde estavaõ os outros moradores. Tanto que amanheceo, os envestiraõ os Holandezes, e os obrigáraõ a fugir para o mato. Ganhado este sitio, o fortificáraõ, e juntamente outro sitio, que desquartinava a fortaleza; e plantando em huma, e outra parte artilharia, a começáraõ a bater: quatorze dias passàraõ sem outro effeito, recebendo grande damno da fortaleza, e naõ havendo faltado nella mais que tres soldados. Este successo, que pudera servir de estimulo a Manoel Pereira, lhe accrescentou o receyo, e sem mais causa, que cahirem algumas bombas dentro da fortaleza, com mais estrondo que prejuizo, se rendeo, sem outra permissaõ, que a de poder passar ao Reino, onde chegou; e sendo logo prezo, acabou a vida no Castello de Lisboa, pagando justamente a sua covardia. Senhores os Holandezes da fortaleza, sustentàraõ a guerra que lhe fizeraõ os que se passàraõ ao mato, até que chegou àquella Ilha ordem delRey, para ajustarem a paz com os Holandezes: concluio-se, e tornàraõ os Portuguezes a povoar a Cidade; socego que logràraõ pouco tempo; porque chegando da Mina nova gente aos Holandezes, lançàraõ os nossos fóra da Cidade, e puzeraõ fogo às casas. Passàraõ os moradores ao mato, e sustentàraõ a guerra até o anno de 1644. tempo, em que se sujeitàraõ os Holandezes, por se verem totalmente destituidos do soccorro.

Anno 1641.

Entraõ na Cidade.

Rende o Governador Manoel Pereira a fortaleza.

O Conde de Nazau, tanto que teve aviso dos bons successos conseguidos em Angola, e S. Thomé, despedio outra Armada, que constava de 18 navios à ordem de Joaõ Corneles, que levava nella dous mil Infan-

Armada Holandeza contra o Maranhaõ.

Anno 1641.

tes, a interprender a Cidade de S. Luiz da Ilha do Maranhaõ. Chegou esta Armada à vista da Cidade a 24 de Novembro. A Ilha do Maranhaõ fica na Costa do Brasil: corre para o Ciarà de Oeste a Leste, e para o Parà a Uesnoroeste em dous gràos e meyo da banda do Sul: tem 12 leguas de comprido, e cinco de largo, e em algumas partes seis: fica em huma grande bahia, que alli faz a terra firme, de que dista duas leguas da parte do Leste, e do Oeste tres, e por huma, e outra entraõ navios: pela parte do Sul a divide da terra firme hum rio, que terà de largura hum tiro de arcabuz. Os Francezes a descobrîraõ, e senhoreàraõ atè o anno de 1614. que Jeronymo de Albuquerque os lançou della, governando o Brasil Gaspar de Sousa: a Ilha naõ dava mais que tabaco, e mandioca; na terra firme havia engenhos de assucar; hoje se tem descuberto outras drogas quasi taõ preciosas como as da India. Governava a Ilha Bento Maciel Parente: reconheceo a Armada, e vendo que era de Holanda a mandou salvar, por ter recebido ordem delRey para naõ tratar como inimigos, mais que a Turcos, e Castelhanos. Continuou a Armada a derrota, sem responder á salva, nem amainar. Vendo o Govemador esta resoluçaõ, mandou darlhe carga com toda a artilharia; a esta respondéraõ os Holandezes, e querendo livrarse do perigo das balas, deraõ fundo a distancia, que os livrava delle: lançáraõ logo mil homens em o sitio de nossa Senhora do Desterro. Os moradores com o ocio esquecidos do exercicio militar despovoàraõ a Cidade, e o Governador se achou na fortaleza com 70 soldados, 35 delles meninos de muito pouca idade, a que havia sentado praça, para suprir a falta de outros tantos soldados velhos, que tinha mandado para huma Capitanîa sua, desacerto que lhe tirou a honra, e lhe custou a vida: costumado effeito da ambiçaõ, que com estes desenganos acha sempre sacrificios. Marchàraõ os Holandezes para a fortaleza, e vendo Bento Maciel a sua deliberaçaõ, mandou dizer a Joaõ Corneles, que aquella Ilha era delRey de Portugal, com quem os Estados de Holanda haviaõ celebrado pazes, e que neste sentido ignorava

Sua descripçaõ.

norava a cauſa que o trazia a lhe fazer guerra. Reſpondeo Joaõ Corneles, que elle naõ determinava offender os Portuguezes, que vinha com ordem do Conde de Nazau Governador das Armas em Pernambuco, para occupar aquella Ilha, que quizeſſe elle que ſe aviſtaſſem, para conferirem o que foſſe mais util a ElRey, e aos Eſtados. Obrigado do receyo aceitou Bento Maciel eſte partido: ſahio da fortaleza, fallou com Joaõ Corneles, e aſſentáraõ que Bento Maciel ficaſſe governando a fortaleza, e que aos Holandezes ſe deſſe huma parte da Cidade, para ſe aquartelarem, e mantimentos por ſeu dinheiro até que chegaſſe ordem delRey, e dos Eſtados, com a qual ſe tomaſſe a ultima reſoluçaõ. O modo da jornada dos Hlandezes bem deixava conhecer o caviloſo animo deſta propoſta: porém Bento Maciel, que governava melhor os ſeus cabedaes que a fortaleza, aconſelhado do medo, buſcou pretexto para entregar a fortaleza, e a Ilha. Entráraõ os Holandezes na Cidade, e naõ querendo alargar mais o prazo á diſſimulaçaõ, a ſaqueáraõ. Moſtrou Joaõ Corneles, que fora deſordem dos ſoldados, para facilitar a entrada da fortaleza. Aſſim o conſeguio, como o diſpoz: mandou occupar os poſtos della pelos Holandezes, tomar poſſe dos Armazens, abater as bandeiras de Portugal, e arvorar as de Holanda. Depois de iſto executado, repetíraõ os ſoldados o ſaque da Cidade, naõ concedendo mais privilegio ao Sagrado que ao profano. Seguio-ſe a eſta extorçaõ mandarem recado aos Portuguezes de Itapocurû, povoaçaõ pequena de terra firme, doze leguas da Ilha onde eſtavaõ os Engenhos, que lhe mandaſſem tantas caixas de aſſucar, que baſtaſſem a livralos do perigo que os ameaçava: por ſe livrarem deſte damno, contribuíraõ ſeis mil caixas, Joaõ Corneles, naõ querendo perdoar a diligencia alguma, fez jurar a todos os moradores obediencia aos Eſtados, e embarcou 150. ſoldados Portuguezes em huma urca mal aparelhada, e deixou-os livres para ſeguirem a derrota que quizeſſem, ſuppondo que lhes dava ſepultura na liberdade. Puzeraõ elles a proa na Ilha da Madeira: porém a muita agua que fazia o navio os

Anno 1641.

Ajuſtaſe o Governador Bento Maciel com os Olandezes.

Entrão na Cidade, e a ſaqueaõ.

Ganhaõ a fortaleza ſaltado a ſ.

Anno 1641.
obrigou a arribarem á Ilha de S. Christovaõ na Costa de Indias de Castella, povoada de Francezes e Inglezes. Acháraõ muito boa hospedajem, e em varias embarcaçoens passáraõ brevemente a Lisboa. Joaõ Corneles voltou com a Armada a Pernambuco, onde triunfou da victoria de huma traiçaõ. Deixou na fortaleza 60. Holandezes, e quatro navios no porto, bastante segurança para a pouca opposiçaõ que temiaõ. Bento Maciel leváraõ elles preso a Pernambuco: morreo em huma fortaleza, que os Holandezes tinhaõ no Rio Grande, pagando justamente a sua ambiçaõ e pouco valor, defeitos que este anno foraõ causa das muitas desgraças, que padecemos nas conquistas, e conhecido effeito do lethargo com que os Castelhanos por todos os caminhos adormentavaõ os animos valerosos dos Portuguezes, negando-lhes o exercicio da guerra, e dando-lhes Mercadores por Capitaens, que fundavaõ a mayor opiniaõ nos mais certos interesses. E se este discurso he presunçaõ de Portugnez, e naõ conhecimento do valor, que Deos quiz influir nos espiritos belicosos desta generosa Naçaõ, brevemente o veremos nas victorias conseguidas nos mesmos lugares das desgraças, sem mais soccorros, que esgrimirem os Capitães as espadas sem arismeticas, deliberando-se a fazer livros de Caixa dos Annaes da Fama.

Successos da India.

Por naõ interromper a ordem da historia seguiremos neste anno os successos da India, que acontecéraõ no de 41. antes de chegar áquelle Estado a nova da acclamaçaõ. Era Viso-Rey delle o Conde de Aveiras, como fica referido; e desajando acreditarse com acçoens sinaladas, achava por opposto o grande poder dos Holandezes, e a arte com que usavaõ delle, naõ consentia mais esperança, que a de poder conservar o que naquelle tempo tinhamos na India: e ainda esta era pouco segura, porque os soccorros deste Reino naõ eraõ grandes, e as forças da India se achavaõ muito inferiores. Sustentava o Viso-Rey amigavel correspondencia com os Reys visinhos; e só se haviaõ separado della os Reys de Jor, Pam, e Candia, de quem os Holandezes recebiaõ soccorros contra as nossas Armas; estando as suas taõ poderosas, que

que occupavaõ todos os lugares seguintes. Tinhaõ feito huma em Vingorlá, terra do Dialcaõ, distante para o Norte sete leguas de Goa; e usando da destreza de vender as drogas do Sul, e mercadorias de Europa por menos preço, e com menos direitos, do que costumava-mos dar as nossas, augmentavaõ os seus cabedaes, e os nossos se destruhiaõ. Tinhaõ mais nas terras do mesmo Dialcaõ feitorias em Dabul, e Rajapor, e outras pelo certaõ dentro, que lhe serviaõ de grande utilidade. Occupavaõ na mesma Costa para a parte do Norte huma grande feitoria em Surráte, de que tiravaõ grandes interesses, sendo mayores os avanços levando aquelles generos para a parte do Sul, e para o Comoraõ na Persia, que fica defronte de Ormuz, e em todas as mais partes daquelle Estreito: e do de Meca sustentavaõ utilissimas correspondencias. Senhoreavaõ na Costa de Choromandel a fortaleza de Paleacati. Na Ilha de Ceylaõ occupavaõ as fortalezas de Galle, de Triquemale, e Baticalou, que nos haviaõ tomado em os annos de 1638. 39. e 40. e a de Negumbo, que D. Filippe Mascarenhas havia restaurado. Para a parte do Sul tinhaõ feitoria no de Achem; e outras na Contracosta: occupavaõ a Cidade, e a fortaleza de Jacatarà (a que deraõ nome de nova Batavia) na Ilha de Jaoa do senhorio do Mataráõ: eraõ senhores das tres Ilhas de Banda, e tinhaõ feitorias no Maçacâ na Ilha de Borneo no Reino do Mogo, que he parte de Bengala, e nos mais portos daquella Costa, eraõ taõ superiores; que naõ entrava nelles a comercear náo Portugueza. Dominavaõ a Ilha de Amboyno com as mais adjacentes, e todas haviaõ fortificado, e presidiado: senhoreavaõ o Archipelago das Ilhas de Maluco, e tinhaõ fortes em as de Ternáte, Tidôre, Moutel, e Maquien; e junto a estas Ilhas occupavaõ as de Batachina, Gelolo, Bocanora, e Baychaõ, e no mar da China, a Ilha Fermosa, donde frequentavaõ o trato da China para o Japaõ: sustentavaõ quasi absolutamente o comercio de Pegû, Tanassarî, Junçalaõ, Tarangâ, Ilhas de Pimenta, Quedâ e Pera: o mesmo senhorio haviaõ adquirido no Estreito de Sincapura, Costa de Pam, Patane, e Champá, enseada

Anno 1641.

Praças e feitorias dos Holandezes.

feada de Siaõ, e de Cochinchina, Portos de Camboya; Tunquim, China, e Chincheo, e a Ponta de Sumbor. Eraõ fenhores de todos os mares daquella parte de Muffulapataõ, onde tinhaõ feitorias; e da mefma forte na Cofta de Choromandel. E finalmente naõ havia em todo o Oriente parte, em que os Holandezes naõ tiveffem entrada, e de que naõ tiraffem groffiffimos intereffes. O Vifo-Rey para fe defender de taõ poderofos inimigos, e fegurar a Cidade de Goa, que elles ameaçavaõ, difpoz em todos os portos do noffo Dominio o mayor numero de embarcaçoens que lhe foy poffivel juntar. Conftava a Armada de Goa de 20 navios, e huma galé: era Capitaõ mór della Luiz da Silva, filho mais velho do Conde de Aveiras, que no anno antecedente havia moftrado na defenfa de hum forte daquella Barra, que o feu valor correfpondia á fua qualidade. Sahio de Baçaim, como era coftume, a Armada para a Cofta do Norte: conftava de 28 embarcaçoens, chamadas Sanguiffeis, e governava-a D. Manoel de Menezes, tendo ordem do Vifo-Rey, para que nos primeiros dias de Setembro eftiveffe fobre a Barra de Goa. A Armada do Cabo de Comorim era de 12 navios, e nomeou o Vifo-Rey por Capitaõ mór della a Domingos Ferreira Beliago. A do Canará fe compunha de 12 navios, governada pelo Capitaõ mór Fernaõ de Mendoça Furtado, filho de Francifco de Mello de Caftro, que o Vifo-Rey havia mandado invernar a Mangalor por Capitaõ mór da gente de guerra daquella, e das mais fortalezas do Canará, com ordem, que no mez de Setemebro fe achaffem em Goa com todos os mantimentos, que lhe foffe poffivel. Porém todas eftas prevençoens naõ baftáraõ a defembaraçar a barra de Goa, que os Holandezes occupáraõ, na fórma que havemos referido. E naõ teve melhor offeito o foccorro, que o Vifo-Rey mandou a Maláca, a que os Holandezes haviaõ pofto fitio no mez de Agofto do anno antecedente: porque naõ houve mais noticia de huma grande náo, que o Vifo-Rey mandou áquella fortaleza carregada de polvora, e mantimentos, fazendo juntamente avifo por terra aos Electos de Negapataõ, e prevenindo-os com grof-

Anno 1641.

Difpofiçoens do Conde de Aveiras Vifo-Rey.

groſſos creditos, para que acodiſſem a Maláca com todos os mantimentos poſſiveis, promettendo-lhes, ſe introduziſſem o ſoccorro, habitos, e fidalguias. E na Monçaõ de Abril deſte anno, havendo o Viſo-Rey prevenido 26 embarcaçoeds com ſoldados, muniçoens, e mantimentos, chegou a Goa a nova, por via de Cochim, que Maláca ſe perdera a 14 de Janeiro deſte anno de 41, depois de durar a ſitio cinco mezes e meyo, havendo na fortaleza taõ pouco ſuſtento, que parecia impoſſivel conſervarſe tanto tempo, ſem ſe lhe introduzir ſoccorro. Foy eſta perda muito conſideravel, e tocáraõ as conſequencias della, naõ ſó ao Eſtado da India, mas tambem a eſte Reino, que accreſcentou eſta queixa às mais, que juſtamente publicava do infelice dominio dos Caſtelhanos: porque ſe deſcuidàraõ dos ſoccorros da India, parece que com o fim ja referido de quebrantar as forças de Portugal. Em Ceilaõ eraõ melhores os ſucceſſos. Os primeiros dias de Março lhe mandou o Viſo-Rey o ſegundo ſoccorro, que conſtava de oito galeotas, em que foraõ 260 ſoldados, quatro peças de artilharia, muniçoens, e mantimentos, e doze mil Xerafins. O Capitaõ General Dom Filippe Maſcarenhas, depois de chegar eſte ſoccorro a Ceilaõ, deteminou hir ſobre Galle, mas houve inconvenientes que o embaraçáraõ, ſendo o principal ter noticia, que os Holandezes lhe haviaõ de Jacatará introduzido grande ſoccorro. Os de Galle vendo-ſe com groſſo preſidio ſe animáraõ a fazer algumas ſortidas: em huma que fizeraõ a 10. de Agoſto perdéraõ hum Capitaõ com 30. ſoldados; e aos mais ſeguio a noſſa gente até as portas da fortaleza. Depois deſte ſucceſſo, a ſitiou D. Filippe Maſcarenhas: porém havendo chegado a nova da Acclamaçaõ délRey, e da amizade que tratava com os Holandezes, levantou D. Filippe o ſitio. Mas todos os noſſos obſequios, e boa correſpondencia naõ obrigáraõ aos Holandezes a retroceder dos ſeus caviloſos intentos. uſando em utilidade ſua da noſſa errada confiança. O Hidalcaõ receava o noſſo poder, e eſte era ſó o caminho de ſuſtentar a ſua palavra, que em muitas occaſioens vendo-o diminuido, havia quebrantado.

Anno 1641.

Perda de Maláca.

Soccorro de Ceilaõ, que governava D. Felippe Maſcarenhas.

Anno 1641.

O Mogor era guerreiro, e inquieto, vario, e ambicioſo, deſejava (vendo os bons ſucceſſos dos Holendezes) accreſcentar com as ſuas armas a noſſa deſgraça: mas o Viſo-Rey teve induſtria para comprar alguns de ſeus validos, e temperar com eſta arte a ſua arrogancia. ElRey de Cochim perſeverava na antiga amizade que ſempre teve com os Portuguezes, por mais diligencias que fazia pelo divertir hum valido ſeu com Titulo de Regedor, chamado Samuel Caſtiel. Eſtes Reys, o Samorim, ElRey do Canará, o de Jolocondá, o Imamo Rey de Arabia, e todos os mais do Sul mandáraõ ao Viſo-Rey Embaixadores com o parabem da Acclamaçaõ; ſó ElRey do Japaõ naõ quiz admittir trato, nem comercio algum por mayores diligencias que o Viſo-Rey fez por grangear à Cidade de Macào eſta commodidade, que era muito grande, principalmente depois que ſe acabou o comercio de Manilha, que occupavaõ os Caſtelhanos. E conſiderando o Viſo-Rey que na amizade dos Holandezes conſiſtia toda a noſſa conſervaçaõ naquelle Eſtado, procurou com grande actividade, e diligencia, como já referimos, que os Holandazes deſoccupaſſem a barra de Goa na fé da amizade contrahida entre ElRey, e os Eſtados. Mandou á Capitania a tratar eſte negocio a Gaſpar Gomes, peſſoa intelligente; e naõ havendo os Holandezes deferido ás propoſiçoens que lhe levava, nem querido reſtituir a náo de Sancho de Faria, conſetîraõ ſó, que o Viſo-Rey pudeſſe mandar hum Embaixador ao General que aſſiſtia em Batávia, para o que offerecèraõ huma embarcaçaõ ſegura, que para Batávia partia de Surrate. Era tanta a oppreſſaõ que os Holandezes davaõ a Goa, que foy preciſo ao Viſo-Rey aceitar eſta offerta. Nomeou para eſta jornada a Diogo Gomes de Brito, fidalgo de juizo, e experiencia, e mandou em ſua companhia ao Padre Fr. Gonçalo Veloſo Religioſo da Ordem de S. Franciſco, em quem concorriaõ partes dignas de aſſiſtir a negocio de tanta importancia. A ſubſtancia da inſtrucçaõ, que levavaõ, era pedir ceſſaõ de armas naquelles Eſtados; o que parecia licito concederſe, havendo taõ certa noticia, de que entre o Reino de Portugal,

Mandaõ os Reys da India Embaixadores ao Viſo-Rey com o parabem da Acclamaçaõ.

Embaixada aos Holandezes.

tugal, e as Provincias Unidas se negoceava hum tratado de paz, que pelas conjecturas se entendia, que naõ era possivel deixar de se ajustar; e que esta cessaõ de armas durasse atè segundo aviso do Reino ou dos Estados; que era certo havia de declarar a fórma do ajustamento que se houvesse celebrado. Partîraõ os dous sem grandes esperanças de concluir a diligencia, a que eraõ mandados: porque bem se entendia, que os Holandezes só amantes da sua conservaçaõ, naõ haviaõ de perder tempo de solicitar a nossa ruina, quando suppunhaõ a Portugal, desunido de Castella, menos poderoso. A noticia de que em Portugal havia ElRey levantado os tributos, obrigou aos moradores de Goa a pedir ao Viso Rey, que este indulto, como vassallos delRey, lhes abrangesse tambem a elles; apontando em primeiro lugar o tributo da meya Annata, que era o de mayor escandalo em tempo do governo dos Castelhanos. Considerando o Viso-Rey quanto convinha ao aperto em que se achava ter satisfeitos os moradores daquelle Estado, ordenou que se levantassem os tributos, entendendo, que muitas vezes de semelhante affabilidade, usada com os povos, resulta aos Principes offerecerem-lhe voluntariamente mayores subsidios; porque da violencia só exorbitancias, e desacertos se colhem. Todas estas materias resolvia o Viso-Rey com o parecer do Conselho de Estado, em que era assistido do Arcebispo Primaz D. Fr. Francisco dos Martyres, Religioso que havia sido da Ordem de S. Francisco, de vida exemplar, e prudencia digna de toda a veneraçaõ, do Inquisidor Antonio de Faria Machado, Antonio Moniz Barreto Capitaõ de Goa, que havia servido em todas as occasioens com grande valor, e actividade, de D. Manoel de Almeida Pereira, D. Joaõ de Moura, de Francisco de Mello de Castro, e Joseph Pinto Pereira. Neste tempo havia na India outros soldados, e fidalgos particulares, que naõ degeneravaõ no valor dos antigos Heroes Portuguezes, que illustráraõ com gloriosas acçoens a sua naçaõ: porém degeneravaõ muitos delles na grande ambiçaõ com que queriaõ enriquecer em pouco tempo por meyos illicitos, payxoens, e invejas desordenadas,

Anno 1641.

Anno 1642.
denadas, que foraõ causa de todas as infelicidades, que naquelle Estado se padecèraõ.

Com as desgraças que occasionou ás Conquistas de Portugal o falso trato dos Holandezes damos fim ao Anno de 1641. e com a mesma causa, e igual effeito daremos principio em Europa ao de 1642. Reparada a Armada de Holanda do damno recebido da contenda que teve com a Armada de Castella, e chegando aviso do Brasil a ElRey da resoluçaõ que o Conde de Nazau havia tomado, desculpada pelos Estados com as capitulaçoens que explicavaõ a seu favor. Entendendo hum, e outro successo o Almirante Gylsels, determinou livrarse do perigo que o ameaçava, vendo-se entregue com 18 navios na barra de Lisboa á nossa disposiçaõ, podendo justamente resolver ElRey, que fossem parte da satisfaçaõ dos aggravos recebidos. Inclinavaõ-se alguns Ministros á represália, dizendo, que os Holandezes haviaõ faltado á capitulaçaõ, quebrantado a paz ajustada com Tristaõ de Mendoça, e que ainda que nos capitulos della houvesse algum termo, que interpretado a seu favor, dissimulasse o seu excesso, que esta era a primeira offensa, que merecia castigada; pois logo que ElRey sinceramente se fiou da sua amizade, começáraõ a enganallo; e que além desta exorbitancia, senaõ contentáraõ de assaltar, e render Angola, e S. Thomé, porém que cavilosamente, e com trato dobre tomáraõ o Maranhaõ; fazendo-se senhores dos mesmos que os receberaõ como amigos: que dissimular tantas queixas, era manifestarmos a debilidade das nossas forças, especulaçaõ com que ordinariamente se perdem os amigos, e se declaraõ mais depressa os inimigos encubertos, sendo só o receyo de igual damno, remora dos que exercitaõ o falso trato. ElRey, que como bom contraste avaliava os accidentes pelo que pezavaõ, e naõ pelo que luziaõ; foy de opiniaõ contraria, ponderando, que romper a guerra com os Holandezes em Europa naõ remediava os damnos do Brasil, e punha em contingencia o senhorio de Portugal: porque os Holandezes, offerecendo a sua Armada ao nosso soccorro, desvaneciaõ os intentos, que os Castelhanos

Discursos sobre se deter a Armada de Holanda.

lhanos podiaõ ter de fazer guerra a Portugal por mar, e por terra, impulso que difficultosamente podiamos resistir, e que declarando os Holandezes por inimigos, naõ só nos faltava este soccorro, mas que arriscavamos todo o poder que tinhamos no mar, a que os Holandezes eraõ com muitas ventagens superiores: que a estas razoens se accrescentavaõ outras muito forçosas, sendo a mais principal vir a Armada de Holanda a ajudarnos debaixo da fe publica, sacrosanta em todos os accidentes; que naõ podiamos achar pretexto para a violar, como os Holandezes descobrîraõ nas capitulaçoens, para occuparem o que conquistáraõ dentro dos quatro mezes, que tomáraõ de prazo para se publicar a paz no Brasil: e que se tratassemos taõ mal os hospedes, que justamente duvidariaõ de nos soccorrer os Principes aliados. Tomada esta resoluçaõ, ficou facil ao Almirante de Holanda persuadir a ElRey, que lhe concedesse huma instancia que lhe fez, destreza que fabricou para se livrar do damno que temia. Dizia a proposta, que ElRey unisse com a Armada de Holanda huma de onze navios, que estava apparelhada para hir na Primavera em soccorro da Ilha Terceira, (de que ElRey havia feito General Tristaõ de Mendoça, depondo com pouca causa a Antonio Telles deste exercicio) e unidas as Armadas, aguardariaõ a frota de Indias de Castella, com bem fundadas esperanças de conseguir grande progresso. Persuadido ElRey desta enganosa proposta, deu ordem a Tristaõ de Mendoça, para que desse á véla a lograr este intento, e despedio o Almirante de Holanda, e os seus Capitães, dando a todos joyas, cadeas, e medalhas com o seu retrato: tomando o conselho errado de dar graças por aggravos, de que costumaõ usar os dependentes de menor esféra. Sahio a Armada de Holanda a seis de Janeiro, e a nossa o dia seguinte, menos tres navios, a que faltou o vento, que depois sobejou a todos. Querendo Tristaõ de Mendoça incorporalos com os mais se fez na volta da terra; unidos estes, e tendo só navegado 40. leguas, levantouse o vento, engrossáraõ as nuvens, alteouse o mar, e cerrouse a noite. A Armada dos Holandezes tanto que sahio da barra,

Anno 1642

Resolve ElRey naõ impedir a Armada.

Sahe Tristaõ de Mendoça com a nossa Armada, e a de Holanda.

Apartase a de Holanda contra a promessa.

Barra, navegou em popa para Holanda, trocando o Almirante o concerto ajustado pela infidelidade prevenida. Naõ tem a fortuna de ser Principe mayor desgraça, que serlhe preciso dissimular offensas por lhe faltar poder para castigalas: porém o Mestre da politica naõ compoz o livro do Duelo, e assim vem a julgar o Mundo nos Principes: como prudencia, o mesmo que nos particulares he discredito. Chegou a Armada de Holanda aos seus portos sem perigo da tempestade, que furiosamente combateu os nossos navios. Creceu o vento, e encheolhe as vélas: mas querendo que levassem mais do que podiaõ, as da Capitania, e Almiranta rebentáraõ, sem lhes valer a prevençaõ dos Pilotos, que haviaõ mandado prendelas para lhes escusar o desafio. Padecéraõ os mastros a contenda das vélas, e sentíraõ os navios o damno dos mastros: viaõse attacados do Mar, e do vento pela frente, e pelo fundo, e experimentavaõ penetrado o centro do impulso da agua, sem poder resistir á disposiçaõ com que foraõ formados, nem prevalecer o soccorro dos braços, que meneavaõ as bombas, como armas defensivas. Outro Mar lançavaõ ao Mar as Nuvens, e dobrandose ao Mar o poder, furiosamente sepultava os navios, eno mesmo instante os levava ao Ceo, naõ querendo salvalos: caso onde só se encontraõ estes termos incompativeis. Conjurados os Elementos cada hum delles pertendia ostentar o seu poder; o vento, incentivo da guerra, intentava lograr a victoria, de que a agua por ser no proprio paiz se queria fazer senhora; os Relampagos, rompendo o Ar, publicavaõ com as vozer dos Trovoens ser o fogo o mais poderoso; a Terra esperava triunfar dos despojos da batalha, vencendo com a reserva: porém naõ lográraõ os Elementos a interpreza de noite, porque os navios resistíraõ até chegar o dia, mas tendo ganhado o Sol, melhoráraõ o partido, confundiraõlhe as Nuvens a luz, e roubava a nevoa a vista, com que pudera o dia coroarse tambem por noite. Na afflicçaõ de contender com tantos, e taõ poderosos inimigos, passavaõ os afflitos navegantes de hum perigo a outro perigo, e de hum cuidado a outro cuidado: rompiaõ os clamores

Anno 1641.

Tormenta da nossa Armada.

o Ar, e abriaõ os votos o Ceo, que nunca Deos he taõ buſcado, como quando he muito temido. Todos queriaõ mandar, e nenhum acertava a obedecer, e nem o preceito era ſoccorro, nem o acerto remedio: ja todas as velas em divididos pedaços eraõ triunfo do vento, e ja todas as cordas em deſbaratada confuſaõ, eraõ deſpojo das ondas: faltava aos maſtros de todo a força, e aos lemes totalmente o governo, ſó as taboas por unidas faziaõ mayor reſiſtencia. A Capitania buſcou o Sul por amparo, e achando daquella parte o vento oppoſto, depois de tentar varios rumos voltou á terra, que eſperava Triſtaõ de Mendoça, aberta a ſepultura. Lançou huma ancora defronte da praya da Albofeira, ſete leguas da barra de Lisboa, e vendo que naõ ceſſava o temporal, mandou cortar o maſtro grande, por experimentar ſe amainava a furia do vento com eſte tributo: porém reconhecendo que era mayor o empenho, lhe ſacrificou cegamente a vida, e a de ſeu filho Henrique de Mendoça, D. Sebaſtiaõ de Vaſconſelos, que ſervia o poſto de Meſtre de Campo, D. Diogo de Portugal, Ruy Telles de Menezes, Capitaens de Infantaria. Com eſtes fidalgos, o Piloto, e alguns marinheiros, ſe meteo Triſtaõ de Mendoça no batel do ſeu navio, contra a opiniaõ dos que ficáraõ, proteſtando, que o naõ largaſſe. Pareceolhe inveja eſta advertencia, e ſem fazer caſo della, ſahio o batel, ou tumulo deſtes fidalgos, a pelejar com poucas forças contra poderoſos inimigos, que as naõ haviaõ diminuido. Ao entrar no batel cahio ao mar Triſtaõ de Mendoça, livraraõ-no com grande trabalho, e naõ lhe deraõ muito eſpaço de vida, porque o batel antes de chegar a terra o ſepultaraõ as ondas, ſalvandoſe ſó o Piloto, e hum marinheiro. Parece naõ eſperava o vento mais que eſte ſacrificio, ſaltou á terra, e favoreceo o navio, lançando-o ao mar. Fez elle em breve eſpaço grande jornada, cerrouſe a noite, e ſentindo os navegantes, que ſe encoſtava a terra, ſe deraõ por perdidos: diſparáraõ algumas peças com taõ boa fortuna, que ſentindoſe o rumor dellas na Torre de S. Giaõ, levantou farol, julgáraõ eſta luz por Santelmo, antiga, e naõ

Anno 1642.

Perdeſe o batel com o General e ſalvaſe o navio.

Anno 1642.

averiguada confiança dos navegantes: buſcaraõ-na com novo valor, e com grande fortuna, e ao romper da manhaã deraõ fundo no rio de Lisboa. O Almirante Franciſco Duarte, pratico, e valeroſo, hia embarcado em S. Nicoláo, navio muito pezado, acodia pouco ao leme, e trabalhando muito com a força das ondas veyo a perdello. Quiz o Almirante remediar, com pipas ligadas, eſta falta; e naõ havendo quem ſe reſolveſſe a entrar no batel para as accommodar, o Almirante ſe meteo nelle, e trabalhando quanto lhe foy poſſivel, naõ pode conſeguir o que intentava. Aviſtou o navio a Lourinhaã, doze leguas da barra de Lisboa, e lançou ferro defronte de hum ſitio chamado Peralta. Reconhecendo o Almirante brevemente que a amarra ſe hia trincando, a mandou cortar de dia, por ſe naõ perder de noite; e naõ lhe faltando acordo para ſolicitar todos os remedios divinos, e humanos, depois de exhortar a todos, lembrandolhes o perigo em que eſtavaõ, a pedir a Deos perdaõ de ſuas culpas (porque até padecéraõ a deſgraça de naõ levarem no navio algum Sacerdote) fabricou jangadas, em que meteo ſoldados, e marinheiros. Salváraõſe 32, e perecéraõ 140: porque os mares repetidos, e os penedos inſuperaveis os fizeraõ em pedaços. O Almirante aguardou a que de todo ſe desfizeſſe o navio, dizendo (como repetîraõ os que ſe ſalvàraõ) que ſe acaſo ſahiſſe do naufragio com vida, naõ queria dar conta a ElRey mais que da ſua deſgraça: conſtancia digna de eterno louvor. Lançouſe ao mar na ultima taboa, que brevemente o levou a terra: eſperava o nella hum pedaço do navio, que tanta diligencia fizera por ſalvar, deolhe taõ grande golpe, que logo deſappareceo aos que de terra viaõ laſtimoſamente a ſua infelicidade. Os mais navios da Armada ſe ſalváraõ com grande trabalho em varios portos. Sentio ElRey eſta deſgraça, e pagou com muitos ſuffragios as finezas dos que morreraõ em ſeu ſerviço, fazendo juntamente varias mercês a ſeus herdeiros.

Perdeſe a Almiranta, e ſalvaõſe os mais navios.

HISTORIA

Anno 1642.



HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO

LIVRO VI.

SUMMARIO



ISPOEM Martim Affonſo de Mello a defenſa das Praças da Provincia de Alentejo. Varios ſucceſſos daquella Provincia. Elege ElRey por Governador das Armas de Alentejo ao Conde de Obidos: e paſſa Martim Affonſo a governar o Algarve. Succeſſos de Entre Douro, e Minho. Recontro de Rodrigo de Figueiredo em Tras os Montes. Elege ElRey por Governador das Armas da Beira a Fernaõ Telles de Menezes: Sujeita alguns Lugares de Caſtella, e em varios recontros alcança felices ſucceſſos. Importantes materias politicas. Manda ElRey ao Conde da Vidigueira por Embaixador de França, e a outros Mi-

Anno 1642.

nistros para as Cortes de Europa. Chama segunda vez o Reyno a Cortes. Assentase a contribuiçaõ. Propõemse a ElRey nas Cortes delictos do Secretario de Estado Francisco de Lucena: he preso na Torre de S. Giaõ. Successos do Brasil de que he Governador Antonio Telles da Silva. As Praças do Maranhaõ se começaõ a restaurar. Successos da India. Noticia das guerras de Alentejo. Ganha Joanne Mendes Telena Resolve ElRey passar a Evora, e sahe em Campanha o exercito que prevenio. Ganha o Conde de Obidos Valverde: sitia Badajoz, e levanta o sitio. Manda ElRey retiralo, e a Joanne Mendes de Vasconcellos. Fica governando o exercito Mathias de Albuquerque: ganha alguns Lugares, e a Praça de Villa nova del Fresno. Recolhese o exercito, e ElRey a Lisboa. Nasce o Infante D. Affonso. Governa o Conde de Castel-Melhor Entre Douro, e Minho: ganha Salvaterra, e fortifica-a. Sitia aquella Praça o Cardeal Spinola: defendea o Conde valerosamente, e consegue outras emprezas com felicidade.

A Fortuna que dava os golpes, que neste tempo se experimentàraõ, descobria juntamente novos reparos, costumando sempre a jugar com os homens na taboa do mundo, baralhadas as desgraças, e as felicidades; porque igualmente maltratem, e utilizem os azares, e as sortes. A tormenta que ao marinheiro he naufragio, ao lavrador he bonança; a guerra que ao paizano he castigo, ao soldado he remedio: e muitas vezes na mesma tormenta se salva o marinheiro, e se perde o lavrador; e a mesma guerra he para o paizano prosperidade, e para o soldado sepultura: porque o Reino da fortuna he a mudança, o Cetro a inconstancia, a Coroa a instabilidade, e dos successos passados, e dos que adiante referiremos constará com evidencia a prova destas variedades. Continuava

tinuava Martim Affonſo de Mello o governo das Armas da Provincia de Alentejo, fazendo a guerra aos Caſtelhanos, mais como conquiſtador, que como conquiſtado, e cada dia ſe melhoravaõ com o exercicio nos Miniſtros da Corte as diſpoſiçoens, e nos ſoldados a diſciplina. Foy cedendo o rigor do Inverno ao ſocego da Primavera, e os homens, que ſendo compoſtos dos elementos, variaõ de ſorte os preceitos da natureza, que deſtinaõ para a guerra o meſmo tempo, em que os elementos coſtumaõ fazer pazes, deraõ principio a novas emprezas. Com menos miudeza, que no primeiro anno da guerra, eſcreveremos as que forem de pouca importancia; porque nos grandes edificios naõ ſaõ da meſma ſubſtancia os materiaes dos alicerſes, que os dos capiteis: porém ajuſtaõſe de ſorte os fundamentos, que ſirvaõ para ſegurança de grande machina; porque no acerto do perfil conſiſte a perfeiçaõ da pintura. Para explicar os homens, moſtrar as Praças, e enſinar os ſitios da Campanha eſpecifiquey até agora as mais pequenas circunſtancias; porque com eſta luz ficaſſem claras todas as materias, que ſe ſeguem: daqui por diante, ſem ficar acçaõ que naõ ſeja explicada, as reſumirey quando me for poſſivel, guardando as diſtincçoens para as mayores emprezas, porque neſtas deleita a eſpeculaçaõ, aſſim como enfaſtia nos ſucceſſos de pouca importancia. Creſciaõ na Provincia de Alentejo os Terços, e Tropas a mayor numero de ſoldados com os ſoccorros de Holanda, e com as novas levas, que ElRey mandava remeter àquella Provincia. Regularmente repartia Martim Affonſo de Mello por todas as Praças a gente, que chegava de novo, engroſſando o mais que lhe era poſſivel as guarniçoens de Elvas, Olivença, e Campo mayor, porque ſendo pouca a diſtancia, que ha entre eſtas Praças, ſe uniaõ facilmente as Tropas de todas, diſpoſiçaõ que refreava as entradas, que os Caſtelhanos faziaõ em continuo prejuizo dos gados dos lavradores, primeira cauſa em todo o diſcurſo da guerra dos encontros da Campanha, nos mezes, em que naõ campeavaõ os exercitos, e que adiantava muito o noſſo partido, ſendo a melhor remonta

Anno 1642.

Diſpoſiçoens militares de Martim Affonſo de Mello.

Anno 1642.

ta que conseguiaõ as Tropas de Alentejo, os cavallos que os Castelhanos deixavaõ em Portugal. O Mestre de Campo General D. Joaõ de Garay continuava o governo das Armas do exercito de Castella; que se achava muito diminuido, depois de se desvanecer o intento, para que o Conde de Olivares em tempo do Conde de Monte-Rey, o havia formado: porém o numero da Cavallaria era taõ superior ao das nossas Tropas, que para defender a Provincia, era necessario que o valor dos nossos soldados prevalecesse contra o excesso dos Castelhanos, e superando elles em todas as occasioens esta difficuldade, ficaraõ mais gloriosos os progressos que conseguimos. Deu principio aos deste anno o Mestre de Campo Ayres de Saldanha: constoulhe que alguns Castelhanos de Albuquerque vinhaõ pescar aos rios Xebora, e Botova, que dividem de Castella o contorno de Campo mayor, e que continuavaõ este divertimento, na confiança de haverem crescido as aguas dos rios com as do Inverno. Determinou Ayres de Saldanha valerse deste descuido, mandou ao Capitaõ Andre de Albuquerque por Cabo de cem Infantes, e cincoenta Cavallos, com ordem que atacasse os que pescavaõ com poucos Cavallos, e que destramente deixasse fugir alguns delles, para que dando rebate em Albuquerque pudesse desbaratar a gente que daquella Praça viesse de soccorro. Correspondeo o effeito á disposiçaõ; foraõ atacados por dez Cavallos os que pescavaõ, ficáraõ prisioneiros sete, os outtros se retiráraõ a Albuquerque, duas leguas distante. Acodíraõ ao rebate cincoenta Cavallos, e outros tantos Infantes, que facilmente foraõ desbaratados, escapando só do perigo alguns, que naõ quizeraõ chegar a alle. Teve D. Joaõ de Garay esta noticia, e solicitou mayor vingança: com 400. Infantes, e 400. Cavallos mandou interprender o Castello de Ouguella, duas leguas distante de Albuquerque, huma de Campo mayor. Era o Castello pequeno, mas em bom sitio; o lugar de 200. visinhos: estavaõ no Castello duas Companhias governadas pelo Capitaõ Manoel Homem Pereira. Avançáraõ os Castelhanos guiados por Francisco Portilho, que havia assistido em

Recontro do Capitaõ Andre de Albuquerque.

Ou-

Ouguella: foraõ rechaçados, deixando alguns soldados mortos, e levando outros feridos. Ayres de Saldanha, ouvindo em Campo Mayor o rebate; acodio logo a elle; mas quando chegou a Ouguella, já os Castelhanos se haviaõ retirado. Passados alguns dias corréraõ elles a Campanha de Mouraõ com 600. cavallos. Desta inferencia, e de outras noticias entendeo Francisco de Mendoça, que intentavaõ atacar aquella Praça, avisou a Martim Affonso de Mello, mandou promptamente soccorrello, e tornando os Castelhanos a repetir a entranda, lhe tirou a preza o Capitaõ de Cavallos D. Henrique Henriques, e lhe tomou alguns cavallos, quando passavaõ Guadiana. Martim Affonso de Mello desejando trocar os prisioneiros, que havia de huma, e outra parte, propoz este ajustamento em hum bolantim a D. Joaõ de Garay: naõ admittio elle a proposta, e respondeo, que promettia dar liberdade aos Castelhanos que estavaõ em Elvas. Sahiaõ estes a trabalhar no forte de Santa Luzia, a que entaõ se dava principio, fabricando-se em huma eminencia visinha á porta de Olivença, parte que olha a Badajoz. Teve D. Joaõ de Garay esta noticia, intentou satisfazer a promessa que havia feito, tirando os prisioneiros que continuavaõ aquelle trabalho. Era a empreza difficil, porém discursando D. Joaõ de Garay, que podia resultar do intento colher nos Olivaes de Elvas a Guarniçaõ que costumava sahir aos rebates, se arrojou a executallo. Elegeo para marchar huma noite tempestuosa, cahio esta em dous de Março, mandon hum Capitaõ com cincoenta Cavallos guiado por hum soldado pratico, que se emboscasse no outeiro do Bayaõ, que fica entre os Olivaes, visinho ao forte de Santa Luzia, promettendolhe, que lhe daria calor com 2500 Infantes, e 1500 Cavallos, que formaria em hum sitio, chamado o Paço do Conselho, menos de huma legua de Elvas. Executouse toda esta disposiçaõ; e entráraõ os cincoenta Cavallos sem os sentirem as sentinellas, que costumavaõ ficar sobre os portos de Caya, prevençaõ, que bastava para livrar de cuidado, e de perigo, em quanto Guadiana crescido com as aguas do Inverno se naõ vadeava, se

Anno 1642.

Retiraõ-se os Castelhanos de Ouguella.

Varios successos.

Disposiçoens de D. Joaõ de Garay para tirar os prisioneiros.

Anno 1642.

as sentinellas naõ trocáraõ pelo abrigo das choupanas, a vigilancia a que se obrigáraõ, como esta noite fizeraõ; sendo na guerra semelhantes descuidos occasiaõ de mayores desgraças. Amanheceo, abriraõse as portas de Elvas, sahio a gente da Cidade, avançáraõ os cincoenta Cavallos ate o forte de Santa Luzia, e desencontrandose com os Castelhanos, que costumavaõ vir ao trabalho, o que era muito factivel, fizeraõ alguns paizanos prisioneiros, e preza no gado que encontráraõ. Tocáraõ arma as sentinellas da muralha, avisou o sino do rebate aos que estavaõ levantados, e acordou os que dormiaõ; o repente multiplicou a confusaõ, o embaraço a desordem com que se costumava sahir de Elvas aos rebates antes de chegar o desengano, de que os Olivaes naõ eraõ impenetraveis. Montou a cavallo Martim Affonso de Mello acompanhado de alguns Officiaes de Ordens, mandou sahir a Infantaria que foy encontrando, e sem aguardar a que ficava, nem dar muniçoens á que mandava marchar, sem haverem montado as Tropas, e estando os Olivaes por descobrir, marchou pela estrada principal com a Companhia de Infantaria de Joaõ Ribeiro Correa, a que seguiaõ quatro Tropas Holandezas (que haviaõ chegado a Estremôs) e ordenou ao Capitaõ de Infantaria Luiz Pereira de Sá, que com a sua Companhia marchasse á maõ esquerda da estrada por onde elle caminhava, e deixou ordem na porta de Olivença o seguissem as Tropas, e Terços que fossem saindo, e que no forte de Santa Luzia se metessem duas peças de artilharia. Pouco havia marchado, quando recebeo huma carga de seis Tropas do inimigo avançadas a dar calor aos cincoenta Cavallos. Naõ querendo os Holandezes aguardar segunda, voltáraõ as costas. A Companhia de Joaõ Ribeiro Correa recebeo todo o damno, morreraõ parte dos soldados, os outros ficaraõ feridos, e só o Capitaõ escapou com pouco credito. Martim Affonso de Mello intentou que o cavallo o livrasse do perigo: porém a terra com a chuva estava taõ pezada, que com grande trabalho, e mayor fortuna o poz em salvo, escapando de muitas ballas que o seguîraõ: tiveraõ o mesmo successo os Officiaes que acom-

Rebate em Elvas.

Sahe Martim Affonso com pouca ordem.

Retira-se o Governador das Armas com perigo.

acompanhavaõ a Martim Affonſo. Dom Manoel de Souſa vinha marchando pela meſma eſtrada com a ſua Companhia, mas ſalvou-a, tendo tempo para melhorar de ſitio: a de Luiz Pereira de Sá accodio ao rumor dos tiros, e dando de roſto com o inimigo, occupou huma tapada; avançáraõ os Caſtelhanos, chamando hum Capitaõ de Cavallos por Luiz Pereira; reſpondeo-lhe com huma carga, retiraraõ-ſe elles, e foraõ formarſe ao outeiro de Bayaõ. Os Meſtres de Campo D. Joaõ da Coſta, D. Joaõ de Souſa, e D. Miguel de Azevedo (os dous occupados novamente neſte poſto) quando os Caſtelhanos avançáraõ, eſtavaõ formando a Infantaria, e D. Rodrigo de Caſtro as Tropas: as acodíraõ promptamente, e avançando D. Rodrigo com Tropas, e algumas mangas de moſqueteiros, deſalojou as ſeis inimigas que eſtavaõ no outeiro do Bayaõ: foraõ eſtas incorporarſe com a mais gente, que ſe havia formado fóra dos Olivaes, e depois de D. Joaõ de Garay preſiſtir até a tarde neſte ſitio ſe retirou para Badajoz. Acompanhou-o neſta occaſiaõ D. Luiz de Alencaſtre, que havia chegado áquelle exercito com o poſto de General da artilharia, e trouxe a eſta facçaõ tres peças de Campanha: durou pouco neſte exercicio, naõ podendo muito tempo com o peſo de offender a Patria, Idolo que a Natureza com mais reverencia venera. Recolheoſe a noſſa gente com a liçaõ da cautela, que a infelicidade coſtuma enſinar. De huma, e outra parte ſe alternavaõ as empreſas, ſendo humas vingança de outras. Martim Affonſo de Mello, ainda que havia conhecido o falſo trato de Antonio Mexia Capitaõ da ordenança de Campo Mayor, havendo elle pertendido juſtificar com varias provas a ſua innocencia, tolerava a communicaçaõ de Antonio Mexia com D. Guilherme de Burgo Irlandez, que governava Albuquerque. Aires de Saldanha, dandolhe cuidado as muitas evidencias que calumniavaõ Antonio Mexia, determinou apurar o ſeu procedimento. Coſtumava elle diſſimular a negoceaçaõ com que enganava ambas as partes, levando com grande utilidade fazendas, que trocava por outras de Caſtella: eſte trato ſe celebrava em hum

Anno 1642.

Retiraſe D. Joaõ de Garay.

ſitio

Anno 1642.

ſitio entre Campo Mayor, e Albuquerque, e a conferir com Antonio Mexia vinha diſſimulado D. Guilherme com duas tropas que moſtravaõ ſer ſegurança das mercadorias. Querendo Antonio Mexia acreditar a ſua fidelidade, ſegurou a Ayres de Saldanha entragarlhe a Dom Guilherme, e as duas tropas. Ayres de Saldanha, com permiſſaõ de Martim Affonſo aceitou a offerta, e levando Antoni o Mexia com attençaõ, e ſegurança, marchou ao ſitio a coſtumado das conferencias com 400. cavallos de Elvas, e Campo Mayor, e 500. Infantes: porém naõ apparecendo nem as tropas, nem D. Guilherme, prendeo Antonio Mexia; remetteu-o a Martim Affonſo, que o mandou a Lisboa, e pagou morrendo no Limoeiro a falſidade do ſeu procedimento. Ayres de Saldanha correu a Campanha de Villar delRey, e ſahindo duas tropas a embaraçarlhe a preſa, que trazia as carregou até dentro da Villa, e lhes tomou alguns cavallos. Neſtes meſmos dias entráraõ os Caſtelhanos com ſeis tropas pelos campos de Moura: fizeraõ preſa em quantidade de gado, que levavaõ com gtande ſentimento dos lavradores. Eſtimulado deſtas queixas Dom Henrique Henriquez, ſahio de Moura com 60. cavallos, que dividio em duas tropas, dando huma ao ſeu Tenente, aviſtou com ellas o inimigo duas leguas de Moura, carregou a retaguarda o tempo que baſtou para deter a marcha até chegarem 50. moſqueteiros, que havia mandado tirar de Santo Aleixo, e C,afra; tanto que chegáraõ, unindo-os ás tropas, obrigou aos Caſtelhanos a que largaſſem algum do gado que levavaõ, naõ deixando nunca de continuar a marcha: porém D. Henrique os fez dilatar de ſorte, que reſolvendoſe os Caſtelhanos a pelejar, foy a tempo que teve D. Henrique noticia, de que chegava a incorporarſe com elle o Ajudante Joaõ Ribeiro Viila Franca com cem moſqueteiros, de 400. com que havia ſahido de Moura o Sargento Mór Filippe de Mattos Cotrim. por ordem do Alcaide Mór Luiz da Silva, a ſe incorporar com D. Henrique. Com a noticia deſte ſoccorro inveſtio elle valeroſamente as ſeis tropas, cahiraõ das cargas mortos alguns Caſtelhanos, amedrontados os mais voltáraõ as coſ-

Priſaõ, e morte de Antonio Mexia.

Desbarata D. Henrique Henriquez os Caſtelhanos, e tiralhe a preſa.

cóſtas. Seguiolhes D. Henrique o alcance até paſſarem a Ribeira da Chança, cinco leguas de Moura; deixáraõ toda a preza, e 40. cavallos, e ficou a reſoluçaõ de D. Henrique com merecido applauſo. Poucos dias depois deſte ſucceſſo, chegou de Lisboa a Moura D. Franciſco de Souſa, e deſejando accreſcentar a ſua opiniaõ com alguma facçaõ importante, ſe reſolveo a interprender a Villa de Arouche. Dava confiança para ſe conſeguir eſte intento o deſcuido dos moradores; porque além de ficarem nove leguas de Moura, os caminhos por onde podiaõ inveſtillos eraõ os mais aſperos de Cerra Morena, e ainda vencido eſte embaraço, como o poder naõ era proporcionado á empreza, podia contarſe a reſoluçaõ por temeridade. Superando eſtas difficuldades, juntou D. Franciſco 1500 Infantes pagos, e paizanos, e 60 Cavallos da Tropa de D. Henrique Henriques, e marchou a atacar Arouche: fez alto algumas horas em o lugar do Ficalho; porque a aſpereza do caminho tinha quebrantado muito a Infantaria: faltoulhe eſte tempo para chegar ás horas deſtinadas, que era ao amanhecer, e para ſer a marcha occulta, tendo o inimigo noticia della muito anticipadamente, o que conſtou a D. Franciſco: mas parecendo-lhe que devia preferir o empenho ao perigo, fez continuar a marcha, ainda que alguns Officiaes lhe aconſelhavaõ que deſiſtiſſe da empreza: chegou á Villa com huma hora de dia, achou que era murada; e que dentro havia hum Caſtello impoſſivel de conquiſtar ſem mayor poder, que a Villa teria quinhentos viſinhos, e que todos com algumas Companhias pagas eſtavaõ preparados para a defenſa: porém como naõ era tempo de tomar conſelho, mais que com a execuçaõ, dividio a Infantaria, e a D. Henrique Henriques mandou accupar as eſtradas por onde podia vir ſoccorro á Villa. Tocáraõ a inveſtir as trombetas, e caixas: obedecèraõ os Capitães, e ſoldados todos a hum tempo, e naõ valendo aos defenſores a reſiſtencia, por entre muitas ballas entráraõ o arrabalde: porém querendo com mais preſſa do que era conveniente, ſatisfazerſe do trabalho com o deſpojo, foy conſequencia deſte deſacerto a confuſaõ, e deſordem:

Anno 1642.

Attaca D. Franciſco de Souſa a Villa de Arouche.

ordem: obſervou-a D. Franciſco de Souſa, e por ſenaõ expor a algum perigo, mandou tocar a recolher; todos obedecèraõ, retirando cinco ſoldados feridos: logo ſe puzeraõ em marcha, e levando grande deſpojo, e preza, chegáraõ a Moura ſem achar contradiçaõ no caminho.

Anno 1642.

Neſtes dias havia Ayres de Saldanha mandado varias vezes a Caſtella partidas groſſas, que ſe recolhèraõ com muitos cavallos, com que as Tropas ſe engroſſavaõ, animando-ſe a mayores emprezas. Havia chegado de Lisboa Franciſco de Mello Monteiro mór com o poſto de General da Cavallaria, eſperando ElRey, que o ſeu valor ſuppriſſe a pouca experiencia que tinha deſte exercicio: Martim Affonſo de Mello querendo hoſpedallo com alguma empreza, intentou ganhar a Codiceira, lugar entre Albuquerque, e Arronches, duas leguas diſtante deſta Praça, preſidiado com huma Companhia de Infantaria, e onde eſtava aquartelada outra de Cavallos. As prevençoens que Martim Affonſo mandou fazer para a jornada, naõ foraõ occultas aos Caſtelhanos, dando noticia dellas hum morador de Campo mayor, que fugio para Badajoz: mas naõ ſabendo elle qual foſſe a empreza, reſultou ſó deſte aviſo chamar D. Joaõ de Garay algumas Tropas a Badajoz. Teve Martim Affonſo de Mello noticia deſte movimento; porém mandando tomar lingua, e averiguando que era ſó prevençaõ, e que naõ paſſava de Badajoz, continuou o intento da empreza, entendendo que primeiro poderia executalla, que o inimigo prevenirlhe o damno. A 25 de Abril ſe poz em marcha, ſocegado o rumor que fizeraõ algumas Tropas Holandezas, naõ querendo marchar ſem lhes pagarem quatro mezes, que ſe lhes deviaõ, que logo ſe lhes ſatisfizeraõ. Levava Martim Affonſo 1800 Infantes, 500 Cavallos, e duas peças de artilharia de Campanha: o dia que marchou foy taõ tempeſtuoſo, que com difficuldade chegou a Arronches; o ſeguinte á tarde partio para a Codiceira: porém a dilaçaõ de paſſar a gente as ribeiras, foy de qualidade, que amanheceo antes de aviſtarem o lugar. Chegados a elle dividìraõ a Infantaria,

Chega o Monteiro mór General da Cavallaria.

Marcha Martim Affonſo á Codiceira.

diſpon-

dispondo-a para o assalto os Mestres de Campo D. Joaõ de Sousa, e Ayres de Saldanha: arrojaraõ-se todos ás trincheiras, que facilmente levaraõ, porque as duas companhias, e os moradores se recolheraõ para o Castello; alguns, que se retiraraõ á Igreja, se quizeraõ defender; mas quebradas as portas, as vidas de oito pagaraõ a ousadia. Intentouse sem effeito ganhar o Castello; porque as prevençoens naõ eraõ proporcionadas á resoluçaõ: saqueouse, e queimouse o lugar, e as tropas destruíraõ alguns pizoens, e casas do termo, de que a todos os soldados resultou utilidade: ficaraõ alguns feridos, entre elles o Tenente General da artilharia Paulo Vernol Italiano. O rigor do tempo naõ deo lugar a outras operaçóens que estavaõ dispostas: retirouse Martim Affonso de Mello para Estremós, as tropas, e Infantaria a seus quarteis.

Anno 1642.

Ganhase o lugar da Codiceira.

Poucos dias depois desta jornada, sahio de Castello de Vide o Mestre de Campo D. Nuno Mascarenhas com 500. Infantes, e 60 cavallos, a queimar o lugar de San-Tiago, que era de 300 vizinhos: quando chegou a elle, naõ achou quem lhe resistisse a entrada; porque os moradores tendo noticia anticipadamente, e naõ sendo soccorridos dos lugares a que pediraõ gente para se defenderem, largáraõ o de Santiago, a que D. Nuno mandou pôr o fogo. Acodindo todos os paizanos daquelles contornos, occupáraõ hum mato com muito espesso, pelo qual era força haver de passar D. Nuno: conhecendo elle esta difficuldade invincivel, se retirou para Castello de Vide, naõ podendo passar a diante a executar mayores progressos. Quasi no mesmo tempo sahio de Moura D. Francisco de Sousa, e incorporandose com elle Manoel de Mello (q̃ estava em Serpa, e com quem havia ajustado a interpreza de Ensinasola) marcháraõ a executala com 1200 Infantes, e 100 Cavallos. Era a facçaõ de importáncia, pelo dáno q̃ de Ensinasola recebiaõ os nossos lugares; mas arriscada, por ter a Villa 400 visinhos, e duas companhias de Infantaria de guarniçaõ, estando tambem duas tropas aquarteladas nella; e juntamente por ter huma trincheira, que a rodeava, muito levantada, e hum Castello com grande capacidade para se defender. Vencidas, na

Queima D. Nuno Mascarenhas o lugar de Santiago.

consi-

consideraçaõ do valor dos nossos soldados, por D. Francisco de Sousa todas estas difficuldades, se poz em marcha dia de Mayo pela manhaã: fez alto á tarde, tres leguas da Villa, sendo a noite pequena, e o caminho aspero, por ficar Ensinasola na fralda de Serra Morena, amanheceo o dia seguinte, antes de chegarem á Villa: foraõ sentidos, e esperavaõ os Castelhanos com grande resoluçaõ, guarnecida a trincheira. Parecia investilla temeridade, mas he ley estabelecida entre os Portuguezes, que o perigo da vida, naõ atalhe os caminhos da honra. Dividio-se a Infantaria, para que os Castelhanos investidos por muitas partes, se desunissem, e se desanimassem. Correspondeo o effeito á resoluçaõ; porque atacadas velerosamente as trincheiras, as desamparáraõ os Castelhanos. Foraõ entradas com morte de muitos delles: porém os que se retiràraõ ao Castello, a seu salvo tomáraõ a vingança; porque ficando as ruas da Villa bem descortinadas, ferîraõ 80 soldados, e matáraõ 25. Procedéraõ com muito valor os Capitães Jeronymo de Moura, Ulderich Strech Holandez, Joaõ Laton Inglez, e outros. Manoel de Mello sahio ferido em hum braço, naõ se escusando dos mayores perigos: D. Francisco de Sousa accodio a todas as partes com muito valor, e prudencia, e vendo o damno que a Infantaria estava recebendo do Castello, mandou que se retirasse, ficando a Villa saqueada, e queimada. Vindo em marcha, carregàraõ a retaguarda as duas Tropas da Villa: investio-as D. Henrique Henriques, e obrigou-as a que se recolhessem ao amparo das muralhas do Castello. Continuou-se a marcha sem outro embaraço, e chegáraõ os soldados a Moura satisfeitos do despojo, que costuma ser hum dos melhores medicamentos das feridas, que recebem na guerra.

Anno 1642.

D. Francisco de Sousa attaca a Ensinasola.

D. Francisco de Sousa se retira, saqueada e queimada, a Villa.

Em quanto por todas âs partes se fazia em Alentejo guerra ás fronteiras de Castella, passou com licença del Rey Martim Affonso de Mello a Lisboa. Publicou-se, que naõ voltava a Alentejo, porque com a guerra começou naquella Provincia a desordem de se appetecer, e de se conseguir a mudança dos Governadores das Armas;

pade-

padecendo por esta causa o serviço delRey grande detrimento: porém Martim Affonso de Mello desvaneceo esta opiniaõ; porque tanto que fallou a ElRey, e lhe deu conta de varias queixas que tinha do Secretario de Estado Francisco de Lucena, que foy o principal motivo da sua jornada, logo voltou para Alentejo, ficando ElRey satisfeito do seu zelo, e bom procedimento. Em quanto esteve ausente, governou as Armas o Monteiro mór General da Cavallaria, e assistio em Elvas, onde chegou Martim Affonso a tempo, que o Monteiro mór havia passado a Olivença com as Tropas de Elvas, e Campo mayor, e encorporadas com as de Olivença, ajuntou 600 Cavallos, e 800 Infantes, governados pelo Sargento mór Joaõ Leite de Olivera: amanheceo emboscado junto de Alconchel, Villa distante tres leguas de Olivença, de que era senhor o Marquez de Castro forte D. Joaõ de Menezes Sotto Mayor: achava-se dentro della, e rodeava huma trincheira trezentos fogos de que se compunha. Mais defensavel era o Castello, porque se levantava junto da Villa huma eminencia em que estava situado, taõ aspera, que fazia o Castello capaz de resistir muitos dias a mayor poder: presidiavaõ-no duas Companhias de Infantaria, e 30 Cavallos. Naõ sendo o Monteiro mór sentido, sahiraõ os moradores a cultivar a campanha, investíraõ-nos as Tropas, fizeraõ-nos prisioneiros, e rodearaõ a Villa. Accodíraõ os Castelhanos á trincheira; porém como era baixa, e elles poucos, a entráraõ facilmente os nossos 800 Infantes. Recolheraõ-se os Castelhanos ao Castello, foy saqueada a Villa, e retirou-se o Monteiro mór para Olivença, ficando mortos em Alconchel o Capitaõ de Infantaria Manoel Nunes, e oito soldados. O dia seguinte amanheceo D. Joaõ de Garay junto a Olivença com 1000 Cavallos, e 200 Infantes: sahio o Monteiro mór com as Tropas, e Infantaria daquella Praça; travouse huma escaramuça, que custou as vidas a muitos de ambas as partes. O Monteiro mór mandou vir de Olivença duas peças de artilharia de Campanha: tanto que começáraõ a jugar, retirou o inimigo as suas Tropas, por naõ padecer damno sem utilidade.

Anno 1642.

Ganha o Monteiro mór a Villa de Alconchel.

Escaramuça em Olivença.

Anno 1642.

dade. Recolheo-se D. Joaõ de Garay a Badajoz, e mandou 200 Cavallos correr a Campanha de Campo mayor: acháraõ elles, por descuido das sentinellas, alguns segadores no campo, aos quaes impiamente tiráraõ as vidas. Accodia ao rebate Joaõ de Saldanha da Gamma com huma Tropa Holandeza: trazia ordem de Ayres de Saldanha para entreter os Castelhanos, até elle chegar com a Infantaria; porém os Holandezes, valendo-se do pretexto da falta de pagas, naõ quizeraõ pelejar, e deraõ lugar a que os Castelhanos se retirassem, levando comsigo tudo o que acháraõ na campanha. Passado este successo, chegou a Campo mayor hum Clerigo, dizendo, que vinha tratar do troco dos prisioneiros de ambas as partes, sendo o fim principal trazer duas cartas do Governador de Albuquerque; huma para Fernaõ Sanches natural de Campo mayor, que depois foy Capitaõ de Cavallos, outra para hum Castelhano chamado Braz Garcia, ambos valerosos soldados. Continhaõ as cartas persuaçoens para que lhe fizessem avisos importantes, offerecendo-lhes grandes premios: entregaraõ-nas elles a Ayres de Saldanha, que as remeteo logo a Martim Affonso de Mello. Ordenou elle que fingissem que se persuadiaõ, dizendo ao Governador de Albuquerque, que era necessario conferirem de rosto a rosto materia taõ importante. Assim o executáraõ os dous, respondendo por hum prisioneiro ás cartas que tiveraõ, e o dia que sinaláraõ para a conferencia, sahiraõ com 300 Cavallos a esperar o Governador de Albuquerque: porém naõ lhe chegando o aviso naõ fez a jornada, e ficou livre do perigo. Neste mesmo tempo havia intentado o Monteiro mór interprender a Villa de Almendral, mas saindo o Sol antes de chegar a ella, se retirou por Valverde, onde encontrou huma Companhia de Infantaria de Waloens, que degolou, em satisfaçaõ dos segadores de Campo mayor. Naõ logrando o Monteiro mór este intento, excutou outro: amanheceo sobre Chéles, lugar tres leguas de Olivença, presidiado por 250 Infantes, e 30 Cavallos: levava o Monteiro mór 500 Infantes, governados por D. Diogo de Menezes Capitaõ de Infantaria, que passando

Dãno em Campo mayor por naõ pelejarem os Olandezes.

ſando a Alentejo com o Conde do Vimioſo aſſentou pra- ça no Terço de D. Luiz de Portugal, e querendo ter noticia de todos os poſtos, antes de chegar ao de Capitaõ, foy Cabo de Eſquadra, Sargento, e Alferes: quando o Monteiro mór chegou de Lisboa, o levou de guarniçaõ para Olivença; e eſtimando nelle as muitas virtudes de que era dotado, lhe entregou eſte Troço de Infantaria. Eſtavaõ os Caſtelhanos prevenidos com noticia muito anticipada do intento do Monteiro mór, e tendo elle eſte aviſo naõ deſiſtio da empreza; mandou com as Tropas ganhar as eſtradas, para que os Caſtelhanos naõ foſſem ſoccorridos, e inveſtio D. Diogo de Menezes as trincheiras com tanta reſoluçaõ, que ſendo o primeiro que ſubio por ellas, ſeguido de todos os Officiaes, e ſoldados, matando, e ferindo os Caſtelhanos que encontravaõ, os obrigáraõ a ſe recolher em hum fortim, que novamente haviaõ fabricado. Tornou D. Diogo a formar a Infantaria com intento de inveſtir o fortim: porém entendendo o Monteiro mór, que a dilaçaõ podia ſer perigoſa; porque tendo os Caſtelhanos anticipada noticia daquella jornada, ſem falta teriaõ dado aviſo a D. Joaõ de Garay, que havia de marchar a ſoccorrellos; mandou pôr fogo ao lugar, e ſe retirou por Terena, huma legua de Chéles, e paſſando Guadiana della parte, ſe voltou para Olivença. Foy o diſcurſo acertado, porque D. Joaõ de Garay com o aviſo que teve dos Caſtelhanos de Chéles, marchou a ſoccorrelos com 1200 cavallos, e 300 Infantes, e chegou a Chéles poucas horas depois de partido o Monteiro mór: ſeguiu-o até Guadiana, e retirouſe, examinando que as noſſas tropas haviaõ paſſado o Rio. O Monteiro mór, deſejoſo de que os Caſtelhanos recebeſſem repetida moleſtia nos ſeus lugares, mandou ao Commiſſario Geral Gaſpar Pinto Peſtana com 300 Cavallos, e a D. Diogo de Menezes com 50 Moſqueteiros montados em mulas à Figueira de Vargas, lugar de 350 viſinhos, quatro leguas de Olivença: ao amanhecer chegáraõ ao lugar, entráraõ no facilmente, por naõ haverem ſido ſentidos, e retiráraõſe com grande preſa, deixando mortos alguns Caſtelhanos, que

Anno 1642.

Ganha o Monteiro mòr Chèles.

Caval aje Figueira de Vargas.

Anno 1642.

acodíraõ ao foccorro de fuas cafas. Retiráraõfe por Alconchel, aonde haviaõ chegado de comboy 350 Cavallos: tomàraõ os Caftelhanos lingua, e conftandolhe que eraõ fuperiores ao noffo poder, fe refolvéraõ a attarar a retaguarda das noffas tropas: occupou-a Xantrene Coronel Francez com 50 Cavallos, e foy entretendo grande efpaço aos Caftelhanos; porém carregando elles com mais calor, por naõ haver o Commiffario defiftido da marcha, conhecendo elle a caufa defta refoluçaõ, fez alto, ordenando que a preza fem fe deter paffaffe a Olivença. Acodio D. Diogo de Menezes á retaguarda das tropas, e fazendo defmontar os Mofqueteiros, deteve com repetidas cargas a deliberaçaõ dos Caftelhanos. Vendo elles a noffa Cavallaria canfada, e menos que a que levavaõ, fe refolveraõ a pelejar; mas a efte tempo ja o Commiffario havia formado as Tropas, e D. Diogo de Menezes a pé, diante dos feus foldados, lhes fazia valerofamente empregar todos os tiros: porèm naõ fora facil fahirem huns, e outros do perigo que os ameaçava, fe o Commiffario perfuadido por D. Diogo de Menezes naõ mandára pôr fogo às fementeiras, que eftavaõ difpoftas para arder, e achando o vento grande, e favoravel, por dar no rofto aos Caftelhanos, fe ateou de forte o fogo, e com tal brevidade, que naõ fó obrigou aos Caftelhanos a que fe retiraffem, naõ podendo vencer as chammas, e o fumo, mas abrazou mais de oito leguas de terra, de que recebéraõ todos os lugares vifinhos confideravel perda. O Commiffario continuou a marcha livre do perigo, deixando mortos oito foldados, e trazendo vinte feridos à cufta das vidas de 60 Caftelhanos. Poucos dias depois defte fucceffo teve noticia o Monteiro mór, que os Caftelhanos chamavaõ a Albuquerque as tropas dos quarteis; e perfuadindofe, que determinavaõ, entrando pela parte de Campo Mayor, celebrar em Portugal a fefta de Sãtiago orago militar dos Caftelhanos, que cahia em hum dos dias feguintes; querendo efpecular com mais fundamento efta idea, mandou Antonio Teixeira Capitaõ de Dragoens com 60 a tomar lingua a Badajoz, advertindolhe, que o Commiffario Geral fahiria com o refto das Tropas a darlhe calor,

Induftrias com que fe livraõ as Tropas do Commiffario.

lor, e faria alto em o sitio da Corchuela, mais de huma legua de Badajoz, e menos de tres de Olivença. Antonio Teixeira tanto que sahio o Sol, executando a ordem que levava, correo a campanha, e fez alguns paizanos prisioneiros, matando seis, que se quizeraõ defender em hum monte: tocou-se arma, sahiraõ duas Tropas de Badajoz, seguíraõ Antonio Teixeira, e entendendo elle que as metia na emboscada, errou o caminho da Corchuela, onde estava o Commissario, e veyo parar a Olivença sem receber damno. O Commissario cuidadoso da dilaçaõ de Antonio Teixeira mandou ao Coronel Bosiment com 40 Cavallos, que se adiantasse a procurar noticia de Antonio Teixeira. Pouco havia marchado, quando deu vista das duas Tropas que se vinhaõ retirando: investio-as, e rompendo-as, seguio os Castelhanos até a emboscada; mandou o Commissario avançar as Tropas de D. Rodrigo de Castro, e D. Joaõ de Attaide, que matando huns, fazendo prisioneiros outros, obrigaraõ aos mais a se retirarem a Telena. Sahiraõ de Badajoz cem Cavallos a dar calor ás duas Tropas: estes foraõ descubertos das sentinellas, que o Commissario havia avançado, e vendo que vinhaõ cahir na emboscada, colhendo dous batedores, sem serem vistos dos cem Cavallos, mandou ao Coronel Xantrene, e a D. Diogo de Menezes, que já era Capitaõ de Cavallos, que encubertos com as arvores marchassem sobre a maõ direita a cortar os Castelhanos, que vinhaõ marchando para aquella parte: executáraõ elles a ordem; porém descobrindo-se anticipadamente, deraõ lugar aos Castelhanos a voltarem as costas, antes de poderem ser cortados: seguiraõ-nos, e fazendo alguns prisioneiros, tornáraõ a encorporarse com o Commissario, e todos voltáraõ a Elvas com 50 cavallos dos Castelhanos. As Tropas que ficáraõ em Badajoz, sahiraõ ao rebate: mas naõ quizeraõ empenharse na contingencia do numero das nossas. Em todas as Praças de huma, e outra parte se repetiaõ as entradas, quasi com successos iguaes. Em Campo mayor naõ tiveraõ os Holandezes boa fortuna: foraõ 30 desmontados a Castella, depois de se lhes haver prohibido, por outras

Anno 1642

Desbarata o Commissario duas Tropas Castelhanas.

Anno 1642.

entradas, que haviaõ feito: mas prevalecendo com elles a ambiçaõ da pilhagem, entráraõ ſem licença pela parte de Montiio: foraõ ſentidos, e colhendo-os os Caſtelhanos a todos, quando eſperavaõ liberdade, mandou D. Joaõ de Garay enforcallos, exemplo, que foy muy util a huma, e outra parte. O Monteiro mór, informado de hum Caſtelhano, que de Villa Nova del Freſno paſſou para Mouraõ, foy com 250 Cavallos armar ás duas Tropas, que ſe aquartelavaõ em Villa Nova: porém naõ reſultou da diligencia grande effeito, porque naõ ſe diſpondo a emboſcada como convinha, cahiraõ ſó nella nove Caſtelhanos, que ficáraõ priſioneiros. Deſta jornada do Monteiro mór teve noticia D. Joaõ de Garay taõ anticipadamente, que ajuntando 1200 Cavallos, ſe poz em marcha para Villa Nova, a tempo que lhe veyo recado, que as Tropas de Campo mayor levavaõ todo o gado da Villa da Povoa. Achava-ſe com póder para aſſiſtir a ambas as partes, mandou a eſta 600 Cavallos, e com outros 600 marchou para Villa Nova. Em Alconchel achou aviſó, que o Monteiro mór ſe havia retirado, e voltou ſe para Badajoz. Os outros 600 Cavallos, antes de chegar á Povoa, ſouberaõ que com pouca diſtancia marchavaõ as Tropas de Campo mayor, levando o gado de todo aquelle diſtricto: Conſtavaõ as Tropas de 160 Cavallos, de que era Cabo Joaõ de Saldanha da Gâma, que em auſencia de Ayres de Saldânha governava Campo Mayor. Sahio a fazer eſta preza na fé de haverem marchado as Tropas para Villa Nova, como havia tido noticia, porque de outra ſórte ſe naõ reſolvéra a empenharſe, ficando a Povoa cinco leguas de Campo Mayor, cuberta com as mayores Praças dos Caſtelhanos: porém uſando da cautella conveniente deixou huma partida ſobre Badajoz, que o aviſou do grande poder com que o inimigo vinha a buſcallo. Conhecendo elle o perigo a que eſtava expoſto, deſpedio promptamente aviſo ao Sargento mór Manoel da Silva Peixoto, que havia ficado governando Campo Mayor, para que ſahiſſe a ſoccorrello com a Infantaria daquella Praça, e que logo lhe mandaſſe 40 Cavallos, que haviaõ ficado nella. Obedeceo

Manda enforcar D. Joaõ de Garay trinta Holandezes.

receo o Sargento mór, e adiantáraõ-ſe os 40 Cavallos á ordem de Fernaõ Rodrigues Galvaõ Capitaõ da Ordenança. Encontrou Joaõ de Saldanha, quando ſahia dos matos de Xevora, huma legua de Campo Mayor, e reconhecendo que o inimigo ſe adiantava de ſorte, que ſem duvida o romperia antes de chegar a Campo Mayor, largou a preza de gado miudo, e com a outra ſe ſalvou em Ouguella, que lhe ficava menos diſtante: porém naõ deixára de padecer grande eſtrago, ſe Fernaõ Rodrigues que deixou na retaguarda com os 40 Cavallos naõ entretivera com tanto valor, e deſtreza os batedores do inimigo, que naõ tiveraõ lugar de ſe baralharem, e deterem as noſſas Tropas. Fernaõ Rodrigues ſem damno algum ſe recolheo a Campo Mayor: fizeraõ os Caſtelhanos alto, e ao meſmo tempo deraõ viſta da Infantaria, que vinha entrando em huma deveza pouco diſtante de Campo Mayor. Naõ dilatáraõ a reſoluçaõ de avançalla; porem o Sargento mór, que a governava, tendo tempo de ſe valer de huma tapada, e do amparo das arvores, ficou formado em ſitio taõ ſeguro, que depois dos Caſtelhanos deixarem mortos na campanha 40 ſoldados, ſe retiraraõ ſem outro effeito para Badajoz, e o Sargento mór com a Infantaria para Campo Mayor. Paſſados poucos dias degoláraõ cem Cavallos de Valença duas Companhias de Infantaria de Caſtello de Vide por culpa dos Capitães, que fiados na aſpereza daquelle ſitio marchavaõ com pouca cautella. Tornaraõ de Valença a entrar os Caſtelhanos com 400 Cavallos, e 50 Moſqueteiros, mas ſendo ſentidos, quando chegavaõ a Ferreira, das ſentinellas que os paizanos daquelles lugares coſtumavaõ a pôr nas ſerras viſinhas, aviſáraõ os moradores da Povoa das Meadas, os quaes vendo que naõ podiaõ defenderſe, deſamparáraõ o lugar. Entráraõ nelle os Caſtelhanos a ſer teſtimunhas da valeroſa reſoluçaõ de Joaõ de Almeida Alferes da Ordenança da Companhia de Toloſa. Havia-ſe retirado ſem levar comſigo a bandeira, porque o rebate repentino foy origem do deſcuido de deixála: eſtando diſtante do lugar, e os Caſtelhanos entrados nelle, cahio neſ-

Anno 1642.

Salvaſe em Ouguella Joaõ de Saldanha.

Degolaõ os Caſtelhanos duas Companhias.

Anno 1642.

te erro; e ainda que achava a vida ſegura, como o naõ eſtava a ſeu parecer a opiniaõ, procurou o remedio, que ſó a honra coſtuma buſcar no perigo: entrou o lugar, e achando a bandeira ainda no corpo da guarda pegou nella, e ao meſmo tempo o inveſtíraõ alguns Caſtelhanos: foy-ſe retirando, e defendendo até hum lugar, onde havia deixado o cavallo em que vivera; montou nelle com duas feridas, deixando-as ſatisfeitas na vida de hum Caſtelhano, e ſem embaraço dos mais que o ſeguiaõ, ſalvou a bandeira, e a vida, e immortalizou a ſua memoria. Retiráraõſe os Caſtelhanos, e tendo D. Nuno Maſcarenhas aviſo deſta entrada, acodio com 200 Infantes, e temerariamente ſe reſolveo a occupar o Porto dos Cavalleiros, hum dos do Rio Sever, que corre entre Caſtello de Vide, e Valença: quando chegou, achou algumas Tropas do inimigo ainda deſta parte: occupou hum alto inexpunavel, fez dar aos Infantes repetidas cargas, a que alguns Caſtelhanos rendéraõ as vidas. Entrou o mez de Outubro, e com o Outono a mudança do governo das Armas da Provincia de Alentejo. Martim Affonſo de Mello continuava a aſſiſtencia de Eſtremós, havendo deixado Elvas contra o parecer de ſeus amigos, e dependentes, de que reſultava a murmuraçaõ dos que o naõ eraõ. Arguiaõ-no juntamente ſeus inimigos de aſpero com os pertendentes, pouco pratico na guerra, e confuſo nas ordens; e accumulavaõ-lhe outras culpas com pouca razaõ; porque havia entrado a governar a Provincia de Alentejo no tempo de mayor perigo, e ſem receber damno algum tinha ſuſtentado a guerra, e augmentado as fortificaçoens, remediando juntamente as demazias dos Holandezes, que foraõ muito exorbitantes. Ouvio ElRey as calumnias que arguiaõ a Martim Affonſo de Mello, eſpeculando a verdade dellas com menos diligencia do que elle merecia, e ajudando-as Franciſco de Lucena, pouco inclinado ás acçoens de Martim Affonſo. Reſultou deſtes accidentes mandar ElRey ao Conde da Torre com Gregorio de Valcaſſar a reformar o exercito de Alentejo, independente de Martim Affonſo. Originouſe deſta commiſſaõ entre os dous forçoſa deſconfiança.

Acçaõ valeroſa do Alferes Joaõ de Almeida.

Elege ElRey o Conde da Torre para reformar o exercito.

Anno 1642.

fiança. Reformou o Conde muitos Officiaes contra o parecer, e gosto de Martim Affonso, por haver introduzido aos mais delles nos postos que occupavaõ, e dispoz a seu arbitrio tudo o que lhe pareceo conveniente, e acabada a commissaõ, voltou para Lisboa. Entendeose que informára a ElRey pouco a favor de Martim Affonso: porque no mesmo tempo lhe mandou ElRey patente de Governador do Algarve, e ao Conde de Obidos, que occupava este posto, aviso de que o havia nomeado Governador das Armas da Provincia de Alentejo. Chegou o Conde em Outubro a Elvas, e partio de Estremós Martim Affonso de Mello para o Algarve. O Conde de Obidos havia servido no Brasil, e em Flandes com muito bom procedimento, e esperava-se do seu juizo, e da affabilidade do seu trato, que exercitasse com grande acerto a occupaçaõ que ElRey lhe entregava. Antes de chegar o Conde a Elvas, havia o Monteiro mór sahido de Olivença com 300 Cavallos a buscar tres Tropas, que davaõ comboy aos paizanos, que vindimavaõ as vinhas de Telena. Com esta noticia, dada por tres soldados que mandou sobre Badajoz, e sem mais seguro exame, marchou o Monteiro mór ao amanhecer, e fazendo prisioneiro, as partidas que levava avançadas, hum soldado Castelhano, examinando-o, disse, que o comboy das vindimas eraõ 400 Cavallos, e 600 Infantes. Como se o soldado fora cortezaõ, lhe custou a vida o fallar verdade, e naõ chegou o arrependimento aos que lhe deraõ a morte, senaõ depois da experiencia, que foy para todos inutil satisfaçaõ. Viraõ estes alguns Cavallos dos que o inimigo havia avançado para a parte de Olivença, que era a de mayor suspeita, tendo do outro lado Guadiana por segurança: investiraõ-nos; porque para os meter em mayor empenho, cederaõ os Castelhanos. O Monteiro mór vendo que as Tropas dos Castelhanos montavaõ em soccorro das partidas, que hiaõ carregando, avançou toda a gente que levava comsigo, a tempo que os Castelhanos o vinhaõ buscar com 400 Cavallos, e 600 Infantes. Vendo o Monteiro mór a desigualdade do poder, determinou retirarse com tempo, e elegeo a ponte de

Passa Martim Affonso a governar o Algarve, e o Conde de Obidos a Alentejo.

Anno 1642.

Olivença por ser menos distante, ficando pouco mais de huma legua daquelle sitio: fez marchar a bom passo as Tropas, ficando elle com os Officiaes, e 50 Cavallos escolhidos na retaguarda dellas; carregàraõ valerosamente os Castelhanos, mas naõ pudéraõ conseguir descompor a ordem da retirada. O pò, e o fumo avisou a D. Joaõ da Costa, que governava Elvas, e estimulando-o a actvidade, de que era dotado, sem dilaçaõ alguma se poz em marcha com mil Infantes, 160 Cavallos, e duas peças de campanha. Com este poder marchou, para hum dos portos mais visinhos á ponte de Olivença, querendo mostrar ao inimigo, que determinava passar Guadiana, e com esta destreza deter a furia com que vinha atacando ao Monteiro mór. Foy de tanto effeito a bem fundada idea de D. Joaõ da Costa, que 200 Cavallos, que a toda a pressa sahiraõ de Badajoz a se incorporar com as Tropas que andavaõ pelejando, fizeraõ alto, e accudîraõ ao porto que D. Joaõ da Costa mostrava que queria passar. Haviaõ tambem com este cuidado as mais Tropas detido a furia, com que carregavaõ, dando tempo ao Monteiro mór para mandar 80 Dragoens a segurar o porto da ribeira de Olivença, que forçosamente havia de passar; ordenando-lhes, que tanto que estivessem da parte della, desmontados guardassem o porto. Foy esta diligencia de grande effeito: porque os Castelhanos com o temor de D. Joaõ da Costa, e com o pretexto de achar aquelle passo defendido, fizeraõ alto, e o Monteiro mór passou sem perigo a ribeira, e chegou á ponte de Olivança sem perda consideravel. D. Joaõ da Costa, vendo que o Monteiro mór havia passado a ribeira, deixou no porto em que estava duas mangas de Mosqueteiros, e marchou para a ponte, a se incorporar com o Monteiro mór. Logrou D. Diogo de Menezes a mayor parte da gloria daquelle dia: porque escolhendo os melhores Cavallos da sua Tropa, veyo sempre sustentando todo o pezo da escaramuça. Accodio tambem quasi ao mesmo tempo a Infantaria de Olivença, e os Castelhanos, vendo tanto poder junto se retiráraõ para Valverde, e as nossas Tropas para os seus quarteis. O Conde de Obidos, logo que chegou

Livrase o Monteiro mòr com o soccorro de D. Joaõ da Costa

gou a Elvas, determinou passar a Olivença. Dous dias antes que fizesse a jornada, fugio hum Mouro de Elvas para Badajoz, e deu esta noticia a D. Joaõ de Garay. Resolveo-se elle a examinar a verdade della. Montou com mil Cavallos, e emboscou-se com elles no caminho de Olivença: porém o Conde de Obidos havia hido a Olivença o mesmo dia que o Mouro sahio de Elvas, e voltado a Elvas sem fazer dilaçaõ, brevidade que desvaneceo o intento de D. Joaõ de Garay. Naquella noite por naõ baldar de todo a jornada, arrimou as Tropas a Olivença: ao amanhecer mandou duas a correrem as sentinellas, que sahiaõ da Praça Montou a Cavallaria de Olivença ao rebate: os primeiros Cavallos que sahiraõ, entretiveraõ de sorte as duas Tropas, que chegando o Tenente General da Cavallaria D. Rodrigo de Castro com as que havia na Praça, carregou as duas até a emboscada. Sahio D. Joaõ de Garay della: voltàraõ as nossas Tropas a valerse da Infantaria, que o Monteiro mór havia formado nos Olivaes: na retirada tomàraõ os Castelhanos 20 Cavallos, e deixàraõ mortos dez soldados, e sem occasionar mais damno se voltou D. Joaõ de Garay para Badajoz. No principio de Novembro chegou a Elvas com o posto de Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos. Julgou-se por acertada a eleiçaõ del-Rey, tendo-se grande conceito da sua capacidade, havendo servido com reputaçaõ de Capitaõ de Cavallos em Flandes, e de Mestre de Campo no Brasil. Neste anno naõ houve mais hostilidades que algumas que os Castelhanos fizeraõ nos Campos de Mouraõ, havendo ElRey mandado que se suspendessem as entradas à petiçaõ dos povos, que entendiaõ, que o inimigo só provocado nos fazia damno: porém conhecido o engano desta opiniaõ, se tornàraõ a continuar, como adiante referiremos.

Anno 1642.

Escamuça em Olivença.

Joanne Mendes de Vasconcellos Mestre de Campo General.

A Provincia de Entre Douro e Minho, depois que D. Gastaõ Coutinho sahio della, ficou governada pelos tres Mestres de Campo Manoel Telle de Menezes, Diogo de Mello Pereira, e Viole de Atys. Continuàraõ o seu governo sem facçaõ de importancia, atè o mez de Setembro do anno que escrevemos.

Successos de Entre Douro, e Minho.

Neste

Anno 1642.

Neste tempo tiveraõ carta de Rodrigo de Figueiredo Governador das Armas de Traz os Montes, em que os avisava, que o Prior de Navarra, que havia succedido no governo das Armas de Galiza ao Marquez de Val Paraiso, ajuntava gente para entrar em Portugal: que elle se prevenia, para se lhe oppor, que lhe rogava quizessem fazer alguma diversaõ. Tanto que lhe chegou este aviso, repartíraõ entre si a diligencia de ajuntar gente, e a 13 de Setembro se acháraõ todos em Monçaõ com 8000 Infantes, e 120 Cavallos, e o dia seguinte entráraõ em Galiza, e alojáraõ no Lugar de Corvelho de 100 visinhos, que saqueáraõ, e queimáraõ. Continuáraõ a marcha, e caminhando oito leguas por Galiza dentro, destruiraõ, e queimáraõ muitos lugares grandes, e quantidade de Aldeas: retiráraõse a Lindozo, e havendo o inimigo quebrado huma ponte por onde haviaõ de passar, buscáraõ o porto do Rio, que achàraõ defendido; mas facilmente fizéraõ desaloiar os Galegos, e se retiràraõ sem damno algum. No mesmo tempo, com ordem dos Governadores, havia entrado pela Portella de Homem Vasco de Azevedo Coutinho, e sem alguma opposiçaõ queimou 20 lugares do Conselho de Lindozo, alguns delles reedificados, havendo padecido antecedentemente semelhante estrago. Rodrigo de Figueiredo continuou o governo da Provincia de Tras os Montes, de Janeiro até Setembro sem facçaõ de importancia de ambas as partes. No tempo que avisou os Governadores do Minho; marchou para Galiza com 15000 Infantes, e 150 Cavallos, e sinco peças de artilharia. Sahio de Valverde, e entrou em Fizes lugar despovoado de Galiza, onde dispoz a gente na melhor fórma, que lhe foy possivel, ignorando as ordenanças os preceitos de se ordenarem, como convinha. Chegou com esta gente a Mandim, lugar tambem destruido, e passou a alojar em hum sitio chamado Ferraõ, esperando nelle aviso da entrada dos Governadores de Entre Douro, e Minho, determinando que os dous Troços se juntassem, para que o damno de todos aquelles lugares fosse sem reparo: porém vendo que o aviso tardava, e a gente se lhe di-

Entrada em Galiza.

Successos de Tras os Montes.

diminuia, adiantou 700 Infantes, e os 150 Cavallos, que governava o Capitaõ de Cavallos Francisco Pereira da Silva. Era a ordem que levava, entreter a gente que sahisse de Monte-Rey. Teve aviso de huma partida que avançou, de que entre os lugares de Tamaguellos, e Mouraços appareciaõ tres Tropas do inimigo, e sem outra consideraçaõ dividio as tres que levava. Mandou a Miguel Ferraz Bravo, que marchasse com huma pela estrada, a Gregorio de Castro com outra por junto do Rio Tamaga, e elle com a terceira attalhou por hum valle com o fim de chegar mais depressa ao inimigo como conseguio, e carregando valerosamente as tres Tropas as obrigou a voltarem as costas. Seguio-as até as vinhas do lugar de Verim, unido a Monte-Rey, tomou sete Cavallos, e incorporadas as outras duas Tropas, determinou retirarse a se unir com o grosso, por apparecer o inimigo formado com 5000 Infantes, e 400 Cavallos: porem barbaramente persuadido de hum Francez chamado Ugo Ordio Mestre de Campo, se deixou ficar, por lhe dizer o Francez, que era reputaçaõ das armas delRey naõ largarem o Campo. D. Martim de Redim Prior de Navarra, que vinha marchando, vendo a occasiaõ taõ opportuna, avançou com a Cavallaria, e algumas mangas de Mosqueteiros, e obrigou a Francisco Pereira a largar por força o campo, que pudera deixar com reputaçaõ, e sem perigo. Retirou-se a hum monte onde havia chegado parte dos 700 Infantes que levava á sua ordem. Puxou o inimigo por toda a Infantaria, e quando cerrava a noite atacou no monte as Tropas, e Infantes. Defenderaõ-se muito espaço com grande valor, e Rodrigo de Figueiredo, tanto que ouvio as cargas, marchou com toda a gente a soccorrer Francisco Pereira. Porèm como a noite fosse escura, a confusaõ grande, e a gente mal disciplinada, parte da que levava se voltou para Portugal. Chegou Rodrigo de Figueiredo, com a que se resolveo a seguillo, ao lugar onde se pelejava, entrou valerosamente no conflicto: porém, naõ lhe valendo todas as diligencias que fez, o Prior de Navarra pelejou com tanto valor, e boa disposiçaõ, que as nos-

Anno 1642.

Recontro de Verim.

sas

Anno 1642.

ſas Tropas, e Infantes voltàraõ as coſtas. Livrou-as a noite do ultimo damno, recolhendo-ſe a hum monte, onde havia ficado a artilharia, que com ſemelhante deſordem buſcàraõ, os que a governavaõ a ſeu arbitrio, eſta eminencia. Rodrigo de Figueiredo por naõ ſer conhecido, e pelo valor com que pelejou, deixou de ficar priſioneiro: chegou com os mais ao monte, e quando amanheceo achou que havia perdido 200 homens entre mortos, e priſioneiro, ſendo hum delles o Capitaõ de Cavallos Miguel Ferraz, e hum dos mortos Antonio da Cunha, e outros Officiaes da Ordenança. O inimigo tambem perdeo alguns ſoldados, que fez pouco ſentidos a gloria do bom ſucceſſo. Rodrigo de Figueiredo, com a gente que lhe havia ficado, marchou á viſta do inimigo, e fez alto em Villarelho, legua e meya de Monte-Rey. Neſte lugar ſe deteve cinco dias, mandou em todos elles correr ſem oppoſiçaõ a campanha. No ultimo ſahio o inimigo de Monte-Rey com 6000 Infantes, e 400 Cavallos, e marchou para Villarelho. Naõ duvidou Rodrigo de Figueiredo de pelejar, ſahio do quartel donde eſtava com a gente que lhe havia ficado, e alguma que havia conduzido, e com duas peças de artilharia, e formou-ſe diante do inimigo. Perſiſtio deſta ſorte todo o dia, e vendo que o inimigo duvidava de pelejar com elle, ſe retirou tanto que foy noite a Villarelho, por naõ achar em tres mil homens, que lhe haviaõ ficado, a reſoluçaõ que deſejava. De Villarelho paſſou a Chaves, e o inimigo voltou para Monte-Rey ſem outro effeito. Poucos dias depois deſte ſucceſſo, entráraõ ſem ordem em Galiza tres Companhias de Vinhaes, derrotou-as a gente da Puebla de Señabria. Succedéraõ a eſtes outros encontros de huma, e outra parte de menos conſideraçaõ.

Retiraõ-ſe os Portuguezes cõ perda.

As Armas da Provincia da Beira tiveraõ eſte anno mais exercicio, que os antecedentes. Chegou a governala Fernaõ Telles de Menezes, nos primeiros dias de Março. Entregou-lhe ElRey eſta occupaçaõ (de que aliviou a D. Alvaro de Abranches) nomeando-o do Conſelho de guerra, e concedeo-lhe todas as prevençoens que lhe pedio para defender a Provincia. Levou a ella por

Succeſſos da Provincia da Beira que governa Fernaõ Telles de Menezes.

Mestre de Campo de hum terço de Infantaria a D. Sancho Manoel. Havia assistido muitos annos em Italia, e Flandes com muito boa reputaçaõ, passou depois por Sargento mór ao Brasil, e veyo a occupar os mayores postos do Reyno. Chegou Fernaõ Telles á Guarda, onde lhe entregou Joaõ de Saldanha o governo. Poucos dias depois de chegar, teve aviso de Braz Garcia Mascarenhas Governador de Alfayates, que D. Francisco de Hiraço, que governava Alvergaria, mandava fazer algumas prezas, que naõ restituhia, como se havia observado em tempo de D. Alvaro de Abranches, e no que durou o governo de Joaõ de Saldanha. Pareceo-lhe a Fernaõ Telles, que era taõ leve a causa de romper a guerra, que se devia esperar mayor occasiaõ. Dentro de poucos dias entraraõ 40 Cavallos até o lugar de Forcalhos: accodio ao rebate Braz Garcia Mascarenhas; retirou-se o inimigo, levando daquelles lugares preza consideravel: na retaguarda fez prisioneiros Braz Garcia Mascarenhas nove soldados, e hum Alferes. Com a noticia deste novo movimento se resolveo Fernaõ Telles a romper a guerra, naõ querendo que o inimigo na confiança de sua dissimulaçaõ se animasse a mayores emprezas. Mandou a Joaõ de Saldanha com cem Cavallos para a Villa de Alfayates, e a D. Sancho Manoel com parte do seu Terço para Castello Bom, ordenando lhes que accodissem aonde fosse mais precisa a sua assistencia. Poucos dias depois de chegarem aos alojamentos destinados, sahiraõ os Castelhanos de Alvergaria, entráraõ no lugar de Forcalhos, saquearaõ-no, puzeraõ-lhe o fogo, e levàraõ a mayor parte dos moradores prisoneiros. Accodio Joaõ de Saldanha a tempo que o inimigo se havia retirado. Desejando naõ dilatar a vingança, mandou ao Capitaõ Diogo de Toar, que entrasse o lugar de Cazilhas, rico, e bem povoado, e elle ficou em opposiçaõ do soccorro, que podia sahir de Alvergaria. Encontrou-se Diogo de Toar com D. Sancho, que tambem havia accodido ao rebate; uniraõ-se os dous, entráraõ no lugar, e depois de saqueado lhe puzeraõ o fogo. Fernaõ Telles mandou depositar todos os despojos que os soldados trouxeraõ, ate examinar Anno 1642.

nar

nar se o inimigo solicitava nova concordia. O dia seguinte veyo hum bolatim do Duque de Alva, em que segurava, que as entradas succedidas fora desmancho dos soldados, e que fazendo-se igual restituiçaõ, de huma, e outra parte, do que se havia roubado, naõ succederia novo accidente que perturbasse o socego. Ajustou-se Fernaõ Telles a esta proposta, soltáraõ-se os prisioneiros, e restituiraõ-se as prezas. Naõ durou muitos dias esta correspondencia: porque de Alvergaria entráraõ os Castelhanos no lugar de Fuinhos, e derrubàraõ, e destruiraõ toda aquella campanha. Desculpou-se o Governador do Castello, dizendo que a gente que entrára, era sujeita a D. Joaõ de Garay: mas constando, que parte della sahira do lugar de S. Martinho do governo do Duque de Alva, e parecendo a escusa pretexto de romper a guerra, ou dissimulaçaõ para roubar sem perigo, se resolveo Fernaõ Telles a naõ tornar a aceitar praticas artificiosas, e se livrar do damno que traz comsigo guardar a palavra sem correspondencia. Partio occulto para Alfayates, despedindo primeiro aviso a todos os Officiaes da Provincia, para que se achassem naquella Villa segunda feira da somana Santa, e que levassem comsigo toda a gente que se pudesse tirar dos lugares visinhos, para que engrossasse o pequeno Corpo, que havia de Infantaria paga. Tanto que chegáraõ a Alfayates todos os Officiaes convocados, lhes declarou Fernaõ Telles a resoluçaõ, que havia tomado de entrar em Castella, e as causas que o obrigavaõ a naõ dissimular mais tempo as cavilaçoens dos Castelhanos. Todos approváraõ a sua resoluçaõ, e vieraõ a ajustar depois de varios pareceres, que Valverde lugar de 300 visinhos, o Castello, e o lugar de Elges fossem satisfaçaõ dos aggravos referidos. Ficava Elges tres leguas de Alfayates, o Castello era quadrado, e a situaçaõ delle em huma eminencia: a Villa se continuava ao pé do Castello, e era de cem visinhos: pouco distantes para hum, e outro lado ficavaõ as Villas de Valverde, e S. Martinho de Trebejo: a terra toda era fragosa, e qualquer opposiçaõ bastára para difficultar a empreza. Sahio de Alfayates Fernaõ Telles o dia

Anno 1642.

Composição artificiosa dos Castelhanos.

Resolve-se Fernaõ Telles romper a guerra.

dia feguinte ao que chegou áquelle lugar : levava 2000 Infantes, e 200 Cavallos ; aviftou Valverde, e mandou propor aos moradores, que fe entregaffem, e que confentiffem em viver debaixo da protecçaõ, e obediencia delRey D. Joaõ; porque fó fujeitando-fe a eftas condiçoens poderiaõ atalhar o damno que os ameaçava. Vendo os moradores a difficuldade da defenfa, e o rifco das vidas, e dos cabedaes, admittiraõ o partido. Celebrou-fe o contrato por efcritura publica, proveraõ-fe em nome delRey os Officios da juftiça, e dirribaraõ-fe as trincheiras. D. Sancho Manoel havia-fe apartado de Fernaõ Telles a atacar o Caftello de Elges: chegou a elle com trabalho pela afpereza da terra, e naõ havendo dentro mais que hum Alferes, e fete foldados, fe renderaõ logo. Os moradores da Villa fe concertáraõ da mefma forte que os de Valverde. Ordenou Fernaõ Telles a D. Sancho que ficaffe no Caftello com 300 Infantes, refoluçaõ duvidofa de fe fuftentar, e pouco util, ainda que fe confeguiffe. O Duque de Alva, com a noticia da perda de Elges; mandou fahir alguma gente de Ciudad Rodrigo, de Coria, de S. Martinho, e outros lugares da Serra de Gata a occupar hum monte, padrafto ao Caftello de Elges, e levantar nelle hum reducto. D. Sancho com avifo defte movimento, e de que os moradores da Villa mudavaõ o fato para S. Martinho, e tratavaõ de negar a obediencia promettida, mandou feis foldados á Villa, e recolheo todos os mantimentos que achou nella, que eraõ muitos. O dia feguinte mandou pôr fogo ao lugar para apartar do Caftello o perigo das cafas vifinhas a elle. Refiftiraõ os moradores, mas foraõ lançados fóra da Villa. D. Sancho fez trabalhar na barbacaã, em cerrar as portas, e nas mais prevençoens que julgou convenientes, e avifou a Fernaõ Telles do eftado, em que fe achava. Levou o avifo hum Sargento, que os Caftelhanos tomáraõ, quando voltava com a repofta de Fernaõ Telles. A dilaçaõ obrigou a D. Sancho a mandar fegundo avifo, que chegou com a fegurança de fer depreffa foccorrido. Nefte tempo trabalhavaõ os Caftelhanos no reducto, e moleftavaõ o Caftello com repetidas cargas, recebendo del las

Anno 1642.

Dà Valverde obediencia a El-Rey.

Rende-se o Caftello de Elges.

Levantão os Caftelhanos hũ reducto contra o Caftello de Elges.

della igual satisfaçaõ, e poucas horas cessava a bataria de huma, e outra parte. Feriraõ as ballas alguns soldados do Castello, e huma dellas matou ao Capitaõ Joaõ Correa. Fernaõ Telles naõ se descuidando em prevenir o soccorro, ajuntou 6000 Infantes, e 200 Cavallos, e fazendo a melhor prevençaõ de mantimentos, que lhe foy possivel, marchou para Elges, donde sahio D. Sancho a esperallo. Havia Fernaõ Telles ordenado a Braz Garcia Mascarenhas que desse 150 Infantes ao Capitaõ Simaõ da Costa Feo, com ordem que de noite occupasse hum monte, padrasto do reducto dos Castelhanos. Era a serra aspera, e o caminho difficil; cahio ao Capitaõ o cavallo, e parecendo-lhe a queda causa bastante para largar a gente, e deixar a empreza, se voltou para Alfayates. Prendeo o Braz Garcia, e mandou por Cabo da gente que havia ficado na serra a hum Capitaõ da Ordenança de Villar Torpim. Achou elle a gente, mas perdeo-se na serra, e naõ conseguio occupar a eminencia: a estes soldados se uniraõ 50 Mosqueteiros, que sahiraõ do Castello, e entregues ao Capitaõ Manoel Feo de Mello, e ao Ajudante Simaõ Ferraz de Faria, por se escusar da empreza com pouca reputaçaõ o Capitaõ Luiz de Paiva. Divididos os dous, atacáraõ o reducto por duas partes; porém chegou mais depressa Manoel Feo de Mello, vencendo com grande difficuldade a aspereza da serra, e as muitas ballas que lhe atiravaõ do reducto. Os Castelhanos naõ quizeraõ aguardar o assalto, e sendo 300 os que guarneciaõ o reducto, o desampararaõ: guarneceo o, e ficou por Cabo delle Manoel Feo de Mello. Fernaõ Telles depois deste successo, voltou a alojar a Valverde, dissimulando com os moradores a pouca fé que guardavaõ, por lhe ser necessario o alojamento para a gente que trazia: determinou usar da occasiaõ, e arrasar a Villa de S. Martinho de Trebejo, que constava de 500 visinhos, e distava huma legua de Valverde. O Duque de Alva, tanto que se perdeo Elges, mandou para S. Martinho ao Mestre de Campo D. Benito Quiroga com algumas Companhias pagas. Levantou-lhe elle trincheiras, fez cortaduras nas ruas, e communicou as casas, abrin-

Anno 1642.

Ganhase o reducto.

abrindo-lhe frestas. Fernaõ Telles marchou para S. Martinho, e fazendo alto em hum campo que ficava diante da Villa, dividio a gente que o havia de atacar: mandou a Joaõ de Saldanha, que tomasse com a Cavallaria as estradas; executou elle a ordem, e impedio que naõ entrasse nella alguma gente, que baixava da Serra de Gata. D. Sancho marchou com 500 Infantes pagos pela parte mais aspera da Serra, e Manonel Lopes Brandaõ, e o Sargento mór Lourenço da Casta Mimoso avançáraõ pela parte opposta. D. Sancho achou fóra das trincheiras duas mangas de Mosqueteiros, mandou carregallas por outras duas: foraõ rechaçadas; e D. Sancho atacando com toda a gente que levava, entrou a Villa a pezar dos defensores. Ficou ferido Antonio de Saldanha, e doze soldados mortos. Porém ainda que a Villa foy entrada, naõ se conseguio a victoria; porque qualquer das casas estava taõ bem guarnecida, que custava penetralla grande difficuldade. Vendo-se D. Sancho em taõ consideravel empenho, mandou dizer a Fernaõ Telles, que obrigasse aos Cabos do Troço da Ordenança a atacarem pela parte que lhes tocava, para que divertido o inimigo, se pudesse conseguir a empreza. Fernaõ Telles, solicitando-o com promessas, e ameaços, naõ pòde obrigar a gente da Ordenança a que lhe obedecesse; porque occupados do temor, nem receavaõ o castigo, nem appeteciaõ o premio. Porém D. Sancho, desprezando valerosamente o perigo, foy rompendo as casas, e ja chegava á Praça, quando Fernaõ Telles lhe mandou ordem que se retirasse. Replicou elle: mas repetindo-se-lhe a ordem, obedeceo queixoso de se lhe tirar das mãos a empreza. Fernaõ Telles dizia, que elle naõ passara aquella ordem, e dando a entender que lhe haviaõ dito, que Joaõ de Saldanha a mandara, mostrou Joaõ de Saldanha publicamente, que a retirada fora tanto contra o seu parecer; que elle se obrigava a entrar a Villa com a Cavallaria desmontada, licença que Fernaõ Telles naõ quiz permittir. Averiguou-se, que nem hum, nem outro passára a ordem, e deixou-se sem exame esta materia, pela naõ fazer escandalosa. Ficáraõ mortos 18 soldados dentro da

Anno 1642.

Ataca-se a Villa de S. Martinho.

Retiraõ-se os Portuguezes.

Anno 1642.

Villa, vieraõ outros tantos feridos. Fernaõ Telles passou ao Castello de Elges, desmantelou-o, ruina que o inimigo logo tornou a reparar. Retirouse para Penamacor, e despedio a gente da Ordenança pouco satisfeito do seu procedimento.

Ganhaõ os Castelhanos Aldea da Ponte, e queimão outros lugares.

O Duque de Alva em satisfaçaõ desta entrada mandou em Ribacoa queimar Aldea da Ponte: resistiraõ os moradores, mas foy entrada a trincheira do lugar, e a Igreja, perdendo muitos delles as vidas. Saquearaõ os Castelhanos o lugar, puzeraõ lhe o fogo. Fizeraõ o mesmo a oito daquelle destricto sem achar resistencia, nem opposiçaõ na campanha; porque fazendo os fachos aviso a todos os lugares daquella parte, naõ houve resoluçaõ para acodir delles pessoa algũa. Fernaõ Telles julgou por mais culpados a Rodrigo Soares Pantoja Governador da Praça de Almeida, e a Braz Garcia Mascarenhas Governador de Alfayates: remetteo-os a Lisboa prezos, passados seis mezes os mandou El'Rey soltar. Tanto que o inimigo se retirou, se prevenio Fernaõ Telles para interprender Aldea do Bispo, lugar de 250 visinhos, legua, e meya de Almeida, huma da Raya, situada em hũa eminencia, a que ficaõ outras sobranceiras, e dominando huma aprasivel campina regada das aguas do rio dos Casas. Havia no lugar 200 Infantes pagos, e 20 Cavallos, e accrescentavaõ a guarniçaõ os moradores das Aldeas visinhas. Fernaõ Telles ajuntou 1000 Infantes, 400 pagos, os mais da Ordenança: 200 Cavallos, e duas peças de artilharia, e marchou de Almeida para Aldea do Bispo. Adiantouse Joaõ de Saldanha com a Cavallaria a tomar os postos: chegou Fernaõ Telles com a Infantaria, mandou dizer aos do lugar, que se rendessem antes de experimentar o damno que os ameaçava, respondéraõ com os mosquetes. Investio-os D. Sancho Manoel, dividindo a gente em tres Troços, mas achando nos defensores valerosa resistencia, durou a contenda largo espaço sem ventagem, ultimamente prevalecendo o valor dos nossos soldados, foraõ os primeiros que subiraõ as trincheiras o Capitaõ Manoel Teixeira, e Flaminio Portal Sargento reformado. Os Castelhanos se reti-

retiráraõ á Igreja, aonde se rendéraõ. Mas hum accidente lhe accrescentou o damno, porque rebentando dentro da Igreja hum frasco de polvora, a ignorancia dos soldados da Ordenança os obrigou a gritar que era mina, de que resultou degolarem parte da Infantaria paga. Dos nossos soldados ficáraõ mortos 20 em que entrou o Capitaõ Affonso de Toar, e vieraõ 30 feridos. Em quanto durou o assalto; appareceo o inimigo com alguns Cavallos, e Infantes, que sahiraõ de Villar de Corvo: obrigou-os Joaõ de Saldanha a que se retirassem, e depois do lugar saquéado, e queimado, se retirou Fernaõ Telles para Almeida. Poucos dias depois derrotou Joaõ de Saldanha no lugar de Gallegos 60 Cavallos de que tomou 10, e o inimigo com melhor successo, desbaratou junto a Alfayates 80 Infantes, e 30 Cavallos, de que ficáraõ 27 soldados mortos, e parte dos outros foraõ prisioneiros. O Duque de Alva vendo perdida Aldea do Bispo, e descuberto o Campo de Arganhaõ, de que lograva Ciudad Rodrigo o melhor provimento, determinou fortificar a Villa de Fontes, fronteira a Villar Fermoso, lugar nosso. Era o sitio accommodado, e os moradores 150 Mandou logo aquartelar nesta Villa 200 Infantes, e 20 Cavallos, para que começassem a fortificala. Fernaõ Telles, tanto que teve esta noticia, juntou 900 Infantes, e 150 Cavallos, e marchou a attalhar este intento. Mandou adiantar as Tropas, para evitar o soccorro, e tanto que chegou á Villa, fez jugar contra a fortificaçaõ duas peças de artilharia, que levava comsigo. Poucas ballas havia disparado, quando chegou aviso que appareciaõ algumas Tropas do inimigo, que sahiraõ de Ciudad Rodrigo, do Castello do Guardaõ, e de Gallegos. Com este aviso ordenou Fernaõ Telles a D. Sancho, que formasse a Infantaria: unio lhe as Tropas, e as duas peças, e mandou a Affonso furtado de Mendoça que com 50 Cavallos carregasse os batedores do inimigo. Executou elle esta ordem com taõ boa fortuna, que os batedores se retiráraõ ás Tropas, e as Tropas voltáraõ as caras. Seguio os Affonso Furtado com o resto das nossas, tomou ao inimigo hum Capitaõ, e 30 Cavallos. Esta

Anno 1642.

Ganha Fernaõ Telles Aldea do Bispo.

Successos varios.

Anno 1642.

facçaõ gaſtou todo o dia, e faltando a Fernaõ Telles mantimentos para preſiſtir na empreza, ſe retirou ſem a executar. O Duque de Alva mudou de opiniaõ, e mandou naõ ſó retirar a gente paga da Villa de Fontes, mas obrigou os moradores a que a deſpovoaſſem. Dentro de poucos dias a queimou D. Sancho, e paſſou a Val de la mula a dar calor aos lavradores de Ribacoa, para ſegarem os pães ſem perigo, com 500 Infantes, e 100 Cavallos. Com eſta gente ſe adiantou ao Caſtello do Guardaõ, que ficava viſinho, avançou 20 Cavallos a provocar aquella guarniçaõ, e ficou emboſcado com o reſto da gente, pouca diſtancia do Caſtello. Sahiraõ delle 150 Cavallos, carregáraõ os 20, mas conhecendo a emboſcada fizeraõ alto. Vendo D. Sancho que aguardava encuberto ſem frutto, deſcobrio parte da gente, e mandou aos Capitães Joaõ Fialho, e Manoel Teixeira Homem com 150 boccas de fogo, que marchaſſem encubertos com o rio de Touroens, em quanto elle com eſcaramuças entretinha os Caſtelhanos que ſe haviaõ arrimado a huma defeza; e que podendo chegar, ſem ſerem viſtos, os inveſtiſſem, que elle os ſoccorreria. O inimigo havia puxado por 80 Infantes do Caſtello, e ſuſtentava a eſcaramuça ſem receber damno: porém chegando os Capitães ſem ſerem ſentidos atacáraõ valeroſamente. Soccorreo-os D. Sancho, voltou o inimigo as coſtas, matáraõ-lhe no alcance 30 ſoldados, e ficáraõ 50 priſioneiros, em que entrou hum Sargento mór. Retirouſe D. Sancho, e o dia ſeguinte entrou o inimigo por Villar Formoſo com 500 Infantes, e 100 Cavallos: com igual poder ſahio D. Sancho a buſcar os Caſtelhanos, inveſtio-os de repente, e achou taõ pouca reſiſtencia, que os rompeo: matou huns, prendeo outros, os mais fugiraõ, largando as armas. D. Sancho, vendo a fortuna favoravel, naõ quiz perder tempo, cõmunicou a Fernaõ Telles a empreza de Freixenedas, e depois de tomadas todas as noticias, que ſeguravaõ o bom ſucceſſo, marchou a eſta empreſa na tarde de 4 de Agoſto com 600 Infantes, e 100 Cavallos: porém o caminho era taõ aſpero, e huma ſerra, que por força havia de paſſar, taõ alcantilada,

Recontro de Guardão.

Rompe D. Sancho Manoel os Caſtelhanos.

da, que antes de chegar ao Rio Agueda, que separava Freixenedas de Portugal, lhe amanheceo. Mandou huma partida da outra parte do Rio, e tendo aviſo de que naõ era ſentido, o paſſou com toda a diligencia, e ſe chegou á Villa, que era de 300 viſinhos com boas trincheiras, e guarniçaõ, por ſer Aduana. Quando as ſentinellas tocáraõ arma, chegava D. Sancho ás trincheiras: ſubiraõ a ellas os noſſos ſoldados, e á cuſta das vidas de muitos Caſtelhanos entráraõ a Villa, e a ſaqueáraõ. Retiraraõſe com 150 priſioneiros, e ricos dos deſpojos, pequeno premio dos trabalhos da guerra. Fernaõ Telles, que governava aquella Provincia com grande cuidado, attendendo igualmente á defenſa dos naturaes, e ao damno dos contrarios, conſiderando que do Caſtello do Guardaõ eraõ os noſſos lugares muito prejudicados, ordenou a D. Sancho Manoel, que com 500 Infantes, e 100 Cavallos paſſaſſe de Almeida a Val de la mula a levantar hum forte, que cobriſſe aquella campanha. Val de la mula he Lugar de 150 viſinhos, diſta hum quarto de legua de Guardaõ, e huma de Almeida, e eſta ſituado junto ao Rio Tourões. Marchou D. Sancho a dar principio ao forte, e em ſete dias de trabalho naõ fez o inimigo oppoſiçaõ alguma. Neſta confiança deu D. Sancho licença a alguns Officiaes, e ſoldados, para hirem comprar cavallos á feira, que em Agoſto ſe coſtuma fazer em Trancoſo. O dia ſeguinte ao que partiraõ appareceo da outra parte do rio o inimigo com 1500 Infantes, e 250 Cavallos governados por D. Joaõ de Menezes, que havia chegado com o poſto de Meſtre de Campo General. D. Sancho aviſou logo a Fernaõ Telles, que tanto que recebeo o aviſo, deſpedio os Capitães Nuno da Cunha, e Jeronymo da Cunha Rengel com as ſuas Companhias, e elle os ſeguio com a que eſtava de guarda á ſua porta, 12 Cavallos, e duas peças de artilharia. Chegou a Val de la mula, e achou o inimigo formado da outra parte do rio em huma eminencia. Porém D. Sancho, e todos os ſoldados eſtavaõ taõ deſejoſos de pelejar, que deſprezando a deſigualdade do poder, lhe entrou ſegura confiança da victoria, reſolveo-ſe a paſſar o rio, que com a

Anno 1642.

Ganha Freixenedas D. Sancho Manoel.

Levantaſe o Forte de Val de la mula.

Anno 1642.

força do Sol tinha diminuido a corrente. Executou esta determinaçaõ, e os Castelhanos sem mais causa, que o temor que se lhes infundio, naõ só se naõ oppuzeraõ á passagem do porto, como deviaõ, mas largáraõ a eminencia, sitio que melhorava muito o seu partido. Valeose D. Sancho, com valor, e prudencia deste desacordo, e passou com os 80 Cavallos, e o Capitaõ Duarte de Miranda Henriques com 50 Mosqueteiros a ganhar o monte, que o inimigo havia largado. Os Castelhanos deixáraõ na retaguarda 50 Cavallos: carregáraõ estes a D. Sancho, que com 30 se havia avançado; desviouse elle para o lado esquerdo, determinando investir a Tropa pelo costado, e recebendo ella huma carga dos 50 Mosqueteiros, que seguiaõ a D. Sancho, e ferido o Capitaõ com huma bala pela cabeça, desampararáraõ os soldados o posto. Seguio-os D. Sancho; soccorréraõ-nos as suas Tropas, havendo chegado os nossos 50 Cavallos, governando 30 o Tenente Rodrigo Moreira, 20 o Alferes Simaõ Borges da Costa, todos juntos investíraõ os Castelhanos, vendo que o seu General fazia o mesmo com a Infantaria; porque conhecendo Fernaõ Telles na retirada do inimigo o seu receyo, posto valerosamente diante dos 500 Infantes que levava, buscou os 1500 com que o inimigo se lhe oppunha, os quaes ainda que por algum espaço fizeraõ grande resistencia, vieraõ a voltar as costas, e a seu exemplo fugíraõ as Tropas, e acabàraõ de derrotalos; porque naõ achou o medo que levavaõ estrada mais facil para fugirem, que o centro dos Esquadroens de Infantaria por onde penetraraõ. As duas peças de artilharia ajudaraõ o terror de todos, porque disparadas repetidas vezes, naõ atiràraõ bala sem emprego. Fernaõ Telles exhortando aos seus soldados, que acabassem de vencer, lhes influhio tanto espirito, que de todo obrigàraõ aos Castelhanos a fugir sem ordem. Buscàraõ alguns por reparo as ruinas da Aldea do Bispo: porém vendo que a furia dos nossos soldados se naõ detinha com a ventagem do sitio que occupavaõ, o desamparàraõ, buscando a segurança na aspereza dos sitios para onde se retiravaõ; Fernaõ Telles mandou tocar a recolher receando

Rota dos Castelhanos em Val de la mula.

do

do à mudança da fortuna na desordem do alcance. Perdérao os Castelhanos entre mortos, e feridos, mais de 500 homens: morrérao 10 soldados nossos, em que entrou Lila engenheiro Francez, e ficárao 30 feridos. D. Sancho Manoel, procedeo muito valerosamente, e entendeo com sciencia militar todos os accidentes que se lhe offerecerao: Fernao Telles se recolheo a Val de la mula com merecido applauso dos soldados, que he o mayor premio de quem os governa. Deteveſe neste lugar alguns dias para aperfeiçoar o forte, que estava começado, nelles lhe chegou aviso de Salvaterra, de que D. Joao de Garay com as Tropas da Estremadura ficava sobre aquella Villa, na qual nao havia mais que 200 homens com poucos mantimentos, e menos muniçoens; que a Villa estava aberta, e o Castello pouco capaz de se defender, e que na brevidade do soccorro consistia a sua segurança. Fernao Telles, tanto que lhe chegou este aviso, partio logo para a Guarda, e despedio varias ordens a todos os lugares da Provincia, para que os Capitaens móres viessem encorporarse com elle, trazendo toda a gente que lhes fosse possivel. Nao foy necessario o effeito desta diligencia, porque D. Joao de Garay se escusou do empenho, vendo que nao trazia poder para evitar o soccorro. Fernao Telles voltou para Almeida, e animado dos bons successos, se resolveo a emprender o Castello de Guardao, de que os nossos lugares, ainda depois de levantado o forte de Val de la mula, recebiao consideravel damno. Era a empreza difficultosa, e por este respeito necessitava de mayor prevençao que as passadas. Escreveo Fernao Telles a todos os Capitães móres, recomendando-lhe que tirassem de todos os lugares que governavao, nao só a mais, senao a melhor gente, experimentando-se nas occasioens antecedentes, que neste particular erao as diligencias dos Officiaes muito escrupulosas. Conseguiose nesta empreza melhor effeito: porque em poucos dias se juntou em Almeida a melhor gente da Provincia, e em tanto numero, que escolheo Fernao Telles 7000 homens, e deixou quasi outros tantos presidiando as Praças. Aos 7000 homens, que apar- Anno 1642.

Anno 1642.

tou para a jornada, unio 900 Infantes pagos, e 250 Cavallos, e tres peças de artilharia de 12 libras, e com este Corpo de exercito marchou para Guardaõ. Servio de Mestre de Campo General D. Sancho Manoel, e levou melhor fórma do que até aquelle tempo se costumava. Marchava de vanguarda a Cavallaria, e a Infantaria dividida em dez Troços, formava tres Corpos, o ultimo cobria as tres peças, e as bagagens. Quando chegáraõ a Val de la mula, acháraõ lingua, que segurava naõ ter o inimigo aviso deste movimento. O Castello de Guardaõ fica em huma eminencia visinho a Val de la mula, a parte que olha a Portugal occupa hum bosque muito espesso entre dous oiteiros, a de Castella he huma campina muito dilatada. O Castello era quadrado com quatro torrioẽs redondos nos cantos, que franqueavaõ a muralha, na qual estavaõ pelos muitos annos da uniaõ todos os materiaes taõ conglutinados, que naõ receava o damno da artilharia de doze libras: as ruinas da antiga barbacaã estavaõ reparadas; a guarniçaõ constava de 500 Infantes, bastecidos com mantimentos, e muniçoens para largo sitio. Quando o Sol se punha chegou Fernaõ Telles á vista do Castello: repartio D. Sancho a gente, circunvallando-o, e poz a artilharia em o outeiro de S. Pedro visinho á muralha. Tanto que amanheceo, havendo reconhecido o Castello D. Sancho, e Pupulinier Francez, que exercitava o posto de Tenente General da Cavallaria em lugar de Joaõ de Saldanha, que havia passado por Mestre de Campo ao exercito de Alentejo, mandou Fernaõ Telles persuadir ao Governador que se entregasse, mas respondendo os sitiados por linguas de fogo, se inflammáraõ de sorte os nossos soldados, que por todas as partes investîraõ huma trincheira que rodeava o Castello. Resistîraõ os sitiados algumas horas: porém obrigados do damno que recebéraõ, e atemorizados do effeito da artilharia, que achando menos resistencia nos corpos que na muralha, maltratou muito os que defendiaõ a barbacaã, naõ quizeraõ arriscarse a mayor perigo. Chamàraõ com hum tambor, suspendo-se o assalto: pactuáraõ renderse. Sahio o Governador D. Diogo de Raprela Cavalleiro

Sitio de Guardaõ.

Descrevese o Castello de Guardaõ.

Rendese o Castello de Guardaõ.

valleiro de Malta, e ſeis Capitães ſó com as eſpadas, os mais ſoldados ſem armas. Fernaõ Telles mandou para Almeida os Officiaes, e o ſoldados para Caſtella. Dos noſſos ſoldados ficàraõ alguns feridos, entre elles o Capitaõ Manoel de Avelar Sarmento. Foy o Caſtello ſaqueado, e fazendo-lhe alguns fornilhos lhe deraõ fogo: ficou de todo arruinado, e os noſſos lugares livres do perigo que lhes occaſionava. Tanto que ſe rendeo o Caſtello, mandou Fernaõ Telles a D. Sancho Manoel com a Cavallaria, e mil Infantes contra o lugar de Galhegos, que era de 300 viſinhos: eſtavaõ quatorze Companhias de guarniçaõ; porém naõ quizeraõ aguardar o aſſalto, e deſpejaraõ o lugar, que ficou ſaqueado, e deſtruido, com outros quatro, viſinhos a elle. No meſmo tempo entrou por Alfayates a gente de Sabugal, e Souto, e queimàraõ o lugar de Perozim. Recolheo-ſe Fernaõ Telles para Almeida, e remetteo a Lisboa os Officiaes priſioneiros, os quaes paſſado algum tempo voltàraõ com paſſaportes para Caſtella. O Duque de Alva, que aſſiſtia em Ciudad Rodrigo, com a noticia da perda do Guardaõ, e da muita gente que Fermaõ Telles tinha junto, pedio ſoccorro a todos os lugares do ſeu dominio, encarecendo o perigo que Ciudad Rodrigo corria. Quando os ſoccorros chegàraõ, ſe havia Fernaõ Telles retirado, e querendo o Duque de Alva empregar o poder que tinha junto, entrou em Portugal, e ſaqueou Malhada Sorda, lugar aberto, e ſem guarniçaõ. Teve Fernaõ Telles em Almeida aviſo deſta entrada, ſahio com as Tropas, e achando que o inimigo ſe retirava, naõ pode fazerlhe mayor damno que tomarlhe na retaguarda alguns cavallos. Paſſados alguns dias, ſabendo Fernaõ Telles que as ruinas de Aldea do Biſpo ſerviaõ de receptaculo a alguns Caſtelhanos, e que ſahiaõ deſte lugar a offender os lavradores; ordenou ao Capitaõ de Cavallos Diogo de Toar, que com a ſua Tropa desbarataſſe aquella partida. Excedeo elle a ordem, e pedio em Alfayates 30 Infantes, com intento de ſaquear em Aldea: porém havendo chegado àquella parte cem Cavallos com hum comboy, experimentou o caſtigo da ſua ambiçaõ; porque inveſtindo o, o derrotaraõ,

Anno 1642.

Saqueaſe o Lugar de Galhegos, e outros.

Entra o Duque de Alva, e ſe retira com pouco effeito.

Derrotaõ os Caſtelhanos Diogo de Toar.

raõ, salvandose só alguns soldados, a que valeo a noite, ē hum mato que estava visinho. Poucos dias depois desta desordem succedeo outra em Alfayates. Avistou o inimigo aquella Praça com huma Tropa, o Governador Manoel de Sousa de Almeida mandou sahir outra, que governava o Tenente Simaõ de Oliveira da Gamma: retiraraõ-se os Castelhanos de sorte, que conheceo o Tenente, que o levavaõ a perderse entre mayor poder; fez alto, e avisou o Governador, dando-lhe conta do seu bem fundado discuso, o Governador parecendo-lhe que era receyo, lhe ordenou que carregasse o inimigo: obedeceo o Tenente, protestando que conhecia o perigo. Chegou á emboscada, sahio o inimigo della, desbaratou-lhe a Tropa, morreraõ vinte soldados, e os mais ficáraõ prisioneiros. Fernaõ Telles castigou a imprudencia do Governador de Alfayates, tirando-lhe o posto, em que occupou o Sargento mór Lourenço da Costa Mimoso.

Anno 1642.

O Duque de Alva, quando Fernaõ Telles tomou Guardaõ, entendendo que podia sitiar Ciudad Rodrigo, naõ só convocou a gente da Provincia, mas avisou a Madrid, pedindo com grande instancia, que o soccorressem. Governava em ausencia delRey, que havia passado a Catalunha, a Rainha D. Isabel de Borbon sua primeira mulher, naõ dilatou ella o remedio ao perigo que se lhe propunha, e remetteo ao Duque 800 Cavallos muito bem montados. Vendo elle que Fernaõ Telles se havia retirado, por naõ desluzir a sua instancia, ajuntou 4000 Infantes, e determinou entrar em Portugal. Teve Fernaõ Telles anticipada noticia, assim dos soccorros que haviaõ chegado ao Duque, como do seu intento: escreveo a ElRey repetidas vezes o aperto em que estava aquella Provincia; porque naõ só carecia de gente paga, mas a que havia era taõ mal soccorrida, que obrigados do aperto a que estavaõ reduzidos, largavaõ os soldados as bandeiras. De Lisboa naõ só lhe faltaraõ com os soccorros que pedia, mas nem lhe responderaõ ás cartas; que escreveo sobre esta materia, e estas omissoens saõ a causa dos máos successos dos exercitos, e os Principes por encobrilas costumaõ condēnar aquelles a quem entregaõ

ás Provincias. Fernaõ Telles vendoſe em tanto aperto, mandou da Guarda: para onde havia paſſado ao Meſtre de Campo D. Sancho á Villa de Pinhel a conduzir a gente da Ordenança que lhe foſſe poſſivel, e eſcreveo aos Capitaen móres, que marchaſſem logo com todas as ordenanças do ſeu diſtricto, e aos Cabidos de Coimbra, Viſeu, e Guarda, pedindolhes, que o ſoccorreſſem com algum dinheiro para defender a Provincia, que o inimigo poderoſamente ameaçava. Surtiraõ todas eſtas diligencias pouco effeito porque a gente da Ordenança, antes queria padecer o caſtigo da deſobediencia, que experimentar os perigos, e as incommodidades da guerra, e acodiraõ ſó os Officiaes com poucos ſoldados; e os Cabidos, naõ fazendo caſo do mal futuro, pertendiaõ ſatisfazer a Fernaõ Telles ſem execuçaõ.

Anno 1642.

Neſte eſtado achou o inimigo a Provincia da Beira em 17 de Outubro, dia em que entrou nella com 4000 Infantes, e mil Cavallos. Governava eſte Troço de exercito D. Joaõ Soares de Alarcaõ, que occupava naquella parte de Caſtella, (para onde ſe paſſou, depois de jurar a ElRey D. Joaõ) o poſto de General da Cavallaria. O primeiro lugar em que entrou foy Eſcarigos em Ribacoa, que era de 200 viſinhos, mas ſem defenſa: os moradores haviaõ mudado o fato para Caſtello Rodrigo, o que lhe ficou ſaqueáraõ os Caſtelhanos, e puzeraõ fogo ao lugar. De Eſcarigos paſſou o inimigo a Vermioſa, e Almofalla, que padecéraõ igual damno. Neſte lugar ſe defendéraõ ſete ſoldados muitas horas na torre da Igreja; faltandolhe as muniçoens ſe rendéraõ, ſegurandolhe as vidas, promeſſa que lhe naõ guardáraõ, matando todos a ſangue frio. Com o meſmo rigor entráraõ os Caſtelhanos os lugares de Matalobos, e Colmear, degolando todos os paizanos, que naõ puderaõ retirarſe. De Colmear marchou D. Joaõ Soares contra Eſcalhaõ Aldea de Caſtello Rodrigo; porém de 300 viſinhos, e meya legua diſtante da Raya. Haviaõ os moradores levantado huma trincheira pouco defenſavel, que rodeava o lugar; e ao redor da Igreja, que era de cantaria muito forte, começavaõ hum reducto, que puzeraõ á viſta do ini-

Entra D. Joaõ Soares de Alarcaõ com as Tropas de Caſtella.

Crueldade contra os rendidos.

inimigo em baſtante defenſa. O lugar eſtá ſituado no
Anno fim de hum campo, que ſe eſtende duas leguas para o
1642. Sul, e para o Norte meya, topando em alguns montes
que confinaõ com Caſtella, por entre os quaes corre o
Rio Agueda, que divide os dous Reinos. Havia no lugar 30 ſoldados pagos, qne governava o Alferes Joaõ
Rodrigues, em auſencia do ſeu Capitaõ Joaõ da Silva,
e 150 moradores de que era Capitaõ Paulo Freire. Tanto que o inimigo chegou á viſta do lugar, ajuſtáraõ todos recolherem-ſe á Igreja, e reducto com as familias, e
a melhor roupa, conhecendo que naõ podiaõ defender
as trincheiras. Os Caſtelhanos entráraõ no lugar, e parecendo lhe facil ganharem o reducto, o inveſtiraõ deſcubertos Cuſtou a ouſadia as vidas de tantos, que ſe retiràraõ para atacar em melhor fórma. Cobriraõſe com algumas pipas, que tiràraõ do lugar. Avançaraõ ſegunda vez:
porém recebendo muito mayor damno, naõ ſó dos que
defendiaõ o reducto, mas tambem do valor de Joaõ Pinto ſoldado pago, o qual fazendo hum parapeito de taboas no telhado da Igreja, e carregando-lhe as mulheres
muitas vezes alguns moſquetes que prevenio, foraõ tantos os Officiaes, e ſoldados em que empregava os tiros,
que ſe lhe deveo grande parte da defenſa do reducto. Os
Caſtelhanos, avançando pela parte donde a parede delle
era mais baixa, e delgada, lhe abriraõ huma brecha, e
intentando entrar por ella, foraõ valeroſamente rebatidos dos defenſores; naõ ſendo as mulheres as menos valeroſas, porque naõ ſó tiravaõ as pedras das ſepulturas,
e as arrimavaõ á brecha, mas com mantas molhadas na
agua de hum poço, que havia na Igreja, extinguiaõ intrepidas, antes que rebentaſſe o fogo, as granadas que
os Caſtelhanos lançavaõ pela brecha. Todos os que entráraõ por ella perdéraõ as vidas, e ſem o poderem prohibir, ſe tornou a brecha a cerrar. Vendo os Caſtelhanos a
difficuldade da empreza, tentáraõ ſahir com reputaçaõ
della, offerecendo grandes partidos a Paulo Freire, que
elle valeroſamente deſprezou. Atalhando-ſe os paſſos aos
deſignios de D Joaõ Soares por taõ pouca gente, e em
lugar que julgava taõ facil de conquiſtar, e receando as

Atacaõ Eſcalaõ.

peri-

perigosas consequencias a que se expunha, se se avistasse com as Tropas da sua naçaõ, que taõ cegamente offendia, se retirou de Escalhaõ, e de toda a Provincia, a que pudera occasionar mayores damnos, confórme a pouca prevençaõ que achou nella. Em Escalhaõ ficáraõ 150 Castelhanos mortos, e levàraõ comsigo muitos feridos, em que entravaõ Officiaes de grande importancia. Fernaõ Telles, com justo sentimento, por naõ poder remediar o damno da Provincia como desejava, e padecendo as murmuraçoens dos paizanos, que se lhe naõ encobriaõ, os quaes costumavaõ avaliar o procedimento dos Generaes pela desgraça, ou felicidade, passou da Cidade da Guarda á Villa de Pinhel, a aguardar os soccorros, que havia mandado prevenir. O primeiro que lhe chegou, foy hũa Companhia de 150 Clerigos de Viseo, em que entravaõ Conegos, e Abbades, de que era Capitaõ o Thesoureiro mór da Sé Gomes de Andrade Cabral. Vinhaõ todos muito bem armados, e livres de escrupulo, por ser a defensa permittida a qualquer habito. Esta companhia, e a mais gente que lhe foy chegando, mandou Fernaõ Telles para Almeida, por lhe chegar neste tempo aviso do successo de Escalhaõ, de que o inimigo se havia retirado. Para averiguar o seu intento, mandou a D.Sancho Manoel tomar lingua com 40 Cavallos, e cem Infantes. Deixou elle os Infantes em Val de la mula, e entrando pelo campo de Arganhaõ, chegou ao lugar de Serranilho, donde trouxe alguns Castelhanos prisioneiros. Constou da sua confissaõ, que D. Joaõ Soares determinava continuar as entradas de Portugal, pouco satisfeito dos primeiros progressos. Fernaõ Telles com esta noticia passou ao lugar de Miuzella tres leguas da Raya, situado em distancia igual de todas as partes que podiaõ padecer mayor damno, e levou comsigo 300 Infantes, e cem Cavallos. Logo que chegou, mandou a D. Sancho, que com os cem Cavallos entrasse em Castella a tomar melhor informaçaõ do intento de D. Joaõ Soares. D. Sancho entrou até a defeza de Sageiras, quatro leguas da Raya, e achando nella 300 vacas, as fez conduzir para Portugal, e com ellas os paizanos de todos aquelles

Anno 1642.

Retiràõ-se com perda.

les

Anno 1642.

les lugares. Ja neste tempo era sentido, e sahiraõ a buscallo 200 Cavallos, que se alojavaõ em Bodaõ, e no Castello de Guinaldo: destes se adiantáraõ 20 a entreter a marcha de D. Sancho até chegarem os mais. D. Sancho mandou ao Capitaõ Diogo da Fonseca com 20 Cavallos a pôr a preza em salvo, e elle, com os mais que lhe ficáraõ, se foy incorporar com o Capitaõ Christovaõ da Fonseca, a quem o inimigo vinha carregando: foraõ algum espaço ganhando terra; porém chegando á defeza de Albufeda, e estando ja unidas as Tropas dos Castelhanos attacáraõ com tanta resoluçaõ aos nossos soldados, que desbaratados voltáraõ as costas. D. Sancho ficou na retaguarda com Affonso Furtado de Mendoça Alcaide mór de Covilhaã com outras pessoas particulares, e o Sargento mór Rozaõ Francez; o qual dando verdadeiro testimunho do seu valor, disse a D. Sancho, que era melhor perderem-se pelejando, que fugindo: e com o mesmo impulso bradou aos soldados que voltassem a livrar as honras, e vender caras as vidas. Foy de tanto effeito esta generosa persuaçaõ, que D. Sancho, que levava o mesmo intento (como disse a Rozaõ em altas vozes,) e os soldados corridos de os correrem os Castelhanos, fizeraõ alto, e lhes voltáraõ as caras. Entendéraõ os Castelhanos que esta resoluçaõ nascia de haver gente emboscada naquelle sitio, como ja em outra occasiaõ lhes havia succedido. Bastou este discurso sem outro exame para ficarem de Authores Reos, naõ se lembrando dos Authores que fazem renascer as acçoens dos homens, e eternizalas na posteridade. Deraõ as costas ao perigo, e o rosto ao descredito. Seguio-os D. Sancho até cerrar a noite, ficàraõ muitos mortos, trouxe 30 prisioneiros, e recolheose a Miuzella, onde estava Fernaõ Telles; e havendo tido poucas horas de descanço, chegou aviso que D. Joaõ Soares tinha entrado naquella Provincia, e marchava na volta da Nave do Sabugal. Fernaõ Telles ouvio com tanto alvoroço esta noticia, como se tivera a victoria segura no numero das suas Tropas, e naõ fora taõ inferior o poder, com que pertendia buscar o inimigo, que se pudéraõ contar no conflicto cinco

Recontro com os Castelhanos.

Caste-

Castelhanos para pelejar com cada hum dos Portuguezes. Mas estes saõ os privilegios do valor, porque multiplicando os golpes, naõ só faz a contenda igual, mas a victoria certa, ainda que seja superior o numero dos contrarios. Montou Fernaõ Telles a cavallo, e fez marchar a gente que tinha comsigo, e mandou ordem a Lourenço da Costa Mimoso, para que logo remettesse cem Mosqueteiros, e a Tropa que se achava em Alfayates, e o mesmo aviso fez a Manoel Feo de Mello a Villar Formoso. Despedidas estas ordens, marchou a buscar a estrada que o inimigo havia de levar da Nave para Castella. Quando chegou ao lugar que pertendia, achou que o inimigo tinha passado, deixando destruido o lugar da Nave: porém era taõ pouco o espaço, que com pequena diligencia avistáraõ os nossos batedores as suas Tropas. Chegou neste tempo a gente de Villar Formoso, e achou-se Fernaõ Telles com 150 Cavallos, e 300 Infantes. Os Castelhanos reconhecendo a nossa gente, melhoráraõ de sitio; porque a terra por onde marchavaõ era baixa, e com as muitas aguas que haviaõ chovido difficil de pizar. Achava-se D. Joaõ Soares com menos Infantaria da que havia trazido, por haver mandado algũa diante com a preza: porém reconhecendo a pouca gente que o buscava teve a victoria por infallivel, e assim a celebrava o seu alvoroço, como se a naõ houvesse de ganhar á custa do mesmo sangue que o alimentava. Fundado nestas esperanças, formou as Tropas com boa disciplina, e foy receber os inimigos que o buscavaõ. D. Sancho Manoel, reconhecendo a desigualdade do poder dos Castelhanos, persuadio a Fernaõ Telles que se retirasse: dizendo, que era temeridade emprender impossiveis; que muitas vezes saber escusar os perigos era taõ grande gloria, como vencellos; e que devia considerar o manifesto risco, a que ficava aquella Provincia exposta, se fossem desbaratados os poucos soldados que empenhava. Do mesmo sentimento eraõ os Capitáes de Cavallo, e de Infantaria. Porém Fernaõ Telles, naõ só revestido de insigne valor, mas de grande prudencia, disse, que o inimigo estava taõ visinho, que por força a retirada se havia de conver-

Anno 1642

Busca Fernaõ Telles o inimigo com desigual poder.

ter

Anno 1642.

ter em fugida; e que os Castelhanos se valeriaõ sem falta, naõ só do excesso das Tropas, senaõ do temor que os soldados voltando-lhes as costas manifestassem; naõ podendo em semelhantes occasioens entrar melhor soccorro a quem determinava pelejar, que reconhecer o receyo dos contrarios; e que a questaõ de ser melhor pelèjar, ou retirarse, podia servir em outros casos, e naõ naquelle onde o inimigo estava á vista, e haviaõ de fazer a retirada por huma campanha, onde naõ podiaõ achar mais abrigo que a força dos braços, e o alento dos coraçoens; e que se na occasiaõ presente este era o unico remedio, quanto mais acertado seria pelejando, negar ao inimigo a ventagem de lhe mostrar receyo; que deviaõ todos lembrarse, naõ só do valor de que eraõ dotados, e da causa justa que defendiaõ, mas do Cabo que mandava as Tropas dos Castelhanos, que era D. Joaõ Soares, o qual havia fugido deste Reino para Castella, faltandò ao juramento, que tinha dado a ElRey, e á fidelidade a que o obrigava a propria natureza, affrontada de novo, vindo pelejar contra a sua Patria; e que aos que daquella sorte faltavaõ ás suas obrigaçoens se lhes entorpecia o discurso para distribuir as ordens, e a maõ para menear a espada; e que se no General, por estas razoens, haviaõ de achar tanta inhabilidade, nos soldados naõ poderiaõ descobrir mayor animo que aquelle mesmo, que para gloria sua tantas vezes experimentáraõ; que a guerra era nova, e o Reino pequeno, e que nesta consideraçaõ ainda que estivesse de permeyo o perigo, todas as emprezas se haviaõ de governar, attendendo mais ao credito que ao poder; e que a opiniaõ nunca no mundo, pelejando com valor, se havia perdido. Tomada esta resoluçaõ, que todos approváraõ, deu Fernaõ Telles a D. Sancho 70 Cavallos, de que eraõ Capitães Braz de Amaral, e Christovaõ da Fonseca, e tomou para sua guarda 35, governados pelo Capitaõ Duarte de Miranda Henriques, e a Infantaria ficou formada, naõ tendo mais que os braços por trincheiras. Vieraõ neste tempo os Castelhanos avançando pouco a pouco, e chegando perto da nossa Infantaria, lhe deu huma carga; porém

Resolve a peleija e anima os soldados.

naõ

naõ lhes fez damno pelo naõ receberem na diſtancia conveniente. Animados os Caſtelhanos deſta deſordem, a inveſtìraõ: mas Fernaõ Telles, e D. Sancho reconhecendo o perigo, e que a noſſa Infantaria vacilava, ſe adiantáraõ com as tres Tropas a receber a cargo. Inveſtiraõ-nos os Caſtelhanos, e acharaõ taõ valeroſa reſiſtencia, que naõ houve Official, nem Soldado, que naõ fizeſſe acçoens muito ſinaladas. Porém como o numero era taõ deſigual, chegáraõ alguns Officiaes a perſuadir a Fernaõ Telles, a que ſe naõ expuzeſſe a tanto perigo, porque o ſucceſſo eſtava duvidoſo. Reſpondeo com grande fervor: que a victoria era ſua, que continuaſſem até o conſeguir. Eſta conſtancia, e chegar neſte tempo a Tropa, e os cem Infantes de Alfayates, animou de ſórte a Infantaria, que cobrando novo alento, e unidos os que vieraõ aos que pelejavaõ, obrigárão aos Caſtelhanos a voltar as coſtas, cedendo ao ſeu valor. Seguirão-nos pouco eſpaço, porque Fernão Telles mandou tocar a recolher, receando alguma deſordem. Ficáraõ mortos 90 Caſtelhanos, leváraõ muitos feridos, e deixaraõ outros priſioneiros. Dos noſſos ſoldados merreo ſó hum Francez, recolheraõ-ſe 30 feridos, entre elles Affonſo Furtado de Mendoça, que pelejou valeroſamente, Pedro de Souſa de Caſtro Capitaõ mór de Viſeo, Miguel da Fonſeca Ozorio, Gaſpar de Tavora de Brito, Chriſtovaõ da Fonſeca Cardoſo. D. Sancho moſtrou que ſabia diſcorrer antes, e pelejar depois, porque a todas as partes accodio com grande valor, e prudencia: porém todos confeſſáraõ que ao valor, diſcurſo, e conſtancia de Fernaõ Telles deviaõ o bom ſucceſſo que logravaõ: porque naõ houve idéa que naõ formaſſe com juizo, nem acçaõ que naõ executaſſe com acerto. Voltouſe para Alfayates, e foy eſta a ultima occaſiaõ que teve naquella Provincia, porque ſe retirou para Lisboa, e proveo El-Rey o poſto ſegunda vez em D. Alvaro de Abranches. Deixou Fernaõ Telles naõ ſó deſtruido o campo de Arganhaõ, que era muito povoado, e ſuſtento de Ciudad Rodrigo, mas outros muitos lugares deſde a foz de Agueda, que entra no rio Douro, até a de Elges que

Anno 1642.

Desbarata os Caſtelhanos.

Anno 1642.

perde o nome no Tejo, districto que comprehende mais de 30 leguas de terra: logrou com muita felicidade, e mais industria que instrumentos, todas as acçoens que emprendeo, e deixou os soldados, e paizanos com o costume de vencer, ensinados a pelejar.

Em quanto as armas de Portugal valerosamente se manejavaõ, e todas as Provincias felismente se defendiaõ, trabalhava ElRey, fonte de todas as acçoens heroicas, por fertilizar as muitas, e destinctas plantas, que livravaõ a abundancia dos fructos sazonados, em se banharem nos seus preceitos, e confundia a politica de seus inimigos, que fundavaõ a ruina de Portugal na esperança dos seus desacertos. Porém naõ conseguiaõ todas as suas operaçoens a total satisfaçaõ de seus Vassalos: porque conhecendo o seu animo demaziadamente inclinado ao exercicio da caça, em que se criára, e muito applicado a ajustar a consonancia da Solfa, entendiaõ que roubava o tempo á obrigaçaõ do governo do seu Reino, e aos importantes negocios, que dependiaõ das suas resoluções naõ querendo os zelosos admittir a doutrina, que introduzia a lisonja no animo delRey, dizendolhe alguns Ministros que descançar para cançar, mais era ambiçaõ do trabalho, que desejo do descanço; e que na recreaçaõ de S. Magestade consistia a sua saude, segurança da sua vida, alma da conservaçaõ do seu Reino. Ouvia ElRey estas vozes das Sereas do Paço, verdugos dos Principes, sepultura dos Reinos; mas para que o veneno o naõ reduzisse à ultima ruina, cerrava acautelado Ulysses muitas vezes os ouvidos com os verdadeiros conselhos dos desinteressados. Porém naõ prevalecendo totalmente contra o damno a utilidade do remedio, e receando todos o perigo do Reino, cujo corpo sustentava a cada hum a cabeça, foy escolhido D. Joaõ da Costa, para advertir a ElRey os damnos da Monarquia. Aceitou elle a commissaõ, antepondo a virtude de fallar verdade ao sentimento que ElRey podia receber de ouvila, e presentoulhe hum memorial que continha as razoens seguintes:

Memorial de D. Joaõ da Costa.

„ Senhor, ainda que o conhecimento do meu pouco ca-
„ bedal me naõ deixa confiança para esperar, que as mi-
„ nhas

,, nhas razoens sejaõ uteis ao serviço de Vossa Mageſta- Anno 1642.
,, de, obriga-me o meu affecto, e o empenho da con-
,, ſervaçaõ da minha Patria a dizer claramente a Vof-
,, ſa Mageſtade as deſattençoens do Governo, que con-
,, demnaõ os mais intereſſados na conſervaçaõ deſte Rei-
,, no. E naõ baſta a conſideraçaõ de que pódem offender
,, eſtas noticias o animo de Voſſa Mageſtade para me im-
,, pedir que eu as refira, aſſim, e da maneira que com-
,, mummente ſaõ julgadas, ainda que a adulaçaõ as emu-
,, deça. Conſta das cartas dos Governadores das Armas
,, das Provincias, que Entre Douro, e Minho naõ chega
,, a ter hoje 400 ſoldados pagos, e que eſtes naõ ſaõ ſe-
,, guros, porque faltando-lhes a conſignaçaõ para os ſoc-
,, corros, faltaráõ elles na guarniçaõ das Praças. Traz
,, os Montes ſe acha da meſma ſorte. Na Beira conſta a
,, Voſſa Mageſtade por aviſos muito repetidos de Fernaõ
,, Telles a falta que tem de ſoldados, de dinheiro, e de
,, todas as mais prevençoens neceſſarias para defenſa da-
,, quella Provincia. Em Alentejo juſtificaõ as ultimas
,, moſtras que ſe paſſáraõ, que falta mais da ametade da
,, gente que ja teve; em particular os Regimentos Ho-
,, landezes, que quaſi todos eſtaõ desbaratados. O con-
,, trato, que ſe fez para a conſervaçaõ da gente que fi-
,, cou naquella Provincia, naõ baſta, nem poderá perſiſ-
,, tir, ſe divertirem, como ſe coſtuma, aos contratado-
,, res as conſignaçoens que ſe lhe offerecem; de que re-
,, ſultará naõ ſó perderem-ſe eſtes, mas tambem os que
,, adiante ſe celebrarem, pela falta de credito com que
,, ficaráõ os Miniſtros de Voſſa Mageſtade. O Reino do
,, Algarve naõ tem meyo algum de ſe defender. Caſcaes,
,, Peniche, S.Filippe, e Outaõ ſe achaõ taõ deſtituidas de
,, guarnições, que em melhor eſtado conſervavaõ os Caſ-
,, telhanos eſtas fortalezas, quando naõ temiaõ a invaſaõ
,, de inimigos taõ poderoſos. Os Armazens deſta Cidade ſe
,, vem deſocupados, ſendo taõ neceſſario vêlos preveni-
,, dos. Lisboa ſem eſperança de ſe fortificar, e o Caſtello
,, ſem cuidado de ſe pôr em melhor defenſa, os Terços da
,, Ordenança naõ tem exercicio, e os fidalgos, e gente no-
,, bre eſtaõ ſem armas, e ſem fórma, e todos incapazes de

Anno 1642.

„ acodirem aos muitos, e perigosos accidentes a que estamos expostos. O Brasil consideramos arriscado a ser despojo dos Holandezes, como o tem sido Angola, e S. Thomé, e tudo, Senhor, vemos em estado taõ perigoso, que parece que nos conservamos só pela impossibilidade de nossos inimigos. Deste lethargo procede a desestimaçaõ que soffremos aos Estrangeiros, e o desalento que experimentamos nos naturaes; entendendo que naõ tarda mais a sua ruina, que em quanto senaõ melhora o partido de Castella: e desta supposiçaõ se pódem temer resoluçoens mais nocivas ao estado presente, que o damno da guerra. Soltamente murmura o Povo, e sente a Nobreza com grande excesso a pouca attençaõ, com que se acode ás materias em que consiste a defensa do Reino: dizem que o Conselho de Guerra naõ tem sufficientes Ministros, e que quando acertaõ em algumas propostas convenientes á boa disposiçaõ da guerra, que V. Magestade as naõ admitte, prevalecendo o Conselho de outras pessoas que tem muito menos noticia da arte militar: reparaõ em que havendo anno, e meyo que V. Magestade tem a Coroa na cabeça, naõ assistio hum só dia no seu Conselho de Guerra, gastando muitos em outros Tribunaes, e em occupações menos precisas para a defensa do Reino: dizem que he grande a confusaõ das ordens do Conselho da Fazenda, e por V. Magestade naõ attender a ella, se perde a mayor parte: as decimas seculares, bens de ausentes, e confiscados, e as Commendas vagas naõ se cobraõ por iguaes inconvenientes. Julgo tambem precizo advertir a V. Magestade que vejo todos os negocios decididos pelos quatro Conselheiros de Estado, com quem V. Magestade despacha, e entendo que naõ tem as noticias, e disposiçoens necessarias, para poderem encaminhar as materias que tocaõ á guerra: e só serve esta fórma de governo de dilatar os despachos, e peyorar as resoluçoens. E assim convem que V. Magestade se confórme o mais que for possivel, com as consultas dos Tribunaes; porque ainda que ignorem muito, entendem melhor do seu officio, que os Minis-

tros

„ tros do despacho, do alheyo. As contribuiçoens dos „ Povos, applicadas á guerra, tem grandes divertimen- „ tos; e os soldados além de mal pagos, saõ muito des- „ favorecidos dos Ministros, negandolhes naõ só os des- „ pachos, mas as palavras cortezes, que obrigaõ muito, „ e custaõ pouco. Mas este máo termo nasce, de que co- „ mo senaõ criáraõ na guerra as pessoas de que V. Mages- „ tade se serve, naõ sabem pezar quanto importa gran- „ gear os soldados por todos os caminhos. Porém mais „ que tudo ouço que sentem todos naõ se inclinar V. Ma- „ gestade muito ao exercicio militar; e juntamente que „ abraça a pratica de senaõ fazer caso do poder dos Caste- „ lhanos: veneno taõ prejudicial, que nasce da malicia „ dos que naõ querem que se trate da defensa do Reino, „ a que V. Magestade he taõ obrigado como á sua pro- „ pria vida. Este he, senhor, o estado em que se acha „ Portugal, e esta a voz commua de todo o Reino, com „ taõ pouca exceiçaõ, que só os dependentes de Castel- „ la deixaõ de pedir a V. Magestade com lagrimas o re- „ medio. E por este respeito entendi que era obrigado, „ como quem ama tanto o serviço de V. Magestade, a „ referir sem rebuço o meu sentimento, para que antes „ de chegar o damno, se possa divertir o perigo: porque „ se estando os inimigos com taõ poucas forças, nós ou- „ tros nos consideramos em tanto risco, que será, se- „ nhor, se por algum dos accidentes que pódem sobre- „ vir, melhorarem o seu partido, vendose desembara- „ çados da guerra de Catalunha, de França, e Holanda, „ que agora os diverte? O remedio que julgo mais pro- „ porcionado, e a pedra fundamental deste edificio, pa- „ rece que será attender V. Magestade ao governo, e „ melhorar os Conselheiros, pondo nos Conselhos de „ Guerra, e Fazenda os mais expertos sujeitos destes dous „ exercicios, que se acharem no Reino, e authorizar „ V. Magestade estes Tribunaes com sua assistencia, ao „ menos huma vez na somana. E quando V. Magestade „ averigue que a fazenda que hoje ha, naõ basta para a „ defensa do Reino, devem buscárse meyos de se aug- „ mentar; proporcionando os tributos quanto for pos-

Anno 1642.

Anno 1642

,, ſivel, repartindo o dinheiro pelas Praças mais arriſcadas, e pelos ſoldados peyor ſoccorridos; porque deſta ſorte ſeraõ ſem duvida ſeguros, e felices os ſucceſſos das armas de V. Mageſtade. Tambem ſerá muito conveniente, para deſvanecer a opiniaõ do Povo, favorecer V. Mageſtade as artes militares exercitandoſe nellas peſſoalmente: porque todos buſcaràõ a guerra, vendo que V. Mageſtade ſe deleita em formar eſquadroens de Cavallaria, meter Terços em batalha, viſitar as officinas de artilharia, e as fortificaçoens, e applicarſe ás mais artes, e inſtrumentos bellicos, exercicios todos regios, dignos do alto coraçaõ de V. Mageſtade, e approvados com exemplos dos mayores Principes do mundo. Com eſtas opperaçoens exercitadas pouco tempo, terá V. Mageſtade muito menos trabalho, o Reino ſe verá defendido, o amor nos Vaſſallos ſeguro, e a reputaçaõ nas naçoens Eſtrangeiras augmentada, vendo que V. Mageſtade ſegue os paſſos daquelles Principes, que nas virtudes proprias fundáraõ, e eſtabelecéraõ os Imperios. Achando V. Mageſtade neſtas occupaçoens inteira ſatisfaçaõ, eſperamos ſem duvida que V. Mageſtade ſe reſolva a paſſar á Provincia de Alentejo, a ver o ſeu exercito, e animar os ſeus ſoldados. Deſta reſoluçaõ reſultará terror aos contrarios, e aos amigos confiança, naõ haverà Vaſſallo algum de V. Mageſtade que ſe exima do exercicio da guerra, nem haverà cabedal que ſe recate para o ſuſtento della: porque ao Principe, Sol da Monarquía, coſtumaõ a correſponder as plantas dos Vaſſallos com proporcionadas finezas às que grangeaõ, e com iguaes beneficios aos que recebem. Repartirà V. Mageſtade pelos ſoldados, conhecendo-os, os premios ſem deſigualdade; e deſta conſonancia reſultará a ſegurança das victorias. V. Mageſtade com ſeu ſoberano juizo reſolverà o que mais convier à conſervaçaõ deſte Reino, e à utilidade de ſeus Vaſſallos, para que o Principe noſſo Senhor, depois de muitos annos que ha de durar a vida de V. Mageſtade, logre ſeguro, e felice eſte Imperio.

Admit-

Admittio ElRey a verdade, e pureza destas razoens com muito agrado, e ponderou-as com grande prudencia. Resultou desta reflexaõ despedir soccorros a todas as fronteiras, attender com cuidado ás consignaçoens que se davaõ, e attalhar as que se divertiaõ, e determinou passar a Alentejo a Primavera seguinte. Para executar este seu intento, o mandou propor aos Conselheiros de Estado, dizendo: que a guerra de Catalunha era a mais util diversaõ que este Reino conseguia; e que nenhuma outra poderia desafogar mais aos Catalaens, que entrarem em Castella as armas de Portugal: naõ sendo só este o interesse que resultava á sua Coroa do intento que propunha, senaõ tambem outro mais essencial, que era a reputaçaõ das armas, e a satisfaçaõ dos Principes aliados: porem que naõ queria tomar a ultima resoluçaõ, sem entender os pareceres dos Conselheiros: e que juntamente ordenava a cada hum delles, que declarassem o seu voto: que exercito bastaria para aquella Campanha: e que Praça devia eleger para formar o exercito. Foraõ varios os pareceres dos Conselheiros de Estado. Hum dos que votavaõ com mayor acerto nas materias mais importantes daquelle tempo, era o Marquez de Montalvaõ. Foy o seu voto da sustancia seguinte. ,, Que elle estreitava o seu entendimento á proposta que Sua Magestade ,, mandava fazer, esperando ter occasiaõ de representar, ,, a Sua Magestade as duvidas que se lhe offereciaõ sobre a ,, jornada, que Sua Magestade queria fazer a Alentejo: e ,, que respondendo só ao que se lhe perguntava, dizia: ,, que hum dos pontos mais principaes, a que se devia attender, era occultarse que Sua Magestade determinava ,, passar a Alantejo, e juntamente a Praça de Castella ,, aonde se houvesse de empregar o exercito, para que o ,, inimigo senaõ prevenisse, e a naõ bastecesse: que da ,, mesma sorte convinha que as nossas Praças de mais importancia estivessem bem fortificadas, e guarnecidas; ,, porque se o inimigo intentasse a diversaõ, nos naõ fosse ,, necessario hum exercito para a conquista, outro para a ,, defensa: e que supposta esta prevençaõ, lhe parecia ,, que o exercito constasse de doze mil Infantes pagos, e

Anno 1642.

Admitte ElRey o Memorial de D. Joaõ da Costa, e manda propor ao Conselho de Estado se deve passar a Alentejo.

Voto do Marquez de Mõtalvaõ.

„ 8000 Auxiliares, de 2000 Cavallos, 30 peças de artilharia, 20 groſſas, e 10 de Campanha, 4 morteiros, todas as muniçoens, mantimentos, e bagagens para ſuſtentar eſte Corpo, e todos os Officiaes que faltavaõ para o animarem: e que tudo o referido convinha que ſe preveniſſe com tempo, e com abundancia, repartindo cada operaçaõ por differentes Miniſtros, ſendo todos obrigados a dar conta a Sua Mageſtade do effeito da ſua diligencia: e que ſobre tudo era neceſſario ajuſtarem-ſe conſignaçoens certas de dinheiro, columna, e capitel da guerra: que a Praça que devia de eleger para formar o exercito, era Eſtremôs: a qual devia prevenirſe com grande attençaõ muito anticipadamente: e que com a meſma ſe deviaõ diſpor as guardas de ſua peſſoa: e que todas eſtas materias pela importancia dellas mereciaõ particular ponderaçaõ: que eſperava que Sua Magaſtade diſpuzeſſe o que foſſe mais conveniente a ſeu ſerviço. Depois deſte parecer fez o Marquez de Montalvaõ hum papel que deu a ElRey, que continha eſtas razoens. „ Senhor, depois de me ver deſobrigado dos preceitos da propoſta, que Voſſa Mageſde mandou fazer ao Conſelho de Eſtado, ſobre a reſoluçaõ de paſſar a Alentejo, me pareceo repreſentar á Voſſa Mageſtade as duvidas, que ſe me offerecem neſta jornada. Aceite Voſſa Mageſtade eſta minha confiança, lembrando-ſe do meu zelo, onde Voſſa Mageſtade encontrará affectos que a deſculpem. Parece-me que o perigo de Voſſa Mageſtade ſe auſentar de Lisboa he de qualidade, que naõ póde recompenſſallo outro algum intereſſe. E como as Monarquias ſeguem o eſtilo dos corpos humanos, he neceſſario aos Medicos prudentes, naõ ſó tentar o pulſo para conhecerem os males que padecem, ſenaõ tambem averiguar a origem donde procedem, para lhe applicarem remedios proporcionados. Tirou Voſſa Mageſtade a Caſtella juſtiſſimamente eſte Reino depois de 60 annos de poſſe: e he infallivel que em tanto tempo, e tantas alianças, como houve entre as duas Coroas, produziſſe o intereſſe ou maldade de muitos affeiçoados ao partido de Caſtella, como já „ ſe

,, fe tem experimentado nos que fe declarárão, e fe deve
,, temer dos que fe recatão fó obrigados do receyo, efti- Anno
,, mulados das diligencias dos Caftelhanos, de quem eu 1642.
,, temo mais a manha que a força, mais o filencio que o
,, ruido. Nefta incerteza de animos não póde fer conve-
,, niente que a Real peffoa de Voffa Mageftade fe aparte
,, da fua Corte, Cabeça de todo o Reino, a que efta Ci-
,, dade coftuma dar Leys; principalmente achando-fe ella
,, fem fortificação alguma, e não podendo ficar com nu-
,, mero fufficiente de gente paga. Tambem me obriga a
,, recear muito o perigo da peffoa de Voffa Mageftade,
,, não fó o zelo, e o amor, mas a madura confideração;
,, porque he de crer que de Caftella procurem a offenfa
,, de Voffa Mageftade, não perdoando aos meyos mais
,, illicitos: e efta idèa enfina que não he tempo de V. Ma-
,, geftade andar entre o eftrondo das armas. A eftes for-
,, çofos reparos, fe feguem outros tambem de grande im-
,, portancia. Se Voffa Mageftade empenha na guerra a
,, fua Real Peffoa, poem o mundo em efperanças de
,, grandes emprezas, as quaes pòdem faltar por acciden-
,, tes infuperaveis: e fe não fuccederem, ficarão os con-
,, trarios mais animofos, e os amigos menos confiados.
,, O tempo ainda não permitte, que Voffa Mageftade fe
,, ponha diante dos feus exercitos: e a não fer affim, ao
,, mefmo exercito convèm, que Voffa Mageftade fe não
,, aparte defta Corte, donde devem fahir todos os foccor-
,, ros capazes de o alimentar, não havendo mais que 30
,, leguas de diftancia, que he a menor em que póde affif-
,, tir hum Principe, quando não delibera acharfe peffoal-
,, mente nas facçoens militares. Nefte fentido, Senhor,
,, fou de opinião, que Voffa Mageftade dê a entender que
,, vay a Alentejo, para que as prevençoens fejão mais
,, promptas, e que tanto que o exercito eftiver preveni-
,, do, Voffa Mageftade o entregue á peffoa de que fizer
,, mayor confiança, dando-lhe por fegundos Cabos os que
,, tiverem mayores experiencias: e alcançando as Armas
,, de Voffa Mageftade os felices fucceffos, que eu efpe-
,, ro, então poderá fer tempo de Voffa Mageftade fazer
,, com a fua peffoa alguma demonftração; porque hum

,, feliz

„ feliz principio facilita grandes difficuldades. Fez em

Anno 1641.

ElRey grande mudança este parecer do Marquez de Montalvaõ, porque ponderadas bem as razoens por huma, e outra parte, ainda que as de D. Joaõ da Costa eraõ muito efficazes, e generosas, as que o Marquez offerecia incluhiaõ materias muito importantes: e depois de largos debates, prevalecèraõ nesta occasiaõ. Chegou neste tempo a Lisboa Salvador de Mello com 150 soldados Portuguezes. Achava-se na Villa de Fraga nos confins de Aragaõ, tanto que lhe chegou a noticia de que ElRey era acclamado, fingio que intentava huma enterpreza: sahio depois do Sol posto da Villa com os soldados, e declarou-lhes que o seu intento era passarse a Barcelona, para se embarcar naquelle porto para Portugal. Todos lhe approváraõ a resoluçaõ, e antes de amanhecer estavaõ seguros em Catalunha. Chegàraõ a Barcelona, achou Salvador de Mello dinheiro, que para este fim o Padre Ignacio Mascarenhas havia deixado naquella Cidade. Unio aos que levava outros 150 soldados, que achou em Barcelona, com esta gente incorporada atravessou França, chegou a Arrochela, aonde tambem achou dinheiro, que ElRey havia mandado áquella Cidade para os Portuguezes que chegassem a ella: embarcou 150 que mandou diante, e com os outros entrou em Lisboa. Deo-lhe ElRey huma Comenda, e o posto de Capitaõ mór de Bragança. Os soldados se dividiraõ pelas fronteiras, e passáraõ depois muitos a grandes postos. No mesmo tempo chegáraõ de Inglaterra D. Francisco de Azevedo, e Alvaro de Sousa. Achavaõ-se em Madrid, quando ElRey se acclamou; passáraõ a servir a Flandes, donde facilmente acháraõ embarcaçaõ para Londres, de Londres se embarcáraõ para Lisboa. Recebeo-os ElRey com a demonstraçaõ que merecia a sua fineza, grangeando com ella ficarem muito poucos Portuguezes servindo aos Castelhanos. E destas, e outras politicas lhe era necessario usar, para senaõ desvanecer a gloriosa, e incerta acçaõ que emprendèra.

Prevalecem as razoens do Marquez de Montalvaõ.

Passase Salvador de Mello com 300 Soldados ao serviço delRey.

DáElRey huma Comẽda, e a Capitania mòr de Bragança a Salvador de Mello.

Chegaõ de Castella D Francisco de Azevedo, e Alvaro de Sousa

Determinou ElRey mandar segunda embaixada a França, por ser a parte aonde eraõ mais seguras as dependencias

pendencias

pendencias, na consideraçaõ dos interesses que resultava á Coroa de França da guerra de Portugal, sem contorvercia, o mais abonado fiador das alianças dos Principes. Elegeo ElRey por Embaixador de França a D. Vasco Luiz da Gamma Conde da Vidigueira. Era avaliado por muito capaz desta occupaçaõ, ainda que de poucos annos: mas como deste vicio, comforme o discurso de hum cortezaõ, se emendaõ os homens todos os dias, concorrendo no Conde da Vidigueira as outras virtudes, desempenhou no acerto da Embaixada o conceito que se formava delle. Partio de Lisboa a 9 de Abril, e levou por Secretario da Embaixada Antonio Moniz de Carvalho, que antes havia passado a Dinamarca, e Suecia com a mesma occupaçaõ. Depois de experimentar alguns dias o vento contrario, chegou a Arrochela a 4 de Mayo, desembarcou, e foy hospedado magnificamente do Graõ Prior de França. Delle soube, que ElRey Christianissimo era partido a sitiar Perpinhaõ. Com esta noticia sahio de Arrochela a buscar a Corte: atravessou a mayor parte de França, e por todos os lugares por onde passou, foy examinando as Reliquias de mayor veneraçaõ, os edificios de mayor esplendor, e antiguidades de mayor preço. Fez alto em Narbona cem leguas de Arrochela: em Narbona achou doente ao Cardeal Richilieu de huma grave infermidade que havia trazido do exercito, e no mesmo dia por melhorar de sitio havia sahido em hum leito aos homhros dos soldados (que nem aos que seguem este generoso exercicio saõ os validos pezados) para Buciers, cinco leguas distante. O Conde mandou ao Secretario da embaixada pela posta a dar conta ao Cardeal de como havia chegado: o mesmo aviso fez a ElRey ao exercito, que lhe ordenou passasse a Buciers, dizendolhe que a incommodidade que havia no exercito para o receber, fazia forçosa a dilaçaõ. Dentro de poucos dias veyo ElRey doente para Buciers, e seguindo os mesmos passos do Cardeal, passou a Avinhaõ, aonde o seguio o Conde da Vidigueira: foy de Avinhaõ a Pariz, e acabando a vida naquelles dias a Rainha Mãy, se deteve ElRey alguns dias em Fonte Neblô. Tanto que ElRey chegou a Pariz, deu audiencia

Anno 1642.

Elege ElRey o Conde da Vidigueira por Embaixador de França.

Tem audiencia delRey o Conde da Vidigueira.

Anno 1642.

cia ao Conde. Foy conduzido de huma quinta, onde estava fóra da Cidade, do Marichal de S. Luca, e recebendo-o ElRey, e a Rainha com todas as ceremonias costumadas, lhe nomeáraõ Chavignî Secretario de Estado dos negocios fóra do Reino, para conferir os da sua embaixada. Os primeiros que o Conde tratou com mais calor, foraõ a liberdade do Infante D. Duarte, e de que o Summo Pontifice aceitasse a embaixada do Bispo de Lamego. Porém nem huma, nem outra cousa teve effeito, pelas razoens acima declaradas. Tratou o Conde com todo o calor da liga formal entre as duas Coroas: porém, tendo dado principio a este negocio com boas esperanças de o conseguir, acabou a vida o Cardeal Duque de Richilieu, e variando no governo de França todos os Ministros, começou a tratar de novo com o Cardeal Julio Massarini, que succedeo ao de Richilieu, elegendo-o ElRey por primeiro Ministro daquella Coroa. Continuou o Conde as negociaçoens propostas, e outras de grande importancia com o successo, que em seu lugar referiremos.

Morte do Cardeal Richilieu.

Succede o Cardeal Massarini.

Huma das materias que neste tempo dava a ElRey mayor cuidado, era a perda de Angola, S. Thomé, e Maranhaõ: porque recuperar tantos lugares por força em partes taõ diversas, parecia muito difficil, durando a guerra dos Castelhanos, e sendo os Holandezes taõ poderosos; e reduzir os Estados com razoens depois de estarem de posse, havendo elles sido Authores de toda a cavilaçaõ, era quasi impraticavel. Porém como outros relevantes respeitos faziaõ forçosa esta diligencia, naõ sendo menos consideravel mostrar ao mundo o enganoso procedimento dos Holandezes, mandou ElRey ordem a Francisco de Andrade Leitaõ, que assistia em Inglaterra, para que passasse a Holanda a representar aos Estados o injusto procedimento dos Governadores Holandezes, que assistiaõ no Brasil: porque quando naõ conseguisse o effeito que se procurava, ao menos entenderia a resoluçaõ dos Estados, para se procurarem os meyos de recuperar os dannos padecidos no Brasil. Logo que Francisco de Andrade recebeo a ordem delRey, passou de Londres a Holanda; tanto que chegou a Haya, naõ lhe dilatando os

Passa a Olanda Francisco de Andrade Leitão.

os Miniſtros a audiencia que pedio, lhes moſtrou em huma larga oraçaõ: „ A injuſtiça com que os Holande- „ zes do Braſil haviaõ occupado o Reino de Angola, S. „ Thomé, e Maranhaõ, tendo já noticia certa de que „ ElRey D. Joaõ era acclamado em Portugal, e de que „ aquelles Eſtados haviaõ admittido Triſtaõ de Mendo- „ ça ſeu Embaixador, e ajuſtado com elle tregoas por dez „ annos, aſſim deſta, como daquella parte da Linha, e „ de que as forças dos Eſtados ſe haviaõ unido ás de Por- „ tugal, em prejuizo delRey Catholico, inimigo de hu- „ ma, e outra Naçaõ; e que além de terem por muitas „ vias a certeza de todos eſtes ſucceſſos, os Governado- „ res das Praças, que cauteloſamente rendéraõ, quando „ chegáraõ a ellas, lhe fizeraõ preſente tudo o referido, „ para que em nenhum tempo pudeſſem cobrir o ſeu en- „ gano com a capa da ignorancia: e que ſem embargo „ deſtas admoeſtaçoens, ſe haviaõ metido de poſſe das „ Praças, fazendo-ſe inimigos daquelles que os receberaõ „ como hoſpedes; e que convencidos das razoens que „ os Governadores Portuguezes lhe repreſentáraõ, reſ- „ pondéraõ, que haviaõ dado conta áquelles Eſtados, „ cuja reſoluçaõ eſperavaõ para ſeguir o que lhes orde- „ naſſem: o que ſuppoſto, ficava claro, e ſem duvida „ haverem procedido os Holandezes do Braſil com deſor- „ denada cubiça, offendendo o direito das gentes, a fé „ publica, a confiança, e ſingileza natural de que Triſ- „ taõ de Mendoça havia uſado nas capitulaçoens feitas „ com aquelles Eſtados, a verdade conſtante da palavra „ que lhe deraõ, o intento pacifico da embaixada, a can- „ dida, e liza tençaõ que ElRey teve quando a deſpe- „ dio, e confirmou o aſſento della. E que ſuppoſtos to- „ dos eſtes antecedentes, para que naõ houveſſe no mun- „ do quem erradamente imaginaſſe, que as Provincias „ Unidas cooperavaõ em acçaõ taõ iniquia, e que de pre- „ ſente era eſcandalo univerſal, eſperava naõ ſó que os „ Eſtados mandaſſem reſtituir a ElRey tudo o que na „ America, e Africa ſe havia uſurpado injuſtamente, ſe- „ naõ que ſentiſſem os Authores da culpa com exemplar „ caſtigo a gravidade della: porque havendo qualquer „ omiſ-

Anno 1642.

Oraçaõ que fez aos Eſtados.

Anno 1642.

„ omiſſaõ nas duas precizas demonſtraçoens, que cauçaõ „ ſe poderia dar no mundo á fé publica, vendo-ſe a paz „ em todos os ſeculos ſacroſanta, neſte caſo indignamen- „ te violada? E que a interpretaçaõ que alguns coſtuma- „ dos ás ſubtilezas do cõmercio davaõ aos capitulos da „ paz, era taõ indigna, que ſe corria de refutalla diante „ de taõ illuſtre Congreſſo: porque o tempo que ſe deu „ para ſe publicar a paz nas conquiſtas, era lizamente o „ que pareceo neceſſario para chegarem a ellas os Embai- „ xadores que levaſſem os traslados dos capitulos, e que „ durante eſte prazo, ſendo notoria no Braſil a paz, taõ „ obrigados eſtavaõ a guardalla os Holandezes da Ame- „ rica, como os da Europa, ſenaõ queriaõ encorrer na „ Ley Civil dos Romanos, que chama dolo a naõ ſe dar „ credito ao que todos crem, e dizem em algum lugar: „ e que entendendo-ſe eſta ley em huma ſó parte, ſe po- „ deria forçoſamente explicar em tantos lugares, como „ foraõ os em que no Braſil ſe publicou a acclamaçaõ „ delRey. Que por eſtas razoens (*e outras muitas que* „ *accreſcentou*) eſperava ElRey ſeu ſenhor, que os Eſta- „ dos glorioſos em tantas acçoens militares, e politicas „ naõ haviaõ de querer desluzillas, uſurpando cautelo- „ ſamente as Praças, e Lugares que lhes naõ pertenciaõ. Eſte bem fundado diſcurſo pedia huma Armada muito poderoſa para paſſar ao Braſil, quando os Holandezes naõ admittiſſem as propoſiçoens delle: porém os Holandezes, deſprezando o pouco damno que podiaõ receber das noſſas armas, fizeraõ pouco caſo das noſſas queixas. Mas naõ paſſou muito tempo, que naõ moſtraſſe Deos que accodia pela noſſa juſtiça.

ElRey achando-ſe dependente, tratou de contemporizar, em quanto ſe naõ pode ſatisfazer, e pouco a pouco foy melhorando todas as diſpoſiçoens. Conſiderando que nas primeiras Cortes, que no principio do anno de 1641 havia celebrado, naõ tinhaõ os Povos conſignado os effeitos neceſſarios para aſſiſtir ás grandes deſpezas, que fazia a guerra, os convocou ſegunda vez a 18 de Setembro. Celebraraõ-ſe na ſala dos Tudeſcos com as ceremonias coſtumadas. Repartiraõ-ſe os tres Eſtados pelos

Segundas Cortes.

los Conventos de Santo Eloy, S. Domingos, e S. Francisco: ao primeiro foy o da Nobreza, ao segundo o Ecclesiastico, ao terceiro o dos Povos. Foy a proposta, que ElRey mandou fazer, que os vinte mil Infantes, e quatro mil Cavallos que se orçou nas primeiras Cortes, que era necessario para defender as fronteiras do Reino, se naõ podiaõ sustentar com menos de dous milhoens e quatrocentos mil cruzados, que a este respeito se apontassem os meyos mais suaves de se tirar do Reino este dinheiro. Depois de varias consultas, concordáraõ os tres Estados, que as decimas eraõ o caminho mais proprio, e o tributo mais igual, de que se podia usar: porém declaráraõ os Povos, que na contribuiçaõ havia de ficar o seu corpo separado, para que se soubesse o que cada hum dos tres dispendia, e naõ viesse a cahir no Povo, como menos poderoso, o mayor pezo. Os Ecclesiasticos, e a Nobreza uniraõ-se contra esta proposta, naõ querendo desunirse na contribuiçaõ. Repetîraõ os Povos as instancias. Mandou ElRey persuadir aos Procuradores pelo Secretario de Estado Francisco de Lucena. Ajudavaõ o designio delRey o Marquez de Montalvaõ, e Duarte Alvares de Abreu Desembargador dos Aggravos, que eraõ Procuradores de Lisboa. Propoz o Secretario de Estado, que ElRey offerecia do patrimonio Real, e das consignaçoens, que lhe tocavaõ, prefazer novecentos mil cruzados, e que queria que os tres Estados sem separaçaõ pagassem hum milhaõ e quinhentos mil cruzados das decimas das fazendas. Os Procuradores dos Povos vendo esta resoluçaõ, e domesticos com as negociaçoens os que estavaõ mais asperos, se reduzîraõ á vontade delRey, e veyo sem separaçaõ a ficar assentado o tributo dos dous milhoens e quatrocentos mil cruzados, para as despezas da guerra. Nestas Cortes se dèraõ a ElRey varios papeis sobre o procedimento dos Ministros de que se servia. Resultou o mayor effeito de huma petiçaõ que se fez contra Francisco de Lucena assinada por muitos Procuradores dos tres Estados do Reino, e presentáraõ-na a ElRey alguns dos Ministros de mayor esféra. Francisco de Lucena havia assistido em Madrid com a occupaçaõ de Secretario

Anno 1642.

Proposta delRey.

Assenta-se a contribuiçaõ.

Petiçaõ contra Francisco de Lucena Secretario de Estado.

do

Anno 1642.

do Conselho de Portugal: por industria de seus inimigos o tinha mandado ElRey D. Filippe para este Reino por Secretario das Mercês. Neste exercicio o achou a acclamaçaõ delRey, e inculcado pela sua grande capacidade, o elegéraõ os Governadores para servir de Secretario de Estado, até que ElRey chegasse: porque ainda que elle no tempo de Castella havia encontrado os interesses da Casa de Bragança, era conhecidamente inimigo de Miguel de Vasconcellos. Deu-lhe ElRey a posse do exercicio em que o achou, e satisfez-se de sorte do seu talento, que se accommodava ao seu parecer em todas as materias mais importantes. Este favor incitou a inveja, e provocou a calumnia, e foy occasiaõ da ruina de Francisco de Lucena. Estava prezo em Madrid seu filho Affonso de Lucena, e procurava meyos de o livrar da prizaõ, ou ao menos de lha suavizar: cresceo de sorte a murmuraçaõ desta diligencia, que passou a fazer suspeitosa a sua fidelidade. E este foy o fundamento dos capitulos que se deraõ contra elle, de que se originou mandallo ElRey prezo para a Fortaleza de S. Giaõ; porque ainda que na sua opiniaõ era innocente, e havia dado consentimento ás diligencias que Francisco de Lucena fazia pelo alivio da prizaõ de seu filho, eraõ tantas as pessoas, e de tanta authoridade as que se fizeraõ partes neste negocio, que lhe pareceo a ElRey precizo satisfazellas. E desta resoluçaõ veyo a resultar a Francisco de Lucena a ultima calamidade, como em seu lugar diremos.

He prezo em S. Gião.

Neste anno mandou ElRey a Armada a correr a Costa: era General della Antonio Telles de Menezes, Almirante Cosme do Couto, que havia passado de Castella a servir este Reino. Levava a Armada 15 navios de guerra, e tres de fogo, que guarneciaõ 2500 Infantes: recolheose na entrada do Inverno sem mais effeito, que segurar os nossos mares. Melhor empreza conseguiraõ na Ilha Terceira os soldados da Fortaleza de S. Filippe: porque chegando a ella dous navios de Indias na fé de que se conservava sujeita a ElRey de Castella, quando reconhecéraõ o engano, acháraõ inevitavel o perigo, foraõ remettidos a Lisboa, e interessou ElRey nelles consideravel fazenda.

Sahe a Armada a correr a Costa.

Tomão se na Ilha Terceira dous navios de Indias.

Neste

Em quanto duráraõ estes successos em Portugal, naõ estiveraõ socegadas as armas no Brasil. Mandou ElRey por Governador daquelle Estado Antonio Telles da Silva. Tanto que chegou á Bahia, procedeo contra os tres que governavaõ, pelas offensas feitas ao Marquez de Montalvaõ. Mandou prezos para Lisboa Luiz Barbalho, e Lourenço de Britto. A Luiz Barbalho perdoou ElRey, por se averiguar, que os seus erros procederaõ mais do entendimento, que da vontade. Lourenço de Britto esteve muitos annos prezo na cadea publica de Lisboa. Ao Bispo fez Antonio Telles repor todos os ordenados, que havia levado. Neste tempo conseguiraõ os moradores do Maranhaõ, sem mais soccorro que o estimulo dos aggravos que recebéraõ dos Holandezes, gloriosa satisfaçaõ de tantas offensas. Depois de occupado o Maranhaõ guarnecéraõ os Holandezes a Cidade, e repartiraõ 300 soldados pelos Engenhos da terra firme. Huns, e outros com a soberba de injustos vencedores se licenciáraõ de sorte, que naõ perdoando ao sagrado, nem ao profano, em todos os lugares viaõ lastimosamente os Portuguezes as Igrejas, e as honras offendidas. Eraõ mayores os excessos dos que habitavaõ nos Engenhos, e assim foraõ os primeiros que padecéraõ o castigo. Desenganados os Portuguezes de que lhe naõ valia, nem aparentarem-se com os Holandezes casando-os com suas filhas, nem queixaremse ao Governador, como repetidas vezes fizeraõ, appellaraõ para o valor de seus braços, nos quaes por antiga disposiçaõ da natureza, acháraõ sempre o mais efficaz remedio. Elegéraõ por superior acertadamente Antonio Moniz Barretto, que havia exercitado o posto de Capitaõ mór da Cidade com grande opiniaõ de soldado pratico, e valeroso: aceitou elle a occupaçaõ, attendendo assim ao bem publico, como á offensa particular, por haver recebido muito máo trato de 20 Holandezes, que alojava em hum Engenho que elles lhe haviaõ deixado. Resoluto em intentar taõ difficil empreza, ajuntou cem Portuguezes, e alguns negros, e huma noite entrou em todos os Engenhos que lhe ficavaõ mais perto, e naõ ficou Holandez que com a vida naõ pagasse os delictos com-

Anno 1642.

Successos do Brasil de q̃ he Governador Antonio Telles da Silva.

Antonio Moniz Barretto se levanta no Maranhão contra os Holandezes.

Anno 1642.

commettidos. Passou o empenho a mais difficil, e mais generosa vingança; e antes de amanhecer, chegàraõ a hum forte chamado do Calvario, que os Holandezes guarneciaõ com 70 soldados, e oito peças de artilharia. Conservàraõ o silencio até que conseguiraõ matar huma sentinella, que com repetidas vozes acordou aos Holandezes, mas acodiraõ a tempo que o Forte estava entrado pelo mesmo lugar, em que a sentinella perdeo a vida. Intentáraõ elles em vaõ a resistencia: porque a razaõ, e o valor dos nossos soldados lhes facilitava hum triunfo em cada golpe. Degoláraõ todos os Holandezes que guarneciaõ o Forte, e sabendo distinguir a razaõ do aggravo entre os mayores impetos da colera, perdoáraõ a alguns Francezes. Ganhando o Forte, passou Antonio Moniz sem dilaçaõ á Ilha, por naõ haver na terra firme outra opposiçaõ, intentando conseguir a vitoria no descuido dos Holandezes: porém naõ logrou este acertado discurso; porque hum negro que fugio da terra firme, de tudo o que nella havia acontecido deu aviso na Cidade. Preveniose o Governador, e passaraõ-se os mais dos Portuguezes, a que chegou esta noticia, a se incorporarem com 30 que Antonio Moniz havia mandado diante. Huns, e outros degolàraõ 40 soldados Holandezes, que sahiraõ da Cidade a descobrir a campanha. O dia seguinte chegou Antonio Moniz a se incorporar com os Portuguezes da Ilha, e marchando para a Cidade, se encontrou com hum Capitaõ Escocez chamado Sandalim, que vinha por Cabo de 120 Holandezes a reconhecer o seu intento. Tanto que huns, e outros se avistàraõ, resolutamente se investiraõ: porèm naõ valendo ao Escocez o valor com que pelejou foy derrotado naõ escapando mais que cinco Holandezes. Logrou Antonio Moniz neste successo, naõ só conseguillo sem perder mais que dous soldados, mas ganhou nelle armas para os que conduzia, de que tinha grande falta. Animado do favor da fortuna se resolveo a sitiar a Cidade com pouca gente, falto de polvora, e instrumentos. Chegou a ella, ganhou logo alguns postos, e fortificou-se nelles, querendo ter os Holandezes opprimidos, quando naõ pudesse conquistallos: fizeraõ elles algumas sortidas;

Ganha o Forte do Calvario.

Derrota os Holandezes.

Sitia a Cidade.

tidas, e de todas se recolherão com grande perda. Continuou o sitio, e como os mayores successos delle se conseguirão com a restauração da Cidade no anno de 1643, daremos em seu lugar esta noticia, por não sahirmos da ordem da historia. No Reino de Angola se passou este anno com grande oppressão, conservando-se Pedro Cesar nos lugures apontados, sem se offerecer occasião digna de referir. Em S. Thomé guarnecèrão os Holandezes só as fortificaçoens, e deixàrão livres aos moradores a Cidade, e mais lugares que de antes occupavão, obrigando-os a que lhe pagassem a contribuição que costumavão dar a Portugal. ElRey tendo noticia do que succedia em S. Thomè, mandou por Governador daquella Ilha a Lourenço Pires de Tavora com ordem, que usasse do tempo confórme as occasioens que lhe offerecesse a fortuna. Chegou elle a S. Thomé, e sem contradição tomou posse do governo, e se foy dispondo para conseguir o que ElRey lhe ordenava. Passados alguns annos veyo a corresponder felizmente o successo ao intento. Anno 1642.

Continuou no Estado da India a guerra com os Holandezes na mesma forma que a deixamos o anno antecedente, não podendo prevalercer as diligencias que o Viso-Rey fazia por effeituar a Tregoa, e os requerimentos; e protestos, que por repetidas vezes, mandou fazer ao General da Armada, que assistia na Barra de Goa, de que corrião por sua conta todas as perdas, e damnos, que de guerra tão injusta sobreviesse. Porém os Holandezes, idolatras do interesse, não atendião mais que ao fim pertendido, de ficarem senhores da India nesta occasião, em que considerávão, por todas as circunstancias, as nossas forças mais debilitadas. Teve noticia o Viso-Rey de que em Ceilaõ intentavão sitiar Columbo, e que ao mesmo tempo determinavão ganhar S. Thomè, e Jafanapatão, e que para este effeito havião sahido de Battavia seis navios de guerra a se incorporar com outros quatro, que se separavão da Armada, que estava sobre a barra de Goa. O Viso-Rey embaraçado com tão differentes, e vigorosos cuidados, não se achando com poder para mandar soccorro ao mesmo tempo a todos os lugares *Successos da India.*

Anno 1642.

que os Holandezes ameaçavaõ, ordenou a Domingos Ferreira Belliágo, que era Capitaõ mór da Armada do Cabo de Comorim, que feguiſſe os quatro navios Holandezes, que haviaõ ſahido de Goa, coſteando até Cochim; e que naõ achando naquelle Reino noticia do intento dos Holandezes, chegaſſe ao Cabo de Comorim, e a todo o riſco ſoccorreſſe a Praça que elles ententaſſem invadir. E porque a Armada de Domingos Ferreira naõ era muito poderoſa, ordenou o Viſo-Rey a D. Alvaro de Attaide, que com nove navios ſe encorporaſſe com elle, e ſeguiſſe a ſua ordem. Neſte tempo apparecèraõ nos mares de Ceilaõ doze navios Holandezes, e intentando lançar em Negumbo gente em terra, deſvaneceo a ſua reſoluçaõ o valor com que os do preſidio ſe deliberàraõ á defenſa da Praça, e fizeraõ ſe na volta de Calaturé, moſtrando que ſeguiaõ o intento de atacar Jafanapataõ. D. Filippe Maſcarenhas accodio promptamente a ſoccorrer Jafanapataõ; mandou-lhe artilharia, e muniçoens, e deſpedio hum navio, e oito galeotas a ſe incorporarem com Domingos Ferreira; e juntamente paſſou ordem a Franciſco de Seixas, que com 400 homens marchaſſe para aquella parte. O meſmo receyo com que neſte tempo paſſavamos dos Holandezes, tinhaõ elles de que intentaſſemos recuperar a Fortaleza de Gále. Para ſe ſegurarem deſta ſuſpeita, mandáraõ alguns navios que continuamente aſſiſtiſſem na boca da barra, por ſer o ataque pela parte do mar, o que avaliavaõ por mais perigoſo: porque a conduçaõ da artilharia por terra era muito difficultoſa. Vendo D. Filippe as difficuldades de ganhar Gále por força, determinou conquiſtalla por acedio: porque tiradas as commodidades da campanha, poderia conſeguirſe largarem os Holandezes a Fortaleza. Porém como pela parte do mar eſtavaõ livres os ſoccorros, parecia infructuoſo eſte empenho, de que pudera tirallo a ordem do Viſo-Rey, que chegou a ſete de Outubro, de eſtarem ajuſtadas as tregoas com os Holandezes entre ElRey, e os Eſtados por dez annos, na fórma, e com as condiçoens que fica referido: mas naõ pode conſeguir, que o Governador da Fortaleza de Gále Joaõ Mattheus quizeſſe ſujeitarſe a eſta

noti-

ñoticia; que lhe mandou fazer prefente por Lourenço Pereira de Brito; ufando da mefma cautela, de que fe valèraõ os que eftavaõ na barra de Goa: refpondeo, que fem ordem do feu General, que affiftia em Battavia, que era naquelle tempo Antonio Wandamien, naõ podia alterar o eftado da guerra, e fe refolvia a continualla. Com efta repofta, e fem outro effeito feguîraõ o mefmo eftilo os negocios da India até o fim defte anno que acabamos de efcrever. Sahiraõ nefte tempo da barra de Lisboa para foccorro da India os Galeoens S. Bento, de que era Capitaõ mór D. Joaõ da Gamma, e N. Senhora de Penha de França, que governava Joaõ da Cofta, os Patachos N. Senhora do Rofario, e N. Senhora da Oliveira, governados por Antonio Cabral, e Pedro de Oliveira. S. Bento perdeo-fe em Moçambique, falvou-fe parte da gente, e o Capitaõ mór, que falleceo em terra dentro de poucos dias. Deftas, e de outras defgraças fuccedidas na viagem, e guerra da India fe originou a opiniaõ, de que feria facil fabricarfe huma calçada de offos, que chegaffe de Portugal à Goa, em que fe contaõ mais de 5500 leguas de diftancia, fe fe dera cafo que fe pudeffem ajuntar os corpos dos Portuguezes mortos nefta arrojada, e gloriofa conquifta. Porém os animos grandes naõ coftumaõ defviarfe de emprezas difficultofas; antes fe incitaõ mais quando as confideraõ menos factiveis: tendo por certo o triunfo ou na execuçaõ, ou ao menos no intento.

Anno 1642.

Náos que paffáraõ á India.

Entrou o anno de 1643, e tanto que ceffou o rigor do Inverno, tornou a travarfe o exercicio da guerra em todas as Provincias de Portugal. O Conde de Obidos, que governava Alentejo, paffou a Lisboa com licença delRey a receberfe com Dona Joanna Mafcarenhas filha de feu irmaõ o Conde de Santa Cruz: ficou governando a Provincia o Meftre de Campo General Joanne Mendes de Vafconcellos. Foy o primeiro bom fucceffo do feu governo mandar a Villar delRey o Coronel Til com o Regimento de Holandezes que governava, a que fe uniraõ as Tropas de Campo Mayor. Marcháraõ todos de noite, ao amanhecer lançáraõ 40 Cavallos a pegar no gado que

Anno 1643.

Succeffos de Alentejo.

O Coronel Til derrota 50 Caftelhanos.

Anno 1643.

sahia da Villa : sahio della huma Companhia de Cavallos com 50 Infantes, e empenharaõse com tanta imprudencia, que todos foraõ derrotados, e os mais delles ficáraõ mortos. Retiràraõse as nossas Tropas sem opposiçaõ da Cavallaria de Badajoz: porque havia marchado a noite antecedente para Valverde, acodindo a hum rebate que a este fim se lhe deu de Olivença. Passados poucos dias juntou Joanne Mendes 600 Cavallos, e entregou-os a D. Rodrigo de Castro Tenente General da Cavallaria, ordenandolhe, que antes de amanhecer se emboscasse na ribeira de Alcarrache, desta parte de Guadiana, visinha a Badajoz: Joanne Mendes com 2000 Infantes fez alto nas vinhas das Caldeiras que ficaõ junto a Caya, por onde este rio entra em Guadiana. Era o fim derrotar as Tropas de Badajoz, que costumavaõ vir à forragem àquelle sitio. Naõ succedeo sahirem no dia que as esperavaõ por passarem mostra. Desenganado D. Rodrigo, mandou 40 Cavallos que carregassem as sentinellas até a ponte que remata na porta de Badajoz, que olha para Portugal. Assim o executáraõ, sahiraõ da Cidade 200 Cavallos, vieraõ carregando os 40 que com boa fortuna os metèraõ na emboscada, se D. Rodrigo senaõ anticipára a sahir della, de que resultou retiraremse os Castelhanos sem damno consideravel. Sentio Joanne Mendes tanto esta desordem, que mandou prender D. Rodrigo: mas duroulhe o castigo poucos dias. Joanne Mendes, desejando fazer gloriosos os principios do seu governo, mandou ao Commissario Geral Gaspar Pinto Pestana, que fosse armar a duas Tropas que estavaõ no Almendral; Villa cinco leguas de Olivença. Derrotou o Commissario huma das Tropas, matando o Capitaõ della, e retirouse com brevidade, receando as muitas Tropas do inimigo, que estavaõ alojadas em varios quarteis visinhos ao Almendral, e achou, segurandolhe o porto da ribeira de Olivença, ao Mestre de Campo Andre de Albuquerque, que de Capitaõ de Infantaria havia passado a este posto pelo grande valor, e capacidade que mostrava. D. Joaõ de Garay, em satisfaçaõ destas entradas, juntou a Cavallaria, parte da Infantaria das Praças visinhas, e correo

Rompe o Commissario Gaspar Pinto huma Tropa.

teo a campanha de Santa Olaya, duas leguas de Elvas, com grande prejuizo dos lavradores. Naõ foy possivel a Joanne Mendes impedir esta entrada pela desigualdade do poder: buscou a satisfaçaõ tornando a unir a Cavallaria, marchou com ella D. Rodrigo de Castro a armar ás Tropas de Albuquerque, succedeolhe taõ felizmente que as derrotou, tomandolhe 80 Cavallos. Sentio D. Joaõ de Garay igualmente este successo ao que experimentava de se lhe passarem de 600 Napolitanos, que haviaõ chegado montados a Badajoz, a mayor parte a Portugal: quiz evitar este damno, espalhando, que tanto que chegavaõ ás nossas Praças lhes tiravaõ as vidas. Desbaratou Joanne Mendes esta industria, mandando aos que se passavaõ que escrevessem varios papeis, nos quaes declarassem o bom tratamento que recebiaõ. Foraõ lançados em Badajoz, e em outros lugares de Castella, de que resultou continuarem os Napolitanos de sorte em se passarem para este Reino, que foy necessario a D. Joaõ de Garay desmontar a mayor parte delles: e estimulado destas, e de outras desordens que experimentava, sem poder remedialas, pedio licença a ElRey para ir a Madrid. Permittiolha, e succedeolhe D. Diogo de Benavides, que com o titulo de Mestre de Campo General ficou governando o exercito. Tanto que chegou a Badajoz, reconhecendo todos os sitios visinhos daquella Praça, parecendolhe importante o lugar de Telena o mandou guarnecer de Infantaria, e levantarlhe huma trincheira. Teve Joanne Mendes esta noticia, e determinou livrarse deste embaraço: juntou mil Cavallos, e 3000. Infantes passou Guadiana, entrou o lugar facilmente arrazou-o, e poz-lhe o fogo, e deixou-o incapaz de se guarnecer sem nova fortificaçaõ. D. Diogo de Benavides achando-se com inferior poder, naõ quiz arrojarse ao empenho difficil de se oppor a este intento, e Joanne Mendes se retirou a Elvas. Poucos dias depois deste successo, teve aviso que os Castelhanos mandavaõ duas Tropas segurar o gado que pastava entre Xevora, e Guadiana. Ao nascente defronte de Badajoz entra em Guadiana Xevora; e porque de Inverno corre impetuoso, tem huma ponte

Anno 1643.

Derrota D. Rodrigo de Castro as Tropas de Albuquerque.

Passaõse muitos Napolitanos a este Reino.

Retirase do governo D. Joaõ de Garay. Succedelhe D. Diogo de Benavides.

Ganha Joanne Mendes de Vasconcellos Telena.

bem fabricada, meya legua desta Cidade. Marchou D. Rodrigo de Castro de Campo Mayor, e o Mestre de Campo Ayres de Saldanha; e unindo-se-lhe as Tropas de Elvas, ajuntáraõ 500 Cavallos, e seis Companhias de Infantaria: passou D. Rodrigo com a Cavallaria o mais perto da ponte que lhe foy possivel, para dar calor ao Coronel Til, que com o seu Regimento de Holandezes se havia adiantado a hum vale encuberto do Forte de S. Christovaõ, e Ayres de Saldanha ficou segurando hum porto de Xevora. Sahiraõ pela manhaã 30 Cavallos de Badajoz, a que davaõ calor as duas Tropas destinadas para comboy do gado: avançàraõ os Holandezes, tomàraõ 15 Cavallos, os mais se retiràraõ para as duas Tropas, e todos á ponte de Badajoz. Montou ao rebate a Cavallaria daquella Praça, e sahio della governada pelo Commissario Geral D. Joaõ Baptista Filo Marino: carregou elle com tanto impeto os Holandezes, que os obrigou a se retirarem. Soccorreo-os D. Rodrigo, e fizeraõ alto os Castelhanos: travouse hũa bem contendida escaramuça, esforçáraõse os soccorros de huma, e outra parte; ultimamente avançou D. Rodrigo com todas as Tropas, cedèraõ os Castelhanos, e retiràraõse ao Forte de S. Christovaõ, e deixando morto o Commissario Geral, leváraõ prisioneiro a D. Francisco de Almada, porque se lhe desenfreou o cavallo, e sem poderem soccorrelo, se meteo entre os Castelhanos. Mandáraõ-no para Madrid, e trocáraõ-no depois pelo Marquez de la Puebla: vive hoje Religioso da Companhia de JESUS com grande exemplo, e letras. Retirouse D. Rodrigo; e ficáraõ de huma, e outra parte alguns mortos na campanha. Os Castelhanos o dia seguinte derrotáraõ na campanha de Elvas junto a Atalaya de Uveda a companhia de Cavallos de Antonio do Canto de Castro, naõ se achaedo elle presente. Estavaõ os Cavallos desmontados, e naõ haviaõ as sentinellas occupado os postos convenientes; salváraõse só alguns soldados que se recolhéraõ á Atalaya. Tomou Joaõ de Saldanha da Gamma satisfaçaõ desta offensa: sahio de Campo Mayor com as Tropas, e Terços daquella guarniçaõ, e derrotou em Albuquerque 200 Infantes, que

Anno 1643.

Escaramuça em Badajoz, em q̃ foy prezo Dom Francisco de Almada.

Derrotaõ os Castelhanos huma Tropa de Elvas.

Derrota Joaõ de Saldanha em Albuquerque 200 Infantes.

que com pouca cautela achou fóra da Praça; perdèraõ a vida os mais dos soldados, e trouxe os Officiaes prisioneiros. Em quanto em Alentejo succediaõ estes breves encontros, e outros de menos importancia, preparava ElRey o exercito, que no Outono seguinte determinava que sahisse em campanha. Os annos antecedentes se tinha ventilado esta materia, e ElRey havia prudentemente dilatado a execuçaõ, considerando as poucas forças do Reino, arruinado do governo de Castella, e a pouca experiencia dos soldados. Porèm tendo ja quasi tres annos de exercicio, e havendo-se augmentado as fortificaçoens, e sobre tudo querendo satisfazer ás instancias delRey de França, que desejava divertir o poder dos Castelhanos de Catalunha, sendo esta guerra hum dos mayores fundamentos da conservaçaõ de Portugal; por estas, e outras razoens muito consideraveis, resolveo ElRey que o exercito sahisse em campanha, e juntamente assistir em Evora todo o tempo que durasse, assim para que todos seus Vassallos accodissem ao exercito, como para que naõ faltassem nelle os soccorros, e provimentos, e as Praças da Provincia estivessem seguras de qualquer diversaõ, que os Castelhanos intentassem. Tomada esta resoluçaõ, e ajustadas todas as prevençoens, declarou ElRey que a Rainha D. Luiza ficava em Lisboa governando em sua ausencia, e nomeou para lhe assistirem no governo a D. Manoel da Cunha Bispo Capellaõ mór, a Sebastiaõ Cesar de Menezes, e ao Marquez de Ferreira. A 19 de Julho á tarde montou ElRey a cavallo, adornado, e os que o acompanhavaõ, de gallas militares: foy á Sé a benzer o Estendarte, que entregou a D. Francisco Coutinho Conde de Redondo seu Alferes mór: sem voltar ao Paço entrou em hum bergantim, e passou a Aldea Galega, donde partio o dia seguinte, e avisou a Evora que havia de entrar de noite naquella Cidade; e naõ bastou esta prevençaõ para deter o povo que sahio a esperallo com tanta alegria, que annunciava o bom successo da campanha. Estavaõ prevenidas para ElRey as casas do Conde de Basto; onde esteve até 30 do mesmo mez, dia em que entrou na Cidade publicamente com grande apparato, e magni-

Anno 1643.

Resolve ElRey passar a Alentejo, e que fique governando a Rainha.

Entra ElRey em Evora.

Anno 1643.

magnificas festas. A 7 de Agosto passou ElRey encuberto a Lisboa a ver a Rainha, que havia deixado em vesperas do parto de que nasceo o Infante D. Affonso, que depois succedeo no Reino: porem vendo que a dilaçaõ era mayor do que suppunha, tornou a voltar para Evora, e com toda attençaõ foy dispondo as prevençoens que faltavaõ para sahir o exercito no mez de Setembro seguinte em campanha, tempo em que o Sol vay perdendo a força, incontrastavel de veraõ na Provincia de Alentejo. Havendo chegado a Elvas as levas de Cavallaria, e Infantaria, e todas as carruagens, sahio o exercito daquella Cidade a seis de Setembro, governado pelo Conde de Obidos. Era seu Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos, General da Cavallaria o Monteiro mór, da Artilharia Dom Joaõ da Costa, posto a que pouco antes havia passado. Constava o exercito de 12000 Infantes, 2000 Cavallos, dez peças de artilharia de Campanha, dous morteiros, e varios instrumentos de expugnaçaõ: esmaltava-se com a mayor parte da Nobreza do Reino, que se dividio pelas Tropas, e Terços de Infantaria, sendo hum dos primeiros que sentáraõ praça, Mathias de Albuquerque, que exercitava o Officio de soldado, como se naõ houvera governado pouco tempo antes aquelle exercito. A Cavallaria se compunha de 14 Companhias Portuguezas, e de cinco Regimentos, tres Holandezes, e dous Francezes. Antonio de Saldanha Capitaõ mór da Torre de Bellem ficou em Elvas com 2000 Infantes de guarniçaõ, entregue do governo da Provincia. Sahio o exercito de Elvas ás duas horas da tarde, e ficou alojado desta parte do Guadiana: o dia seguinte passou a ponte de Olivença, onde se incorporáraõ alguns Terços, e Tropas que faltavaõ, e fez alto nas hortas de Olivença, Praça que ficou governando D. Gastaõ Coutinho. Amanheceo, e passou o exercito a Ribeira de Valverde, e entrou pela Estremadura, havendo 170 annos contados desde o tempo delRey D. Affonso V. que naõ havia entrado em Castella exercito de Portugal: aquartelouse pouco distante de Valverde, Praça destinada para ser o primei-

Sahe o exercito em campanha.

ro

to emprego desta campanha. Era Governador de Valverde João Baptista Pinha Tello Napolitano com 120 Infantes pagos Hespanhoes, e Italianos, e 80 Cavallos divididos em duas Tropas: a fortificação naõ havia melhorado muito, depois que esta Villa a primeira vez foy entrada; e as muitas paredes das hortas, e pomares que a rodeavaõ, davaõ grande commodidade á Infantaria para chegar ás trincheiras: os moradores que estavaõ dentro eraõ poucos, havendo sahido a mayor parte delles para os lugares do sertaõ, por ordem do Conde de Santo Estevaõ; que havia chegado a Badajoz a governar as Armas da Estremadura, com pouca satisfaçaõ dos Castelhanos, pela pouca pratica que havia conseguido na Arte Militar. A manhaã de 10 de Setembro chegou o exercito a Valverde, e havendo o Mestre de Campo General reconhecido os postos, mandou avançar 500 Infantes governados pelos Sargentos móres Bento Maciel, e Antonio Gallo, com o fim de ganhar huma eminencia visinha á Praça: occupáraõ-na, desprezando as muitas balas que os Castelhanos atiravaõ das trincheiras. O exercito se dividio em dous quarteis: ficou o Conde de Obidos alojado junto a esta eminencia, a que dava nome huma hermida de S. Pedro, que nella havia, e o Mestre de Campo General na parte opposta. Repartiraõ-se os Terços, e facilmente foraõ chegando, cobrindo-se com os vallados das vinhas, às trincheiras da Praça as mangas de Mosqueteiros. Defendiaõ-se dellas os Castelhanos com repetidas cargas. Joaõ de Saldanha de Sousa (que havia succedido no Terço a D. Joaõ da Costa, depois de occupar o posto de Tenente General da Cavallaria da Beira) Ayres de Saldanha, e Estacio Pique ganháraõ humas ruinas quasi iguaes ás trincheiras, donde o inimigo recebia consideravel damno. Dom Joaõ da Costa fez jugar a artilharia das duas eminencias de S. Pedro, e Martyres com pouco effeito; e por esta causa mandou a Olivença buscar dous meyos canhoens. Em quanto naõ chegavaõ, molestava a Praça com os morteiros, fazendo nella as bombas damno consideravel. O Conde de Obidos, antes que se passasse a mayor empenho, mandou hum trombeta a persuadir

Anno 1643.

Sitio de Valverde.

Anno 1643.

ſuadir ao Governador que ſe rendeſſe. Reſpondeo elle com arrogancia, moſtrando deſprezar o perigo, fiado na promeſſa que o Conde de Santo Eſtevaõ lhe havia feito de o ſoccorrer. Ayres de Saldanha, das ruinas onde aſſiſtia, deu principio a hum aproche, em que trabalhavaõ igualmente com os ſoldados as peſſoas mais principaes que andavaõ no exercito. O Conde de S. Eſtevaõ intentou com mil Cavallos, e 150 Infantes introduzir ſoccorro em Valverde pela parte de Albufeira diſtante duas leguas deſta Praça: porém retirouſe antes de chegar ao exercito, parecendolhe pouco o poder que levava para o dasbaratar, e que a Praça naõ neceſſitava de guarniçaõ, ficando por eſte reſpeito intempeſtivo o empenho a que ſe deliberava. Retirouſe para Badajoz, e introduzio em Valverde hum Sargento com aviſo ao Governador, (que elle, para ſe juſtificar, fez publico quando rendeo a Villa) em que lhe ordenava que pelejaſſe em quanto lhe foſſe poſſivel, ſem eſperar ſoccorro, porque elle ſe achava ſem forças para tomar eſte empenho; e que eſtimaria infinito que os Portuguezes queimaſſem toda a Eſtremadura, para ver ſe criaõ os Miniſtros de Madrid que havia Rey em Portugal, e que tinha exercito em Caſtella. Com eſte deſengano vendo o Governador que a artilharia groſſa começava a jugar, e que a Infantaria, havendo chegado às trincheiras, ſe diſpunha para dar o aſſalto, paſſados tres dias rendeo a Praça declarando que capitulava com o Conde de Obidos Governador das Armas do exercito delRey de Portugal; Titulo, que ſó a artilharia, que contavaõ por ultima razaõ dos Reys, obrigava aos Caſtelhanos naquelle tempo a proferir. Eraõ as condiçoens, que a guarniçaõ ſahiria formada, ſegurandoſelhe toda a commodidade para paſſar a Aya-monte, lugar de Andaluzia, aonde naõ poderia entrar ſenaõ em principio de Novembro, por ſe evitar a aſſiſtencia daquella gente na campanha daquelle anno. A mayor parte della ficou em Portugal por ſua vontade, principalmente a Napolitana. Tanto que ſahio a guarniçaõ, entrou o exercito em Valverde, e depois de retirada a artilharia, as muniçoens, e baſtimentos, e de ſahirem os moradores

Rendeſe a Praça.

par

parã os lugares visinhos, se poz fogo á Villa, reservando-se a Igreja. Foy de grande utilidade esta empreza: porque Valverde era continua molestia de Olivença, e dos mais lugares visinhos; e entrando o exercito a campear com bom successo, lograva-se o fim para que fora formado, que era a reputaçaõ das Armas, e a diversaõ de Catalunha, suspendendo os soccorros daquella parte o cuidado desta. Cinco dias se deteve o exercito em Valverde aguardando a Cavallaria, e Infantaria, que havia marchado com os rendidos a Estremôs. Neste tempo chegou aviso ao Conde de Obidos, de que o Conde de Santo Estevaõ sahira de Badajoz para Merida com a mayor parte da Cavallaria, e Infantaria, e que em Badajoz havia ficado o Conde de Torrejon Mestre de Campo General com muito pouca guarniçaõ. Chamou o Conde de Obidos a Conselho, e propoz esta noticia, mostrando affeiçoarse á empreza de Badajoz. Naõ achou contradiçaõ nos que votáraõ, nem fez reparo no pouco numero de gente, e na falta de artilharia grossa, e de outras prevençoens, que sem contradiçaõ eraõ voto contrario; passando juntamente pelo escrupulo da obrigaçaõ de avisar ElRey, estando taõ visinho, naõ parecendo justo tomar esta resoluçaõ sem seu consentimento, porque a ambiçaõ de gloria lhe facilitou todos os inconvenientes. Com o intento proposto marchou o exercito para Badajoz, e na segunda marcha alojou junto das ruinas de Telena, e a legua que este lugar dista de Badajoz, marchou sem mudar fórma. As aguas do Guadiana, que banhaõ as muralhas de Badajoz, serviaõ de trincheira ao lado esquerdo, cobrio o direito todo o Corpo da Cavallaria. Marchava de vanguarda o Mestre de Campo Martim Ferreira soldado de conhecido valor com tres Companhias de cada Terço. Chegou o exercito á vista de Badajoz (situaçaõ que descreveremos em lugar mais competente, porque as poucas occasioens que houve nesta empreza, naõ pedem a explicaçaõ dos sitios,) o inimigo lançou fóra algumas Tropas, que sustentáraõ debaixo da mosquetaria da Praça huma leve escaramuça. Guarnecèraõ os Castelhanos huns moinhos que estavaõ em Guadiana

Anno 1643.

Chega o exercito a Badajoz.

diana

diana visinhos da muralha: investio os o Sargento mór
Anno 1643. Belchior do Crato com 300 Infantes, e desalojou as mangas que os guarneciaõ favorecidas da artilharia, e mosquetaria da muralha, e sustentou valerosamente este posto, até que por ser inutil á empreza, o mandáraõ retirar. Martim Ferreira havia ganhado huns vallados, que ficavaõ na frente do exercito, e guarneceo-os a pezar da opposiçaõ que fizeraõ algumas mangas de mosqueteiros, que os Castelhanos lançáraõ da Praça: porem repetindo-se o empenho do inimigo, e conhecendo a pouca importancia do posto, mandou o Conde de Obidos retirar Martim Ferreira, custando a empreza a vida do Capitaõ Manoel Serraõ, e de alguns soldados. O exercito ficou alojado com a frente em Badajoz, a retaguarda para a parte de Telena, Guadiana cobria o lado esquerdo, o direito os carros de muniçoens, e bagagens, guarnecidos de mangas de mosqueteiros, a Cavallaria no centro, a artilharia na vanguarda, e todo o exercito cuberto de Oliveiras que guarneciaõ aquelle sitio. E porque a artilharia da Praça offendia muito os soldados, se começou a levantar na frente do exercito huma trincheira: remedio taõ arriscado para os que a fabricavaõ, como inutil para o exercito. E esta experiencia fora justo que ensinasse, antes de crescer o damno, ou a se tomar resoluçaõ de attacar, se o poder era capaz da empreza, ou a desviar o exercito do perigo da artilharia, em quanto se naõ deliberava applicallo a outro emprego: porque nenhum prejuizo he mayor para os exercitos, que verem os soldados acabar inutilmente os que morrem por erro dos que governaõ, costumando fazer neste caso duas inferencias: a primeira, a insufficiencia dos Cabos; a segunda, a difficuldade dos premios: entendendo que quem naõ sabe reservarlhes as vidas para os perigos importantes, naõ saberá avaliarlhes as acçoens para a satisfaçaõ que merecerem; nascendo de huma, e outra desconfiança muito arriscadas consequencias. Vendo o Conde de Obidos os muitos soldados que custava o trabalho da trincheira, e constando-lhe que se murmurava da pouca utilidade desta obra,

obra, para tomar a ultima resoluçaõ mandou a Joanne Mendes que fosse reconhecer a Cidade, ordenando que se fizesse juntamente diligencia por tomar lingua para averiguar o estado em que se achava a Praça de muniçoens, e bastimentos. Acompanháraõ a Joanne Mendes, Mathias de Albuquerque, e o Padre Joaõ Paschasio Cosmander, Religioso da Companhia de JESUS, de naçaõ Framengo, natural de Lobaina insigne Mathematico, e que depois com o exercicio das fortificaçoens de Portugal, se fez consumado engenheiro, grangeandolhe a mayor estimaçaõ outras muitas partes que lograva. Observáraõ os tres a disposiçaõ da Praça; porém a facilidade que acháraõ de attacar, por naõ ter fortificaçaõ alguma moderna, encontrou a noticia que ouviraõ aos frades Capuchos de hum Convento, que fica fóra de Badajoz, da invocaçaõ de S. Gabriel, os quaes lhe seguráraõ que o Conde de Santo Estevaõ havia voltado para Badajoz, e que trouxera comsigo mil Cavallos, e 4000 Infantes, numero muito supperior a qualquer das partes em que se dividisse o exercito, quando se resolvesse a sitiar a Praça. Esta noticia se justificou por varias linguas que se tomáraõ, e logo que Joanne Mendes, e os mais chegáraõ ao exercito chamou o Conde de Obidos a Conselho, e propoz o pouco numero de gente de que se compunha o exercito, o grosso presidio com que se achava em Badajoz o Conde de Santo Estevaõ, a dilatada circunvalaçaõ da Cidade, a visinhança do Inverno, e outras difficuldades que totalmente encontravaõ continuarse aquelle sitio. Tocou ao Mestre de Campo Joaõ de Saldanha de Sousa votar primeiro que os quatro Cabos do exercito, Mestres de Campo, Tenentes Generaes da Cavallaria, Titulos, e Conselheiros de Guerra, que se achavaõ no exercito, de que se compunha o Conselho, e disse: que elle se naõ havia achado na primeira conferencia, em que se tomou a resoluçaõ de vir áquella Praça; porém que suppunha da capacidade das pessoas que foraõ deste parecer, que o naõ seguiriaõ sem fundamentos muito solidos de lograr a empreza que intentàraõ; que nesta fé, e juntamente vendo que o exercito senaõ havia diminuido depois de chegar áquel-

Anno 1643.

Reconhece Joanne Mendes a Cidade.

Voto de Joaõ de Saldanha.

áquella Praça, havendo crescido no empenho o cuidado
Anno da reputaçaõ do exercito, naõ via causa bastante que o
1643. obrigasse a retirarse, antes as poucas sortidas do inimigo insinuavaõ, que naõ era taõ grosso o presidio da Praça como as linguas diziaõ; e que se era justo governarem-se pela sua confissaõ, tambem ellas affirmavaõ que os soccorros se reconheciaõ impossiveis pelo aperto em que estavaõ os lugares visinhos; e que formarse exercito de soldados velhos era impraticavel, impossibilitando-o grande empenho da guerra de Catalunha: e que huma, e outra noticia justificava o Conde de Santo Estevaõ na resoluçaõ que tomàra de entrar em Badajoz com todo o poder que tinha, pois ficàra fóra da Praça, se tivera esperança de formar exercito com que a soccorrer; que os mantimentos, e prevençoens para a defensa da Praça eraõ muito poucos, porque os Castelhanos naõ haviaõ imaginado que o exercito tomasse a resoluçaõ de sitiála; e que por todas estas consideraçoens era de parecer que se fizessem dous quarteis que dividisse Calamon, pequeno rio que entra em Guadiana, e que se mandasse vir de Elvas a artilharia grossa, e todos os instrumentos de expugnaçaõ que fossem necessarios, e chegando os soccorros que esperavaõ, que se podiaõ inferir o bom successo de empreza taõ gloriosa, e de tantas consequencias, que merecia exporemse, pela conseguir a mayores difficuldades; e que ultimamente quando esta opiniaõ parecesse duvidosa, que ElRey estava taõ perto, que em nenhum caso sem a sua resoluçaõ devia abalarse o exercito daquelle sitio; pois hum dos fins que obrigára a ElRey a vir de Lisboa assistir em Evora, fora decidir as duvidas que se lhe consultassem do exercito sem prejudicar a dilaçaõ; e que no caso presente, ainda que ElRey naõ houvesse passado a Evora, era razaõ que a Lisboa se lhe desse conta do parecer do Conselho, e se esperasse a sua ordem, pois o espaço de tres dias naõ embaraçava outro qualquer progresso que se intentasse, quando o empenho em que se achavaõ naõ parecesse conveniente Foy da mesma opiniaõ D. Nuno Mascarenhas, e Mathias de Albuquerque, e esforçou o seu voto com outras muitas razoens naõ menos
for-

forçosas. Todos os mais que seguiraõ contrario parecer; e Joanne Mendes de Vasconcellos ampliando as razoens de se retirar o exercito, disse: que buscar empenhos difficultosos sem meyos proporcionados era erro indisculpavel, que os Castelhanos defendiaõ Badajoz como a Praça mais principal daquella Provincia, e que por este respeito se achavaõ dentro todos os Cabos, e Officiaes, com taõ grosso presidio que excedia a qualquer das partes do exercito que intentava dividido sitiala; que a circunvalaçaõ era taõ larga, occupandose o terreno de huma, e outra parte do Guadiana) como era preciso para evitar os soccorros) que se estendia mais de tres leguas, e que só para guarnecer os fortins, e linhas que se levantassem, era necessario dobrado exercito; que se achavaõ sem artilharia grossa para sustentar as baterias que se deviaõ fazer: que a reputaçaõ naõ perigava, pois naõ haviaõ repartido quarteis, nem começado aproches; e que ElRey dotado de summa prudencia se conformaria com as resoluçoens mais uteis a seu serviço; e que neste sentido o que só convinha era sitiar outros lugares mais faceis de conseguir, e de muito grande utilidade. Approvou o Conde de Obidos este parecer, e assentáraõ marchar contra Alconchel, Chéles, e Villa Nova del Fresno. Tomada a resoluçaõ referida, desalojou o exercito de Badajoz a 20 de Settembro pela manhaã. Custou a assistencia daquelle alojamento 120 soldados, e entre elles o Capitaõ de Cavallos Antonio Machado da Franca, sentido de todos, por se conhecer nelle singular valor. Os feridos passáraõ de 150. O Conde de Santo Estevaõ vendo que o exercito se retirava, fez sahir de Badajoz toda a guarniçaõ, esperando valerse na retaguarda de alguma desordem: porêm a terra era taõ cortada de sanjas, e vallados, que guarnecendose de mangas de mosqueteiros, impediraõ a resoluçaõ da Cavallaria: naõ conseguindo Joanne Mendes, pelo pouco exercicio militar daquelle tempo, pequeno applauso pela disposiçaõ desta retirada. Ficou o exercito alojado aquella noite em Telena, e deixou destruida toda a campanha visinha a Badajoz. O dia seguinte alojou fóra do Alcornocal, que largamente occupa

Anno 1643.

Voto de Joanne Mendes.

Retirase o exercito.

Anno 1643.

Manda ElRey retirar o Conde de Obidos, e Joanne Mendes, e entregar o exercito a Mathias de Albuquerque.

aquella campanha para aparte de Valverde. Paſſou a alojar na ſerra de Olor, e naquella noite havendo o Conde de Obidos deſtribuido as ordens para ſe dar principio ao intento propoſto, lhe chegou hum correyo com reſoluçaõ delRey, para que elle, e Joanne Mendes de Vaſconcellos ſe recolheſſem a Lisboa, donde ſem nova ordem naõ ſahiriaõ de ſuas caſas, e que o exercito ficaſſe entregue a Mathias de Albuquerque. Foy a cauſa delRey deſpedir eſta ordem (que pudera ſer muito arriſcada, a naõ ter Vaſſallos taõ fieis, e obedientes) o ſentimento que teve da empreza de Badajoz: porque quando o exercito marchou para aquella Praça, foy ſem ſe lhe dar conta, ſenaõ depois de ſe chegar a ella, e diſſimulando eſte enfado com as eſperanças que ſe lhe deraõ de ſe ganhar Badajoz, paſſou apertadas ordens a todo o Reino, para que toda a gente capaz de tomar as armas acodiſſe ao exercito, e ordenou todas as mais prevençoens pertencentes ao fim da empreza começada. Vendo pois que os meſmos que o obrigáraõ a eſtas diſpoſiçoens, e a revolver todo o Reino, haviaõ ſem conſentimento ſeu levantado o ſitio de Badajoz, ficando por eſte ſucceſſo na ſua conſideraçaõ expoſto a poderem avaliarſe as ſuas acçoens por pouco ponderadas, e as ſuas ordens por intempeſtivas, ſe deliberou a antepor a eſte perigo todos os mais que podiaõ acontecer, e a dar ſatisfaçaõ ao Reino, tirando do exercito os dous Cabos mayores delle. Obedecéraõ elles promptamente, e deſpedindoſe Joanne Mendes de Mathias de Albuquerque, lembrado do ſeu voto em Badajoz, e ſuſpeitando que fora artificio para conſeguir eſte ſucceſſo, lhe diſſe: Agora tomará V. Senhoria Badajoz. Mathias de Albuquerque, que era diſcreto, e prudente lhe reſpondeo: Mal poderey eu intentar empreza, que V. Senhoria ſendo taõ grande Soldado naõ póde conſeguir. Naquella noite ſahiraõ os dous do exercito, e ficou entregue a Mathias de Albuquerque com grande ſatisfaçaõ dos ſoldados, de quem era ſummamente amado, aſſim pelas virtudes, que reconheciaõ no ſeu animo, como pelo grande cuidado que tinha de lhes procurar todas as commodidades. Eſta mudança de governo foy util

aos

aos Portuguezes moradores de Badajoz: porque o Conde de Santo Estevaõ naõ entendendo o fim que o exercito tivera para sitiar aquella Praça, e se retirar sem accidente algum, suspeitou que fora intelligencia, e concerto entre elles, e os Cabos do exercito, para entregarem Badajoz. Quando o Conde sahio desta Praça para Merida com esta suspeita, os mandou prender, e pôr alguns a tormento: porem constandolhe a demonstraçaõ que ElRey havia feito com os dous Cabos principaes do exercito, conhecendo a innocencia dos moradores, mandou soltalos.

Anno 1643.

Mathias de Albuquerque, naõ alterando a disposiçaõ do Conde de Obidos, despedio o Monteiro mór com a mayor parte da Cavallaria, e 1500 Infantes a queimar as Villas de Albufeira, Almendral, e Torre, todas de dilatada povoaçaõ. Chegando a ellas o Monteiro mór, achou-as sem gente, mandou-lhes pôr o fogo, reservando as Igrejas, e hum Convento de freiras que havia no Almendral, e voltando para o exercito, o achou aquartelado na serra de Olor, que fica junto a Olivença da outra parte daquella Praça. O dia seguinte, que eraõ 29 de Setembro, marchou Mathias de Albuquerque contra Alconchel, e levou de Olivença dous meyos canhões, ainda que com pouca esperança de serem de utilidade, pela grande aspereza do sitio em que o Castello está fabricado. Alconchel fica tres leguas de Olivença para a parte de Xerês, a Villa que se compunha de 600 visinhos, se estendia pela campanha, a hum lado della, olhando a Portugal, se levanta o Castello, taõ antigo, que o ganhou aos Mouros ElRey D. Affonso Henriques no anno de 1166; occupa o alto de hum levantado monte, sem haver nelle mais sitio, que o que foy necessario para fabricar o Castello, sendo precipicio toda a circunferencia. Sóbe-se ao Castello por hum estreito, e aspero caminho, que tem principio com differentes voltas na Igreja da Villa. Estava dentro D. Joaõ de Menezes Soto Mayor Marquez de Castro Forte, senhor de Alconchel. Tinha o Castello 300 Infantes de guarniçaõ, e todas as mais prevençoens necessarias para hum largo sitio: a Villa estava

O Monteiro mór queima algũas Villas.

Sitio de Alcõchel

 rodeada

rodeada de huma trincheira, a Igreja terraplenada, e os
Anno moradores dispostos a se defenderem em huma, e outra
1643. parte. Tanto que o exercito chegou a Alconchel reconheceo Mathias de Albuquerque, e D. Joaõ da Costa todos os postos, e julgàraõ muito duvidosa a empreza do Castello: porém a industria venceo todas as difficuldades. Mandou Mathias de Albuquerque a D. Joaõ da Costa, que fizesse subir a hum monte, quasi igual ao Castello, entaõ muito afastado delle, os dous meyos canhoens, e duas peças de menor qualibre. Conseguio-se, ainda que com grande trabalho, fizeraõ-se as platafórmas, e preparou-se á vista dos moradores o assalto da Villa; os quaes obrigados do temor fizeraõ o que Mathias de Albuquerque desejava, que era recolherem toda a gente inutil dentro do Castello, para que a falta dos mantimentos, e os clamores das mulheres facilitassem a entrega delle. Na mesma noite que se fizeraõ as platafórmas, ganháraõ Luiz da Silva, e Joaõ de Saldanha com grande perigo huma Hermida, que ficava a tiro de arcabuz do Castello, e humas casas quasi em igual distancia, onde puzeraõ hum morteiro, começou a jugar a artilharia sem mais effeito, que derrubar algumas amêas. Tocou a André de Albuquerque investir ao mesmo tempo as trincheiras da Villa entrou-as com o seu Terço, custando as vidas de 14 soldados; persuadio aos que defendiaõ a Igreja que se rendessem sem aguardar em a ultima ruina. Naõ querendo elles ceder, se expuzeraõ a padecer a mayor desgraça, porque dos artificios de fogo, que se lançáraõ dentro se ateou de sórte na muita roupa, que estava recolhida na Igreja, que rompendo o fogo o tecto, communicandose, á Capella mór, foraõ aquelles moradores lastimoso emprego das chammas, a naõ lhes valer a grande piedade de André de Albuquerque, a cujo valor andava unida esta virtude: advirtio a hum frade Capucho que appareceo no telhado, que salvasse o Sacrario, e pedindo lhe o Religioso da parte dos moradores misericordia, a qual elles imploravaõ com sentidas, e levantadas vozes que feriaõ o ar, rompendo o fogo, e o fumo, respondeo-lhes André de Albuquerque, que estava prompto para os ajudar,
se

ſe do Caſtello ſuſpendeſſem os tiros, donde cahiaõ tantas ballas, que offendiaõ igualmente os Caſtelhanos, e Portuguezes. Fez-ſe aviſo ao Caſtello, e ajuſtou-ſe ſuſpenſaõ de armas por tres horas: abriraõ-ſe dous portilhos na parede da ſanchriſtia, preſervou-ſe do fogo a Capella mór, e ficáraõ livres os moradores. Acabadas as tres horas, continuáraõ as baterias com pouco effeito: porém as bombas intimidavaõ de ſorte a gente do povo, que eſtava dentro do Caſtello, que com repetidos clamores deſanimavaõ os ſoldados, e obrigavaõ ao Governador a ſe arrepender de os haver recolhido. Luiz da Silva, e André de Albuquerque ganháraõ com difficuldade huns penhaſcos viſinhos da muralha, e Joaõ de Saldanha, e Ayres de Saldanha levantáraõ huma trincheira, pela qual ſe communicáraõ com a Hermida que ſe havia occupado, e de huma, e outra parte ſe foraõ ganhando poſtos, favorecidos os ſoldados que ſe melhoravaõ de terreno das mangas de maõ poſta, as quaes com fogo vivo naõ davaõ lugar aos do Caſtello a poderem atirar como deſejavaõ. Obrigados deſte temor, e do receyo das bombas, appareceo na muralha huma bandeira branca, mandou Mathias de Albuquerque averiguar a cauſa, reſpondeo hum Sargento mór chamado Joaõ de Pedraſſa, ſoldado de conhecido valor, que ſe retiraſſem para os ſeus poſtos, porque a bandeira fora deſordem, e o Caſtello, ſe havia de defender em quanto elle tiveſſe vida. Aſſim ſuccedeo, porque continuando as baterias, foy morto de huma balla de moſquete, e creſcendo nos ſoldados o receyo ſuſpenderaõ a defenſa. Tratáraõ logo de partidos, deraõ refens, e entregáraõ o Caſtello. Sahio delle D. Joaõ de Menezes com toda a ſua familia, os ſoldados pela capitulaçaõ ficáraõ detidos até ſe acabar a campanha. Mathias de Albuquerque deixou no Caſtello Manoel da Silva Peixoto, Sargento mór de Ayres de Saldanha, com 200 Infantes; parecendo aquelle ſitio capaz de ſe guarnecer, para ſegurança das partidas que entravaõ em Caſtella.

Anno 1643.

Entregaſe o Caſtello de Alconchel, queſe guarnece.

Antes que o exercito ſahiſſe de Alconchel, mandou Mathias de Albuquerque a D. Rodrigo de Caſtro

com 600 Cavallos reconhecer Figueira de Vargas, tres leguas de Alconchel, Villa de 400 visinhos com huma trincheira, e hum Castello governado por D. Gabriel da Silva, de quem era a Villa, casado com Dona Anna de Mendoça irmaã de Pedro de Mendoça. Entendendo D. Gabriel que as Tropas de D. Rodrigo eraõ avanguarda do exercito, rendeo o Castello com permissaõ de passar a Xerês, levando a sua familia, e os moradores com a sua roupa. Ficaraõ no Castello duas Companhias de Infantaria para mayor segurança dos combois, em quanto durasse a campanha, se acaso o inimigo os impedisse por outras estradas. Incorporado D. Rodrigo com o exercito, marchou de Alconchel para Villa Nova del Fresno, quatro leguas distante, deixando Olivença á maõ esquerda. Adiantouse o Monteiro mór com a mayor parte da Cavallaria a ganhar postos sobre Villa Nova para lhe evitar os soccorros: chegou o exercito o dia seguinte. He Villa Nova fabricada em huma eminencia, a que se sobe por todas as partes por entre pumares, e hortas. Estende-se a Villa em fórma prolongada, cercada de huma muralha antiga, que por huma, e outra parte rematava no Castello, situado para onde o Sol nasce, que he a parte que olha a Badajoz. O Castello era grande, e quadrado, franqueava-se com alguns torrioens, rodeava-o huma barbacaã bem feita, e hum fosso naõ muito largo. Havia além do primeiro recinto, tres interiores, e unia-se a ultima muralha para o nascente. O Arrabalde da Villa, defendido de huma larga trincheira, constava de 400 fogos, e na Villa havia 600. Seguia-se huma grande quinta do Marquez de Barca Rota, de quem era Villa Nova, e hum Mosteiro de frades de S. Francisco. Constava a guarniçaõ de 600 Infantes pagos, e 60 Cavallos, fóra os paizanos, governados pelo Mestre de Campo D. Francisco Geldres, assistido de D. Francisco Aguero Mestre de Campo, e Engenheiro. Haviaõ lançado para Xerês a gente inutil, e achavaõ-se na Praça muitas pessoas de qualidade de todos os lugares visinhos. Tinha o Castello duas peças de artilharia de bronze, e muitas muniçoens, e mantimentos; sustentava-se da agua de huma grande cisterna.

Anno 1643.

Rende-se Figueira de Vargas.

Sitio de Villa Nova del Fresno.

terra; e os moradores receando o sitio recolhèraõ quantidade em talhas. Tanto que acabou de chegar todo o exercito, mandou Mathias de Albuquerque marchar os Terços cubertos do Castello, ordenando-lhes que fizessem alto na parte opposta, que fazia rosto aos lugares de Castella mayores, e mais visinhos. Adiantou-se Mathias de Albuquerque a reconhecer a Praça, e observando-a, naõ deixou de recear as difficuldades que se lhe offereciaõ, vendo-a muito capaz de se defender, o Trem do exercito falto de instrumentos de expugnaçaõ, o Inverno visinho, e os soldados molestados do rigor do Sol muito nocivo naquelles mezes, por andar mais baixo, de que se originava adoecerem em grande numero: porém a importancia da Praça, e a reputaçaõ das Armas o obrigáraõ a romper por todos os impossiveis. Ordenou logo ao Sargento mór Belchior do Crato, que com quatro mangas de mosqueteiros ganhasse humas hortas, que os Castelhanos defendiaõ, por sustentar a agua, que levavaõ para a Villa: obrigou-os a desampparárem o posto, e morreo na empreza o Capitaõ Francisco Soares da Cunha. Naquella noite ganhou Joaõ de Saldanha com o seu Terço o Arrabalde, e ficou levemente ferido em huma perna. Nas ultimas casas delle levantou Dom Joaõ da Costa huma plataforma, em que poz dous meyos canhoens, que começáraõ a jugar tanto que amanheceo; porèm com pouco effeito, por ser a muralha do Castello terraplenada. Tambem as bombas de hum morteiro, que daquella parte começou a jugar, naõ faziaõ grande damno. Outra bateria se levantou contra a Villa, que jugava da outra parte do Arrabalde: mas sendo as peças ligeiras era mayor o estrondo que o prejuizo. Mathias de Albuquerque considerando o pouco effeito das baterias, mandou ao Mestre de Campo da Armada D. Antonio Ortiz com 600 Infantes do seu Terço, e ao Commissario Geral da Cavallaria D. Joaõ de Attaide com 300 Cavallos buscar a Olivença dous meyos canhões. Quando voltavaõ com elles para o exercito, e 700 cargas de muniçoens, e mantimentos, descobriraõ os batedores cinco Tropas do ini-

Anno 1643.

Ganha Joaõ de Saldanha o Arrabalde.

Anno 1643.

migo, que vigorosamente os carregáraõ. Soccorreo-os Dom Joaõ de Attaide a tempo que appareciaõ outras cinco: fez elle alto, e aguardou ao Conde Fiasco, que vinha de retaguarda. Uniosełhe brevemente a Infantaria, e formados marcháraõ a buscar os Castelhanos. Naõ quizeraõ elles pôr em contingencia o successo, retiráraõse, dando lugar ao comboy a que chegasse ao exercito. Antes que se reformasse a bateria, mandou Mathias de Albuquerque persuadir ao Governador que se rendesse, e naõ quizesse experimentar na furia dos soldados o damno que padeciaõ os contumazes, que pelejavaõ sem esperança de soccorro. O Governador respondeo, que agradecia a advertencia, mas que na Praça havia tudo, o que era necessario para defendela muitos mezes, que era o que tocava á sua obrigaçaõ, e aos seus Generaes soccorrelo, quando lhes parecesse conveniente. A este tempo tinha a artilharia arruinado hum lanço da barbacaã, e parte de hum torriaõ. Pareceolhe a Mathias de Albuquerque a ruina capaz de assalto: mas como se naõ havia conseguido cegarse o fosso, tendo o inimigo queimado por muitas vezes as faxinas que se lançavaõ dentro, parecia a empreza muito difficultosa. Para a facilitar ordenou D. Joaõ da Costa huma ponte de madeira, que por naõ ser o fosso largo, podia dar caminho para se chegar á muralha. Lançouse a ponte duas horas antes de amanhecer, divertindo repetidas cargas de artilharia o preciso ruido de armala. Foy o primeiro que se offereceo ao perigo de apassar, Joaõ Rodrigues de Sá Camareiro mór delRey, que havia dado nas occasioens passadas grandes mostras do seu valor. Fizeraõ o mesmo trinta Officiaes, e pessoas particulares, nomeou-lhes Mathias de Albuquerque por Cabo a Fulgencio de Matos Capitaõ do Terço de Joaõ de Saldanha. Entràraõ todos com grande resoluçaõ na ponte: porèm sentindo os os Castelhanos, accodíraõ àquella parte com tantos instrumentos de fogo, e pedras que lançàraõ, que naõ podendo resistir os que estavaõ na ponte, cahiraõ cinco no fosso mortos, e alguns feridos. O Camareiro mór, e os mais chegàraõ á brecha, e acháraõ que estava taõ alta, e taõ bem defendida, que era im-

Defēdese a Praça com valor.

impossivel entrar por ella. Vendo Fulgencio de Matos o damno que sem fruto recebiaõ, mandou tocar a recolher, e retiráraõ-se todos quando rompia a manhaã. O mesmo effeito experimentou Gilot engenheiro Francez a noite seguinte a esta: porque querendo arrimar humas mantas á muralha do Castello, foy rebatido dos sitiados, retirou-se ferido, deixando alguns mortos. No mesmo tempo destas operaçoens se voltáraõ as baterias contra as defensas com melhor emprego, do que se conseguia na muralha. Arruináraõ as casas do Marquez, donde se recebia muito damno, e huma meya lua, que cobria a porta principal do Castello. Fabricáraõ-se logo tres minhas contra a muralha daquella parte: atacada a principal, se lhe deu fogo, cahio hum grande lanço, custando as vidas a muitos soldados Castelhanos. Com este damno começou a entrar o temor nos sitiados, que se accrescentou com outra ruina, que a artilharia mudada, por ordem de Mathias de Albuquerque, fez na muralha, que dividia o Castello do Arrabalde, vindo a terra por ser mais fraca a mayor parte della. Receosos do assalto, rendidos do trabalho, e desesperados do soccorro, tratáraõ os sitiados de se entregar. Mandou o Governador hum Religioso de Santo Antonio fallar com D. Joaõ da Costa, que assistia na bateria, dizendo que estava resoluto a render a Praça. D. Joaõ da Costa lhe respondeo, que aquellas materias as naõ tratavaõ senaõ Officiaes de Guerra. Com esta reposta tornou o Governador a pelejar; mas duroulhe pouco tempo o ardor, e tocou caixa para a parte opposta, onde estava de guarda com o seu Terço o Mestre de Campo Francisco de Mello. Enfadado D. Joaõ da Costa de naõ capitular a Praça, pela parte onde elle assistia mandou continuar as baterias, recebendo grande prejuizo os Castelhanos, que se haviaõ descuberto na fé de se quererem entregar. Advirtido o Governador com este dmno, chamou para o lugar das baterias: suspendeo-as D. Joaõ da Costa, e sahio da Praça o Sargento mór D. Sebastiaõ de Negreiros. Ajustáraõ as capitulaçoens na forma das de Valverde, só com a differença de se entregarem os cavallos que houvessem na Praça, fóra os dos Officiaes, e todas

Anno 1643.

Rendese, e fortificase Villa Nova.

Anno 1643.

e todas as armas. Dados refens de huma, e outra parte, sahio o Governador com 500 Infantes, e 74 soldados de Cavallo, e entrou na Praça D. Antonio Ortiz com o seu Terço, (200 moradores que havia na Praça se passàraõ para Xerês.) Achou nella muitas armas, e mantimentos. Ficou governando a Bento Maciel Parente, Sargento mór do Terço de Joaõ de Saldanha com dez Companhias de varios Terços. Brevemente o rendeo o Mestre de Campo André de Albuquerque com o seu Terço, mandando-o ElRey para aquelle presidio, e a Joaõ Paschasio Cosmander, com ordem que reduzisse o sitio do Castello a fortificaçaõ moderna: o que executou com grande brevidade. Em todas as occasioens que se offerecéraõ, assim neste sitio, como nas mais daquella campanha, eraõ os primeiros no perigo, e trabalho os Titulos, e Fidalgos que andavaõ no exercito, porque á competencia se excediaõ huns a outros no valor, e no desejo da defensa da sua Patria. A perda de Villa-Nova foy muito sentida dos Castelhanos, pela grande oppressaõ que dava aos Povos visinhos o presidio que ficou naquella Praça, e pela reputaçaõ das Armas de Portugal, que viaõ prevalecer como conquistadoras contra o mesmo Principe que determinava sujeitallas. O exercito passou de Villa-Nova a Figueira de Vargas, donde se retirou a guarniçaõ, ficando arrazado o Castello, e destruhida a Villa. O mesmo se executou em Chéles, que os Castelhanos haviaõ despovoado: passou a Alconchel, e entrou em Olivença com taõ grande tempestade, que impedio a Mathias de Albuquerque continuar os progressos da campanha, considerando que como era principio de Inverno, todos os dias que succedessem seria mais rigoroso o tempo.

Retirase o exercito.

Despediraõse os soccorros das Provincias, e dividiraõse as guarniçoens pelos quarteis costumados. Aquartelado o exercito, passou Mathias de Albuquerque a Villa-Viçosa, onde ElRey havia chegado a aliviar alguns dias as saudades, que sempre teve daquelle sitio. Recebeo a Mathias de Albuquerque com grandes honras, merecidas das suas virtudes. O mesmo favor experimentàraõ da sua grandeza os Cabos, e Officiaes do exercito que che-

Passa ElRey a Villa Viçosa.

chegárão a beijarlhe a mão. Voltou para Evora, e a cinco de Outubro partio para Lisboa, onde foy recebido com grande contentamento, amando-o o Povo como Pay, venerando-o como Rey, e considerando-o victorioso. Achou nascido do mez de Agosto o Infante D. Affonso seu filho segundo, que depois pela infeliz morte do Principe D. Theodosio veyo a ser primogenito. Havia sido bautizado com grande solemnidade por D. Manoel da Cunha Bispo de Elvas, e Capellão mór delRey, sendo seus Padrinhos o Principe D. Theodosio, e a Infanta D. Joanna. Não teve ElRey só esta occasião de contentamento nesta jornada senão tambem a universal aceitação do governo da Rainha na sua ausencia. Passou á Corte Mathias de Albuquerque, e ficou governando Alentejo o Monteiro mór General da Cavallaria: que de Olivença a aonde estava, foy assistir em Elvas: e constandolhe que na deveza de Pedra Buena, que era do Almirante de Castella, se havia levantado huma casa forte, guarnecida de alguns mosqueteiros, que defendia quantidade de gado, que pastava naquelle sitio, marchou com 700 Cavallos a buscar apreza, e destruir a casa. Hum, e outro intento conseguio D. Rodrigo de Castro com 200 Cavallos que levava de vanguarda. Chegou o aviso a Albuquerque lançarão os Castelhanos 200 Infantes, e 30 Cavallos, esperando tirar a D. Rodrigo a preza em hum passo estreito visinho á Praça, por onde forçosamente havia de passar. As partidas que estavão sobre Albuquerque, derão esta noticia ao Monteiro mòr; que mandou ao Capitão D. Antonio Alvares da Cunha com a sua Companhia, e alguns Dragoens, ordenandolhe que impedissem aos Castelhanos a determinação que trazião. Conseguiose como se dispoz: porque não lhes valendo retiraremse a huma serra aspera; forão todos derrotados, ficando muitos mortos, trazendo D. Antonio os outros prisioneiros. No mesmo dia, que o Monteiro mór fez esta entrada: sahio D. João de Attaide de Arronches, onde estava de quartel com cinco Companhias, entrou em S. Vicente, duas leguas distante, e nas ruas do lugar, que era aberto, fez alguns Castelhanos prisioneiros: passou adiante

Anno 1643.

Recolhese a Lisboa.

Nascimẽto del-Rey D. Affõso.

Ganha o Mõteiro mòr Pedra Buena com rota dos Castelhanos.

Acçoens de D. João de Ataide.

1643. te, correo a campanha de Valença, e trazendo huma grande preza, sahio a querer tirarlha D. Francisco de Inojoza Capitaõ de Cavallos com a sua Companhia, derrotoulha D. Joaõ, e trouxe o prisioneiro. Retirouse com a preza a Arronches, e passados quatro dias teve noticia, que o inimigo com 100 Cavallos, e 300 Mosqueteiros havia entrado no Assumar, que distava só huma legua de Arronches, e que levava a mayor parte dos paizanos prisioneiros. Achava se D. Joaõ com 50 Cavallos, e outros tantos Infantes: marchou com elles a buscar o inimigo: seguindo o alguns paizanos com espingardas. Apressáraõ de sorte a marcha, que ganhou huma das serras que correm para Albuquerque, antes que os Castelhanos a occupassem. Chegàraõ elles sem cuidado do perigo que os ameaçava; atacou-os D. Joaõ com tanto vigor, que sem lhes dar lugar para se formarem, os desbaratou, matando huns, e fazendo outros prisioneiros, entrando nelles o Capitaõ de Cavallos Sebastiaõ Correa natural de Olivença, que tanta diligencia havia feito pela entregar aos Castelhanos, como ja referimos. Esteve muitos annos prezo em Lisboa, e na prizaõ veyo a acabar a vida. Entendiaõ se de sorte neste tempo os successos acaso com as boas fortunas, que antes que D. Joaõ de Attaide avançasse, vinhaõ os Castelhanos dizendo aos prisioneiros que levavaõ do Assumar: que ja que o seu Rey D. Joaõ era santo, como diziaõ, que chamassem por elle, que os livrasse daquelle trabalho (porque haviaõ determinado antes obrigallos a que dissessem: Viva ElRey D. Filippe, e elles com grande constancia respondido: Que naõ queriaõ negar o seu Rey que era santo.) Naõ haviaõ os Castelhanos acabado de pronunciar as palavras referidas, quando os investio, e derrotou D. Joaõ de Attaide, e livrou os prisioneiros, os quaes espalháraõ este successo pelos Povos em grande utilidade do serviço delRey. Esta foy a ultima occasiaõ este anno na Provincia de Alentejo: porque o Inverno cerrou a porta de Jano, e suspendeo a guerra.

Constancia fiel dos Portuguezes.

Em quanto as Armas de Alentejo se illustravaõ com successos taõ ventajosos, naõ estiveraõ ociosas as

Armas

Armas das outras Provincias. Paſſou o Conde de Caſtello-Melhor a governar Entre Douro, e Minho, e tendo por mais proprio, para ſe livrar do máo trato que havia padecido na prizaõ de Cartagena de Indias, o enſtrondoſo da guerra que o deſcanço da Corte, ſahio de Lisboa a 27 de Março, e entrou na ſua Provincia com geral aceitaçaõ de todos os moradores della, pela opiniaõ que dignamente havia adquirido de valor, de zelo, e de affabilidade. Achou as Praças muito deſtituidas de todas as prevençoens neceſſarias para ſe defenderem; porque o governo dos tres Meſtres de Campo naõ podia ſer taõ activo, nem taõ reſpeitado da Provincia, e da Corte, que os preceitos, e os aviſos ſe lograſſem com a regularidade que convinha. Fez o Conde paſſar moſtra, e achou-ſe ſó com mil Infantes pagos, e tantos Officiaes, que requeriaõ mayor numero de ſoldados. Reformou os que eraõ ſuperfluos, pagou tres mezes, e accodio ao mais precizo. Informouſe das forças, e das Praças do inimigo, e determinou dar feliz principio ao ſeu governo, interprendendo a Villa de Salvaterra, fronteira a Monçaõ, ſituada ſobre o rio Minho, que era a ſua mayor ſegurança, porque naõ ſe podia paſſar a ella ſem paſſar o rio em barcos, por ſe naõ vadear em porto algum daquelle diſtricto. Naſce o rio Minho em Galiza na fonte Minhaõ, donde toma o nome, quatro leguas para o Norte da Cidade de Lugo que vem buſcar, banhando os muros della, junto da ponte das Meſtas em Porto Marim. Entra nelle o rio Sil, taõ caudaloſo, que dizem vulgarmente os moradores, que as aguas ſaõ do Sil, e do Minho a honra do nome. Com outros muitos rios ſe vay engroſſando o Minho, e fertilizando muitos lugares, até entrar por hum ſó arco de huma maravilhoſa ponte junto da Cidade de Orenſe: paſſa por Ribadávia, e chegando á Raya de Portugal, corre a Poente, formando elle a Raya perto de onze leguas, e enriquecendo-ſe com as aguas de 14 rios, os mais delles muito caudaloſos, e depois de paſſar por Melgaço, Monçaõ, Valença, Villa Nova de Serveira, e Caminha, e de coſtear pela parte de Galiza as Villas de Creſcente, e Salvaterra, a Cidade de Tuy, e

Anno 1643.

Succeſſos de Entre Douro, e Minho, que governa o Conde de Caſtello-Melhor.

Diſcripçaõ do rio Minho.

outros muitos lugares, recolhe mais onze rios todos abundantes de aguas, e com 38 leguas de curſo, ſe confunde com as aguas do mar na Villa de Caminha. Antes que o Conde de Caſtello-Melhor chegaſſe a governar a Provincia do Minho, havia o Meſtre de Campo Vióle Datis fabricado alguns barcos com intento de ganhar Salvaterra, que foraõ ao Conde de grande utilidade neſta meſma empreza. Era Governador de Salvaterra Gregorio Lopes de Puja, e guarnecia a Villa com ſeis Companhias pagas, fóra a gente da terra: ſuſtentava com grande cuidado varias correſpondencias com os noſſos lugares, de que lhe reſultava ter aviſo de todos os movimentos, que ſe faziaõ da noſſa parte. A certeza deſtas intelligencias obrigou ao Conde de Caſtello-Melhor, para as divertir, a paſſar a Ponte de Lima, ſeis leguas da Raya, onde depois fez ſem ruido as prevençoens da interpreza. Tendo ajuſtado tudo o que julgou conveniente, fingio nos ultimos dias de Mayo, que lhe chegára aviſo de Dom Joaõ de Souſa da Silveira Governador das Armas de Traz os Montes, que havia ſuccedido a Rodrigo de Figueiredo, de que os Caſtelhanos entravaõ com groſſo poder por aquella Provincia, e que para a defender lhe pedia ſoccorro. Com eſte pretexto mandou ordem ao Meſtre de Campo Viòle Datis, que eſtava em Villa Nova de Serveira, que tiraſſe 500 Infantes das guarniçoens das Praças viſinhas, e que marchaſſe com elles meya legua diante de Monçaõ; porque eſte ſitio era viſinho ás barcas, e caminho de Traz os Montes. Deſpedida eſta ordem partio o Conde para Monçaõ, e prevenio carruagens para paſſar a Mélgaço tres leguas diſtante, publicando que hia deſpedir o ſoccorro de Traz os Montes. Tanto que anoiteceo, ſe poz em marcha, fazendo primeiro vir barqueiros de Lapella. Executou o meſmo Viòle Datis, e á meya noite eſtavaõ ambos junto das barcas com 250 ſoldados, que eraõ os que cabiaõ nellas. Entrou dentro o Meſtre de Campo Vióle Datis, e o Sargento mòr Roquemont Francez de naçaõ, e o Conde com o reſto da gente marchou para hum Moſteiro de freiras de Santa Clara, que ficava defronte do ſitio, onde havia de deſembarcar

embarcar a vanguarda, levando os barqueiros expressa ordem para voltarem a buscar a gente que ficava, tanto que lançassem em terra a primeira que conduzírão. Sentírão as sentinellas do inimigo o rumor dos primeiros barcos, tocárão arma, fizerão o mesmo os sinos de Salvaterra; apertárão os barqueiros com os remos, saltou a Infantaria em terra, e assaltou as trincheiras com tanto valor, e velocidade, que os Galegos que hião accodindo ao rebate encontravão primeiro a morte que a trincheira, porque achárão os Portuguezes dentro da Villa. Entrou o Governador em o numero dos mortos, pelejando com tanto valor, que primeiro tirou a vida a dous soldados nossos, sendo hum delles João Sanches de Melcezo natural de Monção, que não passando de 16 annos lhe deo muitas feridas antes que elle o matasse. Voltárão os barcos ao porto sinalado, entrou nelles o Sergento mòr Luiz de Oliveiros Famel com outros 250 Infantes, deu hum dos barcos em seco, meteose o Conde no rio atè os peitos, e ajudouso com os hombros a sahir do embaraço, justificando nesta acção, que podia sustentar nelles o pezo do governo da Provincia. Desembarcou o Sargento mór com o segundo Corpo de Infantaria, cedérão de todo os Galegos, e largárão a Villa tirando alguns, que se recolherão ás casas do Conde de Salvaterra, que estavão fortificadas. O Conde passou a Salvaterra, e não se achando com poder para sustentar esta Praça, que era todo o seu desejo, para ficar com porta aberta em Galiza, não quiz que se investissem os soldados, que se recolhérão ás casas do Conde de Salvaterra, por não perder gente sem utilidade, não trazer de preverções para obrigar aos Galegos a que se rendessem. Saqueárão os soldados a Villa, e puzerão fogo ás casas. Foy o danno consideravel por assistirem em Salvaterra muitos mercadores com grossos cabedaes. O Conde se retirou sem mais perda que a de 14 soldados.

Anno 1643.

Ganhaje Salvaterra.

Governava as Armas de Galiza D. Martim de Redim Prior de Navarra da Ordem de S. João: achavase em Ponte Vedra, e sentindo a perda de Salvaterra, determinou satisfazela: juntou grosso poder na Villa de Sella-

Nova

Nova na Raya Secâ oito leguas de Salvaterra. Tendo o Conde eſta noticia marchou a fortificar alguns paſſos eſtreitos, por onde o inimigo forçoſamente havia de paſſar, e guarneceo-os de Infantaria paga. Baſtou eſta prevençaõ para divertir o intento do Prior de Navarra; e o Conde, naõ querendo ter as Armas ocioſas, fez conduzir os barcos em que havia paſſado a Salvaterra, a hũa enſeada junto a Lapella: embarcou nelles cem Infantes á ordem de Pedro de Betancor Ajudante do Tenente do Meſtre de Campo General, e mandoulhe que inveſtiſſe hum reducto que o inimigo havia feito da outra parte do rio, que por aquella, era taõ eſtreito, que com os arcabuzes chegavaõ a Lapella em grande prejuizo dos moradores deſta Praça. Embarcouſe Pedro de Betancor, ſentiraõ-no duas Companhias de Galegos que eſtavaõ no fortim, e intentáraõ em vaõ defenderſe; porque os noſſos ſoldados, deſprezando a arte, cubertos de valor inveſtiraõ o reducto, e ganharaõ-no, largando-o os Galegos, depois de alguns delles mortos. Acodio ao rebate huma Companhia de Cavallos, deteve os que fugiaõ, e unidos todos quizeraõ recuparar o reducto: porém achádo-o melhor defendido, deſiſtiraõ da empreza. Arrazou-o Pedro de Betancor, e retirouſe com alguns ſoldados feridos. Intentou o Conde deſmantelar outro reducto, que o inimigo tinha levantado na barra de Caminha, oppoſto a hum que haviamos fabricado deſta parte: mandou a eſta empreza nas barcas ao Capitaõ Thomè de Paſſos com 60 moſqueteiros, mas faltandolhe a maré, naõ conſeguio o intento. Acodiraõ os Galegos a eſta parte, entendendo que era mayor o poder, e o Conde attento a todos os accidentes mandou o Sargento mór Luiz de Oliveiros com 700 Infantes a queimar o lugar de Deſteriz, que ficava na Raya Seca, junto da ponte das Varzeás 12 leguas da barra de Caminha. Marchou Luiz de Oliveiros, e ainda que achou oppoſtos 800 Infantes, que governava o Meſtre de Campo D. Fadrique de Valadares, queimou Deſteriz, e o inimigo intentando na retirada carregar a noſſa gente, foy de ſorte rebatido, que deixando 40 mortos deſemparou o campo. Retirouſe Luiz

Anno 1643.

Luiz de Oliveiros queima Deſteriz.

de

de Oliveiros, e marchou logo o Capitaõ Christovaõ Mozinho com 400 Infantes para o lugar da Tamugem na foz do Minho: chegou, e ganhou-o, ainda que os moradores se defenderaõ. O mesmo successo teve o Capitaõ Pedro Mauricio Duquisné de naçaõ Francez, que assistia em Melgaço nos lugares de Ferreiros, Pereiros, e Gogende. Sentindo os Galegos por toda a parte o damno das nossas Armas, chegou ao Conde de Castello-Melhor ordem delRey para continuar a guerra com o mayor aperto que lhe fosse possivel, sendo o fim divertir o poder dos Castelhanos para que naõ engrossasse pela parte da Estremadura, para onde ElRey determinava encaminhar os progressos das suas Armas: porem naõ correspondendo os soccorros á ordem, foy necessario ao Conde para se prevenir, despender os seus proprios cabedaes. Convocou com grande diligencia a gente mais luzida, e mais desobrigada da Provincia; unio-se toda em Monçaõ a 13 de Agosto, e achàraõ-se 5000 Infantes de que eraõ pagos 900, e 50 Cavallos, tolerando a aspereza daquelle sitio o pouco numero da Cavallaria, com que se intentava qualquer empreza. Dividio-se a Infantaria em sete Terços, e com esta gente determinou o Conde voltar sobre Salvaterra com intento de fortificar, e conservar aquella Praça, parecendolhe justamente o posto mais util para molestar os lugares de Galiza. Da Hermida de Nossa Senhora dos Milagres, onde este poder estava junto, marchou o Conde de Castello-Melhor para Monçaõ meya legua distante, e ordenou ao Mestre de Campo Vióle Datis que passasse a Lapella com parte da Infantaria paga, e algumas pessoas principaes da Provincia, e que tanto que rompesse a manhaã, se metesse nos barcos, que acharia prevenidos, e que ao favor da artilharia, que mandava plantar desta parte do rio, procurasse saltar em terra, e que se acaso o conseguisse, voltassem os barcos para passarem a gente que ficava. Vióle Datis ainda que fez grãde diligencia por chegar a tempo, amanheceo antes de entrar nos barcos, omissaõ de que o Conde teve grande molestia, conhecendo as grandes difficuldades que se haviaõ de vencer, para ter bom successo, sentindo o ini- Anno 1643.

 migo

Anno 1643.

migo a nossa resoluçaõ antes de executada: porém supe-rou-as o valor dos Officiaes, e Soldados; e sendo o primeiro que se embarcou Antonio de Queirós Mascarenhas Capitaõ de huma Companhia de Aventureiros, que se compunha da gente mais nobre da Provincia, poz a proa no porto opposto, e achou-o defendido pelo Conde de Torreson, Alemaõ General da Cavallaria de Galiza, com 500 mosqueteiros á sua ordem cubertos de huma trincheira bem franqueada. Fazia horror a opposiçaõ, mas buscando os nossos soldados, para saltarem em terra, a parte mais desquartinada da artilharia, e mosquetes de Lapella, desembarcou Antonio de Queirós com a sua Companhia, e valerosamente sustentou o posto que ganhou, atè que veyo soccorrelo o Mestre de Campo Viòle Datis. Incorporada a vanguarda, marcháraõ todos para as trincheiras, sahio o inimigo a recebelos fóra dellas com 200 Infantes, e 300 Cavallos, por lhe haverem chegado novos soccorros. Teve Viòle Datis esta resoluçaõ por grande fortuna, por ser mais verosimil romper os Corpos sem trincheiras, que as trincheiras guarnecidas. Correspondeo o successo á esperança, porque ainda que o inimigo resistio algum tempo com muito valor, largou o posto, e retirouse com grande estrago para humas eminencias, que ficavaõ meya legua antes de chegar a Salvaterra. Em quanto durou o combate foy engrossando o nosso poder com a gente que passava nas barcas, e o Capitaõ Duquisnê com os 50 Cavallos deo grande calor á empreza. O inimigo voltou com a Cavallaria a attacar a nossa vanguarda; porém achando nella impenetravel resistencia, unidas as Tropas da Infantaria, se foraõ retirando para Salvaterra. Seguiraõ os nossos soldados o alcance com tanto ardor, que superando o que lhes causava o Sol, e a sede, chegáraõ os Capitaens Antonio de Queirós, e André da Costa à ponte de Filhaboa, por onde forçosamente haviaõ de passar, e ganharaõ-na com tanta diligencia, que quando os Galegos cahiraõ no erro de a naõ defender (o que puderaõ conseguir, se a guarnecéraõ antes) ja a acharaõ occupada, e taõ valerosamente defendida, que

Ganha Viole Datis as fortificaçoens dos Galegos.

con

continuáraõ a marcha para Salvaterra, deſeſperados de a recuperar, livrando em o numero da gente a eſperança de ſe defender a Praça. Depreſſa a conhecèraõ baldada, porque chegando a vanguarda ás tres da tarde, ſem eſperar que a mais gente ſe encorporaſſe, avançou Antonio de Queirós ás trincheiras: ſeguìraõ-no os mais, e naõ dilatando o effeito da reſoluçaõ, entráraõ a Villa a pezar da reſiſtencia dos Galegos. Recolheo-ſe alguma Infantaria á fortificaçaõ, fabricada nas caſas do Conde de Salvaterra, a mais gente ſe retirou para os lugares viſinhos. O Meſtre de Campo Vióle Datis naõ quiz dar á variedade da fortuna tempo de ſe arrepender, inveſtio a fortificaçaõ, mas achou taõ perigoſa reſiſtencia que obrigou aos ſoldados a que ſe cobriſſem de huma trincheira, que corria da Villa até a fortificaçaõ, levantada a primeira vez que ſe atacou Salvaterra, e que os Galegos naõ desfizeraõ, por naõ recearem ſegunda deſgraça. Vióle Datis tendo a gente cuberta, deſprezando o proprio riſco, ſe deſcobrio para reconhecer a fortificaçaõ com taõ infeliz valor, que acertando-o huma balla pelos peitos, cahio do impulſo do golpe, e em breve eſpaço morreo da ferida, com geral ſentimento de todos os ſoldados, merecido do ſeu procedimento, e do zelo com que havia accodido á defenſa deſte Reino. Antonio de Queirós, eſtimulado deſta deſgraça, inveſtio com as trincheiras a peito deſcuberto, e achando que o Conde de Caſtello-Melhor fazia o meſmo, ſeguido da mayor parte dos ſoldados, lhe diſſe: *Senhor, quem traz aqui a Voſſa Senhoria?* Reſpondeo o Conde com grande ſocego, e igual valor: *Ninguem me traz, eu venho.* A eſta imitaçaõ, cahindo huns feridos, e outros mortos, ganháraõ os Officiaes, e Soldados as trincheiras: inveſtîraõ com a porta, e ainda que os defenſores ſe defendiaõ com grande valor, vendo infructuoſa a defenſa, ſe rendéraõ, ſendo dos primeiros que ſubîraõ ao alto das caſas, em quanto ſe defendiaõ, o Ajudante Joaõ Cardoſo, e Joaõ da Cunha Sotto Mayor. Antonio

Anno 1643.

Ganha-ſe Salvaterra.

Morre Vióle Datis.

Rende-ſe a Fortificaçaõ.

tonio de Queirós esmaltando com a piedade o valor que havia mostrado, defendeo os rendidos de os degolarem: porque os soldados estimulando-os a pena de ver morto o Mestre de Campo, lhes naõ queriaõ dar quartel. Acháraõ-se 26 mortos, e outros tantos feridos: ficáraõ prisioneiros 140 Galegos, entre elles o Alcaide mór D. Francisco Sottelo, que morreo de duas feridas que havia recebido, e em todo o dia passáraõ de 100 os que perdèraõ as vidas. Dos nossos soldados morrèraõ vinte, e ficáraõ quarenta feridos. O inimigo ajuntando a gente que havia retirado, a formou defronte da Villa; porém, rendidos os da casa forte, formada a Infantaria, sahio o Conde com ella a buscar o inimigo, que naõ quiz aguardar o successo, desenganado da desgraça antecedenre. O dia seguinte começou o Conde a fortificar Salvaterra, esperando lograr as utilidades, que havia considerado quando intentou esta empreza. Levantou primeiro huma trincheira capaz de se alojarem dentro della 5000 Infantes, e guarnecendo-a, ficou seguro de qualquer intento a que o inimigo se arrojasse. Acabada a trincheira, mandou fabricar huma ponte de barcas, que lançou com difficuldade no Minho, por ser naquella parte muito fundo, e correr com muito impeto. Tanto que a ponte ficou segura, concorréraõ por ella todos os materiaes para a fortificaçaõ, a que se deu principio, arrazando o Arrabalde, e occupando só o sitio de hum monte, em que haveria 80 casas: levantaraõ-se quatro baluartes de cantaria, e terraplenaraõ-se á prova com quartinas, e meyas luas, fossos, e estradas cubertas, e aperfeiçoouse toda a obra a pouco custo da fazenda Real. Durando o trabalho da fortificaçaõ, soube o Conde de Castello-Melhor, que o inimigo fortificava a ponte de Filhaboa: ordenou ao Mestre de Campo Diogo de Mello Pereira, que succedeo no Terço a Viòle Datis, que fosse com 1000 Infantes, e 50 Cavallos, de que era Capitaõ Duquisnê, a atacar na ponte a fortificaçaõ começada. Marchou elle; e encontrando no caminho 400 Infantes do inimigo,

Anno 1643.

Fortificase Salvaterra.

migo, e cem Cavallos, que caminhavaõ para a ponte, os investio, e desbaratou facilmente, matando muitos, e ficando prisioneiros 120. Continuou a marcha, chegou à ponte, e dividio a Infantaria em tres Troços. Chegou primeiro o que governava o Capitaõ Antonio Rodrigues Castelhano (que havia ajudado ao Conde a se livrar da prizaõ de Cartagena) assoltou valerosamente as trincheiras, e ganhou as. Chegáraõ os outros dous Troços, e obrigaraõ ao inimigo a se retirar sem grande damno, que naõ he difficultoso nos lugares daquella Provincia, por ser o terreno taõ aspero, que bastaõ poucos mosqueteiros para segurar a marcha de hum exercito sem offensa de outro mayor. Diogo de Mello, desfeitas as trincheiras, e desmantelado hum reducto, a que o inimigo havia dado principio, e que depois tornou a levantar, queimou alguns lugares que estavaõ visinhos á ponte, e retirouse para Salvaterra. Os Galegos cuidadosos da fortificaçaõ de Salvaterra, que ameaçava grande ruina a todo o destricto de Tuy, chave do Reino de Galiza, juntáraõ o mayor numero de gente que lhes fosse possivel, tirando de Bayona, da Curunha, e de Monte-Rey os soldados velhos, que se achavaõ naquelles presidios, e sendo Cabo deste Troço o Conde de Torreson de General da Cavallaria, se alojou em huma eminencia hum quarto de legua de Salvaterra. Deste sitio baixou a 25 de Agosto, e occupou com a Cavallaria outro posto chamado o Facho, visinho das trincheiras, e mandou marchar a Infantaria resoluto a atacallas. Guarneceo-as o Conde de Castello-Melhor, e lançou fóra dellas os Capitães Antonio de Queirós Mascarenhas, e Rodrigo de Moura Coutinho com 300 mosqueteiros, os quaes se oppuzeraõ valerosamente aos Galegos, e recebendo a sua Cavallaria grande damno das repetidas cargas que atiravaõ as mangas, desaloiou do sitio em que estava, sem aguardar que chegasse a Cavallaria que vinha marchando. Naõ se detiveraõ os dous Capitãos em occupallo, e de sorte o seguráraõ, que depois de quatro horas que duráraõ

Anno 1643.

Desbarata Diogo de Mello Pereira os Galegos.

as cargas de huma, e outra parte, se resolveo o Conde de Torreson a retirarse, deixando na campanha 40 mortos, e ficando dos nossos soldados alguns feridos.

Anno 1643.

Poucos dias depois deste successo teve o Conde de Castello-Melhor noticia, que o inimigo estava emboscado com grosso poder hum tiro de mosquete de Salvaterra, mandou sahir da Praça o Capitaõ Pedro de Betancor com duas Companhias a descobrir a campanha. Pouco havia marchado, quando as Tropas do inimigo carregáraõ a nossa gente de sorte, que a naõ se valer da aspereza do sitio, fora facilmente derrotada: mandou o Conde soccorrella pelo Tenente do Mestre de Campo General com algumas Companhias; e logo em soccorro destas o Mestre de Campo Diogo de Mello com todas as que havia na Praça. Porém o inimigo pelejava taõ valerosamente, que era muito difficultosa a defensa nos vallados, e sitio aspero, e fez mayor o perigo a imprudencia do Capitaõ Christovaõ Mousinho, porque saltou fóra dos vallados, e seguindo-o outros Officiaes, e grande parte da Infantaria, investio com as Tropas do inimigo, as quaes reconhecendo a sua temeridade os investíraõ com tanto impeto, que depois de perderem alguns soldados, e levarem outros feridos, se retiráraõ para outro sitio mais alto, e mais seguro. Quando andavaõ no mayor aperto lhes valeo a prudencia, e varonil coraçaõ da Condeça de Castello-Melhor Dona Marianna de Alencastre: porque reconhecendo de Monçaõ o conflicto, baixou ao rio, e fez conduzir com grande diligencia duas peças de artilharia, que jugaraõ a tempo taõ proprio, que respeitando Marte o seu preceito, e encaminhando Vulcano obediente as ballas, se empregaraõ nas Tropas do inimigo com damno taõ consideravel, que o obrigaraõ a retirarse, e ficaraõ os nossos soldados, ainda que com alguns mortos, e muitos feridos, em que entraraõ o Tenente General da artilharia Francisco Latuche Francez; e o Capitaõ Rodrigo de Moura Coutinho, livres do grande perigo que os ameaçava. Deraõ noticia

Inquieta o inimigo a Praça, e retirase.

Acçaõ da Condeça de Castello-Melhor.

cia ao Conde alguns prisioeneiros, que no lugar de Linhares se alojavaõ 200 Infantes: mandou ao Sargento mor Roquemont com 300, e a Diogo de Mello com o resto das Companhias a attacar este lugar. Naõ teve duvida a empreza: porque os soldados andavaõ costumados a vencer. Entrou Roquemont as trincheiras que o inimigo defendia, e degolando a mayor parte da guarniçaõ, saqueou, e queimou Linhares, e retirouse para Salvaterra.

Anno 1643.

Roquemont saquea Linhares.

Chegaraõ a Madrid as novas deste successo, e da fortificaçaõ de Salvaterra, e deu huma, e outra noticia grande cuidado aos Ministros daquella Coroa, considerando Portugal, que imaginavaõ facilmente conquistado, autor da guerra com repetidas felicidades em todas as Provincias. E como os Generaes costumaõ muitas vezes pagar as omissoens dos Principes, tirou ElRey Catholico o Prior de Navarra do governo de Galiza, e entregou-a ao Cardeal Spinola Arcebispo de San-Tiago. Aceitou elle o posto, parecendolhe facil manejar decorosamente taõ incompativeis exercicios, e vendo que lhe haviaõ entregue o governo, para que as Armas daquelle Reino melhorassem da fortuna, intentou, ganhando Salvaterra, restaurar em huma sò empreza toda a opiniaõ perdida. Chegáraõlhe novos soccorros de Infantaria de Flandes, e grossas levas de Cavallaria. Com esta gente, e a melhor da Provincia formou hum exercito de dez mil Infantes, e mil Cavallos com todas as prevençoens necessarias, e a 23 de Setembro as sete horas da tarde se alojou á vista de Salvaterra. O Conde de Castello-Melhor teve noticia deste movimento taõ pouco antes de chegar o exercito, que naõ pòde fazer mais prevençaõ, que dispor a gente que tinha na Praça para a defença das trincheiras. Naõ chegava o presidio de Salvaterra a 3000 Infantes, e 50 Cavallos, ausentandose, e adoecendo o resto da Infantaria, que havia trazido àquella empreza, e faltandolhe os mortos, e feridos nas occasioens passadas. Guarneceo o Conde as trincheiras, e repartio

Alojase o Cardeal Spinola cõ o exercito á vista de Salvaterra.

Disposiçoens do Conde para a defensa.

Anno 1643.

os poſtos com grande diligencia, ſinalando os lugares onde deixava as muniçoens, fazendo varios corpos dedicados para os ſoccorros das partes mais arriſcadas, e animando os ſoldados a deſprezarem os inimigos, e a ſe naõ perturbarem na confuſaõ da noite, ſe o inimigo ſe reſolveſſe a attacar as trincheiras antes de chegar o dia, ſegurandolhes neſta conſideraçaõ a victoria, dizendolhes, com razaõ: „ Que a noi„ te he mais favoravel aos defenſores, que aos que „ aſſaltaõ; porque aquelles ſeguraõ ſó hum lugar que „ tem certo para naõ errar os golpes, e eſtes cami„ nhaõ por ſitios naõ conhecidos, em que encontraõ „ taõ perigoſos accidentes que os obriga a diminui„ rem o ardor, e errar a execuçaõ; e que além deſ„ tas razoens a memoria das victorias paſſadas lhes „ faria ſem duvida deſprezar o perigo preſente; que „ ſeria facil de vencer, ſendo o numero dos valeroſos „ ſempre menor que o dos covardes, e eſtes por na„ tureza affeiçoados às emprezas que ſe intentaõ de „ noite coſtumando a naõ empenhar nellas as vidas, „ entendendo que naõ perdem a honra; que elle ſe „ naõ obrigava á aſſiſtencia de algum lugar, por aſ„ ſiſtir promptamente a todos; que aquella parte „ que o naõ achaſſe mandando, e defendendo as trin„ cheiras, entendeſſe que eſtava em outra onde o „ conflicto era mayor, e mais preciſa a ſua aſſiſten„ cia. A eſte tempo ja as ſombras da noite occultavaõ o reſplandor ao dia, e o Cardeal Spinola exhortava os ſeus ſoldados com a memoria do antigo valor dos Heſpanhoes, dizendo: „ Que ſe nas oc„ caſioens paſſadas parecia que eſtava eſquecido, naõ „ podia conhecerſe extincto, ſendo a natureza a meſ„ ma; que lhes lembrava o damno, que ſe ſeguiria „ âquelle Reino, ſe os Portuguezes conſervaſſem Sal„ vaterra, que ja contava como rendida, ſendo atta„ cada de taõ valeroſos ſoldados, ajudados do eſcu„ ro, e confuſaõ da noite, mais favoravel para os „ que aſſaltavaõ que para os que eraõ inveſtidos; „ porque aquelles para tirar tinhaõ as trincheiras por

„ ponto

„ ponto certo, aonde as ballas fariaõ ſem duvida „ mortal emprego, e eſtes como para acertar os gol- „ pes careciaõ de alvo pela falta de luz, ſendo os ti- „ ros ſem pontaria, cahiriaõ as ballas ſem effeito; „ e que vencida eſta difficuldade, ſeria facil entrar as „ trincheiras, cedendo o menor ao mayor numero, „ e a rebelliaõ dos Portuguezes ao valor dos Caſte- „ lhanos. E que eſperava, fazendo priſioneiro ao „ Conde de Caſtello-Melhor, ſeguralo com prizoens „ taõ fortes, que as naõ rompeſſe com tanta facili- „ dade como as de Cartagena de Indias. Seguioſe a eſtas palavras mandar aos ſoldados com mais reſo- luçaõ que diſciplina, que attacaſſem as trincheiras. A noite, que coſtuma accreſcentar os perigos que en- cobre, ſe encheo de eſtrondo com os tiros, de hor- ror com as vozes, e de confuſaõ com o aſſalto. Chegàraõ os Galegos furioſamente às trincheiras do primeiro alojamento, que o Conde de Caſtello-Me- lhor havia occupado, e foraõ taõ galhardamente re- batidos, que mortos huns, e feridos outros, ſuſpen- dèraõ o primeiro impulſo. Porém ſerviolhes de incen- tivo o de que puderaõ uſar como deſengano, e mul- plicando-ſe por ordem do Caldeal os ſoccorros, ſe esforçou o aſſalto de ſorte, que por muitas partes parecia contingente a victoria. Duquiſnê, que havia ficado fóra das trincheiras para reconhecer os movi- mentos do inimigo, vendo que era neceſſario abrir caminho para entrar nellas, deſmontou-ſe, acompa- nhando-o alguns ſoldados, rompeo pelos eſquadroens ás cutiladas, e entrou dentro nas trincheiras ferido na cabeça, e naõ quiz valeroſamente retirarſe ſem ſe acabar a occaſiaõ. O Conde accodia promptamen- te a todas as partes, ſoccorrendo humas com muni- çoens, outras com ſoldados, e a todas com o ex- emplo do ſeu valor. Creſceo o vigor da contenda para a parte do Moſteiro de S. Franciſco: porém re- ſiſtia com grande actividade, e acordo o Capitaõ André da Coſta, que defendia aquelle ſitio, e mon- tando o inimigo por varias vezes as trincheiras, de todas

Anno 1643.

Aſſalta o inimigo as trincheiras de noite.

Acçaõ valeroſa de Duquiſnê.

Anno 1643.

todas tornou a retirarse com grande estrago. Lançavaõ se muitas bombas, e granadas, e outros artificios de fogo, que davaõ ao valor com que se pelejava menos luz da que merecia. Os Galegos, como ondas que perdendo a força se recolhem ao mar, e ajudadas das aguas tornaõ a commetter as arêas, assim se retiravaõ quando eraõ rechaçados, e tornavaõ a montar as trincheiras, sendo soccorridos. Era passada a mayor parte da noite, quando o Cardeal se deliberou a applicar á empreza o ultimo empenho. Ordenou que se desmontassem os soldados de Cavallo, e fazendo emulaçaõ entre estes, e os Infantes, os mandou unidos, e competidores avançar por todas as partes. O Mestre de Campo Diogo de Mello, que havia escolhido para guarnecer huma meya lua, que cobria a entrada das trincheiras, pela achar por menos reparada, peyor denfendida, vendo crescer o perigo, ajudou excellentemente o valor com a arte: mandou sahir fóra 50 mosqueteiros com ordem, que divididos em dous Corpos ao som de algumas caixas attacassem a retaguarda do inimigo, e que repetindo as cargas lhe accrescentassem o receyo, e a confusaõ. Foy esta ordem executada com tanto acerto, que os Galegos entendendo que Monçaõ passava soccorro a Salvaterra, desenganados da empreza se retiráraõ, deixando a terra cuberta de mortos, as pedras de sangue, e toda a campanha de armas. Tanto que amanheceo, e se descubrîraõ as Tropas confusamente formadas no Outeiro do Facho pouco distante de Salvaterra, começou a jugar contra ellas a artilharia, que as obrigou a se retirarem com mayor damno, deixando mortos mais de 300 soldados, e levando muitos feridos, entre elles o Mestre de Campo D. Fadrique de Valladares, oito Capitaens, e outros Officiaes. Da nossa parte ficáraõ 40 mortos, e muitos feridos. Fez alto o Cardeal com o exercito em Linhares, e mandou passar alguns soldados o Minho a tomar lingua. Foraõ sentidos em Monçaõ, montou promptamente em hum silhaõ a Cavallo a

Estratagema de Diogo de Mello de que resulta a retirada do inimigo com grande perda.

Condeça

Condeça de Castello-Melhor, sahio ao rebate com a guarnição da Praça, e obrigou os Galegos a se retirarem sem levar lingua. O Cardeal, vendo desvanecidas as esperanças de ganhar Salvaterra, intentou passar o rio, e interprender Valença. Foy sentido o rumor dos Galegos, quando passavaõ o Minho, dos Religiosos da Ordem de S. Bento do Convento de Gaifey, repicáraõ o sino, guarneceose a muralha de Valença, e vendo os Galegos que eraõ sentidos, se retiráraõ. Com peyor successo emprendeo o Cardeal ganhar Villa-Nova de Cerveira, situada sobre o Minho seis leguas de Salvaterra, nobre Villa dos Viscondes de Ponte de Lima. Determinava o Cardeal fortificar Villa-Nova, e contrapezar o damno de Salvaterra. Para esta empreza prevenio quantidade de barcos, e mostrou que mandava attacar Lanhelas termo da Villa de Caminha. Conseguio com esta apparencia, que a gente daquelles Lugares accodisse a Lanhelas. Vendo lograda a primeira idea, passáraõ 2500 Infantes com varios instrumentos de expugnaçaõ à meya noite o rio Minho nos barcos, que estavaõ prevenidos na parte que chamaõ a barca de Gayaõ; incuberta de Villa-Nova com huma serra que lhe fica diante. Sentiraõ as sentinellas os barcos, tocáraõ arma, acodio com diligencia Gaspar Mendes de Carvalho Capitaõ mór de Villa-Nova, levando comsigo duas Companhias de Infantaria, e entendendo que os Galegos vinhaõ buscar huns barcos de materiaes, que hiaõ para Salvaterra, acodio à parte onde estavaõ. Quando chegou, ainda que reconheceo que o perigo era mayor do que suppunha, naõ quiz retirarse: o que naõ fizeraõ os seus soldados, porque o deixáraõ só com hum Sargento de conhecido valor. Desprezou Gaspar Mendes o risco a que estava exposto, e com huma espada, e hum borquel se meteo entre os Galegos ás cutiladas. Vendo elles quanto era merecedor de mais dilatada vida, lhe offerecéraõ muitas vezes quartel, que naõ quiz aceitar, e depois de dar, e receber muitas feridas cahio morto, e o Sargento ficou

Anno 1643.

Desvanecem-se os intentos do Cardeal.

Anno 1643.

cou prisioneiro. Lográraõ seus filhos grandes mercês delRey por premio desta fineza. O inimigo naõ achando outra opposiçaõ, marchou para Villa Nova, queimando no caminho o pequeno lugar das Cortes. Em Villa-Nova succedeo no governo a Gaspar Mendes Manoel de Sousa de Abreu, o qual com todo o cuidado, e diligencia recolheo dentro do muro a gente, e roupa do Arrabalde, e preparou para a defensa tudo o que em taõ poucas horas se podia prevenir. Chegáraõ os Galegos á Villa ao romper da manhaã de 25 de Setembro; achando vasias as casas do Arrabalde puzeraõ fogo a algumas dellas, e intentando por muitas vezes arrimar ás muralhas as escadas que levavaõ, as experimentáraõ em seu damno taõ bem defendidas, disparando os homens as armas com grande effeito, e despedindo as mulheres pedras, e vigas, que se retiráraõ todas as vezes que investîraõ. Desconfiados da empreza, e obrigados das vozes dos de Villa-Nova, que lhes diziaõ que aguardassem o soccorro de Salvaterra, que naõ podia dilatarse, tentáraõ ultimamente a fortuna com hum furioso assalto: porèm sendo com mayor valor rebatidos, voltáraõ as costas taõ confusamente, deixando as escadas, e os mais instrumentos, que animados alguns paizanos, que haviaõ ficado fóra da Villa, a que se unîraõ outros de Lanhelas, carregáraõ de sorte a retaguarda, que além de matarem muitos Galegos, fizeraõ logo 35 prisioneiros. Cresceo o numero da nossa gente, accodindo de Coura com alguma o Capitaõ Francisco Rebello de Sousa, e sahindo de Villa-Nova o Capitaõ Manoel de Sousa de Abreu com toda a guarniçaõ, todos apertáraõ de sorte os Galegos, que entre mortos, feridos, e prisioneiros perdéraõ 500 homens, e fez mayor a desgraça huma peça de artilharia que Manoel de Sousa mandou vir da Villa, que meteo no fundo huma barca cheya de gente. O Conde de Castello-Melhor tanto que teve noticia que o inimigo marchava para aquella parte, despedio algumas Companhias de soccorro, que chegáraõ

Morte valerosa de Gaspar Mendes.

Assaltaõ os Galegos Villa-Nova, e retiraõ-se.

Perdem huma barca.

taõ depois dos Galegos paſſarem o rio. Pedîraõ elles permiſſaõ para enterrárem os mortos, que ſe lhes concedeo com grande, e merecida jactancia dos que haviaõ ſido cauſa deſte damno. Naõ podiaõ tolerar os Galegos ver que creſcia a fortificaçaõ de Salvaterra, que ameaçava áquelle Reino moleſtia contînua. Eſte cuidado os obrigava a inquietar, quanto lhes era poſſivel, aquelle preſidio. Marcháraõ tres Tropas com o fim de reconhecerem a fortificaçaõ de Salvaterra. Sahiraõ algumas peſſoas particulares a cavallo, levando dez moſqueteiros que lhes ſeguraſſem a retirada: empenharaõſe de ſorte, que ſe acháraõ cortados; inveſtio-os o inimigo, valeraõ-ſe de hum ſitio aſpero, e defenderaõ-ſe com tanto valor, que deraõ tempo a que Duquiſnê, e Roquemont ſahiſſem a ſoccorrelos, que obrigáraõ os Galegos a ſe retirarem, juſtamente admirados da conſtancia de taõ poucos Portuguezes. O Cardeal, vendo que naõ podia conſeguir a empreza de Salvaterra, mandou levantar hum reducto no lugar da Salgoza, meya legua deſta Praça para a parte de Levante junto ao rio Minho. O Conde de Caſtello-Melhor, tendo por perigoſa eſta viſinhança, ordenou ao Meſtre de Campo Diogo de Mello que marchaſſe com 2000 Infantes a atacar eſte reducto: ſahio elle de Salvaterra, e diſpondo com boa diſciplina a gente que levava, chegou ao reducto, de que era Cabo o Meſtre de Campo Belchior de Ulhoa com as melhores Companhias do ſeu Terço. Tanto que deu viſta dos noſſos ſoldados, fez ſahir tres Companhias, que ſe emboſcáraõ em hum valle cuberto, e ſeguro: deraõ algumas cargas com pouco effeito, e retiráraõ-ſe para o reducto a tempo que ja a noſſa gente o avançava por todas as partes, e taõ animoſamente que o entráraõ, a pezar da reſiſtencia. Salvou-ſe o Meſtre de Campo, e ficáraõ priſioneiros dous Capitães, e parte dos ſoldados. Deſmantelou Diogo de Mello o reducto, e entrou por Galiza, ſaqueou, e queimou ſeis lugares muito abundantes, e ricos. Vindo retirando-ſe achou na Salgoza 400 Cavallos

Anno 1643.

Ganha-ſe o reducto.

do

Anno 1643.

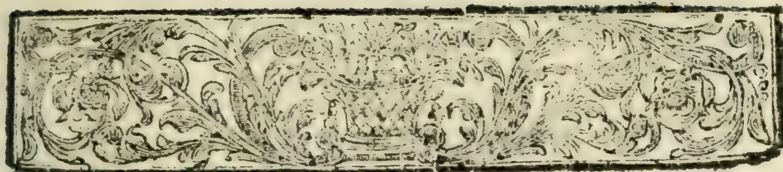
do inimigo; guarneceo alguns vallados, que lhe seguravaõ a marcha, e continuou-a. Antes de chegar a Salvaterra, lhe chegou aviso do Conde de Castello-Melhor, de que o inimigo havia passado a ponte de Filhaboa, e que o aguardava com o resto das suas Tropas. Achava-se Diogo de Mello defronte de Monçaõ em o lugar de Alcabra, mandou com toda a diligencia a Antonio de Queirós Mascarenhas, e a Rodrigo de Moura, que com as suas Companhias guarnecessem huns vallados, por onde o inimigo forçosamente havia de passar. Marchou com toda a gente a buscar a margem do rio, e tanto que a conseguio, veyo retirando as mangas pelos sitios mais asperos, e segurando todos os que o inimigo podia occupar em seu damno; e com esta boa ordem chegou a Salvaterra sem os Galegos se atreverem a investillo. Neste tempo entrou a governar as Armas de Galiza o Marquez de Tavora, aliviando deste pezo o Cardeal Spinola, de que desejava verse livre, assim pelas desgraças succedidas, como por outros respeitos que pertenciaõ á sua Dignidade. Correndo o Marquez a fronteira, e chegando ao reducto da ponte Filhaboa, teve noticia que duas Companhias de Infanteria nossas davaõ comboy a alguns paizanos que cortavaõ lenha. Eraõ ellas as dos Capitães Antonio de Queirós, e Antonio Ferreira. Mandou sahir tres, carregáraõ estas duas, e depois de larga contenda obrigáraõ ás tres a se hirem retirando. Reforçou-as o Marquez com outras tantas, cederaõ as nossas, e vieraõ pelejando até as trincheiras de Salvaterra. O Conde reconhecendo a desigualdade, e o valor das duas Companhias, mandou sahir quatro a soccorrellas: pelejáraõ de huma, e outra parte largo espaço, cahindo de ambas muitos mortos, e feridos; ultimamente se retiráraõ os Galegos, e os nossos soldados os seguiraõ até o reducto, e a noite apartou a contenda. O Marquez de Tavora tratou com grande cuidado de reforçar as guar-

Governa Galiza o Marquez de Tavora.

guarniçoens, e de pedir novos ſoccorros: porém como era o fim de Dezembro parou a guerra ſem a fortuna moſtrar ao Conde de Caſtello-Melhor roſto contrario. Anno 1643.

F I N I S.





INDICE
DAS ACCÇOENS HEROICAS, que se contém nos seis Livros desta primeira Parte, Tomo primeiro.

A

Caf-

ras

B

C

Der-

Consi-

D

capi-

E

Suc-

F

Vi-

sem

Vay

G

H

I

Le-

Joaõ

Jun-

L

D. Luiz

M

In-

Mor-

N

O

P

R

S

T

In-

V

FIM DO I. TOMO DA I. PARTE.